

UM DOS MELHORES E MAIS AGUARDADOS LIVROS DO ANO
ENTERTAINMENT WEEKLY | GOODREADS | NEW YORK TIMES

EMMA TÖRZS

A

BIBLIOTECA

DOS LIVROS

MÁGICOS



INK • BLOOD • SISTER • SCRIBE

 PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

UM DOS MELHORES E MAIS AGUARDADOS LIVROS DO ANO
ENTERTAINMENT WEEKLY | GOODREADS | NEW YORK TIMES

EMMA TÖRZS

A
BIBLIOTECA
DOS LIVROS
MÁGICOS



INK • BLOOD • SISTER • SCRIBE

 PRESENÇA

A BIBLIOTECA
DOS LIVROS
MÁGICOS

EMMA TÖRZS

A BIBLIOTECA
DOS LIVROS
MÁGICOS



TRADUÇÃO DE ANA SALDANHA

 PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *A Biblioteca dos Livros Mágicos*

Título original: *Ink, Blood, Sister, Scribe*

Autora: *Emma Törzs*

Copyright © Emma Törzs, 2023

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução: *Ana Saldanha*

Revisão: *Florabela Barreto/Editorial Presença*

Design de capa: *Henry Petrides*

Imagens de capa: *Shutterstock*

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

1.^a edição em papel, Lisboa, agosto, 2024

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para Jesse, a minha irmã mágica

Abe Kalotay morreu no seu jardim da frente, no final de fevereiro, sob um céu tão pálido que parecia infetado. Pairava no ar húmido e invernososo uma ameaça de neve, e as páginas abertas do livro ao seu lado já tinham ficado ligeiramente húmidas quando Joanna, a filha, chegou a casa e encontrou o corpo do pai estendido na relva ao lado do longo caminho de terra batida.

Abe estava deitado de costas, com os olhos entreabertos para aquele céu cinzento, a boca frouxa e a língua azulada a secar, uma das mãos com as unhas roídas estendida sobre o estômago. A outra estava pousada sobre o livro, com o dedo indicador ainda pressionado na página como se estivesse a marcar o lugar na leitura. Uma última mancha de vermelho-vivo desvanecia-se lentamente no papel, e o próprio Abe parecia branco como um cogumelo e estranhamente enrugado. Era uma imagem contra a qual Joanna já sabia que teria de lutar para sempre, para impedir que suplantasse os vinte e quatro anos de memórias vivas que, em segundos, se tinham tornado mais preciosas para ela do que qualquer outra coisa no mundo. Não fez nenhum som quando o viu, apenas se ajoelhou e começou a tremer.

Mais tarde, pensaria que, provavelmente, ele tinha ido lá fora porque se apercebera do que o livro estava a fazer, e tentara a todo o custo chegar à estrada antes de se esvair em sangue; para fazer sinal a um condutor que passasse por ali para ele chamar uma ambulância ou para poupar a Joanna ter de içar o corpo dele para a carrinha dela e o levar pelo caminho de acesso à casa e para lá dos limites dos seus esconjuros. Na altura, porém, não se questionou porque estava ele lá fora.

Apenas se questionou porque teria o pai trazido um livro com ele.

Ainda não tinha compreendido que fora o próprio livro que o matara; só compreendia que a presença do livro era uma rutura de uma

das regras fundamentais do pai, uma regra que a própria Joanna ainda não tinha sequer sonhado quebrar — embora acabasse por o fazer. Porém, ainda mais inconcebível do que o pai permitir que um livro saísse da segurança da casa deles era ser um livro que Joanna não reconhecia. Tinha passado toda a vida a cuidar da coleção deles e conhecia cada livro tão intimamente como se conhece um membro da família, mas aquele que estava ao lado do pai era completamente desconhecido, tanto na aparência como no som. Os outros livros zumbiam como abelhas no verão. Aquele latejava como um trovão a aproximar-se, e, quando o abriu, as palavras escritas à mão nadaram diante dos seus olhos, reorganizando-se de todas vezes que uma letra quase se tornava clara. Em curso; ilegíveis.

No entanto, a nota que Abe tinha enfiado entre as páginas era perfeitamente legível, apesar do tremor da mão que a escrevera. Ele tinha usado a esquerda. A direita ficara fixada no lugar enquanto o livro bebia.

Joanna, tinha escrito ele. Lamento muito. Não deixes a tua mãe entrar. Mantém este livro seguro e longe do teu sangue. Amo-te muito. Diz à Esther

Terminava ali, sem pontuação. Joanna nunca saberia se o pai pretendia escrever mais ou se queria apenas que ela transmitisse uma última mensagem de amor à filha que ele não via há anos. Porém, ajoelhada na terra fria, com o livro nas mãos, ainda não tinha as condições necessárias para pensar em nada disso.

Apenas conseguia olhar para o corpo sem vida de Abe, tentar respirar e preparar-se para os passos seguintes.

PRIMEIRA PARTE
ESPELHO MÁGICO

Esther não conseguia deixar de se sentir impressionada pelo azul do céu iluminado pelo sol.

Era um azul variado, quase branco onde se encontrava com o horizonte nevado, mas que ficava mais carregado à medida que os olhos de Esther o seguiam para cima: de ovo de pisco a cerúleo e a um azul calmo e luminoso. Por baixo, o gelo da Antártida era de um brilho ofuscante, e os edifícios dispersos que Esther conseguia ver da janela estreita do seu dormitório desenhavam riscas de sombra índigo nos sulcos brancos da estrada. Tudo brilhava. Eram oito horas da noite e não estava visivelmente mais escuro do que às oito horas daquela manhã.

— Com licença — disse Pearl, e afastou Esther para o lado com um empurrão da anca para poder colocar um pedaço de cartão cortado à medida no caixilho da janela. Esther caiu de costas na cama por fazer e apoiou-se nos cotovelos, ficando a ver Pearl debruçar-se sobre a secretária minúscula e desarrumada para chegar à vidraça.

— Se me tivessem dito há duas semanas que eu bloquearia o sol assim que ele nascesse, teria rido a bandeiras despregadas — disse Esther.

Pearl rasgou a fita com os dentes.

— Bem, há duas semanas dormias a noite toda. Nunca digas que o escuro não te servia de nada. — Aplicou a última tira e acrescentou: — Ou a mim.

— Obrigada, escuridão, e obrigada, Pearl — disse Esther. Embora andasse de facto a dormir mal desde que o sol reaparecera após seis meses de inverno, não deixava de ser um pouco desanimador ver a luz e as montanhas distantes desaparecerem, mergulhando-a de novo nas realidades do seu quarto semelhante a uma cela: a cama com os seus

lençóis roxos amarrotados, iluminada pela lâmpada sinistra do teto, o chão de tijoleira desgastado e a secretária de contraplacado com pilhas de papéis espalhados, sendo a maioria notas sobre o romance mexicano que Esther estava a traduzir por diversão. O romance em si estava em cima da cómoda, em segurança fora do alcance da coleção de copos de água meio cheios que deixavam marcas no papel do caderno.

Pearl sentou-se em frente a Esther, aos pés da cama, e disse:

— Então, estás pronta para enfrentar a população?

Em resposta, Esther pôs um braço sobre os olhos e gemeu.

Esther e Pearl tinham passado o último inverno como duas de apenas trinta pessoas que mantinham a pequena estação do Polo Sul, mas novembro dera início à época de verão e, nos últimos dias, pequenos aviões de carga ruidosos tinham despejado quase uma centena de novas pessoas nos corredores da estação. Agora, cientistas e astrónomos enchiam os dormitórios, a cozinha, o ginásio, as salas de trabalho do andar de cima; estranhos que comiam todos os biscoitos do fim da noite, ligavam os computadores há muito adormecidos e faziam perguntas constantes e ansiosas sobre a hora do dia em que o satélite da Internet funcionava.

Esther tinha imaginado que ficaria feliz por ver todas aquelas caras novas. Sempre fora extrovertida por natureza, não a candidata típica para ficar trancada no gelo numa estação de pesquisa que se assemelhava muito à sua pequena escola secundária rural. Vivera em Mineápolis no ano anterior a vir para a Antártida, e os amigos de lá tinham reagido com horror genuíno quando ela lhes dissera que aceitara um emprego na estação do Polo como eletricista durante a época de inverno. Toda a gente conhecia alguém que conhecia alguém que tinha experimentado, detestado, e voltado para casa mais cedo para escapar ao isolamento esmagador. Contudo, Esther não se preocupara.

Calculara que a Antártida não poderia ser muito pior do que as condições isoladas extremas em que se tinha criado. Ganharia muito bem, seria uma aventura — e, o mais importante, ficaria completamente inacessível a quase todas as outras pessoas do planeta.

No entanto, durante o longo inverno, a extroversão de Esther tinha começado a atrofiar, e com ela a máscara de boa disposição que habitualmente envergava todas as manhãs juntamente com o seu uniforme. Agora, olhava para o teto, de um branco industrial como as

paredes de um branco industrial e os corredores de um branco industrial e os seus colegas de um branco industrial.

— Terei sido sempre introvertida este tempo todo? — disse. — Durante estes anos todos, será que me tenho enganado a mim própria? Os verdadeiros extrovertidos andam por aí, tipo, iá, com os diabos, carne fresca, festa sem parar, Cidade da Curtição, EUA.

— Território Internacional do Tratado Antártico da Cidade da Curtição — corrigiu Pearl. Era australiana, com dupla nacionalidade.

— Certo — disse Esther. — Isso.

Pearl ajoelhou-se e arrastou-se pelo comprimento da cama na direção de Esther.

— Calculo — disse — que seis meses de celibato indesejado mais um avião cheio de caras novas podem tornar qualquer pessoa extrovertida.

— Hum — disse Esther. — Então, estás a dizer que me tornei introvertida pelo simples poder de...

— Do meu corpo espantoso, sim, obviamente — disse Pearl, cujos lábios estavam agora a percorrer a concha sensível da orelha de Esther.

Ela levantou a mão e pegou num punhado do cabelo louro de Pearl, que, de alguma forma, parecia sempre beijado pelo sol, apesar da total falta dele. *Australianos*. Tão infatigavelmente praeiros e dispostos a curtir. Passou os dedos por entre aquelas madeixas emaranhadas e arrastou Pearl para a beijar, sentindo o sorriso dela contra a sua boca enquanto a puxava para mais perto.

Na última década, desde os dezoito anos, Esther tinha-se mudado todos os anos em novembro — mudava de cidade, de estado, de país. Fazia amigos e amantes com facilidade, escolhendo-os como as outras pessoas escolhem um prato do pronto a comer e consumindo-os com a mesma rapidez. Toda a gente gostava dela, e, tal como muitas pessoas de quem as outras gostam, preocupava-a que, se a conhecessem *realmente*, se conseguissem penetrar aquele escudo de simpatia, pudessem não gostar dela nem um bocadinho. Essa era uma vantagem de nunca ficar num lugar por muito tempo.

A outra vantagem, muito mais importante: não ser encontrada.

Esther enfiou uma mão por baixo da *sweatshirt* de Pearl, e os dedos encontraram o suave recorte da cintura dela enquanto Pearl enfiava uma das suas longas pernas entre as coxas de Esther. Porém, mesmo quando movia as ancas num instinto de procura de fricção, as palavras do pai de

há muito tempo começaram a soar-lhe na cabeça — um balde de água fria atirado à cara do seu subconsciente.

— Dois de novembro, onze da noite, hora-padrão de Leste — dissera Abe no último dia em que ela o vira, há dez anos, na casa deles no Vermont. — Onde quer que estejas, tens de partir no dia dois de novembro e continuar em movimento durante vinte e quatro horas, ou as pessoas que mataram a tua mãe virão atrás de ti também.

A época de verão tinha começado oficialmente há um par de dias: a cinco de novembro. Três dias depois de Esther, de acordo com a ordem urgente do pai, dever ter já partido.

Mas não partira. Ainda estava ali.

Abe morrera há dois anos, e, pela primeira vez desde que começara a fugir, uma década antes, Esther tinha uma razão para ficar. Uma razão que era quente e sólida e que estava a beijar-lhe o pescoço naquele momento.

Tecnicamente, Esther tinha conhecido Pearl no aeroporto de Christchurch, como parte de um grande grupo de trabalhadores à espera do seu voo para a Antártida. Estavam ambas escondidas sob as muitas camadas necessárias para embarcar no avião — gorro de lã, uma enorme parca cor de laranja, luvas, botas isolantes, óculos de lentes escuras pousados no cimo da cabeça — e Esther tivera apenas a breve impressão de uns olhos brilhantes e uma gargalhada estridente antes de o grupo ter sido conduzido para o avião e de ela e Pearl ficarem sentadas em extremos opostos do porão de carga.

Devido às suas diferentes tarefas e horários, os seus caminhos não voltaram a cruzar-se até ao final do primeiro mês, quando Esther afixou um cartaz no ginásio à procura de companheiros de treino. *Boxe, Muay Thai, BJJ, MMA, Krav Maga, vamos lutar! :) :) :)* Tinha acrescentado as caras sorridentes para contrabalançar a agressividade de «lutar», mas arrependera-se imediatamente quando outro eletricitista — um tipo branco, desagradável, alto, de Washington que insistia que todos o tratassem por «J-Dog» — viu o cartaz e começou a chateá-la sem parar.

— A Assassina da Cara Sorridente! — gritava quando ela entrava na sala para a reunião de turno. Se se cruzassem na cozinha ao almoço, ele fingia encolher-se. — Vais-me bater na cabeça com esse grande sorriso? — Mas a última gota de água foi quando ele começou a falar em voz alta a toda a gente sobre o seu cinturão negro de karaté e como adoraria

encontrar uma parceira de treino que «levasse o desporto mesmo a sério».

Francamente, não deu escolha a Esther. Depois de uma semana daquilo, um dia aproximou-se dela na cozinha e atravessou-se no seu caminho, impedindo-a de chegar à piza, sorrindo-lhe tanto que ela conseguia ver-lhe os molares.

— Que estás a fazer? — perguntou ela.

— A lutar contigo! — respondeu.

— Não — disse ela, e pousou o tabuleiro. — *Isto é lutar comigo.*

Daí a poucos minutos, J-Dog estava no chão com o braço de Esther à volta do pescoço, um dos seus braços preso, o outro a esbracejar para tentar atingi-la na cara, e as suas longas pernas a darem pontapés ineficazes no chão de tijoleira ao mesmo tempo que os espectadores gritavam e davam vivas.

— Não te vou soltar enquanto não sorris — disse ela, e ele choramingou, puxando os lábios para cima numa aproximação forçada do seu sorriso anterior.

Assim que ela o soltou, ele levantou-se de um salto, sacudindo-se e dizendo:

— Nada fixe, minha, nada fixe!

Quando Esther se virou para o seu tabuleiro de almoço abandonado, a conter o seu próprio sorriso muito real, deu por si cara a cara — a mais ou menos uns centímetros — com Pearl. Sem as camadas de roupa do avião, Pearl era alta e enxuta, com um monte de cabelo queimado pelo sol enrolado num nó precário que parecia em perigo de se desfazer. Os seus olhos castanhos eram tão brilhantes como Esther os recordava. Mais ainda, porque naquele momento brilhavam diretamente para Esther.

— Foi a coisa mais mágica que já vi — disse Pearl, e pousou uma mão esguia e de dedos compridos no braço de Esther. — Porias a hipótese de dar aulas?

Pearl era péssima em autodefesa. Não tinha o instinto assassino e estava sempre a duvidar de si própria, desferindo socos e pontapés e rindo-se tanto que ficava sem forças nas mãos de Esther. Após três aulas, as «sessões de treino» tinham-se transformado em sessões de curte, e mudaram-se do ginásio para o quarto. Na primeira vez que dormiram juntas, Pearl perguntou, meneando as ancas enquanto Esther começava

a baixar-lhe as calças de ganga:

— Já alguma vez estiveste com uma mulher?

Esther levantou o olhar de entre as pernas de Pearl, ofendida.

— Sim, muitas vezes! Porquê?

— Acalma-te, Don Juan — disse Pearl, rindo. — Não estou a questionar a tua técnica. Apenas pareces um pouco nervosa.

Foi então que Esther percebeu que podia estar a meter-se em sarilhos. Porque não só era verdade que *estava* nervosa, com borboletas no estômago como não sentia há anos... como Pearl tinha reparado. Tinha-o detetado de alguma forma no rosto e corpo bem treinados de Esther. Esther não estava habituada a que as pessoas vissem o que ela não queria que vissem, e a forma como Pearl olhava para ela, a *via*, era perturbadora. Em resposta, fez a Pearl o seu sorriso mais confiante e tranquilizador, e de seguida encostou os dentes muito suavemente à parte interna da coxa nua dela, o que foi distração suficiente para que a conversa terminasse por ali. Mesmo assim, logo no princípio, suspeitara de que seria difícil deixar Pearl.

Agora, uma temporada inteira depois, pensar sobre isso — sobre partir, sobre ficar, sobre o eco duradouro do aviso do pai — teve o efeito indesejado de alterar o seu estado de espírito. Virou Pearl de lado, terminou cuidadosamente o beijo, recostando-se nas almofadas, e Pearl instalou-se contra o ombro dela.

— Vou embebedar-me tanto esta noite — disse Pearl.

— Antes ou depois de tocarmos?

— Antes, depois e durante.

— Eu também — decidiu Esther.

Esther e Pearl pertenciam a uma banda de *covers* de Pat Benatar que ia tocar na festa dessa noite. Durante todo o inverno, tinham ensaiado e dado espetáculos exclusivamente para as mesmas trinta e cinco pessoas que as apoiavam contrafeitas, e nessa fase já era como tocar flauta em frente a um pai ou a uma mãe cujo orgulho não conseguia ultrapassar o cansaço de ouvir «Hot Cross Buns». Atuar para novos ouvidos e olhos era tão enervante como subir ao palco do Madison Square Garden.

— Devíamos beber água para nos prepararmos — disse Pearl —, para não acabarmos a vomitar os fígados.

Foi buscar dois copos, e Esther sentou-se e apoiou-se nos cotovelos para não entornar a água por si abaixo enquanto bebia. Aquele era o

lugar mais seco em que alguma vez estivera, com cada gota de humidade no ar transformada em gelo. Era fácil ficar desidratada.

— Achas que os cientistas bebem tanto porque estão a compensar todos os anos que passaram a estudar? — perguntou Esther.

— Não — respondeu Pearl sem hesitação. Ela trabalhava com os carpinteiros. — Os *nerds* são sempre completamente loucos por festas. Eu costumava ir a umas noites meio taradas em Sydney e eram só cirurgiões, engenheiros, ortodontistas. Sabias que as pessoas que gostam de *bondage*, dominação e sadomasoquismo têm um QI notavelmente mais elevado do que os seus pares mais convencionais?

— Não me parece que seja uma hipótese que se possa testar.

Pearl sorriu. Tinha dentes caninos invulgarmente afiados numa boca macia, uma incongruência que fazia coisas esquisitas ao fluxo sanguíneo de Esther.

— Consegues imaginar as variáveis?

— Gostaria — disse Esther —, mas não agora. Temos de nos despachar.

Pearl olhou para o relógio e deu um salto.

— Merda! Tens razão.

Tinham ficado fechadas naquele quatinho desde o jantar, há algumas horas, e Esther levantou-se para se espreguiçar antes de enfiar os pés com meias nas botas.

— Meu Deus, estou tão contente por teres concordado em ficar — disse Pearl. — Não me consigo imaginar a enfrentar isto sem ti.

Esther queria responder, mas não conseguia olhar para a mulher à sua frente, para aquela pessoa de quem gostava mais do que há muito tempo gostava de qualquer outra. Sentiu um aperto de anseio no peito; não era desejo, mas algo ainda mais familiar, algo que estava sempre com ela. Era que sentia a *falta* de Pearl apesar da sua presença. Uma antecipação da saudade, como se as suas emoções ainda não se tivessem acostumado à ideia de que desta vez seria diferente, desta vez ela ficaria.

A paranoia do pai tinha começado a sibilar-lhe de novo ao ouvido, dizendo-lhe para se ir embora, dizendo-lhe que estava a cometer um erro abominável e egoísta; que estava a pôr Pearl em perigo, e Pearl ainda estava a olhar para ela, com uma expressão aberta e afetuosa no rosto, mas a ficar um pouco nervosa com a falta de resposta de Esther.

— Eu também estou contente — disse Esther. Como já tinha prática

com Pearl, podia confiar que o seu rosto não trairia nada da sua melancolia súbita, e viu-a relaxar sob o efeito do seu sorriso. — Vem-me buscar quando já te tiveres vestido — acrescentou. — Podemos ganhar forças com um *shot*.

Pearl levantou a mão, com aqueles dedos longos a envolverem o pé de um copo imaginário.

— Um brinde ao público. Que nos adorem.

O PÚBLICO ADOROU-OS. OS QUATRO MEMBROS DA BANDA TINHAM LEVADO OS ensaios muito a sério e tinham até conseguido arranjar fatos aceitáveis para uma banda dos anos oitenta: calças de ganga pretas, blusões de cabedal. Esther e Pearl tinham ambas riçado o cabelo até às alturas, embora tivesse sido mais convincente com laca, que ninguém na base tinha. O seu aspeto era bom, o som também, e, quando ligaram os amplificadores e começaram a tocar, ajudou-os que toda a gente já estivesse bêbeda e disposta a aplaudir.

Esther era a vocalista de apoio e baixista, e sentia a garganta arranhada e os dedos doridos quando acabaram de tocar «Hell Is For Children» a terminar a sua atuação. A festa era na cozinha, que de dia se assemelhava a um refeitório de escola, com mesas compridas de plástico cinzento que tinham sido empurradas contra as paredes para libertar espaço no chão, e mesmo sem as lâmpadas fluorescentes e com um conjunto de luzes de festa vermelhas e roxas a piscar, havia um distinto ambiente de escola do terceiro ciclo que fazia com que Esther se sentisse jovem e tontinha de uma forma agradavelmente imatura. A banda tinha tocado na parte da frente da sala, por baixo de uma teia de luzinhas brancas, e, logo que a atuação terminou, começou a soar música *pop* pelos altifalantes novos que Esther tinha instalado nos cantos da sala há alguns meses.

O chão grande e ladrilhado estava cheio de pessoas a circular, a maior parte delas desconhecida, tanto para Esther como umas para as outras, e havia mais pessoas sentadas na fila de cadeiras a bloquear as portas de vaivém que conduziam para trás do balcão tipo bufete à cozinha de aço inoxidável às escuras. Esther reparou que a nova equipa de verão parecia incrivelmente bronzada e saudável em comparação

com os seus colegas pálidos da Antártida. Também os novos cheiros eram avassaladores na sua diversidade. Quando se vivia com as mesmas pessoas, comendo os mesmos alimentos e respirando o mesmo ar reciclado, começava-se também a ter o mesmo cheiro — mesmo para um nariz tão apurado como o de Esther. Aquelas pessoas eram, literalmente, uma lufada de ar fresco.

E uma lufada de outra coisa.

Esther estava a meio de uma conversa com um carpinteiro novo do Colorado chamado Trev, um homem que Pearl tinha descrito como «ansioso por agradar», quando de repente levantou a cabeça como um cão de caça, com as narinas infladas.

— Estás a usar água-de-colónia? — perguntou. Tinha detetado alguma coisa por baixo do cheiro a álcool e a plástico da festa, algo que a fez pensar, incongruentemente, na sua casa.

— Não — disse Trev, sorrindo divertido enquanto ela se inclinava sem vergonha e lhe cheirava o pescoço.

— Hum — disse ela.

— Talvez seja o meu desodorizante — disse ele. — Cedro. Másculo.

— Cheira bem — disse ela. — Mas não, pensei... bem, não importa.

Estavam mais perto um do outro, e os olhos simpáticos de Trev tinham-se tornado abertamente sedutores, interpretando o gesto dela de lhe cheirar o pescoço como uma declaração de interesse. Esther recuou um passo. Mesmo que não estivesse já comprometida, ele parecia o tipo de homem que, provavelmente, possuía uma grande quantidade de equipamento de atividades ao ar livre e que queria ensiná-la a usá-lo. No entanto, admirava a forma controlada como ele movia o corpo; fazia-lhe lembrar dos treinadores que tinha conhecido nos ginásios de artes marciais que frequentara durante anos.

Abriu a boca para dizer algo sedutor, porque, ao fim e ao cabo, não queria ficar enferrujada, mas nesse momento o seu nariz sensível detetou aquele outro cheiro, o que sentira há momentos. Meu Deus, o que *seria*? O cheiro transportou-a para a cozinha da sua infância; conseguia ver o frigorífico verde bulboso e ineficaz, as amolgadelas e os buracos dos armários de madeira de álcer, a sensação do linóleo empenado debaixo dos pés. Vegetal mas não um vegetal, quase picante, e cheirava a *fresco*, o que não era comum por aquelas bandas. Alecrim? Crisântemo? Couve?

Milefólio.

A resposta ocorreu-lhe, as palavras voltaram-lhe à garganta de onde tinham ficado empoleiradas na ponta da língua. Milefólio, aquileia, espuma-do-mar, *plumajillo*.

— Com licença — disse Esther, esquecendo as boas maneiras, e afastou-se do carpinteiro perplexo.

Abriu caminho por entre um grupo de pessoas que comparavam tatuagens junto ao recanto dos cereais e baixou-se para passar pelas serpentinas azuis que alguém tinha colado ao teto, ao que parecia ao acaso, respirando rapidamente pelo nariz. Estava a procurar o cheiro inconfundível daquela erva, o cheiro da sua infância, mas sabia que era inútil, mesmo enquanto tentava identificá-lo. Já era de novo uma memória, suplantada pelo aroma a piza, cerveja e corpos.

Ficou parada no meio da sala, rodeada de música e de estranhos que conversavam, estupefacta com a força com que aquela fragrância lhe atingira o coração. Estaria alguém a usá-la como perfume? Se assim fosse, queria abraçar essa pessoa e enterrar a cara na sua pele. Normalmente, Esther mantinha à distância a sensação de perda; não pensava em todas as pessoas que tinha deixado para trás ao longo dos anos, não pensava em nenhum dos lugares a que tinha chamado casa, e, além dos postais que enviava à irmã e à madrastra uma vez por mês, não pensava na família. Era uma ação constante e cansativa, aquele não pensar, como manter um músculo sempre em flexão. No entanto, o aroma a milefólio tinha descontraído esse músculo crispado, e, com o seu relaxamento, veio um primo daquela tristeza que a tinha invadido antes, à porta do quarto de Pearl.

Pearl estava do outro lado da sala, com o rosto corado, o cabelo rizado todo despenteado, como se tivesse acabado de descer da moto de alguém ou de sair da cama de alguém. Tinha aplicado um batom roxo-escuro que fazia os seus olhos parecerem brilhantes como bagas, e estava a falar com uma mulher que era quase tão alta como ela. Esther dirigiu-se para elas, com a intenção de se arrancar àquele estado de espírito tão depressa como tinha caído nele.

— Tequila — disse a Pearl.

— Esta é a Esther — disse Pearl à mulher com quem tinha estado a falar. — É eletricista. Esther, esta é a Abby da manutenção, ela viveu na Austrália no ano passado!

Abby e Pearl estavam a rir-se uma para a outra, alegremente bêbedas. Pearl serviu um *shot* às três e depois serviu mais um a Esther depois de ela ter emborcado o primeiro. Já estava a sentir-se melhor, a livrar-se do mal-estar que lhe cravara as garras na garganta. Era uma pessoa feita para o presente, não para o passado. Não se podia dar ao luxo de se esquecer disso.

A festa tinha cumprido a sua missão ao começar a dissipar o isolacionismo protetor dos que tinham passado o inverno na base, e não tardou a haver dança, mais bebidas, um jogo esquisito que envolvia gritar os nomes dos pássaros, ainda mais bebidas. Um dos foliões, previsivelmente, vomitou. Pearl e Abby passaram algum tempo a gritar alegremente na cara uma da outra sobre alguém que, de alguma forma, conhecia as duas de Sydney, alguém que tinha um cão muito mau, e depois Pearl arrastou Esther para a pista de dança improvisada e envolveu o corpo comprido e pernalta dela à volta do seu corpo mais baixo. A música era pesada e pulsante, e em breve estavam a dançar como se estivessem num clube a sério e não numa pequena caixa aquecida numa vasta extensão de gelo, a muitos milhares de quilómetros de qualquer coisa a que se pudesse chamar civilização.

Esther afastou o cabelo de Pearl do rosto suado dela e tentou não pensar na família, nos avisos do pai ou nos dias que tinham passado desde o dia dois de novembro. Em vez disso, concentrou-se no presente, no som do baixo e na sensação do corpo de Pearl contra o seu. Pensou: *Quem me dera poder fazer isto para sempre.*

Mas não havia «para sempre» no que dizia respeito aos corpos e, por fim, teve de ir fazer chichi.

Em contraste com o clamor ruidoso da festa, a casa de banho ao fundo do corredor estava quase assustadoramente silenciosa quando Esther entrou de roldão e enquanto tentava baixar as calças de ganga. O som da urina ecoou alto na sanita de aço inoxidável, e conseguia ouvir a sua respiração embriagada, pesada de tanto dançar e rouca de tanto falar. O autoclismo foi um rugido. No lavatório, arregaçou as mangas e parou em frente ao espelho. Com um dedo, alisou uma sobranceira escura, pestanejou, enrolou algumas madeixas de cabelo à volta do dedo para dar mais definição aos caracóis soltos. Depois, parou. Semicerrou os olhos.

Havia uma série de pequenas marcas ao longo do perímetro do

espelho, manchas de um vermelho-acastanhado sobre a superfície. Eram simétricas, mas não idênticas, uma em cada canto, como se feitas por um pincel ou por um polegar. Inclinou-se para perto, examinando-as, e molhou um pedaço de toalha de papel para as esfregar. A toalha não teve nenhum efeito, nem mesmo quando acrescentou sabão. O coração subiu-lhe à garganta. Tentou raspar as marcas. Não saíram.

Recuou tão rapidamente que quase caiu.

Uma pessoa não se criava como Esther tinha sido criada sem saber reconhecer o aspeto de sangue seco, muito menos um padrão de sangue que não podia ser removido, e ninguém podia ter-se criado como ela sem reconhecer o que aquele padrão poderia implicar. Sentiu de novo o cheiro a milefólio, embora não tivesse a certeza se estava na sua mente ou ali, na casa de banho.

Sangue. Ervas.

Alguém ali na base tinha um livro.

Alguém ali estava a fazer magia.

— Não — disse em voz alta. Estava bêbeda, estava paranoica, estava fechada numa caixa de cimento há seis meses, e agora estava a ver coisas.

Estava também a afastar-se do espelho, com os olhos ainda fixos no seu rosto aterrorizado, com medo de virar as costas. Quando esbarrou contra a porta da casa de banho, deu meia-volta e saiu a toda a pressa; de seguida, correu pelo corredor estreito na direção do ginásio. A sala de cárdio estava tão iluminada que parecia zumbir, com o equipamento em filas mecânicas no cinzento chão almofadado, e as paredes verdes a fazerem com que tudo parecesse doentivamente pálido. Havia um casal a curtir num dos bancos de pesos, e gritaram alarmados quando Esther passou por eles e entrou na casa de banho do ginásio, que era branca e tinha apenas um cubículo.

Encontravam-se as mesmas marcas castanho-avermelhadas no espelho, o mesmo padrão. Estavam também no espelho da casa de banho junto à sala de convívio, no do laboratório e no da cozinha. Esther cambaleou até ao seu quarto, com o coração na garganta, mas, graças a Deus, o seu espelho estava intocado. Provavelmente, só os espelhos públicos tinham sido marcados — uma fraca consolação. Não podia partir todos os espelhos da estação sem chamar a atenção ou se meter em sarilhos.

Fechou a porta atrás de si, ficando em frente ao espelho com as mãos em cima da cómoda baixa e apoiando o seu peso na madeira para poder pensar. Era evidente que se tratava de algum tipo de magia de espelho, mas estava demasiado assustada e bêbeda para se lembrar do que tal coisa poderia implicar. Um dos livros da sua família podia transformar um espelho numa espécie de anel de humor, com a superfície a refletir as verdadeiras emoções de uma pessoa durante cerca de uma hora, e havia também aquele espelho na história da Branca de Neve, o que dizia à rainha má quem era a mais bela do reino... mas esse tipo de magia seria apenas uma treta de contos de fadas ou seria a vida real?

Precisava de ficar sóbria, de aclarar as ideias. Baixou a cabeça e acalmou a respiração. Na cómoda, entre os parêntesis das suas mãos, encontrava-se o romance que estava a traduzir de espanhol para inglês, e fitou a sua capa verde familiar, o friso decorativo e o esboço estilizado de uma porta escura por baixo do título. *La Ruta Nos Aportó Otro Paso Natural*, de Alejandra Gil, 1937. Tanto quanto Esther pudera averiguar, aquele romance fora a primeira e única publicação de Gil — e era também a única coisa que Esther possuía que tinha pertencido à sua mãe, Isabel.

Dentro da capa, havia uma mensagem numa letra cursiva bem desenhada; uma tradução do título, na caligrafia perfeita da mãe de Esther. «Lembra-te», escrevera a mãe para si mesma em inglês: «O caminho providencia o passo natural seguinte.»

A madrastra de Esther, Cecily, tinha-lhe dado aquele romance quando ela fizera dezoito anos, na véspera de sair de casa para sempre, e, na altura, precisara da tradução. O espanhol deveria ter sido a sua língua materna, mas Isabel tinha morrido quando Esther era demasiado nova para a aprender, e, por essa razão, era apenas a língua da mãe. No entanto, fora o título em espanhol que ela tinha tatuado nas clavículas alguns meses depois: «la ruta nos aportó» à direita, «otro paso natural» à esquerda. Um palíndromo e, portanto, legível ao espelho.

A festa parecia ter sido há horas, embora o suor da dança ainda estivesse a secar na pele de Esther. Ela tinha-se despido e ficara apenas com um *top* preto de alças; agora estava a tremer. No espelho, conseguia ver as palavras da tatuagem à volta das alças do *top*. Quando fez a tatuagem, tinha acabado de fugir de casa e da família e sentia-se à deriva e assustada num mundo que, de repente, carecia de qualquer tipo de

estrutura, pelo que a mera sugestão de um caminho, quanto mais de um passo natural seguinte, tinha sido infinitamente reconfortante para ela. Porém, naquele momento, quando estava quase a chegar aos trinta, falava um espanhol excelente e, o que era mais importante ainda, tinha realmente lido o romance, compreendia que o título da obra de Gil não era nada tranquilizante. Pelo contrário, falava de uma espécie de movimento preestabelecido, um caminho socialmente construído que forçava as pessoas, em particular as mulheres, a dar uma série de passos que tinham sido levadas a acreditar que tinham escolhido para si próprias.

Ultimamente, as palavras soavam-lhe como um grito de guerra: não seguir o caminho, mas desviar-se dele. De facto, aquela mesma frase tinha-a ajudado a tomar a decisão de ignorar as ordens de longa data do pai e a ficar na Antártida durante a época de verão.

Uma decisão que naquele momento temia que pudesse vir a lamentar.

— Parte todos os anos no dia dois de novembro — dissera ele — ou as pessoas que mataram a tua mãe virão atrás de ti também. E não só de ti, Esther. Virão também atrás da tua irmã.

Ao longo daqueles últimos dez anos, tinha dado ouvidos a essas palavras, tinha obedecido. No dia um de cada mês de novembro, arrumava as suas coisas, e no dia dois, punha-se em marcha, por vezes conduzindo durante um longo dia e uma longa noite, outras vezes apanhando uma série de autocarros, aviões, comboios, sem dormir. De Vancouver para a Cidade do México. De Paris para Berlim. De Mineápolis para a Antártida. Todos os anos, como um mecanismo bem afinado, exceto este ano. Este ano, tinha ignorado o aviso do pai. Este ano, tinha ficado.

E, agora, estava-se a cinco de novembro, a estação estava cheia de estranhos e um deles trouxera um livro.

O gato estava de volta.

Joanna conseguia ouvi-lo a arranhar a porta da frente, um som queixoso como o de ramos a roçar no telhado. Eram cinco da tarde e já estava a escurecer, com a nesga de céu do lado de fora da janela da cozinha a desvanecer-se de branco para um cinzento-carvão manchado. Nessa manhã, o meteorologista na rádio tinha dito que podia nevar, e ela esperara a neve durante o dia todo; adorava a primeira neve da estação quando todos os castanhos desbotados da terra adormecida despertavam para um novo tipo de vida, tudo o que era grosseiro se tornava subitamente delicado, tudo o que era sólido se tornava rendilhado e insubstancial. Uma magia que não precisava de palavras para se concretizar ano após ano.

O gato voltou a arranhar e o coração de Joanna deu-lhe um salto no peito. Tinha-o visto a passear pelo jardim morto da casa dela na semana anterior, um gato jovem de cabeça quadrada, magro e às riscas, e pusera lá fora uma taça com atum numa noite e uma taça com sardinhas na seguinte, e agora ele tinha-se tornado menos arisco. Contudo, não podia tratar dele agora: o fogão estava aceso, as ervas estavam a carbonizar numa panela e as mãos estavam cobertas de sangue.

Essa última coisa fora culpa sua. Tinha feito um corte demasiado profundo na parte de trás da mão esquerda e, em vez de umas gotas, arranjava um jorro. Mesmo depois de ter medido a meia onça de que precisava, a mão continuava a sangrar lentamente através das ligaduras e doía-lhe mais do que tinha previsto. Valeria a pena se funcionasse — mas aquela era a sua trigésima sétima tentativa desde que começara a tentar um ano e meio antes, e, até àquele momento, tudo o que tinha para mostrar era uma coleção crescente de finas cicatrizes brancas nas

mãos. Não tinha nenhuma expectativa real de que desta vez fosse diferente.

Ainda assim, tinha de tentar. *Queria* tentar.

Nessa noite, estava a fazer experiências com a lua nova, depois de as últimas luas cheias não terem dado qualquer resultado — nem mesmo quando teve um lampejo do que pensou que fosse uma ideia genial e conseguiu juntar meia chávina de sangue menstrual. Tivera muita esperança de que essa pudesse ser a chave. De acordo com a sua pesquisa, que admitia ser superficial, o sangue periférico era quase indistinguível do sangue menstrual, em termos forenses, e ela só tinha conseguido que três dos seus muitos livros fossem analisados — portanto, era absolutamente possível que os testes que indicavam «sangue» como o principal ingrediente da tinta a tivessem enganado quanto à origem desse sangue.

Mas não. O livro que escrevera com o sangue da menstruação revelara-se tão ineficaz como todos os outros que tinha tentado.

Tão ineficaz como ela sabia que aquele seria.

Ainda assim, a esperança e a curiosidade mantinham-na ao fogão, pulverizando as ervas enegrecidas num moinho e depois misturando-as com o sangue da mão, uma gema de ovo, uma pitada de goma-arábica e mel. O resultado era uma pasta espessa e escura que escrevia lindamente quando misturada com água, mas que, provavelmente, não faria mais nada. Ela mantinha o seu terceiro ouvido atento a qualquer som que pudesse sugerir que a tinta era mais do que um mero pigmento caseiro, escutando o zumbido corporal que corria como melaço pelas veias sempre que se encontrava perto de um livro... mas a tinta permanecia preta e silenciosa.

Planeara escrever o livro nessa noite, copiando o texto de um dos feitiços mais pequenos da sua coleção, uma fórmula mágica persa de dez páginas, do século XVI, que estava agora desvanecida, mas que em tempos tinha invocado um fogo que ardia sem queimar durante cerca de dez minutos. «O cozedor de ovos», chamara-lhe o pai em tom de brincadeira. Porém, olhando para a pasta silenciosa, com a mão ainda dorida, sabia intuitivamente que o ato de escrever seria inútil.

Pestanejando para conter as lágrimas de frustração, deixou a mistela no fogão e atravessou a cozinha, com o linóleo verde e branco dos anos setenta a amolgar-se aqui e ali sob os pés. O chão trazia-lhe sempre à

memória a voz terrivelmente saudosa do pai, cava e alegre; «Vou voltar a ladrilhar isto em breve», uma frase repetida tantas vezes que tinha assumido a cadência de um ritual, mas ele não o tinha voltado a ladrilhar e nunca ninguém o faria. Joanna abriu uma lata de atum para a pôr numa taça, mas, quando saiu para o alpendre, a tremer no ar com cheiro a neve, o gato não se via em lado nenhum.

Era noite cerrada, não havia luar para iluminar o céu, mas o manto de nuvens emitia um brilho destilado e prateado que se fixava nos ramos como ossos dos dedos das bétulas que ladeavam o quintal despido. Entre as bétulas brancas como pérolas, os abetos e os pinheiros eram pouco mais do que sombras farfalhantes que se dissolviam na escuridão da floresta. Joanna espreitou por entre as árvores, à procura de movimento, mas, além de uma brisa ténue, a noite estava parada.

A desilusão brotou dentro dela, negra como a tinta de sangue a arrefecer no recipiente, e ela sacudiu-a com uma gargalhada. Afinal, o que estava a fazer? A tentar atrair um animal bravo até à sua porta e para quê — para o convidar a entrar? Para lhe oferecer uma cama junto à lareira, acariciar-lhe o pelo macio, falar com ele, torná-lo seu amigo?

Sim.

Pousou a taça com atum no degrau de cima e voltou a entrar em casa.

Joanna nascera naquela casa e tinha vivido ali toda a vida; primeiro, com toda a família, e, de seguida, quando a irmã fugiu e a mãe se mudou pouco depois, só com o pai. Durante oito anos, tinham sido apenas Joanna e Abe, e, desde a morte de Abe, há dois anos, tinha sido apenas Joanna. A casa era uma casa vitoriana antiga, demasiado grande para uma pessoa só, a pintura, anteriormente branca, agora de um cinzento manchado como dentes velhos, os acabamentos em madeira envelhecidos, de uma elegância de bolacha de gengibre para uma exaustão bafienta. Até os arcos íngremes do telhado e das janelas tinham ficado embotados, como facas usadas em demasia. A porta rangeu nas dobradiças quando ela a fechou.

Dentro de casa, reinava um silêncio como o da floresta. Era sempre assim. A madeira escura do *hall* dava lugar à claridade artificial da cozinha, tingida ligeiramente de âmbar pelo globo de vidro do candeeiro do teto, e a janela por cima do lava-louça — de onde, durante o dia, se via o jardim de ervas aromáticas de Joanna — era um espelho negro e

sombrio. Joanna sentiu que adequava involuntariamente os passos ao silêncio à sua volta, delicados, como se estivesse a tentar não perturbar a sua própria casa vazia.

Aquele silêncio sempre presente parecia cada vez mais uma função dos encantos atrás dos quais vivera toda a vida; outro tipo de bolha invisível que a isolava do resto do mundo, protetora, sufocante. Ao longo do primeiro ano após a morte de Abe, imaginava o pai ao dobrar de cada esquina, ouvia a sua voz enquanto cozinhava o jantar («Esparguete outra vez? Vais transformar-te num macarrão»), praticava canções *pop* ao piano («Fiona Apple, isso é que é uma voz»), ou se sentava no alpendre com as aguarelas que ele lhe comprara («Herdaste esse talento da tua mãe, eu não conseguiria desenhar um urso-polar numa tempestade de neve»). Contudo, pouco a pouco, até a voz imaginária dele se tinha desvanecido, e agora tinha de se esforçar para a evocar mentalmente.

Por vezes, Joanna não conseguia deixar de tentar imaginar outra pessoa na casa com ela, uma figura de sonho mutável de um homem, alto, forte e bondoso. Lera romances cor-de-rosa às carradas, e não tinha dificuldade em imaginar as possibilidades físicas: a boca dele no pescoço dela, os ombros largos a apertá-la contra uma parede, as mãos dele a levantarem-lhe as saias à volta da cintura. Não que ela usasse saias, mas o armário do seu subconsciente sexual estava cheio de saíotes. Eram as outras partes da fantasia que lhe davam problemas. As partes em que tentava imaginar alguém que não fosse da sua família naquela casa com ela. Já era um grande esforço para a imaginação conceber o pequeno gato às riscas a segui-la, embora estivesse a melhorar. Quase o conseguia ver agora, a saltar para o tampo da mesa de azulejos brancos para bater com a pata num dos ramos de ervas secas que estavam pendurados na janela.

O pai de Joanna fora alérgico à maioria dos pelos de animais, mas, mesmo naquele momento, ela não conseguia levar-se a arranjar um animal de estimação, embora em criança tivesse chorado por um. A irmã mais velha apanhava rãs para ela, cobras-liga em armadilhas, recolhia caracóis em frascos, mas não era a mesma coisa. Ela queria algo macio que pudesse aceitar e retribuir o seu amor. Agora, havia algo doloroso na ideia de deixar um animal entrar e tornar a casa de Abe inóspita para ele ou para qualquer vestígio do seu espírito.

Se uma pessoa acreditasse em espíritos, o que não era o caso de Joanna. Das centenas de livros manuscritos que o pai tinha colecionado, livros que, quando lidos em voz alta, podiam fazer tudo, de afinar um piano a trazer nuvens de chuva numa seca, nenhum continha feitiços para falar com fantasmas ou para contactar de alguma maneira o reino da morte. Essa devia ter sido a primeira coisa que os primeiros escritores teriam tentado — fossem quem fossem, como quer que tivessem escrito.

«Não nos cabe a nós perguntar como», dizia o pai, repetidamente. «Estamos aqui para proteger os livros, para lhes dar um lar, para os respeitar — não para os interrogar.»

Mas como é que Joanna poderia não se questionar?

Especialmente depois de um dos livros que Abe protegera durante toda a vida se ter virado contra ele.

Apenas seis meses depois da morte de Abe, ela quebrou uma das regras mais rígidas do pai e levou três livros — embora todos tivessem a tinta desbotada e os feitiços esgotados — para fora dos encantamentos protetores da casa, a um laboratório de conservação em Boston. Mesmo para os conservacionistas que não sabiam a verdade sobre o que estavam a ver, os livros eram objetos de fascínio, antigos e raros, e Joanna doou os três em troca de acesso aos relatórios do laboratório logo que as amostras de ADN e de proteínas tivessem sido analisadas.

Se pudesse finalmente ficar a saber como tinham sido escritos, talvez entendesse porque e como o seu pai tinha sido morto por um. E se ficasse a saber como tinham sido escritos, bem, seria lógico que fosse capaz de os escrever ela própria — não seria?

Pelos vistos, não.

Os resultados do laboratório tinham-na entusiasmado e assustado ao mesmo tempo, embora, pensando bem, devesse ter suspeitado. Afinal de contas, a magia contida nos livros precisava de sangue e de ervas para ser ativada, portanto, fazia sentido que a própria tinta se baseasse no mesmo. Mas essa descoberta lançava uma luz aterradora sobre alguns dos livros mais longos. Quanto sangue haveria naquelas páginas? E de quem?

Tapou a taça com a pasta de tinta com película aderente e voltou a enfaixar a mão, que tinha finalmente parado de sangrar. Com o fogão desligado, a cozinha estava fria, por isso, fez um chá e levou-o para a sala de estar. Apenas um candeeiro estava aceso, o alto com um abajur

verde com franjas, e, à luz fraca e esverdeada, a sala parecia ainda mais desarrumada e como um ninho do que o habitual: mantas de lã empilhadas no sofá vermelho desbotado, canecas de chá meio bebidas, abandonadas e misturadas com livros nas prateleiras do chão ao teto, e camisolas emaranhadas nas pernas pretas e brilhantes do piano ao canto, com as mangas estendidas sobre o tapete persa no fio. A salamandra, que Abe instalara na alcova de tijolo onde outrora estivera uma lareira, brilhava com calor. Joanna sentiu-se, não desagradavelmente, como um rato que regressa à sua toca.

Desde meados de outubro que dormia ali em baixo, junto à salamandra, para tentar conservar o calor. As janelas altas e estreitas, com as vidraças deformadas, já estavam seladas com plástico, e ela tinha pregado cobertores grossos no teto e nas paredes da escada, para separar o andar de baixo do andar de cima, cheio de correntes de ar — este último permaneceria sem aquecimento e intocado até março. Funcionalmente, o seu mundo tinha ficado reduzido a quatro divisões: cozinha, sala de jantar, sala de estar, casa de banho. E a cave, claro. Começara aquele hábito no inverno em que o pai morrera e achara-o económico, não só em termos de gás e de lenha, mas também de conforto. Uma pessoa não precisava de uma casa inteira, fria e escura.

Alimentou o lume e verificou o mostrador poeirento do relógio de pêndulo ao lado da poltrona de couro estalado — eram seis e quarenta e cinco, o que significava que tinha quinze minutos antes que os esconjuros tivessem de ser ativados, portanto, sentou-se à mesa de apoio aos sofás com um bloco de notas e uma caneta para fazer uma lista de afazeres para a ida à cidade no dia seguinte.

A lista era curta.

Correios.

Comprar pão e ver a mãe na loja.

Verificar o e-mail na biblioteca.

Como um animal de estimação, a Internet era algo que gostaria de ter acolhido em casa, mas os esconjuros baralhavam a maior parte dos tipos de tecnologia de comunicação — os telefones deixavam de funcionar, com as linhas cruzadas, e assim por diante. O rádio funcionava, assim como os *walkie-talkies*, que era como a família comunicava quando a casa os tinha albergado a todos, antes de Esther, e depois Cecily, ter partido. A banda sonora da infância de Joanna era a voz entusiástica da

irmã ao ouvido: «Esther para Joanna! Recebido! Entendido! Fim de transmissão!»

Olhou novamente para o relógio. Estava na hora.

Voltou à cozinha, onde tirou a pequena faca de prata do escorredor da louça. Não olhou para o frigorífico quando passou por ele a caminho da cave, mas conseguia ver pelo canto do olho a porta colorida, com postais colados em toda a superfície disponível. Um por cada mês de ausência da irmã. Dez anos. Em breve, haveria mais um. Todos os meses, Joanna ia buscar o postal de Esther aos correios, e todos os meses dizia a si própria que não o afixaria, mas não conseguia parar de aumentar a coleção no frigorífico, apesar de não falar com Esther desde a morte do pai delas.

Esther tinha um endereço de correio eletrónico, embora parecesse aceder-lhe raramente, e, depois da morte de Abe, Joanna tivera de usar cinco variantes de «Esther, temos de falar», antes de a irmã responder com um número de telefone. Joanna tinha ido a casa da mãe, nos arredores da cidade, e telefonara, sentada no chão da cozinha de Cecily, com uma mão encostada ao azulejo frio e o telemóvel da mãe encostado ao ouvido. Quando Joanna contou a Esther o que tinha acontecido, a irmã soluçou instantânea e ruidosamente, com um choro entrecortado, a respiração entupida na garganta; tão exatamente como chorava em pequena que, por instantes, Joanna se sentiu próxima dela.

Depois, pedira a Esther que viesse para casa.

Implorou-lhe, na verdade. Gritou-lhe, frenética de dor, enquanto Esther chorava, repetindo «não posso, não posso, não posso», até que Cecily arrancou o telemóvel da mão de Joanna e se afastou para falar com Esther, numa voz baixa e calmante.

Joanna tentara perdoar a irmã por ela ter partido, por ter desaparecido sem qualquer explicação, mas nunca lhe poderia perdoar aquilo: ter-se recusado a regressar quando Joanna mais precisava dela, quando ela era a única pessoa viva que poderia ler o livro que tinha matado o pai delas, a única que poderia ter dado respostas a Joanna. A única que poderia tê-la reconfortado.

Joanna nunca mais tentou contactá-la.

No entanto, os postais continuavam a chegar, um para Cecily e outro para Joanna, fiéis como a lua.

Uma linha do horizonte iluminada por um velho letreiro em néon da

farinha *Gold Medal*: «Querida Jo, aqui no Minnesota, toda a gente tem uma sauna no quintal. Acho que o Vermont devia seguir esta moda. O teu sangue do Norte vai agradecer-te. Com amor, a tua irmã toda transpirada, Esther.»

Uma reprodução de *As Duas Fridas*, com os dois corações da pintora ligados por veias delicadas e ensanguentadas: «Querida Jo, *si quieres entender este postal en total, tendrás que aprender español*. Estou aqui na Cidade do México, a conjugar mal os verbos e a não conseguir encontrar qualquer informação sobre a família da minha mãe. *Un beso muy fuerte de tu hermana errante*, Esther.»

O último tinha pinguins. «Querida Jo, sabias que a palavra “Ártico” deriva da palavra grega para ursos? *Antártico* significa *sem* ursos. Por isso, lembra-te de não me imaginares entre ursos-polares, se alguma vez me imaginares. Com amor, a tua irmã enregelada, Esther.»

Quantas noites passara Joanna sem dormir a olhar para aqueles postais, a reler palavras que já sabia de cor? Quantas horas passara na biblioteca ou no computador da mãe, a pesquisar todas aquelas paisagens longínquas que nunca veria? Era uma especialista em todos os lugares onde a irmã tinha estado. Uma especialista em montanhas que nunca escalaria, em mares onde nunca nadaria, em cidades cujas ruas nunca percorreria.

Não se deu ao trabalho de acender a luz quando abriu a porta da cave. Mesmo sem anos de memória sensorial para lhe guiar os pés, o zumbido dourado crescente conduzi-la-ia. Na escuridão, desceu os degraus de madeira rangentes até à humidade bafienta, passando pela forma pálida da máquina de lavar roupa até ao local onde a lona estava estendida no chão, segura por blocos de cimento, com o alçapão à espera por baixo dela. Abriu-o com um bocejo de madeira velha e desceu o segundo lanço de degraus.

O zumbido enchia-lhe a cabeça.

Ao fundo da escada, parou para apalpar a parede de cimento, à procura do interruptor da luz, e, daí a um instante, o pequeno corredor ficou iluminado. A porta que dava para a coleção era de aço, com uma calafetagem de vinil na parte inferior e um ferrolho por cima do puxador. A chave estava pendurada por uma fita vermelha num prego à esquerda de Joanna, e ela rodou-a na fechadura com um estalido familiar.

Demorou um momento, como sempre, a habituar-se ao rugido que lhe chegava aos ouvidos, um som que tentara descrever à irmã e à mãe mais do que uma vez, mas a que nunca conseguira fazer justiça. Era como estar cheia de abelhas douradas que, na verdade, eram apenas uma única abelha, que, por sua vez, era um campo de trigo brilhante a farfalhar sob um sol ardente. Era um som, mas não era um som. Estava nos seus ouvidos mas também na sua cabeça. Era como saborear uma sensação, e essa sensação era de poder.

— Parece desconfortável — dissera Esther.

E era.

Era também uma sensação magnífica.

A porta fechou-se atrás de Joanna, que se encostou a ela, de olhos fechados, à espera de que o som se tornasse menos fisicamente avassalador. De seguida, acendeu a luz do teto. Estava quente ali em baixo, sempre dezanove graus com quarenta por cento de humidade — era nisso que gastava toda a eletricidade e todo o gás. Na parte da frente da sala quadrada — aquilo a que Abe chamara «a parte dos negócios», embora nunca tivessem sido feitos negócios a sério ali — havia um pequeno lavatório de aço inoxidável, vários armários de arquivo gigantescos, um conjunto de prateleiras de carvalho imponentes onde havia frascos e frascos de ervas, e uma extensa secretária de nogueira que tinham encontrado numa venda de um espólio em Burlington há muitos anos.

O resto da sala estava cheio com os livros.

Havia cinco estantes de madeira, cada uma com mais de um metro e oitenta de largura e mais alta do que Joanna, todas com portas de vidro herméticas. Estavam dispostas em filas sobre um velho tapete de lã vermelha, que viera substituir outro tapete vermelho que a mãe de Joanna tinha queimado uma década antes, embora Joanna não gostasse de pensar nesse dia. Colada na extremidade de cada prateleira, como uma placa de classificação bibliográfica, havia uma lista dos livros que podiam ser encontrados nessa prateleira e por que ordem.

Alguns dos fólhos maiores estavam na horizontal, mas a maior parte dos livros era mantida em suportes, e Joanna limpava-lhes o pó todas as manhãs com um pincel e examinava-os à procura de sinais de danos, de peixes-prata, bichos-dos-livros e ratos, embora a cave fosse hermética e as pragas não fossem um problema há anos. Fazia aquilo desde que o

pai tinha testado os talentos dela pela primeira vez, quando ela tinha cinco anos.

Os livros estavam genericamente organizados por data aproximada, embora fossem todos antigos. O mais antigo na coleção de Joanna era de cerca de 1100, e o mais recente de 1730. Ela não sabia o que se tinha perdido nos séculos mais recentes: teria sido o conhecimento de como escrever os livros ou a magia que outrora os preencheria? Essa era uma questão que a atormentava desde criança, uma questão para a qual Abe sempre alegara não apenas ignorância, mas também desinteresse.

Não nos cabe a nós perguntar como.

Abe parecia pensar que a proteção estava em contradição com o conhecimento, como se não pudessem proteger devidamente os livros se soubessem demasiado sobre eles. Essa crença — no silêncio, na ignorância — estendia-se aos livros e a outros aspetos da sua vida, particularmente no que dizia respeito às filhas. Mantê-las na ignorância, parecia acreditar, era o mesmo que mantê-las em segurança.

— É uma reação ao trauma — dissera Esther uma vez a Joanna, com aquele ar irritante de sabedoria superior que adotara na adolescência. — Ele acha que, se falar de coisas más que aconteceram, vão acontecer mais coisas más.

Aquela análise otimista surgiu após os muitos anos menos otimistas que Esther passou a implorar para saber mais sobre a mãe, Isabel, sobre cuja morte Abe apenas partilhava os mesmos escassos pormenores: como ele chegara um dia ao apartamento na Cidade do México onde viviam e encontrara Esther a gritar no berço, todos os livros desaparecidos e Isabel morta a tiro no chão.

Isabel tinha sido assassinada, disse Abe, por pessoas que encaravam os livros como uma mercadoria, como diamantes ou petróleo — produtos a serem comprados e vendidos, pelos quais se matava, em vez de como um fenómeno a ser guardado. Pessoas como essas existiam há tanto tempo como os livros, e, tal como muitos dos negociantes de mercadorias, os caçadores de livros aproveitavam-se frequentemente da agitação e da opressão para obter lucros. Abe sabia-o melhor do que a maioria. Os seus avós paternos tinham possuído a mesma capacidade de ouvir magia que Abe transmitira a Joanna, e tinham sido proprietários de um pequeno teatro em Budapeste que era conhecido pelos seus incríveis efeitos de palco — atores a atravessar objetos sólidos, peças de

cenário a flutuar sem fios visíveis, cortinas envoltas em chamas sem fumo... Até 1939, quando foram alvo de um raide ao abrigo de uma lei que limitava o número de atores judeus permitidos num teatro.

O marido e a mulher desapareceram na rusga. Assim como todos os livros que tinham tornado possíveis os seus efeitos especiais impossíveis. Todos exceto os poucos volumes que os Kalotays tinham mantido escondidos em casa; volumes que chegaram aos Estados Unidos com o avô de Joanna, quando este chegou num navio de cargas em 1940 para viver com um tio em Nova Iorque. Três livros, escondidos no fundo falso de um baú.

Esses três livros ainda se encontravam atrás de uma porta de vidro na cave de Joanna, heranças de família duramente conquistadas — e provas do perigo de usar magia demasiado abertamente.

De acordo com Abe, pelo menos. Segundo Cecily, o perigo não fora o de usar magia, mas o de viver sob um regime fascista. Os livros roubados, dizia, eram simplesmente mais despojos de guerra dos nazis, mais coisas preciosas a que se sentiam com direito, como quadros, joias, chumbos de dentes de ouro, vidas. Era verdade que Abe tinha uma tendência frustrante para atribuir a culpa de atrocidades históricas a uma caça aos livros subjacente: uma vez, quando Esther trouxe para casa *As Bruxas de Salém*, no oitavo ano, ele tentara sugerir que os julgamentos das bruxas de Salém poderiam ter sido orquestrados por caçadores de livros, o que levava Cecily quase às lágrimas.

— Esse é o tipo de lógica com que os fanáticos prosperam — tinha dito Cecily. — Faz com que pareça que as acusações eram verdadeiras, que as pessoas mortas por bruxaria estavam, de facto, a praticar magia. Mas não: ódio e medo, foi só isso. Foi sempre só isso. Pensem nas mentiras contadas sobre o povo judeu, mentiras sobre rituais de sangue e sacrifícios humanos... Ódio, medo e o desejo de controlo. Chama-lhe o que é, Abe.

No entanto, tendo em conta a história da família e o que tinha acontecido à mãe de Esther, Joanna supunha que não podia culpar o pai pela sua paranoia. Era de admirar que tivesse continuado a colecionar livros depois da morte de Isabel, construindo a biblioteca de novo até as estantes de Joanna terem agora duzentos e vinte e oito volumes mágicos.

Duzentos e vinte e nove, contando com o livro de capa de carneira castanha que Abe levava consigo para o jardim da frente quando

morreu.

Joanna não contava com ele.

Aquele livro era um caso isolado em quase todos os sentidos. Todos os livros precisavam de sangue para serem ativados, mas aquele não tinha simplesmente aceitado o sangue do pai dela — tinha-o sugado até ao tutano. E era o livro mais grosso que já tinha visto, com as páginas a abarrotar de texto, o que significava que tinha sido escrito com tanto sangue que lhe enregelava o próprio sangue. Ela também tinha uma relativa certeza de que o fio com que as páginas estavam cosidas era cabelo. Humano. Era igualmente um dos dois únicos livros da coleção deles que estava, para usar as palavras do pai, «em curso» — um livro cujo feitiço ainda estava a decorrer.

Joanna não sabia o que o livro fazia, porque não o conseguia ler. A única imagem clara era um pequeno relevo dourado de um livro na contracapa. As palavras em si escapavam-lhe aos olhos, nadavam e saltavam como as cores num caleidoscópio. Era assim que os livros em curso pareciam a qualquer pessoa que não fosse o leitor, embora Esther pudesse tê-lo lido. Poderia tê-lo lido, mas não quis. Um livro em curso também não podia ser destruído: rasgado ou queimado ou afogado. Apenas a primeira pessoa a ter lido o feitiço poderia acabar com ele. Por escolha — ou por morte.

Os livros em curso também soavam subtilmente diferentes de um livro em repouso, o seu zunido mais como o de um enxame, e o que o pai tinha escondido durante um ano e depois levava com ele para a morte soava o mais estranho de todos. Era profundo como um dente a apodrecer.

Quando Abe morrera, ela presumira que o livro era novo para ele, adquirido recentemente. E, criada à sombra da paranoia do pai, também supusera que a morte dele não tinha sido acidental. Parecia certo que alguém lhe tinha dado aquele livro de propósito; alguém o tinha matado para poder ficar com os seus livros. O mesmo destino que Isabel e os bisavós de Joanna tinham tido.

O seu pai tinha reunido a coleção de várias maneiras: vasculhando livrarias usadas e vendas de espólios, participando em convenções de livros raros, encomendando regularmente enormes lotes de livros antigos no eBay e esperando que as caixas chegassem a zumbir, e comprando diretamente a pessoas que sabiam o que estavam a vender. Ele tinha

mantido registros detalhados de cada transação, e, nos dias que se seguiram à sua morte, Joanna tinha examinado cada apontamento que ele tinha tomado, à procura de suspeitos — mas depois encontrou um registro diferente. Um bloco de notas que nunca tinha visto, escondido debaixo das meias dele na gaveta de cima da cómoda.

Era um caderno velho, com as páginas amareladas, e as datas recuavam a vinte e sete anos antes. Abe escrevia naquele caderno muito antes de ela ter nascido. Não havia muitas entradas, talvez uma ou duas por ano, mas, à medida que ela lia, tornou-se muito claro que o livro em curso não era de todo novo para Abe.

Sem que Joanna soubesse, ele tinha-o tido durante toda a vida dela, e, durante esse tempo, tinha tentado destruí-lo. Encharcara-o em terebintina e pegara-lhe fogo; usara uma serra elétrica; ensopara-o em lixívia. Na última anotação, escrita no dia anterior à sua morte, dizia: «Curioso sobre o que acontecerá se adicionar o meu próprio sangue à mistura. Será que isso vai anular ou interromper o feitiço? Vale a pena tentar amanhã.»

Abe estava a tentar pôr fim a qualquer feitiço que estivesse a decorrer entre as páginas do livro. Em vez disso, o livro tinha-lhe posto fim a ele.

Agora, vivia em cima da secretária na parte da frente da zona dos quartos e Joanna tinha o cuidado de nunca lhe tocar com as mãos nuas. Também não deixava que se aproximasse demasiado do seu livro de esconjuros, que era demasiado precioso para ser maculado

(A voz de Abe na sua cabeça, interrogando-a como fazia quando ela era jovem: «Tecnicamente, não é um livro. Como é que chamamos a estes primeiros manuscritos?»

Um códice. *É uma questão de semântica, pai.*

De precisão da linguagem, Jo.)

O livro dos esconjuros — o códice dos esconjuros — estava escrito em latim, e, apesar do tamanho pequeno, era o mais poderoso e o mais raro da coleção; não só pelo que o livro podia fazer, que era considerável, mas também porque, ao contrário de todos os outros, cuja tinta acabava por se desvanecer e com ela a magia, a tinta dos esconjuros podia ser recarregada. O códice pertencera a Isabel e, na altura da morte dela, encontrava-se num armazém com uma centena de outros livros, intocado por quem a tinha matado. Três dias depois da morte da sua mulher, Abe pegou na filha e conduziu sem parar na

fronteira, atravessando o continente americano até à antiga casa da família no Vermont. Naquela noite, ele usara os encantamentos pela primeira vez e nunca mais deixara de os usar para o resto da sua vida. Nem Joanna o faria.

Foi ao lavatório e lavou bem as mãos, deixando-as de seguida durante muito tempo debaixo do ar quente do secador elétrico até sentir que todas as manchas de humidade que ainda restavam se tinham dissipado. De seguida, foi ao armário das ervas aromáticas e colocou uma pitada de milefólio e de verbena secos numa taça pequena, que levou para a secretária.

As ervas e as plantas não eram estritamente necessárias para ler os feitiços — o sangue por si só bastava —, mas intensificavam todos os efeitos mágicos, reforçando a potência e aumentando a duração. Nunca havia uma única resposta «correta», mas muitos fatores possíveis, e Joanna tinha memorizado tudo, das propriedades mágicas inatas (verbena para proteção, erva-do-diabo para conhecimento e comunicação, beladona para ilusão) à correspondência física (ervas delicadas para magia delicada) e à especificidade geográfica (camomila para feitiços polacos, chincho para peruanos). Esta última era útil apenas se Joanna soubesse aproximadamente de onde um livro tinha vindo, e o milefólio era uma das suas ervas mais usadas porque era circumboreal e crescia amplamente em todo o mundo.

Pôs de lado o milefólio e a verbena por um momento, pegou no pequeno códice de quinze páginas, encadernado em carneira, e estendeu-o sobre o suporte de madeira que Abe tinha feito. Deixou-o cair aberto cuidadosamente. Com a faca de prata na mão, pensou reabrir o corte de há pouco, mas, como lhe provocaria uma dor desnecessária, escolheu o sítio do costume no dedo e espetou-o com a ponta afiada até que uma gota de sangue brotou obedientemente à superfície. Era a cor mais forte da sala, mais viva do que o corpo que acabara de abandonar. Segurou o dedo ensanguentado sobre as ervas em pó e deixou o vermelho-vivo deslizar pela sua pele. De seguida, enfiou o dedo a sangrar na mistura e pressionou o corte contra o próprio códice.

Ao contrário da maioria dos livros, que se limitavam a absorver a gota de sangue que lhes era oferecida, os encantamentos bebiam. Assim que Joanna encostou o dedo à página, esta começou a engolir avidamente o seu sangue, e ela sentiu o dedo a arder com uma ligeira sucção, como se

uma pequena boca estivesse a agarrá-lo, e a tinta tornou-se mais brilhante, mais negra, mais feroz na página de linho. Ativara aqueles esconjuros toda a sua vida e sempre achara aquela sucção reconfortante, mas, depois da morte de Abe, durante meses, ficara aterrorizada com a possibilidade de os esconjuros se virarem contra ela, tal como aquele outro livro se virara contra o seu pai. Porém, nunca o tinham feito, e agora já estava novamente habituada. À medida que alimentava as palavras, o latim — uma língua que Joanna não falava bem — começou a transformar-se aos seus olhos em algo que compreendia. Respirou com lentidão, comedida, e começou a ler.

— «Que a Palavra todo-poderosa conceda a esta casa um silêncio nascido do silêncio, e que o silêncio desperte para os céus uma revoada de anjos que ninguém com más intenções verá, pois assim como o céu se fecha com um manto de nuvens, também agora os anjos obscurecerão este lar dos olhos curiosos do mundo perverso. Que a vida escureça as ervas e a vida escureça estas palavras, que fazem a Palavra...»

Continuou a ler, quinze páginas de anjos e asas e olhares maliciosos, até que a última frase soou e, com um farfalhar como um milhão de penas a esvoaçar, Joanna sentiu os esconjuros a reafirmarem-se. Uma ligeira sensação de estalido soou nos seus ouvidos já cheios de zumbidos, como se o selo à volta da casa fosse hermético, tanto na ciência como na etimologia e na magia. A casa estava de novo, como sempre, fora do mapa, indetetável. Ninguém com más intenções poderia encontrar Joanna.

De facto, ninguém a poderia encontrar. Os esconjuros — colocados todas as noites à mesma hora — certificavam-se disso, circundando os limites da sua propriedade de modo que o caminho para a casa e a própria casa ficavam essencialmente invisíveis para qualquer pessoa cujo sangue não estivesse no livro esconjurador. Era uma invisibilidade não só dos olhos, mas também dos sentidos e da mente: a localização da propriedade não podia sequer ser pensada, muito menos procurada e encontrada. Embora as pessoas da cidade conhecessem Abe e Joanna há quase três décadas, se lhes perguntassem onde os dois moravam, uma expressão vaga surgia nos rostos dos vizinhos e eles encolhiam os ombros, sorrindo, perplexos. «No cimo da montanha?», sugeriam. Ou, por vezes: «No sopé da montanha?»

Nem mesmo a mãe de Joanna a conseguiria localizar se viesse à sua

procura; não desde que se mudara e deixara de adicionar o seu próprio sangue aos conjuros todas as noites. Se Cecily quisesse visitá-la, Joanna teria de a ir buscar e de a trazer de carro, o que Abe a obrigara a jurar que nunca faria.

Essa promessa, pelo menos, não tinha quebrado.

Apenas Esther, a quem a magia nunca tinha conseguido tocar, teria sido capaz de encontrar a casa se tentasse. Apenas Esther poderia chegar à porta da frente, abri-la e chamar o nome de Joanna.

Mas Esther não o faria.

Com os conjuros restabelecidos, Joanna voltou a guardar o códice na sua caixa protetora. Levantou-se da secretária e pôs as coisas em ordem, apagando de seguida a luz e fechando a porta. Atrás dela, os livros zumbiam, ressonantes, doces e seguros no seu lar subterrâneo.

Na manhã seguinte, a taça com atum que deixara no alpendre tinha sido lambida até ficar limpa. Joanna vestiu o casaco de caçador de lã vermelha e bebeu o café da manhã nos degraus da frente, a tremer, olhando para as árvores e esperando ver um vislumbre de pelo escuro antes de ir para a cidade.

O dia estava frio mas húmido, com a humidade a dar uma falsa sensação de calor ao ar; era o tipo de tempo que a fazia recordar o dia em que encontrara o pai morto no quintal, mas já tinha prática em afastar essa memória e se concentrar na paisagem familiar. A sua carrinha vermelha era uma mancha de cor brilhante contra a lama salpicada de gelo do caminho de acesso à casa, e, ao longe, os flancos verdes da montanha tornavam-se azuis à medida que subiam para o nevoeiro. Tudo tinha um cheiro metálico e de boca, como agulhas de pinheiro e o inverno que se aproximava.

Uma centelha de movimento na orla da linha das árvores chamou-lhe a atenção, mas era apenas um esquilo a deslizar pelo topo do velho baloiço de madeira. Quando ela e Esther eram crianças, os pais tinham mantido o quintal da frente diligentemente aparado e limpo, mas, com o passar dos anos, a floresta tinha-se infiltrado, e naquele momento o plástico amarelo dos bancos do baloiço, desgastado pela passagem do tempo, estava quase todo coberto por arbustos e silvas.

Joanna teve uma recordação súbita e vívida de estar sentada naqueles baloiços, com todo o corpo a participar: o vento a apanhar-lhe o cabelo, as mãos fechadas à volta das cordas enquanto se inclinava para trás com todo o seu peso, as pernas estendidas, os dedos dos pés apontados, Esther no baloiço ao seu lado a gritar: «Chuta o céu!»

No seu sétimo aniversário, como presente, o pai deixara-a ler um

feitiço que lhe dava a capacidade de flutuar para baixo de alturas moderadas, e ela passou toda a hora de duração do feitiço naqueles baloiços, projetando-se o mais alto que podia e depois saltando e caindo no chão tão leve como um dente-de-leão soprado. Cecily e Abe tinham ficado a assistir do alpendre, a comer o bolo de aniversário de Joanna e a rir-se, e Esther, então com dez anos, tinha-se balançado ao lado dela durante todo esse tempo, a torcer por ela. Se tinha tido ciúmes, não o demonstrou.

Normalmente, os pais tinham o cuidado de dar às duas filhas apenas o tipo de magia de que Esther também pudesse desfrutar, magia do ambiente ou de objetos físicos: o feitiço flutuante tinha sido uma anomalia. Possivelmente em compensação, quando acordaram poucos dias depois no quarto que partilhavam, as meninas encontraram a mãe sentada na cadeira ao lado da cama de Esther e o pai de pernas cruzadas no tapete de trapos aos pés dela, com um livro encadernado em tecido azul nas mãos.

Joanna reconhecera-o imediatamente. Era o livro que unira os pais, aquele que Cecily vendera a Abe numa exposição de antiquários em Boston, cerca de um ano depois de ele e Esther se terem mudado do México para o Vermont. Era uma história muito repetida na família: como a atenção de Abe tinha sido atraída tanto pela bonita mulher belga que estava encarregada de uma banca de livros usados como pelo pequeno livro azul que ela tinha avaliado em apenas sete dólares, sem saber como a sua magia zumbia na cabeça de Abe; e como, apesar de Cecily ter sido atraída pela forma como a intensidade do olhar de Abe sob as suas sobrancelhas fartas contrastava com o seu riso fácil e sonoro, ficara igualmente interessada na criança de dois anos que ele trazia ao colo e que se ria sempre que ele se ria, atirando para trás a sua pequena cabeça de caracóis escuros, a imitar o bom humor dos adultos.

— Apaixonei-me por ti primeiro — dizia sempre Cecily a Esther. — O teu pai foi um bónus.

Naquela manhã, a seguir ao dia do sétimo aniversário de Joanna, quando ela e Esther acordaram, Abe já estava na última página do feitiço e o ar ressoava com a sua voz retumbante quando as meninas se sentaram nas camas. Tinha-lhes sido explicado o que o livro azul fazia, mas nunca o tinham visto a ser lido, e Esther soltou um grito de alegria quando as primeiras videiras começaram a trepar pelas paredes, de um

verde brilhante e com botões que incharam rapidamente e que com a mesma rapidez se transformaram em flores com pétalas de veludo.

As flores eram cor-de-rosa como o pôr do sol e tão grandes como a cabeça de Joanna, e cheiravam tão docemente que lhe trouxeram lágrimas aos olhos. Cecily inclinou-se para a frente para poder passar os braços à volta dos ombros de Abe, e Esther estava de pé na cama, mas Joanna permaneceu perfeitamente imóvel, a ver as videiras e as enormes flores cobrirem o teto e encherem o quarto com o seu incrível aroma — como rosas caramelizadas e a parte branca da casca de uma laranja. Mesmo depois de as pétalas terem murchado e caído e de as videiras terem encolhido, persistiu um cheiro doce por toda a casa durante dias.

A recordação era tão forte que Joanna quase conseguia sentir aquele aroma nesse momento, uma sugestão de algo rico e florescente a emergir da terra fria em hibernação. Livros como aquele pequeno livro azul, cujo único objetivo era a beleza, eram raros. Cecily tinha-o levado consigo quando deixou Abe, muitos anos mais tarde, juntamente com alguns outros: um feitiço que consertava objetos partidos, um feitiço que extraía esferas perfeitas de tomates vermelhos suculentos de qualquer planta viva, um feitiço para prender alguém dentro de uma barreira invisível.

Joanna achava uma hipocrisia que ela os guardasse, tendo em conta a veemência — a violência — com que se opusera à coleção no final, mas, mesmo assim sentia-se reconfortada com a ideia de que o ressentimento de Cecily pelos livros não podia superar completamente o amor deslumbrado que outrora tivera por eles.

Deixou no degrau de cima do alpendre a caneca de café, já vazia, e virou-se dos baloiços na direção da velha carrinha vermelha do pai.

Tomou o caminho mais longo para a cidade, evitando a autoestrada do condado e seguindo a estrada ladeada por pinheiros que serpenteava ao longo do rio verde. Depois de Esther ter tirado a carta de condução, costumava levar Joanna naquela carrinha aos fins de semana, só para conduzir, ouvir música, conversar, ambas mais conversadoras e mais abertas quando tinham os olhos virados para a frente. Depois de Esther se ter ido embora, quando Abe ainda estava vivo e Joanna não era a única responsável pelos encantamentos noturnos, tinha feito longas viagens sozinha com bastante frequência, procurando volumes para acrescentar à coleção — farejando vendas de espólios de casas rurais, vasculhando

prateleiras desarrumadas em livrarias de pequenas cidades, procurando livros escritos à mão, sinonimicamente repetitivos, que tivessem sido mal classificados como diários históricos ou livros de registo. À escuta, sempre, do sussurro raro da magia. Na grandiosa tradição americana, ainda associava o carro a uma sensação inebriante de liberdade baseada no movimento, e, quando estava ao volante, sentia uma espécie de otimismo selvagem, uma sensação de que talvez a sua vida fosse sua e de que, a qualquer momento, poderia dar uma volta inesperada.

No entanto, quando imaginava um mapa, era sempre como uma rede de veias em que a sua casa era o coração. Podia deixar-se levar de vez em quando, podia sentir-se como se estivesse a mover-se para fora, mas, inexoravelmente, era arrastada de volta, um ciclo fechado e não um caminho aberto.

Não pela primeira vez, perguntou-se como conceptualizaria Esther o mundo, como pensaria no pequeno pedaço de terra onde tinha vivido — feliz, acreditara Joanna na altura — durante dezoito anos. Até Esther ter partido sem qualquer aviso, havia poucos segredos entre elas, especialmente naquela carrinha, mas Joanna não sabia que a irmã planeava partir, tal como não sabia a razão pela qual partira. Nem podia imaginar como Esther se sentia quando pensava no lar — se é que ainda pensava no Vermont como o seu lar. Se é que ainda pensava no lar.

A CIDADE, SE É QUE SE PODIA CHAMAR-LHE CIDADE, ERA DESCRITA DE FORMA otimista nos guias turísticos como «pitoresca», o que, naquele caso, significava que os edifícios antigos eram todos de tijolos a esboroar-se ou pintados de branco, com letreiros de madeira escritos à mão que balançavam ao vento. Uma ponte de uma só faixa de rodagem atravessava o pequeno rio rochoso, em cujas margens havia um rendilhado de gelo nesse momento, e separava os dois quarteirões que constituíam o centro da cidade, conhecidos coloquialmente como «a cidade velha» e «a cidade nova».

Na cidade velha, situavam-se a loja de ferragens, o posto dos correios com fachada de vidro e o bar e churrasqueira com a sua entrada em estilo *saloon*. Também aí se encontrava o «parque da cidade», que era um quadrado relvado da margem do rio com um banco de pedra e uma

bandeira americana. Do outro lado da ponte, a cidade nova era dirigida para os turistas que vinham fazer esqui, com um café com um tema de alces e borboletas e uma loja de artigos para atividades ao ar livre de um lado da rua, e a mercearia de Cecily e a livraria de livros usados do outro.

Joanna estacionou na cidade velha em frente ao posto dos correios, com a carrinha a parar aos soluços atrás de um *Subaru* tão enferrujado que se podia ver através do chassi até ao motor. O pequeno espaço da frente nos correios com as filas de caixas postais de metal estava vazio, mas a caixa postal de Joanna não estava vazia. Havia dois postais lá dentro. O seu coração acelerou imediatamente o ritmo, mas esperou até estar de novo fora dos correios e sentada no banco de pedra fria do parque da cidade antes de se permitir olhar para eles, para a caligrafia que lhe era tão familiar como a voz da irmã tinha sido em tempos.

O postal que lhe estava endereçado mostrava um céu noturno atravessado por pinceladas de luz verde, com «Aurora Australis» escrito em letra de imprensa na parte inferior.

Querida Jo, decidi ficar na estação por mais uma temporada. Estamos no verão, o que significa que o sol nunca se põe. Aqui não há árvores para florir e tenho saudades delas e de ti. Com amor, a tua irmã trabalhadora, Esther.

O de Cecily era semelhante, como muitas vezes acontecia. Outra cena das Luzes do Sul, embora aquele céu fosse mais cor-de-rosa e a letra mais quadrada.

Querida mãe, vou ficar mais uma época aqui na neve. Gosto das pessoas e do trabalho, embora a comida deixe um pouco a desejar. Tenho saudades do xarope de ácer — e de ti. Com amor, Esther.

Joanna ficou a olhar para a letra da irmã até começar a ficar desfocada. *Tenho saudades de ti.* As palavras e a sua mentira delirante fizeram-na contrair o estômago. Se Esther sentisse mesmo a falta delas, podia voltar para casa e vê-las, mas não o fazia. Não o faria.

Levantou-se do banco, desejando ter a coragem de deitar os postais ao lixo. Em vez disso, meteu-os cuidadosamente no bolso do casaco e começou a atravessar a ponte estreita, perturbando um bando de corvos

que se tinha empoeirado no gradeamento de metal. Eles voaram dali com um coro de grasnidos de reprovação que se foi desvanecendo, e uma pena esvoaçou até aos pés dela, negra como óleo contra o cimento.

Ao passo que na cidade velha as casas eram maioritariamente revestidas a tábuas pintadas de branco, os poucos edifícios da cidade nova eram de tijolo quadrado. Ela parou na livraria por hábito, primeiro para ouvir o possível zumbido de magia (nada), depois para se pôr ao balcão a folhear a pilha de romances históricos que Madge, a proprietária, lhe tinha reservado. Madge tinha setenta e três anos, era magra e enérgica, e, apesar de ter passado grande parte da juventude no movimento separatista lésbico, era uma fã confessa dos romances quase delirantemente heterossexuais que Joanna adorava, em que os corações gelados de duques taciturnos eram derretidos pelos encantos ardentes de mulheres anacronicamente feministas.

— Este é excelente — disse Madge, batendo com o dedo numa capa que mostrava um homem de cabelo farto a cavalo, com a camisa branca desabotoada quase até ao umbigo. — E até aprendi muito sobre a febre amarela.

Joanna comprou-o. Já tinha tentado ler romances modernos, mas nada do período pós-1900 a atraía, talvez porque ela própria vivia uma espécie de vida de antes de 1900, embora com a bênção da canalização interior. Era-lhe difícil imaginar-se a usar roupa interior de renda e a enviar mensagens de cariz sexual, mas tinha facilidade em se imaginar a usar muitas camadas complicadas de roupa e a rebolar em frente a uma lareira.

Não que alguma vez tivesse feito algo desse género. As suas únicas experiências sexuais (com parceiros) até então tinham sido com os rapazes das festas para as quais Esther a arrastara nos primeiros anos do secundário. Esses amassos e esses apalhões de dedos desleixados não tinham exigido nada dela além da sua disponibilidade no momento, e procurar algo real parecia inútil. Não havia forma de se explicar — não havia forma de conhecer realmente outra pessoa, ou de a deixar conhecê-la — sem explicar a questão dos livros. E isso não podia fazer.

A loja da mãe ficava no mesmo comprido edifício de tijolos que a livraria, e Joanna olhou pela rua abaixo para o toldo e, de seguida, parou junto a um camião estacionado para se ver no espelho lateral. A mãe tendia a preocupar-se menos se as coisas parecessem bem por fora,

mas o melhor que estava ao alcance de Joanna naquele momento era desfazer a trança comprida e desfiada e sacudir o cabelo à volta dos ombros. Tinha cabelo farto e ligeiramente ondulado, do castanho-claro de mel de trigo mourisco, que começou imediatamente a flutuar com eletricidade estática à volta dos seus ombros vestidos de lã. Pensou pôr o gorro verde que Cecily dizia sempre que realçava o tom de avelã dos seus olhos, mas decidiu não o fazer; naquele momento, achava que, provavelmente, realçaria as olheiras. Tentou um sorriso e abandonou-o de imediato. As suas covinhas faziam-na estremecer sempre que as via. Faziam-na parecer-se com Esther.

Os sinos da porta tilintaram quando entrou na loja. Como sempre, cheirava a incenso e a vitaminas, um cheiro a giz penetrante de que não gostava propriamente, mas de que dava consigo a sentir a falta quando estava longe dele. Era o cheiro da própria Cecily, forte, quente, saudável. Cecily tinha trabalhado ali durante a infância de Joanna e tinha sido promovida a gerente alguns anos depois de ter deixado Abe, e, embora a loja tivesse começado como uma cooperativa de alimentos saudáveis vendidos a granel, estava a assemelhar-se gradualmente a algo mais próximo do tipo de lojas alternativas de bugigangas que se viam nas cidades turísticas mais ricas da Nova Inglaterra: cristais e cartas de *tarot* a invadir os contentores de aveia orgânica; *workshops* de astrologia além das aulas de fermentação; «misturas de ervas espirituais» a tomar conta do corredor dos chás.

Havia um cliente, que Joanna viu quando entrou, um homem desconhecido a olhar para luvas de alpaca, provavelmente um turista, embora ainda não fosse bem a época do esqui. Cecily estava junto à arca frigorífica dos vegetais, a borrifar cuidadosamente a salsa e o coentro com um borrifador cheio de água. Como Joanna, era alta, mas, ao contrário de Joanna, tinha uma postura excelente e parecia ter a altura que tinha. As suas maçãs do rosto eram definidas e planas, e ela ainda falava com vestígios de um sotaque germânico, embora já não vivesse na Bélgica há mais de quarenta anos.

— Minha bebé pequenina! — gritou quando viu a filha, e largou o borrifador ao lado dos brócolos para poder abraçá-la.

O cliente levantou os olhos das luvas para olhar de soslaio para Joanna, que não se parecia muito com a bebé de ninguém, pequenina ou não. Joanna não se importou com as sobrancelhas levantadas do

homem; já tinha deixado o embaraço para trás há cerca de dez mil termos afetuosos. Retribuiu o abraço da mãe e depois soltou-se, deixando Cecily pegar numa madeixa do seu cabelo para que ela pudesse fazer um reparo sobre as pontas espigadas.

— Posso-to cortar em cinco segundos — declarou Cecily. — Quatro! — Depois, susteve a respiração. — Meu amor, o que te aconteceu à mão?

— Oh, nada... Cortei-me a abrir uma lata.

— Limpaste bem o corte?

— Sim, estou ótima. Toma, fui buscar os postais da Esther.

A expressão de Cecily não se alterou, mas ela afastou-se para pegar no borrifador e voltar a dedicar-se aos vegetais.

— Onde é que ela está agora? Num lugar soalheiro com palmeiras? Em Barcelona, a comer nozes?

— As pessoas comem muitas nozes em Barcelona?

— Eu comia quando lá estive — respondeu Cecily —, mas era assim nos anos oitenta.

Joanna deixou passar aquilo.

— Não — respondeu —, ela não está em Barcelona. Vai ficar na estação.

Cecily girou a meio de um borrito e salpicou a borda do casaco de Joanna.

— O quê? Que estação?

— A mesma estação onde tem estado no último ano — disse Joanna, sobressaltada com a reação da mãe.

— Na Antártida?

— Sim, que noutro sítio poderia ser?

— Não, deves ter lido mal — disse Cecily. — Deixa-me ver.

— Estou pronto quando a senhora estiver — disse o cliente, ao balcão.

Cecily hesitou, depois estendeu o borrifador a Joanna e correu para a frente da loja, evitando por pouco uma colisão com uma prateleira giratória de óleos essenciais. Joanna seguiu-a mais devagar. Normalmente, Cecily tinha modos encantadores de vendedora, «encontrou o que procurava?, viu o nosso novo creme hidratante de leite de cabra», mas naquele momento limitou-se a meter as luvas num saco e a registar a compra sem sequer um sorriso, como se estivesse

impaciente por ver o cliente pelas costas. Quando ele se foi embora, com os sinos da porta a tocar, Cecily estendeu a mão.

— Os postais, querida.

Joanna deu-lhos e Cecily pousou-os em cima da bancada, murmurando para consigo enquanto lia primeiro um, depois o outro. Pôs o cabelo liso atrás das orelhas, abanou a cabeça e leu-os de novo, como se estivesse à procura de alguma coisa que lhe tivesse escapado.

— Que se passa? — perguntou Joanna. A mãe parecia mais agitada do que a via há anos, e Joanna sentiu uma pulsação de medo no peito, embora não soubesse o que havia para se preocupar. — Que se passa?

— Ela sabe — disse Cecily —, ela sabe que não deve ficar, ela precisa de... — Interrompeu-se, sufocada.

Joanna obrigou-se a ficar calada enquanto Cecily virava a cabeça e tossia com força para o ombro, uma tosse de longa data que, no princípio, tinha preocupado muito Joanna. Agora, no entanto, suspeitava de que era uma tosse teatral. Só costumava aparecer quando estavam a falar de Esther ou de outros assuntos que Cecily não queria abordar. Finalmente, Cecily recuperou o fôlego e ficou de olhos fechados, com as mãos em cima dos postais.

— O que te está a incomodar? — perguntou Joanna, e, quando Cecily não respondeu, acrescentou: — É por ela estar tão longe? Ela está sempre longe. Antártida, Barcelona, é tudo a mesma distância, na verdade.

— É tão remoto — disse Cecily, e tocou na garganta. — Talvez isso seja bom? Se calhar, é uma coisa boa. — Pareceu recompor-se, sacudindo os ombros para trás e sorrindo a Joanna. — E se eu for lá a casa jantar hoje, hem? Levo uma lasanha, uma garrafa de vinho, corto-te o cabelo no alpendre, como quando eras pequena...

Joanna sentiu que se formava um nó azedo na sua garganta.

— Mãe — disse. — Não faças isso.

— Joanna, olhas para mim como se eu estivesse a pedir para te cortar a garganta em vez de ir a tua casa. Que já foi a *minha* casa, já agora. É uma parvoíce, não consegues ver isso?

O que Joanna via era o bilhete que o pai tinha escrito nos seus últimos momentos de vida. *Não deixes entrar a tua mãe.* Foi o pedido mais difícil que ele alguma vez fizera à filha e o que mais lhe custara manter, especialmente nos meses que se seguiram à morte dele, quando

ela estava sozinha naquela casa grande e cheia de ecos, a chorar nos seus próprios braços em vez de nos da mãe. A mãe, que vivia a poucos quilómetros, que teria chegado lá em minutos se Joanna a tivesse convidado.

Mas Cecily tinha desistido do seu direito a um convite há dez anos, uma semana depois de Esther ter partido, quando Joanna acordou com os sons abafados de gritos. Era o pai, com a sua voz de barítono normalmente ribombante elevada a um timbre que nunca tinha ouvido antes, raiva misturada com verdadeiro terror, e ela saiu da cama aos tropeções e desceu a escada, seguindo o som até parar no corredor das traseiras, com o coração a bater. Os pais dela estavam na cave com os livros — e da porta, ela sentiu o cheiro inconfundível do fumo.

Tinha descido a correr e dera com Cecily lavada em lágrimas e numa atitude de desafio de pé junto a Abe, que estava de joelhos em frente aos seus esconjuros, a deitar água freneticamente sobre o fogo que ainda estava a deixar marcas de chamuscado no tapete entre os corredores. O fogo tinha sido cuidadosamente ateado, com vários troncos e um triângulo de gravetos em arco sobre o pequeno códice, e depois mergulhado em gasolina, mas, embora o tapete e o chão por baixo estivessem chamuscados, os esconjuros não tinham sido tocados pelo fogo ou pela água. Salvava-os o seu próprio estado indestrutível e em curso, mas alguns dos livros em redor não tinham tido tanta sorte — entre os danos do fumo e o papel queimado, muitos estavam irremediavelmente estragados. Era óbvio que, apesar de o principal objetivo de Cecily ter sido os esconjuros, ela se sentia contente com qualquer destruição que tivesse conseguido causar, e, quando se virou e viu Joanna de pé e horrorizada à porta, não havia qualquer vestígio de arrependimento no seu rosto.

— O teu pai deixou claro que se preocupa mais com estes livros do que com a família — disse Cecily. — Não posso continuar assim. Vou-me embora. Por favor, vem comigo, Joanna, por favor. Há um mundo inteiro lá fora para ti.

Abe tinha levantado os olhos do fogo, que só nesse momento conseguira apagar, com um dos livros estragados nas mãos em concha, como um pássaro ferido. Com uma clareza aguda nascida do choque, Joanna focou-se nas margens enegrecidas das páginas do livro, na capa de couro enrolada e empolada, na cola derretida da lombada. Era um

livro que ela conhecia bem, o livro que outrora a fizera voar de um balouço amarelo para um céu azul perfeito. Os seus olhos dirigiram-se para o rosto do pai, sombrio com uma devastação que ela sentia nos ossos. Quando voltou a olhar para a mãe, viu que Cecily tinha lágrimas a correr-lhe pelas faces. Ela já sabia que não havia dúvida sobre qual dos pais Joanna escolheria.

Agora, na loja, os olhos de Cecily estavam secos, embora o rosto fosse de desafio.

— Não posso deixar-te entrar — disse Joanna. — Sabes que não posso. Não o farei.

Cecily afastou-se do balcão, pestanejando rapidamente.

— Tu és uma prisioneira, Joanna. Uma prisioneira da tua própria paranoia, tal como o teu pai. Consigo vê-la na tua cara, consigo ver as grades, e isso parte-me o coração.

Joanna desviou o olhar. Estava demasiado cansada para aquilo nesse dia.

— Os livros governavam o Abe — disse Cecily, estendendo-lhe a mão —, mas não têm de te governar a ti. Podes afastar-te deles, ir para o mundo, podes ter uma vida real...

— Esta *é* a minha vida real — disse Joanna. — E não sou uma prisioneira, *escolho* isto, tal como tu escolhes ficar aqui nesta cidade, apesar de poderes fazer o que quisesse, ir para qualquer lugar, apesar de eu te ter dito um milhão de vezes que não me importo que te vás embora. Se estou acorrentada aos livros, bem, tu estás acorrentada a mim. Portanto, estamos ambas a fazer escolhas. Eu respeito as tuas, porque não consegues respeitar as minhas?

A expressão de Cecily, que antes era feroz e cheia de razão, ficou subitamente desanimada, e ela esfregou as mãos no rosto para cima e para baixo, borrando o batom vermelho que nunca saía de casa sem aplicar.

— Tens razão, Joanna — disse, parecendo quase formal. — Peço desculpa. É a tua vida.

— Sim — disse Joanna, sem saber se estava a ser apaziguada ou não, mas querendo que a discussão acabasse, de uma maneira ou de outra. — Obrigada.

— Adoro-te — disse Cecily, agarrando-lhe a mão, e Joanna apertou-lha.

— Eu também te adoro. — Por alguma razão, dizer aquilo deixou-a cansada e triste, porque era verdade.

Cecily arranhou o batom com um dedo infalível, limpando os vestígios de vermelho que tinha manchado no queixo.

— Vens almoçar lá a casa amanhã, querida? Vou fazer um pão de massa lêveda e comemos aquela sopa de cenoura de que gostas.

Uma cedência.

— Está bem — disse ela.

— À uma? Às duas?

Os esconjuros tinham de ser ativados todas as noites às sete, mas restar-lhe-ia bastante tempo.

— Às duas — disse. — Talvez até te deixe cortar-me o cabelo.

Pegou no seu postal do balcão e Cecily seguiu-o com os olhos enquanto ele desaparecia no bolso da filha. Um último abraço e Joanna estava livre.

EM CASA, FOI À CAVE, ONDE ENCHEU UM CONE DE PAPEL DE ALUMÍNIO COM erva gateira, lupina e morrião, e de seguida tirou um livro das prateleiras. Era do século XVII e estava escrito em francês, e Joanna lembrava-se de quando Abe o tinha trazido para casa — ela tinha dez anos. Tinha-o estudado com um dicionário ao lado para perceberem o que o feitiço poderia fazer antes de o testarem em voz alta. A tinta estava a desaparecer, mas ainda podia ser lida algumas vezes, e Joanna levou o livro para cima, tirando a faca de prata do seu lugar sempre presente junto ao lava-louça, e de seguida voltou a sair.

Desceu do alpendre, afastou-se do longo caminho de acesso à casa e avançou por entre as árvores. Havia um penedo plano a alguns metros, onde se sentou, e a pedra fria trespassava as pernas das suas calças de ganga pretas. Abriu o papel de alumínio, picou o dedo e mergulhou a ponta ensanguentada nas ervas, abrindo de seguida o livro que tinha no regaço. Pressionou o dedo ensanguentado na página, esperou que o francês se transformasse numa língua que ela entendia e começou a ler.

— «Que a minha voz se faça ouvir onde quer que sopra o vento, e que eles me ouçam e venham calmamente...»

Aquele livro era longo e poderoso — demorou quase meia hora a lê-

lo. Enquanto lia, sentia a energia à sua volta começar a mudar, estranha e específica, a sensação de pelos a eriçar-se num membro que ela nem soubera antes que possuía. O zumbido e o enxame do feitiço envolveram-na e os sons da floresta à sua volta começaram a cintilar e a aumentar em reação à sua voz; os corvos piavam mais alto, o vento soava nas árvores, o seu próprio batimento cardíaco como um ritmo.

Durante aqueles trinta minutos, leu com os olhos fixos na página, todos os seus sentidos alerta para os sons que mudavam à sua volta, mas o olhar concentrava-se inteiramente nas palavras. Ouvia o estalido das folhas e o som de galhos a partir-se com os pés que se moviam pela floresta em direção a ela, ouvia ramos a estalar, ouvia o som lento e quente da respiração, mas não olhou para cima. Se o fizesse, o feitiço quebrar-se-ia e ela teria de começar de novo. A sua voz manteve-se firme e ela não se apressou quando chegou à última página, apenas deixou as palavras tombarem-lhe da língua e soarem no ar frio como batimentos num vidro.

Fechou o livro. Só então olhou para cima.

Havia animais a toda a volta. Estavam tão imóveis como peças num tabuleiro de xadrez, à espera de que uma mão se baixasse e os movesse. Vários veados posavam como estátuas, de pernas compridas e luxuriantes peles de inverno, com as pulsações a latejar na pele aveludada do pescoço. Uma urso estava sentada sobre as suas enormes ancas negras e peludas, com as narinas húmidas a abrir-se e a fechar-se, as patas do tamanho de uma cabeça dóceis sobre as folhas. Um alce castanho-avermelhado, tão grande que assustava e tão perto que Joanna conseguia ver a penugem que cobria os seus chifres, lambia os lábios com uma delicada língua cor-de-rosa. Um coioote maltrapilho coçava-se com lentidão e desleixo atrás da orelha peluda. As árvores estavam carregadas de pássaros silenciosos pousados nos seus ramos como enfeites. Havia uma raposa e inúmeros esquilos.

Mas nenhum gato às riscas.

Joanna arredou a desilusão, estendeu as pernas e desceu para o meio dos animais.

Aquele tinha sido o primeiro livro que o pai a deixara ler sozinha em voz alta, quando ela tinha seis anos, e mesmo naquele momento continuava a sentir o mesmo espanto e a mesma admiração avassaladores que sentira em criança. O livro tinha sido concebido,

explicara Abe, como um feitiço de caça, uma forma rápida e fácil de cortar carne antes que os animais voltassem para onde quer que se encontravam antes, mas a família nunca o usaria dessa forma.

A orelha da ursa tremeu enquanto Joanna passava a mão pelo focinho e pelo peito dela, um pelo tão espesso e macio que era quase pegajoso. Ela puxou-lhe um lábio e passou os dedos sobre os dentes amarelos expostos, sentindo o cheiro a almíscar e a maçãs ácidas. A ursa olhava-a com pequenos olhos negros e brilhantes, não sem curiosidade, mas com uma total ausência de aflição ou de ameaça. Joanna pousou a mão em concha no osso nodoso no topo do crânio da ursa e afundou os dedos no pelo pegajoso. Pôs as duas mãos no colar de pelo do pescoço da ursa.

Estar assim tão perto de um animal como aquele dava uma sensação eletrizante em todo o corpo: as pontas dos dedos de Joanna fervilhavam, o coração disparava, a cabeça ficava cheia de eletricidade estática com o júbilo. Os veados deixavam-na pôr os braços à volta dos seus pescoços e encostar a face ao pelo quente. O alce não se afastou quando ela se pôs em bicos de pés para lhe tocar nos chifres, apenas suspirou um sopro quente de hálito de caça na sua cara. Um coelho minúsculo sentou-se nas palmas das mãos dela, com o nariz a tremer e o corpo todo a vibrar com o bater do coração.

Em casa, rodeada pelos restos da vida do pai, com livros a zumbir debaixo dos pés, por vezes sentia-se tão sozinha que receava desaparecer como a tinta de um livro demasiado usado. Mas ali, com a vida selvagem à sua volta e a magia doce no ar como uma boa sidra, sentia as suas linhas e cores a regressar, as margens a escurecer, o núcleo preenchido.

Pôs as mãos à volta do belo focinho do coio e fitou aqueles belos olhos, que a fitaram de volta, de um verde-pálido da última folha a mudar. Quantas outras pessoas poderiam dizer que tinham feito tal coisa? Quantas pessoas tinham exercido este tipo de poder?

Como se atreveria ela a desejar uma vida diferente?

Apesar das aparências, Esther era uma criatura de rotinas. Nesse sentido, se não em mais nenhum, era bem filha do pai, e tinha aprendido ao longo dos anos que, em si mesma, a adaptabilidade era uma rotina que podia ser aprendida. Estabelecer hábitos era algo que fazia de forma automática, e, ali na estação, vivia segundo um regime que teria surpreendido os seus amigos e colegas se tivessem reparado nele. Todas as manhãs, dava os mesmos passos: acordava exatamente à mesma hora, vestia-se exatamente pela mesma ordem e usava a mesma cabina na casa de banho partilhada, chegando mesmo a ficar junto aos lavatórios a fingir que mexia no cabelo se a sua cabina preferida estivesse ocupada. Comia papas de aveia todas as manhãs ao pequeno-almoço, e, todas as manhãs, quando media a colher de sopa de açúcar mascavado, comparava-as desfavoravelmente com as papas de aveia da sua infância, que nadavam em poças espessas de xarope de açúcar.

Aquela manhã seria igual a todas as outras se não fosse a ansiedade que fazia com que as papas lhe soubessem a cola e se olhar para os espelhos com marcas de sangue por cima dos lavatórios não fosse como olhar para o olho da porra do Sauron. Além disso, estava com uma resaca. À sua volta, colegas novos e antigos conversavam uns com os outros ou olhavam com frustração para os computadores portáteis abertos, tentando em vão obter uma ligação suficientemente boa para telefonar às famílias ou enviar um *e-mail*.

Há dois anos que Esther não ouvia a voz de nenhum dos membros da família. Quando Esther não voltou para casa depois da morte do pai, Joanna jurou que não voltaria a falar com ela, e apesar de Esther saber que a madrastra, Cecily, teria adorado ter notícias suas, achou mais fácil pensar na família como estando fora de alcance.

Tudo o que importava era que Joanna estava a salvo atrás dos esconjuros.

O homem que se tinha atirado a Esther na noite anterior, o carpinteiro do Colorado, sentou-se diante dela, com o prato tão cheio que ela o teria gozado se estivesse com ânimo para brincadeiras. Ele sorriu-lhe por entre uma garfada de ovos em pó mexidos.

— Olá — disse. — Esther, certo?

— Olá — disse ela. — E tu és o... Trevor.

— Trev — corrigiu ele. — Então, o que tens na agenda para hoje?

Bem, Trev, vou passar a manhã num pânico de ressaca que provoca náuseas, até que o meu sentido de determinação se apodere de mim e possa começar a descobrir quem raio trouxe um livro para a base e se me querem matar ou não.

— Ainda não sei bem — respondeu ela, deixando a colher cair nas papas de aveia quase intocadas. — Vou agora à oficina para receber as minhas ordens para hoje. De facto, é melhor ir andando.

— Oh — disse ele, parecendo desapontado, antes de forçar um sorriso. — Sim. Fixe. Vemo-nos por aí?

Ela conseguiu esboçar o que esperava que fosse um sorriso amigável. Quando estava a pôr a louça no tapete rolante da cozinha, avistou o louro exuberante do cabelo de Pearl na fila para a comida, e o que tinha sido uma expressão falsamente agradável no seu rosto tornou-se imediatamente real. Pearl também a viu e dirigiu-se para ela.

— Aí estás tu! — exclamou ela. — Estava preocupada, onde é que foste ontem à noite?

— Exagerei — disse Esther, a sentir-se culpada por mentir. — Fiquei atordoada, fui para a cama.

— Oh — gemeu Pearl. — Devias ter-me dito. Eu teria tomado conta de ti.

— Não era um *look* giro — declarou Esther.

— E isto é? — disse Pearl, apontando para os seus fatos-macaco a condizer.

— Em ti? — perguntou Esther. — Cem por cento sim.

Pearl abanou a cabeça.

— Seja como for, sentes-te melhor?

— Muito melhor. Posso recomendar água? Litros e litros.

— Anotado. — Pearl inclinou-se para a beijar, e Esther, demasiado

consciente do tilintar dos garfos nos pratos, da conversa, dos olhares atentos, recuou instintivamente. No momento em que afastou a cabeça, teve consciência de que era um erro, com a mágoa a alastrar-se como uma nódoa negra pelo rosto de Pearl.

— Desculpa — disse Esther —, desculpa, eu... ainda me sinto um nojo por causa da noite passada.

Mesmo em circunstâncias ideais, Esther não se sentia à vontade com demonstrações públicas de afeto, embora não porque se sentisse embaraçada. Era a declaração explícita de sentimentos que a assustava. O sentimento explícito era uma vulnerabilidade que podia ser facilmente explorada, e, mesmo naquele momento, alguém podia estar a observar, a planejar.

— OK — disse Pearl, numa voz incaracteristicamente inexpressiva. Recuou um passo e Esther arrependeu-se imediatamente da distância. — Bem. Vemo-nos ao jantar?

— Ao jantar — repetiu Esther, com um vazio no peito. Parou à porta para ver Pearl a percorrer a cozinha, parando uma ou duas vezes para conversar. A mecânica, Abby, tinha ocupado o lugar que Esther deixara vago ao lado de Trev e acenou a chamar Pearl, a quem Trev acenou com a cabeça em sinal de boas-vindas.

Esther saiu do refeitório.

Estavam vinte e três graus negativos naquela manhã e o vento era brutal no percurso dos dormitórios até à oficina elétrica, com a neve tão seca que rangia debaixo das botas. Ela teve de semicerrar os olhos contra o brilho forte do sol que se refletia do chão branco e das paredes dos edifícios baixos, e sabia que Pearl estaria a usar os enormes *Ray-Bans* cor-de-rosa para proteger os seus olhos de ressaca, parecendo um cruzamento entre uma supermodelo dos anos setenta e um mecânico de automóveis. Se havia uma estética mais apelativa, Esther ainda não a tinha encontrado.

Ela devia ter aceitado aquele beijo.

A oficina elétrica ficava num edifício com telhado em cúpula que era pouco mais do que um armário de materiais, repleto de tanto equipamento que Esther ficara de queixo descaído quando o viu pela primeira vez. Havia fios e cordas de todas as espessuras e cores enrolados em carretéis montados na parede, e as paredes estavam forradas com armários altos cheios de conectores coaxiais, ligadores e

abraçadeiras, e com painéis perfurados exibindo todo o tipo de alicate conhecido.

Nesse dia, a oficina também estava apinhada de gente, com a reunião da manhã cheia de caras desconhecidas para as quais, normalmente, teria interesse em olhar, mas estava tão distraída que lhe deu a impressão de que daí a minutos já lhe tinham atribuído trabalho e estava de novo naquele vento gelado, a caminho de um dos laboratórios para substituir alguns cabos.

O trabalho era fácil mas desconfortável, horas passadas enfiada debaixo de um subpavimento, durante grande parte delas de barriga para baixo e de costas a fazer um conjunto de buracos por cima e por baixo, com frio porque tinha despido o fato-macaco e ficado só com as calças de ganga para ter melhor mobilidade. Normalmente, não era claustrofóbica, mas nesse dia a pequenez do espaço afetava-a, com a sensação de que não haveria para onde ir se alguém a prendesse lá dentro. O trabalho demorou mais tempo do que o habitual, porque ela estava sempre a voltar para o espaço aberto do laboratório para aquecer as mãos, para ir buscar um nível, para mudar uma broca, ou simplesmente para ficar ali sentada, a tentar tranquilizar-se.

Desejava que o trabalho fosse mais complicado, para a distrair do rodízio dos seus pensamentos. Pensar em livros, em magia, era indissociável de pensar na família — especialmente na irmã, que vivia sozinha naquela casa cheia de correntes de ar e apenas com os livros como companhia. Sempre que a mente de Esther divagava, era numa de duas direções: do medo ou de Joanna, e, muitas vezes, os dois caminhos cruzavam-se.

A sua primeira recordação era do dia em que Joanna nasceu, quando Esther tinha dois anos e meio. Foi também nesse dia que ficou a saber — ou, pelo menos, que absorveu — a verdade de que Cecily não era a sua mãe biológica, de que ela tinha nascido de uma mulher completamente diferente e de que essa mulher estava morta. Não sabia ao certo se se lembrava verdadeiramente desse dia ou se apenas recordava a história dele — mas quer as memórias fossem fabricadas quer não, Esther tinha-as.

Jo tinha nascido em casa, na casa de banho do andar de baixo, na enorme banheira de ferro fundido com pés de garra, porque Cecily dizia que um nativo do signo Peixes devia entrar no mundo na água. Abe

tinha passado nove meses a estudar obstetrícia e fizera o parto, não só porque Cecily queria um parto em casa, mas também porque a paranoia de Abe não permitiria o hospital. Não que Esther soubesse disso na altura.

O que ela recordava desse dia: o sabor amanteigado das bolachas que Abe tinha feito para a distrair; a visão de uma nuvem vermelha a flutuar entre as pernas submersas de Cecily; o som de Cecily a gritar mais alto do que Esther sabia até àquele momento que uma pessoa seria capaz de gritar. E a voz do pai, respondendo a uma dúvida e levantando muitas outras:

— Não, querida, a *tua* mãe teve-te num hospital. — Depois, Joanna, encarquilhada e cor-de-rosa como um penso rápido descartado, mas com umas mãos humanas minúsculas e perfeitas e uns olhos humanos perfeitos e luminosos.

Mais tarde, à medida que as irmãs iam crescendo, Esther passou a concentrar-se obsessivamente nas suas diferenças, mas quando era pequena tinha ficado muito mais hipnotizada pelas semelhanças entre as duas. Ambas gostavam de mastigar cascas de limão e de melancia, gostavam de fotografias de cabras, mas não de cabras verdadeiras, gostavam de pôr areia no cabelo para a poderem raspar mais tarde, gostavam de ver os pais dançar abraçados na sala de estar ao som de discos da Motown. Adoravam o som do vento, o som do gelo a partir-se, o som dos coiotes a chamar na montanha.

Não gostavam de fechos de correr, de fiambre, da palavra «*milk*», de música de flauta, do som gorgolejante do frigorífico, da ausência de Cecily em fins de semana prolongados, da insistência de Abe em jogos de xadrez regulares e dos dias sem nuvens. Não gostavam das caixas de livros que lhes chegavam à porta todos os dias ou que eram trazidas para casa pelo pai, não gostavam do seu cheiro a solidão poeirenta e de como monopolizavam a atenção de Abe. Não gostavam quando os pais fechavam a porta do quarto e discutiam aos sussurros. Detestavam a expressão «meia-irmã». Não havia nada pela *metade* entre elas.

Não até ao dia em que, quando Esther tinha oito anos e Joanna quase seis, Abe sentou Joanna na sala de estar, com Cecily a espreitar por cima do ombro dele com um rosto tranquilizador mas um ar preocupado que não conseguia esconder. Joanna estava empoleirada no sofá em frente da mesa de apoio, e em cima da mesa estavam sete livros. Os livros, como a

maioria dos com que o pai se ocupava, eram muito antigos.

— Estamos só a experimentar uma coisa — disse Abe, o que não era de estranhar; ele andava sempre a experimentar coisas.

Apenas alguns dias antes, tinha posto um livro nas mãos de Esther, um livro muito antigo com uma capa de carneira macia e páginas como folhas secas de árvores, e perguntara-lhe:

— Consegues rasgar isto? — Ela olhou-o com desconfiança, pensando que devia ser uma rasteira; quantas vezes ele lhe tinha dito para ter cuidado com os livros, e agora queria que ela estragasse um? — Vá lá — disse ele. Então, ela deu tudo por tudo, mas, apesar de sentir o papel frágil entre os dedos, não conseguiu rasgar uma única página. Nem sequer tinha conseguido fazer um vinco no papel. Sob o olhar atento do pai, tentou pegar-lhe fogo, depois tentou destruí-lo na água, sem sucesso; o livro permaneceu perfeitamente intacto. Abe ficara frustrado, mas não com Esther, e ela tinha apreciado a atenção dele.

Por isso, pediu:

— Posso tentar também?

— Desta vez não, querida — disse ele. — Sabes, os meus livros importantes, os que fazem as coisas acontecer.. sabes como não funcionam em ti?

Sim, Esther sabia.

— Bem, isso é especial. É algo especial só de ti. Estou a ver se também há algo especial na Joanna.

— Tu já és especial — disse Cecily a Joanna, que tinha ficado alarmada ao ouvir aquilo.

— É claro — disse Abe —, é claro. Vocês são ambas umas pequenas terráqueas fantásticas. (Na altura, andavam obcecadas com extraterrestres.) Ora bem, Jo. — Agachou-se diante dela, com a barba eriçada de excitação contida. — Vês estes livros? Quero que me digas se há algo invulgar em algum deles.

Joanna aceitou a tarefa com a sua habitual solenidade. Um segundo depois, disse:

— Este é muito feio.

Abe olhou para o livro para o qual ela estava a apontar, um livro encadernado em tecido castanho manchado que era muito mais grosso do que os outros. Esther podia ver que o pai estava desiludido, mas sentiu uma pontada de alegria. Qualquer que fosse o teste que estivesse a

ser feito, ela queria que Joanna falhasse. Era um sentimento novo, e não dava uma sensação boa.

— Está bem — disse ele. — É justo. Concordo. Mais alguma coisa?

Joanna abanou a cabeça e Abe recostou-se, suspirando. Cecily parecia profundamente aliviada. Contudo, daí a um segundo, Joanna acrescentou:

— Exceto que um deles soa estranho.

O ambiente na sala mudou instantaneamente. Abe sentou-se muito direito, incrivelmente alerta, e Cecily susteve a respiração. Ambos estavam completamente focados em Joanna.

— Como soa, querida? — perguntou Abe.

— Como um zunido — disse Joanna. Encolheu os ombros, um gesto que tinha aprendido recentemente e que repetia sempre que podia. — Um zunido com purpurina. E sabe a... panquecas.

— Que livro é que zune? — perguntou Abe. Estava a conter-se para não falar aos gritos, o que significava que estava a ficar empolgado. Raramente gritava de raiva.

— Aquele — disse Joanna, espetando o dedo no mais fino de todos, encadernado em carneira vermelha esfarrapada. — Posso comer bolachas de chocolate com menta?

— Não! — gritou Abe, entusiasmado. — As bolachas são para depois do jantar! Ah, eu sabia! Eu sabia! — Puxou Joanna para os braços, beijando-lhe repetidamente o topo da cabeça, exuberante como Esther nunca o tinha visto. Ela olhou para Cecily, querendo perceber o que estava a acontecer, mas Cecily estava a olhar para Joanna, com uma mão na garganta e lágrimas nos olhos. Parecia tão triste que Esther ficou assustada.

— Mamã — disse. — O que está a acontecer?

Fosse o que fosse, não incluía Esther. Cecily não parava de fitar Joanna e Abe, Joanna encantada com a atenção, ainda que desnorteada com a sua causa, e Abe radiante de felicidade.

Nesse dia, Esther deixou de se concentrar nas semelhanças e começou a reparar nas diferenças.

Ela não compreendia isso na altura, claro. Não sabia que tinha acabado de viver um ponto de viragem na sua vida, uma linha traçada entre a sua irmã, que não só conseguia ler magia como também ouvi-la, e a própria Esther, que não conseguia. Era uma linha que se tornou um

muro com o passar do tempo, um muro de pedra como os que serpenteavam pelas florestas à volta da sua casa de infância no Vermont, relíquias de um tempo antes de as árvores terem reclamado os campos e em que os muros eram divisões entre propriedades, entre famílias.

Olhando para trás, era uma tolice que nunca tivesse juntado dois mais dois. Os encantamentos eram mágicos; Esther era imune à magia; Esther era imune aos encantamentos. Mas até o pai lhe ter explicado tudo, quando ela tinha dezoito anos, não tinha percebido completamente as ramificações.

Enquanto estivesse a viver na casa, os encantamentos não poderiam proteger ninguém, nem Abe, nem Cecily... nem Joanna. Quem quisesse encontrar a família de Esther só teria de encontrar Esther.

Esther suspirou. Não era dada à introspecção ou à nostalgia — ou antes, qualquer tendência natural que pudesse ter para essas coisas fora eliminada há anos. Não serviam para uma vida como a sua. Nesse dia, porém, estava positivamente a chafurdar em recordações.

Normalmente, tratava o mau humor com o convívio ou o sexo, mas as marcas de sangue que manchavam todos os espelhos comuns tinham-na tornado demasiado desconfiada para procurar companhia, e não conseguia encontrar Pearl. Por isso, depois do fim do dia de trabalho, voltou para o quarto e tentou lembrar-se de tudo o que podia sobre a magia dos espelhos.

Havia dois tipos de que ela tinha conhecimento, dois que a sua família tinha na sua coleção: magia que tinha impacto num espelho e magia que ligava dois espelhos. A magia de espelho único, que podia alterar o reflexo que uma pessoa via e, provavelmente, fazer outras coisas que Esther desconhecia, requeria apenas uma pessoa para ler o feitiço, apenas uma pessoa para o ativar com o seu sangue. Os feitiços de espelho duplo, no entanto, requeriam duas pessoas: uma em cada espelho. Podiam ser usados para comunicar, como uma espécie de videochamada esotérica, e para transmitir coisas de um lado para o outro.

Mas não seres *vivos*. Lembrava-se agora — e desejava não se lembrar — de uma tarde em que o pai e a irmã tinham passado a fazer experiências com marmotas. Joanna tinha acabado a chorar e Esther ouvira Abe dizer a Cecily, parecendo ele próprio ligeiramente traumatizado:

— Eles deram cabo dos nossos pepinos todos, mas nenhum ser merece *aquilo*.

Fora isso, ela pouco sabia. Afinal de contas, para Esther, a magia era irrelevante. O seu sangue era singularmente inútil para ativar feitiços e a magia não tinha qualquer efeito sobre ela. Em criança, tinha ficado fascinada com o trabalho da família — que criança não ficaria? —, mas, com o passar dos anos, afastou-se decisivamente dos livros, do sangue e dos feitiços, e virou-se para as coisas tangíveis: coisas em que podia tocar, ver, manipular, consertar. A magia parecia uma extensão desinteressante do próprio mundo, um mundo de pessoas que procuravam, detinham e perdiam poder ao qual ela própria nunca poderia aceder.

ESTENDEU-SE NA CAMA E ATIROU A CANETA PARA O TETO, APANHANDO-A quando ela voltou a cair. Tinha deixado um ponto preto minúsculo, quase impercetível, que se juntou a todos os outros pontos minúsculos de todas as outras vezes em que tinha atirado todas as suas outras canetas. Uma criatura de hábitos, de facto.

Uma única pessoa com um livro, ali tão longe, seria notável, mas não tinha necessariamente de ser alarmante. Duas pessoas, no entanto, duas pessoas em lugares separados a operar dois conjuntos de espelhos que funcionavam em sincronia...

Isso sugeria uma intenção. Uma razão. Um plano.

Esther tinha tentado limpar o sangue e ele não tinha saído. Portanto, fosse qual fosse o feitiço, ainda estava a decorrer. O que significava que, se *houvesse* alguém a observar do outro lado, teria visto que Esther reparara.

Eles saberiam que *ela* sabia.

A porta do quarto chocalhou de repente, sem se abrir, e Esther levantou-se tão depressa que sentiu o coração nos ouvidos. A luminosidade fluorescente do seu quarto voltou a aparecer, como se ela tivesse estado num sítio escuro, e levantou-se, assumindo automaticamente uma postura que aperfeiçoara após anos de treino em ginásios de artes marciais.

— Olá? — chamou.

— Sou eu — respondeu Pearl, e a pulsação de Esther reagiu de imediato à voz familiar e regularizou-se. Abriu a porta e Pearl sorriu-lhe.

— Queres ir jantar? — perguntou.

Esther tinha perdido a noção do tempo.

— Oh, sim, deixa-me só vestir a camisola.

Pearl pôs-se a andar de um lado para o outro no quarto minúsculo enquanto Esther enfiava a camisola de lã vermelha, puxando o cabelo para fora da gola num emaranhado de estática. Não sabia muito sobre a mãe, Isabel, mas, pela única fotografia que vira, ela tivera um cabelo lindo, liso e brilhante. Parecia injusto a Esther que, de todas as características que poderia ter herdado do pai, como, oh, a capacidade de ouvir magia, tivesse herdado os seus caracóis com tendência para encrestar e a intolerância à lactose.

— Como vai a tradução? — perguntou Pearl, pegando no romance de Gil que estava em cima da mesa de cabeceira de Esther e olhando para um dos *post-it* coloridos.

— Amadora como sempre — respondeu Esther.

Pearl atirou-se para cima da cama.

— Pesquisei esse livro — declarou ela. — Sabias que vale, tipo, milhares de dólares?

— Sim — disse Esther. — Podia ter sido o meu fundo para a faculdade, se eu tivesse ido para a faculdade.

Mal disse aquilo, desejou poder voltar atrás; sabia que a faculdade era um ponto sensível para Pearl, mesmo que ela não o admitisse. Pearl apenas disse, descontraída como sempre:

— Oh, o ensino superior é sobrevalorizado.

Esther baixou-se para lhe apertar carinhosamente o pé calçado com meia. Os pais de Pearl tinham-se separado quando ela era bebé e ambos bebiam muito, mas enquanto o seu pai americano mal figurava na vida dela, a mãe, com determinação, conseguira manter as coisas em ordem para a filha o melhor que podia. Tinha trabalhado durante vinte anos como rececionista no mesmo consultório dentário em Sydney, poupava dinheiro para Pearl ir para a universidade e só bebia à noite. Esther também sabia que Pearl tinha passado muitas manhãs a andar em bicos de pés à volta da mãe desmaiada, normalmente no sofá, mas por vezes no chão, a limpar as garrafas e os derrames pegajosos de álcool da noite anterior para que a mãe não acordasse e não chorasse de vergonha pela

lixeira que tinha feito.

Eram muito próximas, e quando Pearl foi estudar para a Califórnia, a mãe sentiu terrivelmente a sua falta. Sem mais ninguém de quem cuidar, sem alguém para quem representar a estabilidade que mantivera corajosamente durante tanto tempo, o pouco controlo que exercia sobre o seu hábito de beber depressa se desvaneceu. Quando Pearl regressou a casa no verão a seguir ao seu primeiro ano na universidade e encontrou a mãe num declínio acentuado, ficou em Sydney e nunca mais voltou aos estudos, mesmo depois de a mãe ter morrido seis anos mais tarde. Para Pearl, a faculdade era sinónimo de uma culpa profunda e pesadosa, enquanto para Esther era apenas mais uma conta amarga no seu rosário de oportunidades perdidas.

— Onde é que encontraste este livro, afinal? — perguntou Pearl, virando as páginas com muito cuidado.

Esther podia ter-lhe contado a verdade sem revelar pormenores. Um presente da madrastra, que o tinha encontrado no sótão; não havia nada de estranho nisso. Porém, falar sobre a sua família não era algo que fizesse, nem mesmo quando poderia ter gostado de o fazer, embora, mesmo enquanto respondia, sentisse um sobressalto de mal-estar provocado pela irregularidade da situação. Pearl partilhava livremente todas as alegrias e fealdades do seu passado e, em troca, Esther dava-lhe mentiras.

— Foi numa livraria de livros usados na Cidade do México — mentiu.

— Lê-me um excerto? — pediu Pearl. — Em inglês, quero dizer. Da tua tradução.

Esther corou.

— Não, não é nada boa.

— Não estou interessada em coisas boas — disse Pearl, e estendeu a mão para acariciar a única parte de Esther que conseguia alcançar da posição em que se encontrava, o joelho dela. Um truque sujo. Pearl sabia que Esther era mais recetiva a dizer sim às coisas quando lhe tocavam. — Por favor? Um parágrafo?

— Se queres mesmo — disse Esther, porque talvez pudesse dar pelo menos aquilo a Pearl, e esta instalou-se melhor na cama, sentando-se contra a parede e parecendo atenta. Esther foi até ao portátil antigo grande e deixou-o acordar, depois sentou-se à secretária e percorreu o

documento. — É mau — avisou novamente. — O meu espanhol não é perfeito e eu não sou escritora.

— Sou a fã que te adora — disse Pearl. — Vou sentir-me orgulhosa, seja como for.

Esther aclarou a voz, embaraçada, e leu.

— «Depois de o espelho que me deste se ter partido, Doña Marcela exigiu que o tapassem. Ninguém sabe como o espelho se partiu, mas ela está convencida de que olhar para um espelho partido dá azar. Como ficaria horrorizada se soubesse que na noite passada eu perdi o controlo e o destapei. Estava deitada na cama, sem dormir, a fitá-lo pendurado na parede, coberto por um pano branco, quando, de repente, não aguentei mais. Levantei-me e atravessei o quarto em bicos de pés, mas, quando afastei o pano, descobri que o espelho já não estava partido. Ou talvez as fendas fossem invisíveis à luz fraca das velas. Olhando para ele, senti o mesmo arrepio que sentira naquele dia no pavilhão, era como se estivesse a olhar para mim através do espelho. E, quando lhe toquei, juro que tremeu e cedeu sob os meus dedos como a superfície de um lago.»

Pearl aplaudiu quando ela terminou, mas Esther ficou a olhar para o documento durante mais algum tempo antes de fechar o portátil. Já lera o livro centenas de vezes, mas nunca tinha sentido o estremecimento de inquietação que percorreu o seu corpo quando leu as palavras em voz alta naquele momento.

Era a magia do espelho.

— Agarraste-me — disse Pearl. — Quem lhe deu o espelho? Só pode ter sido um amante.

— Sim — respondeu Esther. — Ele chama pelo nome dela durante a noite e ela tenta ir ter com ele através do espelho.

Pearl sorriu.

— Então, é um romance cor-de-rosa.

— Não exatamente — disse Esther. — O espelho não a leva até ele; leva-a para um mundo diferente para onde ele não a pode seguir.

— Ah — disse Pearl, com a expressão a ensombrar-se.

Esther queria explicar que era uma coisa boa; que a narradora não estava destinada ao mundo do amante, que o romance era uma história de libertação. Porém, apesar das horas que passara a debruçar-se sobre o livro para encontrar todas as palavras certas em inglês, não lhe ocorria

nenhuma naquele momento.

JÁ TARDE NESSA NOITE, HORAS DEPOIS DE A REFEIÇÃO DA MEIA-NOITE para o terceiro turno ter terminado e quando a estação se instalara finalmente no ritmo do sono, Esther soltou-se do calor de Pearl e saiu cuidadosamente da cama. Pearl acordou, com os olhos a brilhar na escuridão, mas Esther fez um som a tranquilizá-la e daí a um segundo ela estava a dormir outra vez. Esther enfiou os pés nas botas sem atar os cordões, depois apalpou a secretária no escuro até encontrar a caneta e o bloco de notas. Segurou-os nas mãos, forçando-se a confrontar o que planeava fazer. Demasiadas vezes fazia escolhas sem as olhar nos olhos, deixava-se levar por elas, para depois pensar: *Bem, eu não tinha realmente escolha, pois não? Simplesmente aconteceu. A culpa não foi minha.* Infelizmente, saber que tinha aquela tendência e reconhecê-la quando se manifestava eram normalmente duas coisas diferentes. Naquele momento, porém, obrigou-se a encarar o facto.

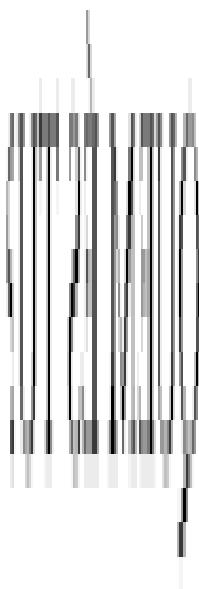
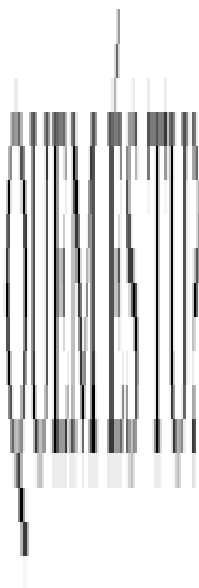
Estou a fazer isto de propósito.

A casa de banho ao fundo do corredor era, como a maioria das casas de banho, comum, partilhada pelas outras seis pessoas que tinham quarto nesse corredor, e Esther chamou muito baixinho quando entrou. Abriu a porta de cada um dos três cubículos para se certificar de que não estava ninguém e de seguida trancou a porta da casa de banho e encarou o espelho por cima do lavatório. Era uma imagem sua, da cabeça e dos ombros, uma palidez na pele castanho-clara, olhos negros com a pupila apesar da luz do teto. Medo. Humedeceu um dedo e tocou na mancha de sangue no lado direito do espelho, numa última tentativa de lavar o feitiço, mas este era tão teimoso como verniz seco e não se alterou, mesmo quando o arranhou com a unha. Pensou se os outros teriam reparado e como o teriam explicado a si mesmos. Verniz das unhas; uma falha na parte de trás pintada do espelho; uma mensagem codificada para a equipa de limpeza?

— Olá — disse Esther para o espelho. Viu a sua boca mexer-se. Tocou cuidadosamente na superfície. Dava a sensação de um espelho, frio e liso. — Se alguém estiver aí — continuou —, gostaria de falar consigo.

Passaram-se longos minutos de pulsação. Nada. Nem um vislumbre, nem um som. O reflexo permanecia preciso, Esther e a casa de banho perfeitamente ao contrário.

Pegou na caneta e no caderno. Em letras grandes, tão direitas quanto a sua mão desajeitada o permitia, escreveu (tanto para a frente como para trás, insegura quanto à lógica de reflexão de um espelho mágico):



Levantou o bloco ao espelho, encostado ao peito como um número numa fotografia da polícia, e voltou a esperar, sentindo a pulsação em todo o lado: na garganta, nas têmporas, nos pulsos, na barriga. Era

como ser uma criança numa festa do pijama, a entoar «Bloody Mary, Bloody Mary, Bloody Mary» e a temer a cara horrível de papão que poderia aparecer, sabendo que, por um lado, Bloody Mary não viria — não poderia vir — e, por outro, que poderia com toda a certeza vir.

Mas os minutos passavam e... nada.

Esther soltou um suspiro. Sentia-se aliviada. Sentia-se desiludida. Sentia-se furiosa. Se fosse do tipo de dar murros, era nesse momento que os seus nós dos dedos ficariam a sangrar com o estilhaçar dos cacos prateados. Em vez disso, bateu com o bloco de notas contra o espelho com força suficiente para o estrondo ecoar pelos azulejos, mas não o suficiente para causar danos. Bateu contra ele como um pássaro que confundiu o vidro com o céu.

QUEM ÉS TU? QUEM ÉS TU? QUEM ÉS TU?

Nada, nada, nada.

— Está bem — rosnou Esther, e pegou no bloco de notas. Não contara com uma resposta, não realmente, mas a impenetrabilidade daquilo enfurecia-a.

Estava a virar-se para sair quando a viu.

Uma distorção. Um brilho como um seixo atirado para um lago, ondulações que se movem para fora, o reflexo no espelho ainda intacto mas a oscilar. A respiração de Esther ficou presa. Virou-se para trás.

A superfície do vidro era uma coisa plana e esbranquiçada. Era papel. Um papel muito bom, grosso e dentado, caro. Atravessou o espelho e caiu no lavatório, onde as gotas de água começaram imediatamente a encaracolar-lhe as margens. Apanhou-o antes que a tinta se pudesse borrar, algumas frases numa letra cursiva antiquada muito bonita, embora as letras parecessem ter sido escritas à pressa e à toa. No fundo, havia o que parecia ser uma impressão digital ensanguentada. Leu a mensagem com as mãos a tremer.

Esther: imploro-te que confies em mim. Tu e aqueles de quem gostas estão em perigo. Volta imediatamente para casa, para junto da tua irmã. Há um avião de carga que parte dentro de três dias e tens de ir nele. Pega nisto e não voltes a comunicar através do espelho. Não sou a única pessoa a ver.

Antes que Esther pudesse apreender aquelas palavras plenamente, outra coisa atravessou o vidro: um envelope pardo, também

ensanguentado num dos cantos. Esther abriu-o, com a respiração tão acelerada que podia ouvi-la ecoar pela casa de banho vazia, e tirou dele um pequeno livro encadernado em azul-marinho e vários pedaços de papel impresso brilhante.

Virou o livrinho e pestanejou. Era um passaporte. Um passaporte americano, e uma pilha de bilhetes de avião. Também estes estavam manchados quase impercetivelmente com o sangue que lhes tinha permitido passar pelo espelho.

Abriu o passaporte na primeira página e deu com o seu rosto a fitá-la — o rosto como tinha aparecido na noite passada, interrogativo, a olhar-se ao espelho, mas contra um fundo cinzento. Alguém lhe tinha tirado uma fotografia ao espelho. Alguém lhe tinha feito um passaporte com o nome de *Emily Madison*, um fac-símile estranho e que soava mais anglo-saxónico do que *Esther Kalotay*. As passagens também estavam em nome de Emily Madison, para daí a três dias. Traçavam uma rota que saía da Antártida, passava pela Nova Zelândia, para Los Angeles, Boston e, finalmente... para Brattleboro.

O pequeno aeroporto mais próximo da sua casa de infância.

Deixou-se cair por terra, com as passagens de avião a tremer-lhe nas mãos, com a mente às voltas. Sentia-se tão estonteada com a confusão que mal viu a última coisa que passou, mas o barulho de plástico a cair na porcelana alertou-a para a queda de alguma coisa no lavatório. Levantou-se e viu um frasco de plástico com medidas de mililitros na lateral, bem fechado. Dentro, estavam três mililitros de um líquido vermelho.

Sangue.

Havia um rótulo no frasco, preenchido com uma letra apertada. A mesma letra elegante em miniatura.

Este é o caminho. Ele providenciará o passo natural seguinte.

A água no copo de vinho de Nicholas começava a borbulhar.

À sua volta, os outros convidados — cada um segurando copos idênticos — desataram a murmurar excitados, e Nicholas pôde apreciar por breves momentos a estranheza da cena: um grupo de vinte pessoas envergando *smokings* e vestidos de *cocktail*, de pé entre os elegantes sofás de couro branco e as mesas de laca preta daquela sala de estar do apartamento de luxo no último andar do prédio cujas paredes revestidas a damasco vermelho ostentavam um Rothko, um Auerbach e uma vista esplêndida da cintilante noite londrina lá fora — e, no entanto, todos os presentes estavam a olhar com uma atenção arrebatada, não para a arte ou pela janela ou uns para os outros, mas para os seus copos de vinho.

Todos exceto Nicholas.

Na parte da frente da sala, numa pose dramática em frente à lareira de mármore negro, o anfitrião da festa, Sir Edward Deacon, encontrava-se de pé com um livro nas mãos, falando sem parar na sua voz afetada e nasalada. Os murmúrios dos convidados transformaram-se em suspiros de deleite e admiração à medida que as bolhas na água passavam de límpidas a turvas, assumindo, primeiro, um tom acastanhado e mineral e, depois, uma tonalidade mais carregada enquanto o anfitrião continuava a ler. As pessoas tinham começado a baixar o nariz para os copos, a inalar o aroma cortante tânico e a sussurrar coisas tontas como «Vermelho! Está mesmo a ficar vermelho!» e «Meu Deus, cheira a vinho!».

Por cima do ombro de Nicholas, ouviu-se um grunhido prolongado e deselegante, e olhando em volta, viu o seu guarda-costas inclinar-se para cheirar o seu próprio copo, claramente imitando os outros convidados, mas bastante mal. Por um lado, Collins era a única pessoa na sala que

segurava o copo de vinho pela taça e não pelo pé. Por outro lado, apesar do fato decente que Nicholas lhe escolhera, mesmo assim parecia um figurante de última hora num filme sobre a máfia irlandesa de Boston, talvez o namorado pugilista da filha de alguém. Destoava bastante naquele ambiente elegante.

Sir Edward terminou a leitura, finalmente, deixando a última palavra soar numa espécie de triunfo estridente, e os convidados calaram-se, levantando os olhos do líquido nos seus copos — agora um vermelho-escuro, quase violeta — para o anfitrião. Sir Edward demorou algum tempo a fechar o livro, saboreando claramente a expectativa da sua assistência, e de seguida ergueu o volume numa mão. O seu mordomo, que estava de pé a um lado com um prato pequeno e ligeiramente ensanguentado de ervas em pó e um copo de vinho cheio num tabuleiro, deu um passo em frente. Sir Edward pegou no copo, substituiu-o pelo livro, e o mordomo recuou novamente.

— Meus caros amigos — disse Sir Edward. — Têm nas vossas mãos a colheita de fundação de um dos melhores produtores de vinho do mundo, um copo de vinho que ninguém vivo pode afirmar ter provado. — Fez uma pausa, varrendo a sala com os olhos. — Ninguém, isto é, exceto nós. É um prazer absoluto partilhar convosco esta noite este *Domaine de la Romanée-Conti* de 1869. — Fez uma nova pausa e todos aplaudiram cautelosamente, atentos aos copos. — Como muitos de vós sabeis, este projeto está a ser preparado há anos, desde que o sonhei pela primeira vez nas vinhas calcárias da Borgonha... e é um sonho que nunca poderia ter realizado sem a cooperação e a colaboração de Richard Maxwell e da doutora Maram Ebla.

Richard estava do outro lado da sala, mas era fácil de ver devido à sua altura, e Nicholas sentiu o maxilar cerrar-se ao ver o tio inclinar a cabeça, sorrindo, para aceitar os aplausos ligeiros. Maram devia estar a fazer o mesmo ao seu lado, mas estava escondida da vista de Nicholas por um homem particularmente entroncado com um casaco *Tom Ford* da última estação.

— E agora, levantemos os copos para um brinde.

Ao redor de Nicholas, braços elegantes erguiam-se, mas ele não conseguiu obrigar-se a fazer o mesmo. *Cooperação e colaboração*, que disparate. Sir Edward podia ter tido a ideia, tal como Richard podia ter intermediado o acordo e Maram podia ter enviado pessoas a França

para recolher folhas de uva e terra da vinha, mas fora Nicholas quem passara quase seis meses a redigir o livro em si; era ele quem tinha a cicatriz mal sarada ainda a repuxar-lhe a dobra do cotovelo; era ele quem ficara sem quase um litro de sangue.

O brinde terminara e toda a gente estava a fazer girar o vinho nos copos e a levá-los aos lábios, a beber, a exclamar, a felicitar, a dar palmadinhas nas costas de Richard, a apertar a mão a Sir Edward — e nenhum deles estaria naquela sala se não fosse Nicholas, e nem um deles o sabia.

Virou-se para Collins, que tinha a boca cheia de vinho e não parecia contente com isso.

— Vou apanhar ar — disse ele. — Não me sigas.

Collins cuspiu o vinho para o copo.

— Isso é nojento — disse Nicholas.

— Concordo — disse Collins. — Sabe a peúgas.

A mulher que estava mais perto dele ouviu aquilo e virou o seu longo pescoço drapeado de pérolas para lhe lançar um olhar de absoluto horror. Ele fez um esgar a pedir desculpa e disse a Nicholas, em voz muito mais baixa:

— Sabes que seguir-te é basicamente tudo em que consiste o meu trabalho, certo?

Nicholas revirou os olhos e afastou-se, desviando-se de uma escultura de metal pontiaguda e de vários convidados que bebiam vinho e dirigindo-se para a porta de correr de vidro que dava para a varanda. Ouvia os passos pesados de Collins atrás de si quando abriu a porta e saiu para o ar frio e húmido de novembro, mas, para crédito do guarda-costas, este ficou dentro do apartamento. Através do vidro, Nicholas viu-o assumir a sua posição incómoda em frente à porta. Enfiou a mão grande num dos bolsos e depois tirou-a, encostou-se à parede com uma casualidade estudada e provou o vinho outra vez, com a boca a franzir-se.

Nicholas virou-se de costas para a porta, para Collins, para a festa e para todos aqueles copos de um vermelho cintilante. Umas minúsculas gotas de chuva tocavam-lhe no rosto e humedeciam-lhe o cabelo, e ele tremia um pouco por baixo do seu *smoking* verde-escuro, mas o ar frio sabia bem depois do calor da festa. Na varanda, havia dois sofás de exterior e uma mesa pequena com tampo de vidro com um par de

cadeiras. Nicholas permaneceu de pé, apoiando os braços no gradeamento metálico da varanda e olhando para as luzes brilhantes da cidade à noite. Conseguiu ver a cúpula e as colunas iluminadas da Catedral de St. Paul e, ao longe, o círculo luminoso do London Eye brilhava azul contra o céu de um cinzento baço de carvão.

Ainda não tinha provado a sua própria criação, e levou o copo de vinho aos lábios. Apesar da sua irritação com Sir Edward e o seu tio e... bem, com tudo, na verdade, tinha de admitir que aquela encomenda em particular fora interessante. Agradara-lhe a pesquisa, que requêrera escrever a um historiador de botânica de Cambridge para descobrir que ervas poderiam ter crescido numa vinha da Côte de Nuits em 1869 e que eventos climáticos poderiam ter afetado as uvas (uma primavera particularmente quente, como veio a verificar-se). A escrita em si tinha sido um desafio raro, uma manipulação sinuosa da linguagem para replicar não só o sabor do vinho, mas também a cor e os seus efeitos inebriantes. Estava curioso por ver como tudo se tinha combinado no resultado final.

O sabor chegou primeiro ao nariz de Nicholas, uma explosão escura e vívida de bagas antes de um deslizar pedregoso e sedoso na língua, um eco de mineral empoeirado, de frutos vermelhos maduros e do final lânguido de um longo dia de verão, como o canto dos pássaros ao fim da tarde. Uma nota de especiarias de madeira conduzia a um final longo e maravilhosamente estruturado.

— Bem, que caras — disse em voz alta. Bebeu mais um gole, depois outro. No fundo, esperara que soubesse a sangue, mas não. Sabia a vinho; a um vinho requintado, doce e terroso. (Nada parecido com peúgas, *Collins*.) Sentiu um lampejo de orgulho, que, naquele momento, suplantou a sua amargura. Não havia maneira de saber verdadeiramente se era uma cópia perfeita da colheita que Sir Edward tinha pedido, mas Nicholas sentia-se confiante na proximidade da ilusão.

Mas era apenas isso: uma ilusão.

Com metade do copo já bebido, Nicholas conseguia sentir que o ardor suave do álcool começava a bolear as arestas do seu mau humor, mas também isso era uma espécie de ilusão. Assim que o feitiço passasse, o que aconteceria dentro de aproximadamente uma hora, o vinho no seu corpo transformar-se-ia novamente em água.

Quando era jovem e começou a ter aulas de história e de assuntos da

atualidade, imaginou-se a escrever livros que pudessem transformar pedras em pão e lama em maçãs, um futuro heroico em que acabaria para sempre com a fome no mundo. Maram tinha-lhe dissipado rapidamente essas ideias grandiosas. As pedras e a lama sob o efeito da magia, por muito que soubessem a pão ou a fruta, voltariam a ser pedras e lama antes de poderem ser processadas pelo corpo. Seria como se as pessoas comessem terra.

Ouviu o deslizar da porta de vidro atrás de si e o ruído da conversa da festa antes de a porta se fechar e o abafar de novo, e a voz de Maram veio de algures à sua esquerda.

— Estás a desfrutar dos resultados do teu trabalho árduo?

Nicholas não gostava que as pessoas se aproximassem do seu lado cego. Não se virou para olhar para ela, limitando-se a fitar a cidade.

— Prefiro beber um vinho verdadeiro péssimo a um excelente vinho falso — respondeu.

Maram avançou deliberadamente para o campo de visão dele e levantou uma sobrançelha escura. Era uma mulher pequena e robusta, com pele de um castanho-dourado e cabelo preto com alguns fios grisalhos, e vestia-se frequentemente em tons semelhantes — blusas de seda castanha, casacos compridos beges, brincos de ónix encastoados em prata. Nessa noite, estava com um brocado ocre e uma capa de seda preta. Aquela paleta de cores conferia uma impressão geral de uma fotografia em tons de sépia, de uma pessoa em pose perpétua, e o seu rosto estava agora disposto num instantâneo que Nicholas conhecia bem: a linha gravada acima da sua sobrançelha frequentemente levantada, o sorriso ligeiro, o olhar firme.

— «Falso» é incorreto — disse ela, sempre atenta à semântica.

— Fugaz, então — disse Nicholas.

— Tudo na vida é fugaz — entoou ela, embora Nicholas pudesse ouvir o sorriso na sua voz; ela sabia como ele desprezava a filosofia banal.

— Como está a cena lá dentro? — perguntou ele. — Sir Edward continua a fazer de Jesus para as suas massas adoradoras? Já começaram a beijar-lhe os pés?

— Porquê? — disse ela. — Preferias que beijassem os teus?

Aquilo irritou-o um pouco. Ele queria que lhe dessem crédito, não que se ajoelhassem diante dele.

— E estragarem-me os sapatos com batom? — disse. — Não.

— Pelo menos, o Richard está a divertir-se — disse Maram, e Nicholas seguiu o olhar dela através das portas de vidro. Para lá da vaga distorção das luzes da cidade e do seu próprio reflexo, conseguia ver a maior parte da festa, e era fácil identificar o rosto bonito e sem idade do tio, uma cabeça acima da maioria dos que estavam reunidos ali, a rir. O pai de Nicholas, o irmão mais novo de Richard, supostamente também fora alto, e, por isso, em criança, Nicholas esperava também vir a sê-lo, mas ele tinha sido enganado nessa promessa familiar em particular e ficara-se pelo metro e setenta e cinco.

— Ele está no seu elemento — disse Maram, o que era verdade.

A lista de convidados era constituída por pessoas ricas que se consideravam patronos das artes, e Richard não era exceção. Era menos mecenas e mais colecionador — a arte era, de facto, a menor das coisas valiosas que colecionava —, mas adorava qualquer oportunidade de conviver com outros entusiastas.

Nicholas tentou ele próprio levantar uma sobrelhaça, embora pudesse sentir que era um desastre. Anos a praticar o tipo de intriga de Maram ao espelho, e só conseguia parecer comicamente surpreendido.

— Quem me dera que ele me tivesse deixado ir àquela festa de fim de temporada no West End na semana passada — disse Nicholas. — Eu gosto de atores. — A sua mãe tinha sido atriz, uma atriz escocesa de teatro cujos programas Nicholas ainda guardava na mesa de cabeceira.

— Naturalmente que gostas de atores — disse Maram, apertando mais a capa à volta do corpo. O seu cabelo brilhava com gotículas da névoa. — Narciso no lago.

Nicholas ignorou o remoque.

— Só me estava a referir a que não era isto que eu queria dizer quando pedi para sair, e tu sabe-lo.

Outra sobrelhaça levantada.

— Querias o quê, Nicholas... uma discoteca? Música tão alta que não conseguirias gritar por ajuda se acontecesse alguma coisa? Uma pista de dança tão cheia que o Collins não seria capaz de chegar ao pé de ti a tempo?

— Não preciso de uma discoteca — disse Nicholas. — Um *pub* seria suficiente. Com, tipo, pessoas com menos de trinta anos, para variar?

— O Collins tem menos de trinta anos.

— Pessoas que não sejam pagas para estar perto de mim.

Assim que o disse, arrependeu-se, porque o rosto de Maram — normalmente tão travesso e controlado — ficou de repente suavizado com piedade. Sentiu que corava e virou costas. Permitira-se esquecer-se de que ela era uma dessas colaboradoras pagas.

Ela trabalhava para o Richard e para a Biblioteca desde que ele se lembrava, primeiro como secretária encarregada de organizar os apontamentos do seu falecido pai, depois como tutora principal de Nicholas, e no momento presente como bibliotecária-chefe e... bem, como namorada de Richard, supunha Nicholas, embora essa parecesse uma forma infantil de o dizer. Parceira, então, em todos os sentidos da palavra. Embora Maram sempre tivesse deixado claro que não tinha qualquer interesse em fazer o papel de mãe dele, ou mesmo de tia, continuava a ser o mais próximo que Nicholas alguma vez tivera de uma ou de outra; e agora que já era mais ou menos crescido, por vezes deixava-se ir na onda e considerava-a uma amiga.

Mas ela não era uma amiga. Era uma funcionária da Biblioteca, tal como Collins, tal como o seu médico e o seu cozinheiro e as pessoas que lhe traziam o pequeno-almoço e lhe lavavam a roupa. O mesmo que todos os outros na sua vida, exceto o tio, porque Richard *era* a Biblioteca. Poder-se-ia argumentar que até Nicholas era tecnicamente seu empregado, assim como seu sobrinho e herdeiro da Biblioteca.

— Eu sei que te tens sentido só — começou a dizer Maram. Nicholas retraiu-se da mão que ela pousou no seu braço, com o último gole do seu vinho fugaz a agitar-se no copo.

— Sinto-me *enfastiado* — disse ele —, não só.

Ela tinha conseguido agarrar-lhe o pulso, no entanto, com as unhas pintadas de vermelho a cravarem-se na sua pele, mesmo através do tecido de lã do *smoking*, ele apercebeu-se de que o toque dela não se destinava a consolá-lo, mas a avisá-lo. Um homem estava a abrir a porta de correr e a sair para se juntar a eles na varanda — alguém que Nicholas não conhecia. Viu Collins aparecer das sombras junto à porta, com a testa franzida, claramente a decidir se devia segui-lo ou não. Maram abanou-lhe a cabeça de uma forma rápida e subtil, e ele recuou.

— Brrr — queixou-se o homem, fechando a porta. — Está frio como a teta de uma bruxa aqui fora. — Era um homem branco, com mais de meia-idade, com um forte sotaque americano e dentes perfeitos que, sem

dúvida, se destinavam a fazê-lo parecer mais jovem, mas tinham o efeito contrário de envelhecer o resto do rosto à volta da sua falsa juventude.

— Senhor Welch! — exclamou Maram, fazendo-lhe o sorriso que reservava para as pessoas de quem não gostava, todo lábios e sem chegar aos olhos. — Já lá vai algum tempo, não é verdade?

— Cinco anos — disse ele, dando-lhe um aperto de mão e segurando-a durante um momento mais do que o normal. — Devia ter adivinhado que a veria aqui. Deus sabe que há pessoas suficientes nesta multidão que poderiam pagar o seu... — engasgou-se, tossiu, aclarou a voz, e encontrou uma maneira de contornar o que quer que fosse dizer. — O seu produto.

Maram soltou graciosamente a mão.

— E *eu* suponha que os americanos consideravam indelicado falar de finanças numa festa.

O senhor Welch riu-se de uma forma que talvez supusesse que seria «jovial».

— Bem, pode tirar o texano do Texas, mas, mesmo depois de alguns anos aqui na alegre e velha Inglaterra, gosto de manter as coisas honestas.

Nicholas estava a esforçar-se por o situar e deve ter parecido demasiado interessado, porque o senhor Welch olhou para ele.

— És o sobrinho do Richard, não é verdade? Fazes parte do... — outra tosse, essa áspera e soando dolorosa. — Parte do...

Mesmo que o senhor Welch não se tivesse proclamado um cliente de longa data, Nicholas teria sabido, pelas pausas forçadas no discurso do homem, que ele estava sob um dos feitiços de confidencialidade da Biblioteca.

— Do negócio da família? — Nicholas terminou por ele. — Por quem é, não. Não tenho cabeça para isso. — Estendeu-lhe a mão, já bastante molhada devido à chuva fininha que caía, e agarrou a do senhor Welch, sacudindo-a com demasiado vigor. — Estou em Oxford, no Colégio St. John's, a estudar Teologia.

Estava, de facto, matriculado no colégio, ou, pelo menos, o seu nome apareceria em todas as listas, se alguém seguisse a pista.

— Teologia — repetiu o senhor Welch.

— Admito que pressionei a doutora Ebla para que me proporcionasse uma orientação independente para a minha tese; ela conseguiu que eu

tivesse acesso às vestimentas tradicionais da Igreja Anglicana, um trabalho de costura bastante extraordinário. Alguma vez teve oportunidade de as ver?

— Não posso dizer que sim — respondeu o senhor Welch, claramente aborrecido com a mentira, como Nicholas tinha esperado. A sua atenção voltou-se de novo para Maram. — Deve ter sido em Oxford que arranjou esse título de doutora.

— É verdade — confirmou Maram.

— Mas não é inglesa, originalmente — disse o senhor Welch; uma pergunta com segundas intenções, que teria despertado o interesse de Nicholas se ele não tivesse ouvido Maram evadir-se dela mil vezes.

— Não sou — disse ela, ainda a sorrir, embora o cariz do seu sorriso tenha mudado subtilmente.

— Pela sua maneira de falar, não adivinharia — disse o senhor Welch. — Parece a própria rainha.

— Como é que adivinhou, então? — perguntou Maram num tom agradável, acrescentando de seguida: — Suponho que poderia comparar o meu sotaque a... oh, a uma boa falsificação, digamos.

Nicholas ficou interessado ao ver o rosto corado do senhor Welch empalidecer.

— Bem — disse ele, recuando —, é melhor dar à sola antes que a minha mulher venha à minha procura. Prazer em conhecer-te, meu jovem. Doutora Ebla, sempre um prazer.

Voltou a entrar na festa, e Maram disse:

— Também devíamos ir para dentro. Estás a tremer.

— Não, não estou — disse Nicholas, e depois estremeceu por ter soado tão acriançado. — Estou — emendou. — Mas prefiro estar aqui fora a tremer a lá dentro a fazer-me simpático com... oh, por amor da santa.

Tinha visto Richard passar pelo senhor Welch lá dentro, os dois homens a acenarem um ao outro enquanto Richard se dirigia para a varanda e, daí a um segundo, o seu tio estava a abrir a porta. De nada valia ter ido para ali para estar sozinho.

— Que é que o senhor Welch queria? — perguntou Richard imediatamente, debruçando-se sobre Nicholas com preocupação. — Ele queria falar contigo?

— Estava interessado na Maram, não em mim — disse Nicholas. — E

é só uma ideia... talvez perseguir-me até aqui não seja a maneira mais inteligente de desviar a atenção com que pareces estar tão preocupado? Pelo menos, o Collins teve o bom senso de ficar lá dentro.

Richard pareceu sobressaltado e de seguida embaraçado, e fez um esforço visível para parecer descontraído. Olhou para Maram, que lhe fez um aceno de cabeça tranquilizador.

— Está tudo bem, querido — disse ela.

— Como te sentes? — perguntou Richard, pousando uma mão no ombro de Nicholas e olhando atentamente para o seu rosto. — Está frio aqui fora e tu estás com um aspeto um pouco...

— Com um aspeto fantástico — interveio Nicholas. — Obrigado por teres reparado. A gravata é *vintage*.

Richard sorriu, mas não conseguiu esconder completamente a sua preocupação. *Preocupado, preocupado*, pensou Nicholas — ele estava sempre tão preocupado. Era cansativo suportar o peso constante de toda aquela preocupação bondosa. O próprio Richard nunca adoecia e nunca parecera saber exatamente como lidar com a saúde de Nicholas, ou a falta dela.

— Talvez seja melhor levar-vos daqui para fora — disse Richard.

Nicholas franziu a testa.

— O senhor Welch era um cliente curioso; e depois?

— Por um lado — disse Maram —, foi ele quem encomendou aquele feitiço de falsificação que tanto te incomodou, para vender um Kooning falso...

— Hum, essa encomenda não foi nada digna.

— ...e é possível, até provável, que algumas das falsificações mágicas com que ele lucrou tenham sido vendidas a pessoas neste mesmo evento.

Nicholas não pôde deixar de se rir. Esse facto punha em perspetiva o comentário de Maram sobre o sotaque dela e a retirada apressada do homem.

— Por outro lado — prosseguiu Maram —, tu não te estás a divertir. Tu próprio o disseste.

— É mais divertido do que ficar fechado na Biblioteca com a *Sir Kiwi*!

Mas ela tinha-lhe pousado a mão no cotovelo e estava a conduzi-lo para fora da varanda, o que ele permitiu apenas porque, na verdade, estava com bastante frio. Voltaram para a sala de estar quente, que

cheirava a água-de-colônia e a vinho e aos horríveis canapés que tinham sido servidos antes da leitura e que estavam nesse momento a ser servidos novamente pelos empregados da casa vestidos de preto. Quando entraram, Collins comeu uma miniquiche como se ela o estivesse a atacar.

— Collins — disse Maram. — O carro.

Collins acenou com a cabeça e saiu pela cozinha.

— Isto é ridículo — protestou Nicholas. — Se me mandassem para casa sempre que alguém me fizesse uma pergunta, nunca sairia da Biblioteca. Ah, espera aí. Eu nunca *saiu* da Biblioteca.

— Trazer-te aqui foi um risco, de qualquer forma — confessou Richard. — Já várias pessoas me fizeram perguntas sobre ti.

— As pessoas só estão interessadas em mim porque estão interessadas em vocês os dois, na Biblioteca — disse Nicholas.

— Não — disse Maram. — Tu atraís a tua própria atenção.

Nicholas encolheu os ombros. Objetivamente, ele não era diferente de qualquer outro homem branco normal com vinte e poucos anos; talvez fosse um pouco mais bonito e mais bem-vestido, mas até ele, um alegado narcisista, podia admitir que se devia sobretudo ao dinheiro. No entanto, estava habituado a que as pessoas — absolutos estranhos — olhassem para ele e depois olhassem outra vez, semicerrando os olhos como se pensassem que deviam reconhecê-lo.

Os únicos traços que o poderiam fazer sobressair eram as suas numerosas cicatrizes, normalmente cobertas por roupas, e a prótese do olho esquerdo, que combinava perfeitamente com o olho direito no aspeto, se não no movimento. Mas essas duas coisas eram muito difíceis de detetar, a menos que uma pessoa estivesse à procura delas, o que poucas pessoas alguma vez estavam. No entanto, de alguma forma, embora Richard e Maram devessem ter sido mais notados no geral, era sempre em Nicholas que as pessoas se focavam, como se pudessem de alguma forma sentir o poder no seu sangue.

— A culpa não é minha — disse ele.

— Pois não — disse Richard. — A culpa é minha por te ter deixado vir esta noite.

Nicholas respirou longa e lentamente, tentando controlar a sua raiva latente e falhando.

— Sabes, as escolhas do meu pai fazem mais sentido para mim a cada

dia que passa.

Os três estavam à margem dos grupos de pessoas, de frente para a sala de visitas, como atores a representar para uma plateia, mas, ao ouvir aquelas palavras, Richard virou-se, mal se contendo. Parecia mais angustiado do que zangado, e Nicholas sentiu uma pontada de culpa.

— As escolhas do teu pai fizeram com que ele e a tua mãe morressem — disse Richard, em voz muito baixa. — E eu tenho passado toda a minha vida a certificar-me de que não te acontece a mesma coisa.

— Tens passado toda a *minha* vida, queres tu dizer.

— E vou passar o resto do ano da mesma maneira — disse Richard.

Por um momento, Nicholas não conseguiu falar. Aquela era uma velha discussão que tinha vindo à tona muitas vezes ao longo dos anos, e até há pouco tempo os protestos de Nicholas tinham sido superficiais, mais para exercitar a sua capacidade de independência do que para realmente a usar — mas ultimamente qualquer pensamento sobre «o resto da sua vida» fazia-o entrar em parafuso e cair numa espécie de desespero frustrado que não conseguia articular.

O problema é que sabia exatamente como seria o resto da sua vida: uma monotonia contínua de corredores de mármore, agulhas, caldeirões de sangue a ferver, ervas malcheirosas, papel novo e estaladiço, dedos com câibras, visitas de médicos, suplementos de ferro, as mesmas caras dia após dia. De vez em quando, como nessa noite, era levado a passear na sua trela curta e deixavam-no cheirar alguns tornozelos antes de o puxarem de novo para casa.

A última vez em que se sentira tão sem ar, tão desesperado por mudança, fora há dez anos, em São Francisco, quando tinha treze anos. Nessa altura, andava há semanas a assediá-lo Richard, alternadamente a implorar e a exigir mais liberdade, e o que tinha acontecido? Todos os medos de Richard se tinham tornado realidade. Nicholas perdera um olho — e quase a vida, como os pais antes dele.

Percorreu-o um tremor de pânico recordado, e a sua raiva fundiu-se subitamente, como se um fio elétrico tivesse sido cortado.

— Compreendo como te sentes — disse Richard, olhando para ele com tanta afeição e pena que Nicholas não conseguiu retribuir o olhar. — Mas estar em perigo é o seu próprio tipo de ferrolho. Há uma liberdade na segurança, Nicholas. Lembra-te disso.

— Richard! — chamou Sir Edward do outro lado da sala, acenando-

lhe a chamá-lo. — Quero que conheça uma pessoa!

Um potencial cliente, provavelmente, que era sem dúvida a razão pela qual Richard se tinha dignado comparecer àquela farsa e pela qual ficaria. Para promover o produto. Sendo que o produto era Nicholas, que Richard despachou com uma palmadinha compreensiva no ombro antes de pisar o tapete e desaparecer de novo na multidão.

— Anda daí — disse Maram. — O carro está à espera.

Um membro do pessoal foi buscar os casacos, e os restos de raiva de Nicholas desapareceram à medida que o empregado assentava o seu peso nos ombros. Nos últimos tempos, Nicholas andava constantemente a galgar essas ondas, esses pequenos surtos de raiva seguidos de exaustão, uma a alimentar a outra num circuito de retorno. Precisava de dormir mais, provavelmente. De fazer mais exercício. (De mais ferro, zumbiu a voz do médico na sua cabeça.)

Em vez disso, fez uma longa e silenciosa viagem de elevador até uma rua escura e húmida de Londres e uma leve chuva de novembro, com as luzes dos faróis a brilharem no pavimento. Collins estava à espera deles, de braços cruzados. Um dos carros da Biblioteca, um elegante *Lexus* preto anónimo, parou em frente de Nicholas e Maram, e o arrumador saiu e depositou as chaves na mão estendida de Maram, com um ar desconfiado. Com certeza, ele estava à espera de um motorista profissional, não de uma mulher com um vestido até aos pés, mas os motoristas estavam fora de questão: como apenas o sangue de Richard e Maram se encontrava nos esconjuros antigos da Biblioteca, apenas Richard e Maram conseguiam encontrar o local — e Nicholas, claro, porque a magia não o podia tocar como tocava as outras pessoas, mas ele não sabia conduzir.

Nicholas subiu para o imaculado banco de trás em pele e a seguir entrou Collins, cujos ombros largos fizeram com que o espaço parecesse subitamente mais pequeno.

— Divertiste-te esta noite? — perguntou Collins, sorrindo trocista.

— Não tanto como tu te divertiste — respondeu Nicholas. — A guardar o tesouro mais precioso da festa.

— Queres dizer a tomar conta de uma criança — disse Collins.

Collins tinha sido contratado há seis meses e, embora talvez não fosse o primeiro dos guarda-costas de Nicholas a desprezá-lo, era o primeiro a demonstrá-lo — e, por alguma razão, Nicholas achava aquilo relaxante.

O seu último guarda-costas, Tretheway, também ele americano, tinha sido muito atento e deferente para com Nicholas, mas tão casualmente cruel para com os outros membros do pessoal que ele pedira a Richard que o dispensasse, abismado com a sua duplicidade. Collins só tinha uma cara: uma cara carrancuda. Era evidente que se ressentia de receber ordens de um tipo da idade de Nicholas, um tipo que ele considerava mimado e um mole. Isso só fazia com que Nicholas sentisse ainda mais vontade de mandar nele.

— Aperta o cinto de segurança — disse Nicholas.

Collins ignorou-o, ocupado a desapertar a gravata e a abrir o botão de cima da camisa.

— Fortinbras — tentou Nicholas.

Aquilo provocou uma reação. Os lábios de Collins contraíram-se e ele abanou a cabeça.

— Muito perto — disse ele. — Um destes dias, em breve.

— Que pena. Fortinbras Collins soa-me bem.

Os pneus chiavam no asfalto lamacento e Nicholas pôs-se a olhar pela janela traseira de vidro fumado enquanto o edifício se ia tornando indiferenciado e passava a ser apenas mais uma luz numa cidade feita de luzes. Pensou na desagradável encomenda do senhor Welch; e depois em como a maior parte das suas missões era desagradável, sem qualquer arte, apenas exigências bruscas. Mesmo aquele último livro, apesar de todos os desafios interessantes, não passava, no fim de contas, de um disparate fátuo, apenas hedonismo e estatuto.

Teria sido sempre assim? Cansativo? Ou seria que Nicholas estava simplesmente a ficar mais velho? Nos últimos tempos, era mais difícil recuperar depois de ter escrito um livro, o seu sangue parecia mais lento a reabastecer-se, deixando-o fraco, trémulo e lento durante dias. E para quê? Dinheiro? Não precisava de mais dinheiro. Nem precisava de que lhe beijassem os pés, obviamente — mas um «obrigado» seria agradável, ou mesmo um simples aceno de reconhecimento de alguém que não fosse Maram ou o tio. Por uma vez, queria que alguém olhasse para ele e visse o que podia fazer. E que visse, talvez, o que isso lhe custava.

Maram olhou-o nos olhos pelo retrovisor e fez-lhe um pequeno sorriso de simpatia.

— Que te parece? — disse ela. — Se amanhã eu te levar a jantar fora? Podemos voltar à cidade cedo, ir àquela loja de botas de que gostas,

observar as pessoas até te fartares, e, se escolheres o restaurante, certifico-me de que arranjamos uma reserva. Tudo menos o raio de massas.

O cozinheiro deles era italiano, o que se notava, embora as refeições de Nicholas tivessem tendência a ser bastante diferentes das de todos os outros.

— Tudo menos o raio de um bife malpassado — contrapôs ele.

Maram parou num semáforo vermelho.

— Que tal bem-passado?

Nicholas abriu a boca para responder, mas, de repente, sem qualquer aviso, a porta do lado do passageiro na frente abriu-se e um homem lançou-se para dentro do carro, batendo com a porta e virando-se num movimento fluido até ficar ajoelhado no banco ao lado do de Maram, com a mão estendida para trás. Nicholas teve um vislumbre de pele pálida, pescoço grosso, ombros largos, rosto desconhecido, antes de ver que a mão segurava uma arma, e que esta estava apontada diretamente à sua cabeça.

Houve um instante de silêncio absoluto.

— Larga isso — ordenou Collins.

— Se disparares contra mim, eu disparo contra ele — disse o homem. Collins tinha puxado da sua própria arma, mas não a tinha sacado suficientemente rápido para fazer pontaria; pairava no seu regaço, e todo o corpo dele estava rígido. Através do para-brisas molhado, Nicholas viu o borrão de verde quando o semáforo mudou. — Arranca — disse o homem a Maram.

— Oh, meu Deus — choramingou Maram, e soou tão diferente do habitual que a mente paralisada de Nicholas finalmente despertou para o terror. — Oh, meu Deus...

— Eu disse para arrancares.

A visão de Nicholas tinha escurecido e afunilado, e algo rugiu nos seus ouvidos: a sua própria pulsação latejante.

— Por favor — gemeu em voz rouca. Era a única coisa que lhe ocorria. Já tinha tido de implorar pela vida uma vez, e também dissera por favor nessa ocasião. *Por favor*, e, mais tarde, *não*. — Não — experimentou dizer.

Maram estava a conduzir, lançando olhares aterrorizados da estrada para o estranho no banco do passageiro e para Nicholas no banco de

trás.

— Que quer? — perguntou ela.

— Que é que achas que eu quero? — disse o homem. Era galês, com uma voz baixa e rosnada que parecia feita à medida para intimidar. — Quero que me leves à Biblioteca.

Maram, que tinha sempre tanto autocontrolo, tanta calma, estava a tremer.

— E depois?

— Fica descansada, não é de ti que ando atrás. É dele. — Não tinha tirado os olhos de Nicholas. — Há muito tempo que andamos à tua procura, rapaz. O que é que a Biblioteca vai fazer sem o seu Escriba de estimação?

O sangue de Nicholas começou a ferver e depois ficou gelado. Aquilo não podia estar a acontecer. Ninguém sabia o que ele era, o que ele podia fazer. Queria negar, mas era outra vez como em São Francisco, o terror, a descrença, e a sua voz estava presa algures no fundo da garganta.

— Precisas dele vivo — disse Collins. — Não lhe vais fazer mal.

— Põe-me à prova — desafiou o homem.

Mas então tudo explodiu.

Foi o que pareceu, pelo menos: um estalido ensurdecedor atravessou o carro e a dor explodiu na cabeça de Nicholas. No banco da frente, alguém gritou, e Nicholas teve a certeza de que tinha sido atingido, de que já estava morto, mas um segundo depois viu que a arma de Collins estava levantada e que o homem no banco da frente tinha tombado contra o tabliê, com o rosto ocultado pelo apoio de cabeça.

Collins saltou para fora do carro, deixando a porta aberta, as luzes interiores acesas, e um segundo depois estava na parte da frente, a puxar o corpo do homem para fora do banco e a saltar para o seu lugar.

— Nicholas, fecha a porta — disse Maram. O medo tinha desaparecido da sua voz e no seu lugar havia uma determinação fria. Já estava a pisar o acelerador, e Nicholas, habituado a fazer o que ela mandava, inclinou-se entorpecido para fechar a porta de Collins. Antes de as luzes se apagarem novamente, viu que havia um buraco no assento ao lado da sua cabeça, um tiro que tinha falhado o alvo por menos de três centímetros. Zumbiam-lhe os ouvidos e estava a ter dificuldade em focar os olhos. Parecia haver umas formas minúsculas a flutuar no

interior do carro e ele fitava-as a pestanejar numa incompreensão atordoadada.

— Abelhas? — disse.

— O quê? — perguntou Maram com rispidez. — Foste atingido? Collins, vê se ele está...

— Ele está bem — respondeu Collins.

— Ar fresco — disse Maram, e baixou o vidro. Algumas das pequenas formas esvoaçaram para fora.

— Tu... tu disparaste contra ele? — perguntou Nicholas. Não conseguia perceber o que tinha acabado de acontecer. Não parecia haver sangue nenhum.

— Disparei — respondeu Collins.

— *Mataste-o?*

Normalmente, Collins falava com mal disfarçado desdém, como se fosse o único adulto num mundo de crianças. Mas, por uma vez, soou como aquilo que era: jovem. A sua voz quebrou-se quando disse:

— Acho que sim.

— Obrigado — disse Nicholas, porque parecia a resposta apropriada. Depois, abriu a janela do seu lado, inclinou-se para fora e vomitou para o vento, com o ácido ilusório a queimar-lhe a garganta enquanto subia. Iria jurar que uma abelha, redonda e felpuda, tinha passado por ele e saído para a noite.

Quando acabou de vomitar, ouviu Collins falar ao telefone, com a voz agora sob controlo.

— Entendido — dizia repetidamente. — Entendido.

Nicholas ouvia a voz do Richard soar metálica pelos altifalantes.

— Ele quer saber se o reconheceste — disse Collins a Maram.

— Não o reconheci — respondeu Maram. — Passa-me o telefone.

Ela e Richard continuaram a falar, num vaivém tenso, mas Nicholas não conseguia concentrar-se nas palavras deles. Continuava a sentir tremores e as mãos tremiam-lhe no regaço como ratos apanhados numa armadilha. Do lado de fora dos vidros fumados, Londres passava num borrão aguarelado.

Tinham passado dez anos desde que acordara naquela cama de hospital em São Francisco, com a cara toda enfaixada em ligaduras. Dez anos desde que o tio se tinha acorçado à cabeceira da cama, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces, agarrando a mão mole de

Nicholas, e dizendo:

— Prometo que nunca mais deixo que te aconteça alguma coisa. — Dez anos desde que Nicholas tinha acreditado nele.

Richard tivera razão. A segurança era o seu próprio tipo de liberdade e Nicholas fora mantido em segurança durante tanto tempo que tinha tomado essa liberdade como garantida. Inclinou-se para a frente, com a cabeça entre as pernas, e deixou-se conduzir, como era sempre conduzido, nunca ao volante, sempre com o cinto de segurança apertado no banco de trás da sua própria vida.

— E eu que pensava que nada podia ser pior do que os canapés naquela festa de merda — disse Nicholas aos seus joelhos.

E Collins, provavelmente porque também ele estava em choque, pareceu esquecer o seu voto pessoal de nunca se rir de nada do que Nicholas dizia e riu-se.

Não foi uma decisão menor, um feito menor, partir de avião do Polo Sul — os aviões não chegavam nem partiam durante o inverno, e viajar durante o verão implicava conseguir um lugar num avião minúsculo programado para uma entrega de material, um avião cujo peso era muitas vezes calibrado até aos últimos gramas; Esther teria sorte se encontrasse espaço para os cinquenta e nove quilos de uma eletricista nervosa.

Não que ela fosse partir.

Ia?

Mais um pequeno-almoço na cozinha, mais uma taça de papas de aveia de que ela não sentiu o sabor. Pearl estava sentada à sua frente, a conversar com Trev, o carpinteiro, mas a lançar a Esther um número suficiente de olhares de soslaio para que ela percebesse que algo estava errado. Uma pesquisa rápida dissera-lhe que o bilhete que tinha entrado pelo espelho estava correto — um avião de carga estava programado para chegar e partir com tempo à justa para ela apanhar o voo indicado nos bilhetes com o seu nome falso. Mas usar esses bilhetes, esse passaporte... seria uma loucura. Obviamente, aquela coisa toda era uma armadilha.

Apercebeu-se de que Pearl estava a falar com ela e desviou o olhar da sua taça.

— Desculpa, o quê?

— Perguntei-te se querias ir esquiar amanhã. Parece que vai estar bom tempo.

Amanhã. Esquiar. Esther não conseguia concentrar-se.

— Talvez.

— Bem, avisa-me e eu reservo dois pares de esquis. — Pearl olhou

para ela. — Estás bem?

— Talvez esteja a apanhar alguma coisa — disse Esther, desistindo finalmente da ideia de trabalhar nesse dia. — Acho que me vou deitar.

Para sua consternação, Pearl levantou-se e seguiu-a até ao corredor, onde estendeu a mão para lhe agarrar o pulso.

— Tu não estás doente — disse, perscrutando o rosto de Esther, que se assegurou de que ela não encontraria nada ali, exceto um interesse neutro. — Há alguma coisa que te está a incomodar.

Esther sacudiu-se suavemente para se libertar da mão de Pearl, tentou não reparar na expressão de mágoa que passou como um clarão nos olhos de Pearl.

— Certo — disse ela —, é o meu estômago.

Sem se deixar dissuadir, Pearl encostou-a a uma parede, ladeou o corpo de Esther com os seus braços compridos para a forçar a olhar para ela. Era uma manobra de poder, mas, quando Pearl falou, parecia tudo menos poderosa.

— Eu fiz alguma coisa? — perguntou.

— O quê? Não, de maneira nenhuma.

— A tua energia tem estado diferente desde a festa — disse Pearl. — Estás estranha. Distante. Como se te estivesse a afastar.

Apesar de estarem tecnicamente em público, o corredor encontrava-se vazio e não havia espelhos por perto através dos quais olhos à espreita pudessem vê-las, portanto, Esther permitiu-se estender a mão e pousou o polegar no lábio inferior de Pearl, que estava a tremer ligeiramente.

— Qualquer que seja a energia que estejas a sentir de mim, não tem que ver contigo — disse. — Juro.

— De que se trata, então?

Alguém estava a passar pelo corredor e Esther baixou a mão.

— Talvez eu esteja simplesmente a encaixar o facto de nos termos inscrito para uma estada de mais seis meses sem árvores.

— Não estás... não te arrependes, pois não?

— Não — disse Esther, impregnando a voz e o rosto com uma convicção que não sentia. Mas a ruga de preocupação entre as sobrancelhas de Pearl alisou-se quando ela ouviu o tom de voz de Esther. — E não me estou mesmo a sentir bem — acrescentou. — Portanto, também é isso. Por favor, não te preocupes.

Pearl olhou para ela, com a preocupação ainda bem patente no rosto

encantador, e, por um instante, Esther imaginou que lhe contava tudo, sobre livros e magia e espelhos e o assassinio da mãe e as regras do pai — mas uma porta fechou-se algures ao fundo do corredor e a fantasia rebentou. Desde a primeira frase que a explicação seria ridícula. Sentiu uma onda de raiva percorrê-la inesperadamente: raiva do pai por ele não ter encontrado uma forma de a proteger, raiva da pessoa no espelho que era mais uma voz que lhe dizia para fugir, e até raiva da sua pobre mãe assassinada, que tinha morrido pelos livros em vez de viver pela filha. Com um esforço, abafou a chama da raiva, cortou-lhe todo o oxigénio até ficar novamente calma. Os sentimentos não a ajudariam a decidir o que devia fazer.

— Dizes-me se precisares de alguma coisa, pelo menos? — pediu Pearl.

— Sim — disse Esther. — Prometo.

Mandou informar o seu supervisor de que estava doente e depois voltou para a cama para pensar. O espelho tinha-lhe dito para não voltar a falar com ele, mas provavelmente o espelho não tinha em mente os seus melhores interesses.

Deveria encontrar outro dos espelhos marcados, posicionar-se diante dele e voltar a exigir respostas?

Não sou a única pessoa que está a ver.

Se isso fosse verdade, então havia mais do que uma pessoa por trás do espelho. E se Esther decidisse que *confiava* no espelho, significava que, provavelmente, estaria a confiar numa única pessoa de entre várias, ou muitas. E havia pelo menos uma ali na base, também, com o livro que ativava o espelho do lado em que se encontravam. Estavam a comunicar, a passar coisas entre eles.

Portanto, o primeiro passo de Esther devia ser encontrar a pessoa do lado em que ela estava — a pessoa com o livro.

Teve um desejo súbito e feroz de que a irmã estivesse ali, não só porque Joanna era uma pisteira de livros que teria farejado a magia em menos de dez minutos, mas porque, quanto mais não fosse, era especialista naquelas coisas. E Esther precisava muito de uma especialista.

Haveria provas físicas do feitiço no corpo de alguém, mas os cortes e os arranhões não eram incomuns naquelas bandas — Esther tinha um corte recentemente curado no dedo anelar provocado por uma chave de

fechas que lhe tinha escorregado, e a maioria dos livros não precisava de mais do que de uma picada de agulha e de umas gotas de sangue. Procurar ferimentos não ajudaria. Abriu o portátil e esperou que o seu *e-mail* do trabalho carregasse, abrindo de seguida o documento com a lista de todos os novos funcionários, que tinham circulado algumas semanas antes. Contudo, não sabia do que estava à procura, e fechou-o, frustrada.

A única ação que lhe parecia ser permitida era uma decisão.

Usar aqueles bilhetes de avião ou não. Confiar na pessoa no espelho ou não. Tinham citado Gil, o que, de alguma forma, significava que a *conheciam*, que conheciam mais do que o seu nome. Mas podia-se ser conhecida pelo inimigo.

Ou então quem quer que estivesse do outro lado tinha simplesmente visto as suas tatuagens e usara-as contra ela.

Parecia tão injusto que, precisamente quando ela tinha decidido ficar, alguém lhe dissesse para se ir embora. E não podia continuar a fingir que os espelhos não tinham nada que ver com ela, o que significava que a paranoia do pai fora bem fundamentada desde o princípio.

No entanto, ela sempre o soubera. Lá no fundo.

Só o tinha posto à prova uma vez, aos vinte e dois anos, depois de três anos a obter meticulosamente um certificado de eletricista de quatro instituições diferentes. A sua última escola tinha sido em Spokane, no estado de Washington, e ela andava com um homem de quem gostava, embora não tanto como gostava de Pearl: um estudante de jornalismo chamado Reggie, que se tinha mudado para Spokane apenas porque aquela cidade adorava basquetebol e ele também.

No final de outubro, ela tinha rescindido o contrato de arrendamento mensal do seu apartamento e emalara as poucas coisas que levaria, como fazia todos os anos, dessa vez num pequeno *Honda* com que tencionava atravessar a fronteira para Vancouver. Reggie tinha chorado quando ela lhe disse que se ia embora, e, inesperadamente, ela também chorara e deixara-se convencer a ir a um último jantar no dia em que devia partir às onze. Ficaria até às dez e meia, pensou, e depois partiria.

Em vez disso, às dez horas, pós-coito e exausta, tinha-se enrolado no círculo dos braços dele e adormecido. Não tomara propriamente a decisão de pôr à prova os avisos do pai e ficar; simplesmente, não partira. Era uma não-escolha, uma ação que tinha sido tomada na voz

passiva, para que ela não tivesse de pensar ou encarar o que estava a fazer.

Acordou com o som de alguém a gritar-lhe ao ouvido.

Foi preciso um momento de pânico para perceber que não era um grito, mas sim o sistema de alarme de incêndio do edifício — e foi preciso mais um momento para ver que estava alguém ao lado da cama. Ainda estremunhada do sono, olhou para baixo, mas Reggie estava mesmo ao seu lado, a piscar os olhos numa perplexidade pegajosa. A pessoa que estava no quarto deles era um homem, grande, branco, louro, com uma arma na mão.

Nessa altura, ela já mudava de lugar há quase quatro anos, e tinha adquirido algumas competências ao longo desse período. Uma delas era a interpretação das pessoas, algo em que sempre fora boa, mas que tinha aperfeiçoado até se tornar uma arte depois de perceber que, se não fizesse amigos rapidamente, nunca os teria. E podia ver no rosto daquele homem, escassamente iluminado através da janela por um candeeiro de rua distante, que ele estava tão assustado com o alarme e por Esther estar acordada como ele. A janela estava escancarada, com o ar frio a entrar. Era mesmo antes do amanhecer.

— Que é isto? — perguntou Reggie. Ele era um tipo grande, com uma voz grave, e ela viu o estranho ficar tenso. O alarme de incêndio tocou e, ao lado dela, Reggie ficou muito, muito quieto. — Estás à procura de dinheiro, meu? Do que é que estás à procura?

O homem levantou a arma.

— Sai da cama — ordenou, fazendo um gesto a Reggie. — Não estou à procura de dinheiro, estou à procura da tua namorada. Se te levatares e saíres daqui, não te vais magoar.

— Conhece-lo? — Reggie perguntou a Esther. Ela abanou a cabeça. A sua voz ainda estava na terra dos sonhos, inacessível, mas ela tinha a certeza de que o rosto do homem não lhe era nada familiar. Lembrar-se-ia dele, com o seu queixo fendido e as sobrancelhas louras quase invisíveis. Pareceu-lhe ver um contorno quadrado de algo enfiado no bolso da frente da sua *sweatshirt* preta fina; o contorno do que poderia ser um livro. Mas estava a imaginar coisas, tinha de estar a imaginar coisas.

— Levanta-te — ordenou o homem louro mais uma vez, e depois, quando nenhum deles se mexeu, apontou a arma com força à cabeça de

Reggie. Esther gritou e Reggie caiu de costas contra a almofada, com o sangue a escorrer-lhe pela cara como uma costura rasgada. Lutou para se sentar, e o homem voltou a bater-lhe. Dessa vez, Esther viu o branco dos seus olhos revirarem-se, e ele ficou imóvel, inconsciente. Ela estava a tremer incontavelmente e pôs as duas mãos no ar.

— Ótimo — disse o homem, e agarrou-a pelo pulso. O seu toque parecia uma algaema. — Agora vem comigo.

De repente, alguém começou a bater com força na porta do apartamento.

— Bombeiros! — gritou uma voz de homem, abafada mas audível. — Abram! Está alguém em casa?

Esther olhou o estranho nos olhos.

— Fica calada — disse ele, apertando-lhe o pulso com mais força e apontando a arma à forma inconsciente de Reggie —, ou eu mato-o.

— Vamos entrar! — gritou o bombeiro lá fora. — Afastem-se da porta!

Daí a um segundo, ouviu-se um enorme barulho e o estranho disse:

— Oh, que porra. — Hesitou, mas o som de passos aproximava-se da porta do quarto, e ele praguejou novamente, largou o braço de Esther, enfiou a arma na parte de trás das calças, e saiu de cabeça para baixo pela janela aberta. Um segundo depois, o quarto encheu-se de bombeiros, que esperavam chamas e encontraram, em vez disso, um homem a sangrar de um ferimento na cabeça e uma mulher a gritar o nome dele.

Afinal, alguém tinha ligado para o 112 e comunicado um incêndio no apartamento de Reggie, talvez por brincadeira, talvez por engano, mas, de qualquer forma, aquilo salvou-lhes a vida. Os paramédicos no local garantiram a Esther que Reggie ficaria bem, mas ela nunca esqueceria a visão do seu rosto atordoado e chocado, coberto de sangue, enquanto o colocavam na ambulância.

Mais tarde, quase se convenceu de que fora uma coincidência, de que o homem louro assaltara o apartamento por dinheiro ou, ideia tenebrosa, para a violentar, mas não especificamente por ela. Porém, quando já se tinha convencido de que não havia razão para o seu pânico inicial, tinham passado muitos meses e estava a viver numa quinta biológica no Norte da Colúmbia Britânica, tão longe da civilização que fazia cocó em baldes com serrim. A cada poucos dias, deslocava-se de

carro quase sessenta quilômetros até à cidade de tamanho razoável mais próxima para ter aulas de autodefesa para mulheres, porque nunca mais queria sentir-se tão fisicamente indefesa perante o perigo.

O curso durou oito semanas, e, quando o terminou, inscreveu-se noutro, e quando esse terminou, inscreveu-se num ginásio de boxe. Quando se mudou de Vancouver para a Cidade do México, mudou para o *jiu jitsu*; em Oaxaca, para o *muay thai*; em Los Angeles, para artes marciais mistas, que lhe agradaram. Fazia-a sentir-se brutal, poderosa e com controlo, e continuou a treinar durante vários anos antes de voltar ao boxe. A recordação da forma inconsciente de Reggie na cama ao seu lado e do aperto da mão do homem no seu pulso tinha-se desvanecido ao longo dos anos, mas ainda era suficientemente forte para que, em todas as rotinas de exercício subseqüentes, preferisse sacos de boxe a tapetes de ioga.

ALI NA ESTAÇÃO, PARECIA SER DE NOVO COMO EM SPOKANE, COM A DIFERENÇA de que ela tinha ultrapassado de propósito o prazo de permanência, confundindo propósito com deliberação e deliberação com lógica. Contudo, a sua escolha de ficar não se baseara na lógica, mas na sensação de vertigem arrebatadora que lhe percorria o corpo sempre que Pearl tocava nela, na forma como a simples presença dela provocava uma pulsação entre as pernas de Esther. Luxúria, paixão, fraqueza, o que se lhe quisesse chamar. Quaisquer outros sentimentos incidentais... bem, a mente e o coração de Esther sempre tinham sido escravos do seu corpo.

Que tolíce a dela ter pensado que podia ter aquilo, algo real. Se não fosse ela a pôr fim àquilo, acabaria como tinha acabado com Reggie: com derramamento de sangue. Não podia pôr Pearl em perigo.

Sem pensar, saiu da cama e começou a apertar os atacadores das botas. O seu corpo estava a tomar uma decisão enquanto a sua mente ainda estava a alcançá-lo, e ela seguiu-o ao mesmo tempo que a levava pelos corredores labirínticos que conhecia tão bem, passando pela cafetaria, pelo ginásio e pela clínica médica até à secção de gabinetes onde ela podia contar que alguém estivesse sentado à secretária de metal em frente ao enorme computador, a carimbar a proverbial papelada e a

aprovar pedidos.

Nesse dia, era Harry, um homem mais velho com um rosto bondoso e curtido como couro, que, consternado, ouviu Esther explicar a sua situação: o pai tinha morrido e pediam-lhe para voltar imediatamente para junto da família, afirmações que eram ambas suficientemente verdadeiras para que fosse fácil proferi-las com verdadeira emoção. As lágrimas nos seus olhos também não eram difíceis de convocar.

Era apenas uma medida de segurança, disse Esther para consigo, depois de ter garantido um lugar no avião de abastecimentos seguinte que se dirigiria para Auckland. Tinha dois dias para analisar as coisas, para avaliar o nível real de perigo e lidar com ele de forma apropriada. Harry enviara-lhe por *e-mail* a papelada, a rescisão do contrato, mas, até que a assinasse, não partiria oficialmente. Ainda havia tempo. Ainda poderia ficar.

DEPOIS, SIMPLEMENTE PORQUE NÃO SABIA QUE OUTRA COISA FAZER, FOI sentar-se na estufa. Tinha passado muitos dos intervalos para o almoço ali, a ler sentada no sofá gasto e sempre húmido que alguém tinha arrastado entre vasos de pimentos e de tomates. A estufa era pequena e quadrada e cheirava sempre animadoramente a terra saudável e à promessa de um mundo autorregulado, embora o sofá cheirasse a cave bolorenta. Misturados, os cheiros reconfortavam-na. Se os seres humanos alguma vez chegassem ao espaço, caixas fantásticas como aquela mantê-los-iam vivos, tal como tinham mantido uma parte dela viva nos últimos meses. Enfiou na boca um pedaço minúsculo de alface, parecido com uma joia, e deitou-se no sofá para olhar para o teto. As luzes eram uma coleção de sóis aproximados.

A própria Esther tinha sido responsável pela manutenção daquelas lâmpadas, por manter a estação abastecida, pelo menos, ocasionalmente, com o sabor da vida. Lembrava-se das suas primeiras semanas ali, a puxar cabos a centenas de metros gelados, do gerador até ao edifício principal, tropeçando no gelo e em pedras soltas, desajeitada e desconfortável no seu fato isolante, como uma criança num casaco demasiado apertado. Dias passados no bege opressivo dos corredores interiores subterrâneos, a confusão de cabos nas paredes, alguns

instalados na semana anterior e outros que já não eram atualizados desde 1968. Deitada no quarto, uma autêntica caixa de sapatos, a ver as luzes do teto piscar, sabendo que seria ela a arranjá-las. Uma sensação de isolamento tão completa que era quase um som, um zumbido sombrio, como imaginava que a magia soava.

Surpreendia-a como, quando o desconhecido se tornava conhecido, nunca mais era possível voltar atrás. Como seria não conhecer a sucção, o som uivante de uma porta aberta numa tempestade de neve muito severa? A textura da borracha congelada, o inconfundível fedor a peixe e a cigarro do cocó de pinguim? Como seria não compreender visceralmente a emoção particular de conduzir por estradas abertas por entre a neve, sabendo que, se o sensor do radar falhasse, cairia no gelo? Se ela partisse — quando partisse —, a Antártida seria uma recordação, depois uma recordação da recordação, e, por fim, seria apenas uma história. Pearl seria apenas uma história, um turbilhão de sentimentos recordados, uma pessoa sobre quem ela falaria nos bares a estranhos que se tornariam amigos e depois estranhos outra vez.

Todas aquelas histórias juntas, no que vinham a resultar?

Numa vida?

Ficou na estufa até depois do almoço, à espera.

À espera de quê? Não se permitiu articular a resposta, não se permitiu fazer uma escolha, porque, se a tivesse confrontado, poderia ter descoberto que era uma má escolha. Estava ali para ter calma, disse para consigo. Estava ali porque a estufa era um espaço tranquilo, afastado do bulício. Àquela hora, havia pouco movimento de pessoas.

Se alguém quisesse falar com ela, digamos, ou confrontá-la... ou mesmo atacá-la... bem, aquela seria a oportunidade perfeita. Uma excelente oportunidade para uma ameaça mostrar a sua cara e permitir-lhe confrontá-la, despachá-la, seguir em frente.

Mas não veio ninguém.

Por fim, levantou-se, descontraíu os músculos tensos e voltou para a estação principal. Percorreu os corredores, passando a mão pelos painéis beges. Aquele lugar era um sistema ordenado e fechado de necessidades humanas. Cada trabalho apoiava todos os outros, e cada trabalho apoiava o funcionamento contínuo da vida. Era muito mais confuso lá fora, no resto do mundo.

Mas não havia problema. Esther conseguia lidar com a confusão.

Perdida em pensamentos, tensa com a adrenalina não canalizada, virou a esquina do corredor a tempo de ver Pearl sair lentamente do seu quarto. Quase gritou um olá, mas algo a impediu. O rosto de Pearl estava virado para o outro lado, a olhar para o fundo do corredor de uma forma peculiar, quase furtiva, que fez com que Esther ficasse alerta. Não, disse Esther para consigo, não, estás paranoica, estás nervosa, Pearl não tem nada que ver com isto.

Pearl virou-se e viu-a, com uma expressão que oscilava entre a surpresa e o alívio.

— Aí estás tu — disse.

— Olá — disse Esther, sorrindo involuntariamente, apesar de tudo. Normalmente, o seu rosto era como as suas mãos confiáveis, completamente sob o seu controlo, mas a presença de Pearl parecia estar ligada aos pequenos músculos nas suas faces que lhe puxavam a boca para cima nos cantos.

— Como não foste almoçar — explicou Pearl —, trouxe-te uma tigela de sopa. Mas esqueci-me de trazer uma colher, por isso, vais ter de a beber, desculpa lá.

— Foi muito atencioso da tua parte — disse Esther. Encontravam-se as duas em frente à porta fechada do seu quarto. Pearl estava de macação e com uma *sweatshirt* grossa. Como tinha o cabelo preso, o pescoço estava à vista, longo, esguio e expressivo como o resto do corpo. Esther resistiu ao impulso de lhe tocar.

— Tu já me conheces — disse Pearl. — Estou sempre a pensar. Onde é que estavas agora mesmo?

— Na casa de banho — disse Esther, e Pearl lançou um olhar perplexo para a casa de banho, que ficava na outra direção. — Aquela estava ocupada. — Fingiu um bocejo. — Vou voltar para a cama, mas obrigada pela sopa.

Pearl estendeu a mão e enfiou dois dedos na gola da *sweatshirt* de Esther, puxando-a para mais perto.

— Achas que é contagioso?

Esther sentiu um azedume subir-lhe pela garganta. Essa era uma forma de o dizer.

— Mais vale prevenir — disse, entrelaçando os dedos nos de Pearl para suavizar o gesto de afastar a mão dela da sua garganta. Não resultou. Pearl afastou-se, acenando com a cabeça.

— Certo. Vou deixar-te em paz, então.

Todos os instintos de Esther lhe gritavam que dissesse ou fizesse qualquer coisa que relaxasse a boca tensa de Pearl, uma palavra meiga, um beijo, mas até ela saber se ia ou não ficar, esses instintos tinham de ser reprimidos. Caso se fosse embora, seria melhor para Pearl que ela comesse o processo nesse momento.

— Mais uma vez, obrigada pela sopa — disse.

Só voltou para dentro do quarto depois de ver Pearl desaparecer no corredor. Como prometido, uma tigela de sopa estava a fumegar na mesa de cabeceira, e, embora Esther tivesse bastante fome, sentou-se na cama a olhar para ela, incapaz de comer. No escritório, tinha-se obrigado a chorar, e os olhos e o peito pareciam querer repetir a atuação anterior. Poderiam tê-lo feito também, se algo não lhe tivesse alertado os sentidos.

Algo na mesa de cabeceira, na disposição da tralha — livros, loção, elásticos para o cabelo —, parecia diferente, como se as coisas tivessem sido mudadas de lugar.

Ou como se faltasse alguma coisa.

Percebeu imediatamente o que era e levantou-se tão depressa que empurrou a tigela. O caldo transbordou da tigela e acumulou-se no painel de partículas brancas. Pôs-se de gatas para espreitar para debaixo da cama, depois começou a remexer na pilha de roupa que estava junto à secretária, com o pânico a dar-lhe volta ao estômago. Esther era desarrumada, mas não era irresponsável nem esquecida, e muito menos com algo tão precioso como o romance de Alejandra Gil. O valor monetário era apenas uma fração do que o livro significava para ela.

Porém, por mais freneticamente que procurasse em todo o quarto o romance de Gil, com a sua capa de brochura verde, vívida e distinta, ele não aparecia. O sangue acorria ao rosto de Esther e, apesar do frio do quarto, começou a transpirar, e o cabelo escapava-lhe do rabo de cavalo e voava à volta da cara enquanto ela procurava. Desmantelou o quarto já desmantelado. As lágrimas que tinha reprimido brotavam-lhe agora nos olhos. Estava ali, estava ali, tinha de estar ali.

Não estava.

Finalmente, depois do que pareceram horas, parou. Acocorada, cedeu a uns segundos de puro desespero desenfreado, com o rosto entre as mãos. De seguida, limpou as faces e fez o ponto da situação. O romance

tinha desaparecido. Não, não tinha desaparecido. Tinha sido levado. Alguém tinha entrado ali e tinha-o levado.

Só poderia ter sido uma pessoa. Só uma pessoa que sabia que o romance estava ali, e que sabia o seu valor, e só uma pessoa que Esther tinha a certeza de que tinha estado ali na ausência dela.

Pearl.

Nicholas acordou ofegante e a espreitar contra as canas emaranhadas de um pesadelo. Tinha o cabelo colado à cabeça com suor, os sentidos como que submersos, o coração acelerado como um comboio de alta velocidade enquanto ele se mantinha imóvel, piscando os olhos para dissipar a visão turva do sono o suficiente para se concentrar no quarto à sua volta. A luz que entrava por uma frincha nas cortinas de linho era turva e cinzenta, e as trepadeiras no papel de parede ficavam alternadamente focadas e desfocadas, mas os latidos de *Sir Kiwi* eram altos, claros e tranquilizadores. Estendeu a mão e agarrou uma mãocheia do pelo dela, sentiu a sua pequena língua na palma da mão e o vácuo do pânico começou a libertá-lo.

— Está bem — disse Nicholas, segurando a cabeça minúscula e teimosa e a ladrar da cadela. — Está bem, está bem, já estou acordado.

Sir Kiwi acalmou-se, como ele, pousando-lhe as patas no ombro e olhando para o rosto dele com a cabeça inclinada. Ele virou-se para o lado e procurou na mesa de cabeceira o romance que tinha sempre ali, uma edição de luxo de 1978 de *Os Três Mosqueteiros*, abriu-o ao acaso e deixou o olhar focar-se no meio da página.

«Para se vingar, ela tem de ser livre. E, para ser livre, um prisioneiro tem de furar uma parede, soltar grades, abrir um buraco num chão, tarefas que um homem paciente e forte pode realizar, mas perante as quais as irritações febris de uma mulher têm de ceder.»

Leu alguns parágrafos, acalmando a respiração ao ritmo da raiva familiar de Milady, até os últimos resquícios do seu pesadelo se desvanecerem.

Tinha pesadelos frequentes em criança, e uma das suas primeiras recordações era o rosto severo e impaciente da sua governanta a pairar

sobre ele no escuro, com a sua voz de sapo a repetir: «Acorda, acorda, não é real.» Durante anos, as únicas noites em que dormia eram aquelas em que Richard lia para ele. Leram todo o tipo de romances juntos, mas o preferido de Nicholas fora *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas. Tinha oito anos quando Richard lho leu pela primeira vez, e já devia tê-lo lido uma dúzia de vezes desde então. O livro parecia crescer com ele, com novas piadas e insinuações a revelarem-se a cada ano que passava, o mundo mais rico, as amizades mais profundas. Como ansiava por viver naquele mundo! Até tinha convencido o tio a contratar um professor de esgrima durante algum tempo, mas os intermináveis exercícios e golpes não se pareciam nada com os duelos do romance. Qual era o interesse de lutar se não havia nada, nem ninguém, por quem lutar?

Nos últimos tempos, os pesadelos tinham-se tornado mais frequentes, e ele passou a ter o romance de Dumas ao lado da cama para ler alguns parágrafos sempre que acordava; um remédio para acalmar os nervos.

Deixou cair o livro na mesa de cabeceira e olhou para o pequeno relógio de latão ao lado. Nove da manhã, mais tarde do que normalmente acordava. Quando ele bocejou, *Sir Kiwi* precipitou-se para tentar lambê-lo o interior da boca, um hábito verdadeiramente repugnante que ele mal conseguiu evitar no último segundo.

— Sim — disse —, eu sei o que tu queres, dá-me um minuto e depois vamos.

Empurrou a cadela para o lado e sentou-se para se dedicar à tarefa repugnantemente satisfatória de descolar as pestanas em redor da prótese. As pestanas do lado esquerdo eram mais escassas do que as do lado direito devido àquela rotina matinal, mas ele gostava demasiado do processo de descolagem para o ceder à toalha de rosto quente que poderia salvar-lhe pestanas.

Daí a pouco tempo, atirou para trás as camadas de cobertores e levantou-se, esperando que terminasse a vaga de tonturas e tremendo no seu pijama de seda. Tonturas e frio constante: efeitos secundários encantadores da perda regular de sangue. Vestiu-se rapidamente e calçou um par de botas *Brioni* com uma sola sólida. Os pés, pelo menos, sentiam-se estáveis.

Por causa dos encantamentos especializados da Biblioteca, aquele era o único lugar no mundo onde Nicholas não era obrigado a ter um guarda-

costas estacionado do lado de fora enquanto dormia, pelo que ficou surpreendido ao ver Collins de sentinela no corredor. O seu grande corpo quadrado tinha sido retirado do fato de festa, e estava agora vestido com o seu uniforme normal, um não-uniforme de calças de fato de treino pretas com vários bolsos, *T-shirt* branca, uns feios ténis americanos de cano alto e o casaco *bomber Gucci* preto de feltro e pele que Nicholas lhe tinha comprado no mês passado, porque já não conseguia olhar para a sua coleção rotativa de blusões desportivo baratos.

— Que fazes aqui? — perguntou Nicholas.

— Guarda-costas — disse Collins num tom arrastado, acentuando o seu sotaque de Boston. Inclinou-se para estender a mão a *Sir Kiwi*. — Como é que é, cão mau? Dá cá mais cinco. — *Sir Kiwi* bateu com a pata na palma da mão de Collins, que procurou uma guloseima no bolso.

— Mas estamos em casa.

Collins endireitou-se enquanto *Sir Kiwi* mastigava o pequeno biscoito.

— Não te lembras do que aconteceu ontem à noite? — Ligou uma lanterna no seu porta-chaves e apontou-a para o olho direito de Nicholas. — Deixa-me ver essa pupila.

— Não, eu lembro-me — disse Nicholas, esquivando-se. — Eu só... o Richard acha que aqui não é seguro? — Tentou não deixar que a sua voz traísse nervosismo.

— É melhor prevenir do que remediar — disse Collins, e levantou a mão para o rádio auricular. — Queres tomar o pequeno-almoço?

— Café — respondeu Nicholas.

— Vou meter-me em sarilhos se te der caféína.

— És o herói do momento, não te vais meter em sarilhos. Além disso, na última vez que verifiquei, a minha dieta não estava sob a tua jurisdição.

Collins apontou para ele.

— Guarda. — Apontou para si próprio. — Costas. — Mas, depois, semicerrou os olhos e disse: — Muito bem, parece que estás a precisar.

Collins comunicou via rádio com a cozinha e pediu dois cafés, depois seguiu pelo corredor sem dizer mais nada.

A *suite* de Nicholas ficava no segundo andar da casa senhorial, na Ala Oeste, num corredor comprido com janelas do chão ao teto e com

bancos baixos de veludo e vasos decorativos sem flores à altura da cintura entre elas. Tinha chovido durante a noite e os vidros estavam manchados de água, o céu era de um madrepérola luminoso que enchia o corredor com uma estranha luz de pálpebras pesadas, fazendo sobressair os vermelho-vivos da carpete por baixo dos pés de Nicholas, mas fazendo com que todas as outras cores parecessem desbotadas.

A casa tinha sido construída no início do século XVII para um dos antepassados ducais de Nicholas e renovada no final do século XVIII, pelo que o interior era todo ele colunas dóricas neoclássicas e pilastras douradas, com cornijas de estuque ornamentadas e tetos de gesso esculpido. No exterior, as paredes eram de pedra lisa, rodeadas por um terreno vasto a que Richard se referia como o «parque dos veados», embora há anos ninguém caçasse ali. O mobiliário era um testemunho da sucessão de séculos que a casa tinha visto: tapetes Savonnerie azul-escuros e vermelhos do período Stuart, secretárias Boulle do século XIX incrustadas com latão e tartaruga, papel de parede de seda chinês, espelhos rococó dourados... camadas temporais de luxo.

Nicholas desceu a grande escadaria, com *Sir Kiwi* a saltar à sua frente. Era uma pomerânia cujo pelo castanho-avermelhado combinava quase exatamente com o cabelo de Nicholas, como se fossem da mesma ninhada. Tinha nove anos, a forma de uma bola de algodão e pesava mais ou menos o mesmo. Fora um prémio de consolação do tio quando ele perdeu o olho, uma capitulação depois de anos a implorar por um cão. Ele sempre se imaginara com um pastor-alemão elegante ou com um *pitbull* cabeçudo, um cão perigoso e leal. Em vez disso, recebera *Sir Kiwi*. Talvez tivesse sido uma brincadeira de Richard, mas o feitiço tinha-se virado contra o feiticeiro, porque *Sir Kiwi* era uma criatura por excelência. Não perigosa, talvez, mas feroz, dedicada, inteligente e uma fonte inesgotável de boa disposição. Era a melhor amiga que Nicholas alguma vez tivera. A sua única amiga, na verdade.

As paredes da escadaria grandiosa e do salão de visitas inferior estavam forradas com retratos a óleo de pessoas mortas, todas antepassadas de Nicholas, algumas de forma bastante evidente. Havia o primo viúvo com o nariz comprido; um tio-avô com o queixo forte; e o pai, John, imortalizado no retrato de um homem com olhos castanhos e risonhos. Nicholas sabia que o seu próprio retrato seria ali acrescentado um dia.

Richard não estava na parede. Alegou modéstia quando o sobrinho fez a pergunta, mas a única vez que Nicholas tinha sido autorizado a entrar no escritório privado do tio, para celebrar a conclusão do seu primeiro livro quando tinha oito anos, viu que Richard mantinha em lugar de destaque um retrato do bisavô do seu avô — o tetravô de Nicholas, fundador da Biblioteca —, que se parecia tanto com Richard que Nicholas pensou inicialmente que eram a mesma pessoa. Assustara-o em criança, porque aquele antepassado fundador, um cirurgião mais conhecido pela sua velocidade com uma serra de amputação, tinha sido pintado com um avental cirúrgico ensanguentado e empunhando uma faca, e Nicholas tinha reparado que a moldura de marfim era apenas de marfim em três lados: o suporte inferior era inequivocamente feito do osso de uma perna humana. Era assustador ver alguém que se parecia com o seu bondoso tio tão completamente encharcado em sangue e rodeado de ossos.

Em criança, Nicholas tinha ocasionalmente encontros supervisionados para brincar com os filhos dos associados da Biblioteca, mas nunca ali na sua casa, e, fora as aulas, passava normalmente os dias sozinho. A casa em si tinha-se tornado uma espécie de amiga para ele, e passara horas intermináveis a brincar com ela: competindo em corridas com o eco dos seus próprios passos no chão de mármore preto-e-branco do Salão de Banquetes vazio; deitando-se debaixo do piano *Steinway* branco na Sala de Estar Verde, nunca utilizada, a olhar para as costelas de madeira silenciosas da sua parte inferior, a brincar às escondidas com a própria respiração. As crianças, nos romances que Richard lhe trazia aos montes, entravam sempre acidentalmente, espantadas, em velhas e misteriosas mansões à procura de magia — e Nicholas tivera a sorte de ter nascido nela, rodeado por ela, feito dela. Em tempos, tinha sido uma fonte de deslumbramento para ele.

No entanto, durante a maior parte da última década, os corredores intermináveis, o mobiliário antigo e pesado e a ornamentação complicada das paredes e dos tetos não lhe pareciam deslumbrantes, mas sombrios e opressivos. Contudo, por vezes, voltava a achá-la bela, como naquele momento. Era reconfortante estar dentro daquelas paredes de pedra familiares, aconchegado por trás dos esconjuros infalíveis.

Ao fundo da escada, Collins parou para escutar alguma coisa pelo

auricular.

— O Richard e a Maram querem-te na Sala de Estar de Inverno.

— A *Sir Kiwi* precisa de sair primeiro.

Collins revirou os olhos, mas transmitiu a informação pelo rádio.

— O Richard diz dez minutos, no máximo.

— Agora não posso ir para os jardins sem autorização? — disse Nicholas.

— Estou apenas a repetir o que me foi dito — disse Collins, e depois hesitou. — Devias saber... o resto do pessoal está confinado aos seus postos hoje. Eu sou o único que pode andar por aqui.

Nicholas virou-se rapidamente.

— Porquê?

— São precauções de segurança até o teu tio poder entrevistar toda a gente com um feitiço da verdade. Para ter a certeza de que não há nenhuns... Não sei, informadores infiltrados, toupeiras, seja o que for.

Nicholas gemeu.

— Suponho que é isso que vou estar a fazer o resto do dia, então. A escrever feitiços da verdade. — Mal tinha recuperado do último livro. — E tu és a exceção por causa do que fizeste ontem à noite?

Collins franziu a testa.

— Acho que sim.

Collins parecia tão cansado como Nicholas se sentia, com os olhos azuis normalmente brilhantes embotados pela exaustão, e, sem querer, Nicholas recordou aquela quebra inesperada na voz de Collins depois do disparo da arma. Nicholas queria perguntar-lhe como se sentia, se estava bem, mas sentia-se constrangido.

— Doug — disse, em vez disso, voltando ao velho hábito de adivinhar o primeiro nome de Collins.

Collins revirou os olhos de forma expansiva e virou-se para a entrada principal.

— Vamos lá passear o teu cão.

— Dougie, então? Douglas?

Apenas Nicholas, Richard e Maram podiam andar no parque dos veados; os terrenos da Biblioteca estavam incluídos nos encantos, e Collins teria sido inútil, demasiado atordoado pelo efeito da magia protetora para se manter de pé mal saísse pela porta da frente. Indubitavelmente, mais ninguém seria capaz de seguir Nicholas, pelo

que, no geral, o nível de ameaça era baixo. No entanto, Collins ficou na porta aberta, de braços cruzados, observando enquanto *Sir Kiwi* corria pela relva molhada seguida por Nicholas.

Ele demorara algum tempo a perceber como as outras pessoas viam a casa e o terreno circundante. Ou seja: não viam. Mesmo os que sabiam que a enorme casa estava ali não se lembravam de como a podiam ver; tinham de se concentrar, e de voltar a concentrar-se, e de argumentar contra os seus próprios sentidos até esses sentidos falharem. Era por isso que todos os escassos funcionários da Biblioteca, cuidadosamente selecionados, eram residentes; se deixassem o local, nunca mais se lembrariam de como voltar.

No entanto, para Nicholas, que era imune à magia, e para Maram e Richard, cujo sangue era incluído como parte do feitiço de esconjuro que ativava todas as noites, a casa parecia tão sólida e óbvia como qualquer outra coisa, uma mansão de pedra gigantesca assente com complacência nas colinas verdejantes de West Berkshire. As silvas rodeavam a base da casa, embora no verão esses ramos nus estivessem ajouçados de rosas em flor, amarelas, cor-de-rosa e de um vermelho aveludado, e o que naquele momento pareciam fendas negras nas paredes de pedra seriam heras verdes a trepar delicadamente para cima.

Como os jardineiros não conseguiam suportar o esforço mental de se lembrarem do terreno em que trabalhavam, o relvado bravio era apenas controlado por um pequeno rebanho de cabras com olhos de gato, várias das quais andavam por ali, a mastigar, sem prestar atenção a *Sir Kiwi*, que corria atrás delas e depois se afastava com latidos alegres.

Nicholas foi até ao lago artificial e sentou-se num dos bancos de pedra molhada, inspirando profundamente o ar frio e húmido. Fingiu para si próprio que estava simplesmente a apreciar o aroma fresco e saudável do lago e que não estava a recuperar o fôlego depois da caminhada penosamente curta, mas não conseguia ignorar que a sua visão estava toldada. Fechou os olhos durante algum tempo, escutando o som da água a mover-se com o vento. Escrever um feitiço da verdade talvez o pusesse de cama durante dias, mas não havia necessidade de pensar nessa possibilidade naquele momento. Em vez disso, concentrou-se em como era bom estar ali fora. Não se apercebera de como se sentia apertado e claustrofóbico até essa sensação se ter dissipado um pouco.

Quando voltou a abrir os olhos, estes fixaram-se na estrada de

cascalho húmido que se estendia pela terra ondulada e pelas colinas distantes e enevoadas. A estrada mais próxima ficava a cerca de oitocentos metros, e, por um momento, a imaginação de Nicholas tomou o comando e imaginou-se a descer o caminho da casa, a chegar ao asfalto preto e liso, a pedir boleia e a desaparecer.

Contudo, essa fantasia era muito menos apelativa do que antes de alguém lhe ter apontado uma arma à cabeça. De qualquer forma, não tinha nenhum lugar para onde ir.

Levantou-se e assobiou a chamar *Sir Kiwi*, e depois deixou que ela o conduzisse de volta à casa e ao calor sufocante da segurança.

NA SALA DE ESTAR DE INVERNO, MARAM E RICHARD ESTAVAM SENTADOS juntos no sofá branco e dourado, com uma pilha de papéis espalhados na mesa de apoio baixa diante deles, juntamente com um maço de aspeto interessante embrulhado em lona encerada. Na fila de janelas, havia pesadas cortinas de veludo que tinham sido puxadas para trás o suficiente para Nicholas poder ver os terrenos enevoados que acabara de deixar, e o lume tremeluzia na lareira de pedra branca.

Estavam ambos confortavelmente vestidos, Richard com um casaco de malha grossa e Maram com uma blusa de seda castanha. Havia uma cafeteira de prata com um bico arqueado num tabuleiro com uma chávena vazia e um jarro de leite. Nicholas dirigiu-se para ele com avidez.

— Uma chávena — disse Richard.

Nicholas sentou-se do outro lado da mesa baixa numa poltrona cor-de-rosa, com os braços esculpidos como cabeças de leão, e baixou o rosto para o café. Richard recostou-se no sofá, com o tornozelo apoiado no joelho, mas, apesar da postura casual, a sua testa estava franzida com uma preocupação silenciosa.

— Como dormiste? — perguntou Maram.

— Como os mortos — respondeu Nicholas. — Desculpa, como os *quase-mortos*.

— Se estás a conseguir dizer piadas, então não compreendes o perigo que correste ontem à noite — disse Richard.

— Tive uma arma apontada à cara — disse Nicholas. — Atrevo-me a

dizer que compreendo.

— Se o Collins não estivesse lá...

— Sim, estou perfeitamente ciente, obrigado — disse Nicholas.

— Como te sentes? — perguntou Richard.

Na verdade, Nicholas não se sentia inteiramente em si; continuava a ver o cano de metal a fitá-lo, a ouvir a réplica aguda do tiro, a sentir o bater do coração, e depois havia aquelas abelhas que, provavelmente, eram uma alucinação (talvez o enchimento do assento baleado, tinha decidido).

Evitou a pergunta e fez a sua própria pergunta.

— Teve algo que ver com o que aconteceu em São Francisco?

— Não sabemos — respondeu Richard, num tom de voz cuidadoso.

— Estamos a tentar descobrir. Independentemente de quem estava envolvido, provavelmente a intenção era a mesma.

Lesões corporais graves, então. Fantástico.

— Sabes o que aconteceu àquele homem depois de o Collins lhe dar um tiro?

Richard estremeceu.

Maram disse sem rodeios:

— Morreu.

— E o corpo dele?

— Está com o nosso pessoal na polícia — disse Maram. — Estão a trabalhar para o identificar, mas ainda não tiveram sorte.

— Teria sido bom — disse Richard — se o Collins não tivesse puxado o gatilho tão prontamente. Se tivesse pensado que poderíamos fazer algumas perguntas antes de disparar aquele tiro.

— Não houve muito tempo para pensar — declarou Maram.

Richard esfregou os olhos com uma mão elegante.

— Mesmo assim.

Nicholas viu-se na posição inédita de querer defender o homem contratado para o defender.

— O Collins salvou-me a vida.

— Sem dúvida que o fez — concordou Richard. — E vai receber um bónus por isso.

— Ótimo — disse Nicholas. — Qual é o valor do bónus que se recebe pela vida de alguém hoje em dia?

O seu tio cerrou os maxilares.

— A *tua* vida não tem preço.

Nicholas teria ficado mais comovido com aquela declaração se não estivesse bem ciente da sua verdade financeira. Desde que o pai morrera, quando ele tinha apenas dois anos, era o último Escriba vivo. Adquirira essa informação graças a um feitiço que Richard tinha herdado e que vasculhava a terra à procura de pessoas como Nicholas — procuradas, ano após ano, mas nunca encontradas. A coleção da Biblioteca era a maior do mundo, a sua vasta reserva de livros emprestados a quem estava por dentro, a um custo elevado e em grande segredo, e, culturalmente, Richard mantinha a sua influência através de parcerias com universidades e museus de toda a Europa.

Financeiramente, no entanto, emprestar os livros antigos não rendia tanto como fornecer livros novos personalizados. Enquanto Nicholas permanecesse vivo, escrevendo, e sob os cuidados da Biblioteca, esta continuaria rica; e enquanto permanecessem ricos, continuariam a ser poderosos. A noite passada tinha acontecido porque alguém localizara a origem desse poder em Nicholas.

— O mistério cria intriga, que cria desejo, que cria produto — disse Nicholas. — Se não me mantivesses em segredo, talvez eu não tivesse um alvo tão grande nas minhas costas.

— Não tenho realmente energia para esta discussão hoje — disse Richard. Mas não conseguiu evitar acrescentar: — Além disso, essa lógica é absurda. Uma pessoa não tentará roubar as Joias da Coroa a não ser que saiba que as joias existem.

— Por favor — pediu Maram —, vamos cingir-nos ao assunto em questão, sim?

— Falta algum dos nossos livros? — perguntou Nicholas.

Se o homem era um ladrão e também um potencial assassino, conseguiriam encontrá-lo facilmente. Todos os livros da Biblioteca tinham uma «data de validade», um feitiço recarregável que remontava ao final do século XX, que tinha sido afixado em cada título da coleção e era adicionado a cada novo livro assim que Nicholas o escrevia, sob a forma de um pequeno símbolo de um livro em relevo na última página. Era, na realidade, um feitiço de localização que era ativado automaticamente no caso de um livro não ter sido devolvido à Biblioteca após o período de empréstimo de quarenta e oito horas; alertava Richard para a localização precisa do livro e não só salvara vários livros

ao longo dos anos, mas também, uma vez, a vida de Nicholas.

Maram, no entanto, abanava a cabeça, horrorizada com a mera sugestão de que alguém pudesse ter surripiado um livro à sua guarda devotada.

— Não falta nada — respondeu.

— Não seria fácil? — disse Richard. — Não, neste momento não temos uma única pista, portanto, vais ficar aqui em casa nos próximos tempos. Pelo menos até conseguirmos obter algumas respostas; por exemplo, como é que aquele homem sabia quem eras. Como é que sabia o que tu és capaz de fazer.

— E quanto tempo é que isso vai demorar? — perguntou Nicholas, com o coração a cair-lhe aos pés.

— O tempo que for preciso.

— E vocês? Também se vão trancar dentro de casa?

— Bem, não, não podemos — disse Richard. — Temos demasiadas coisas a tratar.

— Isso lembra-me — disse Maram — de que tinha marcado aquela reunião com a Conservação e Investigação Científica para sexta-feira no Museu Britânico, eles têm um *emakimono* do século XI que querem que eu veja, mas...

— Esperam manter-me aqui durante dias? Semanas? Meses? — perguntou Nicholas, no tom de voz mais polido que lhe era possível. Nem mesmo a ameaça de morte conseguia deter o pânico que se apoderava dele perante a ideia de ficar preso ali indefinidamente, preso naquela casa enorme e cheia de ecos no campo inglês no inverno.

Nesse momento, a porta da sala abriu-se e Collins apareceu com outro tabuleiro, este carregado com duas chávenas fumegantes.

— Chá — disse ele, pousando o tabuleiro diante de Richard e de Maram com um estrondo. Não parecia gostar de ser pressionado a servir de criada.

A chávena de café de Nicholas estava quase vazia; tinha-a esvaziado sem apreciar totalmente o sabor raro, embora pudesse sentir a cafeína correr-lhe pelas veias.

— Nem vais dar pelo passar do tempo — disse Richard, agradecendo a Collins com um aceno de cabeça enquanto estendia a mão para o chá. — Vamos entrevistar todos os funcionários da Biblioteca nos próximos dias e só restam uma ou duas leituras do teu último feitiço da verdade,

portanto, vais ter de escrever outro o mais depressa possível. Amanhã seria melhor.

— Então, estás a dizer que vou sentir-me demasiado atordoado devido à perda de sangue para me aborrecer.

— É melhor estar atordoado e seguro do que alerta e em perigo.

— Richard, ele não pode — disse Maram, antes que Nicholas pudesse responder. — O médico disse que devíamos esperar, pelo menos, quatro meses, e ele acabou de terminar a encomenda de Sir Edward.

— Uma anemiazinha não o vai matar — disse Richard. — Um traidor no meio de nós, talvez.

— Eu vou ficar bem — disse Nicholas a Maram, tentando não ceder à irritação pela forma como ela falara por ele e o interrompera. — Sinto-me bem. De qualquer forma, o Richard tem razão. Para que é que preciso de energia se estou preso aqui?

Ela fitou-o, com os seus grandes olhos castanhos impenetráveis. Depois, voltou a olhar para Richard.

— Os interrogatórios podem esperar — tentou novamente. — A saúde do Nicholas...

— Não podes de maneira nenhuma estar a sugerir que não tenho em mente os melhores interesses dele — ripostou Richard.

Era uma ordem, e tanto Nicholas como Maram sabiam-no. Nicholas tinha admirado em tempos a subtilidade das ordens do tio, embora nunca tivesse gostado de as ver dirigidas a Maram; em parte porque não gostava de que lhe fosse recordado que o afeto dela por ele era remunerado, mas também porque o seu afeto por ela não era remunerado e não estava regulamentado, e ele nunca tinha a certeza de quanto lhe era permitido sentir. Especialmente quando era apanhado entre os dois; cada um, à sua maneira, a sua única família, com ou sem ordenado.

— É claro que não — respondeu Maram finalmente, e Richard voltou-se para Nicholas.

— De qualquer forma, antes de tratares dos feitiços da verdade, tenho uma tarefa que te vai agradar. — Bateu no maço embrulhado em lona em que Nicholas tinha reparado.

Nicholas animou-se.

— Um vampiro?

— Adivinhaste à primeira! — disse Richard. De dentro do bolso do

casaco, tirou uma faca de prata numa bolsa de pele, e Nicholas não pôde deixar de se rir. A faca era totalmente desnecessária, mas apreciou a teatralidade.

«Vampiro» era o termo da Biblioteca para um subconjunto muito específico de feitiços de proteção que remontava à Roménia do século XV, por volta do período do governo de Vlad III — ou, como era mais coloquialmente conhecido, Vlad, o *Empalador*, o Drácula original. O feitiço de vampiro era anexado a livros cujos feitiços já tinham sido ativados, como uma espécie de castigo sádico por tentativa de adulteração. O sangue de qualquer pessoa que o adicionasse a um daqueles livros ativados era drenado até à morte. Uma cena bastante desagradável. Tão desagradável, de facto, que os vampiros eram os únicos livros que a Biblioteca destruía.

Ou antes, Nicholas destruía-os. Só um Escriba podia destruir um livro cujo feitiço estivesse a decorrer, e Nicholas sempre achara essa destruição intensamente satisfatória. Tinha passado tanto tempo da sua vida a criar livros que havia algo perversamente luxuoso em fazer exatamente o oposto.

Desdobrou o vampiro da lona bem embrulhada e folheou as páginas, curioso como sempre sobre o feitiço ainda ativo que se encontrava dentro. Richard e Maram observaram-no a ler, igualmente curiosos.

— Algures — anunciou após alguns minutos — há um cobertor de lã em que nenhuma traça consegue tocar.

— Um feitiço para repelir traças? — perguntou Richard. — Meu Deus, quanta proteção para um cobertor.

— Deve ser um cobertor muito bom — disse Maram, com a mão a aproximar-se do livro antes de pensar melhor, embora continuasse a olhar para ele cobiçosamente. Era contra a sua natureza ter um livro mesmo à sua frente e não o examinar.

Nicholas desembainhou a faca de prata e pousou-a sobre a capa de couro gasta, sentindo uma estranha pontada de arrependimento. Assim que o feitiço fosse destruído, as traças desceriam. Onde quer que estivesse, o cobertor que alguém se tinha esforçado tanto por proteger sucumbiria às ruínas do tempo como tudo o resto. Quando Nicholas baixou a faca, esta cortou as páginas com a mesma facilidade com que se corta massa de pão, embora, depois daquela primeira facada cerimonial, ele destruísse o resto do livro com as suas próprias mãos,

arrancando as páginas e rasgando a lombada com um tipo de prazer feroz. Richard observava, deliciando-se com o prazer de Nicholas. Maram parecia enjoada e desviou o olhar passado algum tempo. Não gostava de ver violência infligida a um livro, nem mesmo a vampiros.

Depois de o livro ter sido completamente eviscerado, Nicholas levantou-se e deitou os restos ao lume, onde começaram a sua segunda vida como brasas e cinzas.

— Bravo — disse Richard. — O vampiro foi empalado.

Nicholas esboçou uma vénia, lentamente, para não ficar tonto e aumentar a preocupação anterior de Maram.

— Então, acho que é melhor começar a escrever — disse ele.

Collins podia sentir quanta indignação quisesse por Nicholas gostar de luxo, mas nem mesmo ele o tinha alguma vez acusado de ser preguiçoso; não que importasse o que Collins, um empregado, pensava dele. Mas Nicholas deleitava-se com o luxo pela mesma razão pela qual se deleitava com o trabalho e o estudo. Eram tudo o que tinha.

— Bom rapaz — disse Richard, levantando-se. — Collins, adorava dar-te o dia de folga, Deus sabe que o mereces, mas compreende que, até falarmos com todo o pessoal, precisamos de que fiques de serviço. Tu, pelo menos, já deste mais do que provas da tua lealdade.

— Sim, senhor — disse Collins, mas os olhos do guarda-costas não estavam focados em Richard, mas em Nicholas. A expressão no rosto de Collins não era familiar, a curva da sua boca estava mais suave do que a sua carranca habitual, o queixo inclinado para baixo, e, quando ele viu o olhar de Nicholas, o seu olhar desviou-se, como se tivesse sido apanhado em flagrante. Não era um ar de irritação. Não era de divertimento. Nem sequer era de pena.

Era de culpa.

Mas o que poderia haver para Collins se sentir culpado?

— Maram, querida — disse Richard. — Para o meu escritório.

Maram tocou no ombro de Nicholas e seguiu Richard, deixando Nicholas e Collins sozinhos na sala de estar.

— O que... — Nicholas começou a dizer, mas a expressão que pensava ter visto no rosto de Collins, fosse qual fosse, tinha desaparecido, e os seus olhos estavam fixos no chão. Ele parecia aborrecido, cansado, mal-humorado. Normal.

— O que?... — Collins ecoou.

— Nada — disse Nicholas, e virou-se para sair da sala.

Joanna gostava de limpar o pó aos livros. Dava-lhe satisfação passar o pincel macio e luxuoso pelas capas, ao longo das lombadas. Fazia-a recordar de quando escovava o cabelo de Esther, o que a irmã, que adorava que lhe tocassem, andava sempre a implorar-lhe que fizesse quando eram novas. Cada um dos volumes da coleção parecia a Joanna um velho amigo, com todas as suas fissuras e manchas bem conhecidas e perdoadas, e, à exceção do livro com que Abe morrera, conhecia a história por trás de cada um. Aquele, cosido com fio de seda e encadernado em tecido de algodão vermelho, tinha sido encontrado pela sua falecida avó paterna num mercado em Montreal nos anos sessenta; aquele outro, com uma capa rígida de couro, tinha sido encontrado pelo pai através de um anúncio classificado no início dos anos noventa; aquele outro ainda, um pergaminho árabe da Palestina, pertencera à mãe de Esther, Isabel, antes de ela conhecer Abe. Alguns dos feitiços da coleção já tinham sido esgotados, mas aqueles livros tinham o mesmo som que qualquer outro com tinta ainda escura, como se o poder que outrora os preencheria ainda permanecesse enroscado dentro deles.

Não limpou o pó do livro que matara o pai.

Já tinha feito perguntas sobre o assunto muitas vezes à mãe. No entanto, Cecily mantinha-se em silêncio, recusando-se a responder a qualquer uma das perguntas de Joanna ou recorrendo àquela tosse irritante com que ficava sempre que não queria falar sobre alguma coisa. Talvez Joanna tentasse novamente nesse dia, ao almoço em casa da mãe. Provavelmente, redundaria numa discussão, mas, pelo menos, seria uma boa mudança de ritmo em relação ao velho padrão que tinham encenado no dia anterior.

O bilhete que o pai deixara ainda se encontrava ao lado do livro, e

ela lançou-lhe um olhar rápido antes de passar para o códice de encantamentos, embora este mal precisasse de ser limpo; ela usava-o com demasiada frequência para que alguma vez ganhasse pó.

Quando saiu da cave para a cozinha, ouviu um som prolongado de arranhar no *hall*, e uma pulsação de esperança latejou-lhe na garganta. Apressadamente, esvaziou uma lata de atum para uma taça e silenciou os seus passos enquanto corria pela cozinha, conseguindo abrir a porta da frente com tanto cuidado que não fez qualquer ruído. Ali, no alpendre, como um convidado à espera, estava sentado o gato. Tinha uma pata estendida como se estivesse a preparar-se para bater à porta, mas retirou-a quando a viu e recuou alguns passos.

Devagar, muito devagar, ela baixou-se até se acocorar e pousou a taça com atum. Colocou-a a meio caminho entre ela e o gato e esperou, com a respiração suspensa enquanto ele estendia muito ligeiramente a cabeça para a frente e farejava o ar. O gato virou-se para os degraus do alpendre e o coração de Joanna caiu-lhe aos pés; ele voltou a virar-se para Joanna e o coração dela deu um salto no peito. De seguida, ele enfiou o focinho na taça, fazendo pequenos sons húmidos a mastigar, e Joanna ajoelhou-se para o ver comer. Era da cor do outono, todo listas prateadas e rodopios castanhos, e os seus olhos, semicerrados de prazer quando comia, eram de um tom âmbar de sumo de maçã.

Estava uma manhã fria. A temperatura baixara na noite anterior e Joanna acordara a tremer, com as brasas da salamandra quase cobertas de cinza. Onde teria dormido aquele gatinho? O seu pelo parecia espesso, mas seria suficientemente quente para o inverno que se aproximava? Queria muito fazer-lhe festas. Ele acabou de comer e sentou-se a lamber os bigodes e a olhar para ela.

Joanna estendeu um dedo com cuidado, apontando para o focinho dele. Lera uma vez que os gatos gostavam daquilo, porque a ponta de um dedo humano parecia o nariz de um gato, e o gato estendeu o nariz para cheirar, com a cauda a contorcer-se. Depois, como se tivesse decidido alguma coisa, deu um passo em frente e bateu com a cabeça na mão dela.

O prazer que ela sentiu com aquele toque inesperado foi tão grande que chegou a ser doloroso. Acariciou-lhe a cabeça, o focinho, coçou-o atrás das orelhas. Ele era tão quente e macio, tão presente, os seus olhos tão curiosos, e ela deu por si a sorrir-lhe quando ele se aproximou mais,

com a cauda a seguir as suas pernas ajoelhadas. Sentiu um zumbido debaixo da mão, e, por momentos, pensou que eram os livros, aquele mesmo murmúrio de muitos sons, mas depois percebeu que ele estava a ronronar. Por alguma razão, aquilo trouxe-lhe lágrimas aos olhos.

Acariciou-o enquanto ele o permitiu, e quando ele se afastou, pôs-se de pé com a taça meio vazia. Estendendo-a, recuou para dentro de casa a tentar aliciá-lo.

— Aqui, gatinho, gatinho. Vem para dentro, onde está quente.

Mas ele virou a cabeça bruscamente a um som que ela não tinha ouvido, saltou dos degraus do alpendre e correu pelo jardim lamacento na direção das árvores.

Ela viu-o partir, sentindo um bizarro orgulho de júbilo por o gato a ter deixado tocar-lhe. Esse orgulho depressa foi ultrapassado pela preocupação. Preocupação por que ele fosse apanhado por um coiote, atropelado por um carro ou que nevasse durante a noite e a neve o enterrasse, congelado, antes de terem tido a oportunidade de se conhecerem, antes de ela ter a oportunidade de cuidar dele.

Havia um edredão velho no antigo quarto de Esther — se o pusesse no alpendre, talvez ele pudesse fazer uma espécie de ninho para si próprio, um sítio para se manter quente. Ele associaria o alpendre a comida e a conforto e, por extensão, a Joanna, e em breve se dignaria entrar.

Deixou a porta da frente ligeiramente entreaberta para o caso de ele mudar de ideias e apressou-se a entrar em casa. Na sala de estar, afastou o pesado cobertor de lã do exército que tinha usado para cobrir a escada e subiu os degraus rangentes até ao segundo andar, que estava notoriamente mais frio e escuro. No quarto de Esther, descobriu que a lâmpada do teto estava fundida, mas isso não importava. Ainda era o meio da manhã, e a grande janela deixava entrar uma luz leitosa, pelo que conseguia ver bem o caminho para o armário. A cama de Esther estava como quando ela lá vivia, coberta com a primeira e última colcha que Cecily tinha feito antes de decidir que não era um passatempo para ela, e havia um póster dos Nirvana na parede com as pontas enroladas. De resto, parecia o que era naquele momento: uma arrecadação.

Por vezes, era difícil lembrar-se de uma época em que toda a família vivia debaixo do mesmo teto, em que a irmã fazia parte da sua vida e os pais se davam bem. Nos meses antes de Esther ter saído de casa sem

avisar, Abe e Cecily discutiam quase diariamente, e, durante algum tempo, Joanna culpou essas discussões de terem empurrado Esther para fora de casa. Abe e Cecily esforçavam-se por ter as suas discussões longe das filhas, chegando por vezes a levá-las para a floresta, para poderem brigar longe de qualquer ouvido humano, mas a tensão entre eles era tão espessa e pegajosa que se tornava quase visível, como camadas de teia de aranha.

Pelo que Joanna e Esther puderam escutar, a essência do conflito tinha sido a seguinte: Cecily estava farta de viver atrás dos esconjuros. Estava farta de viver em função dos livros de Abe. Ela queria largar os esconjuros, vender os livros e abrir as portas deles ao mundo. Abe achava que aquilo era uma loucura declarada.

Esther e Joanna tinham falado sobre as discussões dos pais, mas evitavam cuidadosamente mencionar as suas próprias opiniões, em parte porque não era necessário — cada uma sabia de que lado estava a outra. Embora o homicídio da sua mãe pudesse ter sido evitado pelos esconjuros, Esther sempre deixara claro que não tencionava ficar no Vermont para sempre.

Antes de se ir embora, tinha andado a falar em candidatar-se à universidade — algures no Massachusetts ou em Nova Iorque, prometera a Joanna, um lugar perto. Compraria uma carripa e viria visitá-la, ou viria buscar Joanna para a levar a passar fora fins de semana prolongados.

— Podes ignorar a tua *vocação* durante alguns dias, tenho a certeza — dizia Esther. — O tempo suficiente para ir a uma festa ou duas.

Mas então, no princípio de novembro, algumas semanas depois de ter feito dezoito anos, Esther entrou no quarto de Joanna. Era o meio da noite, e Joanna lembrava-se de ter achado estranho que Esther estivesse completamente vestida, com calças de ganga pretas e botas de estilo militar, com o cabelo apanhado. Joanna já estava enfiada debaixo dos cobertores, a ler um romance sobre ilhas enevoadas e longínquas e magia que nenhum dos livros do pai conseguia invocar.

— Estás desculpada, não bateste à porta — disse Joanna, tão adolescente que a memória ainda a fazia estremecer de vergonha.

Esther veio sentar-se no lado da cama. O seu rosto estava estranhamente, assustadoramente imóvel. Joanna pousou o romance aberto no seu regaço coberto pelo edredão. O ar à volta da irmã parecia

carregado.

— Esther, o que se passa?

— Nada. Só queria dizer boa-noite.

— Boa noite — disse Joanna, meio eco, meio pergunta.

Esther inclinou-se para a frente e envolveu-a num abraço, estranho por causa do ângulo, com o queixo afiado a cravar-se no ombro de Joanna.

— Adoro-te, Joanna.

— Eu também te adoro — disse Joanna, confusa, dando-lhe uma palmadinha nas costas. — Estás bem?

— Ótima, ótima, ótima — disse Esther.

Na manhã seguinte, ela tinha desaparecido. Assim como todas as suas roupas favoritas e a carrinha nova de Abe. Sem um bilhete, sem uma explicação. À sua partida, a casa transformou-se num campo de batalha. Abe andava de um lado para o outro com os olhos vermelhos, os maxilares cerrados para conter as lágrimas, enquanto Cecily o seguia, mantendo uma discussão incessante que variava em volume e tom, mas que tinha um tema central: desativar os encantamentos.

— Isto não é maneira de viver — dizia Cecily, com a voz rouca de tanto gritar, implorar, chorar. — Uma filha perdida, a vaguear pelo mundo, sem lar, e a outra fechada nesta masmorra para sempre. Isto não é vida, Abe! Deixa-os vir, deixa-os vir e levar o que querem, qualquer coisa é melhor do que este inferno!

Durante aquele período, Joanna deixou de ir à escola. Teria sido o seu décimo primeiro ano, mas não conseguia arranjar a energia necessária para se importar ou para sair de casa. Era como se alguém lhe tivesse entrado no peito e lhe tivesse transformado o coração em cimento frio. Sentia um peso esmagador nos pulmões, e não conseguia respirar normalmente. Ficava sem fôlego só de descer a escada, portanto, deixava-se ficar quase sempre no quarto, a fitar o teto, a recordar a última conversa que tivera com a irmã, a tentar em vão encontrar pistas.

No caos que Esther deixara atrás de si, ninguém se apercebeu das faltas de Joanna até ser demasiado tarde para ela recuperar o atraso, e, nessa altura, já tinha decidido não regressar à escola. Nem Cecily nem Abe conseguiram convencê-la do contrário, e, mais tarde nesse ano, ela conseguiu que o pai assinasse a dispensa parental para que ela pudesse

obter o diploma em Burlington... mas naquelas longas semanas após a partida de Esther, a escola — e o futuro em geral — era a coisa mais distante da sua mente.

Naquele momento, apenas meio presente, Joanna abriu a porta do armário de Esther. Saltou violentamente para trás quando algo se mexeu lá dentro, mas um segundo depois riu-se, com a mão no coração. Era o seu próprio reflexo. Esquecera-se de que tinha encafuado ali o velho espelho de Esther, um espelho enorme com uma moldura pesada de madeira esculpida com videiras. Cecily adorava aquele espelho, polindo-o regularmente e aplicando óleo na madeira até a deixar a brilhar. Agora estava baço por falta de uso. Joanna passou a mão pelo pó e viu que o sorriso induzido pelo gato ainda se mantinha no seu rosto, as covinhas a saírem do seu esconderijo. Faziam-na parecer jovem de uma forma que ela normalmente achava desagradável, mas nesse dia não se importava muito. Deixou-as ficar enquanto procurava o edredão.

Com o edredão a ocupar-lhe os braços, parou no patamar. O seu quarto ficava numa ponta do corredor, o do pai na outra. A única vez em que tinha estado no quarto dele desde que ele morrera tinha sido para procurar os seus diários. Na verdade, raramente tinha entrado naquele quarto quando ele estava vivo, embora tivesse parado à porta muitas vezes para lhe dar as boas-noites, porque Abe estava quase sempre acordado, independentemente da hora, sentado na cama com o portátil grande, com uma pilha de documentos ou, por vezes, um romance — um livro com um tipo de poder muito diferente. Joanna abria a porta, inclinava-se para dentro e soprava-lhe um beijo.

— Vê se dormes, pai.

— Tu também, Jo.

Se o gato entrasse em casa, o pai nunca entraria.

Era um pensamento sem sentido, mas sentiu-se a tê-lo na mesma.

Quando estendeu o edredão no alpendre, enrolando-o de forma a parecer convidativo, teve a sensação de que estava a fazer uma escolha. A fazer, talvez, uma mudança.

PASSAVA POUCO DAS DUAS HORAS QUANDO JOANNA PAROU DIANTE DA CASA da mãe. Quando Cecily saíra de casa, há dez anos, tinha ido viver no rés do

chão de um prédio pequeno que era escuro a qualquer hora e cheirava implacavelmente a vinagre. Naquele momento, vivia numa casa pequena e bem arranjada de uma quinta, com pouco menos de um hectare. Normalmente, o terreno — e a casa que se situava nele — parecia encenado pela delegação de turismo do Vermont, tão perfeita era a imagem: a extensão plana de campo que se estendia até às montanhas, uma casa de quinta, branca como açúcar, com um alpendre na frente com colunas e telhado de ardósia, um pequeno celeiro vermelho perfeito.

Nesse dia, no entanto, o tom uniforme de estanho das nuvens afundadas no céu fazia com que a casa parecesse solitária e vazia; o celeiro, uma mancha de vermelho à deriva num mar acromático. No pasto, via-se uma única alpaca, de cabeça baixada para a erva castanha. O resto da manada devia estar no celeiro.

A alpaca não pertencia a Cecily — arrendava o celeiro e o pasto cercado ao departamento de criação de animais da pequena faculdade a duas cidades de distância, e, ocasionalmente, quando Joanna chegava, deparava-se com estudantes no local, jovens com olhos brilhantes e vozes altas e mandonas que tagarelavam sobre vacinas para camelídeos, corte de unhas e outros assuntos incompreensíveis. Tratavam tanto as alpacas como os colegas com um afeto competente e familiar, rindo-se sempre, embora Joanna nunca conseguisse perceber de quê. Cecily estava sempre a convidar os estudantes para entrar enquanto Joanna lá estava, especialmente os jovens de cabelo desgrenhado, mas nem eles nem as raparigas exerciam qualquer atração sobre ela; pareciam todos, de algum modo, muito mais novos do que ela, e muito mais velhos ao mesmo tempo, e olhavam para Joanna como se a estivessem a classificar para fins de taxonomia.

Nesse dia, não havia carros estacionados ali.

Gretchen veio a correr ao seu encontro, ladrando exuberantemente, e Joanna afagou-lhe as orelhas castanhas, sorrindo com a excitação da cadela. Cecily não perdera tempo a arranjar um animal de estimação quando se mudara e, embora *Gretchen* estivesse a envelhecer, a rafeira *border collie* ainda se movia como um cachorrinho, brincando e saltando toda empolgada. Saltitava à volta dos calcanhares de Joanna enquanto subiam juntas para o alpendre, e, depois de bater, Joanna abriu a porta para entrarem as duas.

— Aqui dentro! — chamou Cecily, e Joanna seguiu a voz da mãe até à cozinha, onde ela estava debruçada sobre o forno, a espreitar para dentro. Toda a divisão estava quente e cheirava deliciosamente a pão, uma mudança bem-vinda em relação ao frio austero que se fazia sentir lá fora. — Está quase pronto — disse Cecily, endireitando-se, e aproximou-se para beijar a filha, limpando de seguida as marcas dos seus lábios na face de Joanna. — Tira o casaco, meu anjo.

Joanna despiu o casaco e desenrolou o lenço do pescoço, pendurando-os nas costas de uma cadeira. Os livros de Cecily zumbiam nas franjas da sua consciência, como sempre faziam, embora naquele momento parecessem mais ruidosos. Talvez Cecily os tivesse tirado do seu lugar habitual no quarto do andar de cima.

— Café? — perguntou Cecily, já a servir-lhe uma chávena e de seguida acabando de encher a sua caneca.

Joanna pensou que talvez a mãe já tivesse ingerido cafeína suficiente; parecia nervosa, batendo com o jarro do leite com demasiada força na mesa, fazendo chocalhar a chávena no pires, olhando repetidamente por cima do ombro ao mesmo tempo que se movia pela cozinha. A cadela também parecia ansiosa e deu algumas voltas antes de se deitar aos pés de Joanna, com o corpo enroscado mas a cabeça ainda erguida, alerta.

Aquela energia estranha era contagiosa, e Joanna lutou contra um súbito sentimento de inquietação. Bebeu um gole de café e disse para consigo que devia desconstrair-se.

Em tempos, Joanna ficara espantada por ver a mãe ali, espantada por ver qualquer membro da sua família numa vida tão vulgar e sem segredos, mas agora mal se lembrava de como era Cecily na cozinha da casa de Abe. A memória que tinha da vida com a mãe estava apagada, ou talvez a mãe tivesse sido apagada por essa vida. No presente, Cecily tinha um emprego, amigos, uma cadela amorosa, namorava com um especialista em horticultura da universidade. Muitas vezes, Joanna sentia-se como uma relíquia da antiga vida da mãe, como um pedaço ambulante e falante da casa que Cecily tinha ficado tão feliz por deixar.

— Que tens feito hoje? — perguntou Cecily, sentando-se em frente de Joanna. Estava concentrada no rosto de Joanna, mas esta sentia a sua atenção noutro lugar, com uma das pernas da mãe a abanar ligeiramente.

Joanna pensou na sua manhã, que tinha sido bastante agradável,

realmente. Tão agradável que a fazia sentir-se cansada pensar em adaptá-la para a contar à mãe. Mas sabia que uma coisa faria Cecily feliz, portanto, contou-lhe sobre o gato. Cecily era uma grande crente em animais para a alma.

— Acho que ele não estava à espera do quanto gostava de festinhas — disse Joanna. — Esta noite vou ver se entra em casa.

Cecily sorriu, mas parecia distraída, levantando-se para ir ver o pão.

— Como é que lhe vais chamar?

— Não sei. É um gato, castanho e, tipo, às riscas, com uns olhos realmente lindos cor de âmbar. Tens alguma sugestão?

— Bem, teria de o conhecer — disse Cecily. Disse-o num tom ligeiro, mas, mesmo assim, as defesas de Joanna começaram a erguer-se. Cecily serviu duas tigelas de sopa de cenoura e voltou a encher a chávena de Joanna com café, e as duas ficaram em silêncio, a comer.

— Está deliciosa — disse Joanna, por fim, numa tentativa de aliviar o stress da mãe, fosse qual fosse o seu motivo. — Eu já a fiz em casa, mas saiu toda aguada.

— Acrescento uma batata em puré.

— Li na Internet que os cozinheiros da Antártida só recebem um carregamento de vegetais frescos uma vez por estação — disse Joanna. — No inverno, está demasiado frio para os aviões se deslocarem, o combustível congela. Por isso, se a época de verão já começou, a Esther deve estar a comer vegetais frescos pela primeira vez em meses.

Cecily fez uma pausa visível, com a colher a meio caminho da boca.

— Sim — disse. Esse monossílabo estava tão saturado de ansiedade que Joanna também parou de comer.

— Que se passa? — perguntou, suavizando a voz. Não gostava de ver a mãe tão agitada, especialmente quando não percebia a causa. — Andas sempre a dizer que te entristece que a Esther se mude tanto, que não consiga criar raízes. Pensava que ficarias feliz por ela ficar onde estava, por uma vez.

Cecily pousou a colher ao lado da tigela. Os seus lábios vermelhos estavam fechados tão firmemente que a pele à volta deles tinha ficado branca, com rugas finas a sobressaírem num relevo nítido. Abanou a cabeça com força.

Joanna sentiu uma pontada de alarme.

— Por favor, diz-me.

— Quero ir lá a casa — disse Cecily, o que, por uma vez, não era de todo do que Joanna estava à espera. — Só para passar o serão.

— Que é que isso tem que ver com a Esther?

Cecily ia começar a falar, mas, em vez disso, tossiu, aquele mesmo som áspero de uma ânsia de vômito. Joanna levantou-se a toda a pressa, mas Cecily acenou-lhe para que voltasse a sentar-se, abanando a cabeça.

— Eu estou bem — disse passado um segundo. — Desculpa. É só que... — Fez uma pausa e pareceu recompor-se. — Não vejo uma das minhas filhas há dez anos e só Deus sabe quando voltarei a vê-la. E a outra... às vezes sinto que estás tão longe como a Esther.

— Eu estou aqui mesmo.

— O teu corpo está aqui na minha cozinha — disse Cecily. — Sim. Tu vens cá, conversamos, visitas-me na cidade, damos passeios... e eu fico sempre feliz por te ver. A qualquer hora, de qualquer maneira que possa ter a tua presença. Mas tu és minha filha, e não ponho os pés em tua casa desde os teus dezasseis anos. — A voz de Cecily tremia ligeiramente. — Não sei realmente como vives. Não sei como é a tua vida ou como te sentes realmente em relação a ela. E, mesmo quando estás aqui, mesmo quando posso ver-te, tocar-te, sei que não te tenho por inteiro. Parte de ti está lá em baixo naquela cave, com os teus livros, fechada naquela casa... e nunca me deixarás entrar. Nunca.

Joanna deixou-se ficar sentada, com as pontas dos dedos a arderem-lhe encostadas à caneca de café. Aquilo não era como as queixas habituais de Cecily. Estava desprovido de censura, de acusação, e cheio de verdadeira angústia. Os olhos da mãe transbordavam de lágrimas.

— Mãe — disse ela. — Tu pegaste fogo aos esconjuros.

— Sim, fi-lo.

— O pai disse-me que o farias de novo. E fá-lo-ias, não é verdade? Se tivesses a oportunidade?

Cecily ficou calada. Era resposta suficiente.

— Não posso deixar que isso aconteça — disse Joanna. — Ele fez-me prometer.

— Ele está *morto*, Joanna. Ele foi-se embora e eu ainda estou aqui.

Joanna pensou na língua seca do pai. Pensou no livro que ele tinha agarrado ao peito.

— Quando me falares sobre o livro que ele deixou — disse Joanna —, talvez nessa altura te deixe entrar.

Cecily atirou o guardanapo para o chão como uma criança a fazer uma birra, mas, como em todas as vezes em que Joanna lhe tinha perguntado sobre o livro, não disse nada. Mantinha-se completamente silenciosa, com os olhos a arder de frustração e raiva.

Joanna fechou os olhos por um instante e engoliu com força o nó quente na garganta.

— Não posso deixar-te entrar em casa se não posso confiar em ti — disse. — Tu queres acabar com os esconjuros, já o admitiste, e o pai morreu a segurar nas mãos um livro de que te recusas a falar. Sei que me estás a esconder alguma coisa. Há anos que o fazes. Se calhar, toda a minha vida.

— Então, em troca, tu escondes-me coisas? — ripostou Cecily. — É isso? Estás a castigar-me?

— Peço desculpa se parece um castigo.

— Como é que te tornaste tão fria? — perguntou Cecily, e Joanna estremeceu. Durante um momento longo e penoso, ambas ficaram imóveis, Cecily a olhar fixamente para a mesa, as mãos de Joanna entrelaçadas no regaço. Depois, de repente, Cecily soltou um suspiro longo e duro. Era quase o princípio de um soluço, mas, quando levantou a cabeça, os seus olhos estavam secos, o seu rosto, composto. — Muito bem — disse. — Queres saber sobre esse livro?

Joanna sentou-se direita, com o coração aos saltos.

— Sim!

— Vai para a sala de estar — disse Cecily. O seu tom de voz era monótono, sem vida. — Senta-te no sofá. Espera por mim lá. Vou ter contigo daqui a pouco.

O almoço, meio acabado, foi esquecido. Joanna levantou-se, assustando *Gretchen*, que estava a dormir na tijoleira quente. Depois, apesar da sua ânsia, apesar da promessa de finalmente obter as respostas que procurava há tanto tempo, Joanna hesitou. Os ombros da mãe estavam curvados, a cabeça baixa. A sua expressão era tão sombria que mal era uma expressão, apenas um conjunto de traços que formavam um rosto. Pela primeira vez, Joanna pensou que havia algumas coisas que talvez fosse preferível deixar por saber.

Mas era demasiado tarde para ter dúvidas, e a sua curiosidade era demasiado forte, portanto, virou-se para fazer o que a mãe tinha dito. Atravessou o *hall* da frente até à acolhedora sala de estar e sentou-se no

sofá de couro esfolado, em cima das pernas cruzadas. Da cozinha, ouvia os sons ténues da mãe a mexer-se, o raspar de uma cadeira no chão, o bater de uma porta. E, nas bordas de tudo, o zumbido dos livros de Cecily, cobrindo as franjas da sua consciência com melaço.

Depois reparou que o som estava a ficar mais alto.

Os espaços abertos na sua mente que estavam sintonizados com aquela sensação específica estavam a ser lentamente preenchidos, como mel a pingar nos alvéolos de uma colmeia, o zumbido a aumentar. Virou-se para o som, para a entrada larga da sala de estar, e deu com a mãe acorçada ali, com uma mão no chão.

No início, Joanna não percebeu o que estava a ver.

Cecily estava a arrastar os dedos ao longo do lintel e, quando se levantou, com lágrimas no rosto, Joanna viu uma mancha de vermelho-vivo na sua mão, e o vermelho a brilhar molhado no chão de madeira. Ela tinha um livro enfiado debaixo do braço e o zumbido aumentara, estava *ativo*, uma colmeia de abelhas à solta num campo de flores.

Um feitiço em curso.

Quando Joanna e Esther partilhavam um quarto, em crianças, por vezes Joanna acordava de pesadelos aterrorizada e a querer os pais, mas incapaz de emitir um som que fosse. Faltava-lhe o ar, faltavam-lhe as forças, não tinha nada a não ser um silvo sibilante e estalado; no entanto, de alguma forma, Esther sempre soubera — sempre acordara e gritara por ela, despertando os pais da cama no quarto ao fundo do corredor. Era assim que Joanna se sentia naquele momento, paralisada. A voz, sempre demasiado baixa, ficou-lhe presa na garganta, mas Esther não estava ali para a ajudar.

— Minha bebé, por favor, perdoa-me — segredou Cecily.

Joanna já se tinha levantado do sofá e cambaleava pela sala de estar na direção da porta, mas, na linha traçada pelo sangue da mãe, bateu com força contra o que parecia ser uma parede, tão resistente como madeira. Voltou para trás pelo caminho por onde tinha vindo, mas mais devagar, com as mãos estendidas, já sabendo o que iria encontrar: sangue seco desenhado nos parapeitos das janelas, nas portas, resistência invisível por todos os lados, um círculo de magia e sangue que a prendia tão seguramente como uma vedação impediria uma ovelha de fugir.

Já tinha visto Cecily usar aquele feitiço uma vez, há muitos anos, para apanhar um coioote raivoso que tinha entrado na propriedade, para

que Abe o pudesse matar.

— É só por umas horas — disse Cecily, com as lágrimas a escorrerem-lhe para o colarinho. — Não tive escolha. Tu não quiseste... tenho de... não consigo fazer-te compreender.

As palavras ressoaram nos ouvidos de Joanna como um batimento do coração, um ruído sem sentido. Sem escolha. Compreender. Umas horas. Mas, então, percebeu.

— Os esconjuros — disse. — Aprisionaste-me aqui para que eu não possa ativar os esconjuros.

— Desculpa — disse Cecily outra vez, e Joanna tombou no chão e gritou.

Os aposentos de Nicholas tinham sido originalmente construídos para um secretário particular e, como tal, eram compostos por uma antecâmara que dava acesso ao quarto de dormir e ao escritório. Aquela disposição estava reproduzida nos aposentos de Maram na Ala Leste, embora os seus tivessem sido destinados a uma senhora de visita, pelo que o que era agora o seu escritório fora outrora um quarto de vestir. Permaneciam alguns vestígios da vida passada no escritório, sob a forma de um armário de nogueira e de um espelho Louis Philippe dourado de corpo inteiro, embora o armário estivesse cheio de papéis e não de roupa.

Nicholas acenou a Collins para que este entrasse na sua pequena antecâmara e apontou para o sofá baixo de veludo cor de sálvia e para os cadeirões a condizer.

— Não precisas de ficar no *hall* — disse. — Podes entrar para aqui. Joga solitário ou o que quer que costumes fazer para te manteres ocupado.

Collins trazia um tabuleiro que lhe tinha sido dado pela cozinha, e esperou enquanto Nicholas destrancava a porta do escritório, com os olhos a passarem curiosamente por cima do ombro de Nicholas para a sala escura, até Nicholas pegar no tabuleiro e fechar a porta de forma incisiva.

Nicholas aprendera ao longo dos anos que a privacidade era o mais raro dos muitos luxos da sua vida e, seguindo o exemplo do tio, não deixava que outras pessoas entrassem no seu escritório. Ao contrário de Richard, no entanto, que tinha um sistema complicado de fechaduras e de feitiços para manter as pessoas fora, a porta de Nicholas fechava-se com uma simples chave, da qual tanto Richard como Maram tinham

cópias. «É só para prevenir», diziam sempre. Pousou o tabuleiro com a comida na secretária e fechou a porta, com *Sir Kiwi* atrás de si, embora de momento ela estivesse mais interessada no almoço de Nicholas do que no próprio Nicholas.

O almoço era um bule de chá de urtiga, uma salada de espinafres e um prato de carne assada fria com uma taça de mostarda. Rico em ferro e, de um modo geral, não muito apelativo para o seu estado de espírito atual, que teria preferido hidratos de carbono, doces. Acendeu o lume na lareira de mármore para cortar o frio húmido do ar e de seguida sentou-se à secretária, afastando a cadeira para um lado de modo a poder vigiar a porta.

Quando era criança, aquela divisão era onde a sua governanta dormia, mas, quando a senhora Dampett se foi embora e Nicholas começou a escrever livros a sério, ocupou-a. As estantes estavam cheias de romances perfeitamente inúteis, nem um feitiço entre eles, e ele tinha posicionado a secretária de mogno com tampo de couro entre as três janelas de sacada que davam para o lago.

Via-o agora, a água escura e ondulante ao vento, enquanto *Sir Kiwi* se enroscava na sua posição preferida, mesmo em cima dos pés dele. Sorriu-lhe e deu uma dentada relutante na salada de espinafres, depois abriu o computador portátil e o bloco de notas e dispôs-os à sua frente. O portátil era, como tudo o que possuía, topo de gama, embora tivesse a certeza de que muitas das suas funções mais avançadas eram desperdiçadas numa casa sem ligação à Internet. Na maior parte das vezes, usava-o para escrever rascunhos das palavras que mais tarde passaria ao papel ou para ver os filmes de ação que descarregava às dúzias sempre que estava fora do raio de ação dos encantos e tinha acesso a uma ligação *wi-fi*.

Como já tinha escrito muitos, muitos feitiços da verdade na vida, o trabalho consistia principalmente em rever os seus rascunhos anteriores e ver se alguma coisa precisava de ser melhorada ou personalizada. Um feitiço da verdade fora, de facto, o primeiro livro bem-sucedido que escrevera sozinho, uma tarefa de que Richard o incumbira quando ele tinha oito anos. O tio guardara atrás de um vidro a cópia acabada, que se encontrava num pedestal ao fundo de um dos corredores estreitos da Biblioteca, com uma placa com a data de conclusão. De acordo com Richard, o primeiro livro do seu pai também tinha sido um feitiço da

verdade. Na altura, Nicholas nunca se sentira tão orgulhoso. Talvez nunca mais se tivesse sentido mais orgulhoso do que nessa ocasião.

Ele era um mero bebé quando os pais foram assassinados, e não se lembrava nem de um nem do outro. De acordo com Richard, depois de Nicholas ter nascido, eles tinham optado por deixar a segurança dos esconjuros da Biblioteca para «brincar à independência» em Edimburgo, e fora lá que tinham sido mortos. Nicholas sabia que Richard ainda se sentia furioso com o irmão mais novo por ele ter partido, e era uma raiva que Nicholas herdara, até certo ponto. Se os seus pais tivessem simplesmente feito o que ele tinha feito — o que ele estava a fazer — e se tivessem resignado à vida na Biblioteca, estariam vivos hoje.

Embora o pai tivesse sido um Escriba, a mãe tinha sido como Richard e Maram — capaz de sentir magia mas não de a criar, como os seus falecidos pais antes dela: uma das famílias de legado mágico criadas quando o tetravô de Nicholas fundou a Biblioteca no final dos anos 1700 e encomendou o feitiço que confinava toda a magia às linhas de sangue.

Nicholas tinha dificuldade em imaginar como era o mundo dos livros antes, com o talento mágico a surgir numa pessoa independentemente de algum membro da família possuir o mesmo dom. Apenas vira o livro que continha o feitiço da linhagem de sangue uma vez, há quase quinze anos, no escritório de Richard: um livro tão grosso e complicado que soube imediatamente que fora necessária a vida de mais do que um Escriba para o escrever. Três, dissera-lhe o tio mais tarde.

Quase mais difícil de imaginar do que um mundo de magia aleatória era um mundo em que havia tantos Escribas que três deles podiam sangrar até à morte para que um quarto escrevesse o feitiço.

Richard afirmava que o antepassado de Nicholas tinha encomendado o feitiço da linhagem sanguínea para garantir que o conhecimento mágico seria transmitido, não perdido entre pessoas dispersas e sem ligação, mas Maram tinha uma vez dito a Nicholas, em privado, que o seu antepassado pretendia que o feitiço funcionasse de forma um pouco diferente. Ele tinha a intenção de confinar todas as habilidades mágicas apenas à *sua* linhagem, aos seus filhos e aos filhos deles ao longo das gerações, mas o feitiço contrariara essa intenção e generalizara-se.

Nicholas achava o objetivo original do feitiço absolutamente brutal,

se Maram estivesse a dizer a verdade — e pensava que ela estava a dizer a verdade. Tudo o que sabia sobre o seu antepassado fazia-o parecer distintamente desagradável. Embora tivesse de admitir que aquele avental manchado de sangue no retrato vislumbrado em tempos não tinha favorecido em nada o seu antepassado na sua imaginação hiperativa.

De qualquer modo, o homem tinha acabado por conseguir o que queria, não tinha? Só restava um Escriba, e ele era o seu tetra-tetra-tetra-tetra-tetraneto. Era excelente para o avô e uma pena para Nicholas, que tivera de aprender tudo sobre a escrita com as resmas e resmas de apontamentos que a Biblioteca passara os últimos séculos a procurar pelo mundo, pagando preços exorbitantes a negociantes privados e a instituições.

Fora para a recolha e a preservação desses apontamentos que Maram tinha sido contratada inicialmente, vários anos depois de ter obtido um doutoramento em Teologia, em Oxford. Ela concebeu, então, todo o plano de educação de Nicholas, empregou todos os tutores necessários, e, de um modo geral, tornou-se tão indispensável que, naquele momento, fazia quase tanto parte da Biblioteca como o próprio Richard. Provavelmente, sabia mais sobre as particularidades dos Escribas do que qualquer pessoa viva.

Lendo as suas próprias notas e bocejando, Nicholas perguntou-se, não pela primeira vez, quem iria organizar as suas notas quando ele morresse. Talvez o seu filho, embora fosse difícil imaginar como tal criança poderia surgir, tendo em conta o pouco tempo que passava na companhia de pessoas fora de casa. Era um testemunho da sua vida social trágica que as suas únicas paixões reais até então tivessem sido fictícias, nomeadamente os Mosqueteiros e as mulheres que os amavam.

Voltou a bocejar. Apesar do café, cabeceava em cima do portátil e, passado algum tempo, obrigou-se a levantar-se e a sacudir o torpor e a rigidez da tarde. Estava a espreguiçar-se quando *Sir Kiwi* deu um salto e começou a ladrar, e alguém bateu à porta.

— Nicholas? — Era Maram.

Ele entreabriu a porta.

— Sim?

Ela sorriu, sacudindo um frasco.

— Trouxe-te paracetamol — disse. — Posso entrar?

Maram sabia como ele se sentia em relação à sua privacidade. Não pediria para entrar a não ser que tivesse uma razão. Cautelosamente, ele recuou. Ela inclinou-se para fazer uma festa na cabeça de *Sir Kiwi* e de seguida aproximou-se da impressora, ficando a ver as páginas saírem da sua boca quase silenciosa. Nicholas, porque de facto tinha uma dor de cabeça, sacudi dois comprimidos do frasco para a mão e engoliu-os juntamente com o resto do chá de urtiga. Olhou para cima e fitou Maram nos olhos.

Havia uma intensidade estranha na forma como ela olhava para ele, uma quietude no seu rosto habitualmente expressivo. A luz branca da janela iluminava-lhe os sulcos na testa, as rugas na boca, e fazia-a parecer subitamente velha e triste.

— Que foi? — perguntou ele. — Que se passa?

— Não se passa nada — disse ela. — Só te vim dizer que eu e o Richard vamos estar na Sala de Estar de Inverno, das oito à meia-noite, a tratar de algumas coisas para as próximas semanas. Não queremos ser incomodados.

— Entendido.

Ela pegou num pisa-papéis de latão com a forma de um pardal e examinou-o.

— Até à meia-noite — repetiu. — E talvez queiras planear deitar-te cedo. O Richard ajuda-te a fazer a tinta amanhã de manhã, às sete.

— Às sete — gemeu Nicholas.

— Ele tem uma reunião em Londres às dez.

— Sou perfeitamente capaz de fazer a tinta sozinho, especialmente se isso significar que posso continuar a dormir depois do amanhecer.

— O Richard quer que esperes por ele. — Maram observou-o com uma expressão que alguém que não a conhecesse poderia tomar por irritação. Nicholas, no entanto, reconheceu-a como preocupação. — Tentei novamente convencê-lo de que não o fizesses tão cedo, mas vocês os dois parecem pensar que vai correr tudo bem.

— E vai correr — disse Nicholas. — Agradável, por outro lado...

Maram soltou um suspiro profundo e triste, e Nicholas olhou-a com mais atenção, reparando nas sobrelhas franzidas e na flacidez da pele cansada. A noite passada tinha-a abalado tanto como a Nicholas.

— Quero que descanses um pouco — disse ela, afastando-se. — Vais precisar da tua energia.

— Para quê? — perguntou Nicholas. — Para levar a *Sir Kiwi* a passear até ao lago e voltar? Para me refastelar a ler romances de espionagem? Tu também precisas de descansar. Não gastes a tua energia a preocupares-te comigo.

Maram abanou a cabeça.

— Em todo o caso, o Richard e eu estaremos na Sala de Estar de Inverno das oito à meia-noite.

— Foi o que disseste.

— Tu e o Collins vão ficar sozinhos durante essas quatro horas, uma vez que o Richard e eu estaremos ocupados. Bastante ocupados.

Estava a falar devagar, com uma firmeza nas palavras como se estivesse a transmitir algo mais importante do que a mera logística. Era desconcertante.

— Os adultos precisam de estar sozinhos — disse Nicholas, levantando as mãos. — Entendido.

Ela pousou o pisa-papéis na secretária com um estrondo e fez-lhe um sorriso rápido e nervoso.

Depois, foi-se embora.

— Aquilo foi estranho — disse Nicholas a *Sir Kiwi*, inclinando-se para coçar as orelhas espetadas da cadela. — Não foi estranho? Não foi? Sim. Quase tão estranho como tu. Tu és uma estranha... — Mas antes que se pudesse abandonar completamente a uma linguagem de bebé, viu algo que o fez endireitar-se.

O pisa-papéis em forma de pardal estava pousado sobre a madeira da secretária, mas agora havia algo preso por baixo dele. Um pedaço de papel. Nicholas puxou-o para fora e ficou a olhar para ele, ainda mais confuso do que antes.

O bilhete estava escrito na caligrafia regular de Maram. Uma série de números e letras que não faziam sentido, até que percebeu que eram o equivalente da Biblioteca a um número de telefone; o seu próprio sistema decimal de Dewey especializado.

PR1500tt.

Era a localização de um livro da coleção.

Leu o número duas vezes e, de seguida, levantou o olhar para a janela por cima da secretária. Olhou para a névoa que se tinha instalado nas dobras das colinas sem realmente a ver, esfregando o papel entre o polegar e o indicador. Maram queria que ele fosse à Biblioteca e

encontrasse aquele livro, e queria que ele o fizesse enquanto ela e Richard estivessem ocupados, tanto como isso era óbvio. Maram dizia-lhe muitas vezes para rever certos feitiços, questionando-o sobre eles mais tarde. O que não entendia era porque não lho tinha dito simplesmente. Não conseguia perceber porque uma tarefa daquelas requeria secretismo.

Consultou o relógio. Passava pouco das cinco. Não podia começar a escrever o feitiço da verdade até ter feito a tinta, o que, ao que parecia, não aconteceria até à manhã seguinte, portanto, se comesse às oito, teria muito tempo para procurar aquele livro e tentar decifrar o comportamento bizarro de Maram. Por agora, acabaria de escrever aquele rascunho e talvez até dormisse uma sesta.

Voltou a sentar-se à secretária e empurrou a nota de Maram para o lado, mas sentia dificuldade em se concentrar de novo. Lá fora, o céu cinzento parecia liso como uma concha, brilhando como madrepérola em alguns pontos, à medida que a cobertura de nuvens se esfumava sobre o sol-poente. Um pássaro passou a voar junto à janela. Era tão encantador como Nicholas tinha pensado que a magia podia ser.

Há quanto tempo não escrevia um livro só pelo prazer de o escrever, e não ao serviço da Biblioteca ou dos sonhos de um qualquer milionário? Quando era mais novo, antes de começar a trabalhar com encomendas, tinha-o feito com bastante frequência; fora encorajado a fazê-lo, de facto, a ter uma ideia estranha e ver se conseguia escrevê-la. Era considerado parte das suas lições. Como a maioria das crianças, adorava mitos e contos de fadas, mas, ao contrário da maioria, nunca se tinha identificado com os heróis corajosos que cuspiam joias de bocas abençoadas, transformavam trigo em ouro ou encontravam feijões mágicos, lâmpadas mágicas, gansos mágicos. O seu lugar era fora das histórias, onde alguém, imaginava ele, escrevia todos os feitiços que tornavam a magia possível. Por isso, baseou muitos dos seus primeiros livros experimentais nos contos de que gostava: um encantamento para uma harpa que fazia chorar todos os que a ouviam; um feitiço para roubar a voz de uma pessoa e escondê-la numa concha.

Como não conseguia ler os próprios livros, via-se obrigado a pedir aos guardas ou aos tutores que lho lessem, esperando, ofegante com expectativa, para ver se a sua magia tinha funcionado. Tivera alguns fracassos, o que, supunha, era o objetivo de lhe permitir aquele exercício

— aprendera por si, por exemplo, que a magia não podia transformar diretamente um corpo vivo, por mais que tentasse escrever um par de asas ou fazer um animal falar —, mas os seus sucessos tinham sido inebriantes. Durante algum tempo, sentira-se como se fosse capaz de fazer tudo e mais alguma coisa.

Essa sensação desvanecera-se com o passar dos anos, juntamente com o prazer que outrora derivava das suas capacidades. As encomendas intermináveis tinham retirado qualquer sentido lúdico à escrita, e, à medida que ia crescendo, tornou-se mais difícil convencer os seus tutores a ler os poucos feitiços que escrevia por prazer. Tinha a sensação de que alguns tinham até um pouco de medo dele, embora o mais perto que tivesse chegado de fazer mal a alguém acidentalmente tivesse sido quando escreveu um encantamento para um par de sapatos que fizesse quem o usasse dançar; um feitiço lido de má vontade em voz alta pela sua tutora da época, uma mulher de setenta e dois anos que não estava em boa forma para uma meia hora de valsa frenética.

Houvera um dia particularmente deprimente, quando tinha cerca de dez anos, depois de ter passado mais de um mês a redigir obsessivamente um livro para um tapete mágico da vida real. Escrevera-o com todo o cuidado para ser o tipo de magia que funcionava apenas no próprio objeto e não no leitor, para que ele pudesse experimentar o seu próprio livro por uma vez; poderia subir para o tapete e voar. Sobre os campos, sobre a lagoa, para longe da Biblioteca.

Se alguém lho lesse.

Sabia muito bem que, embora Maram ou Richard pudessem dignar-se ler o feitiço, nem um nem outro, provavelmente, o deixariam subir a bordo e experimentá-lo. Mas eles estavam fora por alguns dias, numa viagem ao Chile para adquirir livros. Ele esperava contornar a sua cautela convencendo outra pessoa, alguém que pudesse ser menos severo na prevenção daquilo a que Richard chamava «comportamentos de alto risco». Isto incluía nadar, trepar, correr demasiado depressa, escorregar por corrimões, andar de carro com alguém que não fosse Richard ou Maram ao volante e passar tempo com outras crianças, exceto os poucos filhos de associados da Biblioteca, carrancudos e de olhos baços, que, por vezes, eram autorizados a visitá-lo.

O seu tutor na altura, o senhor Oxley, aposentara-se recentemente do colégio particular de Eton, e dera a entender a Nicholas que não tinha

aceitado o lugar na Biblioteca pelo prazer de ensinar, mas pela remuneração substancial. O homem riu-se na cara de Nicholas quando este lhe pediu que lesse o feitiço do tapete mágico.

— O quê, para que possas voar e partir o pescoço? — disse o senhor Oxley. — Um pescoço que vale várias vezes mais do que a minha própria vida, devo acrescentar, pelo menos, para algumas pessoas. Embora a minha mulher, os meus filhos e os meus netos pudessem argumentar o contrário, e, por isso, para bem deles, obrigado, mas vou recusar.

Nicholas dirigiu-se para a cozinha de trabalho, onde a cozinheira estava a cortar alho-francês e dois elementos do pessoal bebiam café à mesa. Levantaram-se rapidamente quando Nicholas entrou, alisando os aventais e sorrindo-lhe. Ele costumava gostar disso, de como toda a gente tinha de se perfilar quando ele entrava numa divisão, mas ultimamente reparava no que acontecia às suas caras quando o faziam: em como qualquer expressão natural que tivessem na altura era apagada e substituída por esse mesmo sorriso solícito e sem graça. Começara a perguntar-se como seria ter alguém a sorrir-lhe porque queria.

— Preciso de que um de vós me leia um feitiço — disse. Fez o possível para imitar a voz grave do tio, a sua autoridade natural, mas, em vez disso, saiu-lhe chorosa, infantil. Aclarou a voz. — Não precisam de saber o que faz. Só têm de o ler.

— Com todo o gosto — disse o cozinheiro —, logo que o seu tio e a doutora Ebla regressem e possamos obter a sua autorização.

— *Eu* estou a dar-vos autorização!

O cozinheiro era um homem magro, de pele escura, com uma cabeça tão careca como um caroço de abacate, e estava na Biblioteca há mais tempo do que qualquer uma das criadas. Pousou a faca e olhou para Nicholas muito sério.

— Sabe o que significa «cadeia hierárquica», Nicholas?

— Sei — disse Nicholas, e arrependeu-se logo de o ter admitido. Era fácil perceber aonde aquilo ia dar.

— O seu tio e a doutora Ebla estão no topo da cadeia hierárquica aqui. Por isso, tal como o menino, não posso fazer nada sem a autorização deles.

— Onde é que eu estou nessa cadeia, então? — perguntou Nicholas.

— Oh, isso é complicado — disse o cozinheiro, pegando novamente

na faca. — Há algumas coisas que me pode mandar fazer. Por exemplo, se viesse aqui exigir que eu lhe desse uma das bolachas de chocolate que acabei de fazer, aquelas grandes que estão a arrefecer ali, bem...

Nicholas reconheceu a manobra para o distrair — mas também lhe apetecia uma bolacha de chocolate. Pediu uma, recebeu-a e saiu para a comer à sua secretária no andar de cima. Enquanto mordiscava a bolacha, olhava para o livro em que tinha trabalhado tão arduamente, preenchido com semanas de pesquisa e dias de escrita e vários centilitros de sangue. Pensou em como as bolachas sabiam muito bem quando se comiam, mas, assim que se engolia a última dentada, o prazer acabava. Provavelmente, andar num tapete mágico seria o mesmo; maravilhoso enquanto estava a acontecer, mas depois acabava e a maravilha desaparecia. Portanto, o que interessava, afinal? A magia era estúpida e inútil. Os seus talentos eram estúpidos e inúteis. Provavelmente, ele, Nicholas, também era estúpido e inútil.

No presente, muito mais crescido, sentava-se à mesma secretária, embora sem bolachas. Olhou para o rascunho do feitiço da verdade, que mal diferia do mesmo feitiço cansativo que já tinha escrito muitas vezes, para o estranho bilhete de Maram. *PR1500tt*. Um livro em inglês, magia transformacional.

Curioso, de facto.

Às oito horas, Nicholas levantou-se a custo de uma sesta e dirigiu-se para a Biblioteca, com Collins a segui-lo pela escadaria grandiosa abaixo e atravessando o Grande Salão.

Em tempos, a coleção estava contida apenas na biblioteca original da casa, que era um espaço modesto adjacente à capela e à sala de jantar formal. No entanto, no final do século XIX, o bisavô de Nick derrubou as paredes e expandiu a Biblioteca para as outras duas salas, e ela ocupava agora metade do rés do chão, com o controlo de temperatura e de humidade rigorosamente ajustado às especificações de um arquivo. A entrada era uma porta de metal que requeria um *scan* da retina e a impressão digital do polegar, e apenas Richard, Maram e Nicholas tinham acesso, embora o pessoal, supervisionado, entrasse regularmente para limpar.

Collins ficou a um lado, de braços cruzados, enquanto Nicholas alinhava o olho com o *scanner*.

— O que estamos a fazer aqui em baixo?

— Estou à procura de uma coisa — disse Nicholas. — Não precisas de entrar comigo.

Collins acenou com a cabeça, e Nicholas não se tinha apercebido de que o guarda-costas estava tenso até ver os seus ombros relaxarem.

— Porque odeias tanto os livros? — perguntou Nicholas, curioso. Sempre considerara a aversão flagrante de Collins à magia como parte integrante da sua natureza, mas de repente perguntou-se se haveria mais do que simples má vontade.

Collins aclarou a voz. Parecia estar a preparar-se para dizer qualquer coisa, com os lábios a moverem-se em surdina, mas depois parou, aclarou de novo a voz e engoliu em seco com força. Soltou uma tosse

áspera e rouca e abanou a cabeça.

Nicholas olhou para ele, surpreso. Sabia que Collins assinara um acordo de confidencialidade, claro, e reconhecia os sinais inconfundíveis de uma tentativa de contornar a ordem mágica de silêncio. No entanto, não percebia porque o acordo de confidencialidade podia impedir Collins de explicar uma opinião. Era ele próprio que escrevia todos os acordos de confidencialidade, embora fossem Richard e Maram que os liam em voz alta, e eles eram uma magia um pouco complicada que permitia ao leitor preencher os termos exatos do silêncio forçado. Tanto quanto sabia, os empregados podiam ser proibidos de dizer a palavra «caprichoso», uma palavra de que Nicholas sabia que Maram não gostava.

Por fim, Collins disse:

— Todos os livros estão escritos com sangue.

Bem, isso era certamente verdade. Nicholas esquecia-se por vezes de que nem toda a gente estava tão familiarizada com o sangue em todas as suas formas como ele.

— Compreendo — disse ele. Pressionou o polegar no *touchpad* e a porta de metal abriu-se com um zumbido. Passou por ela e fechou-a de novo com o polegar, de seguida pegou num par de luvas brancas de algodão da mesa redonda alta que estava junto à entrada e calçou-as enquanto as engrenagens da porta soavam a fechá-la. No último segundo, olhou de relance para Collins e vislumbrou o rosto descontente do guarda-costas antes de o metal grosso os separar.

As luzes da Biblioteca eram sensíveis ao movimento e acendiam-se à medida que Nicholas avançava pela sala, iluminando as estantes, uma a uma, até que ele bateu palmas alto e os três enormes candelabros de cristal pendurados do teto fizeram desaparecer a escuridão que ainda restava. As paredes eram cheias de ângulos, curvas onde fora a biblioteca original, a direito através da antiga sala de jantar, depois desviando-se e com uma grande altura na parte que outrora fora a capela, e cada centímetro de parede estava forrado com estantes.

Algumas tinham portas de vidro, outras, não, mas todas eram ricamente esculpidas em carvalho inglês escuro, com as intrincadas torções de madeira, flores e hera a brilhar sob a luz dos candeeiros de latão aparafusados no topo de cada prateleira. Havia também estantes independentes de dupla face, igualmente altas e esculpidas da mesma

forma, algumas dispostas em linhas retas e outras em espiral para combinar com a curva das paredes, dando ao local uma sensação apertada e labiríntica. Aqui e ali, havia conjuntos móveis de escadas de mogno em espiral com remates de latão e com a parte de baixo de cada degrau pintada de um carmesim brilhante que piscava e desaparecia de vista quando Nicholas percorria os corredores, como um cardeal a levantar voo vislumbrado pelo canto do olho.

Os livros estavam organizados de acordo com um sistema de classificação concebido pelo bisavô de Nicholas, que os separava por idade, local de origem e função. Eram mais de dez mil, abrangendo igual número de anos ou mais, e nem todos eram livros no sentido mais estrito da palavra; algumas das prateleiras envidraçadas continham pergaminhos, outras fólhos, e o «livro» mais antigo da coleção eram, na verdade, fragmentos de um papiro com três mil anos, escrito em aramaico, com as letras tão desbotadas pelo uso que só eram legíveis com um microscópio especializado. Em tempos, tinha sido um feitiço para fazer um burro duplicar a sua força durante um dia inteiro.

— Qual é o objetivo de o ter? — pergantara Nicholas, olhando para os fragmentos frágeis e amarelados, preservados atrás de um vidro. Ele devia ter uns nove anos. — Se já não serve para nada, não o podemos emprestar. Porque é que guardamos livros que não servem para nada?

— Tudo o que podemos aprender sobre um livro é valioso, não apenas o que ele pode fazer — respondera Maram. — Os vestígios de tinta. Os métodos de encadernação. A composição do papel. A Biblioteca é a única portadora de uma linha de conhecimento muito antiga, como fazer esta tinta especial, como fazer estes livros especiais. Nós temos uma grande responsabilidade, tanto de preservar este conhecimento como de o manter seguro. Nas mãos erradas...

— Mas sou o único que pode fazer a tinta — disse Nicholas.

— Exatamente — disse Maram. Ela tinha virado os seus olhos escuros e lúcidos para ele. — Portanto, também não deves cair nas mãos erradas.

Mas ele caíra.

Era o último dia de outubro, tinha treze anos, em São Francisco, na altura em que lhe era permitido sair do Reino Unido com mais frequência. Ele e Richard estavam a descer a rua, a discutir. Esse fora o ano em que Nicholas se sentira mais zangado, uma névoa vermelha de

puberdade em que ele tinha desejado qualquer outra vida que não aquela que estava a ser moldada para ele. Nesse dia em particular, recuperava de uma encomenda desafiadora: um volume que pedia uma tempestade de granizo de dois dias, completa com relâmpagos, que tinha sido comprada por um milionário em Sonoma County com o único objetivo de arruinar o casamento ao ar livre da sua ex-mulher.

Nicholas quisera a discussão que estavam a ter. Começara-a de propósito, enfiando o livro sobre a tempestade de granizo no bolso do casaco com tanta força que sabia que Richard não seria capaz de se conter e lhe ralharia, e então Nicholas poderia começar a gritar, o que aconteceu. A sua briga com Richard era tão acesa que, no princípio, nenhum deles tinha prestado grande atenção à carrinha que descia a rua ao lado deles, um veículo espampanante que anunciava uma empresa de canalização local.

— Eles estão a acompanhar-nos — disse Richard num tom estranho que Nicholas nunca o tinha ouvido usar, e, daí a um segundo, estava a agarrar o braço de Nicholas e a puxá-lo para o afastar da rua, mas era demasiado tarde. A porta da carrinha já se tinha aberto e várias figuras com máscaras negras saltaram para fora, com metal a brilhar nas mãos. Dias mais tarde, Nicholas tinha encontrado nódoas negras ainda lívidas no braço, com a forma das impressões digitais de Richard, onde ele o tinha agarrado, embora nessa altura esses fossem os menores dos seus danos.

Eles tinham deixado Richard inconsciente e agarraram em Nicholas e levaram-no de olhos vendados e aterrorizado numa viagem que pareceu durar horas, amarrando-o depois a uma cadeira e deixando-o lá — onde quer que «lá» fosse. Sozinho. Não sabia durante quanto tempo. Tempo suficiente para ter feito chichi pelas pernas abaixo várias vezes. Depois, finalmente, os seus raptos tinham regressado. Múltiplos pares de passos. Perguntara se eles eram as pessoas que tinham matado os seus pais e alguém se riu e respondeu que sim.

Pelas perguntas que lhe disparavam em rajada, era claro que andavam atrás do segredo mais bem guardado da Biblioteca: o segredo dos próprios Escribas. Queriam saber como os livros estavam a ser escritos e por quem, sem se aperceberem de que a resposta estava amarrada à cadeira à sua frente. Nicholas não lhes disse nada. Finalmente, após horas de interrogatório e dois dedos partidos, uma

peessoa que cheirava a detergente com aroma de alfazema viera espetar-lhe uma agulha no braço, e era aí que as suas recordações terminavam.

Quando acordou, estava numa cama de hospital. Abriu o que, viria a saber, era o único olho que lhe restava e viu Maram tombada numa cadeira ao seu lado, exausta de uma forma como nunca a tinha visto e como nunca mais a voltaria a ver. Atrás dela, Richard andava de um lado para o outro.

Depois de os médicos lhe terem explicado a extensão dos seus ferimentos, depois de Richard e Maram terem explicado como tinha sido a data de validade ativada do livro da tempestade de granizo no bolso de Nicholas que os tinha levado até ele e lhe tinha salvado a vida, depois de ele lhes ter contado tudo o que ficara a saber sobre os seus captores, que era absolutamente nada, Richard tinha-se ajoelhado à cabeceira da cama e pegara na mão de Nicholas.

— Se tivéssemos chegado quinze minutos mais tarde... — disse ele, e depois parou de falar, com a voz a tremer, incapaz de terminar a frase. Quando voltou a falar, a sua voz era firme, forte. — Não vou deixar que isto volte a acontecer nunca mais.

Nicholas baixou a cabeça, embaraçado com a emoção nas palavras de Richard, mas também grato. Richard apertou-lhe a mão e disse:

— Não, Nicholas, quero que olhes para mim enquanto digo isto. Quero que acredites em mim. Nada como isto te vai voltar a acontecer. Vamos manter-te seguro, eu, a Maram e a Biblioteca. Prometo-te.

E tinha mantido essa promessa. Nicholas mantivera-se seguro — tão, tão seguro — desde então. Grato pela proteção. Sem questionar a sua necessidade. Sem sonhar já com outra vida além daquela.

E porque aquela era a sua vida e ele tinha mais ou menos aceitado que era a única que alguma vez teria, decidira orgulhar-se do que podia nela. Concentrou-se ainda mais em estudar os livros, os apontamentos do pai, em aprender a escrever, e há muito que tinha memorizado a planta da Biblioteca.

Por isso, sabia exatamente onde encontrar o livro cuja informação Maram copiara no bilhete. Estava numa das prateleiras curvas da biblioteca original, muito no alto, e Nicholas teve de empurrar para o lado um globo grande do século XVII e arrastar uma das escadas em espiral para lhe chegar. Estava encadernado de forma bastante rudimentar, em pele não tingida que dava uma sensação de aspereza.

Pegou nele e leu o cartão informativo na sua capa de plástico.

País de origem: Inglaterra.

Ano estimado de escrita: 1702.

Recolha: 1817.

Efeito: faz com que qualquer mistura de propulsor químico, ou seja, pólvora, transforme o metal em Bombus terrestris ao explodir.

Amostra de tinta: tipo de sangue O negativo, detetado trevo, bálsamo.

Lembrava-se agora daquele livro; tinha-o estudado quando estava a aprender magia transformacional. Ajustou as luvas e começou a folheá-lo. Não fazia ideia do que Maram queria que ele procurasse, e estava disposto a folhear as páginas e deixar que a sua atenção deslizesse até ficar presa, mas viu imediatamente que não seria necessário.

Na parte da frente do livro, entre a capa e a primeira página, havia um bilhete.

Também esse estava escrito na letra de Maram, e ele leu-o, com uma dor de cabeça a começar a latejar-lhe atrás dos olhos.

Era outra cota.

O que era aquilo, uma caça ao tesouro? Voltou a guardar o livro que transformava balas em abelhas na prateleira e começou a encaminhar-se para o outro lado da biblioteca, onde era antes a capela. Estava tão concentrado no caminho que bateu com o lado esquerdo cego na borda de uma prateleira e praguejou em voz alta, de dor, embora a sua voz tenha sido engolida pelo zumbido distante do desumidificador e pelas camadas e camadas de papel.

O livro seguinte estava numa das estantes por baixo dos vitrais do que fora outrora a capela, num estrado elevado onde o sermão teria sido proferido. Encontrava-se mesmo atrás de um de dois cadeirões de couro vermelho, do período georgiano, que ladeavam uma vitrina alta. Esta continha um fragmento de uma escultura de calcário em relevo com quatro mil anos, que representava a deusa egípcia da escrita, Seshat, mestra da casa dos livros. O seu nome significava «Aqueela que é a

Escriba».

No entanto, não se tratava de uma mera relíquia. Do outro lado da pedra calcária, havia uma série de hieróglifos meticulosamente gravados, ocupando quase toda a pedra, e, se alguém assestasse um microscópio nesses caracteres gravados, seriam visíveis traços escuros de sangue nos sulcos. O Escriba há muito morto que tinha esculpido aquele feitiço misturara o seu sangue com ervas e argila e selara-o na escultura. Era o que Maram chamava «feitiço acompanhante» — escrito para melhorar o funcionamento de outras magias, em vez de ser autónomo.

Esse feitiço em particular podia prolongar os efeitos de qualquer livro por até três horas, e o entalhe era inestimável, não apenas pela antiguidade, mas porque a magia ainda estava — minimamente — intacta. Havia sangue que bastasse para uma última leitura, um quase-milagre, considerando que, geralmente, os feitiços gravados ou entalhados só podiam suportar duas leituras no total. No entanto, enquanto Seshat estivesse sob a proteção de Maram, Nicholas sabia que esses vestígios de sangue permaneceriam e que a magia de quatro mil anos perduraria, sem ser lida, para sempre.

De acordo com Maram, o avô de Nicholas adquirira aquela relíquia em 1964 numa reunião de curadoria de um museu de Nova Iorque, através do uso de um poderoso feitiço de persuasão que fazia o leitor parecer completamente digno de confiança a qualquer pessoa com quem falasse durante trinta minutos. O feitiço tinha sido inicialmente escrito, disse Maram a Nicholas, para a Companhia Holandesa das Índias Orientais, para ser usado por traficantes de escravos.

Nicholas tinha nessa altura treze anos e a sua órbita vazia ainda estava a cicatrizar por baixo de um tapa-olho quando Maram lhe contou aquilo — ela estava sentada num dos cadeirões vermelhos enquanto ele olhava para a escultura antiga, com as pontas dos dedos a roçar o vidro da vitrina. Aquela última parte fê-lo estremecer.

— Isso é horrível.

— Sim, é — disse Maram. — Foi escrito em 1685.

A Biblioteca tinha sido fundada em 1685. Ou, pelo menos, esse foi o ano em que o antepassado fundador de Nicholas decidira transformar a sua coleção pessoal de livros no início de uma organização. Esse foi o ano em que contratou os primeiros empregados da Biblioteca, e o ano em que nomeou a primeira Escriba oficial da Biblioteca — a irmã.

Nicholas sentiu um nó no estômago.

— Foi uma Escriba da Biblioteca que escreveu esse livro?

— É verdade — disse Maram. — De facto, foi a primeira encomenda, e os lucros foram usados para renovar esta capela.

Nicholas olhou do estrado para o padrão colorido dos vitrais que o sol pintava na alcatifa.

— Mas — disse, sabendo que o que se preparava para dizer era infantil, mas incapaz de se conter — eu pensava que o meu qualquer-coisa-bisavô tinha começado a Biblioteca porque queria ajudar as pessoas.

Essa era a história que lhe tinham contado: que o cirurgião tinha visto tanto sofrimento na sua profissão que, na meia-idade, desviara o foco da medicina para a magia, na esperança de encontrar uma forma de curar milagrosamente o corpo humano. Mas os livros não podiam interferir com a biologia, pelo menos não permanentemente, e, ao longo do tempo, os objetivos da Biblioteca tinham-se expandido do mero estudo para a recolha e a preservação de exemplares e para encomendas. Escrever feitiços para escravagistas não fora incluído nessa história da origem da Biblioteca, tal como Nicholas a entendera.

— A Biblioteca detém poder — explicou Maram. — E o poder é sempre um reflexo do mundo que a criou, independentemente da intenção.

— Mas a magia podia tornar o mundo melhor — tentou Nicholas.

— Não, não podia — disse Maram num tom ríspido. — O teu tio compreende isso. Tu também tens de o compreender. É por isso que mantemos as encomendas pequenas e pessoais, é por isso que nunca escreverás para governos, corporações ou líderes de rebeliões políticas, por mais intrigante que seja a sua causa ou por mais dinheiro que ofereçam. Não estamos aqui para mudar o mundo com estes livros, Nicholas. Parte da razão pela qual os colecionamos é para os manter *afastados* do mundo, porque o mundo faz mau uso do poder e a Biblioteca participou nesse mau uso durante séculos. Compreendes o que estou a dizer?

Nicholas tinha compreendido. Contudo, mesmo naquele momento, não gostava de olhar para a escultura, não gostava de olhar para as linhas serenas do perfil antigo de Seshat, e evitou-o enquanto subia os degraus do estrado.

Por fora, os livros daquela secção da capela eram tão coloridos como os livros em todos os outros lugares, as suas lombadas de pele brilhante, de tecido baço ou mesmo de metal martelado, mas por dentro eram fantasmagóricos. Era ali que a Biblioteca guardava os volumes cuja tinta se tinha desvanecido, e magia esgotado. O livro referido no segundo bilhete de Maram era um volume fino e alongado, com uma capa de pele vermelha e a ficha habitual a acompanhá-lo.

País de origem: Hungria.

Ano estimado de redacção: 1842.

Recolha: 1939.

Efeito: torna translúcidos e penetráveis objetos inanimados sólidos; permite a passagem de corpos. Duração: máximo de seis minutos por leitura.

Não havia nada de extraordinário no livro, tanto quanto Nicholas conseguiu perceber numa primeira vista de olhos. Parecia não ser mais do que aquilo que era, um feitiço com umas quarenta páginas no máximo, a tinta desbotada quase até ao ponto da ausência total de poder...

Mas não era bem assim.

Nicholas ergueu o livro à altura dos olhos e observou a primeira página. A tinta estava um pouco apagada, sim, mas, ao contrário de todos os outros livros daquela secção, não estava completamente usada. Ainda havia magia nela. Começou a folheá-lo novamente, e dessa vez, quando chegou ao fim, viu algo muito interessante.

A última página tinha sido reescrita. A tinta, desbotada e quase inutilizável, tornava-se subitamente forte de novo. Uma mão diferente mudara as palavras finais do feitiço.

A última página tinha sido reescrita por um Escriba completamente diferente, para tornar o livro recarregável.

O coração de Nicholas bateu-lhe mais acelerado no peito. Aquilo era qualquer coisa! Um livro recarregável precisava de mais sangue do que o habitual; precisava de todo o sangue que uma pessoa pudesse dar.

O que significava que alguém, em algum momento, tinha morrido

para reescrever aquele livro.

Pressionou a ponta do dedo calçado com uma luva de algodão na tênue mancha castanha onde a página levaria o sangue do leitor e voltou a ler a ficha.

Torna translúcidos e penetráveis objetos inanimados sólidos; permite a passagem de corpos.

Levantou os olhos para a estante, que era de carvalho robusto com pregos de metal e cujas prateleiras estavam carregadas de livros de pele e de papel. Objetos sólidos e inanimados. Havia uma secção visível de madeira onde o livro tinha estado, com a parte de trás da estante encostada à parede. Esculpido na madeira, via-se um pequeno símbolo não maior do que a unha do dedo mínimo de Nicholas: um X claro e deliberado.

Recuou um passo para examinar o tapete sob os pés. Era, como todos os tapetes da biblioteca, de lã tecida, e estava ligeiramente desgastado pelos anos. Seria imaginação de Nicholas ou a parte gasta pareceria subtilmente diferente ali? Ajoelhou-se junto à base da estante e tirou as luvas para poder passar os dedos pelas fibras, constatando que não era apenas ideia sua: o tapete estava mais fino, não só no centro do corredor, mas também do lado — um desvio quase impercetível no caminho que conduzia àquele livro, àquela estante. A trama mais gasta ia até ao pé da estante — como se o caminho não levasse a ela, mas através dela.

Levantou-se. Olhou para o livro recarregável que tinha na mão e depois novamente para a parte gasta do tapete.

Permite a passagem de corpos.

Havia alguma coisa para lá daquela prateleira. Alguma coisa que apenas poderia ser alcançada usando o livro para o qual Maram o conduzira, um livro que qualquer pessoa poderia ler. Qualquer pessoa poderia encostar o dedo à página e deixar que o papel bebesse o seu sangue, qualquer pessoa poderia dizer as palavras que tornariam aquela estante permeável, palavras que dissolveriam a barreira das prateleiras e da moldura e permitiriam ao leitor atravessá-la para o que quer que estivesse à espera mais além.

Qualquer pessoa menos alguém que não pudesse tocar nem ser

tocado por magia.

Qualquer pessoa menos Nicholas.

Intencionalmente, o que quer que estivesse para lá da prateleira era-lhe inacessível, a ele e só a ele.

Voltou a pôr o livro no lugar com a mão a tremer, tapando o X delicadamente esculpido. De repente, sentiu como se as estantes estivessem a pairar sobre ele, a olhar de soslaio com malícia. Se Maram queria que ele soubesse daquilo, porque não simplesmente dizer-lho? Pensaria que o tédio dele era tanto que precisava de um jogo de crianças para ocupar o tempo?

Collins estava sentado no chão do corredor lá fora, com o queixo na mão, embora se tenha levantado quando Nicholas saiu pela porta de metal. Afastou-se um passo quando viu que Nicholas não estava a fechar a porta atrás de si.

— Encontrei o que procuravas? — perguntou.

A mente de Nicholas rodopiava. Ele próprio não podia fazer a magia, mas isso não significava que outra pessoa não pudesse fazê-la por ele.

— O que vou dizer não te vai agradar — disse Nicholas. — Mas preciso de que venhas aqui e que me faças um favor.

Collins gemeu.

— Fiz-te um favor ontem à noite ao não deixar que fosses assassinado.

— Preciso que leias um feitiço.

— Não — disse Collins. — De maneira nenhuma. Eu não faço isso. Não se inclui nas minhas obrigações.

— Por favor? Eu dou-te... — Nicholas fez uma pausa, porque não tinha dinheiro, apenas cartões de crédito e uma conta bancária quase ilimitada, que era inútil para despesas secretas. — O meu relógio. Custou onze mil libras, novo. És capaz de conseguir vendê-lo por...

— Tu pagaste onze mil dólares por um *relógio*? — perguntou Collins.

— Na verdade, foi um bom negócio, normalmente estes relógios custam...

— O meu relógio custou trinta dólares e trabalha muito bem — disse Collins. — Não preciso de um novo.

— O quê, então? — perguntou Nicholas asperamente, olhando de uma ponta à outra do corredor vazio. — Tenho botões de punho, alfinetes de gravata, um par de anéis, e a *Sir Kiwi* tem aquela coleira de

ouro que ela nunca...

— Eu não quero o teu dinheiro. — Collins semicerrou os olhos com irritação.

Nicholas pensou na reação de Collins quando Nicholas lhe perguntara porque odiava livros. Baixou ainda mais o tom de voz.

— Eu escrevo um feitiço para reverter o teu acordo de confidencialidade.

A expressão de Collins mudou tão rapidamente que Nicholas quase se riu.

— Faça-o — disse. — E, antes que penses que me tornei subitamente altruísta, não é verdade. Preferia que o meu guarda-costas pudesse responder às minhas perguntas quando eu as fizesse, e parece que ele não pode fazer isso estando sob o acordo de confidencialidade. Portanto, será uma situação vantajosa para ambos.

Collins cerrou uma mão em punho e encostou-a à parede muito delicadamente.

— Quem é que mo vai ler? — perguntou Collins. — Tu não podes.

— Tu mesmo o lerás.

— O quê? Não é assim que funciona.

Nicholas abanou a cabeça.

— Que é que te ensinam quando és contratado? Sim, é dessa maneira que funciona. As pessoas estão sempre a ler os seus próprios feitiços.

— Como sei que não me estás a mentir?

Nicholas levantou as mãos.

— Porque me salvaste a vida e estou em dívida para contigo?

Collins desviou o olhar. De seguida, disse:

— Escreve-me primeiro o feitiço, depois eu ajudo-te.

— Não posso — disse Nicholas, frustrado. — Tu sabes disso. Tenho de escrever os feitiços da verdade e depois vou precisar de descansar durante, pelo menos, algumas semanas. Já perdi demasiado sangue recentemente. Mas preciso que me leias aquele livro agora, esta noite.

— Então, tenho de acreditar na tua palavra.

Nicholas apercebeu-se de que queria que confiassem nele.

— Sim.

Collins franziu a testa, a pensar, enquanto Nicholas esperava, com a respiração contida. Não estava habituado a que fosse tão difícil conseguir o que queria, especialmente de alguém supostamente às suas

ordens — ou, pelo menos, às ordens de Richard, o que era a mesma coisa.

— Está bem — disse Collins. — Argh.

Nicholas debateu-se por momentos sobre se deveria ou não ir ao herbário procurar alguma coisa para misturar com o sangue de Collins — como o feitiço era húngaro, a paprica ou a ulmária eram escolhas óbvias. A ficha informativa indicava que a duração máxima era de *seis minutos*, o que significava que, sem a ajuda das ervas, teriam sorte se o feitiço durasse três... mas preocupava-o que Collins mudasse de ideias se o processo demorasse muito tempo, e, de qualquer forma, três minutos era tempo suficiente para ver o que estava para lá da estante. Portanto, prescindiu das ervas e puxou Collins para dentro da Biblioteca.

Esperou até estarem os dois lá dentro para se certificar de que a porta eletrónica se encontrava bem fechada e trancada atrás deles, e, quando se virou, deu com Collins de pé, com uma mão encostada à parede e a outra pressionada sobre os olhos como se estivesse a sentir-se assoberbado pela luz. Nicholas franziu a testa. O espaço estava bem iluminado, sim, mas não era assoberbante — os candeeiros de latão ao longo das prateleiras proporcionavam uma luz suave, cor de âmbar, e os lustres emitiam um brilho quente. Mas, então, Collins baixou a mão e ficou a olhar para a sala, com o queixo ligeiramente descaído.

— Nunca tinhas estado aqui — lembrou-se Nick, vendo a Biblioteca pelos olhos de Collins: os milhares de livros nas suas filas arrumadas, as prateleiras esculpidas em cada parede sinuosa, os lustres cintilantes, os tetos diferentes, tudo luxuriante com cor e textura e antiguidade e magia. Não admirava que parecesse assoberbado. — Que te parece?

— Quem viu uma biblioteca viu-as todas — disse Collins. — Esta não tem nada de especial. — Mas a sua expressão de espanto sugeria o contrário.

— Mentiroso — disse Nicholas, rindo-se. — Toma, umas luvas.

Collins enfiou distraidamente as suas grandes mãos numas luvas de algodão branco demasiado pequenas, continuando a olhar em volta.

— Estes são todos... todos estes livros são?...

— Feitiços, sim, na sua maioria. — Nicholas começou a percorrer os corredores. — A maioria é bastante antiga, como podes ver. Todos os que foram escritos pelos Escribas da Biblioteca estão ao virar daquela esquina.

— Costumava haver muitos mais de vós, certo? Escribas?

— Supostamente — respondeu Nicholas.

— Surpreende-me que não te estejam a usar para reprodução, como um pónei puro-sangue.

— Eu não estou recetivo à procriação... e além disso, não há absolutamente nenhuma garantia de que qualquer um dos meus filhos viesse a ser um Escriba. O meu pai foi o primeiro Escriba nascido na nossa família desde a fundação da Biblioteca; o meu próprio nascimento parece ter sido pura sorte. — Nicholas olhou para trás. — De qualquer forma, que é que sabes sobre póneis puro-sangue?

— É possível que saiba muito. É possível que tenha sido criado num rancho.

Collins, a crescer: era um pensamento surpreendentemente encantador. Nicholas imaginou um rapazinho entroncado, com olhos azuis brilhantes e uma carranca furiosa de adulto.

— Criaste-te *mesmo* num rancho?

No entanto, Collins não respondeu, e o sorriso desapareceu do rosto de Nicholas. Devia saber que não podia esperar que Collins respondesse; conversar não fazia parte dos deveres laborais dele, mas então ouviu um som áspero de tosse. Não se virou, não querendo ver no rosto de Collins a tensão de lutar contra um acordo de confidencialidade — não querendo perguntar-se por que razão fora proibido de revelar uma informação que parecia tão inócua. Provavelmente, era apenas tosse, perfeitamente natural. Além disso, Nicholas tinha toda a intenção de manter a sua promessa e de reverter o feitiço — portanto, talvez em breve Collins *pudesse* responder.

— Aqui estamos — disse, conduzindo Collins pelo corredor por baixo dos vitrais, até ao estrado. Com apreensão, Collins viu Nicholas tirar o livro húngaro da prateleira e estender-lho. — Isto é o que preciso que leias. Dá uma vista de olhos, não serve de nada se te engasgares.

Collins olhou para a ficha informativa.

— Está em húngaro.

— A língua não importará quando o livro sentir o teu sangue e apreender a tua intenção de o ler. Quando começares, vais compreendê-lo como se fosse inglês.

— Eu sei disso — disse Collins.

— Não tenho uma agulha ou uma faca, nada — lembrou-se

Nicholas. — Tens alguma coisa com que te possamos picar?

Collins procurou nos bolsos e tirou um porta-chaves com um pequeno canivete suíço.

— Tens um isqueiro? Para o esterilizar?

— Um *isqueiro*? — disse Nicholas. — Há cerca de mil quilos de papel insubstituível nesta sala.

— Então, não.

— Não vais entrar em septicemia por causa de uma picada no dedo, acredita em mim.

Collins rodou os ombros como um homem que se prepara para uma luta e arrancou as luvas.

— Está bem. Vamos a isso.

Apesar da sua exaustão geral, da irritação com Maram e, acima de tudo, do seu ressentimento por tal feitiço, Nicholas sentiu uma pequena pontada de excitação. A Biblioteca estava cheia de segredos, mas já há algum tempo que não encontrava um novo. Collins encostou o canivete ao dedo e esperou que o sangue brotasse antes de o pressionar firmemente contra a página e começar a ler. A voz saiu-lhe desajeitada no princípio e depois mais natural, com o seu sotaque a dar às palavras uma cadência hipnótica.

Demorou cerca de vinte e cinco minutos até que, silenciosamente, a estante começasse a perder a nitidez. No princípio, parecia apenas desfocada, mas depois os seus contornos começaram a dissolver-se como uma nuvem de tempestade a desvanecer-se em chuva, e, quando a última palavra soou, a mão de Nicholas pôde passar sem qualquer resistência. A estante e os livros que nela se encontravam eram uma vaga neblina escura e Nicholas conseguia ver através dessa neblina até à parede.

Só que não era uma parede.

— Uma porta — disse Collins.

Era uma porta. A estante tinha-se desvanecido para revelar a maçaneta de latão, a madeira simples, as dobradiças presas à pedra nua da parede — uma porta como qualquer outra, mas escondida. E, por trás dela, quando Nicholas avançou pela prateleira intangível e a abriu, havia uma escada escura a subir.

— Tens a certeza de que não te posso oferecer nada? — disse Cecily.
— Uma chávena de café? Um chá?

Joanna não se deu ao trabalho de olhar para a mãe enquanto abanava a cabeça. Estava deitada no sofá, com o olhar fixo na janela a acompanhar o lento desvanecer da luz à medida que o sol se punha, uma moeda brilhante atirada para um lago escuro. A cada raio que escurecia, ela ia ficando mais distante da possibilidade de sair e chegar a casa a tempo de ativar os encantos.

— Não acabaste de almoçar — disse Cecily. — Posso aquecer a sopa?

— Não me podes alimentar para que te perdoe — ripostou Joanna. A sua voz estava rouca de tanto berrar.

— Eu sei disso — disse Cecily, embora o seu tom sugerisse que tencionava continuar a tentar. Joanna estava presa atrás do feitiço da mãe há mais de uma hora e esgotara-se nos primeiros quinze minutos, gritando, chorando e implorando por uma explicação, e tudo o que Cecily tinha dito, vezes sem conta, fora: «Não te posso dizer, desculpa, não te posso dizer.» Ela também tinha estado a chorar, mas nenhuma das duas chorava agora. Joanna sentia-se quase calma; talvez tivesse esgotado a sua dose anual de emoções furiosas. Cecily tinha colocado uma cadeira à entrada da porta e observava a filha com uma determinação culpada do lado de fora da sala de estar. *Gretchen* estava deitada a dormir aos seus pés.

— Queres roubar a coleção e vendê-la a quem der mais — disse Joanna. Tinha estado a dar palpites, embora a mãe não dissesse nem que sim nem que não a qualquer um deles. — Vais aposentar-te e viver em Paris e comer *croissants* todas as manhãs.

— Não — respondeu Cecily. — Há demasiados pombos em Paris.

— Vais incendiar a casa para eu não ter onde viver e nada para fazer e ficarei dependente de ti para tudo — disse Joanna.

Cecily ficou calada por um momento. De seguida, disse:

— Espero que não acredites verdadeiramente que faria uma coisa dessas.

Joanna sentou-se contra o braço do sofá.

— Eu também não teria acreditado que me ias prender na tua sala de estar.

— Não tem de ser assim — disse Cecily. — Ponho termo ao feitiço agora mesmo e podemos chegar a casa a tempo de ativares os esconjuros, se me lewares contigo e me deixares entrar.

— Se não é pelos esconjuros que queres ir — disse Joanna —, então pelo que é?

Cecily fechou a boca e abanou a cabeça, e Joanna voltou a estender-se no sofá, com os olhos a encontrarem de novo o céu da tarde pela janela.

— Foi o que eu pensei — disse ela.

Havia uma parte dela, enterrada tão fundo no medo que precisaria de uma pá para a trazer à superfície, que sentia curiosidade por ver o que aconteceria quando os esconjuros ficassem inativos. Uma parte dela que sentia um interesse estranho e crescente — quase uma euforia. Os esconjuros eram uma amarra, assim como uma salvaguarda. O que aconteceria quando a amarra fosse cortada? A casa não passara uma única noite sem a proteção dos esconjuros desde que Abe pusera o pé nela pela primeira vez, quase três décadas antes, com a filha nos braços, e o corpo da amante assassinada a centenas de quilómetros. O que aconteceria quando a proteção que ele e Joanna tinham mantido tão meticulosamente desaparecesse?

Havia pessoas — ou, pelo menos, tinha havido — que tinham mostrado a sua disposição de matar para ter acesso à coleção de Abe... mas isso fora há quase trinta anos. A desativação dos esconjuros significaria apenas que a casa seria como qualquer outra casa; visível e acessível a quem soubesse a morada, e ninguém, tanto quanto Joanna, sabia a morada. Portanto, era possível que o acontecimento cataclísmico que sempre temera (enxames de homens armados a entrar pelas janelas? Todos os seus livros levados por maldade e violência?) não acontecesse de todo, ou não brevemente.

Mas o que queria Cecily senão expor a casa a alguma coisa, a alguém? Nas semanas que se seguiram à partida de Esther, Cecily ficara possessa, discutindo constantemente com Abe, tentando convencê-lo a desativar os encantamentos, a deixar os livros, a desistir do trabalho da sua vida. Mas porquê? Para quem?

Cecily era a única pessoa que lhe podia dar essas respostas e ela recusava-se a dá-las.

Joanna fez uma última tentativa.

— Levo-te a casa — disse, e a mãe endireitou-se —, se responderes a três perguntas sob um feitiço da verdade.

A expressão de Cecily, que era esperançosa e alerta, dissipou-se instantaneamente.

— Não vou conseguir.

— Isso não é possível — disse Joanna, exasperada. Uma vez, Abe tinha-a posto sob o efeito de um feitiço da verdade para lhe mostrar qual era a sensação. Ela andava pelos doze anos e ele tinha-lhe feito perguntas simples e tolas cujas respostas já sabia: Como se estremece um ovo? Qual é a minha canção favorita dos Allman Brothers? Porque é que a Esther se zangou contigo ontem? Ele tinha-lhe dito para tentar mentir.

Ela não conseguiu. Parecia que a verdade era uma fita que se desenrolava na sua língua sempre que abria a boca. Sem qualquer sensação de esforço ou desconforto: simplesmente dizia a verdade, uma e outra vez, com as tentativas de mentira a transformarem-se algures para lá da sua caixa vocal.

— Não é que não queira dar-te respostas — disse Cecily. — É que não posso. Sei que não compreendes, e lamento. Se pudesse explicar, acredita em mim, explicava.

Joanna sentiu uma onda de raiva impotente a invadi-la e fechou os olhos com força e susteve a respiração até que passasse. Já tinha tentado a raiva, já tinha tentado as lágrimas, e nem uma nem outra tinham resultado. Talvez parte dela sentisse curiosidade, sim, mas o resto dela era a filha do seu pai. Não podia deixar que os encantamentos ficassem inativos.

Cecily tinha recusado o feitiço da verdade, mas Joanna vira a postura da mãe mudar perante a esperança de um acordo, o que significava que também podia ter esperança. Para Joanna, um acordo era uma oportunidade de chegar a tempo aos encantamentos; para Cecily, era uma

oportunidade de restaurar algum fragmento da relação que tinha quebrado quando derramara o seu sangue naquela porta.

Joanna levantou-se do sofá e atravessou a sala para ficar em frente da mãe e da barreira invisível, de braços cruzados. Cecily mexeu-se na cadeira como se também fosse levantar-se, mas não o fez, apenas fitou Joanna com um olhar desconfiado.

— Dizes que não fizeste isto para destruir os esconjuros.

— Não o fiz — disse Cecily imediatamente. — Só preciso deles inativos para poder entrar. Podes voltar a ativá-los amanhã, juro.

— Mas recusas-te a dizer-me o que queres fazer.

— Não te *posso* dizer.

Joanna suspirou, frustrada. Cecily não parava de repetir aquelas palavras, «não posso, não posso, não posso», como se o seu silêncio não fosse uma questão de vontade, mas de capacidade. Joanna decidiu levar aquilo à letra.

— É alguma coisa que eu te impediria de fazer, se pudesse?

Lentamente, Cecily respondeu:

— Não. Não vejo por que razão me impedirias.

— Deixavas-me ver-te a fazê-la? Se eu te levasse para dentro de casa?

Cecily imobilizou-se, atenta como um cão de caça com um coelho à vista. Joanna conseguia vê-la a pensar, com os olhos a saltarem de um lado para o outro enquanto considerava a pergunta.

— Sim — respondeu, por fim.

Joanna sentiu-se inundada por uma vaga de triunfo. Conseguiria ativar os esconjuros e, ao mesmo tempo, perceber os motivos da mãe.

— Aqui está a minha proposta, então — disse Joanna. — Temos cerca de duas horas antes de eu precisar de ativar os esconjuros. Nessas duas horas, acabas com este feitiço, deixas-me vendar-te os olhos, levo-te à casa e deixo-te entrar. Podes fazer o que tens a fazer e depois trago-te de volta. Se tentares fazer alguma coisa aos esconjuros, se tentares entrar na cave ou se eu te disser para não fazeres alguma coisa e tu a fizeres mesmo assim, nunca mais te falo.

Cecily começou a responder e Joanna cortou-lhe a palavra.

— Estou a falar a sério, mãe. — Encheu a voz de convicção. — E se recusares, se me deixares aqui presa enquanto os esconjuros caem e tu invades a minha casa, vai ser a mesma coisa. Vais perder-me tão completamente como perdeste a Esther, e nunca mais me terás de volta.

A ameaça parecia pegajosa na sua língua, podre. Proferiu-a sabendo que era o medo mais profundo e mais antigo da mãe. Os olhos de Cecily brilhavam com lágrimas, e Joanna sabia que, provavelmente, o seu próprio rosto refletia alguma da mágoa que ela tinha empunhado como uma arma contra o ponto fraco da mãe. Nunca tinha conseguido esconder os seus sentimentos, não como Esther conseguia, mas isso não importava. Deixou que a mãe os visse.

— Está bem, meu amor — disse Cecily. — Farei esse acordo.

Lambeu o polegar, baixou-se e limpou a barreira de sangue.

Esther não sabia como confrontar Pearl sobre aquilo de que suspeitava, ou se deveria sequer tentar, mas, afinal, a decisão foi tomada por ela.

Não voltara a sair do quarto depois de ter descoberto a ausência do livro da sua mãe, e também não tinha dormido. Trancara a porta, empurrara a cómoda para a frente dela e sentara-se na cama, tão alerta que dava quase a sensação de estar sob o efeito de hipnose. Já tinha sido assaltada duas vezes: uma em Buenos Aires, por um grupo de miúdos de onze anos que a ameaçaram com garrafas partidas, e outra em Cleveland, por um tipo que ficou indignado ao ver que a única coisa que ela tinha no bolso era um telemóvel desdobrável barato, pago ao mês.

— Minha — dissera ele —, tu é que devias estar a roubar-me a *mim* — e ambos se surpreenderam rindo-se. Das duas vezes, sentira-se assustada e irritada. Não se sentira violada.

Agora, sim.

Não parecia importar se Pearl tinha levado o livro para o vender na Internet ou porque estava de alguma forma ligada às pessoas que andavam atrás de Esther há aqueles anos todos. De qualquer forma, era uma traição. Talvez, pensou Esther, entorpecida e com o olhar fixo às quatro da manhã, ela pudesse evitar completamente Pearl durante dois dias, meter-se no avião e partir sem ter de a confrontar, sem ter de encarar que uma das únicas relações verdadeiras que tivera na vida tinha sido uma mentira.

Às oito da manhã, depois de uma noite sem dormir, ainda estava muito desperta e tão nervosa que, quando bateram à porta, foi como uma explosão de quarenta *volts* no seu peito. Permaneceu imóvel, agarrada aos joelhos, a rezar para que quem quer que fosse desistisse, mas as pancadas recomeçaram e, para seu horror, foi a voz de Pearl que

soou.

— Esther, eu sei que estás aí dentro! Abre o raio da porta!

Esther levantou-se e respirou fundo, permitiu-se fechar os olhos, sentir a respiração percorrer-lhe o corpo, sentir os pés no chão. Depois, abriu a porta.

Em vez de deixar Pearl entrar, saiu ela para o corredor. Não queria ficar num quarto pequeno perto daquela pessoa que pensara que conhecia. O rosto de Pearl estava contorcido numa expressão nada familiar que Esther identificou tardiamente como raiva; nunca tinha visto a bem-humorada Pearl verdadeiramente zangada.

— Podemos ir para o teu quarto? — pediu Pearl.

— Não — disse Esther.

As narinas de Pearl inflaram-se e algo se moveu no seu queixo. Esther, surpreendida, apercebeu-se de que ela estava à beira das lágrimas.

— Não foste tomar o pequeno-almoço — disse Pearl.

— Não tenho fome.

O queixo de Pearl voltou a tremer, e ela perguntou:

— Estavas a pensar contar-me?

— Contar-te?...

— Não, Esther. Não faças isso. Hoje vi o Harry do escritório e ele perguntou-me como me sentia em relação à tua partida. Eu ri-me e disse-lhe que tu não te ias embora, que tínhamos decidido ficar mais uma temporada juntas, e ele olhou para mim como se eu fosse uma idiota triste. Eu *sinto-me* como um idiota triste.

Não era de todo daquela maneira que Esther tinha imaginado o confronto das duas.

— Eu... eu não me vou embora, eu...

— Não? — disse Pearl. As suas pestanas estavam molhadas. — Porque é que o Harry me mentiria? Quero dizer, ou ele está a mentir ou estás tu, qual dos dois é?

Esther voltou a centrar-se em si própria, sintonizando-se com a sua respiração, inspirando e expirando. Não adiantava ficar emotiva.

— Foi por isso que levaste o meu livro? — perguntou. Queria que Pearl soubesse, inequivocamente, que *ela* sabia.

— Do que é que estás a falar?

— Tu sabes do que estou a falar. *La Ruta*, o romance que ando a traduzir. Aquele cujo preço te interessava tanto.

O rosto de Pearl perdeu alguma da raiva e começou a parecer assustado. Ela baixou os olhos dos de Esther e depois pareceu forçar-se a levantá-los de novo.

— Eu não peguei no teu livro.

— Disseram-te que isso me impediria de partir? — perguntou Esther, muito calma, em voz muito baixa. — Foi por isso que o levaste, para me impedir de ir embora?

— Não, Esther, o quê? — A voz de Pearl estava a subir de tom, e um par de pessoas curiosas tinha parado ao fundo do corredor, atraídas pelo drama. — Não estou a tentar impedir-te, mas não percebo o que está a acontecer. Concordámos em ficar aqui, concordámos em ficar juntas, e agora vais-te embora? Sem sequer falar comigo sobre isso? Não percebo o teu raciocínio nem esta... esta reação que estás a ter!

— Para quem estás a trabalhar? — perguntou Esther, ainda muito baixinho.

Os olhos de Pearl arregalaram-se.

— Não estás a fazer sentido.

Esther não ia chegar a lado nenhum, já conseguia ver que não. Aquela interação tinha fugido tanto ao seu controlo que não sabia como poderia voltar a encarreirá-la. Era uma tática brilhante da parte de Pearl, apanhar Esther de tal maneira de surpresa que ela ficaria na defensiva em vez de atacar, mas ela não ia entrar no jogo. A atitude defensiva fazia uma pessoa dizer coisas de que se arrependeria.

— Isto fica por aqui — disse ela.

Pearl estava agora a chorar, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces, e era mais difícil do que Esther esperava evitar que aquela cena a afetasse. *Não queres fazer a Pearl chorar!*, gritava o seu coração estúpido e mole. *Pede desculpa!*

— Está bem — disse Pearl. — Eu vou esquiar com o Trev, portanto, tens umas horas para decidir se queres falar comigo como um ser humano. Se quiseres, dou-te mais uma oportunidade de te explicares, porque te amo. Mas só uma oportunidade. Eu não mereço isto.

Porque te amo.

Esther odiou-a por ter dito aquilo. Devagar, mas com firmeza, voltou para o quarto e fechou a porta na cara manchada de lágrimas de Pearl.

— Vai-te foder! — gritou Pearl, e ouviu-se um som surdo, como se ela tivesse dado um pontapé na parede, mas Esther ficou imóvel, com o

corpo todo em alerta, a centímetros da porta que tinha acabado de fechar. Após um longo minuto, ouviu Pearl afastar-se, passos desvaneceram-se pelo corredor vazio. Ficou imóvel durante muito tempo, e, quando finalmente se virou, foi para se sentar na cama e continuar a olhar para a porta.

Pearl tinha-lhe dito especificamente que ia esquiar com o interessado e namorado Trev, um facto que parecia desnecessário partilhar a não ser que ela pensasse que Esther ficaria com ciúmes, mas isso seria a mesquinhez magoada de uma amante rejeitada, o que não era realmente quem Pearl era. Ela sabia que a primeira coisa que Esther iria querer fazer seria revistar o seu quarto à procura do livro de Gil, e aquela declaração da sua intenção de estar ausente durante todo o dia tinha de ser nada mais, nada menos do que um convite.

O que significava, provavelmente, que o livro *não* estava no quarto de Pearl — mas que havia outra coisa. Uma armadilha.

Pearl tinha um espelho por cima do seu lavatório, tal como Esther. Aquilo devia ser um truque para levar Esther a entrar no quarto de Pearl, onde ela poderia ser observada, onde fosse quem fosse que estivesse do outro lado poderia verificar que ela estava ciente da presença deles.

Agarrou a cabeça, que lhe estava a dar a sensação de que se ia rachar ao meio. Aquela paranoia, aqueles pensamentos cíclicos, era assim que o pai devia ter-se sentido na maior parte dos dias da sua vida. Continuava muito zangada com ele, mas, pela primeira vez, compreendia visceralmente o medo com que ele vivera e compreendia também que era um medo em que ela sempre tinha confiado, no fundo — até ter decidido deixar de confiar nele e ter feito cair sobre si aquele caos.

Desculpa, disse ao pai, com as lágrimas a brotarem-lhe nos olhos involuntariamente. Teria dado tudo para poder telefonar-lhe, para ouvir a sua voz, grossa e atenta. Ele costumava ir à cidade para usar os computadores da biblioteca pública para falar com ela por Skype, e ela também tinha falado com Joanna dessa maneira algumas vezes. Cecily, que comprara um telemóvel na semana em que Esther saíra de casa de Abe, telefonava-lhe e enviava-lhe mensagens com frequência, e, por duas vezes, atravessou o país para a ver durante o fim de semana, contra a vontade de Abe. Esther mantivera o contacto com a família até ter decidido que esse contacto era demasiado difícil. Até que se tornou mais

fácil cortar os laços de propósito em vez de se esforçar por manter fios cada vez mais finos que um dia se partiriam e o coração dela com eles.

Pôs-se de pé, frustrada consigo própria por se ter afundado em lágrimas sentimentais precisamente no momento em que elas eram menos úteis. Podia estar paranoica, como o pai, e por boas razões, como o pai — mas ela *não* era Abe. Não podia agir com base em suposições e pressentimentos. Tinha de *saber*.

Esperou, a andar de um lado para o outro, durante mais trinta minutos, tempo suficiente para Pearl e Trev se agasalharem e se porem a caminho, e depois passou pela sala de equipamento para ver se Pearl já tinha requisitado os esquis e os *walkie-talkies*. Tinha-o feito, o que significava que eles estavam fora da estação.

Esther já estivera no quarto de Pearl inúmeras vezes e não tinha dificuldade em imaginar a disposição dos móveis. Conseguiria abrir a porta, agachar-se e entrar sem receio de se ver refletida no espelho da cómoda, e, posicionando-se no ângulo correto, pensava que poderia ver a superfície do espelho suficientemente bem para saber se havia marcas reveladoras de sangue nele. Ela veria as marcas, mas o espelho não a veria.

Entrou a rastejar o mais silenciosamente que pôde e fechou a porta atrás de si com um estalido quase inaudível. Estava ajoelhada no chão, na escuridão do quarto de Pearl, com a luz do teto desligada, sem janela. Conseguia entrever a forma da cómoda de Pearl e o brilho do espelho por cima dela, mas não havia luz suficiente para ver o que poderia estar no espelho. Estendeu a mão e abriu a porta de novo, apenas uns centímetros, deixando entrar mais luz. Não era suficiente.

Portanto, levantou-se, sacudiu os joelhos, fechou a porta e acendeu a luz. Eles que a vissem. Não faria diferença. O que quer que estivessem a planear fazer-lhe tencionavam fazê-lo, de qualquer maneira.

E, apesar da prova em contrário, apesar de toda a sua suspeita e paranoia, deu-se conta de que ainda havia uma parte dela que confiava em Pearl; uma parte dela que acreditava, quando se virou para encarar o espelho, que não encontraria nada além de um espelho limpo que absolveria Pearl. Tinha feito figas sem se aperceber de que as estava a fazer, e a respiração ficou-lhe presa na parte mais alta do peito, imóvel enquanto examinava o vidro. Vazio, vazio, vazio. Um alívio doce começou a derreter-se e a espalhar-se pelos seus membros — e foi então

que a viu.

A mancha ferrugenta de sangue, nos quatro cantos.

A sua respiração saiu numa praga explosiva, e ela cambaleou de costas para a cama de Pearl, um lugar onde já tinha estado muitas vezes, um lugar onde tinha sido feliz há tão pouco tempo. Não acreditara verdadeiramente na traição de Pearl até ter visto o sangue. Não quisera acreditar. Mas a prova estava lá, clara como tudo.

Bem, se aqueles filhos da mãe estavam a ver, quem quer que fossem, que vissem. Esther começou a revirar o quarto de Pearl sem qualquer preocupação com a ordem ou a discrição, procurando não só o seu próprio livro, mas também o que Pearl devia ter usado para ativar o feitiço do espelho. Revistou a cama, a fronha, procurou debaixo do colchão, virou todas as gavetas. Afastou os poucos móveis das paredes, espreitou por trás do espelho, andou de canto em canto naquela caixinha branca, procurando... e não encontrou nada.

Depois, sentou-se no chão, no meio de um monte de camisolas e de roupa interior, corada e quase a tremer de frustração. Pearl não deixaria os livros ali, *evidentemente*, ou não teria feito uma sugestão explícita a Esther para procurar no seu quarto enquanto ela estivesse fora. Esther sabia que aquilo era uma armadilha e tinha-se ido meter nela, dizendo a si própria durante todo o tempo que a decisão era dela, que tinha o controlo da situação.

Levantou-se dos detritos da sua busca frenética, deu um pontapé violento na cómoda, depois pegou numa das botas descartadas de Pearl e atirou-a ao espelho. O estalido e o choque do vidro partido foram satisfatórios apenas por um breve momento, e os cacos prateados mantiveram-se agarrados à moldura como dentes numa mandíbula mutilada. Esther bateu com a porta ao sair.

Como não tinha comido quase nada nas últimas vinte e quatro horas, foi à cozinha, ainda a tremer, e pediu um prato de restos de pequeno-almoço a um cozinheiro de má catadura. Sozinha a uma mesa do refeitório vazio, mal sentia o sabor da comida, com os olhos fixos no nada. Sentia-se como se as paredes da estação se estivessem a dissolver à sua volta e o gelo estivesse a insinuar-se.

Enquanto mastigava a última dentada, as portas duplas abriram-se com um estrondo e Trev irrompeu por elas. Tinha um gorro de lã enrodilhado numa mão e óculos de neve pendurados ao pescoço, o fato

inteiro aberto, com a parte de cima a pender-lhe da cintura e as pernas ainda envoltas no tecido isolante. A sua expressão era de ansiedade, embora se tenha descontraído um pouco quando viu Esther, e ela deu por si a levantar-se ao mesmo tempo que ele se apressava a ir ter com ela.

— Que se passa? — perguntou ela.

— O médico diz que ela vai ficar bem — disse Trev primeiro, o que a alarmou em vez de a acalmar, como, provavelmente, ele pretendia —, mas a Pearl caiu quando estávamos a esquiar e deu cabo do braço. Partiu o pulso e também bateu com a cabeça com muita força.

— Oh, meu Deus! — exclamou Esther, esquecendo-se por um momento de que não se devia importar, de que talvez devesse até ficar aliviada. — Mas ela... tu disseste que ela vai ficar bem?

Trev passou uma mão pelo cabelo, com o rosto pálido.

— Sim, quero dizer, ela decididamente esteve desmaiada durante um minuto, o que foi bastante assustador, para ser sincero, mas sabia a data e o nome dela e tudo. Eu estava demasiado assustado para tentar movê-la sozinho, por isso, pedi ajuda pelo rádio e veio um grupo de pessoas que a trouxe para a enfermaria. É onde ela está agora.

— Bem — disse Esther, ainda dividida entre emoções contraditórias —, foi uma sorte estares com ela.

— Eu sei, não foi? De qualquer modo, continua a perguntar por ti. E está, tipo... bastante agitada com isso? Um bocado esquisita. Por isso, disse ao médico que ia à tua procura e que te levava lá para a acalmares.

Esther hesitou. Aquilo devia ser mais um dos truques de Pearl, mas, se assim fosse, não conseguia analisá-lo.

— Tu *viste-a* cair?

— Não, ela estava atrás de mim. Mas *ouvi-a*, decididamente.

Talvez ela estivesse a fingir, pensou Esther, mas porquê?

— E o pulso dela? O médico disse que estava partido, ou a Pearl...

— Eles já o endireitaram e tudo — disse Trev. Virou-se, dirigindo-se para a porta, claramente a contar que Esther o seguisse, e ela não sabia como recusar sem parecer uma filha da mãe de primeira. E os seus nervos tinham-se acalmado mal tinha metido alguma coisa no estômago, o que significava que a sua curiosidade era novamente mais forte do que o seu sentido de autopreservação. Portanto, abanando a cabeça para consigo mesma, seguiu-o.

Esther tinha ido à enfermaria um par de vezes por acidentes de trabalho e sempre a achara luminosa e movimentada. Nesse momento, porém, estava mais escura e silenciosa do que o normal — as luzes do teto tinham sido apagadas e os candeeiros das secretárias refletiam-se no espelho de corpo inteiro fixado na parede oposta. Não havia ninguém sentado às secretárias iluminadas, e Pearl parecia ser a única paciente, encolhida numa das camas, com o seu cabelo louro espalhado sobre uma almofada e o som da sua respiração pesada sugerindo que estava a dormir. As outras quatro camas estavam vazias.

Esther aproximou-se da forma imóvel de Pearl. Ela estava com os olhos fechados, o rosto relaxado. A dormir, ou a fingir que dormia. O seu rosto imóvel fez o coração desleal de Esther bater dolorosamente.

— Ela parece ter-se acalmado bem sem mim — disse, mas Trev não respondeu. Ela virou-se e viu que ele estava de costas para ela, com a cabeça inclinada sobre a maçaneta da porta. Estava a trancá-la. Por dentro. — O que?... — disse ela, e ele virou-se. A sua expressão ansiosa tinha desaparecido, e estava a sorrir-lhe, completamente à vontade.

— Vamos lá acabar com isto — disse ele, fazendo tilintar o anel com chaves na mão esquerda.

Na sua mão direita, segurava uma arma.

— Porque é que tudo aqui tem de ser tão arrepiante? — perguntou Collins, com a voz a ecoar estranhamente na escada escura. Subira os degraus à frente, talvez por força do hábito protetor, embora tanto ele como Nicholas tivessem experimentado um pico de dúvida em pânico quando a estante começou a solidificar-se de novo atrás deles. Para regressar por aquela mesma porta, Collins teria de voltar a ler o feitiço em voz alta. Havia uma pequena prateleira à medida do livro na parede da escadaria, portanto, deixaram-no aí e começaram a subir a escada de madeira, guiados pelo feixe de luz da lanterna do porta-chaves de Collins.

Apesar da luz, estava muito escuro, e Nicholas não gostava do escuro. Estivera às escuras durante dias, quando foi raptado, e desde essa altura na meia escuridão, sempre consciente de que estava a uma infeção ocular de distância de uma escuridão de natureza mais permanente. Aquilo, juntamente com a subida íngreme e a situação intrigante, significava que o seu coração já estava a bater a uma velocidade de coelho quando chegaram ao que parecia ser um patamar comprido e escuro que os levava para a esquerda. A escada tinha ziguezagueado três vezes, levando-os a subir os andares da casa.

— Estamos no sótão ou coisa assim? — perguntou Collins, olhando para o corredor escuro.

— Por aí — disse Nicholas, tentando não deixar que Collins ouvisse como ele estava ofegante. Estendeu a mão para tocar na madeira de cada lado, a avaliar a largura do corredor, que era estreito. — Para ser mais específico — acrescentou —, acho que estamos nas paredes do sótão.

Collins fez um som de desagrado.

— O Richard está a esconder uma mulher maluca aqui em cima, ou quê?

— Ora, Collins, não te imaginava fã das Brontës.

— Eu tinha um fraquinho pela Jane. Era uma esquisitoide boazona. Então, o que há aqui em cima?

— Nada, tanto quanto sei — respondeu Nicholas. — Traves de soalho, cocó de ratos.

Collins começou a andar. Atrás dele, Nicholas traçava o mapa mental dos seus passos — tinham atravessado a parede sul e virado à esquerda, o que significava que se dirigiam para leste, caminhando paralelamente ao corredor que levava aos aposentos de Richard no terceiro andar e aos de Maram no segundo. Passados alguns minutos, Collins parou abruptamente e Nicholas viu que a passagem tinha terminado. Não havia nenhuma porta nessa extremidade, nem qualquer abertura, e Nicholas deduziu que era um beco sem saída. Mas, então, Collins exclamou:

— Oh! — e agachou-se para apontar a lanterna para baixo. Sob os seus pés, apareceu à vista a pega de metal de um alçapão, e, quando a puxou com um grunhido, havia outra escada íngreme a descer.

— Cada vez mais curioso — disse Nicholas.

— Cada vez mais arrepiante — corrigiu Collins, e Nicholas não pôde argumentar. Era menos propenso do que Collins a ficar assustado, mas a escuridão e a inexplicabilidade das escadas e dos corredores eram sinistras até para ele.

No entanto, Collins já tinha começado a descer os degraus, apesar da sua clara hesitação, e Nicholas seguiu-o. Aquela escada não era tão escura como o corredor acima dela, havia uma linha tênue de luz por baixo da porta ao fundo, o que parecia promissor.

— Onde é que achas que estamos no edifício? — perguntou Collins por cima do ombro, com os passos amortecidos no espaço fechado de madeira.

— Na Ala Oeste — respondeu Nicholas.

— É onde o teu tio vive.

— Sim.

— Merda — disse Collins —, se calhar, ele tem mesmo uma mulher secreta. Ou talvez ele e a Maram usem estas passagens para um encontro noite dentro e...

Parou de falar porque tinha aberto a porta e encontrado um interruptor de luz, e estava agora a semicerrar os olhos na luminosidade súbita. Ficou parado, a espreitar para o que quer que estivesse para lá da porta, e, quando Nicholas se preparava para o empurrar para a frente, ele avançou por iniciativa própria. Disse, quando Nicholas se veio juntar a ele:

— Espelhos.

Assim era. Estavam numa sala cheia de espelhos.

Ou não propriamente cheia: a pequena sala estava vazia, à exceção de duas pesadas cadeiras de madeira puxadas para uma mesa redonda. Eram as paredes que estavam cheias, forradas de espelhos de corpo inteiro, dez no total e idênticos. Eram mais largos do que o normal, o suficiente para duas pessoas ficarem lado a lado, com molduras simples de madeira escura, e estavam pendurados sem qualquer adorno nas paredes brancas. Em cada um dos seus quarenta cantos havia uma mancha de sangue seco, castanho-avermelhado.

Cada espelho tinha também uma etiqueta escrita à mão afixada no topo no que Nicholas reconheceu ser a letra de Richard. Começou a ler as etiquetas automaticamente — *Cozinha, Ginásio, Casa de Banho Norte, Casa de Banho Oeste, Clínica* —, mas depois olhou novamente para o próprio espelho e toda a sua atenção se concentrou com a precisão de um *laser*.

— Há outra porta aqui — disse Collins, mas Nicholas não estava a ouvir.

Os espelhos não refletiam a sala onde ele e Collins se encontravam. Nem sequer refletiam o próprio Nicholas. Ou não exatamente. Era como olhar para um lago límpido: Nicholas conseguia ver a sugestão do seu reflexo na superfície, a refração da luz, mas também conseguia ver através dele, para divisões completamente diferentes. Muitas delas pareciam ser casas de banho, mas o espelho da cozinha mostrava, sim, uma cozinha, uma cozinha grande ao que parecia, com lava-louças de aço inoxidável e panelas gigantescas de quarenta litros e um homem com o cabelo preso por uma bandana às cores, curvado sobre uma enorme frigideira. O espelho do *Ginásio* mostrava vários bancos de pesos e, ao fundo, o que parecia ser uma fila de passadeiras. Também estava ali alguém, um homem barbudo a fazer agachamentos, com o suor a escorrer-lhe pela testa.

Nicholas tinha escrito o feitiço que ligava aqueles espelhos. Teria sido essa a razão pela qual Maram o tinha enviado para ali? Para que ele pudesse ver os resultados do seu trabalho árduo?

— Anda ver isto, é uma divisão completamente diferente — disse Collins, e Nicholas olhou para cima e viu-o inclinado para fora de uma porta, a fazer-lhe sinal.

Nicholas olhou de relance para os espelhos e depois, com relutância, arrastou-se na direção de Collins. No entanto, a sua relutância transformou-se em espanto quando atravessou a porta e deu por si, inequivocamente, no escritório de Richard.

Só estivera naquela divisão uma vez, logo depois de ter escrito com sucesso o seu primeiro livro, mas, como sabia que a visita seria rara, a sua memória estava aguçada com particular atenção. Pelo que podia ver naquele momento, pouca coisa tinha mudado. Como a maioria das divisões da casa, tinha janelas amplas e tetos altos, e não era muito diferente do escritório de Nicholas, embora fosse maior e mais opulento, com a lareira de mármore ornamentada de uma forma que era impressionante e funcional. As prateleiras ocupavam a maior parte do espaço das paredes, torres de madeira reluzente que não continham livros, mas objetos, artefactos que tinham hipnotizado Nicholas quando se sentara ali em criança: um cão de barro vermelho do tamanho de um punho, uma ânfora cipriota meticulosamente pintada, um macaco-capuchinho empalhado com olhos vítreos de obsidiana, um enorme sino de prata esterlina. Era como a arrecadação de um museu. Sabia que na sua maior parte aqueles objetos deviam estar ou ter estado em tempos ligados a um feitiço algures.

— Não toques em nada — disse a Collins.

— Não estava a planear fazer isso — respondeu Collins.

— Não posso sublinhar o suficiente o quanto não devíamos estar aqui — disse Nicholas.

— Queres ir embora?

Nicholas não queria, de maneira nenhuma. Compreendia agora por que razão Maram tinha sido tão incaracteristicamente reservada — ela ficaria ainda em mais apuros do que Nicholas se Richard soubesse que ela lhe tinha revelado como entrar, mas tinha-lho revelado, mesmo assim. Estava a par da curiosidade que ele sempre sentira em relação àquele lugar, a única divisão da casa que lhe estava teimosamente

vedada, portanto, talvez aquele fosse um presente para suavizar uma semana que, a outros respeito, seria terrível. Não se lembrava da última vez em que ela tinha ido tão diretamente contra os desejos de Richard, e o seu gesto aqueceu-lhe o coração, mesmo enquanto receava que fossem apanhados.

Collins tinha parado em frente à vasta secretária de nogueira de Richard e estava a olhar para a pintura do tetravô de Nicholas na parede atrás dela. O retrato com moldura de marfim olhava para eles, o cirurgião austero no seu avental coberto de sangue, a tinta a óleo a brilhar espessa e vermelho-escura. Havia até sangue por baixo das unhas das mãos do homem, um pormenor delicado em que Nicholas reparou com algum respeito.

— Aquilo é um osso da perna? — perguntou Collins, apontando para a secção inferior da moldura.

— É — respondeu Nicholas.

— Isso é alguma cena britânica? Pôr ossos humanos em molduras de quadros?

— Ele era cirurgião — explicou Nicholas. — Era famoso pelas suas amputações rápidas, que, imagino, devem ter incluído bastantes pernas.

— E quê, ele guardava os ossos depois de os ter serrado? Para fazer móveis, como um assassino em série?

— Guardou um, pelo menos — disse Nicholas, não querendo dar a Collins a satisfação do seu próprio desconforto, mas, na verdade, achava que era difícil imaginar alguém amarrado a uma mesa numa velha sala de operações, gritando enquanto o seu antepassado cortava ossos e tendões e estudantes de Medicina curiosos tomavam apontamentos.

Nicholas virou costas, abanando a cabeça, para examinar o resto da sala. Havia mais algumas molduras na parede, mas, em vez de arte, continham mais objetos: um morcego mumificado que tinha sido preso atrás de um vidro, um alfinete vitoriano de cabelo humano atado, um cobertor de lã bordado com traças cinzentas.

Na secretária de Richard, havia duas coisas que pareciam interessantes. Uma era uma pasta de couro cheia de velhas folhas amareladas, cada uma delas laminada individualmente para retardar o processo de envelhecimento. Uma leitura rápida das primeiras páginas sugeriu que eram o rascunho de um livro que Nicholas não tinha visto nem escrito, e o drama das linhas iniciais convenceu-o de que merecia

um olhar mais atento. «Carne da minha carne», começava. «Osso do meu osso. Só o meu próprio sangue pode acabar comigo.»

A outra coisa que lhe chamou a atenção foi um livro encadernado em tecido, quase tão grosso como um romance, e sentiu-se atraído por ele, apesar da pontada de medo e de repugnância que a profundidade sugeria. Um livro daquela espessura levaria, pelo menos, uma hora a ser lido em voz alta, o que significava que, pela segunda vez naquele dia, estava a olhar para um livro pelo qual um Escriba dera a vida — alguém como Nicholas tinha dado todo o seu sangue para fornecer a tinta para escrever aquele livro. Virou a capa e olhou para a caligrafia cuidada e apertada, e de seguida passou à última página.

O feitiço era recarregável, embora não infinitamente, como os esconjuros ou o feitiço que tinha desvanecido a estante durante aqueles minutos. Apenas podia ser recarregado uma vez por ano, no aniversário da sua primeira leitura, e ao reparar nesse facto, Nicholas percebeu para que feitiço devia estar a olhar. Leu as primeiras páginas para ter uma noção do texto e confirmar as suas suspeitas de que, sim, era o feitiço que localizava Escribas. O mesmo que Richard fazia todos os anos, apenas para dizer a Nicholas, todos os anos, que ele continuava a ser o único.

Era uma escrita complicada, e, apesar do desconforto que Nicholas sentia pela quantidade de sangue necessária, deu por si a lê-lo com interesse. Era o tipo de feitiço a que o pai se referia nos seus apontamentos como magia de «bola de cristal» e a que Maram chamava «adivinhação intuitiva» — um feitiço ligado a um objeto, que transmitia uma informação específica diretamente à mente do leitor. A data de validade da Biblioteca era o único feitiço desse género que Nicholas tinha encontrado, ligado vezes sem conta de novo aos livros e à mente de Richard.

Nicholas já tinha escrito feitiços ligados a objetos, como o que ligava os espelhos na outra divisão, mas nunca escrevera aquele tipo de feitiço de «bola de cristal». Nem nunca o faria. A adivinhação intuitiva exigia mais sangue do que um só corpo poderia fornecer.

Ainda assim, era fascinante ver as escolhas que aquele Escriba anónimo tinha feito, em particular a estrutura de relógio dos parágrafos e a forma como usara a rima para reforçar a ligação cognitiva. Podia aprender muito com um feitiço tão poderosamente específico como

aquele, e perguntou-se porque Richard nunca lho tinha mostrado. Curioso sobre a natureza do objeto ligado, virou cuidadosamente as páginas, procurando para ver ao que o feitiço tinha sido preso.

Encontrou-o no meio do feitiço: uma diretiva para ligar a cognição do leitor à «visão do corpo que dá vida ao poder».

O que queria dizer aquilo?

Sabia que se repetiria algures, em termos diferentes, no mínimo, mais três vezes, e debruçou-se sobre as páginas para procurar as repetições. Encontrou «A visão do coração que pulsa a força», o que não tornou as coisas muito mais claras, portanto, continuou a folhear. Estava tão concentrado que deu um salto quando Collins falou.

— Acho que tens de ver isto. Estava do outro lado da sala, em frente a uma das prateleiras.

— Daqui a um minuto — disse Nicholas, relendo para encontrar o lugar onde interrompera a leitura.

— Nicholas — insistiu Collins, e algo no seu tom fez com que Nicholas levantasse a cabeça. — Tens de ver isto.

Com extremo cuidado, Nicholas pousou o livro na secretária e foi ter com Collins, onde este se encontrava, aparentemente paralisado, em frente a um grande frasco de vidro com algo suspenso no meio.

— Olha com atenção — disse Collins. — Talvez eu esteja louco, mas...

Fazendo-lhe a vontade, Nicholas olhou para o frasco. Estava à altura da sua cabeça e tinha mais ou menos o mesmo tamanho, com algumas marcas de sangue que talvez fizessem parte de um feitiço para impedir que o vidro se partisse. Também a tampa parecia ter sido enfeitiçada.

Nicholas voltou a atenção para o conteúdo do frasco, embora não tivesse a certeza do que estava a ver: uma espécie de pequeno globo flutuava numa espécie de líquido, que não era água, tanto como isso podia ver. Era mais espesso, uma espécie de gosma viscosa translúcida, e o globo não estava propriamente a flutuar, estava suspenso.

Era um olho.

Ou um globo ocular, para ser exato, retirado do crânio com precisão cirúrgica. Estava virado para eles. Nicholas conseguia ver a nuvem vermelha de veias e ligamentos que pendia dele como a cauda de um cometa. Não era um especialista, mas a íris era tão parecida com a versão pintada da sua própria prótese que achou que devia ter vindo de

um ser humano. Ao seu lado, sentiu que Collins mudava o peso do corpo de um pé para o outro, claramente perturbado com o que estava a ver. Nicholas não se sentia muito melhor. A órbita do seu olho esquerdo formigava em reação ao que estava a ver e o estômago deu-lhe uma volta. Era estranho estar a ser fitado, literalmente olhos nos olhos, por algo tão medonho e no entanto tão reconhecível. Tão familiar.

Demasiado familiar.

— Collins — disse Nicholas, e a palavra saiu-lhe rouca. Virou-se para encarar o seu guarda-costas. Collins fitou-o, com os maxilares cerrados, e Nicholas sentiu-se percorrido por um arrepio. — Parece-se com o meu.

Collins engoliu em seco, mas não disse nada. Acenou com a cabeça.

Nicholas voltou-se para o frasco. Passara mais tempo do que a maioria das pessoas a olhar para os seus próprios olhos, especialmente quando era adolescente, comparando os dois ao espelho para ver se o falso se notava, e, ao contrário da maioria das pessoas, segurava muitas vezes uma réplica exata do seu próprio olho na mão enquanto o limpava; virava-o para um lado e para o outro, examinando o trabalho hábil e admirando as variações de cor que o tornavam tão realista, as pintas de ouro esverdeado entre o castanho, o anel de âmbar mais claro à volta da íris, os vasos sanguíneos feitos de minúsculas fibras vermelhas.

Reconhecia o seu próprio olho quando o via, e estava a vê-lo naquele momento.

— Ei — disse Collins —, para, levanta-te.

Nicholas, sempre estonteado, ficara subitamente muito mais estonteado, e sentara-se no chão. Era como se o seu corpo tivesse decidido que ele seria capaz de usar melhor o cérebro se cortasse todas as outras fontes de energia. Collins chutou-o com a ponta do ténis, não propriamente um pontapé.

Nicholas perguntou:

— Que é que o meu olho está a fazer num frasco numa prateleira do escritório do meu tio?

— Não fui eu que o pus lá — respondeu Collins.

— O Richard deve tê-lo obtido das... daquelas pessoas, das que me raptaram — gaguejou. — Certo? Mas porque é que o guardaria? E porque não me disse nada sobre isso? Parece perfeito, quero dizer, podiam tê-lo colocado de volta ou algo do género, não sei como

funcionam os olhos, mas é possível coser dedos e mãos se o corte estiver suficientemente limpo, porque é que não o fizeram... — Esfregou o rosto com força, tentando concentrar-se, compreender.

— Nicholas — disse Collins. — Quem quer que tenha tirado o teu olho, penso, quero dizer, penso que é provável que seja a mesma pessoa que o meteu naquele frasco.

A mente de Nicholas rasou aquelas palavras, não estando ainda preparada para aterrar nelas. Pôs-se de pé e voltou para a secretária aos tropeções, olhando através da névoa de uma dor de cabeça enquanto folheava as páginas do livro de feitiços que tinha estado a examinar. Não precisava de olhar para saber o que ia encontrar.

A visão do corpo que dá vida ao poder.

A visão do coração que faz pulsar a força.

O olho de um Escriba.

Nicholas pensou naquele quarto em São Francisco há todos aqueles anos, no som da sua urina a pingar da cadeira, na sensação das braçadeiras a enterrarem-se nos seus pulsos, na escuridão sem fim. Não podia ignorar as implicações do que Collins estava a dizer.

Tinha sido a própria Biblioteca que o levava. A própria Biblioteca que lhe removera o olho com tanto cuidado e o preservara num frasco de vidro para aquele feitiço.

E a Biblioteca era Richard. Richard e Maram.

Tinham encenado um rapto e tinham-lhe tirado o olho e depois encenaram um resgate, provando assim a veracidade de todos os seus avisos e justificando a vigilância apertada em que passaram a mantê-lo, cimentando a sua confiança neles. A sua *confiança* neles. O rosto de Richard quando Nicholas acordou no hospital, as lágrimas nos olhos. Maram a andar de um lado para o outro. Teria sido tudo teatro?

Nicholas não queria acreditar em nada do que lhe estava a passar pela cabeça. Queria pensar que estava em pânico, tolo, paranoico, mas encontrava-se numa sala secreta que tinha sido perfeitamente concebida para o manter fora dela. Para o manter na ignorância.

Durante todo aquele tempo, tinham-lhe dito que devia ter medo do que quer que estivesse para lá dos conjuros protetores daquelas paredes familiares. Durante todo aquele tempo, acreditara que o perigo era externo.

Mas talvez a maior ameaça sempre tivesse estado dentro.

Involuntariamente, deu com os seus dedos a apertarem-se nas páginas do feitiço para o qual sacrificara involuntariamente o seu olho. Estava ligado a um objeto, o que significava que, tecnicamente, ainda estava ativo, e só um Escriba poderia destruir um feitiço ativo. Se Nicholas seguisse os seus instintos e rasgasse aquele livro em pedaços, Richard saberia sem dúvida que tinha sido ele, mas estava tão furioso que não se importava. Agarrou na página que estava a segurar e puxou-a com toda a força que tinha, esperando ter a sensação satisfatória dela a rasgar-se quando se soltasse da encadernação.

Não aconteceu nada.

A página nem sequer se enrugou sob os seus dedos. Tentou novamente com outra página, e outra, e outra. Nenhuma mostrava o menor sinal de ter sido tocada, muito menos rasgada. Arranhou a capa e cravou a mão em garra no fio da encadernação, desesperado e furioso, e poderia até ter começado a usar os dentes se Collins não tivesse estendido a mão para o agarrar.

— Ei, ei, ei — disse Collins —, não está a resultar, não vai resultar, respira por um segundo, vá lá. — Agarrou em Nicholas pelos ombros e virou-o de frente para si, com as suas grandes palmas quentes e pesadas. — Respira — repetiu. — Estás-me a assustar.

Nicholas respirou, ou tentou respirar. Sabia que mais tarde se sentiria envergonhado por Collins ter visto aquela perda de autocontrolo, mas naquele momento estava demasiado agradecido pela sua presença firme para se importar. Após alguns longos momentos, Nicholas conseguiu recompor-se mais ou menos e estava já a pensar com clareza.

Fazia sentido que não pudesse destruir o livro, compreendeu. Dois Escribas tinham-no escrito; seriam necessários dois Escribas para o destruir.

— Precisamos de sair daqui — disse Nicholas.

— Concordo — disse Collins. Deixou cair as mãos dos ombros de Nicholas e este afastou-se para voltar a olhar para o livro que se encontrava pousado, incólume, sobre a secretária. Ao lado dele, a capa de pele parecia profissional e inocente.

Nicholas queria sequer saber que outros segredos Richard estava a guardar? Nada poderia ser pior do que ser olhado fixamente pelo seu próprio olho.

Tinha as mãos trémulas, mas a curiosidade doentia estava a insinuar-

se na parte final do seu frenesim, e abriu novamente a capa para olhar para o papel de linho amarelecido.

Leu as primeiras dez páginas, depois recomeçou do início, sem conseguir ou sem querer perceber o feitiço que estava a ser sugerido.

— Que é isso? — perguntou Collins.

— É o que estou a tentar perceber — disse Nicholas.

— Devíamos mesmo ir embora.

— Eu sei — disse Nicholas, mas continuou a ler.

Tal como ele sabia inconscientemente que aconteceria, também aquele livro exigia dois Escribas. Mas não era só sangue que parecia procurar. «Encapar com o corpo. Coser com o tendão. Ligar com os ossos.» O livro inteiro seria feito do desafortunado Escriba que desse o seu sangue — assim como a pele. Os tendões. O cabelo. Tudo.

— Isto não é possível — disse Nicholas.

Collins, que ao mesmo tempo que Nicholas lia andava de um lado para o outro, da secretária para a porta e da porta para a secretária, voltou a aproximar-se da secretária. Para alguém que dizia odiar livros e magia, parecia muito interessado.

— Que é que não é possível?

Nicholas leu mais algumas frases para ter a certeza.

— Estes são apontamentos sobre outro feitiço que usa parte do corpo de um Escriba como objeto-âncora... mas o objeto liga-se a uma *vida*. Assim, podias ligar a tua vida a, sei lá, um dente de Escriba, por exemplo... e enquanto o dente existir, tu continuas a existir.

Collins franziu a testa e Nicholas preparou-se para tentar explicar, mas Collins disse:

— Imortalidade. É isso que estás a dizer.

— No essencial, sim.

— Mas não é um livro. Não está escrito, quero dizer.

— Não — disse Nicholas, fitando a primeira página. *Carne da minha carne...* — É apenas um rascunho.

— E seriam precisos dois de vós — concluiu Collins.

— Sim — disse Nicholas.

A voz de Collins soou dura.

— É por isso que o teu tio está à procura de outro Escriba?

Outro Escriba. Para que Richard pudesse derreter-lhe os ossos para fazer cola, cortar-lhe o cabelo para fazer fio, esfolá-lo para fazer couro.

Esculpir uma caneta dos seus dedos. Drenar-lhe o sangue. Depois, forçar Nicholas a usar os sinistros restos para escrever um feitiço que manteria alguém vivo para sempre.

Durante semanas depois de ter sido escrito, o feitiço do tapete voador de Nicholas ficara na gaveta mais baixa da sua secretária. Tapara-o com uma confusão de papéis e até com uma *T-shirt* velha, não querendo pensar nele, mas, com o passar das semanas, começou a sentir estranhamente como se também tivesse fechado uma parte de si naquela gaveta, abafada sob uma camada de papel e de tecido. Dava a impressão de que o volume e a cor do mundo tinham sido reduzidos, de que tudo estava silencioso e bege, aborrecido e cansativo. Nem sequer conseguiu sentir entusiasmo quando Maram lhe propôs uma saída a Londres para ir buscar o par de sapatilhas *Adidas* novas que ele andava a pedir, o que a levou a franzir as sobancelhas e a pôr-lhe a mão na testa.

Como sempre, ele não conseguiu deixar de se inclinar para o toque inesperado. Ela retirou rapidamente a mão e disse a Richard:

— Ele não tem febre, seja como for.

Estavam na sala de jantar a comer uma costeleta de borrego muito cor-de-rosa esfregada com alecrim, e o cheiro a sangue e a ervas era nauseabundo. Recordava demasiado a Nicholas a produção de tinta para lhe tentar o apetite.

— Há semanas que não andas lá muito bem — disse Richard —, e o professor Oxley disse-me que tiveste oitenta por cento à justa no último teste, o que não é nada típico do aluno trabalhador que eu sei que és. Passa-se alguma coisa?

— Não — respondeu Nicholas, empurrando um monte de espinafres salteados à volta do seu enorme prato de porcelana. — Tudo é uma maçada.

— Podíamos ir ao cinema amanhã — sugeriu Richard. — Ou ir ver uma peça.

— Não.

— A uma loja de discos, então.

— Não.

— Ao Madame Tussauds?

Ao ouvir aquilo, Nicholas não conseguiu deixar de levantar a cabeça, interessado. Há muito tempo que queria ir ao museu de cera. Richard sorriu.

— Eu posso telefonar-lhes amanhã de manhã e reservá-lo para uma tarde na próxima semana. Teremos o sítio todo só para nós — propôs.

Nicholas perdeu a animação anterior. Não queria vaguear por um museu vazio enquanto Richard o observava a olhar para figurinos imóveis de pessoas.

— Não — disse.

Maram, claramente impaciente com tudo aquilo, disse:

— Oh, deixa-o em paz. Não se pode subornar alguém para que deixe de estar amuado.

Picado, Nicholas empurrou o prato para longe.

— Dão-me licença?

— Vai lá — disse Richard, com a testa franzida, e Nicholas podia sentir os olhos preocupados do seu tio sobre ele quando escapava da sala de jantar. Já estava a arrepender-se de ter recusado uma ida ao Madame Tussauds, mas a dignidade exigia que deixasse passar uns dias antes de anunciar que tinha mudado de ideias.

Na manhã seguinte, no entanto, Richard bateu à porta do seu quarto e disse-lhe:

— Veste-te... algo confortável. Tenho uma pequena surpresa para ti.

Trazia um saco de lona pendurado num dos ombros e vestia calças de ganga, o que era uma novidade suficiente de vestuário para despertar o interesse de Nicholas. Depois de Richard ter fechado novamente a porta, ele saltou da cama, vestiu-se e foi dar com o tio à sua espera na antecâmara, sentado no sofá baixo, com um tornozelo apoiado num joelho e o pé a saltar para cima e para baixo com uma energia controlada. Nicholas conseguiu conter as suas perguntas até ter seguido Richard pela escada, pelos corredores e até ao *hall* principal da casa.

Richard abriu as portas de par em par e depararam-se com uma encantadora manhã de fim de primavera. O céu estava de um azul inigualável e o parque dos veados estava coberto de relva cor de

esmeralda luxuriante, cravejada de margaridas e trevos e do amarelo brilhante como a luz do sol dos ranúnculos. Os insetos e as abelhas zumbiam, os pássaros chilreavam e tudo cheirava doce e fresco. As cabras-jardineiras mastigavam grandes bocados de erva tenra, as suas peles pareciam macias como a chuva, as suas orelhas espetadas com curiosidade à passagem de Nicholas e Richard.

— Que vamos fazer? — perguntou Nicholas, por fim.

— Diz-me — pediu Richard —, onde estão os limites dos nossos esconjuros?

Não era propriamente a primeira vez que Nicholas era questionado sobre aquele assunto, e também não era propriamente a primeira vez que Richard respondia a uma pergunta com uma pergunta, portanto, apressou-se a responder:

— A estrada a norte. A vedação branca a leste. O bosque a sul. O celeiro a oeste.

— Muito bem — disse Richard.

Tinham chegado ao lago, e ele parou, levantando o saco de lona e pousando-o no banco de pedra para o abrigar. Nicholas olhou para baixo, confuso, enquanto o tio começava a tirar o que pareciam ser metros de um tecido áspero e brilhante. A sua respiração ficou presa na garganta quando percebeu o que estava a ver: um tapete tecido, plano. Richard sacudiu-o e estendeu-o na relva ao lado da água, tirando de seguida o outro item da mochila.

O livro do tapete voador de Nicholas.

— Consta-se que andaste com isto nas minhas costas — disse Richard, com o livro nas mãos e folheando as páginas ao acaso. — Andaste a pedir a outros que to lessem. Sabias que eu desaprovava, claramente.

Nicholas ficou em silêncio, a tentar avaliar o estado de espírito do tio, para decidir se devia defender-se, protestar ou pedir desculpa. Por fim, disse:

— Trabalhei no duro nisso.

— Sim — disse Richard, e fechou o livro. — Bem vejo. É um trabalho absolutamente magnífico, Nicholas. Estou realmente impressionado.

Aquelas palavras eram como o sol a inundar uma sala sem luz. Nicholas tentou forçar-se a fazer uma expressão de indiferença, mas era demasiado difícil; sentia que estava a sorrir esfuziante.

— OK — disse, lutando contra o embaraço causado pela própria felicidade transparente. — Ótimo.

— Vamos fazer o seguinte — sugeriu Richard. — Eu leio o feitiço e experimento o tapete primeiro, e depois, se me parecer seguro, deixo-te ir nele comigo.

— A sério? — perguntou Nicholas. — Prometes?

— Desde que pareça seguro — repetiu Richard. — E desde que não passemos para lá dos encantos.

— Vai ser seguro — garantiu Nicholas, ofegante com um empolgação súbito e feroz. — Eu coloquei-o no livro, vais ficar colado, ele não te vai deixar cair.

— *Tu* não vais ficar colado.

— Mas vou agarrar-me com muita força! Prometo!

— Bem, vamos ver — disse Richard, e tirou uma faca do bolso, juntamente com um pequeno saco com o que Nicholas supôs ser uma mistura em pó de meimendo, arruda-síria e pétalas secas de ciclame-da-pérsia. — Senta-te — ordenou ele, e Nicholas sentou-se na beira do banco de pedra, praticamente a vibrar de impaciência, vendo o tio picar o dedo e pressionar a mistura ensanguentada de ervas na página.

Devido à dificuldade do feitiço, era um livro bastante longo, o resultado de duas sessões separadas de sangria com mais de um mês de intervalo, e Richard não se apressou a lê-lo. Como quando lia para Nicholas à noite, a sua voz era ressonante e envolvente, e, enquanto Nicholas ouvia as suas próprias palavras meticulosas lidas em voz alta com tanta perícia, o orgulho começou a irradiar através dele. Fizera um belo trabalho. O tio estava realmente impressionado. E agora iam voar.

Quando Richard acabou de ler, o sol já ia alto no céu e o tapete tinha-se levantado a cerca de um metro da relva e estava a flutuar ali, com as borlas dos cantos a moverem-se na brisa ligeira. Richard inclinou-se para testar o seu peso com as mãos antes de se sentar com cuidado e levantar os pés do chão. O tapete não cedeu sob o seu peso. Sentou-se com as pernas cruzadas, agarrou nas duas borlas da frente e puxou-as para cima — e o tapete subiu instantaneamente mais um metro. Puxou a borla esquerda — o tapete flutuou para a esquerda.

— Maravilhoso — disse Richard. — E vai durar quanto tempo?

— Meia hora, penso eu — disse Nicholas, entusiasmado —, e não vai apenas cair, vai começar a afundar-se lentamente e depois aterrar no

chão para poderes saltar para fora.

Sem qualquer aviso, Richard puxou as borlas com tanta força que o tapete subiu em flecha como um papagaio, e ele, absolutamente destemido, permaneceu improvavelmente sentado, preso por magia às costas de lã do tapete. Nicholas quase ficou com um torcicolo no pescoço por seguir Richard com os olhos enquanto ele subia, subia, subia, e depois se desviava para a esquerda e fazia um círculo rápido e apertado acima do lago, a uns vinte metros no ar, com o rosto e o corpo obscurecidos pelo fundo do tapete. Richard parecia muito pequeno de onde Nicholas o via, e depois ficou maior quando disparou de volta para o chão, tão rápido que Nicholas temeu que ele se despenhasse, mas nivelou-se mesmo a tempo.

O seu cabelo espesso, salpicado de brancas que nunca tinham alastrado das têmporas, estava despenteado pelo vento, e ele sorria como um garoto.

— Fantástico como o caraças! — exclamou ele. — Ora bem, Nicholas, sobe para o tapete. O mais seguro é sentares-te atrás de mim, penso eu. Prometes que te vais segurar bem?

Nicholas já estava a tentar subir a bordo, ajoelhando-se atrás do tio, e, depois de um momento de hesitação, passou os braços à volta da sua cintura como se estivesse a andar de mota. Richard não era muito dado a abraços e Nicholas não tomava a iniciativa desde que era muito pequeno, e aquele era o mais próximo que estavam desde há bastante tempo. Nicholas encostou-se às costas do tio e olhou por cima do ombro dele enquanto Richard puxava o tapete para cima, muito mais lentamente do que tinha feito para si próprio um momento antes.

À medida que o tapete subia, também o coração de Nicholas subia, até que sentiu que ia rebentar de felicidade. Quando Richard parou a uns cinco metros acima do lago, ele pediu:

— Mais alto!

Subiram mais. Subiram o suficiente para que Nicholas ficasse estonteado, agarrando-se ao tio com tanta força que podia sentir as costelas dele estalarem, mas Richard não objetou. Lá de cima, o lago parecia uma poça azul brilhante e as cabras pequenas como ratos. As grandes paredes de pedra da casa — tão frias e impenetráveis quando Nicholas estava no chão a olhar para cima — pareciam frágeis e pitorescas, uma casa de bonecas com todos os detalhes. Ficaram ali a

pairar durante algum tempo sem se mexerem, apontando coisas um ao outro: o automóvel que parecia de brinquedo a descer a estrada, as rosas que pareciam salpicos de cor de um pincel sacudido, o bando de pássaros pipilantes que voou de uma árvore para pousar noutra. Depois, Richard conduziu o tapete para alturas um pouco menos vertiginosas e empurrou-o para a frente.

Voaram por cima do campo e serpentearam por entre as copas das árvores, e, quando Nicholas implorou a Richard que aumentasse a velocidade, o tio fez-lhe a vontade, descendo tão baixo que o tapete deixou uma faixa de relva farfalhante no seu rasto enquanto atravessava o terreno. Deram a volta à casa, subindo cada vez mais até ficarem ao nível dos pináculos mais altos das torres revestidas com placas de cobre, e Nicholas riu-se alto de pura alegria, do perigo e da emoção do voo.

— Tu fizeste isto, Nicholas — disse Richard. — O teu sangue, as tuas palavras. Que sensação te dá? Sentes-te poderoso?

— Sim! — gritou Nicholas, porque se sentia. Porém, ainda mais do que poder, o que sentia era uma felicidade pura e sublime.

Por fim, o tapete começou a afundar-se, tal como ele tinha escrito que faria; para baixo, para baixo, para baixo, até que se deitou na relva como uma criança cansada e parou. Nicholas rolou para fora, ainda a sentir o movimento e a subida na barriga, o vento no cabelo.

Richard sorriu-lhe.

— Ainda estás de mau humor, então?

Nicholas não podia negar que se sentia melhor do que se sentia há semanas.

— Não — respondeu sinceramente. — Foi espetacular.

— Se me tivesses perguntado pelo teu livro desde o início, em vez de o esconderes de mim, podíamos tê-lo lido juntos há dias — disse Richard. O seu tom de voz era ameno, não de repreensão. — Espero que da próxima vez confies em mim. Os segredos são más notícias, Nicholas. Só acabam por te fazer sentir pior.

Na altura, não ocorrera a Nicholas perguntar-se como o seu tio tinha encontrado o livro; como devia ter vasculhado o escritório de Nicholas e talvez até o quarto para o encontrar onde Nicholas o escondera. Na altura, sentia-se demasiado atordoado com satisfação e gratidão. Contudo, nessa noite, muito depois de ter agradecido a Richard e de ter prometido não voltar a esconder-lhe nada, deitou-se na cama a rever os

acontecimentos do dia e sentiu uma pontada de ressentimento. Mesmo aos dez anos, sabia que a opinião de Richard sobre os segredos só ia num sentido: os segredos guardados de Richard eram maus, mas os segredos que Richard guardava para si próprio? Bem.

Agora, muitos anos mais tarde, no escritório do tio, pensava nas palavras dele com fúria.

Os segredos são más notícias, Nicholas. Só acabam por te fazer sentir pior.

Ainda estava junto à secretária do tio a olhar para o rascunho daquele feitiço abominável. Collins tinha entrado na sala ao lado e de repente apareceu à porta.

— Anda cá — pediu. — Imediatamente.

— Desculpa?

A cabeça de Collins desapareceu.

Nicholas demorou um segundo a arrumar a secretária para que ficasse como estava quando entraram e depois deu uma última vista de olhos pelo escritório, forçando-se a não passar os olhos pelo enorme frasco com o seu grotesco habitante. Precisava de se lembrar.

Na outra sala, Collins olhava atentamente para um dos espelhos, de braços cruzados. Nicholas veio pôr-se ao seu lado. Estavam em frente ao espelho com a etiqueta *Clínica*, que enquadrava uma sala que parecia um gabinete de enfermagem num filme americano passado numa escola secundária, com uma secretária grande e várias camas separadas por cortinas — embora nenhuma das cortinas estivesse fechada e não estivesse ninguém à secretária.

No entanto, havia alguém numa das camas; alguém com muito cabelo louro e um rosto pálido e adormecido. E ali, aos pés da cama, com o rosto de perfil, outra mulher, essa de cabelos escuros e pele morena e vestindo uma camisola que Nicholas não pôde deixar de notar que era muito feia. No entanto, quando começou a afastar-se, Collins interveio:

— Espera. — Outra pessoa entrou na moldura pelo lado, e de seguida virou-se para olhar diretamente para o espelho. — Diz-me — disse Collins, apontando. — Aquele é o Tretheway?

Nicholas apercebeu-se com espanto de que Collins tinha razão. Era Tretheway, o seu antigo guarda-costas.

— Pensei que aquele idiota tinha sido despedido — disse Collins.

— Eu também — disse Nicholas.

— Ele consegue ver-nos através do espelho?

— Não se for o feitiço que escrevi em maio passado, que deve ser — disse Nicholas. — Podes passar coisas para trás e para a frente, mas é apenas uma visão unidirecional. Anda daí, estou-me nas tintas para o que o Tretheway anda a tramar.

— Espera — disse Collins. — A rapariga.

A mulher de cabelos escuros tinha-se virado e também ela estava a olhar diretamente para o espelho. Nicholas quase recuou um passo, tão determinado e tenso era o olhar dela, os seus olhos brilhantes sob sobrancelhas espessas e expressivas. Ela fitou o espelho com um olhar perscrutante e depois virou-se novamente. Tretheway tinha desaparecido da moldura. Ela estava virada na direção dele e a dizer qualquer coisa.

— Conhece-la? — perguntou Nicholas. Havia algo familiar nela, talvez. — Ela é uma das nossas?

Collins não respondeu. Olhava para o espelho como se estivesse enfeitiçado e Nicholas estendeu a mão para o afastar, mas a mulher voltou a olhar para o espelho e Nicholas parou. Tretheway apareceu de novo na moldura, de costas para o espelho, quase ocultando a mulher de cabelo preto, com uma das mãos rígida ao lado do corpo. Empunhava uma arma.

— Oh, merda! — exclamou Collins.

A mulher estava a falar outra vez, com as mãos levantadas como se estivesse a acalmar um cão. Tretheway dobrou o cotovelo quase casualmente, apontando a arma para ela, e por um segundo ambos ficaram tão imóveis que parecia que a imagem se tinha apagado no ecrã. Nesse momento, tão subitamente que Nicholas deu por si a agarrar a manga de Collins em alarme, ela entrou em ação, atirando-se para a frente numa placagem que a fez voar a ela e a Tretheway para o chão, e Collins soltou um berro como se estivesse a assistir a um jogo de futebol. Os dois estavam agora meio fora da vista do espelho, apenas a parte inferior dos seus corpos era visível, botas e joelhos emaranhados numa luta desesperada.

— De que lado é que estamos? — perguntou Nicholas com urgência.

— Será que ambos trabalham para a Biblioteca?

— Estou-me a marimbar para a Biblioteca — rosnou Collins. — Espero que ela o esgane.

Nicholas achava que ela não conseguiria. Tretheway era um homem forte e bem treinado. Contudo, no momento em que ele estava a pensar aquilo, a mulher apareceu: ocupava a posição superior, com Tretheway por baixo dela, embora o seu lábio estivesse a pingar sangue e uma das mãos de Tretheway parecesse estar a puxá-la para a frente, e depois ambos desapareceram novamente.

— Oh, porra! — exclamou Collins.

Através do espelho, alguém voltou a aparecer. Dessa vez era Tretheway, magoado e ensanguentado, mas a sorrir. Pela posição dos ombros e dos braços, era evidente que estava a estrangular a mulher que estava por baixo dele.

— Levanta-te — implorou Collins à mulher. — Levanta-te, agarra-o.

Só nessa altura é que Nicholas reparou que a pessoa loura na cama se tinha levantado. Estava vestida com uma bata de pano, com um braço amarrado ao peito numa ligadura, e parecia vacilante. Na outra mão segurava um vaso de flores com o que parecia ser uma única flor de plástico colada dentro. Estava a aproximar-se à socapa do lado de Tretheway, com uma expressão aterrorizada mas decidida. Levantou o vaso com uma mão trémula. Era claramente a única arma que tinha conseguido encontrar, e parecia inútil e patética.

O seu golpe, no entanto, não foi nada disso. Com uma força surpreendente, desfechou o vaso na cabeça de Tretheway, e ele inclinou-se para um lado, quase desaparecendo novamente. A mulher loura inclinou-se rapidamente para baixo e, quando se levantou, estava a segurar a arma.

Olhou para a arma.

Olhou para Tretheway, que se estava a levantar, com as suas costas largas a ocultar-lhes de novo a visão, apagando-a até que apenas conseguiam ver a sua camisola de uma cor pálida.

A cena que se seguiu foi ainda mais horrível por ser completamente silenciosa. Tretheway estremeceu uma vez, a lâ da sua camisola ficou vermelha abaixo da omoplata, e depois tombou. Fora da imagem. Tudo o que conseguiam ver era a mulher loura, de arma na mão, boca aberta, visivelmente a tremer.

A mão de Nicholas ainda estava agarrada ao braço de Collins, todos os pensamentos de sair dali arredados da mente. A mulher com o braço ao peito parecia estar a gritar a mesma palavra vezes sem conta, talvez o

nome da amiga, tombando de joelhos. Era demasiado tarde, pensou Nicholas, entorpecido. Tretheway tinha sido baleado, sim — mas não antes de ter estrangulado a mulher de cabelo escuro até à morte enquanto Nicholas e Collins assistiam.

Mas depois ela apareceu à vista, com o rosto vermelho, as faces a encovarem-se enquanto tentava recuperar o fôlego, e Nicholas soltou a sua própria respiração. Ao seu lado, ouviu Collins fazer o mesmo. A mulher loura largou a arma e agarrou-se à mulher de cabelo escuro com a mão sã, e as bocas de ambas moviam-se freneticamente uma para a outra. Nicholas não conseguia sequer começar a adivinhar o que estavam a dizer, mas a loura tinha parado de gritar e estava agora a chorar, com os ombros a tremer. Ela olhou para trás, para onde Tretheway estava deitado, invisível.

— Achas que ele está morto? — perguntou Nicholas.

Collins parecia doente.

— Não sei — disse.

De repente, as duas mulheres viraram-se para o espelho em simultâneo. A loura com o braço ao peito continuava a chorar, mas agora também acenava com a cabeça, e as duas aproximaram-se da moldura, agachando-se para onde Tretheway devia estar deitado. A mulher de cabelo preto parecia estar a revistar-lhe os bolsos, e apareceu com um livro fino que Nicholas reconheceu. Era um dos muitos apagamentos simples de memória que ele tinha escrito ao longo dos anos, e sentiu um choque de total estranheza quando viu aquela desconhecida manusear um objeto pelo qual ele tinha derramado sangue e suor.

Um objeto concebido para prender qualquer leitor que tivesse tido o azar de pôr os olhos na sua primeira página.

— Não — disse-lhe ele em voz alta —, não olhes, não digas as palavras. — Mas era demasiado tarde, ela já estava a passar os olhos pela primeira página do feitiço de apagamento de memória. Virou para a página seguinte, depois para a seguinte, mas não teve qualquer reação visível ao feitiço escrito com o sangue de Nicholas.

A magia não a afetou.

— Isso é impossível — disse Nicholas.

Um segundo depois, ela entalou o livro na parte de trás da cintura das calças de ganga e arrastou Tretheway, que voltou a ficar à vista,

segurando-o pelos sovacos, com a cabeça dele a pender mole do pescoço, e a mulher loura agarrou a perna do fato-macaco dele com a mão sã. Arrastaram-no para mais perto até estarem mesmo do outro lado do espelho, a mulher de cabelo preto tão perto que Nicholas conseguia ver salpicos do sangue de Tretheway na sua cara. Ela agarrou na mão mole de Tretheway. Do lado de Nicholas e Collins, o vidro ondulava. Como um verme na terra húmida, a ponta do dedo de Tretheway atravessou até ao último nó do dedo, a unha preta, os ossos retorcidos da sua viagem através do espelho. O dedo desapareceu e as duas mulheres começaram a debater-se com o corpo.

Logo que Nicholas se perguntou o que estariam a fazer, compreendeu.

— Estão a forçá-lo a passar — disse.

O dedo tinha sido um teste. Agora, o cabelo de Tretheway espetava-se como picos de erva a crescer, e depois veio a testa pisada e o rosto, que estava horripilantemente deformado — o nariz esmagado para um lado, o maxilar desalinhado, os olhos sugados para dentro das órbitas como se por um vácuo invisível.

Os seus ombros ficaram presos, mas, de repente, começaram a passar — e, à volta de um dos ombros, estava uma pequena mão morena com unhas roídas. Nicholas fitou-a boquiaberto. Assim que a mão passou, a mulher de cabelo preto puxou-a para trás, segurando-a contra o peito em pânico, examinando-a, esperando claramente que estivesse deformada como o corpo de Tretheway estava deformado, mas parecia estar tudo bem. Daí a um segundo, retomou a sua tentativa, e o resto dos ombros de Tretheway apareceu. Nesse ponto, a magia fez o seu trabalho e engoliu o resto do corpo dele para a sala onde Nicholas e Collins se encontravam, cuspidando-o para fora e depositando-o amassado aos pés deles. A arma caiu com ele.

Nem um nem outro conseguiam fazer nada além de olhar. Se Tretheway não estava morto antes, agora estava de certeza, e as contorções da sua carne mutilada eram repugnantes. A sua pele mantivera-se firme, mas tudo dentro dela se deslocara. Estava retorcido e cheio de papos por baixo daquela fina superfície intacta. Quando Nicholas voltou a olhar para o espelho, esse — e todos os outros daquela sala — tinha ficado em branco. Eram apenas espelhos outra vez, desligados da vida que os tinha carregado do outro lado. Da vida que

acabara de terminar.

O único aspeto positivo de toda aquela situação terrível era Esther saber agora que Pearl não a tinha traído.

O corpo de Trev atravessara o espelho como se estivesse a atravessar mercúrio, nem sequer um vestígio de sangue deixado no vidro frio e duro. Assim que ele desapareceu, Pearl soltou um gemido baixo e tombou no chão da enfermaria.

Esther, com todo o corpo dorido da luta e a zumbir da adrenalina do que tinha parecido uma quase-morte, cuspiu freneticamente para um pedaço limpo da manga da camisola e começou a esfregar as marcas de sangue no espelho que o tinham aberto. Estava apavorada com a possibilidade de, se deixasse as marcas no espelho, alguém sair da moldura e a matar a ela e a Pearl. Os seres vivos não podiam atravessar espelhos, sabia isso — ou pensava que sabia, mas, apesar do teste que fizera com o dedo de Trev, apesar de ele ter voltado pisado, torcido e disforme, houvera aquele instante aterrorizador em que o seu próprio dedo trespassara a superfície e ela não sentira nada. Talvez fosse a passagem de um lugar para outro que arruinava um corpo, e não a entrada.

Trev não estava completamente morto quando o empurraram, mas se havia alguma dúvida sobre se a viagem através do espelho terminara o que o tiro de Pearl tinha começado, ela foi dissipada naquele momento, com as manchas enferrujadas da magia dele a desaparecerem facilmente com a esfregadela de Esther. O sangue vivo de Trev tinha ativado o feitiço desse lado; o seu sangue ainda vivo tinha permitido a passagem do seu corpo; e, agora que ele estava morto, o feitiço estava quebrado.

Limpou o resto do sangue do espelho e acorreu-se em frente de Pearl.

— Obrigada — disse. Havia muito mais que queria dizer, a começar por *desculpa*.

— Por favor, diz-me que estou a ter alucinações — pediu Pearl. — Por favor, diz-me que estou drogada, diz-me que isto é um sonho mau.

— É um sonho mau — repetiu Esther. Estava a examinar Pearl, à procura de vestígios do sangue de Trev. Havia um pouco nos dedos e nos pulsos dela. — Tens de lavar as mãos.

— Preciso de lavar o *cérebro* — disse Pearl.

Em qualquer outra altura, aquilo teria feito Esther rir, mas, claramente, não se tratava de uma piada, e Esther planear fazer mais ou menos exatamente isso tornava-a ainda menos engraçada.

Foi até ao lavatório no canto e ensopou um maço de toalhas de papel, regressando de seguida para junto de Pearl e limpando-lhe cuidadosamente as mãos nas suas mãos em concha. Havia igualmente uma mancha de sangue no rosto de Pearl, embora Esther não soubesse de quem, que ela limpou também. Depois, olhou por si abaixo. A camisola estava apenas ligeiramente manchada, mas havia algumas manchas no chão e a perna das suas calças de ganga na zona da coxa estava encharcada de vermelho. A bata da enfermaria de Pearl estava molhada e vermelha na bainha.

Trataria disso daí a um momento. Se tivessem um momento. Se ninguém tentasse abrir a porta da clínica, a encontrasse trancada e desse o alarme. Não fazia ideia do que Trev tinha dito à médica para a obrigar a sair ou por quanto tempo ela se ausentaria.

— Sabes onde é que eles guardam essas batas? — Esther perguntou a Pearl, e, para seu grande alívio, Pearl acenou com a cabeça. — Muito bem, muda a tua e põe a suja aqui, depois mete-te na cama. Vou limpar o chão.

Pearl fez o que lhe foi pedido, com movimentos bruscos e dissociados, e, depois de ela vestir uma bata nova — com alguma dificuldade por causa do braço ao peito — e de subir para a cama, Esther foi à despensa e encheu um balde com água e sabão.

— Ele atacou-me — disse Pearl. — O Trev. Quando estávamos a esquiar. Num segundo estávamos a falar, e no seguinte ele simplesmente... mudou de expressão, veio para cima de mim e... — Ela parou, com a respiração a ficar entrecortada. Depois de a ter recuperado, perguntou: — Quem *era* ele? Que é que aconteceu? Como é

que sabias que podias fazê-lo passar pelo... pelo... fazê-lo passar pelo... — Parecia incapaz de completar a frase. Outra respiração trémula. — Que raio se está a passar, Esther?

— Ele andava atrás de mim, não de ti — explicou Esther.

— Sim, obrigada, já percebi essa parte. *Porquê?*

Esther estava a limpar o chão o mais depressa que podia, esvaziando e enchendo de novo o balde até que todos os vestígios de sangue desaparecessem, o que não demorou tanto tempo como receava. Nada daquilo resistiria a uma equipa forense, mas, quando alguém desse pela falta de Trev e começasse a preocupar-se, Esther já estaria longe.

Esperava ela.

Além disso, não haveria vestígios do corpo dele nem da arma do crime, e não havia câmaras na clínica — por que razão haveria alguém de suspeitar de um crime? E também não havia testemunhas. Ou não haveria testemunhas na altura em que Esther terminasse.

— Onde é que a enfermeira pôs a roupa que usaste para esquiar? — Esther perguntou a Pearl.

— Não sei. Esther, por favor, olha para mim por um segundo e *explica-me*.

Esther fechou os olhos, depois abriu-os e virou-se. O livro que tinha tirado do corpo de Trev apagaria completamente as últimas vinte e quatro horas da memória de Pearl — fá-la-ia recuar até antes do tiro, da saída para esquiar, da discussão —, mas aquela Pearl, a que tremia na cama e olhava para Esther com desespero, ainda se lembrava. Aquela Pearl merecia alguma coisa, não merecia? E porque não a verdade? Era um pensamento demasiado sedutor para se enjeitar. Só por um momento, ela e Pearl poderiam viver no mesmo mundo juntas.

— Vai parecer uma loucura — disse ela. — Mas tenta acreditar em mim. Lembra-te de que acabaste de ver o Trev atravessar um espelho.

— Não sei o que vi.

— Sim, sabes. Se não conseguires aceitar isso, não vais aceitar nada do que te vou dizer.

Pearl mordeu o lábio, em silêncio. De seguida, disse:

— Está bem. Sim. Eu vi-o.

Esther virou-se para trás para procurar as roupas de Pearl enquanto falava.

— A magia existe, e é canalizada através de certos livros. A minha

família consegue sentir esses livros, consegue ouvi-los, embora eu não consiga. O meu pai passou toda a vida a colecioná-los, e tem... ou tinha, agora são da minha irmã, centenas. Incrivelmente valiosos.

Encontrara as roupas dobradas no armário metálico dos medicamentos, dentro de um saco de plástico, e tirou as suas próprias roupas ensanguentadas e enfiou-as no saco, no lugar das de Pearl.

— Quando eu era bebé — continuou —, um grupo de pessoas invadiu o nosso apartamento na Cidade do México para levar a coleção. Não conseguiram levar os livros, mas mataram a minha mãe. Não sei os pormenores. Só sei que, depois disso, o meu pai pegou em mim e foi para a clandestinidade. Ou para o Vermont, pelo menos. — Estava a tremer no lavatório, em roupa interior, a lavar as mãos e a cara o melhor que podia, com medo de se virar e encontrar a incredulidade no rosto de Pearl. — Não é só que não consigo ouvir magia, também sou imune a ela. Não sabemos porquê. Mas, quando eu tinha dezoito anos, o meu pai percebeu que os encantamentos que usava para impedir que a nossa casa fosse encontrada não me bloqueavam, portanto, tudo o que alguém tinha de fazer para encontrar o meu pai, a minha madrastra, a minha irmã e toda a coleção era encontrar-me a mim.

Fez uma pausa para puxar as calças de ganga limpas de Pearl até à cintura. Pearl era mais alta e mais magra, mas Esther podia enrolar a bainha, e a sua camisola muito grande era suficientemente comprida para encobrir o facto de as calças mal abotoarem, e no espelho — de novo apenas um espelho — Esther parecia limpa e sem sangue, embora com o rosto um pouco pisado.

— O meu pai deu-me a escolher — disse ela, voltando-se para Pearl. — Podia ficar em casa e pôr a minha família em perigo ou podia ir-me embora e nunca mais voltar. Obviamente, escolhi a segunda opção.

Pearl estava a fitá-la. Parecia ter-se acalmado um pouco enquanto Esther falava, ou, pelo menos, já não estava visivelmente a tremer, embora estivesse quase tão pálida como as paredes.

— Mete-te debaixo dos cobertores — insistiu Esther.

— Por favor, vem cá — pediu Pearl.

— Não temos tempo.

— *Por favor.*

Esther engoliu em seco com força e foi sentar-se ao lado de Pearl na cama, rígida e desajeitada, até que Pearl pôs o braço são à volta dos

ombros de Esther e enterrou o rosto no pescoço dela. Então, Esther fez a única coisa que podia fazer: mudou de posição até abraçar Pearl, atenta ao braço fraturado, os seus lábios contra o cabelo macio de Pearl. Sentia o seu rosto, normalmente tão obediente, a agir por vontade própria, a boca a apertar-se com força, os olhos a lacrimejar.

— Vou acreditar em ti — disse Pearl, com a voz abafada contra a pele de Esther — até que apareça outra explicação.

— Não há outras explicações. Eu contei-te a verdade.

— Era por isso que te ias embora? — perguntou Pearl, afastando-se um pouco para olhar para Esther. — Porque o Trev andava... atrás de ti?

— Era — disse Esther.

A esperança no rosto de Pearl era dolorosa.

— Então, isso significa que vais ficar?

Resumia-se sempre àquilo. Com Joanna, com Reggie, com Pearl. Esther era um perigo para aqueles que amava simplesmente por ser ela própria.

— Não posso — disse Esther. — Eles sabem onde estou. Já te fizeram mal por minha causa, e nós as duas quase fomos mortas.

— Mas disseste que o Trev ia usar-te para chegar à tua família, aos livros do teu pai. Ele não ia matar-te — disse Pearl. — Certo? Ele só queria interrogar-te, ou...

Esther abanou a cabeça.

— O que te disse é tudo o que sei. — Tocou no pescoço, que em breve ficaria roxo com as equimoses e que lhe doía onde as mãos dele o tinham apertado. — Deu a *sensação* de que ele me ia matar.

— Em vez disso — disse Pearl —, matei-o *eu a ele*.

— Tecnicamente, não o fizeste. Ele estava vivo quando o enfiámos pelo espelho.

— Oh, meu Deus — disse Pearl, e limpou a face molhada ao ombro são.

A enfermaria estava tão limpa quanto possível. Esther tinha um saco com roupas ensanguentadas atado numa das mãos, mas quem entrasse não veria nada fora do normal. Era absurdo como tudo parecia tão normal. O corpo de Pearl ainda se sacudia com pequenos tremores.

— Não tens de te lembrar — disse Esther.

As lágrimas de Pearl acumulavam-se nos cantos dos olhos e escorregavam-lhe pelas faces pálidas.

— Que queres dizer?

Esther mostrou-lhe o livro que tinha tirado do bolso de Trev. Era novo, reparou ela — com uma capa dura moderna, feita à máquina. Nunca tinha visto um livro tão novo como aquele.

— Isso é um... sinto-me ridícula a dizê-lo em voz alta — disse Pearl.

— Um livro de feitiços — disse Esther. — Sim. Vai-te apagar a recordação do último dia, por isso, não te vais lembrar de ter a arma na mão ou de puxar o gatilho, não te vais lembrar de ser atacada. De nada disso.

Pearl não parecia aliviada, parecia horrorizada. Recuou ao toque de Esther, com as narinas infladas.

— E não me vou lembrar de nada do que acabaste de me dizer.

— Bem, não.

— E, quando pensar no Trev — disse ela —, vou pensar nele como um novo amigo divertido e perguntar-me onde é que ele estará, preocupar-me com ele. Sem saber que fui eu que o matei.

— Tu não o mataste — repetiu Esther.

— Dei-lhe um tiro e agora ele está morto — insistiu Pearl. — Qualquer outra coisa é uma questão de semântica.

— Eu gosto de semântica.

— Não me quero esquecer do que me contaste — disse Pearl. — Uma temporada inteira juntas, e esta é a primeira vez em que foste realmente sincera. — Durante todo aquele tempo, ela tinha estado a chorar ininterruptamente, uma lágrima lenta de cada vez, e Esther tocou numa dessas marcas molhadas na sua face com tanta ternura quanto conseguia sem se ir abaixo. — E parece-me perigoso esquecer o que fiz. Eu sinto-o *aqui*. — Pressionou o peito com a palma da mão. — O meu corpo vai-se lembrar, mesmo que a minha mente não se lembre. Não vai?

— Não sei — respondeu Esther.

As lágrimas lentas começaram a cair um pouco mais depressa, a boca de Pearl tremia descontroladamente, e ela aspirou uma respiração trémula, a tentar controlar-se.

— Mas... mas se as pessoas repararem que o Trev desapareceu e me perguntarem o que aconteceu, não sei se... acho que não consigo... não sou boa mentirosa, Esther, tu sabes disso. Não sei como lidar com isto. Não sei o que fazer.

Esther não disse nada. Nem sequer acenou com a cabeça. Aquela

decisão tinha de ser apenas de Pearl.

De repente, Pearl agarrou na mão de Esther, com força, com os dedos a pressionarem a palma da mão dela.

— Promete-me uma coisa — pediu ela.

— Prometo-te tudo o que puder sem voltar a mentir-te.

Pearl acenou com a cabeça.

— Se a magia existe mesmo, e tu consegues realmente apagar a minha memória, e eu te deixar fazê-lo... tens de prometer que voltas a procurar-me quando estiveres a salvo. Tens de prometer contar-me tudo o que aconteceu, e falar-me outra vez dos teus pais, e dos livros. Preencher todas as lacunas. Não quero esquecer-me para sempre. Eu quero *saber*. — Respirou fundo, estremecendo. — Mas acho que não consigo lidar com o facto de saber agora. Sozinha.

Esther queria que aquela fosse uma promessa que pudesse cumprir.

— Sim. Prometo.

— Jura-me — disse Pearl, estendendo o dedo mindinho, mas, em vez de enlaçar o seu no dela, Esther abriu-lhe os outros dedos e beijou-lhe a palma da mão.

— Juro.

— Está bem — disse Pearl. — Fá-lo antes que eu possa pensar muito sobre isso.

— Eu não sei fazer magia — explicou Esther.

— Então?...

— Tens de ser tu a fazê-la.

— Como é que isso é possível?

— Tens de ler este livro em voz alta. Onde estiver escrito «tu», diz «eu», e onde houver um espaço para um nome, diz o teu. Quando o feitiço começar a pegar, vai levar-te até ao fim, penso eu. Não se vai interromper com os seus próprios efeitos. Ou normalmente não se interrompem.

Pearl estava a olhar para ela.

— Da forma como falas disto... da forma como lidaste com o Trev, sinto que nunca te conheci realmente.

A onda de sentimentos veio tão depressa que Esther não teve tempo de erguer as suas barreiras defensivas.

— Conheceste — disse ela. — E vais voltar a conhecer-me, porque eu vou voltar, lembras-te? Vais ficar a conhecer-me. Se ainda quiseres.

Pearl estendeu a mão e Esther pensou que ela estava a estendê-la para o livro, mas depois sentiu a mão sã dela em concha na parte de trás do seu pescoço, e Esther inclinou-se por instinto, com a boca a encontrar a de Pearl e a sentir a cedência daqueles lábios macios quando se abriram sob os seus, o raspar daqueles dentes afiados. Fechou os olhos e deixou-se levar por aquele segundo de luxo: ser beijada por alguém que a conhecia, toda ela. Depois, afastou-se e pousou o livro no regaço de Pearl.

Se Esther pudesse ter sido tocada pela magia, talvez tivesse usado o feitiço em si mesma, depois de Pearl, para apagar da mente a memória do seu desenrolar. Pearl demorou vinte minutos a lê-lo, vinte minutos que Esther passou em pânico com a possibilidade de alguém tentar entrar na enfermaria, mas ninguém o fez, e viu a magia apoderar-se de Pearl palavra a palavra. Viu os olhos de Pearl ficarem baços, a boca mover-se não por vontade própria, mas pela vontade de outra coisa, de uma força que alimentava a voz da qual estava ao serviço, a magia a avançar à medida que os olhos de Pearl ficavam cada vez mais fixos na página, o seu tom de voz cada vez mais monótono, até que finalmente disse a última palavra, a sua mão largou a página e ela caiu para a frente como uma boneca abandonada a meio da brincadeira.

— Pearl — disse Esther, imediatamente aterrorizada com a possibilidade de o feitiço ter corrido mal e de Pearl ficar assim para sempre, uma casca oca de magia, mas, ao som do seu nome, Pearl levantou a cabeça, com uma expressão confusa mas alerta.

— Esther? — Sentou-se direita. — Ai, mas que diabo. O meu braço... o que é que... onde é que estou, isto é a clínica?

A sua voz era tão natural, tão limpa do medo que a tinha abalado minutos antes, que Esther sentiu um arrepio na espinha. Pegou no livro do regaço de Pearl e enfiou-o debaixo do braço.

— Tiveste um acidente — disse ela. — Vais ficar bem, mas... do que é que te lembras?

— Do que me lembro? — repetiu Pearl, como se fosse um conceito estranho.

— Foste esquiar esta manhã e caíste — disse Esther. — Partiste o pulso e bateste com a cabeça, é uma concussão, mas não é grave. A médica disse que é normal teres alguma perda de memória.

— Pensava que a amnésia só existia nos filmes — disse Pearl, tocando

na cabeça com cuidado. Parecia novamente um pouco assustada, mas essa reação era apropriada para a situação. — Onde está a médica?

— Saiu por um segundo — disse Esther, com um nó na garganta tão doloroso que mal conseguia pronunciar as palavras. — Deixa-me ir procurá-la.

Levantou-se, preparando-se para sair, e depois parou.

— Há uma coisa de que não quero que te esqueças — disse a Pearl. — Mesmo com a concussão. Não quero que te esqueças de que gosto mesmo de ti. Mais do que alguma vez gostei de alguém em muito, muito tempo. O que quer que aconteça a seguir... isso não vai mudar.

Pearl parecia assustada.

— Que queres dizer com o que quer que aconteça a seguir? Qual é a gravidade do meu ferimento na cabeça, exatamente?

— Não estou preocupada com a tua cabeça — disse Esther, sorrindo da forma mais tranquilizadora que sabia. — Só quero que te lembres do que sinto por ti.

— Está bem — disse Pearl, meio a sorrir. — Já percebi. Tu... — fez aspas com os dedos — *gostas mesmo de mim*.

Esther sabia que Pearl queria mais, queria outra coisa, uma configuração diferente de palavras, mas aquele não era o momento para a verdade. Talvez isso viesse mais tarde, depois de Esther cumprir a sua promessa.

— Sim — disse. — Agora descansa.

A MÉDICA, AFINAL, ESTAVA NO SEU QUARTO A DORMIR. ESTHER SÓ O DESCOBRIU depois de, não tendo conseguido encontrá-la e preocupada com o que o Trev lhe poderia ter feito, ter alertado o escritório. Tinham-na chamado pelo intercomunicador, e ela apareceu dez minutos depois, com a face vincada pela almofada, completamente confusa. Tinha a impressão de que era o início do dia, e não o fim, e não parecia lembrar-se de Pearl ter sido trazida para a clínica, embora não aparentasse estar muito preocupada com o seu lapso de memória.

— As longas horas de trabalho têm esse efeito — disse a Esther, em tom de confidência.

Não, pensou Esther, a magia tem esse efeito, mas limitou-se a acenar

com a cabeça e a sorrir.

O primeiro turno do jantar tinha começado e os corredores estavam cheios de pessoas que regressavam do trabalho, algumas delas a falar e a rir, outras a bocejar e caladas. Esther sentia-se ameaçada por cada olá que lhe dirigiam, à espera de que alguém lhe perguntasse: «Olá, viste o Trev?» Ou: «Ei, porque é que parece que passaste a tarde a livrar-te de um corpo?» Mas porque haviam de pensar tais coisas? Apenas o mundo de Esther tinha sido distorcido.

Com a maior subtilidade possível, percorreu a estação limpando todas as marcas de sangue em todos os espelhos: no ginásio, em todas as casas de banho comuns, na cozinha. Sempre que se aproximava de um espelho, o seu coração contraía-se, pensando que algo ou alguém iria atravessá-lo, mas nada, ninguém o fez. Quando terminou, eram sete horas. O seu avião descolaria daí a doze horas. Daí a doze horas, ela partiria.

Finalmente, foi para o que tinha sido o quarto de Trev e parou em frente à porta, preparando-se, embora não soubesse para quê. Lá dentro, o pequeno espaço estava arrumado e limpo, à exceção de uma *sweatshirt* caída aos pés da cama. Esther limpou as marcas de sangue no espelho por cima do lavatório dele.

De seguida, começou a fazer uma busca superficial, à procura do seu romance roubado e de respostas a perguntas que não sabia como fazer. Abriu gavetas, remexeu em camisolas dobradas, até abriu o estojo das lentes de contacto na mesa de cabeceira de Trev e olhou para as pequenas poças vazias de solução salina.

Encontrou milefólio seco e várias outras ervas que não reconheceu, e, embrulhado numa toalha e enfiado debaixo do colchão, descobriu o livro que ele devia ter usado nos espelhos. Tal como o apagador de memórias, aquele livro também era inexplicavelmente novo, encadernado da mesma maneira mecânica e precisa. Algures, sabia, havia o par daquele livro, que devia ser quase idêntico, nas mãos de pessoas que a queriam matar.

E nas mãos de alguém, talvez, que queria salvá-la. De alguém que estava a ajudá-la a sair dali.

O romance de Gil, para seu pesar, não estava em lado nenhum, e, além do livro e das ervas, não havia mais nenhuma prova de que Trev fosse outra coisa que não o carpinteiro do Colorado que fingira ser.

Voltou a embrulhar o livro-espelho na toalha de Trev e levou-o consigo para o seu quarto, onde rasgou metodicamente todas as páginas dele e do apagador de memórias, até o caixote do lixo ficar cheio de confetes e as lombadas dos livros ocas e inúteis.

De seguida, começou a fazer a mala.

Só quando Joanna estava a levar a mãe pela escada do alpendre até à porta da frente é que se apercebeu de que nunca tinha visto ninguém ultrapassar os esconjuros e entrar na sua casa.

Cecily estava vendada e agarrava-se ao braço de Joanna. Não conseguia manter o equilíbrio e parecia não ter consciência de nada, exceto de Joanna, que teve de se baixar e de bater em cada um dos pés da mãe para que ela os levantasse para o degrau seguinte. Era assustador ver Cecily de queixo descaído e vulnerável, como um *flashback* e uma premonição ao mesmo tempo, dependente como os bebês e as pessoas muito velhas.

Joanna conduziu Cecily pela porta, e ela entrou aos tropeções no *hall* com um arquejo e, de seguida, inclinou-se para a frente com as mãos nos joelhos. Joanna descalçou as botas e foi à cozinha buscar um copo de água à mãe, e, quando voltou, Cecily tinha desatado o lenço dos olhos e estava a fitar o velho casaco de cabedal castanho de Abe, ainda pendurado no bengaleiro.

— Toma — disse Joanna.

Cecily bebeu a água de um gole e devolveu o copo, com o seu beijo vermelho na borda.

— Aquilo foi horrível — disse.

Joanna resistiu à vontade de dizer *ainda bem*.

— Tira os sapatos.

Cecily obedeceu. Que estranho ter outra pessoa em casa. Que estranho que em tempos aquela casa também tivesse sido a de Cecily.

— Que sensação deram os esconjuros? — perguntou ela, curiosa.

Cecily estava a olhar para o espelho do corredor e a passar as mãos pelo cabelo, examinando-se como Joanna já a vira fazer milhares de

vezes, mas, à pergunta de Joanna, baixou as mãos como se sobressaltada por se apanhar a si própria nesse ato instintivo.

— É como estar num sonho em que não se vê nem se ouve nada — disse Cecily —, mas sabe-se que se está num barco e que o barco se está a afundar.

Joanna não conseguia imaginar totalmente aquela descrição, mas aceitou-a. Pendurou os casacos junto ao de Abe no velho bengaleiro e ficou a ver Cecily traçar com o dedo um gancho de madeira entalhada.

— O mesmo — disse ela.

— A maior parte da casa está na mesma — disse Joanna, apesar de, assim que falou, se ter perguntado se isso era verdade. Cecily não tinha levado muita coisa com ela quando se foi embora e nem Abe nem Joanna tinham acrescentado muita coisa nova, mas, mesmo assim, sabia que a casa parecia diferente do que era quando a mãe e a irmã viviam nela. Nessa altura, parecia mais pequena, mais acolhedora.

Cecily passou por ela para a cozinha, onde o sol do fim da tarde brilhava pela janela por cima do lava-louça, refletindo-se na chaleira e nas paredes amarelas com a tinta esfolada. Joanna sentiu-se grata por aquela luz quente e lisonjeira, grata por a cozinha estar a apresentar o seu melhor aspeto à apreciação da mãe, e depois zangada consigo mesma por essa gratidão. Não importava o que a mãe pensava. A mãe tinha-a enganado e encurralado.

— Ele nunca chegou a substituir o revestimento do chão — disse Cecily, arrastando um pé ao longo de uma ondulação do linóleo. Contudo, mesmo Joanna, que se sentia em carne viva e sensível sob o olhar de Cecily, conseguia perceber que não se tratava de uma crítica; a voz da mãe estava rouca com uma emoção complicada.

— Não — disse Joanna. — Embora tenhamos comprado uma torradeira nova.

Cecily sorriu e, demasiado tarde, Joanna lembrou-se da sua raiva.

— Tens trinta minutos — disse ela. — Faz o que vieste cá fazer.

— Preciso de uma agulha ou de uma faca — disse Cecily.

Joanna tirou a sua pequena faca de prata do escorredor.

— Eu levo-a. Tu dizes-me o que fazer com ela.

Ela podia ver no rosto da mãe como lhe desagradava a insinuação de que constituía uma ameaça.

— Tu não podes pensar...

— A minha casa — ripostou Joanna. — As minhas regras.

Cecily pareceu disposta a argumentar, mas depois desistiu visivelmente. Virou-se, saiu da cozinha e atravessou a sala de jantar, e, demasiado tarde, Joanna lembrou-se dos materiais que tinha deixado espalhados em cima da mesa: as tiras de cabedal, as meadas de linha, o frasco de cola, pilhas de diferentes tipos de papel. Viu os olhos da mãe apreenderem tudo e esperou que Cecily não tirasse uma conclusão daquela barafunda, mas ela soltou um suspiro agudo e virou-se para ela com uma expressão de medo que parecia desproporcionada para a situação.

— Jo — disse ela. — Tu não tens estado... não podes... escrever os livros?

Tinha começado como uma afirmação, mas acabou como uma pergunta.

— Só ando a experimentar — respondeu Joanna, e as feições de Cecily mudaram de medo para alívio. Joanna podia imaginar o que ela estava a pensar: que, se Joanna aprendesse a fazer os livros sozinha, afundar-se-ia demasiado para alguma vez voltar a vir à tona, ir-se-ia. Talvez até tivesse razão. Joanna nunca saberia.

Cecily parou na sala de estar, observando os cobertores, as almofadas, as pilhas de roupa dobradas no cadeirão do canto.

— Dormes aqui em baixo?

Joanna não devia explicações à mãe, mas o seu impulso defensivo voltou a fazer-se sentir e disse:

— É mais quente. E poupa nas contas do aquecimento.

— Queres dizer que poupa no feitiço de atração que usas para encher o depósito de gás propano.

— Contas do aquecimento — repetiu Joanna.

Cecily afastou os cobertores que separavam a sala de estar da escada que levava ao segundo andar, e Joanna seguiu-a. A temperatura descia à medida que subiam, e Joanna estremeceu, desejando não ter tirado o casaco. Arrastou os dedos ao longo do corrimão, a madeira ainda polida e brilhante pelos anos de mãos da sua família.

Apesar da fúria, da mágoa, apesar do que Cecily fizera para provocar aquela situação, uma parte de Joanna não se sentia nada zangada por estar a seguir a mãe por aquela escada que ela subia sozinha há tantos anos. Era a mesma parte infantil de si que se emocionava com a pressão

suave da cabeça do gato na sua mão.

Cecily parou no patamar do segundo andar e olhou em redor. Deu um passo na direção do fundo do corredor e do quarto maior, aquele que em tempos partilhara com Abe, depois virou as costas e observou as outras duas portas. Sentia o coração latejar-lhe na garganta enquanto esperava para ver o que a mãe ia fazer. Não fazia a mínima ideia do que seria.

Foi para o antigo quarto de Esther que Cecily se dirigiu. Abriu a porta timidamente, como se alguém pudesse estar a dormir lá dentro, depois abriu-a completamente e entrou, com Joanna a segui-la. Estava ainda mais frio no quarto do que no patamar, e o ar gélido fazia com que tudo parecesse desolador de uma forma que poderia ter sido acolhedora no calor. Kurt Cobain fitava-as por cima de caixas com livros comuns, com roupas velhas de Abe, de móveis partidos que Joanna tencionava consertar um dia.

Cecily percorreu a sala com os olhos, com uma mão pousada levemente na clavícula, como se quisesse levá-la ao coração mas estivesse a conter-se.

— Costumava haver outra coisa naquele canto — disse Cecily.

Joanna olhou para o canto junto ao armário, agora ocupado por um pequeno conjunto de gavetas cheias de material de artesanato e de costura.

— Podes dar-me mais alguma pista?

— Não.

Joanna remexeu na memória, visualizando o quarto como era quando pertencia a Esther.

— O espelho?

— Onde está? — perguntou Cecily.

Em resposta, Joanna atravessou a sala e abriu a porta do armário. Lá dentro, o enorme espelho desfechou-lhe uma luz de inverno, e Cecily soltou um som de alívio que era quase um gemido. Quando voltou a falar, a sua voz estava agitada, como se aquela visão a tivesse feito sentir uma nova urgência.

— Preciso de uma folha de papel e de uma esferográfica — pediu ela.

Havia um bloco numa das gavetas e Joanna encontrou uma esferográfica velha de gel azul que, de alguma forma, ainda funcionava. Passou as duas coisas à mãe, com movimentos bruscos e uma tensão que

Cecily espelhou quando pegou nelas.

Cecily pousou o papel em cima de uma cómoda mais alta. Os seus olhos estavam semicerrados em concentração, e parou uma ou duas vezes para reler antes de continuar, mas Joanna manteve-se imóvel em vez de invadir o espaço da mãe para ver o que ela estava a escrever. Quando Cecily terminou, no entanto, Joanna estendeu-lhe a mão.

Via a hesitação da mãe, a sua relutância, mas ela entregou-lhe o papel. As palavras não faziam sentido, eram dois parágrafos com pontos; Joanna leu-os duas vezes sem perceber.

- Não sei se ainda estás aí, ou se isto chega tarde de mais. Podes ver porque estou a tentar contactar-te. Por favor, encontra uma forma de me dizeres que tens tudo sob controlo ou diz-me o que posso fazer.

- Está na altura de quebrar a minha parte do nosso acordo. Assim que receberes esta mensagem — se receberes esta mensagem —, por favor, põe-lhe fim.

— C.

— Que é isto? — perguntou Joanna.

Cecily, previsivelmente, não disse nada. Meteu a mão no bolso do casaco e tirou um pedaço de papel duro. Joanna viu um céu cor-de-rosa, letra quadrada. O postal de Esther da Antártida.

— Preciso da tua faca agora — exigiu Cecily.

Joanna pensou recusar até receber uma resposta clara, mas nessa altura tinha quase a certeza de que a sua recusa não traria mais respostas, mas menos. O tempo estava a esgotar-se e queria ver o que Cecily planeava fazer a seguir. Estendeu a faca à mãe, com o cabo virado para ela, e, com um golpe rápido, Cecily reabriu o corte que tinha usado anteriormente para erigir barreiras de sangue para manter Joanna na sua sala de estar. Espalhou o vermelho-vivo no canto do postal e no bilhete que tinha escrito e dobrou o postal sobre o pedaço de papel do caderno como se fosse um envelope aberto.

Depois, fechou os olhos e respirou longa e lentamente.

— Nem sequer sei se isto ainda vai funcionar — disse. — Já passaram dez anos desde a última vez que o usei.

Joanna não disse nada. Cecily estava a falar para consigo, com o olhar voltado para dentro e concentrado. Sob o olhar de Joanna, ela

estendeu a mão para a frente e pressionou o polegar ensanguentado no espelho: uma impressão digital em cima, de ambos os lados, em baixo.

Joanna observava atentamente enquanto Cecily fazia aquilo, mas não foram os seus olhos que registaram qualquer mudança. Foi o seu outro sentido, o ouvido dentro do ouvido, que sentiu a alteração. Tudo estava em silêncio e depois deixou de estar, não exatamente. Um zumbido, baixo e lento, a formar-se na cabeça de Joanna. O som de um feitiço a instalar-se — e sem nenhum livro à vista. Era um feitiço que, de alguma forma, já estava em marcha, um feitiço em curso que não necessitava de sangue para ser ativado, mas para ser reativado.

Rapidamente, Cecily estendeu a mão e encostou o postal dobrado ao espelho. Mas não foi *contra* o espelho, porque o espelho não oferecia resistência. O vidro espelhado estremeceu e abriu-se como água para uma pedra, e, como uma pedra, o bilhete e o postal afundaram-se e foram engolidos.

A mão de Joanna agarrou-se ao pulso da mãe assim que percebeu o que estava a acontecer, mas foi demasiado lenta e era demasiado tarde. A mão de Cecily já estava vazia. Freneticamente, Joanna estendeu a mão para limpar do espelho o sangue da mãe, apesar de saber muito bem que as manchas, embora ainda húmidas, não se mexeriam para ninguém a não ser para Cecily.

— Para com isso, minha querida — disse Cecily. O seu rosto estava calmo, toda a urgência se tinha esvaído da sua postura; fizera o que tinha vindo fazer.

— Que é que fizeste? — perguntou Joanna. A voz saiu-lhe trémula. — Quem está do outro lado daquele espelho?

Porque era óbvio que havia alguém, tinha de haver: uma figura sem nome que estava agachada atrás do espelho naquele armário, sabia Deus há quanto tempo, à espera de ser ativada. Os seus braços arrepiaram-se.

Cecily tomou o rosto de Joanna entre as mãos e, depois de um estremecimento reflexivo para se soltar, Joanna acalmou-se e deixou que a mãe a olhasse nos olhos. Mesmo nesse momento, o toque das mãos frias da mãe nas faces quentes e agitadas de Joanna confortava-a.

— Nada pode voltar através do espelho — disse Cecily. — Os teus esconjuros vão impedi-lo. Eu só posso passar coisas através dele.

— Para onde? Para quem?

— Sei que te estou a pedir uma coisa difícil — disse Cecily. — Estou a

pedir-te que confies em mim, sem explicações. Um dia, espero contar-te tudo e que compreendas completamente, mas, por agora, preciso que acredites que o que nós as duas queremos não é assim tão diferente. Não estou a agir contra os teus interesses e nunca faria nada para te prejudicar. Diz-me que sabes isso.

Joanna sabia-o; ou, pelo menos, o corpo sabia-o, o coração e as entranhas. Mas a mente insistia em que tal conhecimento era incompatível com o que tinha testemunhado ao longo dos anos. Vira Cecily tentar queimar os esconjuros e depois deixar Abe quando o seu plano não teve sucesso. Ouvira o pai dizer-lhe para não permitir que Cecily voltasse a entrar na casa, ouvira quando eles continuaram a discutir muito depois de Cecily ter saído de casa. Lidara com centenas de pedidos explícitos de Cecily para voltar a entrar em casa e com centenas de críticas veladas que ela não podia deixar de acreditar que tinham sido formuladas, em parte, para fazer com que Joanna desistisse dos esconjuros por iniciativa própria. Cecily não fizera segredo de que queria que Joanna deixasse aquela casa, deixasse os livros, deixasse a única proteção que tinha. Querer que alguém ficasse desprotegido não era o mesmo que querer-lhe mal?

O único contra-argumento era ela saber que Cecily a amava.

— Confia em mim — disse Cecily outra vez. — Durante três dias. Depois volto e suspendo o feitiço.

— Vais pôr-lhe *fim* — salientou Joanna.

— Não posso fazer isso — disse Cecily, e largou o rosto de Joanna. — O livro está do outro lado, passei-o assim que o lancei, há muitos anos.

Quando Joanna se olhou ao espelho, viu-se apenas a si própria, os seus olhos enormes cor de avelã com pestanas finas a fitarem-na de volta. Viu Cecily ao seu lado, viu o quarto atrás de si, as pilhas de tralha, a borda roxa da velha manta de retalhos de Esther. Tocar no vidro espelhado dava uma sensação igual à de tocar em qualquer outro vidro, frio, duro, frágil. Onde ficava o outro quarto, o outro espelho? Quem se encontrava por trás dele?

Acabou por não ser a confiança de Joanna na mãe que venceu. Foi a sua curiosidade.

— Três dias — disse ela. — Depois, suspendes o feitiço, limpas o teu sangue completamente.

— Sim — apressou-se a dizer Cecily. O alívio estava estampado no seu rosto e Joanna queria, desesperadamente, saber porquê. Mas Cecily não lhe diria nada. Talvez o espelho o fizesse.

Desde que começara a escrever livros, Nicholas fazia toda a sua tinta numa das duas cozinhas da cave. Era ali que tivera lições práticas em criança. Ao contrário da cozinha mais recente, que era o domínio do pessoal doméstico, aquela cozinha já não era modernizada desde o final do século XIX, e as paredes de madeira, o chão de lajes esburacadas e o fogão de ferro estavam manchados com décadas de fumo oleoso. Com fumo — e com sangue. Nicholas tinha quase a certeza de que uma investigação forense iluminaria todo aquele lugar como um concerto de *rock*.

Naquele momento, a cozinha estava iluminada apenas pelo primeiro sol da manhã, e Richard encontrava-se em silhueta contra a janela, de costas para a porta, quando Nicholas entrou.

Nicholas sabia fazer a tinta sozinho, mas era mais fácil, mais rápido e menos doloroso com a ajuda de alguém, e normalmente ficava satisfeito não só por ter a companhia de Richard, mas também pelo raro calor da sua total atenção. Nessa manhã, no entanto, a visão do tio apenas lhe provocou um acesso nauseado de medo no fundo da barriga.

Mal tinha dormido na noite anterior, dando voltas sobre voltas até que os lençóis se transformaram em cordas emaranhadas e *Sir Kiwi* saltou da cama em protesto e foi dormir para o chão. Nicholas não parava de imaginar aquele frasco, o olho, aquelas veias cuidadosamente cortadas, o feroz ar protetor de Richard quando prometera manter Nicholas em segurança, e o corpo mutilado de Tretheway deitado naquela sala com espelhos.

Na noite anterior, ele e Collins tinham saído do escritório imediatamente, apressando-se a voltar pelo corredor para que Collins pudesse ler o feitiço e fazê-los passar pela estante. Nicholas quase a

contar que Richard ou Maram estivessem à espera deles do outro lado, acusadores, furiosos. Mas não havia ninguém ali. Tinham regressado aos aposentos de Nicholas sem encontrarem viva alma, e, apesar do cadáver que jazia na divisão ao lado do escritório de Richard, ninguém tinha vindo falar com eles.

— Não tivemos nada que ver com o Tretheway — insistiu Collins. — Nós apenas estávamos lá por acaso quando aconteceu. Ele estaria morto mesmo que não tivéssemos encontrado aquela passagem.

Era verdade, mas ao longo de toda a noite Nicholas tivera a certeza de que a qualquer momento Richard iria irromper pela porta do seu quarto e acusá-lo de homicídio. E de que é que Nicholas acusaria Richard? As acusações possíveis eram demasiado terríveis para ele conseguir formulá-las.

Naquele momento, não conseguiu impedir-se de ficar tenso quando Richard se virou da janela da cozinha na sua direção, com uma luz de fundo que tornava difícil ver a sua expressão.

— Bom dia — disse ele.

— Bom dia — respondeu Nicholas, tentando manter a voz calma. Com certeza Richard já tinha encontrado o corpo, não tinha? Com certeza sabia que Tretheway estava morto. Saberia que Nicholas se encontrava lá quando acontecera?

Contudo, quando Richard saiu do brilho da luz do sol, Nicholas viu que ele estava a sorrir — um sorriso natural e acolhedor, fácil e completamente normal.

— Está tudo bem? — perguntou ele. Também a voz estava normal. — Sei que é um pouco cedo para ti.

Nicholas forçou-se a retribuir o sorriso.

— Eu cá me arranho. Obrigado por preparares tudo.

Entre os instrumentos — as agulhas, a bacia, os tubos, a goma arábica, as velas — estava um enorme copo de sumo de laranja para o qual Richard apontou.

— Bebe — disse ele. Nicholas pegou no copo e bebeu um gole, embora lhe parecesse ácido de bateria na sua boca seca. Viu Richard franzir a testa ao olhar para dentro de uma caixa de agulhas borboleta de calibre vinte e um.

— Essas vão demorar uma eternidade — disse Nicholas. A sua voz também soava perfeitamente casual, sem qualquer indício de um tremor

que pudesse trair os seus nervos. — Esgotaram-se as normais?

— Não — respondeu Richard —, mas tu esgotaste as veias boas.

— Só dei cabo de uma na última vez — disse Nicholas. — E isso foi há quase dois meses.

— Essas veias são um bem precioso — disse Richard. — Temos de ter cuidado com elas.

Nicholas bebeu mais um longo trago de sumo de laranja, à espera, mas Richard não disse mais nada, limitando-se a começar a preparar o chão da cozinha para um círculo, como fazia sempre. Lentamente, a pulsação de Nicholas começou a baixar. Se Richard tinha visto o corpo, não parecia tê-lo relacionado de alguma forma com Nicholas. Collins tinha razão. Bastava que Nicholas se comportasse como habitualmente, sem revelar nada.

Pousou o copo e começou a arregaçar as mangas, examinando os antebraços cheios de cicatrizes à procura de um local provável, embora estivesse a ter dificuldade em focar a visão. A calma momentânea tinha-se dissipado e o seu ritmo cardíaco voltou a aumentar, porque, independentemente de Tretheway, independentemente de Richard saber ou não o que Nicholas tinha visto, ele *tinha* visto o seu próprio olho a flutuar em gosma.

Quantas vezes é que Richard o tinha ajudado com a sangria? Quantas vezes os dedos cuidadosos e capazes do tio tinham enrolado a braçadeira de pressão à volta do antebraço de Nicholas e removido o tampo de plástico de uma agulha nova? Quantas vezes Nicholas se sentara e deixara que Richard lhe batesse nas veias como um mineiro à procura de minério? Aquelas mesmas mãos tinham-lhe tirado o olho da cabeça e culpado estranhos.

As suas mãos estavam a tremer.

Comporta-te normalmente, disse a si próprio desesperadamente, *comporta-te normalmente*. Mas como podia? Como podia deixar que Richard lhe espetasse uma agulha na pele depois de ter visto aquele frasco?

— Sabes — disse ele, baixando o punho da camisa —, na verdade não me estou a sentir lá muito bem.

— Oh, não — disse Richard, e aproximou-se dele com a palma da mão aberta. Nicholas tentou não recuar com um estremecimento quando o tio lhe apalpou a testa. — Não tens febre.

— Só não me estou a sentir lá muito bem.

— É natural, depois do que aconteceu na outra noite — disse Richard. — Mas temos o nosso pessoal de topo a tratar do caso, e sabes que nada te pode fazer mal aqui.

Uma mentira. Richard podia fazer-lhe mal. Nicholas sabia-o agora.

— A tinta não pode esperar?

— Não se quisermos chegar ao fundo da questão — disse Richard. — Alguém contou ao teu atacante o que podes fazer, o que significa que alguém próximo de nós, próximo da Biblioteca, traiu a nossa confiança. Precisamos de feitiços da verdade se quisermos obter respostas, e quanto mais esperarmos, menor será a probabilidade de sabermos o que aconteceu.

— Se calhar, não me interessa o que aconteceu — disse Nicholas.

— Ah — disse Richard, pronunciando a sílaba lentamente. Pousou a caixa de agulhas. — Seres atacado na outra noite fez com que te sentisses impotente e por isso estás a afirmar o teu poder onde podes. Compreendo perfeitamente. É uma reação natural. — Estendeu as mãos em sinal de resignação. — Bem, não posso argumentar com uma reação traumática, pois não?

Richard estava a lançar-lhe o isco, sem sequer o esconder, e Nicholas sabia-o, mas, de alguma forma, saber não ajudava. Os estúpidos jogos mentais de Richard funcionavam, de qualquer forma. Ao mesmo tempo que Nicholas dizia para consigo que devia virar costas e desistir, disse em voz alta:

— Eu não me sinto *impotente*, sinto-me *doente*.

— Deve ser a influência da Maram — disse Richard. — Não deixes que ela te infantilize, tu conheces os teus próprios limites melhor do que ninguém.

— Estes são os meus limites!

O ar de bom humor tolerante de Richard desvaneceu-se, e ele olhou para Nicholas mais atentamente. A sua voz tinha laivos de verdadeira preocupação quando disse:

— Que se passa, Nicholas? Se estás doente, estás doente, mas não me parece que seja isso que te está a preocupar. Senta-te, fala comigo.

Richard sentou-se à mesa e fez um gesto para a cadeira à sua frente, e Nicholas, contrafeito, sentou-se.

— Ótimo — disse Richard. — Agora, conta-me o que se está a passar.

Nicholas fechou as mãos trémulas em punhos no regaço. O rosto de Richard não tinha mudado visivelmente desde que Nicholas era criança. Ele conhecia todas as dobras e todos os trejeitos de cada uma das expressões de Richard, tinha até visto algumas delas no seu próprio rosto ao espelho, a semelhança familiar a surgir em alturas surpreendentes. Era um rosto que o tinha enfurecido inúmeras vezes — e que o tinha reconfortado ainda mais vezes. Tinha confiado no tio toda a sua vida. Seria a sua própria confiança tão fácil de quebrar?

— Com licença — disse Collins da entrada da porta. Tanto Nicholas como Richard saltaram, e os seus ombros sacudiram-se de surpresa com o som da voz dele.

— Santo Deus, Collins — disse Richard. — Há quanto tempo estavas aí à escuta?

— Desculpem — disse Collins. — Só queria perguntar se viram o porquinho que chia da *Sir Kiwi*? Aquele de *smoking*. Ela está a ficar louca à procura dele.

Agora, Richard e Collins estavam ambos a olhar para Nicholas com expectativa. Ele esforçou-se por pôr os seus pensamentos em ordem.

— O que chia... deve estar no meu quarto, provavelmente debaixo da cama.

— Obrigado — disse Collins. — Peço desculpa pela interrupção.

Richard já lhe tinha virado costas, mas Nicholas olhou novamente para a porta aberta, onde Collins permanecia imóvel. Por cima do ombro de Richard, ele abanou a cabeça — uma vez, duas vezes, os seus olhos a verremarem o de Nicholas. Depois, formando palavras claras e exageradas com os lábios, disse: *Não lhe contes nada*.

Um segundo depois, fechou a porta da cozinha atrás de si e desapareceu.

— Então, que é que se passa? — perguntou Richard.

Nicholas tinha a cabeça a latejar. Segurou-a entre as mãos e, quando voltou a levantá-la, tinha colado um sorriso de arrependimento no rosto.

— Sinceramente, tens razão — disse a Richard. — Peço desculpa. Só estou a ser teimoso por ser. Meu Deus, será que sou assim tão transparente?

Richard hesitou, depois retribuiu o sorriso, batendo-lhe no ombro.

— Só para quem te conhece tão bem como eu. Afinal, não estás doente?

— Só estou de mau humor. Tu sabes que não sirvo para nada assim tão cedo de manhã. Vamos lá acabar com isto para eu poder voltar para a cama.

Via que Richard acreditara nas suas palavras, contente por voltar à ação e começar o ritual que tinham feito tantas vezes juntos. Nicholas disse para consigo que não seria assim tão mau, um feitiço da verdade precisava de cerca de vinte mil palavras, e eles conseguiriam isso com menos de meio litro de sangue. Provavelmente, mal sentiria alguma coisa, se procedessem com lentidão e ele não tentasse pôr-se de pé muito depressa a seguir. Richard já lhe tinha feito aquilo centenas de vezes — não havia nada que sugerisse que nesse dia seria diferente.

A única diferença era que Nicholas já não confiava nele.

Bebeu mais um pouco de sumo para se preparar para o que estava para vir. Eram os efeitos mentais que ele mais temia, a forma como demasiada perda de sangue embotava os cantos da sua mente, o tornava mais lento, o fazia querer dormir e nada mais. E fazer a tinta era a parte que menos tempo consumia — ainda lhe restavam horas de trabalho, de escrita cuidadosa e com a respiração contida. Como conseguiria organizar os seus pensamentos se mal teria tempo para pensar?

Perguntou-se se o feitiço em si se ressentiria de ele não o querer escrever.

Richard estava a preparar o saco de recolha. Nicholas acabou de beber o sumo e depois forçou-se a examinar o conteúdo da mesa com atenção. Uma taça com terra ainda húmida, pedras, água e penas.

— Estou a ver que vamos ser elementares esta manhã — disse ele, pegando numa vela vermelha.

— Se não houver objeções.

— Nenhuma deste lado.

A tinta necessitava de cerimónia, mas, tal como com a adição de ervas, não havia regras definidas para essa cerimónia, embora a tinta saísse visivelmente mais escura se o Escriba tivesse alguma ligação — emocional, geográfica, familiar ou todas as anteriores — com o ritual que a ajudava a criar. A imaginação mágica de Nicholas tinha sido fortemente moldada pelos romances de fantasia que ele adorava quando era criança, e muitos desses romances de fantasia tinham sido influenciados por tradições espirituais baseadas na terra das Ilhas Britânicas; por essa razão, ele fazia a sua melhor tinta dentro de um

forte enquadramento de simbolismo natural. A tinta que produzia sob tais condições cerimoniais era mais escura do que qualquer outra, o que significava que haveria mais utilizações para um único livro e que os feitiços durariam mais tempo, que os seus efeitos seriam mais fortes.

Já tinha montado um círculo tantas vezes naquela cozinha que era quase uma segunda natureza — a taça de terra a norte com um monte de pedras e um pequeno crânio de cordeiro; flores frescas e incenso a leste; a sul, um prato de areia do deserto e uma vela acesa; a oeste, água e seda azul. No centro, um geodo de ametista que Richard lhe dera quando ele era criança.

— Pronto? — disse Richard quando terminou. Tinha nas mãos a braçadeira de pressão e Nicholas sentou-se novamente para o deixar pô-la à volta do braço, a sensação familiar e constrictiva quase reconfortante, apesar da pulsação agitada. Richard apertou o velcro e fez uma pausa, com a mão ainda no braço de Nicholas e o olhar distante.

— Que foi? — perguntou Nicholas.

Richard pestanejou como se estivesse a acordar de um sonho, embora os seus olhos ainda não estivessem focados.

— Oh — disse. — Não é nada. Apenas... Lembro-me de fazer isto com o teu pai quando éramos jovens. — Sorriu para consigo, um sorriso insubstancial e melancólico que se solidificou quando ergueu a cabeça para Nicholas. — Ele era teimoso, como tu, e, como tu, conseguia admiti-lo. Por vezes, Nicholas, lembras-me tanto do teu pai que mal consigo... — Parou de falar, depois aclarou a voz e começou a ocupar-se novamente com os instrumentos. Por fim, disse: — Sinto-me com muita sorte por te ter, é tudo.

Nicholas engoliu em seco. Teve de se esforçar arduamente para afastar a vaga de sentimentos complicados que se agitaram nele com as palavras de Richard.

Viu Richard levantar-se para acender as velas brancas no sentido dos ponteiros do relógio, e depois começou a murmurar, a contragosto, as invocações para cada direção cardeal à medida que as velas ganhavam vida, com a voz a soar-lhe rouca aos seus ouvidos.

— Não vais cantar hoje? — perguntou Richard, voltando para o lado de Nicholas para lhe espetar a agulha no braço.

A magia era sempre mais forte quando Nicholas cantava,

especialmente no contexto de produzir tinta para um feitiço da verdade, como estava a fazer naquele momento. Normalmente, quando escrevia feitiços da verdade, cantava «The Bonnie Banks O'Loch Lomond», uma canção folclórica escocesa que juraria que se lembrava de ouvir a mãe cantar-lhe. No entanto, essa recordação era uma pura mentira. Ele tinha apenas dois meses quando a mãe morreu, era demasiado novo para esse tipo de recordação específica. Contudo, emocionalmente, a recordação *parecia* verdadeira — e a tensão entre a verdade e a invenção criava uma tinta fantasticamente poderosa.

Nesse dia, no entanto, a ideia de levantar a voz numa qualquer melodia tola enquanto o tio assistia era insuportável. Abanou a cabeça uma vez e Richard não insistiu, apenas se sentou na cadeira à sua frente para esperar. O familiar borrão meloso da magia ganhou vida nos ouvidos de Nicholas, nos seus ossos, e, mesmo perante tanta incerteza, descontraiu-se, cedeu à correção daquilo, à certeza do seu propósito. E, apesar de tudo, sentiu a gratidão a crescer juntamente com o bater de asas lentas. Quantas pessoas no mundo poderiam afirmar que sabiam exatamente para o que tinham sido feitas?

Suspirou, observando o sangue em tons de joia a deslizar pela tubagem transparente e a entrar no saco de plástico hospitalar que Richard segurava com tanto amor nas suas mãos elegantes. O sangue acumulava-se no fundo como um espelho escuro. Nicholas inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Os horrores que tinha imaginado não se concretizaram. O processo de fabrico da tinta decorreu sem problemas, como sempre, embora Nicholas se sentisse um pouco atordoado enquanto se debruçava sobre o caldeirão e observava as ervas em pó a dissolverem-se na escuridão espessa do seu sangue. Tinha-se queixado de náuseas antes, e agora, como se se tivesse amaldiçoado a si próprio, sentia-as, e o nevoeiro na cabeça que temia era na verdade uma espécie de alívio. Os seus pensamentos pareciam mais escorregadios, menos urgentes, embora a sua ansiedade não tivesse diminuído.

— Tenho uma reunião em Londres hoje — informou Richard —, mas regresso antes do jantar. Eu e a Maram entrevistámos alguns empregados ontem com o nosso último feitiço da verdade, e tenho o prazer de dizer que o cozinheiro é totalmente fiável e está de volta ao serviço, por isso, diz-lhe se houver alguma coisa em particular que

queiras.

A ideia de comida dava-lhe voltas ao estômago. Mesmo assim, Nicholas acenou com a cabeça. Richard olhou-o com atenção e disse:

— Volta para a cama. No entanto, se conseguires escrever alguma coisa hoje, ficar-te-ia muito agradecido. Quanto mais cedo voltarmos ao nosso quadro completo de funcionários, melhor. Acho que o Collins não gosta muito de ser guarda-costas, mordomo e criada de copa ao mesmo tempo.

— Também não posso dizer que gosto — disse Nicholas. — Ele é uma criada horrível.

— Bem, ele vai ter de o suportar por mais algum tempo... esta cozinha precisa de ser arrumada e eu não tenho tempo. — Richard consultou o relógio e deu uma palmada no ombro de Nicholas: uma despedida que Nicholas aceitou de bom grado.

O FRASCO DE TINTA ESTAVA QUENTE NAS MÃOS FRIAS DE NICHOLAS E ELE DEU consigo a segurá-lo contra o peito enquanto subia vários lanços de escada, atravessava a galeria de retratos e chegava ao quarto. Collins estava na antecâmara a atirar uma bola de ténis em miniatura para *Sir Kiwi*, que deixou de a perseguir assim que viu Nicholas. Era sempre gratificante ser saudado com tanto entusiasmo, e Nicholas inclinou-se para retribuir o afeto. Quando se endireitou, o sangue rugiu-lhe nos ouvidos e ele cambaleou uma vez antes de recuperar o equilíbrio. Collins desviou o olhar.

— Não me esqueci do que te prometi — disse Nicholas. — Preciso de alguns dias de descanso, mas depois vou escrever a reversão do teu acordo de confidencialidade.

— Para me poderes interrogar — disse Collins.

— Sim — disse Nicholas, e, para sua surpresa, ambos se riram. Não era porque alguma coisa fosse engraçada; era porque nada era engraçado. A visão de Nicholas estava a ficar desfocada, e ele cravou um punho no olho que via, sentindo o cansaço a instalar-se. — Vou dormir um bocado — disse. — Vou levar a *Sir Kiwi*. Se estivermos lá dentro mais de uma hora, bate à minha porta, sim?

Collins começou a responder, mas parou, a sua postura mudou para

algo mais direito, mais quadrado, com os olhos fixos por cima do ombro de Nicholas. Nicholas virou-se para ver para o que ele estava a olhar e deu com Maram à entrada da antecâmara. Estava vestida com uma das suas blusas de seda beges com um laço luxuoso no pescoço, trazia uma carteira ao ombro e o casaco de pele de camelo sobre um braço. As botas pretas eram de salto alto. Ia sair.

— Estão os dois aqui — disse ela. — Ótimo. Nicholas, podemos ir para o teu escritório? O Collins também. Preciso de falar com vocês os dois.

— Não há dúvida de que precisas — disse Nicholas. — Segui aquele bilhete que me deixaste.

— No teu escritório — disse Maram —, rápido, rápido. O Richard vem cá acima ver como estás daqui a uns minutos.

Ela estava a conduzi-los pela antecâmara e Nicholas procurou a chave com uma mão, a outra ainda a segurar o frasco de tinta. Maram ultrapassou-o com uma impaciência pouco característica, a sua chave já na fechadura, e um segundo depois estavam no escritório de Nicholas e ela tinha fechado a porta atrás deles.

As cortinas estavam fechadas e o escritório encontrava-se às escuras, mas Maram puxou o fio de latão de um candeeiro de pé ali perto e a luz inundou a sala. Nicholas pousou a tinta na secretária e sentou-se na cadeira, resistindo à vontade de pôr a cabeça estonteada entre os joelhos. *Sir Kiwi* saltou para o seu colo e ele agarrou-se ao seu pelo macio.

— Estavam lá ontem à noite quando aconteceu? — perguntou Maram, em voz baixa e urgente. — Com o Tretheway. Viram?

Nicholas ficou demasiado surpreendido para responder, mas Collins disse:

— Sim, estávamos lá. Vimos tudo.

— Quem foi? Quem o fez passar?

— Duas raparigas... duas mulheres. Uma loura, a outra com cabelo escuro.

Nicholas olhou para o seu guarda-costas. Ele não tinha hesitado em responder a Maram, que soltou um longo suspiro, se de alívio ou de agitação, Nicholas não saberia dizer.

— Muito bem — disse Maram. — Muito bem. — Virou-se de repente para Nicholas, toda ela seda ondulante. — E tu. Viste, no escritório do

Richard? Viste o que eu queria que visses?

— Eu... eu vi, não sei o que vi, parecia, mas não era, pois não?

— Que é que não era? Diz.

— O meu olho — respondeu Nicholas —, parecia o meu olho.

— Sim — disse Maram. Ia continuar a falar, mas engasgou-se, com uma mão cuidada a voar para o pescoço, os olhos a fecharem-se para conter um súbito ataque de tosse, e foi como se todo o corpo de Nicholas estivesse submerso em gelo enquanto o som áspero continuava, e continuava. Todos os funcionários da biblioteca estavam sob um feitiço silenciador, Nicholas sabia disso. No entanto, nunca lhe tinha passado pela cabeça, nem uma única vez nos últimos vinte e tal anos, que Maram também estava sob o seu efeito. Era uma funcionária, sim, mas também era a companheira de Richard. Ela era mais Biblioteca do que o próprio Nicholas. No entanto, deixara que Richard lhe lesse o acordo de confidencialidade, tinha-se submetido ao silêncio como qualquer serviçal ou guarda-costas.

Não admira que não lhe tivesse falado do seu olho. O que mais não tinha podido dizer-lhe durante todos aqueles anos?

Maram recuperou a compostura antes de Nicholas e estava a remexer na sua mala de mão. Tirou um envelope grosso de papel pardo e meteu-o nas mãos de Collins. Ele abriu a aba rapidamente, olhou para dentro e disse:

— O quê, agora mesmo? Hoje?

— Assim que eu e o Richard sairmos — respondeu Maram. — Lembra-te do que fazer quando chegares ao sítio para onde vais? Deixa-los cair. Mal possas.

Nicholas não devia ter ficado surpreendido por descobrir que Maram e o seu guarda-costas tinham andado a guardar segredos dele; que, ao que parecia, tinham toda uma relação preexistente que lhes permitia falar com aquele código. Toda a gente tinha segredos para ele. Mais um não deveria ter sido um choque, mas ficou boquiaberto, de qualquer forma.

— Que é isto? — perguntou. — Maram?

— Tens de confiar em mim — disse ela. — Sei que vai ser difícil e lamento não poder explicar. Tudo isto seria muito mais fácil se eu pudesse.

Sir Kiwi saltou de repente dos braços dele, correndo para a porta do

escritório. Soltou um ganido excitado e agudo.

— Deve ser o Richard — disse Maram; atravessou a sala rapidamente e abriu a porta, depois atravessou-a de novo para se sentar na poltrona junto à lareira, colocando-se numa postura descontraída e casual. Disse apressadamente: — Collins, esconde isso.

Collins debruçou-se sobre Nicholas para abrir a gaveta da secretária e enfiar o envelope de papel pardo nela, e tinha acabado de ocupar o seu posto habitual junto à porta quando Richard espreitou para dentro. Também ele estava vestido para sair, já com o seu casaco de fazenda de lã preto.

— Estás pronta? — perguntou a Maram. Para Nicholas: — Ela vai-me acompanhar durante todo o dia. Ficas bem aqui? Não precisas de nada?

Imitando a sua mãe atriz, Nicholas disse, muito calmamente:

— Na verdade, preciso. Se tiveres tempo, podes ir à livraria ver se a minha encomenda já chegou?

— Eu telefono quando estivermos fora do alcance dos encantos — prometeu Richard. — E estás a sentir-te bem? — Piscou o olho. — Não te sentes doente?

Nicholas revirou os olhos de forma bem-humorada.

— Sinto-me ótimo.

— Ainda bem. — Richard bateu palmas com as mãos enluvadas. — Nesse caso, talvez tenhas o livro escrito ao fim da tarde.

— Voltamos dentro de algumas horas — disse Maram, e levantou-se, reajustando o casaco sobre o braço. Parou junto à cadeira de Nicholas, hesitante, e ele viu que a sua mão estava apertada à volta da fina alça de couro da carteira com tanta força que tinha os nós dos dedos brancos. Quando ela se inclinou para Nicholas, ele contraiu-se, genuinamente perplexo com o que estava a acontecer, porque Maram nunca o tinha beijado. Mas ela fê-lo nesse momento, um roçar rápido dos lábios na face dele. Disse: — Adeus.

— Aberta ou fechada? — perguntou Richard, balançando a porta do escritório exageradamente.

— Pode ficar aberta — respondeu Nicholas, e eles desapareceram. Ouviu os passos deles martelarem a alcatifa da antecâmara, depois começarem a matraquear o corredor de mármore, um som cada vez mais fraco até não conseguir ouvir nada. Disse baixinho a Collins: — O

que há nesse envelope?

— Chiu — disse Collins, dirigindo-se para a janela e abrindo a cortina. Nicholas pôs-se de pé e juntou-se a Collins à janela. O primeiro sol da manhã tinha-se desvanecido em névoa e os campos verdes cintilavam, o longo caminho da casa brilhava como uma cobra na relva, desenrolando-se em direção à estrada distante. Em silêncio, ele e Collins ficaram lado a lado, vendo o carro da Biblioteca aparecer e começar a descer o caminho, afastando-se da Biblioteca, na direção de Londres.

Só depois de o carro ter desaparecido completamente de vista é que Collins se virou da janela para a secretária.

Abriu o envelope de papel pardo e, sem cerimónias, despejou o conteúdo na secretária de Nicholas.

— Temos de ir — disse.

— De ir? — repetiu Nicholas, pegando na primeira coisa que viu e examinando-a com perplexidade. Era um romance de bolso com capa verde, um livro fino com um título em espanhol, bastante antigo, e Nicholas abriu-o e deu com um bilhete escrito à mão por Maram. Começou a lê-lo, «Mostra isto à mulher no...», mas depois parou, distraído com os outros objetos que tinham sido sacudidos do envelope.

Uma pilha grossa de notas de euro presas com um elástico e dois passaportes azuis.

Collins abriu rapidamente cada passaporte para lançar um olhar à primeira página, e entregou um a Nicholas.

— Este é o teu.

Nicholas abriu-o. Era ele. E não era. O retrato era dele, mas no lugar do nome aparecia «Nathaniel Brigham», e na nacionalidade, «canadiana». Dobrada dentro do passaporte havia uma série de passagens de avião e outro bilhete, também na letra de Maram:

«Confia em mim.»

— Faz a mala — ordenou Collins. — Vamos partir.

Nicholas recuperou a voz.

— De que raio estás a falar? Tu e a Maram planearam isto?

— Mais ou menos — disse Collins, voltando a meter o livro no envelope. Começou a folhear o maço de passagens no seu passaporte, acenando com a cabeça.

— Como assim, *mais ou menos*?

— Falo a sério, faz a mala — insistiu Collins, e enfiou os bilhetes e o

passaporte no bolso de trás. — O nosso primeiro avião parte de Paris amanhã, o que significa que temos de ir para Londres, apanhar o último comboio Eurostar e atravessar o canal esta noite, e já é tarde, por isso, despacha-te.

— Estás doido? — disse Nicholas. — Não. Estas passagens são em classe *económica*, eu não vou...

— Nick — disse Collins, e a alcunha foi uma surpresa suficientemente estranha para calar Nicholas. — Tu viste o que estava naquele frasco. Sabes o que significa.

— Significa, bem, significa...

— Significa que não estás em segurança aqui — disse Collins. — E que nunca estiveste.

— Tu não te lembras de que alguém tentou matar-me recentemente? Eu também não estou em segurança lá fora.

Collins esfregou a mão no cabelo escuro e olhou para Nicholas com uma expressão que era, em partes iguais, de frustração e de pena, e Nicholas lembrou-se de repente do olhar estranho e culpado dele na Sala de Estar de Inverno no dia anterior. Uma vaga de exaustão abateu-se sobre os seus ombros, e deixou-se cair contra a secretária, pousando a cabeça nos braços.

— Ninguém tentou matar-me, pois não? — perguntou, com a voz abafada contra a secretária. — Foi mais uma vez o Richard. Ele queria assustar-me.

Collins não respondeu. Provavelmente, não podia. Nicholas manteve a cabeça baixa, concentrando-se na sua respiração. As abelhas. É claro. Conseguia ver o cartaz do livro para o qual Maram o encaminhara ainda no outro dia: *Faz com que qualquer mistura de propulsor químico, ou seja, pólvora, transforme o metal em Bombus terrestres ao explodir*. Ela tinha enfeitado a arma de Collins para que, quando ele disparasse, saíssem abelhas em vez de balas. Collins encenara o salvamento, tal como Richard e Maram tinham encenado a sua preocupação. Apenas Nicholas, com o seu medo real, não estivera a representar.

Precisava de um segundo de escuridão e de silêncio, de um segundo para organizar as ideias, mas Collins deu-lhe um murro com força no ombro.

— Não — disse ele, como se Nicholas fosse um cão malcomportado.

— Podes ir-te abaixo quando estivermos no carro.

— Que carro?

— O carro que roubarmos quando me arrastares por entre os esconjuros até à estrada.

Nicholas ficou a olhar para ele, imóvel, e Collins levantou as mãos como se estivesse a preparar-se para as pôr à volta do pescoço de Nicholas. Nos seus olhos azuis só quase se viam as pupilas, reparou Nicholas, e a sua voz normalmente lacónica estava mais animada do que alguma vez a ouvira.

— Temos uma oportunidade — explicou Collins. — Uma oportunidade de sair daqui. Se não partirmos agora, o Richard e a Maram vão voltar, e nada vai... eu não vou conseguir... nós nunca vamos... — Falava num tom sufocado, sacudido, e depois praguejou. — Não confias na Maram? Tens de confiar nela.

Nicholas olhou para ele.

— E em ti.

— Sim — disse Collins. — Tens de confiar em mim, também.

Mais uma vez, Nicholas viu mentalmente aquele frasco na prateleira no escritório de Richard. Lembrou-se da corda a cortar-lhe os pulsos e da névoa brilhante do quarto do hospital. Levava algum tempo a adaptar-se a ser meio-cego. No princípio, tinha sido uma confusão: deixava cair copos das beiras das mesas, esbarrava contra as coisas, com a cabeça sempre a latejar com a tensão. No presente, porém, já estava habituado. A sua canela esquerda continuava a ficar pisada com frequência, e nunca iria ganhar nenhum prémio no jogo da apanhada, mas essas coisas não o incomodavam ativamente. Ao fim de dez anos, ser monocular parecia uma característica tão sua como ser destro ou ficar com sardas se se expusesse ao sol.

Como vês, dizia uma voz na sua mente, não é assim tão mau o que te foi feito. Há muita gente que está pior, mas olha para ti, vives uma vida de luxo numa bela casa, não te falta nada. Não tencionas realmente desistir disso por despeito por algo que aconteceu há tanto tempo, pois não?

A voz era razoável, afetuosa.

A voz era a de Richard.

Nicholas olhou para o seu escritório, para o belo tapete, a bela mobília, a bela vista da água e do verde ondulante. Confortável e

imutável, como tudo na sua vida. Mas a sua vida *tinha* mudado. Mudara no momento em que vira o seu olho perdido: no momento em que vira a verdade do que Richard lhe tinha feito.

Não só isso. Vira a verdade do que Richard ainda poderia fazer. Nicholas tinha outro olho, afinal de contas. Tinha um corpo inteiro cheio de sangue à disposição, e Maram, que conhecia todos os planos de Richard, estava a dizer-lhe para fugir.

Collins fitava Nicholas e tremia com o esforço de conter a sua impaciência, com os maxilares cerrados e os lábios comprimidos. Nicholas apercebeu-se de que ele estava assustado. Verdadeiramente assustado.

Richard era a única família de Nicholas, o seu único tutor, e, mesmo assim, tinha feito o que tinha feito ao seu sobrinho.

O que poderia fazer a Collins, que não era da família, nem sequer um amigo, mas um mero empregado?

Nicholas tinha discutido com o tio tantas vezes ao longo dos anos, lutando para afrouxar as suas restrições, apenas para as sentir cada vez mais apertadas, correntes feitas de elos de um medo duro e chocalhante. Medo que Richard lhe tinha incutido, primeiro com histórias dos pais assassinados e depois com ameaças falsas e ferimentos reais. E Nicholas ainda tinha medo: desesperadamente.

Mas a única coisa mais aterradora do que a ideia de deixar a Biblioteca era a ideia de ficar.

— Vamos levar a *Sir Kiwi* — disse Nicholas.

Collins respirou fundo pelo nariz e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, fez algo inesperado e sorriu.

— Claro.

SEGUNDA PARTE

ESCRIBA

O avião de carga estacionado na pista parecia um brinquedo contra a vasta extensão de neve. Em cima, o céu estava ainda do azul-escuro profundo da noite, mas a linha do horizonte brilhava cor-de-rosa com o sol incipiente. A manhã estava a dealbar no último dia de Esther no continente antártico.

Ela fez conversa fiada sem sentido com as pessoas de serviço enquanto esperava que o avião fosse carregado, cada palavra e cada movimento feitos com uma sensação intensificada de surrealidade, como se pudesse estender a mão e alterar a tessitura do mundo. Isso era o que matar era, não era? Remover alguém da existência era rasgar um buraco no que era real. Não tinha disparado sobre Trev, mas sentia-se como se o tivesse feito e sabia que, se a arma estivesse na sua mão, o teria feito. Matar tinha sido adicionado, de repente, à lista daquilo de que era capaz. Passara de impensável a possível. Seria assim que as pessoas caíam nas trevas?

Atordoada, acabou de preencher a papelada. Atordoada, despediu-se. A falta de comida e sono agravava a sua sensação de irrealidade e à medida que os rostos se iam confundindo uns com os outros e que os movimentos dela se tornavam cada vez mais mecânicos, preocupava-a que pudesse desmaiar, mas isso não aconteceu.

Pearl acordaria nessa manhã sozinha na cama na clínica e Esther teria desaparecido. Ela não saberia porquê. Estaria com dores. O seu corpo dir-lhe-ia que algo horrível tinha acontecido e a mente não saberia o que fora. Ela não se lembraria da promessa que Esther lhe fizera, a promessa de voltar para a vir buscar e de lhe contar tudo, mas Esther lembrar-se-ia. Pearl voltaria sequer a falar com ela, depois do que Esther estava a fazer naquele momento, partir sem uma palavra? Não havia maneira de

saber.

Sem saber bem como, subiu a bordo do pequeno avião. Apertou o cinto no assento pequeno almofadado azul, observando a nuca do piloto enquanto ele fazia ajustes que ela não compreendia, e pensou de repente, com saudade, em quando se sentava na velha carrinha vermelha do pai com a irmã, em como se sentia segura ao volante, em como tinha o controlo. Os seus sentidos encheram-se com o ronco alto do motor do avião quando este percorria a pista. Do lado de fora da janela era dia, como seria ali durante os próximos meses. O chão era infinito, branco, a recuar. A estação parecia do tamanho de uma casa de bonecas, depois do tamanho de uma chávena de chá, depois do tamanho de uma formiga e por fim desapareceu.

Encostou a testa à janela fria, lutando contra as lágrimas. Já tinha feito aquilo tantas vezes: ver uma vida de doze meses a recuar por baixo de si enquanto ela voava para longe dela. Um ano parecia muito longo, a não ser que fosse tudo o que se tinha.

Antes do presente — antes de Pearl —, a partida mais difícil tinha sido voar para longe da Cidade do México, porque se lembrava muito claramente de voar para lá. Lembrava-se de olhar para o interminável tapete de luzes e de pensar que uma, pelo menos, poderia iluminar uma resposta.

Isabel, como Abe, provinha de uma família que conseguia ouvir magia, e, como a família de Abe, tinham sido colecionadores. Abe nunca dissera a Esther o nome de solteira da mãe, e tudo o que ela sabia sobre os avós era que tinham sido proprietários de uma livraria cheia de livros vulgares, tanto novos como usados... a não ser que se soubesse a combinação certa de frases para ter acesso às traseiras, onde o *stock* era decididamente diferente. Fora assim que Abe conhecera Isabel, ele estava de visita de Nova Iorque, ela estava de regresso a casa depois da licenciatura para tomar conta do negócio da família.

As primeiras palavras que ele dissera a Isabel foram em espanhol, e ela corrigiu-lhe a pronúncia enquanto tirava uma agulha dourada de uma corrente ao pescoço, picava o dedo e pressionava a ponta ensanguentada contra uma parede que de repente se tornou uma porta. A frase habitual do pai, quando Esther lhe perguntava como era Isabel, fora sempre: «Nunca lhe escapava nada.»

Abe afirmava não se lembrar nem do nome nem da localização da

livraria da família, embora Esther não acreditasse minimamente nele. Na sua primeira semana na Cidade do México, arranhou um emprego a fazer biscates de eletricidade para um *designer* de interiores expatriado, comprou um *smartphone* com um contrato mensal e todas as tardes, depois do trabalho, deixava que a aplicação de mapas a levasse de livraria em livraria numa cidade repleta delas. Entrava e saía das livrarias empoeiradas e atravancadas em Donceles; entrava e saía das livrarias modernas de luxo em La Condesa e nos arredores de Coyoacán; até procurou nas cadeias de livrarias, nas Gandhis e nas Sanborns.

No princípio, cada livraria dava a sensação de ser mágica. Não com o tipo de magia com que Esther tinha crescido, mas com o tipo de magia sobre o qual tinha lido em romances, o tipo de magia que era toda ela possibilidade, a probabilidade de que, com uma curva à direita na floresta ou uma conversa fatídica com uma mulher idosa, a vida de uma pessoa pudesse mudar para sempre. Ela entrava numa livraria e apreendia a marcha das lombadas alinhadas nas prateleiras, os grãos de poeira a brilharem ao sol, o cheiro de dar água na boca a papel e cartão e cola e palavras, e pensava, *é esta*. De todas as vezes, pensava-o.

Mas nunca era.

A cada funcionário e a cada empregado da livraria, repetia a mesma frase, as primeiras palavras que o pai tinha dito à mãe, a frase que lhe tinha permitido entrar na sala secreta da livraria: «*Sé verlas al revés.*» Um palíndromo. *Eu sei como os ver ao contrário*. Mas tudo o que Esther recebia como resposta eram cabeças inclinadas, sorrisos perplexos. «Nunca ouvi falar desse», diziam. «É poesia? Um livro de arte?»

Esther não era de desanimar facilmente. Aprendera isso sobre si mesma bastante cedo, quando se apercebera de que grande parte da vida era uma oportunidade para desanimar ou para continuar, e escolhera sempre continuar. Naquele outono, visitou mais de duzentas livrarias e não encontrou um único sinal de magia ou alguma prova de que a sua mãe alguma vez tivesse estado envolvida nessas livrarias.

Tinha falado com o pai por Skype no final de outubro, ela trancada na casa de banho longe dos colegas de casa, Abe iluminado pelas luzes do teto da biblioteca local. A fila de computadores atrás dele estava toda ocupada por adolescentes que jogavam um jogo de disparos cheio de solavancos, e, de vez em quando, ela ouvia um dos gritos de triunfo

deles através dos auscultadores de Abe.

— Não me podes dar mais nenhuma pista? — tinha implorado. — Um bairro, um ponto de referência, o apelido deles, qualquer coisa.

Nessa ocasião, ele não alegou que não se lembrava. Em vez disso, pressionou a nuca com os dedos, como fazia quando tinha uma dor de cabeça, e disse:

— Querida, por favor. É melhor esquecer.

— O que acontece se eu me for embora na próxima semana, ficar fora durante um ano e depois voltar? — perguntou ela.

Nessa altura, já tinha saído de casa há cinco anos e Abe já parecia mais velho, com o rosto a ficar ossificado em rugas nos pontos de tensão.

— Esse é um risco que te vou implorar que não corras.

Ela bateu com a cabeça na parede da casa de banho, frustrada.

— Seria muito mais fácil seguir estas regras se eu as compreendesse.

— Tu compreende-las. Só não te agradam.

— Porquê uma vez por ano? Porquê novembro? Porquê...

— Perguntar *porquê* não vai mudar nada. Eu podia explicar-te tudo, todos os pormenores específicos do texto do códice, mas conheço-te, Esther... só te faria pensar que podias ser mais esperta, encontrar uma brecha. Mas, se ela existisse, não achas que eu já a teria descoberto há anos? Não achas que quero que possas ficar num só lugar, que tenhas uma vida normal e estável... que voltes para casa?

Abe era como Joanna, com as emoções sempre estampadas no rosto e à espera de lhe saírem pelos olhos, que nesse momento estavam a lacrimejar, com as bordas avermelhadas. Fazia-o parecer ainda mais velho.

De repente, Esther apercebeu-se de que nunca mais voltaria a ver o pai em pessoa.

Essa ideia abalou-a de tal forma que teve de desligar antes de desatar a chorar em frente dele. Fechou o portátil e deixou-se ficar sentada no canto da casa de banho minúscula, com o azulejo frio contra os pés descalços, a chorar até que uma das suas colegas de casa se pôs a bater com força à porta.

Depois, fez algo que tentava nunca fazer. Desistiu. Não ia insistir. Sentia-o em todo o corpo, o desânimo absoluto: membros de chumbo, peito de pedra, garganta de madeira petrificada. Alguns dias depois,

estava a bordo de um avião. Era um voo à meia-noite e ela olhou para baixo, para o oceano de luzes, e lembrou-se de quando tinha descido, um ano antes, quando a cidade parecia incandescente com possibilidades. Na partida, o avião subiu e as luzes foram obscurecidas pelas nuvens.

Agora, Esther olhava para o pequeno ponto da estação de investigação que desaparecia de vista, e o seu corpo voltava a registar a mesma sensação pesada e pouco familiar que tivera no chão da casa de banho na Cidade do México. Não queria usar a palavra «desespero».

Pearl estava a salvo, que era o que importava. Esther também, por agora. Tinha adiado o desastre mais uma vez. Só não sabia se teria energia para alguma vez voltar a adiá-lo.

— Consegui — disse em voz alta, tentando convencer-se de que era verdade. A sua voz perdeu-se no rugido do avião.

No dia seguinte à visita de Cecily, a casa parecia ter eco, como se as tábuas do soalho e as vigas se agarrassem aos sons das vozes. O tempo tinha posto de lado o seu namorico com o inverno e estava de novo a derriçar com o outono, suficientemente quente para que Joanna deixasse as brasas da salamandra desvanecerem-se em cinzas brancas pela primeira vez em dias. Verificou o espelho de Cecily, mas nada tinha passado através dele e o vidro estava sólido sob os seus dedos. As marcas do sangue da mãe continuavam nítidas e impossíveis de apagar.

Quando saiu para o alpendre para beber um café e fornecer mais atum enlatado, o gato estava enroscado na manta que lhe tinha deixado. Acordou sobressaltado com a chegada dela e de seguida bocejou, mostrando a boca cor-de-rosa e cavernosamente complicada.

— Bom dia! — exclamou ela, encantada por o ver na manta, e pousou a taça com o atum.

O gato bocejou outra vez e depois levantou-se para investigar o seu pequeno-almoço, e ela encostou-se ao lado da casa para lhe fazer companhia enquanto ele comia. Quando o gato terminou a refeição, começou a limpar-se. As suas ações eram reconfortantes na sua pura explicabilidade.

Joanna sempre soubera que havia muita coisa que não compreendia: sobre o mundo, sobre os livros, sobre os pais e a história deles. Porém, quando os limites físicos e emocionais da vida de uma pessoa eram pequenos, quando ela já tinha percorrido muitas vezes cada centímetro do espaço que lhe estava atribuído, era fácil esquecer a ignorância e sentir antes uma espécie de mestria. Aquela casa, aquele caminho, aqueles livros, aquela montanha; Joanna estava habituada a ser a especialista e habituada à segurança que acompanhava a experiência.

No entanto, os acontecimentos do dia anterior tinham revelado — ou recordado — exatamente o quão inexperiente Joanna era de facto. Desde sempre, houvera na sua casa um espelho mágico, adormecido e à espera. Desde sempre, os segredos de Cecily tinham ido muito além do seu desejo de desativar os encantamentos, embora não fosse o seu desejo que era um segredo, mas sim as suas razões. Desde sempre, as engrenagens tinham estado a rodar e Joanna nem sequer sabia que existia uma máquina.

O pior de tudo, talvez, era a constatação de que nem sequer era especialista sobre si própria.

Estava sempre a regressar àquele momento na sala de estar da mãe, presa atrás do feitiço e acreditando que os encantamentos seriam desativados, àquele momento de alívio súbito e extasiado. Nem sequer sabia que tinha esses sentimentos dentro de si, e, de repente, lá estavam eles, como se alguém tivesse gritado os seus nomes. Pela primeira vez, compreendera plenamente que, se as barreiras dos encantamentos desabassem, as barreiras da sua vida desabariam com eles.

Era isso que queria?

Há anos que Cecily lhe fazia essa pergunta de várias formas, e Joanna nunca a tinha escutado verdadeiramente; em parte porque era feita sempre não sob a forma de uma pergunta, mas de um conselho, não solicitado e cheio de «devias». Uma pergunta deixava espaço a Joanna, já um conselho só tinha espaço para Cecily. Joanna precisava de espaço.

O gato terminou o seu banho de saliva e veio investigar a chávena de café de Joanna. Quando ela lhe pousou a mão nas costas, sentiu-as ligeiramente húmidas devido às abluções dele, mas o prazer de poder fazer-lhe festas era demasiado grande para a dissuadir. Daí a pouco, ele estava a ronronar, um ronco rouco.

— Se viesses para dentro — disse-lhe ela —, podíamos fazer isto a toda a hora. Terias um milhão de coisas macias para te enroscares nelas. Há um fogão a lenha e uma poltrona feia que podias arranhar até a desfazeres em pedaços. Eu tomaria conta de ti.

Contudo, quando ela se levantou passado algum tempo e abriu a porta, mais uma vez ele recusou. Entrelaçou-se nas pernas dela, cheirou esperançado a taça de atum vazia e depois partiu como uma seta para as aventuras que esperavam um gato pequeno numa floresta grande. Ela seguiu o seu rasto até o perder por entre os troncos, as folhas mortas e

as agulhas de pinheiro.

Joanna compreendia a relutância dele em entrar na casa. Para ele, a floresta era o mundo conhecido. Os perigos e os prazeres dela podiam ser previstos. E talvez ele sentisse, com o seu cérebro de gato sem palavras, que entrar na casa iria alterar para sempre a sua experiência do exterior. O frio era mais fácil de suportar quando nunca se tinha estado quente.

Esther conseguiu passar por Christchurch e apanhar o voo de ligação para Auckland sem problemas, mas os seus nervos não se acalmaram quando saiu da pista de aterragem para o aeroporto movimentado de Auckland. Continuava a recear que os documentos falsificados acionassem um alarme que faria com que as pessoas aparecessem de lado nenhum para a prender, a seguir ou a matar, e «Emily Madison» passou pelo *check-in* e pelo controlo de segurança de Christchurch com uma pulsação tão elevada que receava que os *scanners* a detetassem de alguma forma. Mas não a tinham detetado.

Já em segurança em Auckland e na fila para o voo 209 com destino a Los Angeles, Esther pôs a mochila ao ombro e respirou fundo. Para se acalmar nas horas antes do embarque, tinha ido a um bar, sentara-se ao balcão e bebera duas cervejas muito alcoólicas, contando que a bebida, as conversas e o jogo de rãguebi que passava sem som no ecrã fizessem a sua magia tranquilizante, mas o álcool teve o efeito contrário. Sentia-se mais agitada do que nunca e estava sempre a compensar a lentidão dos reflexos provocada pela cerveja virando a cabeça e olhando por cima do ombro a cada movimento, para apanhar de surpresa os olhos que tinha a certeza de que estavam postos nela.

— Afaste-se aqui para o lado, por favor, minha senhora.

Esther apercebeu-se de que a agente da porta de embarque estava a dirigir-se a ela e fez uma pausa, com uma mão vazia ainda estendida para o passaporte que não vinha.

— Desculpe?

— Informam-me que foi seleccionada para controlos de segurança adicionais — disse a agente da porta de embarque, entregando o passaporte de Esther ao guarda fardado que tinha aparecido ao seu lado.

— Este colega vai acompanhá-la.

Esther ficou boquiaberta, demasiado perplexa para começar a sentir-se assustada. Estivera a prever aquilo desde que tinha entrado no aeroporto com um passaporte falso, mas acontecia no preciso momento em que tinha deixado de o esperar, e agora estava desorientada, desprevenida.

— Que se passa? — perguntou, tentando fazer com que a sua voz soasse calma e autoritária, mas apenas o conseguindo a meio da frase.

— São controlos de segurança adicionais — disse o guarda fardado, repetindo as palavras da agente da porta de embarque, mas, em vez da entoação reconfortante do sotaque neozelandês dela, a sua voz era americana e inexpressiva. Tinha uma cara branca insípida, com cabelo escuro aos caracóis e um bigode defensivo, sob o qual a boca mal parecia mover-se enquanto falava. — Venha comigo, menina. — A mão dele pairou sobre o braço dela, uma ameaça de algo físico.

— Mas o meu voo — protestou ela, numa última tentativa inútil de controlo. — Vou perdê-lo.

— Isto não vai demorar muito — disse o guarda.

Esther não se moveu, com a mente a procurar uma saída, a imaginar que desatava a correr, atravessava o aeroporto, passava pela segurança e saía para o parque de estacionamento. Ou talvez conseguisse escapar ao guarda de alguma maneira e escapular-se sem fazer uma cena, talvez pudesse pedir para ir à casa de banho e talvez a casa de banho tivesse uma janela e... e...

Os dedos dele fecharam-se à volta do braço dela.

— Largue-me — disse ela. — Eu vou.

Porém, os seus dedos apertaram-se mais em vez de afrouxarem, e ele conduziu-a ao longo da fila de que ela fazia parte há tão pouco tempo. Rostos curiosos viravam-se para os observar enquanto passavam. Uma jovem asiática com uns óculos de plástico vermelho enormes deu alguns passos atrás deles, e a expressão de preocupação compreensiva no seu rosto fez disparar o medo de Esther, como se o medo precisasse de um espelho para se ver. Sentia-se sem fôlego e estonteada quando o guarda a levou pelo átrio até uma porta quase invisível numa parede branca, e, antes que ela pudesse compreender que estava a perder a sua única oportunidade de escapar e fugir, ele conduziu-a para dentro.

Aí encontrou uma sala de pessoas com ar acossado, a quem os

agentes de segurança estavam a passar um esfregaço nos sapatos, juntamente com uma mesa cheia de malas parcialmente desfeitas e algumas máquinas de raio X grandes a apitar. Além do seu guarda, ela era uma das pessoas de pele mais clara na sala, e quase se descontraíu, pensando que, afinal, talvez fosse apenas uma verificação de segurança aleatória (e essa era certamente a primeira vez que dava consigo a ter a *esperança* de que fosse algum banal racismo), mas o guarda conduziu-a para lá do equipamento de segurança e através de outra porta, por um corredor estreito, para uma sala minúscula onde havia uma secretária, um computador e uma mulher de lábios pintados de cor-de-rosa a olhar para o ecrã. Ela olhou para cima quando eles entraram e acenou com a cabeça.

— Sala quatro.

A sala quatro ficava ao fundo de mais um corredor, e o guarda empurrou Esther para dentro à sua frente, fechando de seguida a porta atrás deles com um clique que ecoou horripelantemente pelos nervos de Esther.

A sala cinzenta estava despida, mas não vazia: a um canto encontrava-se um objeto grande coberto com um pano.

No outro canto, estava uma pessoa.

Um homem adulto, sentado contra a parede, de ombros descaídos e com a cabeça a pender-lhe para o peito nu. Estava apenas de *boxers* e meias, e Esther sentiu um arrepio de puro pânico percorrer-lhe a espinha. Teria ela também de se submeter a ser despida e revistada? O homem no canto levantou a cabeça e fitou-a com um olhar turvo, e havia qualquer coisa tão estranha no rosto dele que, ao princípio, não percebeu o que estava a ver exatamente — mas, quando percebeu, soltou um pequeno som involuntário.

A Esther é imune à magia e veria logo o rosto verdadeiro do guarda.

— Não lhe ligue — disse o guarda naquela voz americana inexpressiva. O homem não disse nada, com os olhos desfocados e a cabeça a pender-lhe novamente para baixo.

— Que é isto? — perguntou Esther, deixando cair a mochila e virando-se para o guarda. Mantinha a voz firme para preservar um resto de dignidade e de controlo, mas o guarda limitou-se a sorrir-lhe.

— Ele tomou alguns sedativos — respondeu. — Vai ficar bem, não se preocupe.

Esther não estava preocupada com o homem no chão. Estava preocupada consigo própria.

O guarda inclinou-se para o homem despido e pegou-lhe num punhado de cabelo com uma mão, puxando-lhe para trás a cabeça com o seu rosto idêntico. Quase com ternura, como uma mãe que limpa a sujidade da cara a um filho, o guarda lambeu o polegar e esfregou o sangue que estava espalhado na testa do homem.

— Vamos dar-lhe um momento — disse o guarda —, e ver se se lembra de mim.

Esther não fazia ideia de quem era o guarda e preparava-se para o dizer, quando de repente viu que, de facto, ele lhe parecia vagamente familiar. Tinha alguma coisa que ver com a forma da boca dele, talvez, ou com a inclinação das sobrancelhas, que eram tão claras que pareciam desaparecer-lhe contra o osso do sobrolho.

Ela pestanejou. O bigode que lhe escondia o lábio superior foi-se desvanecendo enquanto ela o fitava e o seu cabelo castanho foi clareando rapidamente para um louro de barbas de milho que combinava com as sobrancelhas. O seu queixo macio estava agora duro, com uma fenda decisiva no centro. Em segundos, ficou com um rosto completamente diferente — e, de repente, lembrou-se de quem era. O apartamento de Reggie em Spokane e o rosto pálido daquele homem a pairar por cima da cama deles, o brilho da sua arma no escuro. A forma como a cabeça de Reggie se tinha virado para trás quando o homem o agredira.

Esther não disse nada, porque se falasse ele saberia sem dúvida que ela estava absolutamente aterrorizada, e não queria dar-lhe essa satisfação.

— Onde é que arranjaste este passaporte? — perguntou o homem louro, tirando-o do bolso e folheando-o. — É um bom trabalho.

— Não foi assim que me encontraste? — disse ela. — Não estavas a segui-lo? — Se ela o atacasse agora, podia apanhá-lo desprevenido, podia agredi-lo de um ângulo que fizesse com que a cabeça dele batesse contra a parede e...

Com um gesto tão casual que Esther percebeu que o homem estava a divertir-se, ele afastou o casaco para o lado e pousou a mão no punho da arma. A linha tensa do braço dele indicava que sabia exatamente o que ela estava a pensar, e que não lhe daria essa oportunidade.

— A seguir o teu passaporte falso? — disse ele, e atirou-o para os pés dela, a rir-se. — Vá lá. Só havia um voo programado da tua base de investigação há semanas, não foi difícil adivinhar que virias nele. Tenho-te seguido desde que chegaste a Auckland.

— Vais tentar matar-me outra vez? — perguntou ela.

Em resposta, ele recuou para o objeto coberto por um pano no canto oposto ao do homem drogado e puxou o pano com um movimento da mão, revelando um espelho grande. Estava encostado à parede, com a superfície prateada salpicada de sangue.

O coração de Esther, já na garganta, subiu ainda mais. A magia estivera em todo o aeroporto desde que ela entrara, andara a persegui-la, e ela tinha ido a um bar e bebera um copo como um cordeiro inocente a lamber a manjedoura antes da matança. A sua irmã teria sabido. Joanna teria pressentido a magia no segundo em que o homem louro se aproximou com o seu feitiço de roubar rostos, mas Esther era ignorante e insensível a ela. Inútil.

Estava tão zangada que quase se esqueceu de sentir medo.

— Não te vou matar — disse o homem. — Não de imediato, pelo menos. Vou-te empurrar através deste espelho. Sabes o que atravessar um espelho faz a uma pessoa?

Esther não respondeu.

— Tu sabes — disse o homem. — Porque o fizeste ao Tretheway. Ele era um bom amigo meu, já agora.

Trev. Ele devia estar a falar de Trev.

— Viste-me fazer aquilo? — perguntou, com a pele a arrepiar-se quando pensou que era ele atrás do espelho o tempo todo, a observá-la.

— Nós vimos as consequências — disse o homem. — Foi o suficiente. Parecia que ele tinha passado por uma picadora de carne.

Nós outra vez. Esther engoliu em seco.

— Vais disparar contra mim primeiro, como eu disparei contra o Tretheway?

Ela estava a empatar e ele sabia-o, mas deixou que o fizesse, como ela suspeitava que ele faria, porque, se aquilo era vingança, ele queria que se desenrolasse devagar.

— Talvez — disse ele. — Deste-lhe um tiro aqui mesmo — bateu-lhe no ombro —, mas acho que eu apontaria um pouco mais abaixo. Um tiro na barriga soa bem, não soa?

No meio do pânico dela, brilhou um pequeno raio de alívio. Então ele pensava que ela tinha disparado sobre Trev, o que significava que ele — ou *elas*, quem quer que *elas* fossem — não tinha visto Pearl. Não sabiam que ela estava envolvida; não iriam atrás dela. Pearl, pelo menos, provavelmente estava a salvo.

Ele estaria a fazer *bluff* ao ameaçar disparar sobre Esther ali mesmo no aeroporto? De certeza que alguém viria a correr ao som de um tiro. A não ser que todas as pessoas nas imediações estivessem de alguma forma a trabalhar com ele... mas, então, porquê dar-se ao trabalho de imitar a cara do guarda? Esther pensou na mulher de lábios cor-de-rosa que estava ao balcão, na forma como tinha acenado ao homem louro; pelo menos ela, provavelmente, estava metida naquilo.

— Consigo perceber o que estás a pensar — disse o homem, sorrindo. — Estás a pensar que vais lutar comigo, que vais tirar-me a arma, que vais inverter a situação, blá-blá-blá.

Não era de todo o que Esther estivera a pensar — mas era verdade que o cenário que ele tinha descrito era praticamente a sua única opção, e a sua melhor arma, a surpresa, já não era possível. Recordou desesperadamente todas as oportunidades de escapar que perdera: devia ter-se virado e fugido quando a agente da porta de embarque lhe confiscou o passaporte, devia ter fugido enquanto ele a levava pelo átrio, devia ter fugido antes de ele a trancar naquela sala, mas não o fizera, não o fizera, ficara paralisada, e agora estava total e completamente lixada, sem sorte.

A menos que...

A menos que Pearl tivesse razão, lá na base, quando disse que Trev nunca tivera a intenção de matar Esther. Se Trev andava à procura de informações sobre a família dela, se o que realmente queria era obter acesso à sua irmã e aos livros dela, então, provavelmente, aquele homem louro também não queria que ela morresse. A arma era apenas uma ameaça e o espelho não estava lá para a matar: estava lá para que quem quer que fosse o chefe a que aquele homem respondia pudesse vê-lo a interrogá-la.

— Não vou lutar contigo — disse ela, abrindo os braços, a pôr à prova a sua teoria. A arriscar. — Força, dá-me esse tal tiro na barriga.

Ele abanou a cabeça, como se estivesse desiludido.

— Queres facilitar-me as coisas? — disse ele. — Ótimo. — E

destravou a arma.

Os membros de Esther ficaram dormentes. Tinha-se enganado. Ele não lhe ia fazer uma única pergunta; estava *mesmo* ali para a matar. Apontou a arma para as pernas dela, com o dedo a encontrar o gatilho, e disse:

— Vamos começar pelos joelhos.

Cada músculo do corpo dela se retesou quando olhou para o dedo dele no gatilho, a preparar-se para se esquivar, a preparar-se para o estalar de um tiro — mas o som seguinte que ecoou pela sala não foi um estalido, mas um clique.

A porta estava a abrir-se.

— Mas o que é que... — disse o homem louro. Desviou os olhos de Esther para a porta que se abria e de novo para Esther, com a arma ainda na mão. Não aconteceu nada, ninguém entrou. Segurando a arma com as duas mãos, como se julgasse que estava num filme de espionagem, o homem recuou em direção à porta aberta, olhando de relance para o corredor, e, porque aquela era a única oportunidade que tinha, Esther aproveitou-a.

Atirou-se para um lado e depois para o outro, para o caso de ele disparar, e precipitou-se para a porta — no preciso momento em que esta se fechava de novo com a sua própria força.

— Jesus! — gritou o homem louro, e Esther atirou-se contra ele, ficando tão perto que ele não teria ângulo para disparar, mas ela não tinha muita vantagem, e o seu corpo bateu no dele com um baque suave e fraco. Nem devia ter sido força suficiente para o fazer cambalear, no entanto, ele cambaleou, muito, e daí a um segundo caiu aos pés de Esther, batendo com a testa no chão. Ficou completamente imóvel.

Esther olhou-o fixamente. Depois de terem passado alguns segundos sem ele se mexer, pôs-se em movimento, porque haveria tempo para desvendar aquele novo mistério mais tarde, se ela sobrevivesse. Mesmo que o colapso dele fosse outra armadilha, era também a única esperança que ela tinha desde que aquele homem tinha fechado a mão à volta do seu braço na porta de embarque, e não ia perder tempo. Pôs de novo o saco ao ombro, pegou no passaporte falso que tinha caído no chão e olhou para trás, para o homem de bigode que estava no canto, drogado e meio nu, e que ela quase esquecera. Não sabia o que podia fazer por ele, a não ser arrancar a arma dos dedos moles do guarda, esvaziar as

balas na palma da mão e esmagar a coronha da arma contra o espelho quando saísse da sala.

O seu corpo gritava-lhe que desatasse a correr, mas não o fez, porque correr convidava à perseguição. Em vez disso, caminhou rapidamente pelo átrio, abrandando apenas um pouco quando viu que a mulher de lábios cor-de-rosa estava recostada na sua cadeira ergonómica, de boca aberta, inconsciente atrás do computador. Não havia sinais de luta. Esther ficou com os braços arrepiados, mas não parou de andar, apenas deixou cair a mão-cheia de balas no cesto dos papéis ao lado da secretária quando passou por ele. De volta à sala principal, os viajantes com ar preocupado continuavam a submeter-se a ser revistados e interrogados. Alguns dos seguranças lançaram-lhe um olhar sem grande interesse quando ela passou na direção da porta. Concentrou-se em projetar um ar de absoluta confiança e à-vontade, apesar de lhe tremerem as mãos e de estar com suores frios incontrolláveis. Até conseguiu sorrir a uma mulher fardada, e, um segundo depois, estava de volta ao aeroporto principal.

Tudo parecia irreal, encenado: as luzes do teto, o ladrilho salpicado do chão, o zumbido de um carrinho carregado de bagagem que passava, todas as pessoas que chamavam pelos filhos e faziam fila nos portões de embarque e franziam a testa a olhar para os seus telemóveis. Ela não virava a cabeça para ver se alguém estava a segui-la, mas acelerou um pouco o passo, lançando um olhar aos sinais para encontrar a direção da saída.

De repente, alguém lhe agarrou o pulso.

Ela puxou o braço instintivamente, a soltar-se, e virou-se para trás, mas não estava lá ninguém — de facto, a pessoa mais próxima encontrava-se a quase três metros, um homem de fato, parado junto a uma máquina de venda automática. Ela respirava rapidamente, quase a ofegar, todo o corpo incandescente com os nervos; teria imaginado a sensação de dedos frios a agarrarem-na?

— Estou mesmo ao teu lado — disse-lhe uma voz ao ouvido, e, dessa vez, quando Esther se virou, sentiu o inconfundível roçar do tecido contra a sua mão. — Não digas nada — disse a voz, que era leve e masculina e tinha um sotaque neozelandês. — E não saias deste aeroporto. Há pessoas à tua espera na saída para o caso de tentares. Vai para a casa de banho mais próxima e espera por mim.

— Espero por... quem és tu? *Onde* é que estás?

— Falamos daqui a um segundo — disse a voz. — Tudo aquilo de que precisas de saber agora é que fui eu quem te salvou lá atrás, e juro que estou do teu lado.

Esther começou a caminhar novamente na direção da saída, ainda mais depressa dessa vez. Nunca tinha ouvido falar de nenhuma circunstância em que dar ouvidos a uma voz desencarnada tivesse sido a atitude correta.

— Esther — disse a voz, com aqueles dedos frios a tocarem-lhe novamente no pulso, e depois, num espanhol vacilante e inexpressivo: — «*La ruta nos aportó otro paso natural.*» Pronunciei-o bem? Por favor, acredita em mim quando te digo para não saíres deste aeroporto.

Esther não sabia se era o som do seu próprio nome ou o daquela frase familiar que estava a abrandar-lhe o passo, mas parou. Ficou ali, com a alça do saco de viagem a enterrar-se no ombro, a *T-shirt* húmida de suor ansioso por baixo do casaco, os dentes cerrados a conter um grito de frustração. Só queria dar um passo que lhe pertencesse, fazer um movimento que ela própria tivesse decidido fazer, mas a cada momento parecia que os seus cordelinhos estavam a ser puxados por mãos invisíveis.

— A última vez em que confiei nessa frase em particular — disse ela em voz baixa — ela conduziu-me até aqui, diretamente para uma armadilha.

— Essa armadilha não foi colocada pela pessoa que me enviou — disse a voz. — Juro. — Depois, com um suspiro que agitou o cabelo de Esther: — Por favor, vem à casa de banho e ouve-me? Ser invisível é tão desconfortável que parece que tenho abelhas a rastejar dentro da minha pele. Já não o suporto.

Se aquele pequeno vislumbre de humanidade era um truque, bem... Esther estava cansada e sem amigos e deixou-se ir na conversa. Silenciosamente, com os maxilares ainda cerrados de fúria, deu meia-volta e dirigiu-se para a casa de banho mais próxima, onde ficou, de braços cruzados, enquanto uma ruiva pequenina acabou de aplicar rímel ao espelho e se apressou a sair, lançando a Esther um olhar nervoso. Assim que a ruiva se foi embora, uma das torneiras abriu-se sozinha e uma toalha de papel desenrolou-se de um dispensador, arrancou-se do rolo e flutuou para se humedecer debaixo da água. Começou a esfregar

alguma coisa que não se via, e depois apareceu uma mulher jovem junto ao lavatório, segurando nas mãos um livro e uma toalha de papel com vestígios de sangue de onde o tinha limpado da página.

— Argh! — exclamou ela, abanando-se como se estivesse a sacudir teias de aranha. — Aquilo foi realmente desagradável. Estás bem?

Esther fitou-a embasbacada. Era a rapariga que tinha visto na fila ao que dava a sensação de serem horas: a rapariga asiática com os óculos enormes de armação vermelha que a tinha visto ser arrastada pelo homem louro. Aparentava ser uns anos mais nova do que Esther; vestia um *blazer* preto e trazia uma mala preta a tiracolo e uns ténis brancos muito limpos. Parecia o tipo de jovem profissional que Esther já vira na televisão mas que nunca tinha conhecido na vida real.

— Estás bem — disse a rapariga, respondendo à própria pergunta. — Só um pouco abalada, imagino.

Uma mulher e duas crianças entraram na casa de banho e tanto Esther como a estranha ficaram em silêncio, à espera de que elas se despachassem, o que pareceu demorar uma eternidade e envolveu muita discussão sobre se a menina tinha mesmo de fazer chichi ou não. (Afinal, tinha; Esther teve de a ouvir fazê-lo.)

Quando a família saiu, Esther perguntou:

— Que fizeste àquelas pessoas ali atrás? Ao guarda e à mulher da receção?

— Injetei-lhes um tranquilizante — disse a rapariga com um ar sério, empurrando os óculos vermelhos pela cana do nariz acima.

— Quem te disse para fazeres isso?

— Quem me dera poder responder-te, mas sabes como é. — Fez o gesto de fechar os lábios e deitar fora a chave. — Agora escuta, perdeste o teu voo, o que atrapalhou as coisas, mas já tratei de tudo. Foi por isso que demorei algum tempo a tirar-te de lá. Já agora, as minhas desculpas pelo atraso, embora o homem não tencionasse fazer-te mal. Pelo que sei, querem-te viva.

Com aquela última declaração horrível, enfiou o livro na mala e passou a Esther um maço de cartões de embarque, todos em nome de Emily Madison.

— O teu novo voo para Los Angeles parte dentro de trinta minutos, o que é bom, porque o efeito do tranquilizante só dura cerca de uma hora e queremos que já tenhas partido quando aquelas pessoas acordarem e

começarem aos gritos.

Esther agarrou nos cartões de embarque. A atitude animada e prática daquela desconhecida lembrava-lhe de Pearl, se Pearl fosse o tipo de pessoa capaz de manter um par de ténis limpo, e, embora ela quisesse resistir, ser-lhe dito o que fazer por uma rapariga bonita e autoritária era como um bálsamo para a sua alma esfrangalhada.

— Não me vais dizer para quem trabalhas?

— Não posso revelar quem me mandou cá — disse a rapariga. — Posso dizer-te que o meu trabalho oficial é no Ministério da Cultura e do Património. Mas isso não é propriamente relevante.

— Se eu apanhar este avião — disse Esther —, o que me vai acontecer?

— Espero que nada de mau.

Não eram exatamente as palavras tranquilizadoras que Esther queria ouvir.

— E se não o apanhar?

A rapariga olhou para ela com simpatia.

— Nada de bom.

Meia hora mais tarde, enquanto Esther se deslocava cautelosamente pelo corredor do avião em direção ao seu lugar perto da parte de trás, nada no voo parecia fora do normal. Todas as pessoas à sua volta estavam ocupadas com a arrumação das bagagens e com as birras dos filhos, e a perguntar aos assistentes de bordo se vendiam meias de compressão, e, se não vendiam, porque não. No entanto, qualquer uma daquelas pessoas podia estar envolta em magia sem que Esther o soubesse. Todas podiam ter livros na bagagem de cabina. Todas podiam estar a cumprir ordens misteriosas, de pessoas que não seriam mencionadas, por razões que ninguém lhe explicaria. Todas podiam ser uma ameaça.

No entanto, ali estava ela. A fechar-se voluntariamente num tubo de metal voador em vez de fugir para o interior inóspito da Nova Zelândia (será que a Nova Zelândia tinha um interior inóspito?). A confiar numa estranha, mais uma vez, simplesmente porque ela sabia uma frase em espanhol, uma frase que significava muito para Esther, uma frase que a (co)movia. De modo literal, ultimamente.

Fora-lhe atribuído um lugar à janela. Nem o lugar do meio nem o da coxia estavam ainda ocupados, e arrumou a mala no compartimento por cima do assento e instalou-se, olhando para o asfalto. Se alguém a ia matar no avião, tudo bem. Preferia morrer no céu azul a naquela sala de detenção cinzenta.

Quando voltou a olhar para a coxia, havia uma pessoa a bloqueá-la, a olhá-la fixamente. Duas pessoas, na verdade, ambos jovens brancos mais ou menos da idade dela. Um deles tinha cabelo castanho e barba por fazer ruiva, era bonito e estava bem vestido, já o outro, que se avantajava atrás dele, era muito alto e tinha ombros largos, olhos azuis

brilhantes e uma boca que parecia estar a preparar-se para praguejar.

Nada na sua aparência podia explicar a convicção súbita e inexplicável de Esther de que não queria ficar sentada ao lado deles.

Foi apenas a maneira como olhavam para ela que fez soar um sinal de alarme dentro de si, e o sorriso rasgado e ensaiado do mais baixo não fez nada para o calar. O coração dela acelerou quando ele voltou a verificar os números dos lugares.

Aqui não, pensou ela, *por favor, aqui não*, mas um segundo depois o homem estava a içar o seu saco de viagem para o compartimento por cima dos assentos e depois a deslizar para o lugar ao lado de Esther, com outro saco pousado no regaço. O seu amigo grande encaixou-se no lugar da coxia, fazendo uma careta ao ver que os seus joelhos ficavam pressionados contra as costas do assento da frente.

O saco de viagem do homem mais pequeno deu um pequeno abanão e um gemido abafado, e Esther compreendeu, com um lampejo de prazer relutante, que continha um cão. O homem virou-se no seu lugar, inclinando todo o corpo na direção dela e passando as palmas das mãos pelas pernas das calças como se estivesse nervoso, embora ainda tivesse aquele sorriso fácil no rosto. Tudo nele parecia caro.

— Olá — disse ele. — Meu Deus, estou contente por estar sentado. O aeroporto estava uma loucura absoluta, não estava?

O sotaque dele era o tipo de inglês que fazia Esther pensar em corridas de cavalos e *corgis*. Ela fez um aceno de cabeça ligeiríssimo, mas não deu qualquer outra resposta, o que não o demoveu.

— Não conseguimos apanhar o nosso último avião, houve um problema súbito com os bilhetes quando estávamos prestes a embarcar, por isso, tivemos de fazer tudo para conseguirmos lugar neste voo — disse ele. — Que tormento! Para onde é que vai?

Ela lançou-lhe o olhar mais inexpressivo que conseguiu fazer.

— Para o mesmo lugar que você — respondeu.

— Certo, naturalmente — disse ele, e pareceu compreender, por fim.

Inclinou-se para meter a mala de transporte do cão debaixo do assento à sua frente e depois abriu uma das janelas de rede para poder meter a mão lá dentro. Esther teve um vislumbre de um nariz preto molhado e de pelo fofo e cerrou as mãos em punhos. Há quase dez meses que não via um cão, e a vontade de fazer festas àquele era avassaladora. Esperava que, quando o avião estivesse no ar, aquele tipo

voltasse a pôr a mala no regaço, talvez até deixasse o cãozinho deitar a cabeça de fora e dizer olá. Ele correu o fecho da janela da mala e recostou-se no lugar, tirando um pelo das calças escuras.

— Que tipo de cão é? — perguntou ela, incapaz de se conter.

— É uma lulu-da-pomerânia — disse o homem, tocando carinhosamente com a ponta do botim na mala de transporte. Os seus botins eram de pele de alta qualidade, com atacadores encerados. — Não se preocupe — acrescentou. — Ela porta-se bem nos aviões, não vai ladrar durante todo o voo.

De perto, Esther apercebeu-se de que o dono do cão era mais novo do que ela pensara, mas envelhecido visivelmente à superfície por uma mortalha de exaustão. A sua pele era pálida, os lábios estavam gretados, e havia meias-luas roxas por baixo dos olhos, um dos quais estava muito injetado. As roupas de boa qualidade e o sotaque fino tinham-na enganado.

O homem entroncado e de olhos azuis tinha-se debruçado sobre o regaço do amigo e olhava para Esther com a intensidade fixa de um gato a olhar para um esquilo, até que o tipo fino lhe cravou um cotovelo nas costelas, num gesto que claramente julgava que era subtil. Não falaram um com o outro, mas, pelo menos, também não tentaram falar com Esther, e, pouco a pouco, ela começou a descontraír-se. Tinha os nervos em franja, afinal de contas; estava a ver perigo onde ele não existia.

O intercomunicador no teto estralejou a ganhar vida, com a assistente de bordo a agradecer animadamente aos militares no ativo e aos membros do programa Gold Wings Plus, e, em breve, o avião estava a percorrer a pista. O nó no estômago de Esther desfez-se quando as asas do avião romperam o ar, e a terra começou a encolher por baixo deles, verde-joia e cheia de estradas e edifícios, substituída de seguida pelo azul cintilante da baía quando começaram a atravessar o mar aberto.

Virou-se da janela e abriu o policial que tinha comprado no aeroporto horas antes. Era mais para manter as aparências do que por qualquer outra coisa. Sentia-se demasiado tensa para perceber as palavras. O homem sentado ao seu lado pegou no livro dele, embora não o tenha aberto, e, sim, ela estava muito nervosa, mas mesmo assim teria jurado que algo na energia dele não batia certo. Ele não parava de abanar a perna, e Esther perguntou-se se teria medo de andar de avião.

Tinha dito que a cadela se portava bem nos aviões, mas não mencionara nada sobre si mesmo.

— Que está a ler? — perguntou ele de repente, e virou-se de novo para ela movendo toda a cabeça, como uma coruja.

Esther mostrou-lhe a capa em vez de falar, na esperança de que ele interpretasse finalmente os sinais de que ela não queria envolver-se numa conversa.

— Gosta de livros? — perguntou ele, em voz baixa sob o rugido do motor, e ela estaria a imaginar, ou haveria uma ênfase subtil na palavra «livros»? Ela olhou para o amigo dele, que estava ligeiramente inclinado sobre ele, de novo a fitá-la.

— Sim — disse ela.

— Já leu este?

Ela lançou um olhar ao livro no regaço dele, e o reconhecimento físico atingiu-a antes do mental. O seu coração falhou um batimento e, de seguida, recomeçou a bater a um ritmo dez vezes superior ao normal, e sentiu um formigueiro de choque no rosto. Era *La Ruta Nos Aportó Otro Paso Natural*, de Alejandra Gil. Não só isso, era o seu exemplar, inconfundivelmente. Reconhecê-lo-ia em qualquer lado, aquele vinco no canto, o minúsculo rasgão na lombada.

— Onde é que arranjou isso? — segredou ela. Não segredou por querer, mas as suas cordas vocais não estavam a funcionar, tinha a garganta demasiado apertada, a respiração mal passava pelos pulmões.

Mais uma vez, as mandíbulas da armadilha estavam a fechar-se à sua volta.

— Deu-mo a Maram — respondeu ele, como se o nome devesse significar alguma coisa para ela.

— Eu não... — Esforçou-se por respirar. — Eu não sei quem é essa pessoa.

— Ela sabe quem tu és — disse o homem de olhos azuis, com um sotaque de Boston surpreendentemente cerrado.

— Mas *nós* não — acrescentou o inglês. — Quem és tu?

Como havia de responder a essa pergunta?

— Sou a pessoa a quem roubaram esse livro.

— Nós não roubámos nada — disse o inglês, com um ar de afronta, o que parecia um sentimento muito injusto, dado que ele tinha o livro e ela, não.

— Então devolve-mo — exigiu ela.

O homem olhou para o amigo, que encolheu os ombros e acenou com a cabeça, e, para espanto total de Esther, o livro estava de repente nas suas mãos. Ela abraçou-o com força contra o peito, sem se importar se parecia uma criança com um urso de peluche.

— Se não conheces a Maram, porque é que ela nos mandou ir ter contigo? — perguntou o tipo. Parecia estar a dirigir-se não só a ela, mas também ao amigo. — Porque ela mandou-nos, não foi? Mandou-nos, com certeza. Disse-me para mostrar este livro à mulher no espelho, e os nossos bilhetes, de Paris para Zurique, daí para Singapura e depois para Auckland. Para ser sincero, quase fiz chichi pelas pernas abaixo quando te reconhecemos na fila.

— Quando *eu* a reconheci — corrigiu o homem ao seu lado.

— Exato, quando o Collins te reconheceu.

— Sean.

O inglês pareceu confuso por um instante, depois acenou com a cabeça.

— Sim, o Sean. Este é o Sean. E tu és?

— Não vos vou dizer o meu nome — respondeu Esther, incrédula. — Não vos vou dizer nada até me explicarem porque têm o meu livro, porque se sentaram ao meu lado e quem raio são.

— Olha, estamos tão baralhados como tu — disse o inglês.

O grandalhão de olhos azuis — cujo nome, muito obviamente, *não* era Sean — inclinou-se para a frente para poder olhar para ela por cima do regaço do amigo.

— Nós vimos-te — disse, numa voz quase inaudível por causa do ronco do avião. — Vimos-te lutar com o Tretheway através de um espelho.

Esther quase perdeu o controlo sobre o livro de Gil.

— Eram vocês? — perguntou. — Do outro lado? Durante todo aquele tempo? Foram vocês que me deram os bilhetes?

— O quê? Não — disse o inglês.

— Chiu — disse o outro, embora estivessem a falar baixo, e apercebeu-se de que os três se tinham inclinado para a frente, com as cabeças juntas. Recostou-se bruscamente e pôs a mão no cinto de segurança, embora o gesto fosse absolutamente inútil, porque para onde é que poderia ir?

O grandalhão viu o movimento e disse:

— Nós não te vamos fazer mal.

Ele parecia extremamente capaz de lhe fazer mal.

— Pois não — concordou o inglês, e ele, pelo menos, não parecia ser capaz de fazer grandes estragos. Ela já os estava a classificar em tipos de sujeitos maus: músculo e cérebro, embora ainda não tivesse visto provas reais desse último. — Nós só queremos respostas — acrescentou. — Por exemplo, porque é que o Tretheway andava atrás de ti? E qual é a tua ligação com a Biblioteca? E onde estavas quando travaste aquela luta? E aquela rapariga loura está bem? E porque é que aquele livro não teve qualquer efeito em ti? E...

— Para — disse Esther —, mais devagar, não percebo metade do que estás a dizer. De que Biblioteca estão a falar? E não foi o Trev... o Tretheway... não foi ele quem enfeitiçou os espelhos? Então vocês não estão todos do mesmo lado?

— Nós não estamos do lado do Tretheway — disse o grandalhão em voz alta, e depois, em voz mais baixa mas não menos furiosa: — O Tretheway é um cabrão de merda.

Esther sentia-se demasiado assustada e demasiado cansada para confiar nos seus instintos nesse momento... mas não conseguia deixar de pensar que nenhum daqueles dois parecia querer matá-la, o que era encorajador. Mas... últimas palavras fatídicas: não *sinto* que esteja prestes a ser assassinada.

O inglês levantou um dedo.

— Muito bem, primeiro as coisas mais importantes. Livros de magia. Porque não funcionam em ti?

Esther sentiu-se subitamente estonteada. Nunca tinha ouvido ninguém, fora da sua família imediata, reconhecer a existência de magia, e muito menos dizer tão claramente *livros de magia*; um termo que parecia quase ridículamente encantador em comparação com a sua experiência ao longo da vida. Foi a novidade daquilo, mais do que qualquer outra coisa, que a tornou subitamente sincera.

— Não sei — disse ela. — Eles simplesmente nunca funcionaram.

Os olhos dele — um injetado, o outro estranhamente branco em comparação — estavam fixos no rosto dela, penetrantes, como se ela fosse um manual de instruções numa língua que ele não entendia.

— Não sabes ler feitiços?

Ela não viu qualquer razão para mentir.

— Não.

— E não têm qualquer efeito em ti?

— Nenhum.

Os olhos dele arregalaram-se ainda mais e ele abanou a cabeça lentamente, depois com mais veemência. De seguida, do nada, desatou a rir.

Era o riso de alguém tão cansado que a sua exaustão se tinha transformado em energia, cheia de eletricidade, crepitante, meio-histórica.

— Oh, Jesus! — exclamou, pondo a cabeça entre as mãos, ainda a rir.

— Oh, não.

— O quê? — perguntou ela. — Que foi?

Ele voltou a abanar a cabeça, com os ombros a estremeceram.

— *O quê?* — disse o grandalhão, e, por um breve momento, Esther sentiu-se consolada por não ser a única que estava perplexa.

— Eu já entendi — disse o inglês. — Já entendi porque é que a Maram nos enviou até ti. — Voltou a olhar para ela, com a boca ainda torcida num sorriso de maníaco. — Tu és como eu — acrescentou, e começou a rir-se de novo. — És o raio de uma Escriba.

Em Boston, estava a nevar.

— Devíamos ter saído em Los Angeles — disse Nicholas, a tremer no passeio em frente ao prédio pequeno e degradado a que Collins os tinha conduzido. Collins tinha subido os degraus de cimento e estava à espera de uma resposta à sua pancada retumbante na porta enquanto *Sir Kiwi* esticava a ponta da trela, à procura de um lugar para urinar no pequeno retalho de relva morta que, supunha Nicholas, passava por relvado.

— Que queres dizer com isso, Nicholas? — perguntou Esther. Ele e Collins tinham abandonado os seus nomes falsos quando estavam a sobrevoar o Pacífico Sul. — Não estás a adorar este tempo maravilhoso da Nova Inglaterra? — Ela estava a andar de um lado para o outro no passeio com muito mais energia do que Nicholas esperaria de alguém que não dormia desde que tinham partido da Nova Zelândia.

— É demasiado parecido com a Velha Inglaterra para o meu gosto.

Há quase trinta horas, no momento em que Nicholas e Collins atravessavam os terrenos da Biblioteca, tinha começado a cair uma chuva gelada, e Nicholas ainda não tinha aquecido totalmente desde então. Dava graças por Collins o lembrar de que precisava de um casaco adequado ou teria fugido de casa só com a camisola vestida. Organizara a sua mochila e a mala de transporte da *Sir Kiwi* numa espécie de névoa onírica que fazia com que o tempo se tornasse uma mistela pegajosa, movendo-se pelo quarto a pegar em coisas e a pousá-las novamente. Precisava da escova de dentes, obviamente, mas precisaria dos seus mocassins da *Church*? Precisaria do seu roupão de linho? E de botões de punho?

— Não, não, não — Collins dissera, tirando tudo da mochila e empurrando Nicholas para a cama. — Senta-te. Eu faço-te a mala.

Nicholas sentia-se demasiado cansado e atordoado para discutir. As únicas coisas que insistiu em levar foram o seu velho exemplar de *Os Três Mosqueteiros*, um saco de recolha de sangue enrolado e várias agulhas limpas, porque nunca tinha viajado sem elas, mais uma receita falsificada de insulina para que as autoridades de segurança não confiscassem as seringas. Sentira uma pontada de humilhação quando viu como Collins era rápido e eficiente comparado com ele, mas essa humilhação tinha desaparecido quando praticamente teve de carregar Collins através dos dois mil metros quadrados do terreno da Biblioteca protegido pelos encantos.

Já tinha visto pessoas atravessar encantos, naturalmente que sim, mas sempre dentro de carros, razão pela qual os efeitos eram mais breves e menos perceptíveis. Mas Collins mal conseguia manter-se de pé, com os olhos a revirarem-se nas órbitas como um cavalo a ter um ataque, e a murmurar disparates enquanto Nicholas o arrastava pela erva alta e molhada em direção à estrada, ambos a tropeçarem sob o peso nada desprezível de Collins. Assim que passaram o perímetro dos encantos, Collins tombara de joelhos e vomitara, praguejando, com os joelhos das calças encharcados na relva molhada pela chuva gelada. Depois levantou-se, endireitou os ombros como se nada tivesse acontecido, e partiu pelo passeio negro abaixo à procura de um carro para roubar.

O que deu a Nicholas mais uma razão para suspender o acordo de confidencialidade de Collins o mais depressa possível: queria saber onde ele tinha aprendido a fazer uma ligação direta em carros. Embora não fosse o que eles estavam a planear fazer naquele momento, ali em Boston. Iam arranjar um carro de forma legal, pedindo um emprestado. Ao que parecia.

Tinha sido ideia de Esther não apanhar a última parte do voo para Brattleboro, e, em vez disso, ficar em Boston e dirigirem-se para Vermont por conta própria.

— Mas os bilhetes... — disse Nicholas, num avião algures sobre o Midwest americano.

— Exatamente — disse Esther. — Podes confiar nessa tal Maram, mas, pela minha parte, eu não a conheço. Não me agrada a ideia de ela estar a par de todos os nossos movimentos, de estar a par dos nossos movimentos porque os *planeou*. Esta é a nossa única oportunidade de

baralhar um pouco o nosso rasto. Vamos acabar onde ela quer que acabemos, mas vamos fazê-lo à nossa maneira.

— Como? — Nicholas tinha exigido saber. — Precisas de identificação, de passaportes e de tudo isso para alugar um carro, portanto, seria tão localizável como apanhar um avião. O mesmo se passa com os autocarros, imagino.

Esther tinha ficado calada, o que significava que estava a admitir o ponto de vista dele — e Nicholas sentira-se discretamente satisfeito por já a conhecer o suficiente para adivinhar o significado daquela reação. Vinte e quatro horas de viagens de avião e de conversas concentradas tinham acelerado bastante as fases iniciais de mera familiaridade, e, a um quarto do caminho da sua vida, Nicholas pensava que poderia estar em vias de fazer a sua primeira amiga não remunerada.

— Eu posso arranjar-nos um carro — disse Collins.

Estivera calado durante a maior parte da conversa até então, porque esta tinha sido precedida pelo carrinho de *snacks*, do qual ele comprara uma embalagem unidose de *Cheez-its* que lhe tinha tomado a maior parte da atenção. Deitou as últimas partículas de pó cor de laranja na boca e limpou as mãos.

— Como? — disse Nicholas.

— Eu sou de Boston — respondeu Collins. — Tenho contactos.

— Família? — perguntou Nicholas, interessado pela perspectiva de ver os gigantes que deviam ter copulado para dar origem a Collins, mas este abanou a cabeça bruscamente.

— Contactos — repetiu. — Que nos podem arranjar um carro.

— Ele tem contactos que nos podem arranjar um carro — disse Esther a Nicholas.

— Sim, obrigado, eu ouvi, estou mesmo aqui.

— Então, está decidido — disse ela. — Não vamos apanhar o avião para Brattleboro.

E não apanharam. Em vez disso, logo que aterraram no terminal de Logan, procuraram uma cabina telefónica, algo que Nicholas nunca tinha visto a não ser em filmes. Collins enfiou-se nela e teve uma conversa telefónica curta mas intensa que resultara numa viagem de metro esqualida e ensurdecidora até àquela casa horrenda numa esquina indefinida de uma rua cinzenta da cidade.

Do lugar onde se encontrava, Nicholas podia ver uma lavandaria, um

pub irlandês, uma loja do Exército de Salvação, outro *pub* irlandês, uma pizaria e uma loja cujo letreiro era um hambúrguer rodeado por anéis planetários, como Saturno. Uma mulher de idade, com um cigarro entre os dentes, fez uma pausa para deixar que o seu rafeiro atarracado, parecido com um escaravelho, levantasse uma pata contra o pneu do carro de alguém e libertasse uma cascata de urina fumegante.

— Isso é muito chichi para um menino pequeno! — exclamou ela.

Se era assim que a outra metade vivia, pensou Nicholas, talvez ele devesse ter ficado e ter-se sujeitado à sua sorte na Biblioteca.

Esther parou de andar de um lado para o outro tão abruptamente que Nicholas olhou para cima e seguiu o seu olhar até à porta, que se abria. As costas largas de Collins escondiam quem se encontrava lá dentro, mas ele baixou a cabeça, escutou e de seguida virou-se e trotou pela escada até onde Nicholas e Esther se encontravam à espera.

— Ela quer que entremos antes de nos dar o carro — disse ele, passando a mão pelo cabelo. — Não digam nada, está bem? Exceto «por favor» e «obrigado» ou coisas do género.

— Quem é *ela*? — perguntou Esther.

— É a Lisa — disse Collins, já a subir de novo os degraus.

Esther seguiu-o disparada (aonde é que ela ia buscar aquela energia?), mas Nicholas hesitou, sentindo uma pontada de nervosismo. Apesar da sua curiosidade em ter um vislumbre da vida de Collins antes da Biblioteca, preocupava-o em parte que, quando ele e Esther partissem nesse dia, Collins não os acompanhasse. Ele optaria por ficar ali, na sua cidade, com a sua gente, livre de Maram e das máquinas da Biblioteca. Não era uma opção pela qual Nicholas pudesse recriminá-lo; afinal de contas, ambos, cada um à sua maneira, tinham a esperança de obter liberdade... embora que aspeto teria a liberdade de Nicholas não fosse claro.

Ele esperava que não se parecesse com Boston.

Seguiu Esther para dentro da casa.

A mulher que tinha aberto a porta — Lisa, presumivelmente — estava à espera deles no *hall* de madeira escura, que estava atulhado com casacos, botas e chapéus. Nicholas contava com uma pessoa duvidosa e abrutalhada, uma pessoa mais como Collins, mas Lisa não era nada disso. Era uma mulher negra de pele escura, com cerca de quarenta anos, um rosto largo e animado, batom roxo e um boné de baseball cor-

de-rosa desbotado da equipa de Cape Cod.

Estava a olhar para Nicholas e para Esther com interesse.

— São teus colegas de trabalho? — perguntou ela.

— Não — disse Collins. — Eu despedi-me.

A expressão dela, até àquele momento leve e um pouco trocista, mudou.

— Que queres dizer com «despedi-me»? Ninguém se despede.

— É complicado.

Lisa tinha uma pequena cruz de ouro ao pescoço. Brincava com ela enquanto o observava.

— Podemos dar-te um carro — disse ela. — Não podemos dar-te proteção. Sabes disso, não sabes?

— Eu pedi proteção?

Esther virou-se para Nicholas com uma sobrancelha levantada. *Mas que raio*, disse silenciosamente, formando as palavras com os lábios. Nicholas abanou a cabeça.

Lisa ficou a olhar para Collins até ele desviar o olhar, e de seguida suspirou.

— Provavelmente, nem me devia dar ao trabalho de fazer perguntas. Poderias dizer-me alguma coisa, mesmo que quisesse?

Nicholas sentiu que arregalava os olhos.

Collins respondeu:

— Não.

— Já imaginava — Ela olhou para baixo e pareceu reparar em *Sir Kiwi* pela primeira vez. — Muito bem! — exclamou. — Muito bem, isso é *giro*, meu Deus. Como é que ela é com os gatos?

— Na verdade, nunca conheceu um gato — disse Nicholas.

— Ele é britânico — disse Lisa a Collins. Soou como uma acusação.

— O Bowie também era.

Lisa pôs uma mão no coração.

— Bem-visto.

— Eu não sou britânica — disse Esther com vivacidade. — Obrigada por nos emprestar um carro.

— Não me agradeças até o veres — disse Lisa. — Ora bem, deixem aqui as vossas malas por agora e entrem. A Tansy vai trazer o carro, mas demora mais uns dez minutos. — Continuou a falar por cima do ombro e empurrou uma porta pesada para o apartamento do andar de baixo.

— Fiz um bolo de laranja ontem à noite, se tiverem fome.

— Aquele com álcool? — perguntou Collins.

— Se considerarmos que duas míseras colheres de sopa de rum são álcool.

Nicholas não queria saber de bolos. Tinha parado, fascinado, à entrada da sala de estar de Lisa. Nunca estivera numa casa normal. Estivera em inúmeros apartamentos de luxo, em hotéis e até mesmo em algumas pensões de luxo, mas nunca num espaço que existisse apenas para a vida quotidiana de alguém.

— Sentem-se — disse Lisa, e apontou para Collins. — Tu, vem comigo para a cozinha.

Saíram por um arco sem porta ao fundo da sala e Esther atirou-se imediatamente para um sofá que estava coberto por um lençol fúcsia que emitiu uma nuvem visível de pelo pálido de gato quando ela se sentou. Nicholas olhou para a sua roupa escura, e apesar de estar bastante cansado, decidiu não se sentar e agachou-se para soltar *Sir Kiwi* da trela para que ela pudesse explorar o espaço. Enquanto ela disparava como uma flecha para todos os cantos e fazia um inventário minucioso dos variados cheiros, Nicholas pôs-se a observar a sala com atenção.

— É normal uma casa ser tão... pequena?

Esther olhou em redor, incrédula.

— Esta sala é enorme.

— Hum — disse Nicholas.

Esther riu-se, recostando-se no sofá coberto de pelo de gato como se fosse de veludo. Embora se conhecessem há pouco tempo, ele tinha reparado que ela conseguia sempre parecer confortável, de alguma forma.

— Não estamos habituados a visitar as casas dos plebeus, pois não, príncipe Nicholas?

— Eu não sou príncipe — disse Nicholas. — Tecnicamente, sou apenas um barão bastante menor.

— Perdão, Vossa Majestade.

— O honorífico correto é milorde.

— Não — disse Esther. — Nem mesmo como piada.

Nicholas voltou à tarefa de catalogar a mobília desirmanada à sua volta. O sofá fúcsia era quase discreto em comparação com um dos cadeirões, que estava estofado num tecido às riscas laranja e amarelas, e

no outro cadeirão, apesar de ser de um tom castanho neutro convencional, havia um monte de almofadas com os tons do arco-íris. Havia apenas um tapete em cima das tábuas do soalho, um *Boujad* marroquino verde-menta que podia ter sido bonito em tempos, mas que estava no fio.

Nicholas tinha lido a expressão «no fio» nos livros, mas nunca *vira* a realidade que ela descrevia.

As paredes estavam cobertas de arte, alguma da qual era muito bonita — um retrato a óleo com moldura dourada de um gato preto-e-branco com uma cauda pequena, a dormir num jardim — e alguma da qual era francamente perturbadora. Aproximou-se para examinar um desenho de uma mulher nua com uma mata de pelos púbicos que estava a tirar uma cobra de três cabeças da vagina. Parecia encantada com aquilo. Nicholas recuou novamente.

Bem, pelo menos, aquele lugar era quente. Deliciosamente quente, de facto, o tipo de calor que ia directamente ao seu âmago gelado, percorrendo-lhe os ossos como ouro derretido. Era um calor que só podia vir de uma chama, o que significava que devia haver uma lareira algures, embora não lhe cheirasse a fumo.

No momento em que aquele pensamento lhe passou pela cabeça, Esther disse:

— Nicholas.

Ele virou-se. Ela tinha-se levantado do sofá e estava agachada no canto da sala, a olhar para alguma coisa. Ele aproximou-se dela e descobriu que o que chamara a atenção a Esther não era mais do que uma grande pedra, pousada sem adornos no chão de madeira. Além de, tanto quanto Nicholas sabia, o lugar das pedras, geralmente falando, não ser nas casas, aquela não tinha nada de especial.

— Sim, ela tem um gosto bastante estranho, não tem? — disse ele.

— Chega aqui — disse Esther.

Com relutância, Nicholas ajoelhou-se no chão ao lado dela. *Sir Kiwi*, encantada por ver seres humanos mais próximos do seu nível, foi a trote juntar-se a eles. Nicholas prestou atenção à pedra, examinando os contornos cinzentos, as pintas de mica. De alguma forma, estava ainda mais quente ali em baixo, e ele arregaçou as mangas da camisola.

— Depois de uma inspeção mais atenta, vejo que, sim, é de facto uma pedra — disse Nicholas.

— Põe a mão por cima dela — disse Esther. — Mas não lhe toques.

Fazendo-lhe a vontade, Nicholas obedeceu, mas um segundo depois afastou a mão com um grunhido.

— Está quente!

— Sim — disse Esther. — Tenho quase a certeza de que está a aquecer esta sala toda.

Ele olhou mais de perto para a pedra e viu, pouco perceptíveis se não se estivesse à procura, manchas castanho-escuras que deviam ser sangue.

— Mas isso é...

Esther acenou com a cabeça.

— Magia.

— Não imaginam o que esse feitiço poupa nas contas do aquecimento — disse Lisa, saindo da cozinha seguida por Collins, que trazia um prato com fatias de bolo.

Esther perguntou:

— Propano ou elétrico?

Lisa fez um ar divertido.

— Elétrico. Porquê?

— Curiosidade profissional. — Esther pôs-se de pé.

— Tem um livro — disse Nicholas a Lisa, porque não conseguia pensar na forma correta de fazer a pergunta.

— Temos muitos livros — corrigiu Lisa, e olhou de lado para Collins.

— Não graças ao teu patrão.

— O patrão dele? — Nicholas começou a dizer, mas Collins lançou-lhe um olhar cortante a silenciá-lo.

— O bolo está muito bom — disse Collins, pousando o prato numa mesa de apoio aos sofás espelhada. — Comam uma fatia.

Sir Kiwi soltou um ganido tão excitado que era quase um uivo, e Nicholas viu um pequeno gato branco entrar na sala, com a cauda espetada e a balançar. O gato olhou para Nicholas com os seus olhos verdes e depois soltou um silvo de aviso quando *Sir Kiwi* se aproximou, mostrando dentes afiados como agulhas. *Sir Kiwi* deitou-se imediatamente de costas.

Esther perguntou, com a boca cheia de bolo:

— Durante quanto tempo é que esse feitiço de aquecimento funciona? Quero dizer, quantas utilizações obtém dele?

— É isso que o torna tão bom — disse Lisa. — Uma vez ativado na

pedra, mantém-se quente até acabarmos o feitiço. Por isso, guardamo-lo na cave num minifrigorífico desligado durante o verão e nunca o desativamos.

— Isso é que é um feitiço que eu gostava de ver — disse Nicholas, e absteve-se de repetir as palavras de Esther: *curiosidade profissional*.

Lisa desviou o olhar para Collins.

— Lamento — disse. — Prometi não te levar lá acima. Para citar a Tansy, nós não fazemos visitas guiadas a traidores.

O rosto de Collins enrugou-se um pouco, ficando com uma expressão abatida.

— Quem é esse «nós»? — perguntou Esther. — Você e a Tansy?

Lisa estava a olhar fixamente para Collins.

— Acho que continuas a ter o hábito de esconder coisas dos teus amigos. — E a Esther, disse: — Há muitos mais de nós do que apenas eu e a Tansy. O número de membros subiu para vinte e oito desde a nossa última reunião.

— Membros? — disse Nicholas.

Lisa acenou com a cabeça, mas não entrou em pormenores.

— Sei que já nos está a fazer um favor — disse Esther —, mas, por acaso, não terá um computador que eu possa usar? Preciso de enviar um *e-mail*. — Lisa hesitou e Esther acrescentou: — Juro que não tem nada que ver com... tudo isto. É pessoal. Pode ver-me a escrevê-lo se isso a fizer sentir-se mais segura.

Com um encolher de ombros, Lisa foi buscar um portátil velho coberto de autocolantes políticos e abriu-o, martelando a palavra-passe nas teclas gastas. Nicholas reparou que o ecrã precisava de uma boa limpeza. Ela abriu uma janela de navegação e empurrou o portátil sobre a mesa de apoio aos sofás para Esther, que se debruçou sobre ele e entrou no seu *e-mail*, a olhar ansiosamente. Alguma coisa no ecrã a fez arfar como se tivesse apanhado um soco, e Nicholas decidiu que valeria a pena ficar com pelo de gato na roupa para satisfazer a sua curiosidade e sentou-se ao lado de Esther no sofá.

O *e-mail* que ela estava a ler estava todo em maiúsculas.

ESTHER, ESTÁS A BRINCAR COMIGO COM ESTA MERDA? DESAPARECES A MEIO DA NOITE E DEIXAS-ME ESTA CARTA COMPLETAMENTE INADEQUADA A PROMETER «EXPLICAÇÕES»? «UM DIA»? NÃO QUERO EXPLICAÇÕES UM

DIA, QUERO-TE DE VOLTA AQUI, EM PESSOA, ONTEM. ONDE RAIÓ É QUE TE METESTE? NEM SEI POR ONDE COMEÇAR COM A RAIVA OU A MÁGOA OU A PREOCUPAÇÃO QUE TENHO POR TI. TENHO UM BRAÇO PARTIDO, POR AMOR DE DEUS, NÃO TENS PIEDADE. AQUELE TIPO NOVO, O TREV, ESTÁ DESAPARECIDO E TODA A GENTE PENSA QUE ELE FOI PARA O GELO E MORREU NUM BURACO ALGURES. POR FAVOR, DIZ-ME QUE NÃO ESTÁS LÁ FORA NO GELO NUM BURACO. ESTOU TÃO ZANGADA CONTIGO!!!!!!!!!!!!

Esther olhou para cima, com as faces coradas. Lisa e Nicholas estavam ambos a olhar sem pudor por cima dos ombros dela, extasiados.

— Que foi? — quis saber Collins. — Lê-o em voz alta.

— De maneira nenhuma — disse Esther.

— É da rapariga que ela abandonou na Antártida — disse-lhe Nicholas.

— A Joia? — perguntou Collins.

— A Pearl — disse Esther, e debruçou-se mais sobre o portátil para esconder o ecrã enquanto escrevia uma resposta, mas Nicholas e Lisa debruçaram-se com ela. — Malta — implorou Esther.

— Tu disseste que eu podia ver — lembrou-lhe Lisa.

Nicholas não se deu ao trabalho de inventar uma desculpa e limitou-se a ler em voz alta, para benefício de Collins, o que Esther escrevia:

Querida Pearl, estou tão contente por ler a tua voz, mesmo que estejas a gritar comigo por *e-mail*. Não estou no gelo dentro de um buraco, estou bem, exceto no que diz respeito a sentir-me na merda por te ter deixado. Não posso estar aí, mas prometo que entrarei em contacto em breve e explicarei. Até lá, por favor, tenta confiar em mim quando digo que tinha mesmo de partir. Estou sempre a pensar em ti e sinto a tua falta de muitas maneiras que não posso escrever porque estou num computador público.

— Vá lá, escreve as maneiras como sentes a falta dela — disse Collins.

— Sim, nós não nos importamos — acrescentou Nicholas.

— Ora bem — disse Lisa, inclinando-se para trás —, vamos dar um pouco de privacidade à rapariga.

Nicholas lançou-lhe um olhar de quem se sentia traído, mas virou-se

para que Esther pudesse terminar o *e-mail* em paz. Nunca sentira tanta paixão em maiúsculas por outra pessoa como Pearl parecia sentir por Esther, e certamente nunca ninguém se sentira assim por ele. Contava ficar triste com essa constatação, mas, em vez disso, descobriu que estava principalmente curioso. Se conseguisse libertar-se da Biblioteca de uma vez por todas, se comesse a ter uma vida segundo os seus próprios termos, talvez a paixão com maiúsculas viesse a ser um sentimento que poderia encontrar algum dia.

Esther fechou o portátil no momento em que soou um estrondo abafado da entrada.

— Deve ser a Tansy com o carro — disse Lisa, levantando-se. — Já comeram todos bolo suficiente?

Voltaram a atravessar a entrada escura e Nicholas lançou um último olhar curioso para aquela sala de estar soalheira, aquecida pela magia. Nunca tinha visto um livro ser utilizado daquela forma, para fazer algo prático em vez de luxuoso, e despertou algo no seu peito, uma brasa há muito adormecida. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu vontade de escrever sem ser por encomenda, apenas por interesse pela própria magia. Quis pensar no que ela poderia fazer; em como poderia ser útil. Em como ele poderia ser útil.

Lá fora, encostada ao capô de um carro vermelho riscado, estava uma mulher branca, alta e corpulenta, com o cabelo em duas longas tranças prateadas tão grossas como cobras. Devia ter mais de sessenta anos, e trazia vestido um macacão de lã de xadrez que parecia tão quente que Nicholas nem sequer podia criticar-lhe a fealdade. Aquela era Tansy, supôs ele. Tansy fitou Collins com frieza, a fazer tilintar as chaves na mão. Tinha tatuagens desbotadas nos dedos nus, viu Nicholas, que reconheceu os quatro naipes do *tarot*: uma taça, uma varinha, uma espada e um pentagrama.

— O filho pródigo regressa — disse Tansy, numa voz rouca mas ressonante. Desviou a sua atenção diretamente para Esther. — Olá. Sabes conduzir com mudanças?

Esther deu imediatamente um passo em frente, toda olhos brilhantes e covinhas.

— Claro que sei — respondeu.

— Claro que não! — disse Collins.

Tansy virou a cabeça para o fitar, com as tranças a balançar.

— Na última vez em que te vi a conduzir com mudanças, deixaste o carro ir abaixo numa autoestrada.

— Isso foi, tipo, há dez anos!

— Foi há dois.

— Eu sou a única que sabe para onde vamos, de qualquer maneira — disse Esther, e Tansy deixou cair as chaves na sua mão estendida. — *Obrigada.*

— Relembra-me porque é que lhe estamos a emprestar um carro? — perguntou Tansy a Lisa, e, antes que esta pudesse responder: — Julguei que já terias posses para comprar uma centena de carros.

— Pois, seria de esperar que sim — disse Collins.

— Estás a pensar telefonar à tua irmã?

Nicholas inclinou-se para a frente, interessado.

— Neste momento, não posso — disse Collins. — Não lhe digas que passei por aqui, está bem? Não é seguro.

Lisa, que tinha vindo para junto de Tansy, franziu a testa.

— Devíamos preocupar-nos?

— A opção é vossa — disse Collins.

— Oh — disse Tansy. — Queres falar de opções?

— Eu só quero o carro, malta. Vá lá.

— Está bem, está bem — disse Tansy. — Leva-o, é teu. Não precisamos dele de volta tão cedo, por razões óbvias. — Fitou Collins com os olhos semicerrados. — Como tu, está a caminho de se tornar lixo.

— Tansy! — exclamou Lisa.

— Ai — disse Collins, mas sorriu a Tansy, e ela estendeu a mão e apertou-lhe o braço. Qualquer que fosse a zanga entre eles, havia também afeto, e Nicholas teve o pensamento súbito de que Tansy, de alguma forma, devia ser da família de Collins.

— Entra — disse Collins a Nicholas, e ele enrolou a trela de *Sir Kiwi* à volta da mão, a puxá-la para si.

— Esse pompom fofinho vai com vocês? — perguntou Tansy.

Collins deu uma palmada no ombro de Nicholas quando ele passou.

— Ele é mesmo fofinho.

— Ah, ah — disse Nicholas, concentrado em abrir a mala. O puxador parecia enferrujado. Por fim, a porta rangeu e ele começou a meter na mala os poucos sacos de viagem deles, torcendo o nariz ao ver

o interior de tecido sujo.

O carro em si era mais velho do que qualquer outro veículo em que Nicholas alguma vez tivesse entrado: os bancos eram de vinil bege que se tinha rasgado em algumas das costuras, revelando um enchimento esfarrapado e de aspeto infestado, e as partes metálicas que rodeavam as rodas estavam cheias de ferrugem. Nicholas sentou-se no banco de trás por hábito, afivelando a caixa de transporte de *Sir Kiwi* ao seu lado antes de deixar cair uma guloseima dentro dela e de persuadir a cadela a entrar.

Esther e Collins tinham-se instalado na frente. Lisa estava a inclinar-se para dentro pela janela do lado do condutor para falar com Esther sobre o que parecia ser uma situação complicada com os faróis. Collins estava dobrado no banco do passageiro, de braços cruzados, claramente nada satisfeito com a sua posição, e Nicholas sentia-se contente por estar no banco de trás, onde nada lhe era exigido.

Acenou pela janela para as duas mulheres e inclinou a cabeça para trás, com as pálpebras a baixarem-se quase de imediato como se estivessem pesadas. O carro arrancou por baixo dele com um rugido, e ele sentiu-os afastarem-se do passeio, mas não conseguiu abrir os olhos.

— Quem eram aquelas pessoas? — perguntou Esther.

— A Lisa e a Tansy — respondeu Collins.

— Gostei delas.

— Claro que gostaste. — A sua voz soava muito distante.

Depois do que pareceram meros segundos, Nicholas voltou a prestar atenção. O carro estava a andar depressa. Via um borrão de árvores pela janela em vez de edifícios, e Collins estava ajoelhado para trás no banco do passageiro, inclinado sobre a consola central, para abrir o fecho da mala transportadora de *Sir Kiwi*. Imobilizou-se quando Nicholas abriu o olho com que via.

— Adormeci — disse Nicholas.

— Sim — disse Collins. — A *Sir Kiwi* estava a ficar choramingas, presa na sua caixa de cão.

Nicholas acenou a Collins para que se sentasse e tratou ele próprio de *Sir Kiwi*, deixando-a sair para explorar o banco de trás. Sentia-se grogue e fatigado.

— Quanto tempo estive a dormir?

Collins olhou para Esther.

— Uns trinta minutos, talvez — disse Esther. — Não muito tempo. Volta a dormir, se quiseres.

Ele queria, mas, em vez disso, procurou no bolso do seu casaco e encontrou o colírio. A prótese do olho parecia ter sido revolvida em areia.

— Quem eram as tuas amigas? — perguntou a Collins.

— A Lisa e a Tansy — disse Collins, tal como tinha dito a Esther.

— Oh, deixa-te de coisas. O que é que a Lisa quis dizer quando disse que não te podia dar proteção? Como é que elas sabem dos livros? O que é essa coisa de membro de que estava a falar? Porque é que a Tansy está tão zangada contigo? Eles sabem do teu acordo de confidencialidade? Porque é que?...

— Olha, podes fazer perguntas até te doer a garganta, mas eu não posso falar sobre isso — disse Collins. — Literalmente. Não posso. Se queres respostas, cumpre a tua parte do que combinámos.

Quebrar o seu acordo de confidencialidade. Nicholas espremeu outra gota no olho, resistindo à vontade de esfregar.

— Este veículo tem aquecimento? Estou gelado.

— Está ligado — disse Collins, pondo uma mão sobre o respiradouro da frente. Nicholas enfiou as mãos hirtas de frio nas mangas e pôs *Sir Kiwi* no regaço, mas até os cobertores mais pequenos eram mais eficazes quando não se contorciam.

— A mim parece-me quente — disse Esther.

— O Nicholas está doente — informou-a Collins.

— Oh, vá lá — disse Nicholas.

— Estás? — perguntou Esther, olhando para ele pelo espelho retrovisor.

— Ele é anémico — explicou Collins. — Por razões óbvias.

Esther não percebeu logo. Depois disse:

— Os livros. — Franziu as sobrancelhas e os lábios. — Quanto mais me falas dessa Biblioteca, mais confusa fico sobre como é que alguma vez pensaste que as pessoas que são donas dela eram, não sei, os bons da fita?

— Nunca disse que achava que eram bons — disse Nicholas. — Simplesmente não pensei em nenhuma das hipóteses. Quando estás a crescer, não te perguntas se a tua família é *boa*, pois não? Especialmente se não conheceres mais nada. Eles são apenas a tua família.

— E suponho que serem, tipo, loucamente ricos ajudou a aceitar as coisas.

Nicholas sentiu uma pontada de irritação, e Esther, cujos olhos estavam na estrada, deve ter sentido a sua reação de alguma forma, porque se apressou a acrescentar:

— Não estou a gozar contigo por seres rico. Isso é claramente o território do Collins, eu não me atreveria a invadi-lo.

— Obrigado — disse Collins.

— Só quero dizer que — acrescentou Esther —, quando as coisas são muito bonitas e confortáveis à superfície, pode ser mais difícil ver a fealdade por baixo.

— Nem tudo foi feio — disse Nicholas, embora não soubesse por que razão sentia a necessidade de protestar. Sentia-se demasiado cansado para ter aquela conversa. — O meu tio herdou a totalidade da Biblioteca, herdou o legado da nossa família. É muita responsabilidade. Eu deveria saber, sendo como sou o próximo na linha de sucessão.

— É uma responsabilidade fabricada — disse Esther. — A tua família assumiu essa responsabilidade de propósito, tal como a minha família fez. Tu dizes «responsabilidade», eu ouço «poder».

— Bem, não são a mesma coisa?

— Não! E, de qualquer modo, não sei como podes defender o homem que me dizes que encenou um rapto e cometeu um ato de violência real contra ti para te manter fiel a ele.

Os dedos de Nicholas apertaram-se no pelo de *Sir Kiwi*.

— Eu não o estou a defender — disse.

— Deixa-o em paz — disse Collins. — Ele soube da coisa do olho há quanto tempo, setenta e duas horas? Vai demorar um segundo.

— Que é que vai demorar um segundo? — quis saber Nicholas. — Eu vim-me embora, não vim? Não tenho direito a algum crédito por me ter vindo embora?

— Tens — disse Collins.

O carro ficou em silêncio durante algum tempo, apenas o chiado alto do motor e o bater das rodas no pavimento se ouviam. Nicholas encolheu-se e ficou a olhar para o borrão verde das árvores que passavam e para as filas constantes de trânsito que aguardavam a sua vez nas saídas.

Depois, perguntou a Esther:

— E a tua família?

— O que tem?

— Sabe que estamos a chegar?

— Não — respondeu Esther. — A Joanna não tem telefone. E quero deixar a Cecily, a minha mãe... bem, a minha madrastra... fora disto, por agora.

— Então, vais aparecer ao fim de tantos anos, pumba, sem aviso? — perguntou Collins.

— Quanto menos pessoas souberem dos nossos planos, melhor — disse Esther. — Ainda não estou convencida de que a tua amiga, a Maram, não esteja a tentar juntar-nos todos num só lugar para nos assassinar. Especialmente se tiveres razão e eu for... o que quer que pensas que sou.

— És — disse Nicholas, pela centésima vez.

A dúvida dela frustrava-o. Tinham dois eixos de provas inegáveis: a sua total invulnerabilidade à magia e as ordens do pai para se mudar todos os anos coincidirem exatamente com a ativação da busca anual do Escriba por parte de Richard.

E havia ainda o facto de Richard ter dito a Nicholas, vezes sem conta, durante toda a sua vida, que ele era o único e o último da sua espécie.

Poucos dias antes, a insistência de Richard poderia ter parecido uma prova na direção oposta, mas, independentemente do que Esther dissesse sobre a lealdade de Nicholas, este estava a começar a aceitar que quase tudo o que sabia sobre si próprio tinha sido uma mentira, pelo que era lógico que essa mentira, em que assentara a formação de toda a sua identidade, também fosse falsa.

— Vamos pô-lo à prova assim que chegarmos à tua casa — disse ele.

— Achas que vais conseguir arranjar abrunheiro?

— Não faço ideia — disse Esther —, porque não faço ideia do que isso é.

— É uma árvore — disse Nicholas. — As bagas, os ramos ou as sementes servem, mas pode ser difícil de encontrar, talvez tenhamos de telefonar para uma loja especializada para obter algumas sementes, ou... — Parou de falar, porque Esther estava a sorrir-lhe pelo espelho.

— Nicholas — disse ela. — Se estás a perguntar sobre ervas, expliquei-me mal quando te falei da minha irmã. Ela é toda uma loja da especialidade.

— Que é que o abrunheiro faz? — perguntou Collins, virando-se no assento para olhar para Nicholas, com uma expressão de esperança cautelosa no rosto.

— Muitas coisas — respondeu Nicholas —, mas, nesta circunstância em particular, vai ajudar a quebrar o feitiço do teu acordo de confidencialidade. Um feitiço que aqui a Esther vai escrever.

— Oh, ótimo — disse Collins. — Entrega-me nas mãos de uma amadora. — Mas os seus olhos estavam a enrugar-se nos cantos.

Esther, por outro lado, ficou em silêncio, tal como ficara em relação àquele assunto desde que Nicholas tinha juntado dois mais dois, quando estavam a sobrevoar a Nova Zelândia. Ele conseguia sentir a descrença a esvair-se dela em ondas, e, por baixo disso, algo mais. Algo tenso e amargo que não fazia sentido para ele. Ela não devia sentir-se contente por lhe dizerem que aquilo que sempre pensara ser uma fraqueza era de facto a forma mais profunda de poder?

Se alguém devia sentir-se triste, pensou Nicholas, era ele. E havia uma pequena parte infantil de si próprio que não gostava de acreditar que, afinal de contas, não era especial. Único. Ele e só ele.

Mas, quando se era o único, isso significava que se estava sozinho.

Nicholas tinha estado sozinho toda a vida. Os últimos dias desfocados tinham sido terríveis: uma reviravolta completa da sua vida inteira, revelações horríficas que ainda nem sequer tinha começado a processar, e ele não estava *adoentado*, Collins, mas não podia negar que se sentia absolutamente arrasado. No entanto, apesar de tudo isso, também se sentia mais entusiasmado do que já se sentia há anos. Quase atordoado. É verdade que perdera muito sangue, que sofrera uma série de choques e que mal dormira, portanto, as suas emoções podiam não ser totalmente racionais — mas mesmo assim.

Ajudando-o a fugir, Maram provara de uma vez por todas que gostava dele; ele e Collins estavam talvez, possivelmente, a tornar-se amigos; ele e Esther podiam talvez, possivelmente, tornar-se amigos; *Sir Kiwi* estava a salvo; e ele não estava sozinho.

— Ei, Nicholas? — disse Collins, olhando-o pelo espelho retrovisor.

— Ei, Collins?

— É sinistro como o caraças quando sorris para contigo dessa maneira.

Nicholas fez um sorriso mais rasgado. Esther saiu da autoestrada

demasiado depressa. Collins segurou-se contra a janela.

Joanna estava ao balcão da cozinha a tentar abrir um frasco de tomate bem fechado quando ouviu um motor. Ficou paralisada, com o frasco na mão e uma faca da manteiga pronta a ser enfiada debaixo da tampa, e pôs-se à escuta. Lá estava ele: um chocalhar que soava mais próximo do que o sopro ocasional dos camiões que passavam e que ela ouvia no inverno, quando as árvores sem folhas deixavam passar os sons da estrada de província pelo caminho comprido até à casa.

Pousou o frasco de tomate.

Com certeza era uma ilusão auditiva do vento, um ruído de alguma forma transportado da rua distante. Os seus sentidos esticaram as trelas, verificando o que um cão poderia ter sentido sem mexer uma orelha, mas o som, em vez de passar, de se desvanecer, de desaparecer, estava a aproximar-se. Era o som de um motor — de um carro —, alto, e estava na entrada da casa.

Mas isso não era possível. Joanna deu um passo e parou, deu outro passo e parou. De repente, o seu coração começou a bater tão depressa que se sentiu sem fôlego. Não sabia o que fazer. Já passava das sete e tinha acabado de ativar os encantos, sentira o formigueiro e o zumbido quando eles se reafirmaram, portanto, aquele som, aquele carro, aquela aproximação, *não era possível*.

Ficou com as palmas das mãos húmidas no espaço de segundos. Limpou-as às calças de ganga. Havia uma espingarda de caça no armário do corredor das traseiras, e apressou-se a ir buscá-la, embora, mesmo quando sacudiu as balas da caixa amolecida pelo tempo e as introduziu no cano, tivesse recuado perante a ideia de disparar de facto sobre alguém. Quanto tempo é que tinha para se habituar à ideia? Um minuto? Menos?

O veículo estava a aproximar-se, a rosnar.

Joanna foi até à porta e apagou a luz do corredor. Daquele ângulo, conseguia ver o caminho escuro da casa pela pequena janela de quatro vidraças, mas não poderia ser vista. A espingarda parecia escorregadia nas mãos suadas, e ela ouvia-se ofegar em arquejos rápidos. O pânico não ajudaria. Forçou-se a assumir uma postura calma, relaxando os ombros, descerrando os maxilares, a tentar fazer com que o corpo enganasse a mente, mas, enquanto o fazia, os faróis de um carro brilharam por entre os ramos finos e outra onda de adrenalina deu um nó em todos os músculos que conseguira relaxar. O carro fez a curva no caminho da casa e apareceu à vista.

Joanna inclinou-se para a frente, desesperada por vislumbrar os passageiros através do para-brisas da frente do carro, mas o sol tinha-se posto e estava demasiado escuro para ver alguma coisa até o carro parar junto à sua carrinha e a luz do alpendre iluminar duas figuras no banco da frente.

Uma delas era uma pessoa grande e quadrada, e a outra era pequena e tinha muito cabelo escuro. Foi tudo o que Joanna conseguiu distinguir à primeira vista. A pessoa grande atraiu o seu olhar, mas, mesmo quando a sua atenção se prendia receosa nos ombros largos, outra parte dela tentava lentamente apreender o outro passageiro. A silhueta dos dois atingiu-a no fundo do estômago e sentiu-se sobressaltada com uma súbita vertigem. O seu corpo tinha reconhecido a pessoa que vinha ao volante antes de o cérebro o alcançar.

Mas então o seu cérebro alcançou o corpo.

A condutora virou-se na direção da luz e Joanna viu, clara e inacreditavelmente, que era a irmã.

O rosto de Esther ficou registado simultaneamente em todas as partes da consciência de Joanna. Foi como se uma bomba-relâmpago tivesse explodido dentro da sua cabeça; os seus ouvidos começaram a zumbir, o coração a bater descontrolado. Esther. Esther estava *ali*, no caminho da casa. Joanna fechou os olhos e abriu-os novamente. Esther não tinha desaparecido. Esther desligou o motor do carro.

Joanna não se conseguia mexer, mal conseguia respirar, e saltou uns dois centímetros e meio do chão quando a espingarda lhe escorregou dos dedos e bateu nas tábuas do chão com um baque. Ela apanhou-a de novo, a tremer. Viu a irmã — a irmã dela, ali, em casa — passar as mãos

pelo cabelo e dizer qualquer coisa à pessoa que estava ao seu lado. De seguida, ela saiu do assento da frente do carro e o som da porta do carro a fechar-se foi tão alto, tão tangível, que fez ricochete no corpo de Joanna como um tiro.

Ela recuou da porta de casa, com a mão livre a pressionar o peito, a outra ainda a agarrar a arma. Quantas vezes é que sonhara com aquilo? Com a irmã a regressar a casa? No entanto, a única coisa que conseguiu fazer naquele momento foi espreitar pela janela como se fosse um ecrã de televisão, como se o que quer que estivesse do outro lado não pudesse passar para o seu lado, para a sua vida.

Esther estava agora fora do carro e de pé junto ao capô. Olhava para a casa, com o rosto ainda imóvel e ilegível nas sombras — e mais velho, adulto. Atrás dela, uma terceira pessoa na qual Joanna não tinha reparado saiu do banco de trás, juntamente com um pequeno tufo de pelo, mas Joanna não conseguia desviar os olhos da irmã.

Esther respirou tão fundo que foi visível na subida e descida do peito, depois virou-se e contornou o carro até ao lado do passageiro. Abriu a porta e inclinou-se para puxar a outra pessoa para cima. As duas outras pessoas pareciam ser homens e, embora o maior fosse muito, muito mais alto do que Esther, e muito, muito mais encorpado, agarrava-se ao ombro dela como se fosse cair sem esse apoio, o que, graças aos encantamentos, provavelmente aconteceria.

O passageiro do banco de trás, no entanto, parecia inacreditavelmente inalterado. Andava de um lado para o outro no pátio escuro da frente, com o rosto virado para o céu e não para a casa, e não parecia nada estonteado ou confuso.

Estavam a umas três carrinhas de distância da casa e ela conseguia ouvir as suas vozes, embora não conseguisse perceber o que diziam. O homem que andava de um lado para o outro no pátio tinha chegado à fila das árvores, e Esther chamou-o em voz alta, acenando-lhe para que voltasse para junto dela. Mesmo sem perceber as palavras, a voz da irmã atingiu Joanna como um martelo contra vidro. Não tinha mudado, aquela voz. Soava como a infância de Joanna, iluminada pelo sol, segura e desaparecida.

Tanto Esther como o outro homem estavam agora de pé de cada lado do grandalhão, suportando o peso dele. Estavam a dirigir-se para o alpendre e o seu brilho amarelo. Chegaram aos degraus do alpendre. Se

um ou outro olhasse para cima, veria o rosto pálido de Joanna a fitá-los do outro lado do vidro, mas estavam ambos concentrados no seu companheiro, fazendo-o dobrar as pernas para subir a escada. Conseguiram puxá-lo para cima do primeiro degrau. Depois do segundo. Faltavam dois degraus.

Não houve tempo suficiente para Joanna juntar todos os pedacinhos que se tinham estilhaçado ao som da voz da irmã.

Por isso, endireitou-se, atirou os ombros para trás e assumiu uma postura de controlo. Aquela era a sua casa. Acendeu novamente a luz do corredor. Abriu a porta.

Esther estava ali mesmo.

Ficaram a olhar uma para a outra. Joanna conseguia sentir como os seus olhos estava arregalados, mas não se sentia capaz de os controlar, e a boca de Esther curvou-se num sorriso, um reflexo, tão familiar. Por um momento, pareceu exatamente como era antes, igual à recordação que Joanna tinha dela, bem-humorada e adorável de uma forma que se tornava vívida com a energia, mas depois os olhos de Joanna começaram a catalogar as mudanças. O rosto da irmã continuava redondo, mas estava mais magro, o queixo mais pontiagudo, aquelas covinhas dos Kalotays mais fundas, e havia umas rugas ténues na testa que se vincavam quando ela levantava as sobrancelhas; uma expressão tão reconhecível que Joanna quase a podia sentir no seu próprio rosto.

— Olá, Jo — disse Esther. Acenou com a mão com que não estava a segurar o seu companheiro. — Surpresa!

Joanna quisera que Esther voltasse para casa desde o minuto em que ela tinha partido. Imaginara aquela cena tantas vezes ao longo dos anos, imaginara que abraçava a irmã mais velha, imaginara que chorava com a cabeça encostada ao cabelo dela, as duas a falar ao mesmo tempo, a fazer perguntas e a dar respostas, imaginara perguntas e respostas, imaginara acusações, desculpas e reconciliações. Naquele momento, porém, Esther estava ali, e Joanna não conseguia fazer nenhuma dessas coisas.

Sentia-se tão feliz por a ver.

E sentia-se tão zangada.

Não se tinha apercebido de como estava zangada — furiosa, na verdade. Furiosa por Esther se ter ido embora sem olhar para trás, por, ao que parecia, ter desistido do amor entre elas, por nem sequer ter

regressado para o funeral de Abe, deixara Joanna ali sozinha a apodrecer e a morrer naquela casa. Sentia-se tão furiosa que não conseguia falar.

O silêncio foi quebrado pelo homem grande, que soltou um gemido incoerente.

— Podemos entrar? — perguntou Esther. Os seus olhos desviaram-se para a espingarda ainda nas mãos de Joanna. — Eles estão do nosso lado, juro.

Joanna aclarou a voz.

— Que lado é esse?

— Há muitas coisas que preciso de te contar — disse Esther.

— Dez anos de coisas?

— Sim, mas... não... especificamente, tipo, setenta e duas horas de coisas.

— Olha para o pobre Collins — disse o passageiro do banco de trás, e Joanna ficou sobressaltada ao perceber que ele era inglês.

A cabeça do grandalhão — Collins? — rebojava-lhe nos ombros, e ele tinha o queixo descaído e gemia que fazia dó. Era uma visão patética, mas a atenção de Joanna foi desviada pela sensação de duas patas muito pequenas na sua canela, e, olhando para baixo, viu um cão a saltar para ela, de olhos brilhantes e nariz molhado. Era tão patentemente adorável que parecia que tinha sido inventado.

— Para baixo, *Sir Kiwi* — ordenou o inglês. — Ou a senhora simpática pode dar-te um tiro.

— Quem são estas pessoas? — perguntou ela à irmã. Queria que a pergunta lhe saísse num tom firme. Em vez disso, as palavras eram como um queixume. — Porque é que os esconjuros funcionam com o amigo dele, mas não com ele?

— Sou o Nicholas — disse o autoproclamado Nicholas, e estendeu a mão com tanta confiança que Joanna deu por si a apertá-la sem ter decidido conscientemente fazê-lo. Ele tinha dedos frios, um aperto de mão forte e um sorriso muito convincente num rosto bonito e ligeiramente maroto. — A tua outra pergunta tem uma resposta mais longa.

Joanna retirou a mão. Virou-se dele para a irmã, à espera, mas os joelhos de Collins cederam e ele começou a engasgar-se, e houve um turbilhão de movimentos para o pôr de gatos no alpendre.

Nicholas olhou para Joanna, com o rosto cheio de impaciência. Ela reparou que ele parecia muito cansado, com olheiras, a boca chupada, as faces pálidas sob uma ligeira barba arruivada.

— Não sei ler magia e não sei fazer feitiços — disse Nicholas. A sua preocupação com Collins parecia torná-lo mais inclinado do que Esther a responder a Joanna de forma sucinta. — Nem funcionam em mim. Isso inclui os teus esconjuros. Aqui o Collins não tem tanta sorte, obviamente.

A explicação dele deixou-a boquiaberta. Pensara que Esther era única na sua intocabilidade.

— Ele é como tu? — perguntou à irmã. Esther encolheu os ombros e desviou o olhar. Foi Nicholas quem respondeu.

— Mais do que imaginas. O que explicaremos em breve, mas o Collins não tem assim tantas células cerebrais para gastar, por isso, por favor, podes deixá-lo entrar antes que ele perca demasiadas?

Como parecia não valer a pena continuar a sustentar qualquer tonta aparência de poder, Joanna começou a recuar, depois fez uma pausa. Afinal de contas, tinha uma vantagem que queria fazer render.

— Ele pode entrar, mas com uma condição — disse ela, virando-se para a irmã e tentando que a sua voz não tremesse. — Tens de ver o livro que matou o pai.

Esther engoliu em seco.

— Eu faço-o — disse ela. — Ou o Nicholas, ele é que é o especialista.

— Não disseste nada sobre um livro assassino — disse Nicholas, parecendo alarmado. Mas acrescentou: — Eu vejo tudo o que quiseses, basta dizeres.

Joanna recuou e ficou a ver Esther e Nicholas puxarem o amigo para cima e para a frente — ficou a ver uns estranhos entrarem na sua casa pela primeira vez em toda a sua vida.

— *Sir Kiwi!* — chamou Nicholas por cima do ombro, e o cãozinho correu entre as pernas de Joanna e seguiu-os para dentro de casa. Ela fechou a porta atrás deles e virou-se.

Collins estava encostado à parede, parecendo ligeiramente doente, embora lúcido. Com os olhos bem focados e a cabeça erguida, Joanna viu o que lhe tinha escapado no início, mas que não podia deixar de ver naquele momento, mesmo no seu estado de alerta: ele era, para o seu misto de espanto e de interesse, muito bem-parecido.

— Jesus Cristo! — exclamou ele. — Aquilo foi tão mau como os esconjuros na Biblioteca.

— Pelo menos, desta vez, não tivemos de ir muito longe — disse Nicholas.

Até mesmo aquele trecho de conversa despertava mil perguntas na cabeça de Joanna. «Esconjuros», dissera Collins, tão casualmente como poderia ter dito «camião» ou «sandes». Conseguia sentir que Esther estava a olhar para ela, mas, como era demasiado difícil olhar a irmã nos olhos outra vez, dirigiu-se aos homens, recorrendo ao único guião que lhe tinha sido dado para aquele tipo de situação: o guião de Cecily como anfitriã.

— Têm fome?

— Estou a morrer de fome — disse Collins, tão alto que abafou as respostas de Nicholas e de Esther.

— Eu preparava-me para fazer *chili* — disse ela. — Troco o jantar por uma explicação.

— Depende — disse Esther. — Vais juntar manteiga de amendoim a esse *chili*?

Dessa vez, Joanna olhou para ela. Tinha feito *chili* com manteiga de amendoim uma vez, quando tinha doze anos, uma experiência culinária de que ela e Abe tinham gostado bastante, mas que Esther e Cecily tinham considerado uma blasfémia. Os olhos de Esther estavam brilhantes e atentos. Ela estava a dizer: *Eu ainda te conheço*.

— Adoro *chili* — disse Collins.

— Venham para a cozinha — disse Joanna.

Mesmo com as costas viradas, sentia a presença de Esther, sentia que ela estava a apreender a casa. Perguntou-se o que lhe estaria a passar pela cabeça depois de tanto tempo fora. Como tinha feito com Cecily, não conseguia deixar de reenquadrar a sua própria visão da casa, vendo-a através dos olhos da irmã: o ar gasto e desbotado de tudo parecia ainda mais gasto e desbotado do que o habitual. A alcatifa do corredor, outrora de cores vivas, estava no fio e esmaecida, as linhas dos estuques estavam menos definidas com a poeira acumulada e o chão da cozinha estava abatido à volta do centro, com o linóleo empenado.

— Adoro o estilo retro — disse Nicholas. — Vejam só este frigorífico cor de abacate.

Joanna olhou para ele para ver se estava a ser gozada, mas ele parecia

genuinamente entusiasmado, batendo com uma unha numa das panelas de cobre penduradas com um aceno de aprovação. A cadela, ao que parecia chamada *Sir Kiwi*, tinha feito questão de farejar todos os cantos, com as suas pequenas unhas a estalar enquanto se dedicava à tarefa.

— Está exatamente igual — disse Esther. — É como entrar numa memória. — Abriu a caixa do pão, que não continha pão, mas a coleção de molhos picantes avinagrados de Abe, como desde que eram crianças, alguns deles acastanhados com a passagem do tempo. Deixou-se ficar ali a olhar para os frascos vermelhos, com uma mão no pescoço. Joanna teve de se afastar antes que a sua própria dor subisse por ela e a dominasse.

Os dois homens puseram-se à vontade à mesa da cozinha, o que teve um efeito estranho e transformador na divisão, ter estranhos num espaço onde só a família alguma vez tinha estado. A cozinha parecia mais pequena e mais animada ao mesmo tempo.

— Água? — ofereceu Joanna. — Cerveja?

— Café, acho eu — disse Esther. — Tem sido um par de dias muito longos.

— Mas não lhe dês a ele — disse Collins. E para Nicholas: — Já tomaste café.

— Acho que deixámos essa regra na Biblioteca, não te parece?

— Não é uma regra da Biblioteca, é uma regra médica — disse Collins.

— Bem, já que eu não meti na mala chá de urtiga...

— Eu tenho urtiga — disse a Joanna.

— Eu bem vos avisei — disse Esther aos outros.

Os três pareciam estar a seguir conversas que não incluíam Joanna. Ela virou-se para a máquina de café enquanto eles tagarelavam entre si e deitou fora os restos azedados dessa manhã. Estava a sentir tantas coisas que era quase como se não sentisse nada. Uma palavra repetida, no entanto, tinha-lhe chamado a atenção.

— O que é a Biblioteca? — perguntou.

O pequeno grupo à mesa ficou em silêncio. Ela virou-se para os olhar de frente, mas os seus nervos estavam demasiado em franja para três pares de olhos, e ocupou-se antes do frasco de tomate que tinha abandonado, aplicando-se novamente na tampa.

— É um sítio tão bom por onde começar como qualquer outro —

disse Esther.

— A Biblioteca — disse Nicholas — é uma organização dedicada à recolha e à preservação de manuscritos raros e potentes em todo o mundo. — Parecia um locutor da BBC. — Temos parcerias com instituições veneráveis como o Museu Britânico, a Biblioteca Ambrosiana, Oxford, Cambridge e as universidades americanas mais prestigiadas, da Ivy League, além de fornecermos serviços de empréstimo e criativos a particulares.

Collins soltou um bufo vigoroso. Nas mãos de Joanna, a tampa do frasco soltou-se finalmente com um estalido e o aroma ácido e exuberante do tomate espalhou-se pelo ar, uma brisa de outra estação.

— Com «manuscritos raros» — disse Joanna — referes-te a...

Nunca tinha falado de livros com ninguém além dos seus familiares diretos e deu por si sem conseguir terminar a frase.

— Sim — disse Nicholas. — É uma organização familiar e eu cresci lá. Como tu cresceste aqui, pelo que sei.

— Quantos livros tem a Biblioteca? — perguntou ela.

— Oh — respondeu Nicholas —, uns dez mil?

Ela virou-se para o encarar.

— Dez *mil*?

— Andamos por cá há centenas de anos — disse ele. — O meu antepassado começou a colecionar a nível amador no princípio dos anos 1600, e, mais recentemente, o meu tetravô começou a emprestá-los, a estabelecer contactos, a arranjar capital... foi ele quem começou a disponibilizar o serviço de encomendas.

Joanna sentiu que a sua boca estava aberta e fechou-a lentamente. Colecionar a um *nível amador* — era isso que ela e o Abe tinham andado a fazer? Quando pensava no assunto, partia do princípio de que a sua coleção era uma das maiores, se não a maior. Por que outra razão alguém os teria visado e matado Isabel?

— Então, és mesmo um especialista — disse ela, engolindo o orgulho. — Ótimo. Eu disse que te deixava entrar se visses o livro do meu pai. Vê-lo agora?

— Ele faz isso amanhã — disse Esther. — Temos mais coisas para te contar agora.

Joanna ficou novamente chocada ao ver a irmã sentada à mesa da cozinha, bonita e adulta e ainda tão distante.

— Mas nós fizemos um acordo — insistiu.

— Jo — disse Esther. — O Nicholas não coleciona apenas livros.

— Tecnicamente, *eu* não os coleciono de todo — corrigiu ele. — A Maram tem o seu pequeno exército de funcionário no terreno para isso.

— Ele escreve-os — disse Esther.

Joanna tinha uma metade de uma cebola na mão esquerda, que ainda estava enfaixada. Sob a gaze, o corte estava a cicatrizar bem, enquanto no frigorífico a sua tinta inútil e não-mágica ainda se encontrava no seu recipiente, escura de sangue e cinzas.

— Que queres dizer? — perguntou.

— *Sir Kiwi* — disse Nicholas, dirigindo-se à cadela, que estava empenhada na tentativa de raspar um canto de azulejo descascado. — Deixa isso. — Voltou-se para Joanna e disse: — Certo, a Esther mencionou que essa é uma questão tua. Como é que os livros são escritos. Bem... — Abriu os braços, com a boca a torcer-se de uma forma amarga e autodepreciativa. — É assim. Eu sempre soube que nos chamavam Escribas, com E maiúsculo, mas se calhar isso é uma coisa dramática da Biblioteca, não sei.

A cafeteira emitiu um aviso de que tinha acabado de fazer café, e Joanna estendeu a mão para ela, entorpecida. Estava a tentar interpretar as palavras de Nicholas de uma forma que fizesse sentido. Aquele jovem estranho e chique com um cão de raça não correspondia à sua imagem das pessoas que tinham criado os livros que ela passara a vida a estudar e a proteger. Sempre, em todos os seus devaneios e nas suas reflexões, imaginara mulheres. Velhas, sábias, bruxas. Os seus rostos bondosos e enrugados tinham pairado no seu subconsciente durante tanto tempo que nem sequer sabia que estavam lá até que lhe foi pedido que os substituísse por aquele rosto: jovem, masculino, sem experiência.

— Como é que o fazes? — perguntou ela. Uma pergunta que era também um teste. Não estava de todo convencida de que ele estivesse a dizer a verdade.

— Com o meu sangue — disse ele. — E com ervas e rituais, e, ocasionalmente, com as fases da lua.

Tudo isso Joanna tinha tentado.

— Mas é o sangue que é mais importante — disse Nicholas. — O meu sangue, especificamente. Eu podia escrever um livro sem ervas, sem cerimónias ou sem a lua, e ainda assim teria um efeito, embora fraco. Já

alguém como tu poderia sangrar até se esvair e queimar dez mil velas num eclipse total e acabar apenas com uma pilha de papel.

A intenção de Nicholas não podia ser magoá-la, mas magoou-a. O corte na sua mão pareceu-lhe subitamente tonto, uma troça de todos os seus esforços ao longo dos últimos anos.

— E tu? — perguntou ela a Collins, cujos olhos, muito azuis, estavam fixos nela. — Também és um desses... Escribas?

Collins dardejou um olhar a Esther e abanou a cabeça.

— Não — disse. — Eu sou como tu.

Ela voltou-se para Nicholas.

— O que torna o teu sangue diferente?

— Não sei. Como é que tu consegues ouvir magia e outras pessoas não?

O estômago de Joanna deu uma volta. Ela olhou para Esther, que devia ter visto o sentimento de traição no seu rosto, porque desviou o olhar. A sua irmã tinha contado àqueles homens um segredo que Joanna tinha passado toda a vida a guardar.

— Não consigo ouvir nada — continuou Nicholas. — Nem sentir ou fazer seja o que for. É por isso que os encantamentos não nos afetam. — Apontou para Esther, cuja expressão ficou subitamente muito calma. — Nenhuma magia nos afeta. Os Escribas não a podem usar. Nós só a podemos escrever.

Nós, tinha dito Nicholas. Joanna olhou para a irmã.

— O Nicholas tem uma teoria — disse Esther, estalando os dedos como se a quisesse arredar.

— Uma teoria que iremos pôr à prova em breve — disse Nicholas. — Tu vais quebrar o acordo de confidencialidade do Collins.

— Explica os acordos de confidencialidade à Joanna — pediu Esther, como se quisesse mudar de assunto o mais depressa possível.

— Que é que ele está a dizer? — perguntou Joanna a Esther, e depois respondeu à sua própria pergunta. — Ele está a dizer que tu consegues escrever magia.

— Talvez — disse Esther.

Mas Joanna soube instantaneamente que era verdade. Sabia-o como sabia que a lua nasceria, noite após noite, quer alguém a pudesse ver quer não. Joanna podia ser capaz de ouvir livros, mas Esther era a verdadeira mágica; sempre fora.

Quão errada Joanna sempre estivera, em relação a tudo.

— Toma — disse Joanna, pondo um cobertor dobrado nos braços de Esther. Acrescentou uma almofada. — Avisa-me se precisares de mais.

— Obrigada — disse Esther, sentindo-se desconfortável e estranhamente formal. Ela e a irmã estavam de pé na sala de estar, onde Nicholas se encontrava adormecido no sofá e Collins encafudado na poltrona de couro reclinável, com os olhos trocados enquanto tentava e não conseguia ficar acordado. Já passava das duas da manhã quando Nicholas adormecera à mesa e partira a caneca de café, e Esther tinha de admitir que não estava longe de fazer o mesmo. Estava num ponto de cansaço em que nada parecia real, como se já tivesse começado a sonhar. Ou talvez fosse por estar de volta àquela casa que lhe dava uma sensação tão vertiginosa e irreal. Talvez fosse olhar para a irmã mais nova e ver uma mulher adulta.

Joanna tinha preparado o jantar enquanto os seus três convidados lhe davam finalmente uma explicação completa, do princípio ao fim, sobre o que os trouxera ali, e depois fez-lhes o seu próprio relato dos acontecimentos dos últimos dias. Esther ficou gelada quando ouviu que Cecily tinha usado magia de espelho; era demasiado próximo daquilo por que ela própria tinha acabado de passar. Sentira uma ponta de esperança de que talvez tivesse sido a mãe que estivera atrás do espelho, de que tivesse sido a mãe que orquestrara tudo para trazer a filha para casa em segurança, mas Joanna disse que tinha visto o que Cecily colocara através do espelho — e não era um passaporte. Era o postal da própria Esther e um bilhete tão inexplicável como a própria Joanna.

Esther lembrava-se da irmã mais nova como uma adolescente tranquila, complicada e maravilhosamente estranha, e, embora ela tivesse crescido e se tornado uma jovem tranquila, complicada e

maravilhosamente estranha, não tinha sido um crescimento linear. Em criança, ela era incapaz de esconder os seus sentimentos ou de fingir que sentia o que não sentia, mas o que tinha sido encantador na sua infância, um tipo de calor vulnerável, era desconcertante numa adulta. Desconcertante, mas não desagradável. Pelo contrário, de facto. O rosto da irmã era móvel e legível, como o de uma pessoa que não está habituada a imaginar-se vista pelos outros, e por essa razão era estranhamente difícil desviar o olhar. O doce embaraço de Joanna tinha-se transformado num tipo de carisma atraente. Esther não tinha a certeza se a própria Joanna estava consciente da mudança; no entanto, Collins, pelo menos, parecia ter reparado. Esther tinha-o apanhado a lançar sorratamente olhares de interesse a Joanna desde que tinham chegado.

No rosto legível da irmã, Esther lia duas coisas muito claramente em relação ao seu súbito reaparecimento: Joanna estava absolutamente emocionada — e absolutamente furiosa.

Esther ainda não tinha examinado completamente os seus próprios sentimentos, porque eles eram tão enormes que receava que a comessem se os deixasse abrir a boca.

Naquele momento, Joanna estava a conduzi-la polidamente pela escada da sua própria casa de infância, como se ela fosse uma hóspede numa pensão. Esther pensou que poderia gritar com a estranheza da situação. Era, refletiu, um testemunho de como a sua vida se tinha tornado bizarra recentemente. Achava a cortesia da irmã mais nova ainda mais estranha do que o facto de que no dia seguinte de manhã ela iria sangrar para um caldeirão e fazer figura de tola tentando escrever um feitiço.

As bolas de pó tinham-se acumulado nos cantos dos degraus, a passadeira estava a ficar gasta e o corredor do andar de cima parecia tão cheio de ecos e tão vazio que começou a sentir um nó na garganta. Lembrava-se de ter corrido por aquele corredor, de ter subido e descido aquela escada, de ter entrado e saído de todas as divisões, lembrava-se de ter gritado e rido, de se ter escondido no armário dos pais para saltar dele e deixá-los fingir que estavam aterrorizados; e lembrava-se de, mais tarde, ter passado em bicos de pés por aquelas portas fechadas para sair à socapa e ir encontrar-se com... como é que ele se chamava, o rapaz que tinha conhecido na feira do condado? Harry qualquer coisa.

Lembrava-se de bater na porta da casa de banho e de gritar para Joanna se despachar. Lembrava-se de ter vivido ali.

— Não podes dormir no teu antigo quarto — disse Joanna. — Não com o espelho lá dentro.

— Mas não é perigoso, pois não? Disseste que os encantamentos não deixariam ninguém passar nada através dele nem ver para este lado.

— Pois não — disse a Joanna. — Mas mesmo assim. É demasiado sinistro. Podes ficar na minha cama. Eu vou montar um *futon* na sala de jantar e dormir lá em baixo, para ficar de olho nas coisas.

— De olho no Nicholas e no Collins, queres dizer.

— Sim.

— Posso... importas-te que dê só uma vista de olhos lá dentro?

— Não, à vontade. A lâmpada do teto está fundida — acrescentou, quando Esther empurrava a porta.

— Por sorte, tens uma eletricista em casa — disse Esther, mas Joanna tinha recuado para a escada. Esther acendeu o candeeiro de pé.

O quarto estava cheio de mobília velha, mas ainda reconhecível como sendo a dela. O póster de Kurt Cobain, a colcha roxa, as estrelas do teto que brilhavam no escuro, a secretária branca, o candeeiro de lava fria no canto. Aquele era o quarto onde ela e Joanna tinham construído aldeias de *Playmobil* cheias de pormenores, o quarto de onde ela se tinha escapulido inúmeras vezes, onde os seus pais tinham entrado para lhe dar um beijo de boa-noite. De tudo isso se lembrava também. Lembrava-se de Cecily a massajar-lhe as costas e a cantar desafinada uma canção de embalar alemã para Esther adormecer, lembrava-se do pai deitado na cama com Esther de um lado e Joanna do outro, o braço dele quente debaixo da face dela, a voz dele a subir e a descer enquanto fazia todas as vozes para a história que estava a ler em voz alta.

Afinal, sentia-se aliviada por não dormir ali. E, quando entrou no quarto de Joanna, ficou aliviada por ver que, pelo menos, ele tinha mudado um pouco — a irmã tinha comprado uma secretária nova, uma cómoda nova, e pintara as paredes lilases dos tempos da escola num cinzento frio e adulto. Estava bonito. Deixou-se ficar sentada na cama durante algum tempo, a preparar-se, e depois saiu para o corredor.

Em frente à porta fechada do quarto dos pais, fez uma pausa. Era ali que Cecily e Abe tinham dormido durante toda a infância dela e onde Abe devia ter dormido sozinho depois de Cecily se ter ido embora.

Esther estava arrasada e abalada e não tinha tempo para sucumbir à emoção, mas precisava de olhar para dentro daquele quarto, um impulso tão forte que parecia instinto. Precisava de ver provas de que Abe tinha estado ali e de que tinha desaparecido. Mesmo anos depois, parecia inconcebível.

Ela vivia no Oregon quando ele morreu, e, depois de receber a notícia, foi de carro até à costa cinzenta e ondulante para se sentar nas rochas e o chorar sozinha. A voz de Joanna ainda soava nos seus ouvidos, juntamente com as ondas: *Volta para casa, preciso de ti, não consigo fazer isto sem ti*. Não parecera ser a altura certa para explicar que manter-se afastada era o último cumprimento dos desejos do pai. Ela não queria distorcer a memória que Joanna tinha dele. Queria deixar que a irmã tivesse um membro da família que nunca a desiludira, pensou. Na altura, tinha parecido um presente, mas agora já não tinha tanta certeza.

O quarto estava quase exatamente como o recordava, embora todos os vestígios de Cecily tivessem desaparecido. As paredes verde-claras eram as mesmas, a colcha verde, a mesa de cabeceira com uma pilha alta de livros, a cómoda atulhada de bugigangas, com os restos da vida de Abe: um relógio, um pente, uma fotografia emoldurada das filhas e uma fotografia de Isabel a segurar a bebé Esther. A única fotografia de Isabel que Esther alguma vez tinha visto.

Esther passou o polegar sobre a imagem da mãe, limpando-lhe o pó. Na fotografia, Isabel apoiava Esther num joelho, como se ela fosse um minúsculo boneco de ventríloquo, uma postura que Esther sempre achara estranhamente distante em comparação com as fotografias dela e de Cecily. A sua madrastra tinha sempre a cara colada à dela, um sorriso radiante. Naquela, a metade superior do rosto de Isabel tinha sido cortada e apenas a sua boca era visível, curvada num sorriso secreto, um sorriso que era para ela própria e não para Esther ou para a pessoa por trás da câmara. Esther adorava aquele sorriso. Fazia com que a mãe parecesse uma pessoa, não um fantasma.

Pousou a fotografia e foi sentar-se na beira da cama do pai, olhando para a mesa de cabeceira para ver o que ele andava a ler antes de morrer. Alguns romances policiais e um exemplar da revista de culinária *Cook's Illustrated*. Pegou na revista e folheou-a até encontrar uma receita que ele tinha assinalado e datado, como sempre fizera. Tinha querido

cozinhar um *cassoulet*. Perguntava-se se ele o teria feito.

Os óculos de leitura dele estavam pousados em cima de um dos romances, tão familiares que ela teve de desviar o olhar. Depois pegou neles, sentindo o seu peso metálico nas mãos. Desdobrou-os e pô-los, e o quarto à sua volta inchou e suavizou-se através do vidro. As almofadas da armação beliscavam-lhe o nariz, e ela lembrou-se das marcas que tinham deixado na cara de Abe, marcas vermelhas que se destacavam na pele do nariz dele, e, por alguma razão, foi esse pormenor que abriu as portas que ela tinha mantido tão bem trancadas.

Alguém bateu levemente à porta entreaberta e, de alguma forma, Esther não ficou surpreendida ao ver Joanna ali. Olhou para a irmã, cujo rosto estava desfocado pelas lágrimas e pelas lentes de Abe.

— Olá — disse Esther.

— Olá — disse Joanna.

Por um momento, nenhuma das duas falou. Depois, Esther disse, esforçando-se por estabilizar a voz:

— Nem sequer me abraçaste.

Joanna deu mais um passo para dentro do quarto.

— Tu também não me abraçaste.

Era verdade. Esther tocou na cama ao seu lado e Joanna hesitou antes de se aproximar lentamente e se sentar, passando a sua trança comprida sobre o ombro e agarrando-se a ela como se fosse uma tábua de salvação. Esther aproximou-se mais, estendeu os braços para os pôr à volta dos ombros estreitos da irmã e, por um momento, a sensação foi terrível: Joanna estava rígida e nada familiar, uma estranha. Depois, quase impercetivelmente, relaxou ao toque, as suas costas curvaram-se ligeiramente, porque Esther era mais baixa e sempre fora desde que eram crianças, e, de repente, como se ambas se tivessem lembrado de como, estavam a abraçar-se a sério, a cabeça de Joanna no ombro de Esther, o rosto de Esther pressionado no cabelo da irmã. Abraçaram-se da mesma forma que sempre se tinham abraçado, Joanna aconchegada nos braços de Esther como se fosse a mais pequena, e Esther apertando-a com tanta força que podia sentir os ossos de Joanna rangerem sob o seu abraço. Os olhos dela tinham-se fechado involuntariamente, mas as lágrimas continuavam de alguma maneira a abrir caminho até às suas faces.

Quando Joanna falou, Esther conseguiu ouvir na voz dela que estava

a chorar.

— Porque não vieste para casa?

Esther deu-lhe algum tempo, porque já não abraçava a irmã mais nova há dez anos e ainda não estava disposta a parar. Depois, afastou-se, tirou os óculos de leitura de Abe, limpou os olhos e contou a verdade a Joanna.

A verdade que Abe lhe contara quando ela tinha dezoito anos, que a sua imunidade aos esconjuros estava a pôr em perigo toda a gente na casa. Que Abe lhe propusera uma escolha. Ela poderia ficar e pôr-se a si mesma e à sua família em risco, ou poderia ir embora e passar o resto da vida em fuga. Não havia realmente escolha, porque ambos sabiam o que ela faria.

Joanna ficou em silêncio enquanto ouvia, embora os sentimentos se manifestassem no rosto como se este fosse um palco. Choque, compreensão, consternação, fúria e, finalmente, quando Esther acabou de falar, uma tristeza tão profunda que parecia estar a inclinar-se demasiado para a borda de uma pedreira. Esther teve de desviar o olhar antes de perder o equilíbrio.

— O pai sabia — disse Joanna. — Ele sempre soube que tu eras uma... o que é que o Nicholas te chamou? Escriba.

— Se é que sou.

— És — disse Joanna. — E ele sabia.

— Sim — disse Esther. — Provavelmente.

— Ele usou-me — disse Joanna. — Sabia que tu nunca te protegerias como me protegerias a mim, por isso, disse-te para fugires para meu bem, não para o teu. Mas a *mim* não me deu escolha.

Esther abanou a cabeça.

— Que tipo de escolha é que te podia ter dado?

— A mesma — disse Joanna. — De te proteger a *ti*. Eu tê-lo-ia feito. Teria ido contigo ou terias ficado aqui e poderíamos ter encontrado alguma solução juntas. Não foi justo que pusesse tudo em cima dos teus ombros. Tu eras uma *criança*.

— Tu também.

— Odeio-o — disse Joanna, embora o seu rosto contasse uma história completamente diferente.

— Eu não — disse Esther. Sentiu novamente o calor das lágrimas nos olhos. — Tenho saudades dele.

Joanna cobriu a cara com uma mão, e arquejou, mas estendeu a outra mão e encontrou a de Esther. Apesar da dor que sentia pelo pai, apesar da exaustão, apesar de tudo, Esther sentia uma profunda sensação de... o que era? Algo expansivo e vertiginoso, como se estivesse deitada de costas sob um céu noturno tão cheio de estrelas antigas que sentia a pequenez da sua própria vida como uma vela bruxuleante por baixo delas. Estupefação. Que ao fim de dez anos Joanna ainda fosse sua irmã.

— Mas não percebo o que isto significa — disse Joanna, por fim. — Porque é que aquela pessoa... como é que ela se chamava?

— Maram.

— Porque é que Maram vos enviou a todos para aqui. Confiam nela?

— Eu não a conheço — disse Esther. — Portanto, não. Mas... — Esforçou-se por exprimir os seus pensamentos. — Pelo menos, está a acontecer alguma coisa. Algo diferente. Eu não podia continuar como estava.

Os dedos de Joanna apertaram os seus, numa pressão silenciosa que parecia compreensão. No quarto à volta delas, as pequenas relíquias vulgares da vida do pai jaziam silenciosamente onde ele as deixara: um relógio com a pulseira à espera de ser apertado, uma mão-cheia de moedas à espera de ser gasta, um romance à espera de ser lido. Durante algum tempo, Esther e Joanna ficaram sentadas juntas na cama, ambas sabendo que em breve teriam de quebrar a quietude, levantar-se e seguir em frente, mas ainda não. Por aquele momento, o mundo — tal como o relógio, as moedas, o romance — podia esperar.

— Isto é um vampiro — disse Nicholas.

Uma frase patentemente ridícula, mas, mesmo assim, Esther olhou para o livro que Joanna tinha trazido da cave e estremeceu. Estava aberto na mesa de apoio aos sofás, iluminado por uma luz suave, e parecia muito mais inócuo do que tinha o direito de parecer. Ela, Nicholas e Collins tinham dormido até tarde, portanto, já era o meio da manhã de um dia tão cinzento e frio como o anterior. A sala de estar estava quente com o lume da lareira e abafada devido ao sono de três pessoas, mas Esther conseguia sentir o frio entrar pela vidraça da janela. A proximidade que sentira com Joanna na noite anterior tinha-se dissipado; nessa manhã, a irmã parecia distante, empoleirada no banco do piano, com o cabelo comprido solto à volta dos ombros, o olhar fixo no livro em frente de Nicholas, bela como um retrato e igualmente distante. À luz do dia, Esther viu que, embora Joanna continuasse a ser inequivocamente filha de Abe, com as mesmas covinhas e o mesmo nariz fino que Esther também herdara, parecia-se mais com Cecily agora que era adulta. Também isso fazia com que Joanna parecesse muito distante.

Provavelmente, Esther não deveria ter ficado surpreendida por saber que ainda sentia a mesma pontada de ciúmes que sentira em criança, procurando no espelho sinais da sua própria mãe biológica, da sua própria família, mas lá estava ela, como um joelho que dá sinal quando vai chover. Outra dor era o pensamento de como estava fisicamente perto de Cecily, a poucos quilómetros, mas ainda assim tão longe. Se a madrastra a abraçasse naquele momento, pensou Esther, ela poderia começar a chorar e nunca mais parar.

— Um vampiro? — repetiu Joanna.

Collins, que estava num canto a beber café, disse:

— Oh, merda.

— Tens tocado nisto sem luvas? — perguntou Nicholas.

— O meu pai disse para o manter afastado do sangue, não da pele — disse Joanna, soando um pouco defensiva. — Que queres dizer com vampiro?

— Um vampiro é um feitiço do século xv que protege os livros ativados — explicou Nicholas. — Entra em ação assim que alguém tenta adicionar o seu sangue ao feitiço em curso, o que o teu pai deve ter feito. Lamento imenso — acrescentou, e parecia de facto lamentar.

— Estás a dizer-me que ele morreu por causa de uma qualquer... de uma qualquer armadilha mágica?

— Lamento — disse Nicholas novamente.

Joanna pôs a cabeça entre as mãos e Esther, sem saber o que fazer, foi sentar-se ao lado dela. Joanna virou-se para ela com uma expressão de dor, a boca torcida como quando era criança e tentava não chorar.

— Ele devia saber o que não fazer — disse Joanna, e Esther percebeu por que razão aquela informação estava a atingir a irmã com tanta força. Para Joanna, o pai delas tinha sido sempre o pináculo do conhecimento, e, no entanto, tinha sido morto por nada mais do que um erro estúpido. Um erro que Nicholas demorara menos de um minuto a detetar.

— Já tinhas visto alguma coisa como esta? — perguntou Esther. — Um... como é que lhe chamaste, um livro armadilhado? — Já sabia a resposta, e, desolada, Joanna abanou a cabeça. — Então, o pai também não podia saber.

Joanna abanou novamente a cabeça, com os olhos húmidos, e Esther reagiu com um nó na garganta. Não sabia o que dizer para reconfortar a irmã. Afinal de contas, tinha sido Joanna a encontrar o pai delas. Vira em primeira mão o custo brutal do erro de Abe.

— Joanna — disse Nicholas de repente. Algo na sua voz tinha mudado. — Onde é que o teu pai arranjou este livro?

Joanna olhou para cima, com os olhos ainda húmidos.

— Não sei — respondeu. — Ele nunca me falou sobre isso. Eu nem sabia que o tinha até ele morrer.

Nicholas estendeu o livro, segurando-o de forma estranha, como se estivesse a segurar algo podre que tivesse arrancado da boca do cão.

— Este é um livro da Biblioteca. Era um livro da Biblioteca.

A pulsação de Esther acelerou imediatamente.

— Como é que sabes isso? — perguntou Joanna.

— Reparaste neste símbolo? — perguntou ele, abrindo o livro para lhes mostrar na contracapa uma gravura de um pequeno livro dourado em relevo, e, quando Joanna acenou com a cabeça, acrescentou: — Não é decorativo, é funcional. É a marca de um feitiço a que chamamos data de validade; colocamo-lo em todos os livros que passam pela nossa coleção.

Esther pousou os pés no banco e entrelaçou os braços à volta dos joelhos, o instinto de um animal assustado de se tornar compacto, de reduzir a área-alvo.

— Que é que isso faz? — perguntou. — A data de validade.

— É um feitiço de adivinhação intuitiva ligado a um objeto — disse Nicholas, e Esther viu que Joanna, apesar de tudo, sorriu ao ouvir aquilo, claramente satisfeita com a linguagem específica. Que *nerd*. Esther tinha um sentimento diferente.

— Diz isso outra vez como se eu fosse burra, por favor.

— O feitiço adere a um objeto — disse Nicholas — e transmite informação diretamente para a mente de alguém. Neste caso, informação de localização, para a mente do Richard.

— Um feitiço de localização — disse Joanna.

— Exatamente — disse ele, apontando para ela. — Não, não fiques tão alarmada, a Biblioteca não nos pode encontrar, a não ser que leves o livro para fora dos limites dos teus encantamentos. E não o fizeste, pois não?

— Não — respondeu Joanna. — Pelo menos, não nos últimos dois anos. Não sei se antes o fiz. Mas o que é que o livro em si faz?

— Bem, eu nunca tinha visto este livro específico — disse Nicholas —, mas penso... não, tenho a certeza de que *vi* um rascunho dele.

Collins, que estava de pé, sentou-se pesadamente na superfície mais próxima, que era o gira-discos. Umas cassetes chocalharam e uma capa de disco de papelão caiu no chão, e Joanna soergueu-se, preocupada — embora se por Collins se pelo seu gira-discos, Esther não tinha a certeza.

Nicholas segurava a lombada do livro muito perto do olho direito, fitando a capa com os olhos semicerrados.

— Se este é o livro que eu penso que é... estou relativamente certo de que é humano.

Uma sensação quente e azeda surgiu no fundo da garganta de Esther.

— Que queres dizer com humano?

— O fio parece ser uma combinação de cabelo e tendões. A cola é, provavelmente, colagénio transformado. — Apertou a capa entre o polegar e o indicador. — O couro é, provavelmente, pele humana.

— OK — disse Collins —, ótimo, bem, se precisarem de mim, estou lá fora a gritar.

— Não sei como é que o teu pai lhe deitou a mão — disse Nicholas —, nem a quem está ligado, mas...

— A *quem* está ligado? — interrompeu Esther. — Não queres dizer *ao que* está ligado? Se é outro feitiço de permanência de objeto ou coisa do género?

— Ligado a objetos — disse Nicholas —, e, sim, isso também. — Fez uma pausa para respirar. — Desculpem, esqueci-me de que sou literalmente a única pessoa viva que foi forçada a aprender isto. Qualquer livro escrito por dois Escribas tem dois pontos de ação mágica. Este aqui tem uma ligação de objeto e uma ligação de corpo.

— Então, está ligado a um objeto e a uma pessoa — disse Joanna.

— Sim — respondeu Nicholas. — Até hoje, eu nem sequer sabia que este tipo de coisa era possível.

— Mas o que é que ele faz? — perguntou Esther.

Nicholas estava a esfregar as têmporas novamente.

— Liga a força vital de uma pessoa a um objeto — disse. — Enquanto o objeto estiver intacto, a vida também está.

Esther olhou para Joanna, à espera de uma recapitulação, mas nem mesmo Joanna percebeu imediatamente o que ele estava a dizer. Quando o fez, os seus olhos ficaram enormes.

— É um feitiço de imortalidade.

Nicholas acenou com a cabeça.

— Tanto quanto é possível que alguma coisa o seja, sim.

— Tu disseste que estava em curso — disse Collins. — Então, está ligado a alguém?

— Sim — disse Nicholas, e olhou de relance para Joanna. — Obviamente, não era o teu pai, porque, bem...

— Se fosse, ele estaria vivo.

Nicholas esfregou a cara com força.

— Não sei o que pensar sobre isto. *Sir Kiwi!*

Esther virou-se e viu que a cadela se tinha apoderado da bota de

alguém e estava deitada junto à lareira, a roê-la com entusiasmo. Quando ouviu a voz de Nicholas, ficou paralisada, fitou-o e depois voltou a roer a bota.

— Eu devia levá-la à rua — disse Nicholas. — Voltamos a ver o livro mais tarde. Depois de provarmos a minha teoria. — Olhou de forma incisiva para Esther, que manteve a sua expressão neutra.

Nesse dia, ela ia escrever um livro.

— Quanto tempo é que isso vai demorar? — perguntou Joanna.

— Bem, visto que é o primeiro dela e que toda a escrita tem de ser feita à mão, provavelmente podemos contar com um processo de oito horas, ao todo — disse Nicholas. — Vais fazer tinta e escrever esta manhã; as páginas vão secar até ao fim da tarde; e vamos encaderná-lo à noite. Depois, a Joanna pode lê-lo ao Collins.

— Boa! — exclamou Collins.

— Se quebrar o acordo de confidencialidade do Collins é assim tão importante — disse Esther —, se estamos com tanta pressa para obter respostas, talvez este não seja o momento de pôr à prova uma teoria estrambólica. Talvez devesse ser tu a escrever o feitiço.

— Não — disse Nicholas, arrancando alguns pelos de cão da sua camisola de aspeto caro. — Quanto mais cedo a pusermos à prova, tanto mais cedo teremos, pelo menos, uma resposta... e, falando por mim, uma resposta definitiva sobre *seja o que for* parece-me maravilhoso neste momento.

— Além disso — disse Collins —, se tirarmos mais sangue ao Nicholas, ele provavelmente morrerá.

Nicholas fez um som de concordância, a contragosto.

— Então, em vez disso, queres tirar o meu? — disse Esther, mas protestava só por protestar. Ela queria saber. Queria mesmo. Só não tinha a certeza de qual das respostas a assustava mais.

— Sim — disse Nicholas, e levantou-se do sofá. Cambaleou uma vez, depois recuperou o equilíbrio e viu o olhar preocupado dela. — Não te preocupes — acrescentou —, só vais sangrar o suficiente para um único livro, nem sequer o vais sentir. Já agora, Joanna, tens velas? E, se sim, quantas?

A QUESTÃO DAS VELAS ERA SIMPLES, COM UMA RESPOSTA SIMPLES: MUITAS. No entanto, a pergunta seguinte de Nicholas foi muito mais complicada. Ele queria saber se havia alguma tradição simbólica com a qual Esther tivesse uma forte ligação — especificamente no que dizia respeito a partilhar segredos ou quebrar o silêncio.

— Tradições — repetiu Esther. — Tipo... religião?

Nicholas abanou a cabeça.

— As tradições abertamente religiosas raramente funcionam. Refiro-me à criação de um contexto cerimonial que seja poderoso para ti, pessoalmente. E vamos fazer esta tinta para quebrar um feitiço silenciador, portanto, pensa talvez em... volume? Uma tradição de ser barulhenta, ou uma tradição de ser silenciosa. Contar segredos. Partilhar a verdade. Isso faz algum sentido para ti?

Não fazia, propriamente. De qualquer forma, Esther dedicou-se à questão. Nunca tinha sido dada à espiritualidade, embora tivesse passado por uma curta fase exploratória religiosa quando era pré-adolescente. Cecily e Abe, embora fossem ambos tecnicamente judeus, não eram o que poderia chamar-se praticantes. No entanto, Esther tinha feito pesquisa suficiente sobre as suas raízes maternas biológicas para saber que a maioria dos mexicanos era católica, portanto, aos doze anos, convenceu os pais a levá-la à missa na cidade vizinha. A igreja era encantadora, de pedra coberta de musgo e com vitrais dramáticos, e, por trás do púlpito, Jesus olhava para baixo pregado num enorme crucifixo. Esther tinha olhado para o seu rosto melancolicamente heroico, para o peito e as coxas musculosas e nuas, os tornozelos esguios, e acreditou que sentia a fé do seu povo correr-lhe nas veias, como um formigueiro santo.

Contudo, a missa em si tinha sido tão maçadora que nem mesmo as suas fantasias de resgatar Jesus e lhe dar um terno banho de esponja a conseguiram manter acordada. Quando estava a chegar aos treze anos, Esther já tinha perdido o fervor pela religião e estava a canalizá-lo para o fervor pelos olhos delicados e trágicos de Kurt Cobain.

Esther transmitiu tudo aquilo a Nicholas, uma confissão que foi recebida com um suspiro de frustração mal disfarçada.

— Ainda estás presa à teologia — disse ele. — Não era isso que eu...

— A carrinha — interrompeu Joanna.

Os três — Esther, Nicholas e Joanna — estavam sentados à volta da

mesa da cozinha, com *Sir Kiwi* aos pés de Nicholas. Collins não se via em lado nenhum (de acordo com Nicholas, ele fazia sempre questão de se ausentar naquela parte), e, até àquele momento, Joanna tinha estado quase sempre calada. Esther virou-se para ela.

— A carrinha do pai? — perguntou. Vira-a no caminho da casa à chegada, gasta e vermelha e tão familiar como a própria casa.

— Sim — disse Joanna. — O Nicholas disse para pensarmos sobre volume, não foi? Sobre segredos.

— A carrinha faz muito barulho? — perguntou Nicholas, franzindo a testa.

Claramente, não estava a seguir a lógica de Joanna... mas Esther estava. Quase conseguia sentir o couro macio do volante debaixo das suas mãos, o chocalhar e o abanar dos altifalantes enquanto punha a música o mais alto possível e gritava as letras das canções pelas janelas abertas, virando-se de vez em quando para sorrir da expressão de dor de Joanna no banco do passageiro ao seu lado. Tinham tido as suas melhores conversas naquela carrinha. Foi ali que Esther admitiu pela primeira vez em voz alta, tanto a Joanna como a si mesma, que tinha um fraquinho por uma rapariga; e a carrinha era o único lugar onde Joanna se permitia queixar-se dos livros, o único lugar onde admitia sentir-se ressentida com a pressão.

— Genial — disse Esther. Obviamente, Joanna tinha um talento natural para aquilo. Virou-se para Nicholas. — Podemos fazer a cerimónia lá fora, na carrinha?

Nicholas comprimiu os lábios, a ponderar.

— Sim — disse, embora a palavra saísse arrastada, duvidosa. Depois, com mais confiança: — Sim. Posso trabalhar com isso.

A encenação demorou quase uma hora, com Nicholas a consultar Joanna de vez em quando sobre a disponibilidade de certas ferramentas e a recrutar Esther para carregar os materiais para a carrinha. Nicholas tinha claramente uma visão estética, e, embora Esther estivesse inicialmente cética, teve de admitir que, quando ele terminou, a cabina da carrinha já não se parecia muito com uma carrinha; ou antes, sim, mas parecia uma carrinha onde alguém poderia fazer magia. Camadas de tecido fino vermelho escureciam todas as janelas, a filtrar a luz de inverno, e enchiam a cabina com um brilho espectral, enquanto almofadas e cobertores coloridos escondiam os contornos dos assentos e

uma enorme quantidade de velas pequenas bruxuleava no tabliê. No entanto, apesar das alterações, a carrinha continuava a parecer tão familiar a Esther como o bater do seu próprio coração. Agarrou no volante com uma mão e pousou a outra na alavanca das mudanças, sentindo que se instalava no espaço, com todo o anterior à-vontade e todo o conforto a voltarem ao seu corpo. Sentiu-se, pela primeira vez desde há vários dias, segura — uma sensação que, por si só, era mágica e que nenhuma vela ou tecido fino poderia igualar. Nicholas sentou-se ao seu lado no banco da frente e Joanna encafuou-se no banco de trás, todos agasalhados até às orelhas para se protegerem do frio, embora Esther sentisse o calor das muitas velas acariciar-lhe as faces.

— Estás pronta? — perguntou Nicholas.

Esther não sabia exatamente como responder àquilo. Estaria pronta para o deixar espetar-lhe uma agulha e encher um saco com o seu sangue? Com certeza. Estaria pronta para, possivelmente, reavaliar tudo o que pensava saber sobre si própria e sobre a sua relação com o poder, com a família e com o mundo em geral?

Alguém alguma vez estaria?

— Estou pronta — respondeu.

— Muito bem — disse ele. — Canta.

Esther perguntou:

— Agora?

— Agora.

Ela não conhecia quaisquer orações ou cânticos com significado, mas Nicholas tinha-lhe garantido que isso não importava. A religião não fazia diferença, tinha dito; o que importava era a *ligação*. Portanto, Esther aclarou a voz, pôs as duas mãos no volante e canalizou a sua devoção o melhor que pôde.

Muito rapidamente se tornou claro que «Smells Like Teen Spirit» não tinha sido feita para ser cantada *a cappella*.

Viu Nicholas estremecer antes de afivelar um sorriso encorajador. Ele e Joanna acenaram com a cabeça enquanto ela cantava o primeiro verso, embora os seus acenos se tornassem mais infrequentes quando ela passou para a secção que era inteiramente composta pela palavra «hello» repetida vezes sem conta. Ela tentou lembrar-se da sensação que dava conduzir pelas estradas secundárias quando era adolescente, com a música aos berros e ela a cantar a plenos pulmões, sem se preocupar

com a forma como soava, porque o que importava era o volume, o poder da voz... mas não conseguia lá chegar.

Completo o refrão e a segunda estrofe, acrescentou alguns sons de solos de guitarra e de seguida fez uma pausa.

— Eu devia... tipo... sentir alguma coisa? Se isto está a funcionar?

— Não sei o que vais sentir — disse Nicholas. — Para mim é... é como se houvesse uma fita enrolada no meu peito e alguém a estivesse a desenrolar. E abelhas.

— Abelhas?

— Ou mel. São a mesma coisa.

Esther não podia deixar passar aquilo:

— Com o devido respeito, não, não são.

— Joanna? — disse Nicholas.

— Sim — disse Joanna, das sombras do banco de trás. — Abelhas ou mel. São a mesma coisa.

Esther calou-se, enervada com aquela solidariedade sem sentido.

Sintonizou-se em si própria, procurando a sensação de abelhas ou de mel, mas só havia a maré usual do seu pulso.

— Não estou a sentir nada — disse. — Nada que seja inesperado, pelo menos.

Pela primeira vez, viu a certeza absoluta de Nicholas começar a vacilar, e sentiu um súbito nó na garganta de desapontamento infantil. Claro que ela não era mágica. Era ridículo que alguma vez se tivesse permitido acreditar no contrário. Ela era uma pessoa comum com sangue comum e habilidades comuns, como ler plantas de instalações elétricas ou calibrar medidores de vazão.

Ele perguntou:

— Há outra canção com a qual tenhas uma ligação mais forte? Uma com menos... gritos, talvez, e mais... partilha?

Esther começou a percorrer a *jukebox* que tinha na mente, depois hesitou. Tinha-lhe ocorrido uma ideia, embora tivesse vergonha de a dizer em voz alta.

— Tenho de a saber de cor? — perguntou. — Posso lê-la, em vez disso?

— Não vejo porque não.

— É um cântico religioso.

Nicholas suspirou.

— Tens alguma ligação com ele?

— Sim. Mais ou menos.

— Já agora, podemos tentar.

Esther engoliu em seco e olhou para Joanna.

— Que aconteceu ao livro de orações em que o pai pegava às vezes?

— perguntou. — Com a oração judaica dos defuntos? Ainda o temos?

O rosto de Joanna ficou tenso com a compreensão, e ela acenou com a cabeça antes de abrir a porta de trás e desaparecer numa rajada de ar frio e no sol brilhante. Esther recostou-se no banco do condutor, esperando que resultasse e irritada por perceber o quanto se tinha permitido desejar aquilo. Mesmo depois de todos aqueles anos, mesmo depois de Abe ter partido e de ser demasiado tarde, ainda se esforçava por encontrar um lugar para si na sua família, agarrando-se a qualquer coisa que lhe pudesse finalmente dizer: *Sim, tu pertences*.

Joanna reapareceu rapidamente com o velho livro de orações, com as páginas amareladas pela idade e a lombada rachada. Já encontrara a página certa, e, quando abriu a porta do condutor para o entregar a Esther, esta agarrou-lhe o pulso.

— Sentas-te aqui comigo? — pediu. — Como costumavas fazer?

Joanna olhou de relance para Nicholas para ver se ele se importava, mas ele já tinha saído da carrinha e estava a subir para o banco de trás, reposicionando-se a si próprio e aos seus materiais.

— É boa ideia — disse ele. — Podemos contornar a questão dos ângulos menos convenientes.

Joanna tomou o seu lugar ao lado de Esther no banco do passageiro, recostou-se quase automaticamente relaxada, levantou o pé com bota e pousou-o no tabliê, e Esther sorriu. Também aquilo era familiar.

— Isto deve-se recitar de pé — disse Esther a Nicholas. — Posso ajoelhar-me no banco?

— Não importa o que *deves* fazer. Faz o que te parecer correto.

Embaraçada, Esther pôs-se de joelhos, inclinando um pouco a cabeça para não bater no teto. Esquecera-se, até àquele momento, de que tinha tido um ressurgimento fugaz daquele velho desejo de religião nos meses que se seguiram à morte do pai e de que tinha ido a várias igrejas e sinagogas de Portland para tentar fazer o luto. A dor do luto era muito pesada, e queria encontrar um sítio onde a colocar, um recipiente suficientemente grande, forte e velho para a conter.

Quisera *partilhá-la*.

Foram esses os sentimentos em que se concentrou enquanto olhava para a página e começava a recitar a oração do lamento fúnebre; a sua profunda dor pela morte do pai e o abismo enorme e interminável dentro de si que sempre procurara fazer parte de algo maior. De uma família, de uma tradição, de todo o mundo impossível de conhecer.

Pensou em Abe como o conhecera na infância, carinhoso e bem-humorado, excêntrico e pouco prático, um grande dançarino e um cozinheiro meticuloso que lhe fazia uma refeição de cinco pratos todos os anos no seu aniversário. Pensou em como se sentia segura quando ele a abraçava, em como sempre fora capaz de o fazer rir até às lágrimas. Imaginou todas as pessoas que, ao longo de milhares de anos, em milhares de casas sob milhares de céus, tinham recitado aquela mesma oração pelos seus pais perdidos quando os antepassados da sua outra linhagem bebiam vinho juntos na igreja todos os domingos, mantendo-o na língua como se fosse sangue. Sentiu que Joanna lia por cima do seu ombro para recitar a oração com ela, muito baixinho, aquela pessoa intrigante que nunca tinha entendido a ânsia de pertença de Esther, porque Joanna sempre tinha amado Esther tão completamente que para ela devia parecer um dado adquirido. Havia milhares de anos de vinho e de sangue partilhados entre elas, uma linhagem de rituais e crenças e anseios e ligações, de pensamento mágico e de verdadeira magia.

E, de repente, Esther começou a senti-lo.

Os cristais de mel velho na língua do seu corpo, há muito endurecidos, estavam a soltar-se no calor do seu sangue derramado, transformando-se de grãos em melaço, um zumbido lento e doce de asas que se abriam das profundezas dela e adejavam para fora, sólidas e multitudinárias, o favo no seu peito e as obreiras nas suas veias e a colmeia à sua volta.

— Esther? — disse Nicholas.

E, ao mesmo tempo, Joanna disse:

— Estou a ouvir.

Esther estava a tremer. Era aquilo que Joanna e Abe tinham ouvido durante todos aqueles anos. Era aquilo a que eles tinham dedicado as suas vidas a ouvir — e, entretanto, Esther tinha acreditado que estava do lado de fora quando, na verdade, tinha estado sempre do lado de dentro. Ela *era* o lado de dentro. O centro quente e zumbidor. Vinha dela.

— Está a funcionar! — exclamou Nicholas.

Esther riu-se, entusiasmada.

— O quê, agora estás surpreendido?

— Uma coisa é suspeitar — disse ele —, ou mesmo acreditar. Outra é saber. Rápido, arregaa a manga.

Esther tirou um dos braços do casaco e arregaou a manga da camisola. O equipamento que Nicholas tinha trazido parecia estéril e médico, deslocado na luz vermelha e brilhante das velas, e Nicholas, com o ar prático de um médico, inclinou-se sobre a consola central para atar um elástico à volta do antebraço dela. Depois pegou-lhe no pulso com os seus dedos frios e apontou-lhe uma seringa, parando para olhar para ela, interrogativo. Ela acenou com a cabeça.

Sentiu uma ligeira picada quando a agulha perfurou a pele macia.

— Excelente — disse ele. — Tens umas veias lindas, as minhas são dançarinas. Agora continua.

Esther começou a oração, afundando-se no brilho quente e zumbido enquanto o sangue começava a fluir do seu braço. Sentiu uma pressão de puxão vinda de algures dentro do peito, uma grande onda de doçura que lhe envolveu todo o corpo e depois se concentrou no braço, saindo num vermelho-vivo através do fio e acumulando-se no fundo do saco de plástico. A última vez em que vira tanto sangue fora quando ela e Pearl tinham matado Trev e o tinham enfiado por um espelho. Teria mesmo sido apenas há uns dias? Ela confessara aquele segredo; tanto Joanna como Nicholas sabiam, e contar-lhes tinha-lhe tirado algum peso de cima.

Pensou então em Collins, em há quanto tempo ele estava em silêncio e sozinho. Ela estava a fazer aquilo por ele, afinal de contas; a derramar um pedaço do seu coração para que também ele pudesse partilhar o seu.

Terminou a oração e ninguém falou durante algum tempo, os três sintonizados com aquele som interior, o zumbido interminável e melífluu. Era a primeira vez que Esther o ouvia, mas, de alguma forma, sentia que o ouvira desde sempre. Que talvez fosse o primeiro som que alguma vez ouvira, e que talvez fosse o último, quando chegasse a sua hora.

— Que idade tinhas? — Esther perguntou a Nicholas, por fim. — Quando sangraste assim pela primeira vez?

— Oito anos — disse Nicholas. — Desenvolvi-me tarde.

Era uma piada, e Esther sorriu como era esperado, apesar de não ter achado graça. Nicholas não devia ter sido forçado a fazer aquilo aos oito anos; como Esther, devia ter tido a opção de não o fazer. Ela descobriu que queria desesperadamente começar a escrever, para ver como o sentimento se alteraria à medida que o ritual fosse mudando, se o poder iria fluir e diminuir ou se permaneceria igual, aquele derramamento constante de melaço.

— Já deve ser suficiente — disse Nicholas, inclinando-se novamente para o banco da frente. — Aqui vamos nós... — Fez algo habilidoso e ligeiramente desconfortável à agulha no braço de Esther, e, de repente, ela estava fora do seu braço, embora a sensação, aquele belo murmúrio ritmado, permanecesse no seu rasto. Nicholas perguntou: — Estás bem?

Estava a pressionar uma toalha de papel sobre a bolha de sangue brilhante que surgira no rasto da agulha, com os seus dedos frios e suaves. A memória daquela sensação abrangente ainda pulsava dentro de Esther. Ela queria mais.

Nicholas inclinou o saco para a luz da vela.

— Estás muito bem oxigenada, vejam como é vermelho.

— Isto é mais clínico do que eu pensava que seria — disse Joanna.

— Nem sempre é assim — disse Nicholas. — Por vezes, o trabalho exige um método mais específico para tirar o sangue. — Sopesou o saco na palma da mão, como se estivesse a medir farinha para um bolo. — Para qualquer coisa que tenha que ver com calor ou com fogo, por exemplo, tens de te queimar para te abrires. O que é difícil, uma vez que a carne queimada tende a querer fundir-se, não a separar-se. — Olhou para a cara de Esther e riu-se. — Faz-te homem, Esther. Ninguém vem ter contigo com um fósforo aceso. Ainda.

A irritação de Esther com aquele *faz-te homem* teve o efeito de a distrair dos pensamentos que tinham estado a distorcer-lhe a expressão. Não estivera a pensar em si mesma. Estivera a pensar novamente em Nicholas, no que lhe tinha sido feito.

Nicholas, sem se aperceber de nada, estava a entregar o saco de sangue a Esther.

— Vamos entrar e queimar algumas ervas.

Apagaram as velas e saíram da carrinha com a cabina ainda envolta no tecido. Na cozinha, Nicholas apagou todas as luzes e acendeu mais velas, e os três juntaram-se à volta do fogão. Enegreceram uma panela

de ervas e Nicholas mexeu-as com uma colher de pau enquanto Esther vertia o sangue lentamente. Era tão parecido com a imagem das bruxas más que ela sempre tivera na cabeça que quase se riu — e depois começou a sentir coisas outra vez. O agitar de asas translúcidas. Tudo estava escuro e bruxuleante e a superfície da tinta era tão escura que refletia a luz das velas, uma poça de noite vermelha cintilante com estrelas.

— Já deve bastar — disse Nicholas, por fim. Esther respirou longa e lentamente e parou de mexer, deixando que a sensação se desvanecesse à medida que o líquido se acalmava e se imobilizava. — Agora vem a parte mais difícil. A escrita propriamente dita.

Joanna supunha que fazia sentido que Esther não escrevesse de facto o livro — que o copiasse. Foi Nicholas quem se pôs a escrever no computador na sala de jantar até terminar um documento cheio do tipo de frases circulares e recursivas que Joanna reconheceria em qualquer lugar, sem sentido por si só, mas que adquirem significado com cada repetição... «e da boca fechada há uma cadeia fechada, e a cadeia fechada abre-se como uma boca. Cada elo é uma boca que se abre como a boca fechada se abrirá.»

— Isto faz-me lembrar da tua fase de poesia *emo* — disse Esther, passando uma vista de olhos pelas primeiras páginas à medida que iam sendo cuspidas pela impressora empoeirada de Joanna.

— Já é mau teres roubado os meus diários — disse Joanna, e arrancou as páginas das mãos de Esther para as ver ela própria. — Pior ainda é lembrares-te do que estava neles.

— Não é poesia — disse Nicholas, recostando-se na cadeira e parecendo abespinhado. — E que fique registado que, se eu escrevesse poesia, seria excelente. Isto é magia. Posso ser capaz de vos ensinar o básico do fabrico de tintas numa manhã, mas as palavras levaram-me anos a dominar, portanto, mostrem algum respeito, por favor.

— Mas vai funcionar? — perguntou Esther. Pousou a pilha de papel em cima da mesa da sala de jantar, ao lado do tinteiro de tinta de sangue. À luz da imitação de lustre dos anos setenta, a tinta era tão escura como os seus olhos. — Mesmo que as palavras não tenham vindo de mim?

— Sim — respondeu Nicholas. — De facto, pergunto-me se não será reforçado pela colaboração. Ou talvez isso só funcione se um de nós der a sua vida à escrita. Há muita coisa que eu não sei sobre trabalhar com

outro Escriba.

— Há muita coisa que eu não sei sobre esta casa — disse Collins, e Joanna deu um salto. Ele tinha aparecido por trás dela sem aviso e estava ali, quase uma cabeça mais alto e duas vezes mais largo do que ela, embora se tenha encolhido um pouco quando ela se virou, como que para se tornar menos intimidante. — Desculpa — disse ele. — Não tinha a intenção de te assustar.

— Não me assustaste — disse Joanna, e era verdade. Apesar do seu tamanho e de uma certa sensação de energia reprimida que transmitia, havia algo estranhamente calmante na sua presença. Nicholas era todo ele drama sardónico, Esther toda atividade e energia, e a própria Joanna já tinha desatado a chorar duas vezes nesse dia; Collins era, de longe, a pessoa menos reativa da casa.

— Estava a pensar que talvez nos pudesses fazer uma visita guiada ao local — sugeriu Collins. — Enquanto a Esther está a escrever.

— Já viste a maior parte — disse Joanna.

— Refiro-me à tua coleção — disse Collins. — Aos teus livros.

Nicholas tinha estado a dobrar e a numerar as páginas que Esther se preparava para escrever, mas, quando ouviu aquilo, olhou para cima.

— Sim — disse ele. — Apoio de todo o coração esse pedido.

Joanna olhou de relance para Esther.

— Não precisas de nós?

— É só encher a caneta e ir-me a isto, certo? — perguntou Esther a Nicholas.

— Se com «ires-te a isto» queres dizer dar ao processo toda a tua concentração e o máximo de cuidado, sim. Lembra-te, a escrita tem de ser o mais legível possível. Se te enganares, não podes riscar nada, terás de começar a página toda de novo.

— Nesse caso, não, não preciso de vocês. Na verdade, provavelmente seria melhor para mim se estivessem todos fora da sala em vez de ficarem a espreitar por cima do meu ombro.

Joanna hesitou. Esconder a coleção, protegê-la, tinha sido o único objetivo da sua vida durante tanto tempo que parecia impossível alterar a sua atitude tão facilmente. Abe ficaria abismado por ela estar sequer a pensar nessa possibilidade... mas, por outro lado, Abe não tinha motivo para criticar. Confiar um no outro acima de todas as outras pessoas era um princípio central das regras dele, mas tinha-lhe mentido toda a vida,

o que significava que as suas regras eram, na melhor das hipóteses, hipócritas e, na pior, discutíveis. Se, pelo menos, conseguisse fazer com que os seus sentimentos alcançassem a sua lógica. Sempre que experimentava algo que não fosse a dor do luto pelo pai, como a raiva ou a amargura, pensava no aspeto dele da última vez que o vira, estendido no chão frio e húmido, esvaído por aquele livro misterioso.

Um livro que, graças a Nicholas, já não era um grande mistério.

— Está bem — disse ela.

Nicholas pôs-se de pé e vacilou, agarrando-se às costas de uma cadeira, com o rosto pálido. A expressão de Collins passou de neutra a ameaçadora numa impressionante distorção das suas feições, mas Joanna estava a começar a interpretar as expressões dele suficientemente bem para lhe parecer que ele poderia estar preocupado, não a sentir impulsos homicidas.

— Foi uma tontura — disse Nicholas. — Indica o caminho.

QUANDO JOANNA IMAGINAVA QUE ESTAVA A MOSTRAR A SUA COLEÇÃO, ERA sempre a uma fantasia sem rosto de uma pessoa que ficaria impressionada. Imaginava alguém a segui-la pela escada da cave e através do alçapão até à sala secreta subterrânea, onde exclamaria ao ver a mística do corredor e da porta trancada, admiraria o armário de ervas imaculadamente etiquetado, ficaria maravilhada com as centenas de volumes antigos alinhados nas prateleiras ordenadas. «Santo Deus!», exclamaria essa estranha. «Isto é extraordinário!» Ou algo do género.

O que não imaginara fora abrir a porta a alguém que não só tinha vinte vezes mais livros do que ela, mas também uma mansão inglesa inteira para os guardar, além de sangue mágico a correr-lhe nas veias e de séculos de linhagem a sustentá-lo. Acendendo as luzes do teto e esperando pelo rugido da magia, quase se sentiu embaraçada com a pequenez e a insignificância da sua coleção.

No entanto, Nicholas parecia genuinamente entusiasmado.

— A Biblioteca compra coleções privadas inteiras com bastante frequência — disse ele, espreitando para um armário de portas de vidro —, portanto, eu já vi os livros em si, mas nunca os tinha visitado na residência de alguém. Posso?

— À vontade — disse ela, e sentiu uma pequena pontada de medo e de orgulho quando ele abriu um dos armários e tirou um livro. Collins estava a examinar as prateleiras de ervas secas em frascos, com o rosto impassível. — Acabou-se-me a verbena — disse ela, e depois sentiu-se imediatamente tola quando ele lhe lançou um olhar, com a testa franzida. Certo. Porque é que ele queria saber do estado do seu *stock*?

Mas ele respondeu:

— Também estás a ficar sem abrunheiro. Há o suficiente para uma leitura?

— Quanto baste para três — disse ela. Atrás deles, Nicholas estava a murmurar para consigo sobre sobrecapas de livros.

— É espantoso aqui em baixo — disse Collins, e Joanna corou, inexplicavelmente encantada com a sua aprovação, embora não lhe devesse interessar o que aqueles estranhos pensavam.

— Estão organizados? — perguntou-lhe Nicholas. — Qual é o teu sistema?

— Neste momento, estão agrupados pelo número estimado de utilizações que ainda têm — respondeu Joanna, desviando o olhar de Collins. — Eu reorganizo-os bastante, só por diversão.

Apercebeu-se, demasiado tarde, de como aquilo a fazia parecer pouquíssimo divertida, mas Collins viu a expressão dela e disse:

— Não te preocupes, o Nicholas também não é nada divertido.

— Bem, não me foi dada muita hipótese de o ser, pois não? — disse Nicholas, colocando cuidadosamente o livro de volta no seu lugar. — Tanto quanto sabemos, talvez eu seja absolutamente fantástico no *karaoke*.

— O *karaoke* é para pessoas que não sabem dançar. — Collins estava a fitar um frasco de calêndula em pó, mas desviou o olhar para Joanna e perguntou: — Então, onde guardas os esconjuros?

— Desde quando é que és tão curioso? — perguntou Nicholas antes que Joanna pudesse responder. — Normalmente, já estás a meio caminho da porta à simples menção de livros.

Collins encolheu os ombros.

— Que posso dizer? As coisas ficaram interessantes.

— Os esconjuros estão aqui, na parte da frente — disse ela, e Collins aproximou-se da secretária para ver, com Nicholas a segui-lo mais devagar. O códice dos esconjuros estava num lugar de destaque no

suporte que Abe tinha construído para eles, pouco maior do que as mãos abertas de Joanna, mas a coisa mais preciosa que possuía. Quando Nicholas estendeu a mão, ela disse, muito mais alto do que tencionava: — Não!

Ele recuou tão depressa que tropeçou em Collins, que se tinha inclinado sobre o seu ombro para olhar.

— Desculpa — disse ela. — Só que... por favor, não lhe toques.

Nicholas levantou as duas mãos.

— Não o farei, prometo. Podes abri-los, talvez? Gostava de ver o interior.

Joanna deu por si a tremer ligeiramente, surpreendida com a sua própria reação vigorosa. Estava a afetá-la ter tantas pessoas no seu espaço, e sentiu que o seu ritmo cardíaco ainda não se tinha estabilizado desde a chegada deles. Contudo, respirou fundo e dirigiu-se ao lava-louça para lavar as mãos, deixando que o som da água a correr e do ronco quente do secador de ar preenchessem o silêncio desconfortável que a sua explosão tinha deixado no seu rasto. Quando sentiu os dedos perfeitamente secos, abriu o códice dos encantamentos na primeira página, acalmando-se um pouco com a sensação familiar das páginas amaciadas pela idade e com o texto denso no interior.

Nicholas manteve-se um passo atrás, curvando-se pela cintura com as mãos nos bolsos para olhar enquanto ela lhe mostrava cada uma das quinze páginas, uma a uma.

— Incrível — disse ele. — É idêntico aos que a Biblioteca usa, só que o meu pai editou o nosso para que os encantamentos de comunicação pudessem passar. Encantamentos-espelho e coisas do género... não funcionariam aqui.

— Mas eu disse-te que a minha mãe fez passar uma coisa pelo espelho no outro dia.

— Mas nada pode passar para cá. Na Biblioteca, podia. Onde é que o teu pai os arranjou, recorda-me?

— Eram da mãe da Esther. Pertenciam à família dela.

— Curioso — disse Nicholas.

— Joanna, podes adicionar o meu sangue aos encantamentos enquanto estamos aqui em baixo? — disse Collins. — Para que eu possa ir lá fora sem cair?

Joanna respondeu, sem olhar a boas maneiras:

— Não.

— Vá lá — insistiu Collins. — Alguém tem de ir passear o cão.

— Então e eu? — disse Nicholas, levantando a mão.

— Está bem, mas alguém tem de me levar a passear a *mim* — disse Collins. — Não posso ficar fechado em casa o dia todo, preciso de um pouco de exercício, senão fico maluco. Por favor? Suplico-te. Eu sou o único que está preso pelos esconjuros aqui. Além disso, podes tirar-me da lista quando quiseres.

Joanna observou-o com atenção. De facto, parecia demasiado grande para estar confinado, e tinha andado pela casa toda a manhã — a subir e a descer a escada, de um lado para o outro na cozinha, a lutar na brincadeira, numa luta desigual, com *Sir Kiwi*. Também havia qualquer coisa nele em que ela confiava implicitamente, e não era (jurou a si própria) por ele ser bem-parecido. Homens bonitos e de olhos azuis eram geralmente os menos confiáveis de todos — quantas vezes já tinha lido sobre um vilão com «olhos azuis gélidos»? Mas os olhos de Collins não eram de forma alguma gélidos. Eram acolhedores, suaves, de um azul de ganga velha desbotada pelo uso, e estavam focados nela naquele momento, cheios de esperança. Descobriu que não lhe queria dizer que não, mas...

— Não — disse novamente.

Collins lançou a Nicholas um olhar suplicante e Joanna recordou a forma como ela e Esther costumavam pedir algo à mãe e depois passavam para Abe quando Cecily dizia que não, na esperança de uma resposta mais satisfatória. Podia dizer que, na situação presente, ela era Cecily.

— Concordo que não me parece inteiramente justo que ele seja o único confinado à casa — disse Nicholas, e de seguida ambos se puseram a olhar para ela, dois pares de olhos suplicantes. Só a família dela é que alguma vez estivera incluída nos esconjuros, mas, até há pouco tempo, só a família dela é que tinha estado na casa. As mudanças estavam a acontecer quer ela estivesse preparada para elas ou não, e, depois de anos de resistência, era mais fácil agora ceder.

— Está bem — disse ela, pegando na faca de prata que estava na secretária. — Dá-me a tua mão.

Collins aproximou-se muito depressa, como se receasse que ela mudasse de ideias, e arregaçou a manga desnecessariamente. A mão dele, viu Joanna, era como o resto do corpo, grande, forte e bem

formada. Estava ligeiramente calejada, com veias que estavam retesadas ao longo das costas e subiam pelo antebraço musculado, e os dedos eram longos e de pontas rombas, as unhas cuidadas e largas. Joanna ficou a olhar para baixo, sentindo o peso quente da palma da mão dele na sua, até que Nicholas aclarou a voz e ela, com um sobressalto, voltou a prestar atenção.

Engoliu com força e pressionou a faca na ponta do dedo indicador de Collins, ficando de seguida a vê-lo pressioná-lo na parte de trás do códice, mesmo ao lado da impressão digital de sangue dela. Exatamente onde o sangue de Abe e de Cecily manchava em tempos a página. Pensou ter sentido os esconjuros estremecerem quando se deslocaram para o acomodar, e ele recuou, olhando para o dedo ainda a sangrar como se não conseguisse fitá-la nos olhos.

— Sinto muito — disse Collins, em voz baixa. — Eu sei como tudo isto é difícil para ti.

Joanna fletiu a mão que segurava a dele.

— Está tudo bem — disse.

Fechou os esconjuros e voltou a colocá-los por trás da porta de vidro sobre a secretária, acima do livro dos vampiros, que, por insistência de Nicholas, estava bem embrulhado num casaco velho. Ainda conseguia ouvi-lo, no entanto, um gongo profundo e discordante que cortava o zumbido pacífico dos outros livros, uma nota errada tocada vezes sem conta.

Também a atenção de Nicholas estava virada para o livro.

— Importas-te que eu leve isto comigo lá para cima? — perguntou ele. — Gostava de dar outra vista de olhos.

— Fica à vontade — disse Joanna.

NO ANDAR DE CIMA, ESTHER ESTAVA DEBRUÇADA SOBRE O SEU TRABALHO, com as páginas acabadas a acumularem-se na mesa da sala de jantar para secar. Nicholas deu-lhes uma vista de olhos profissional, olhando para baixo como o juiz de um espetáculo de póneis.

— Muito bem, muito bem, oh, *muito* bem — até que Esther estendeu o braço para o afastar com um empurrão.

— Estás a tornar extremamente difícil eu concentrar-me — disse ela.

— E se eu copiar uma palavra errada e acidentalmente transformar o Collins numa galinha?

— De facto, reparei que já não tens ovos — disse Nicholas a Joanna.

Collins tinha desaparecido com *Sir Kiwi* assim que voltaram para o andar de cima, batendo a porta atrás de si como se não pudesse esperar para ir lá para fora. Vendo-o sair, Joanna sentiu uma pontada de desânimo que decidiu que era ciúme. Teria gostado de ir dar um passeio, mas sentia-se nervosa com a ideia de deixar Esther e Nicholas sozinhos em casa, a escrever a sua magia. Era, em parte, paranoia — não queria deixá-los sem supervisão — e, em parte, o seu desejo de ser incluída, embora não pudesse ajudar.

Passado algum tempo, contentou-se em sair para o alpendre frio, onde ficou um pouco desiludida quando descobriu que Collins não se via em lado nenhum — devia ter levado *Sir Kiwi* para o bosque, mas sorriu encantada quando viu que o gato estava à sua espera, entrelaçando-se à volta do corrimão com a cauda levantada. Receara que os cheiros estranhos a cão e a pessoas o tivessem assustado.

— É uma festa lá dentro — disse ela, baixando-se para lhe acariciar a cabeça. Como sempre, ficou espantada com a sensação de calor e de presença que ele dava. — Tens a certeza de que não queres entrar?

Ele empurrou o focinho contra os dedos dela e entrelaçou-se nas suas pernas, e ela pensou se a deixaria pegar nele. Queria muito pegar nele ao colo. Mas, quando estendeu a outra mão e o tocou no flanco, ele afastou-se com um salto.

— Está bem — disse enquanto ele batia em retirada, com os seus olhos cor de sidra a repreendê-la. — Desculpa. Não era minha intenção apressar-te.

Não pôde evitar desejar que alguém com uma voz gentil lhe dissesse aquilo mesmo.

Collins estava a regressar; ela via o seu vulto entre os ramos e ouvia o estalido dos galhos e das folhas mortas sob os seus pés pesados quando ele subia o caminho da casa. Ele emergiu do matagal por trás do baloiço, com a trela de *Sir Kiwi* enrolada numa mão, os olhos focados no chão à sua frente, a boca sombria. Quando olhou para cima e viu Joanna no alpendre, imobilizou-se.

— Que estás a fazer? — perguntou Collins.

— Estou a dizer olá ao gato — respondeu ela.

Collins franziu a testa e de seguida pareceu reparar na maneira como *Sir Kiwi* estava a arfar, a esticar a trela.

— O gato — repetiu enquanto o animal em questão saltava do alpendre e corria na direção do bosque. *Sir Kiwi* soltou um ganido de agonia e Collins ficou a olhar para as árvores escuras em que o gato desaparecia.

— Estás bem? — perguntou Joanna.

— É agradável aqui fora — disse ele. — Foste tu que abriste aquele caminho?

— Fomos eu e o meu pai. E a Esther. Há anos, quando éramos miúdas.

— Mas mantiveste-o limpo. Deve dar muito trabalho. — *Sir Kiwi* tinha subido a trote os degraus do alpendre e estava a esticar a trela para tentar saltar para cima das pernas de Joanna. Collins ficou a alguns passos de distância na relva, olhando para ela. — Até onde é que ele vai?

— Circunda a propriedade — disse ela. — Traçando o contorno dos esconjuros. São cerca de cinco quilómetros no total. Foste até ao ribeiro?

Collins acenou com a cabeça. O mau humor que o tinha dominado parecia estar a dissipar-se.

— Sim — disse ele. — É lindo lá.

Mais uma vez, como na cave, Joanna sentiu um rubor de prazer; e, mais uma vez, disse a si própria que não importava o que Collins pensava. Mas ele tinha razão, ela tinha trabalhado arduamente naquele caminho, que, de muitas maneiras, era uma parte dela, tal como os livros, aquele alpendre ou o seu próprio sangue. Era o seu sangue, ao fim e ao cabo, que mantinha aquela casa segura dentro do círculo de floresta.

Collins começou a subir a escada, fazendo ranger as tábuas, e ela recuou um passo para o deixar passar. Ele parou mesmo diante dela, com os olhos fixos algures por cima do seu ombro, os lábios numa linha fina e triste. Era uma cara cheia de más notícias, e ela teve de repente a certeza de que não queria ouvir o que quer que ele fosse dizer a seguir. Preparou-se, com a pulsação a ficar acelerada, e o olhar dele levantou-se brevemente para o dela.

— Tudo aqui é lindo — disse ele.

Depois, passou por ela e entrou em casa, com *Sir Kiwi* à frente. Joanna ficou ali, espantada e confusa, a ouvir o bater da porta atrás

dele. A expressão dele era a mais terrível que ela já lhe tinha visto, a tensão irradiava de cada linha do seu corpo, apesar das suas palavras.

Todos estavam sob muito stresse, lembrou a si mesma, e Collins não menos do que qualquer um dos outros. Devia estar ansioso por causa do feitiço que Esther estava a escrever, preocupado com o pensamento de que poderia não funcionar, ou mesmo com o pensamento de que funcionaria, de que qualquer voto de silêncio ao qual ele tivesse estado submetido em breve seria quebrado. As restrições podem ser reconfortantes. Joanna sabia disso melhor do que ninguém.

Quando abriu a porta para voltar para dentro de casa, o som do livro dos vampiros atingiu-a de novo. Collins estava no *hall* a limpar as patas enlameadas de *Sir Kiwi* com uma toalha velha, mas soltou a última pata traseira quando Joanna entrou, e, quando a cadela deu uns passinhos a afastar-se, foi atrás dela. Joanna seguiu-o até à sala de estar, onde encontraram Nicholas sentado no sofá com o livro ao lado, a massajar as têmporas. Joanna pensou, ligeiramente impressionada, que nunca tinha conhecido nenhum ser humano ou objeto que conseguisse parecer tão luxuoso e tão esgotado ao mesmo tempo.

— Que se passa? — quis saber Collins, pairando sobre ele.

— Para com isso — disse Nicholas. — Por Deus. Já não és o meu guarda-costas, lembras-te? Não se passa nada, só tenho uma dor de cabeça. E este livro é horrível.

O som ficou preso na cabeça de Joanna, uma película amarga na parte de trás da língua que ela provava sempre que engolia. Saber de que era feito o livro não tinha alterado o som em si, mas agora era mais difícil ouvir como era errado e não pensar em pele, osso, tendões e sofrimento.

— Já acabaste de procurar? — perguntou Joanna.

— Por agora — disse Nicholas, franzindo a testa. — Continuo a pensar que há mais alguma coisa, algo que não estou a entender, mas... Não sei.

Esther veio da sala de jantar, espreguiçou-se e encostou-se à ombreira da porta.

— Posso voltar a pô-lo na cave? — disse Joanna. — É muito desagradável de ouvir.

— Sim — disse Nicholas, e Collins, que se preparava para se sentar no sofá ao lado dele, levantou-se novamente. Depois começou a sentar-

se. Mas mudou de ideias e levantou-se. Nicholas franziu-lhe a testa e Joanna ficou contente por não ter sido a única a reparar no seu comportamento estranho. — Collins, estás bem?

— Já acabaste de escrever? — perguntou Collins a Esther.

— Sim, há um segundo — disse Esther.

Collins virou-se para Nicholas.

— E agora?

— Agora, estamos à espera de que as páginas sequem para que a Esther as possa encadernar.

— Quanto tempo é que isso vai demorar?

— Não muito tempo, uns trinta minutos? Quarenta?

— Não voltes a pôr o livro lá em baixo ainda — disse Collins, com os olhos fixos nos de Joanna. A sua voz soava tensa, como se estivesse a lutar para a manter calma. — Por favor. Não até que o feitiço fique pronto.

— Porque não? — perguntou Nicholas.

— Não te posso dizer.

Joanna trocou um olhar perplexo com Esther, com o livro a zumbir na mesa de café como uma serra elétrica distante.

— Posso pô-lo noutra divisão, pelo menos?

— Em qualquer lugar, exceto na cave — disse Collins.

Querendo acalmar qualquer ansiedade inexplicável que se tivesse apoderado dele, Joanna foi esconder o livro na despensa, onde o zumbido baixo e desagradável seria abafado por várias portas, mas ainda conseguia ouvi-lo vagamente quando se deslocou pela casa. No entanto, estava mais baixo; suportável.

A tinta de Esther secou rapidamente, e Joanna observou com interesse enquanto Nicholas a acompanhava no processo de encadernação. Ele próprio acabou por fazer a maior parte, uma encadernação cóptica rápida cosida com fio de algodão preto vulgar, a capa de couro cortada de um casaco velho e cosida em vez de colada para poupar tempo. A encadernação em si não tinha grande importância, explicou Nicholas, desde que o livro estivesse encadernado. As formas antigas de magia, como os pergaminhos ou as esculturas pré-linguísticas, outrora, tiveram de ser «acabadas» de forma semelhante antes de o feitiço fazer efeito — o barro misturado com sangue tinha de ser cozido, as margens perfeitamente alinhadas.

Ela pôs-se a ver Nicholas a coser a encadernação com mão experiente e ficou maravilhada com a quantidade de perguntas que fizera ao longo da vida que obtinham uma resposta com a simples presença dele.

Nicholas deu o último ponto, deu um nó na linha e depois cortou-a com os dentes e sorriu para Esther.

— Parabéns. Escreveste o teu primeiro livro.

— Não me dês os parabéns até sabermos se funciona — disse Esther, mas Joanna conseguia ouvir claramente que funcionaria. O produto final parecia-se muito pouco com os outros livros da coleção de Joanna: as suas páginas eram compostas por papel branco barato de impressora e a sua encadernação estava bem-feita, mas era muito simples, a capa de couro rígido e sem adornos. Não era com a aparência que Joanna se preocupava. Preocupava-se com o som. E aquele volume caseiro, escrito num único dia pela mão da sua própria irmã, com sangue do corpo da sua própria irmã, zumbia como uma colmeia no calor de julho.

— Muito bem, vamos a isto — disse Collins, com o corpo todo praticamente a contorcer-se com a expectativa. — Lê-mo.

Sob o som reconfortante do feitiço de Esther nas suas mãos, Joanna ainda conseguia ouvir o murmúrio feio do livro na despensa, um puxão no ouvido da sua mente. Pousou o novo livro na mesa da sala de jantar e virou-se para a cozinha.

— O vampiro é incomodativo. Deixa-me só pousá-lo...

— Deixa-o — resmungou Collins, e ela virou-se para ele, picada pela dureza da sua voz. Ele pigarreou, fazendo um esforço claro para modular o tom da voz. — Vá lá, Joanna, por favor. Lê-me o feitiço primeiro, e depois faz o que tiveres de fazer na cave.

Uma onda de nervos percorreu o corpo de Joanna.

— Porque não queres que eu vá à cave?

Collins corou.

— Não é... eu não disse isso.

— Não precisaste de o dizer. — Joanna já estava a afastar-se dele e dos rostos desconcertados de Nicholas e Esther e a dirigir-se para a cozinha, ignorando Collins, que a chamava num tom de pânico, mais agudo do que alguma vez ela lhe tinha ouvido. Não parou para pegar no livro da despensa; um instinto súbito e certo tinha empurrado as suas preocupações firmemente para outro lado.

Quando empurrou a porta de madeira da cave para a abrir, ouviu

imediatamente que algo parecia diferente — ou soava diferente. Era como ouvir uma canção que soubesse de cor e perceber que estava a faltar um dos instrumentos em fundo. A sua pulsação ficou acelerada mesmo antes de ir até à secretária e de se aperceber do seu espaço desalinhado.

A prateleira onde se encontravam os esconjuros, uma prateleira que nunca tinha estado desocupada em toda a vida de Joanna, estava vazia.

Tombou de joelhos, procurando atrás da secretária, debaixo dela, à volta dela, como se tivesse por descuido derrubado os esconjuros de alguma forma, mas sabia que não o teria feito, sabia que não era o que tinha acontecido, e atravessou a cave a correr e subiu a escada sem sequer trancar a porta atrás de si. Entrou de rompante na sala de jantar e foi direito a Collins, parando em frente dele, tão ofegante de raiva que mal conseguia pronunciar as palavras.

— Que é que fizeste?

Collins olhou para ela, com o rosto pálido, as pupilas enormes nos olhos azuis. Engoliu em seco com força, mas não disse nada.

— Que foi? — perguntou Nicholas. — Do que é que estás a falar?

Ela manteve os seus olhos nos de Collins, recusando-se a desviar o olhar. Todo o seu corpo estava a tremer com a adrenalina, o medo e a mágoa.

— Ele levou o meu livro de esconjuros.

Collins continuava em silêncio. Nicholas disse:

— Isso é ridículo. Ele não mexeu nos teus esconjuros.

Collins aclarou a voz. Abanou a cabeça. Quando abriu a boca, a voz saiu-lhe áspera.

— Sim. Fi-lo. Eu peguei neles. E não os vou devolver.

Durante um momento depois de Collins ter falado, mais ninguém falou, mas a Nicholas não deu a sensação de ser silêncio. Havia um rugido nos seus ouvidos enquanto o sangue lhe subia à cabeça e a sua mente zurrava uma negação, apesar da confissão de Collins. Este recuou até esbarrar contra parede da sala de jantar e olhou de Joanna para Nicholas, com uma expressão sombria. Nicholas sabia que o choque e a mágoa deviam estar bem patentes no seu rosto, mas não conseguia controlar a expressão, nem mesmo para salvar o seu orgulho ferido.

— Collins — disse Joanna. A voz saiu-lhe entrecortada, e ela apoiou as mãos na mesa da sala de jantar como se não conseguisse manter o equilíbrio. Nicholas ficou contente por já estar sentado. — São cinco horas. Se não ativarmos os esconjuros dentro de duas horas, a casa deixará de estar protegida, deixará de estar escondida, e qualquer pessoa poderá encontrar-nos se souber onde procurar.

Estava a dar-lhe o benefício da dúvida, o que Nicholas achava ridículo. Era óbvio que Collins sabia exatamente o resultado que teria esconder os esconjuros. Esther contornou a mesa, com as mãos fechadas em punho ao lado do corpo como se estivesse a preparar-se para lutar com Collins, e este cruzou os braços sobre o peito — não da sua forma habitual de durão, mas como se estivesse a proteger-se, como se estivesse assustado.

— Onde é que os puseste? — disse Joanna, e, como Collins não respondeu, virou-se para Nicholas e Esther. — Temos de revistar a casa.

— Não estão na casa — disse Collins. — Joanna. Lamento imenso. Mas não os vais encontrar.

Joanna bateu com a mão na mesa, um gesto tão inesperado que Nicholas deu um salto. Era o som mais alto que tinha ouvido Joanna

fazer desde que tinham chegado.

— Diz-me onde estão.

— Preciso de que me leias o feitiço — disse Collins.

— Não até que me devolvas os meus conjuros.

Nicholas já estava a reescrever a sua compreensão dos últimos dias, a limpar as lentes de todas as interações que tivera com Collins e a reformular tudo numa película pálida e doentia de vergonha. Pensou com repugnância na versão de si próprio que tinha sido apenas alguns minutos antes: uma pessoa lastimável que acreditara que ele e Collins poderiam realmente tornar-se amigos.

— A Maram mandou-me fazê-lo — disse Collins, dardejando um olhar entre Joanna e Nicholas. — Ela disse-me que o lugar para onde íamos tinha conjuros e que eu tinha de os tirar de lá o mais depressa possível. Ela disse-me para to dizer quando o tivesse feito.

Também Maram estivera a fingir. Ela nunca se importara realmente com Nicholas; ele era meramente um peão no jogo inexplicável da Biblioteca, como sempre fora um peão. Não conseguia olhar para Collins. Agarrou os braços de madeira da cadeira em que estava sentado e, em vez de olhar para Collins, fitou a mesa, o primeiro livro de Esther. Momentos antes, sentia-se empolgado com o sucesso dela e com a perspectiva de quebrar o acordo de confidencialidade de Collins, de finalmente saber o seu nome. Tinha sido tão, tão estúpido.

— Porquê? — Esther exigiu saber. — Porque é que ela te diria para fazeres isso?

— Eu não sei!

— Não pensaste em *perguntar*?

— É óbvio que perguntei! — Collins e Esther estavam agora a gritar um com o outro. — Ela não me podia dizer, porque, provavelmente, está sob o mesmo... — interrompeu-se, tossindo com o braço a tapar-lhe a boca, incapaz até de nomear o feitiço que o mantinha em silêncio.

— Oh, que conveniente — disse Esther. — Não te podes explicar porque te vais engasgar até à morte se tentares. Perfeito.

— Espera — disse Joanna. — Essa tosse. — De repente, parecia mais determinada do que furiosa, olhando atentamente para o rosto de Collins, que estava corado devido à falta de oxigénio. — Collins, é isso que acontece quando tentas falar sobre algo de que te foi ordenado que não falasses?

Collins não respondeu, porque o acordo de confidencialidade proibia responder a perguntas sobre o próprio acordo, mas Esther disse:

— Se é que ele está mesmo sob um feitiço.

— Espera lá — disse Joanna, recuando tão rapidamente que esbarrou contra a parede da sala de jantar. Uma pintura a aguarela de uma montanha tremeu na sua moldura. — Espera lá.

Collins tinha recuperado o fôlego, e disse:

— A Maram deu-me uma mensagem. Disse que temos de encontrar a coisa que o Richard vai usar para nos encontrar.

— Que raio quer isso dizer? — quis saber Esther.

— Não sei — respondeu Collins, e deu um passo na direção de Nicholas, que recuou na cadeira por instinto. Collins parou. — Diz alguma coisa — pediu —, por favor.

— Espera lá — Joanna repetiu, mas parecia estar a falar sozinha, e a cabeça de Nicholas estava a andar à roda demasiado depressa para ele se preocupar com ela nesse momento. A sua atenção estava concentrada em Collins, em Maram, nos esconjuros roubados e no acordo de confidencialidade não quebrado, mas nada daquilo fazia sentido.

— Mesmo que ele esteja a dizer a verdade — disse Esther — e que pense que está de alguma forma, não sei, a *ajudar*, escondendo os esconjuros...

— *Ele* não pensa que está a ajudar — disse Collins —, ele sabe!

— ...mesmo que — repetiu Esther mais alto — ele pense que está a ajudar, por que raio confia em Maram, e por que raio deveríamos nós confiar?

— Lê-me esse livro, Joanna — pediu Collins, e estendeu a mão como se fosse tocar nela, fechando-a de seguida quando ela, tal como Nicholas, recuou a afastar-se dele. — Por favor. Suplico-te.

Nicholas viu que Joanna tinha pegado no livro recém-escrito, segurava-o protetoramente nos braços longe de Collins, recuando da mesa da sala de jantar e dirigindo-se para a porta que dava para a cozinha.

— A tua tosse — disse Joanna a Collins —, eu já a tinha ouvido, exatamente a mesma.

— O quê? — disse Esther. — Onde?

— A mãe. — Ela agarrou o livro com mais força e olhou para Nicholas. — Acho que a nossa mãe está sob o mesmo feitiço. De

silêncio. Um acordo de confidencialidade.

As suas palavras provocaram um momento de silêncio.

— Essa tecnologia em particular — disse Nicholas — foi desenvolvida pela Biblioteca. Pelo meu pai. Eu vi os apontamentos dele.

— Então, o que é que isso quer dizer? — perguntou Joanna, com o rosto pálido.

Nicholas pensou no livro horrível de Abe.

— Significa que, a dada altura, os teus pais devem ter tido uma ligação à Biblioteca.

Joanna levantou o queixo e ergueu-se até à sua altura total, e Nicholas só nesse momento se apercebeu de que ela era alta, talvez mais alta do que ele. O cabelo comprido, os olhos grandes, a voz baixa, tudo isso a fazia parecer pequena, mas não era.

— Eu quero usar isto na minha mãe — disse Joanna. — Não no Collins.

— Joanna — implorou Collins, em voz baixa e suplicante, e ela parecia estar a preparar-se para começar a cuspir fogo.

— Eu não te devo nada de nada — disse ela.

— Mas eu roubei os teus esconjuros — tentou ele. — Não queres saber *porquê*?

— Não vai funcionar, de qualquer maneira — disse Nicholas. — Eu escrevi o acordo de confidencialidade do Collins, conheço a linguagem do original, portanto, sei qual é a linguagem necessária para o desfazer. Não há qualquer hipótese de eu ter escrito o da tua mãe, suponho que ela está sob o efeito de uma versão mais antiga, do tempo do meu pai como Escriba.

Joanna parecia destroçada.

— Mas...

— Parem, todos — exclamou Esther, levando as mãos aos ouvidos. — Uma coisa de cada vez! Olhem, o Nicholas perguntou ao Collins porque é que ele confia na Maram, e isso é algo que precisamos de saber acima de tudo. Ela é a nossa bonecreira, ela trouxe-nos aqui, nós temos de descobrir *porquê*.

— Sim — disse Collins, apontando para ela.

— Eu escrevi esse livro — disse Esther a Joanna. — Por isso, acho que sou eu que devo decidir o que fazer com ele. E quero quebrar o acordo de confidencialidade do Collins.

— Obrigado! — exclamou Collins.

— Nicholas? — disse Esther.

Nicholas estava muito habituado a receber ordens. Queria protestar, afirmar-se, mas a verdade é que não sabia *para* o que se afirmar, e houve uma parte não insignificante dele que mostrou o seu pescoço ao ouvir o tom de comando na voz de Esther.

— A decisão é tua — disse ele.

— Jo — disse Esther, num tom de voz visivelmente mais suave quando se dirigiu à irmã. — Pode ser? Podes ler o feitiço? És a única de nós que consegue.

Joanna olhou para o livro nas suas mãos, com os polegares a moverem-se para trás e para a frente sobre a capa de couro. Por fim, acenou com a cabeça, resignada.

— Vou buscar as ervas e a faca — disse.

— Encontramo-nos na sala de estar — disse Nicholas. — O Collins devia estar sentado para isto.

Collins sentou-se no sofá e Joanna ia ocupar o lugar ao lado dele, mas depois pareceu arrepender-se e sentou-se em cima da mesa de apoio aos sofás, com o livro no colo. Nicholas pôs-se a um ou dois passos de distância, de braços cruzados, e Esther instalou-se no cadeirão de couro, com um pé apoiado na almofada como se pudesse saltar de repente. Joanna olhou de relance entre os dois, nervosamente.

— Nicholas, será que podias não pairar sobre nós assim tanto?

— Eu não estou a pairar, estou...

— Estás em cima de mim, a olhar fixamente — disse Joanna. — Está a pôr-me nervosa.

De má vontade, Nicholas recuou.

— Está melhor assim?

Joanna acenou com a cabeça. Num tom de voz que começou suave e de seguida se tornou duro, como se estivesse a lembrar-se de estar zangada, disse:

— Collins, estás pronto?

— Estou pronto — respondeu ele.

Ela abriu o livro no regaço e respirou fundo e devagar. Depois, sem vacilar, espetou a ponta da faca no dedo anelar e mergulhou a ponta do dedo ensanguentada na taça com ervas. Collins observava cada movimento dela com uma postura tensa e expectante e a respiração

acelerada. Joanna pressionou o dedo contra a página e começou.

Nicholas estava a contar que ela fosse uma leitora hesitante, com uma voz fraca e incerta, mas estava sempre a esquecer-se de que ela fizera aquilo toda a vida. A voz dela era confiante, contínua e maravilhosamente modulada, subindo e descendo como se estivesse em conversa com as palavras. Quando começou a ler, não perdeu a concentração: nem quando *Sir Kiwi* saltou para as costas do sofá para ladrar pela janela a um esquilo, quando Nicholas teve um acesso de tonturas e se sentou pesadamente no banco do piano ou quando as mãos de Collins começaram a tremer-lhe no regaço e ele começou a engolir em seco convulsivamente.

Nicholas e Esther estavam ambos inclinados para a frente, Nicholas a observar a cena tão atentamente que os seus olhos estavam a ficar secos, e algumas vezes Collins olhou para ele, com os maxilares cerrados, para lhe fazer um pequeno aceno que Nicholas não conseguiu interpretar. Nicholas não sentiu a magia quando ela começou a funcionar, mas sabia que Joanna a estaria a ouvir, e podia ver os seus efeitos nas linhas do corpo de Collins, os seus ombros a ficarem hirtos, os tendões a sobressaírem no pescoço, as mãos trémulas a fecharem-se em punhos enquanto ele respirava através do desconforto do feitiço de levantamento do acordo.

Joanna deixou soar a última palavra e Collins ofegou, um som como o de água a escorrer por uma grelha. Caiu para a frente, com uma mão no sofá para se apoiar, a outra a voar para o pescoço, arquejante.

Joanna fechou o livro e pousou-o na mesa baixa, e Nicholas perguntou:

— Então?

— Dá-me a porra de um segundo, Jesus! — disse Collins em voz rouca.

— Mas funcionou — disse Esther. Tinha-se posto de pé e a boca tremia-lhe como se quisesse abrir-se num sorriso, mas estava a contê-lo.
— Eu escrevi um feitiço, e o feitiço resultou!

— Nós ainda não sabemos isso — disse Nicholas. — Aconteceu alguma coisa, mas...

— O meu nome — declarou Collins experimentalmente — é Nicholas.

— Como?

Collins tinha uma expressão que Nicholas nunca lhe vira, um sorriso que transformou todo o seu rosto, iluminou os seus olhos, apagou as linhas carrancudas à volta da sua boca.

— Esse é o meu nome próprio — disse ele. — Nicholas.

— O quê? — disse Nicholas. — Não.

— Nicholas Collins — disse Collins, e estendeu-lhe a mão. Antes de se aperceber do que estava a fazer, Nicholas inclinou-se sobre a mesa de apoio para pegar nela, a palma de Collins muito quente contra os seus dedos perpetuamente gelados. Deram um aperto de mão.

— Andei todo este tempo a tentar adivinhar — disse Nicholas — e estás-me a dizer que temos o mesmo nome?

— Bem, sempre me trataram por Nick — disse Nick Collins. — Cum caraças, sabe bem dizer isto em voz alta! — Olhou para Joanna, e, um pouco mais hesitante, estendeu-lhe também a mão. — Nick Collins?

Nicholas observou a incerteza no rosto de Joanna — um segundo, dois, ela não se mexeu, e a expressão esperançosa de Collins começou a desvanecer-se à medida que os segundos passavam. Depois, no momento em que Collins começava a retirar a mão, ela estendeu a sua com um gesto abrupto e decisivo, e Nicholas não pôde deixar de se sentir aliviado pelo seu amigo quando este sorriu a Joanna, aconchegando a mão dela nas suas. A seguir, Collins virou-se para Esther, mas pareceu pensar melhor — ela estava literalmente sentada em cima das mãos.

— Espera — disse Nicholas. — O que te devo chamar agora?

— Collins — disse Collins decisivamente. — E eu consigo ouvi-los, já agora. Os livros. A magia. O que quer que seja. Todos os guarda-costas que já tiveste conseguem ouvi-los, é por isso que somos recrutados.

— Mas tu detestas livros — disse Nicholas, atordoado.

— Antes não os detestava — disse Collins. — Adorava-os. Trabalhei na segurança de um coletivo em Boston que juntava os seus livros... a sede deles é a casa da Lisa, ela e a Tansy são membros, como eu era. A minha irmã mais nova, a Angie, também. Foi assim que a Biblioteca me encontrou, quando quiseram comprar a nossa coleção e acabaram por me comprar a mim. Os meus amigos, incluindo a Lisa e a Tansy, e provavelmente a Angie... todos pensam que me vendi pelo ordenado, mas não foi assim. — Ficou com uma expressão impenetrável. — Acontece que sou uma mercadoria valiosa, um guarda-costas treinado que consegue ouvir magia. Quando recusei a oferta de emprego na

primeira vez, o Richard adoeceu o negócio com um pouco de chantagem. A Biblioteca ofereceu dinheiro pela nossa coleção, claro, mas o Richard tem magia suficiente para não precisar de pagar para ficar com ela. Comprar os livros era simplesmente a maneira mais fácil. Ele disse que, se eu fosse trabalhar para a Biblioteca, se me submetesse ao acordo de confidencialidade e me mantivesse na linha, o coletivo estaria seguro. E não se estava a referir apenas aos livros. Estava a ameaçar os meus amigos também. — Olhou para Esther, parecendo procurar algum tipo de solidariedade. — E a minha irmã.

— Mas agora deixaste de te manter na linha — disse Joanna.

— Pois deixei — disse Collins sombriamente. — Mas a Maram disse-me que, se eu conseguisse tirar o Nicholas em segurança da Biblioteca, ela se certificava de que ninguém do coletivo sofreria qualquer dano.

Esther resfolegou.

— E tu acreditaste nela, sem mais nem menos?

— Deem-me algum crédito — disse Collins. — A Maram deixou-me ler-lhe um feitiço da verdade. Ela não teria sido capaz de prometer se não estivesse realmente a falar a sério.

Era então por esse motivo que Richard tinha achado tão fraco o último feitiço da verdade de Nicholas. Ele começou a pôr-se de pé, mas sentiu uma vaga de náusea e apoiou-se com força nas teclas do piano sem querer. Um som dissonante fez com que Joanna saltasse como um coelho assustado.

— Desculpa — disse ele.

— Senta-te — disse Collins, e Nicholas sentou-se. Não tinha a certeza se as ondas de vertigem eram devidas às palavras de Collins ou a uma produção insuficiente de glóbulos vermelhos, mas, de qualquer forma, sentia-se claramente indisposto. Estalou os dedos para *Sir Kiwi*, que veio a trote, com os olhos negros brilhantes, a divertir-se à grande. Ela sentou-se obedientemente em cima do pé dele.

Esther tinha-se recostado na cadeira, mas estava sempre a mudar de posição, inquieta.

— Então — disse —, a Maram deu-te uma série de ordens de marcha e disse-te que, se fizesses o que ela te dizia, não mandava o Richard atacar os teus amigos. Ótimo. Isso continua a não me parecer propriamente uma boa razão para confiar em alguém. De facto, soa muito mais a chantagem.

— Não é por isso que confio nela — disse Collins. — Confio nela porque também está a proteger alguém no exterior, só que o Richard não sabe.

Nicholas sentiu um choque de agitação que não conseguia explicar, uma sensação de queda, e Collins aclarou a voz.

— A noite da gala — disse ele a Nicholas, e hesitou. — Penso que já adivinhaste que eles encenaram aquele ataque, certo?

Nicholas acenou com a cabeça.

— As abelhas — disse.

— Que ataque? — perguntou Esther. — Que *abelhas*?

— Tive de fazer de conta que matava um tipo para assustar o Nicholas e o fazer pensar que andavam atrás dele — disse Collins. — A Maram pôs um feitiço na minha arma, que transforma as balas em abelhas.

— É um feitiço muito bem escrito — murmurou Nicholas.

— Abelhas reais, vivas? — perguntou Joanna com interesse.

— Não sei, elas decididamente zumbiam — disse Collins, e acenou com a mão; não eram as abelhas que estavam em causa. *Sir Kiwi* tomou aquele aceno como um convite e saiu de cima do pé de Nicholas para saltar para o lado de Collins no sofá, dando uma volta sobre si mesma antes de se instalar junto à perna dele. Nicholas sentiu uma pontada de irritação pela deslealdade da cadela. — A Maram fê-lo no escritório dela, o feitiço, com o Richard a ver. — Collins olhou para Nicholas e depois baixou os olhos, pousando a mão na cabeça de *Sir Kiwi*. — Aquilo não me agradou, obviamente, mas não tive escolha. E não podia contar-te. Lamento muito. Eu ter-te-ia contado. Queria contar-te.

Nicholas estava a ter demasiados sentimentos para acrescentar o perdão à lista.

— Quais eram os termos exatos do teu acordo de confidencialidade? — perguntou.

— Não podia dizer nada sobre a minha vida pessoal — respondeu Collins, contando pelos dedos —, não podia dizer nada sobre a Biblioteca em si e não podia repetir nada do que o Richard ou a Maram me dissessem. Nem por escrito nem em voz alta. É um contrato bastante padrão, diga-se de passagem. O da Maram deve ser similar. De qualquer forma, ela fez o feitiço, devolveu-me a arma, o Richard saiu da sala, e depois ela perguntou-me... — Engoliu em seco. — Perguntou-me o que

eu achava de te ver sangrar até à morte.

Nicholas não estava à espera daquilo, que o atingiu algures entre a garganta e o coração.

— Eu... o quê? Eu não estou, eu não estava...

— Sim, estavas — disse Collins. — Lentamente, talvez. Mas, mesmo nos poucos meses em que estive ao serviço da Biblioteca, pude ver que estavas a piorar, o Richard não te estava a dar tempo para recuperar. Eu sei quanto sangue uma pessoa pode perder antes de isso se tornar um problema. Sabia que estava a tornar-se um problema. — Collins aclarou a voz. — Disse à Maram que não me agradava a ideia.

— Virtuoso — disse Esther.

— Foi então que a Maram me disse que tinha um plano — disse ele, fulminando Esther com um olhar. — Um plano para acabar com tudo, não só com o que te estava a acontecer, mas com a própria Biblioteca. Para o meu contrato, o contrato de toda a gente, todo aquele lugar infernal entrarem em colapso.

— Oh, que divertido — disse Esther. — Não há nada de que eu goste mais do que de ser uma participante involuntária no grande esquema dramático de outra pessoa.

— Não — disse Nicholas, abanando a cabeça —, isso não é possível. A Maram adora a Biblioteca. Sempre adorou. Ela procurou a Biblioteca, não o contrário, ela convenceu o Richard a contratá-la logo que terminou os estudos em Oxford. — Disse de novo porque era preciso repetir: — Ela adora a Biblioteca. E ama o Richard. Que razão poderia ter para a querer destruir?

Collins passou os dedos no pelo de *Sir Kiwi*, parecendo subitamente nervoso.

— Perguntei-lhe a mesma coisa. E ela olhou para mim durante muito tempo, como se estivesse a decidir alguma coisa. Depois, foi ao quarto e veio de lá com uma fotografia, uma fotografia antiga, como se fosse de uma câmara descartável, com aquela data cor de laranja no canto. A imagem era pouco nítida, meio esverdeada, parecia uma paisagem chuvosa... mas havia um bocadinho de sangue seco no canto. Quando ela o esfregou, a imagem mudou.

Collins já não estava a olhar para nenhum deles, parecendo estar concentrado em fazer festas a *Sir Kiwi*, cuja língua estava a despontar-lhe da boca com o prazer daquela atenção.

— Era uma senhora numa cama de hospital — disse ele. — Com um bebé nos braços. Demorei um segundo a perceber que a senhora era Maram. Era muito mais nova, mas tinha praticamente o mesmo aspeto.

Esther levantou uma sobrancelha cética.

— *Que* é que um bebé tem que ver com isto?

Nicholas olhou-a com atenção — aquela sobrancelha escura e arqueada. Ele já tinha visto aquela expressão. Vira-a quase todos os dias da sua vida. Até a praticara ao espelho. E soube, de repente, porque Esther lhe parecera familiar quando a vira pela primeira vez através do espelho enfeitado.

Estava lá, na linha do maxilar, no arco decidido do lábio superior, na linha do cabelo em forma de coração. Naquelas rugas ténues na testa que se tornariam mais profundas à medida que as sobrancelhas fossem mantendo a sua dança constante. Não era uma semelhança direta, menos imagem fotográfica e mais impressionista. Mas, assim que reparou na semelhança, não conseguiu deixar de a ver.

Ela parecia-se com Maram.

Maram, que os reunira a todos ali naquela sala em plena zona rural do Vermont, que aparecera na vida de Nicholas na mesma altura em que a mãe de Esther tinha desaparecido da dela.

— *Que* foi? — disse Esther, porque Nicholas estava a olhar fixamente para ela, assim como Collins e Joanna. No rosto de Esther, apareceu uma espécie de confusão impotente, que foi como Nicholas soube que ela não estava de todo confusa.

Ela, tal como Nicholas e Joanna, estava a começar a compreender o que Collins se preparava para lhes dizer.

— O acordo de confidencialidade não permitia que ela explicasse nada diretamente, portanto, na altura, a única coisa que eu entendi sobre a fotografia foi que a Maram tinha tido um filho — disse Collins. — Um grande segredo, claro, mas não o suficiente para me fazer confiar nela... e eu disse-lhe isso mesmo. Ela pediu-me que esperasse, disse que em breve eu perceberia. Penso que foi por isso que ela explicou ao Nicholas como entrar no escritório do Richard, não só para que ele reconhecesse o seu olho, mas para que eu visse o feitiço de procura do Escriba e olhasse através daqueles espelhos para a Antártida. E acabei por perceber. Deduzi que o feitiço do Richard tinha finalmente encontrado outro Escriba: outra pessoa para sangrar, outra pessoa para

matar. E a pessoa que ele tinha encontrado era a filha da Maram.

TERCEIRA PARTE
LINHAGEM DE SANGUE

Nicholas não tinha qualquer memória dos pais, e poucas fotografias. As únicas fotografias da mãe que possuía eram dos tempos de teatro dela, folhetos das peças e retratos antigo do elenco, nas quais ela estava quase sempre vestida com a indumentária da personagem que iria representar, com os lábios sorridentes pintados, a pele artificialmente lisa e mate, o cabelo escuro encaracolado. Ele tinha lido o texto de todas as peças em que a sua mãe atuara e sabia que ela tivera muitas vezes o papel de ingénua ou de inocente, uma rapariga adorável cujas tensões narrativas não existiam para desenvolver a sua personagem mas para obter efeitos dramáticos ou cómicos — e esse era também o papel que ela parecera ter desempenhado fora do palco. Uma jovem que teve o azar de se apaixonar pelo precioso Escriba da Biblioteca e cuja presença na vida de Nicholas fora como a sua presença em todas as peças em que participara: uma tragédia apenas na medida em que alimentara a tragédia dele. Ele não a conhecera suficientemente bem para lhe atribuir qualquer outro papel. Em todas as fotografias, ela não se parecia com a mãe de ninguém.

Maram também não se parecia com a mãe de ninguém. Em criança, ele entregara-se, por vezes, à fantasia de que ela se casaria com Richard, ligando-se legalmente a Nicholas para sempre e solidificando oficialmente o que ele já considerava ser a unidade familiar deles, mas cometeu o erro de lho perguntar uma vez e ela tinha-se rido dele.

— A minha relação com o teu tio é bem-sucedida porque se baseia no nosso amor pela Biblioteca — disse-lhe ela. — Não no nosso amor um pelo outro.

— Não o amas?

Estavam a passar uma rara tarde fora, só os dois, num café na zona

londrina de South Bank, onde Nicholas tinha ocupado a maior parte do almoço a olhar em redor, admirado com todos os estranhos tagarelas. Nesse momento, Maram pousou o garfo e olhou-o solenemente.

— Queres a resposta de um adulto — disse —, ou uma resposta própria para uma criança de dez anos?

Nicholas riu-se. Que rapaz de dez anos escolheria a segunda opção?

— Eu amo o Richard porque ele nunca quis que eu fosse outra coisa a não ser aquilo que sou — disse Maram. — Ou seja, uma estudiosa. Dedico-me, em primeiro lugar e acima de tudo, à Biblioteca, aos nossos livros e à preservação do nosso conhecimento, e o Richard adora isso em mim.

— Então ama-lo porque ele te ama — disse Nicholas, desapontado com a falta de romantismo daquela resposta.

— Isso não te parece uma boa razão para amar alguém?

Nicholas não sabia. Perguntou-se se era por essa razão que também amava Richard; porque Richard o amava, ou, pelo menos, porque estava mais perto de o amar do que qualquer outra pessoa na sua vida. Seria por Nicholas, tal como Maram, ser uma extensão da Biblioteca? A Biblioteca seria a única coisa que os mantinha unidos?

Depois daquela conversa, tentou pôr de lado as suas fantasias de família. Maram era uma guardiã, uma amiga, nunca seria mais nada. Mas a verdade é que, durante muito tempo, se alguém tivesse vindo ter com ele e lhe tivesse dito que, secretamente, durante todos aqueles anos, Maram fora a sua mãe, ele teria ficado em êxtase.

Não teria encolhido os ombros e dito, como Esther:

— Improvável.

— Improvável? — repetiu Nicholas. — Esther, tu és a cara chapada dela.

— Faz sentido, de facto — declarou Joanna, num tom de voz cuidadoso.

— Não, não faz — disse Esther. — Não nos diz porque nos mandou para o Vermont, porque mandou o Collins livrar-se dos esconjuros ou o que ela quer de nós. Não nos diz absolutamente nada.

Nicholas estava demasiado agitado para ficar sentado. Deixou que os pés o levassem até ao fundo da sala e depois voltou para trás.

— Estás enganada — disse. — Explica algumas coisas. Como exercício de reflexão, digamos que a Maram é a tua mãe e que tem agido

para te manter fora de perigo. Isso explicaria certamente porque é que ela te passou aquelas passagens de avião através do espelho: para te tirar da base de investigação e te afastar do Tretheway. E explicaria porque é que, de repente, decidiu ir contra os melhores interesses da instituição a que se tem dedicado nos últimos vinte e cinco anos. Excedeste o teu tempo na Antártida, o feitiço de procura do Escriba finalmente localizou-te e a Maram não teve outra opção senão agir.

— Ela não está a ir contra os interesses da Biblioteca — disse Esther —, está a jogar mesmo a favor deles! Ela mandou-nos para aqui, *juntos*, e disse ao Collins para se livrar dos encantos assim que pudesse. Fez com que fosse mais fácil para o Richard apanhar-nos aos dois no mesmo sítio, não mais difícil.

— Mas o feitiço da procura do Escriba acabou por este ano — disse Nicholas. — Ter-se livrado dos encantos não significa que o Richard vá saber de repente onde estamos, a não ser que fiquemos mais um ano inteiro à espera. Ele não tem outra forma de nos localizar...

As palavras secaram-lhe na boca, porque, do outro lado da sala, no rosto de Joanna, havia uma expressão de medo. Ela estava a olhar para ele e a abanar a cabeça.

— Oh — disse ele. — Merda.

O livro na despensa. O livro claramente gravado com o feitiço de localização da Biblioteca.

— Está tudo dito — disse Esther. — Portanto, proponho que paremos de tentar a todo o custo encontrar sentido numa situação sem sentido e que peguemos nesse livro e o atiremos ao oceano.

— Um oceano não o vai afetar — disse Joanna —, não enquanto ele estiver a decorrer.

— Eu podia fazer-lhe mal — disse Nicholas. — E a Esther também podia.

— Não — disse Collins.

Tinha-se posicionado em frente da porta da sala de estar, com a sua largura a ocupar todo o espaço e a sua postura a irradiar uma energia contida e preparatória, como um predador prestes a saltar em cima da sua presa. Nicholas esquecia-se por vezes de como Collins era grande — de como conseguia fazer-se grande.

Esther dirigiu-se para ele a passos largos.

— *Que* queres dizer com *não*?

— Fazes alguma ideia — disse Collins — de quantas pessoas a Biblioteca mandou matar ao longo dos anos? De quantos livros eles obtiveram através de subornos, de chantagens e de roubos? Estamos a falar de séculos desta merda. De um monopólio mágico. Porque julgas que vocês os dois são os únicos Escribas que restam? O resto de vós morreu a escrever os feitiços da Biblioteca. A Biblioteca não quer «preservar o conhecimento», apenas quer preservar o seu próprio poder, quer ser o único jogo na cidade para que toda a gente tenha de comprar bilhetes e venha assistir. — Virou-se para Nicholas. — Eu não sei o que aconteceu aos teus pais, mas estou disposto a apostar que não foi... o que é que o teu tio te contou? Que foi um roubo que correu mal? Tretas, Nicholas. Isso são tretas. O teu pai morreu pelo seu sangue, como todos os outros Escribas que a Biblioteca já teve. Como tu vais morrer.

Cada uma das palavras de Collins atingiu Nicholas como um golpe, e os seus ouvidos zumbiam.

— Eu penso que a Maram tem realmente um plano — disse Collins. — Penso que ela está farta das merdas do Richard e que está pronta para fazer algo a respeito disso, finalmente, e eu também estou pronto. Não quero fugir, e não quero atirar nada ao oceano, quero descobrir o que ela quer que façamos e ver se podemos executá-lo. Ela queria que soubesses que os encantamentos estavam desativados e disse para encontrar a coisa, a coisa que o Richard usará para te encontrar. Ela tem de estar a falar daquele livro. Há lá qualquer coisa, só temos de descobrir o quê. Por favor.

Aquela última palavra foi dita muito baixo, um apelo direto. O olhar de Collins era firme e a sua expressão tão séria que Nicholas teve de desviar o olhar. Joanna estava a morder o lábio inferior, a passar o cabelo comprido de um ombro para o outro, com as sobrancelhas franzidas. Esther examinava as unhas como se achasse tudo aquilo uma maçada.

— Quanto tempo temos antes de os encantamentos ficarem inativos? — perguntou Nicholas a Joanna.

— Cerca de duas horas.

— Então, damos-lhe duas horas — disse Nicholas, encontrando o olhar de Collins. — Duas horas para pensar bem nisto e decidir se o plano de Maram se destina a prejudicar-nos ou a ajudar-nos.

— E o que acontece depois?

— Tu devolves-me os meus esconjuros e nós reiniciamo-los — disse Joanna.

— Ela disse para os manter inativos — disse Collins, embora tenha curvado os ombros, a pedir desculpa. — É o que vou fazer.

— Então vamos embora — disse Esther. — Destruímos o livro, deixamos esta casa e não voltamos.

Joanna respirou de forma trémula, mas não protestou. Nicholas viu passar um ar de determinação pelo rosto dela e teve a sensação desanimadora de que os planos de Joanna não envolviam fugir. Mesmo depois de tudo o que ela ficara a saber, não abandonaria os livros ou a casa à volta deles. Ele conseguia ver a verdade daquilo em cada linha do corpo dela e sabia que Esther também a via.

— Obrigado — disse Collins. A sua postura mudou, os seus ombros baixaram-se, os músculos relaxaram, e pareceu instantaneamente mais pequeno. Nicholas perguntou-se como ele teria aprendido a fazer aquilo, e depois pensou se alguma vez teria a oportunidade de o descobrir, de conhecer realmente aquela pessoa a quem continuava a confiar a vida.

— Podes ir buscar o livro outra vez? — pediu Nicholas a Joanna, e as narinas dela inflaram como se ela fosse protestar, mas acenou com a cabeça e virou-se para o ir buscar à despensa. Ninguém falou até ela regressar e entregar o livro a Nicholas, que pegou nele com uma sensação de repulsa, como se pudesse encontrá-lo a escorrer com podridão sob os seus dedos. Mas parecia o mesmo de sempre, quase vulgar, encadernado e limpo. Virou a primeira página, sentou-se no banco do piano e pensou no rascunho que tinha visto no escritório de Richard.

Carne da minha carne.

Restos humanos — os restos de um Escriba — tinham encadernado o livro. Fosse quem fosse cuja vida estava a ser prolongada tinha sido ligado a um pedaço desse mesmo corpo.

Pensou no escritório de Richard, com objetos exóticos ou raros a brilhar em todos os cantos: pássaros empalhados, morcegos mumificados, animais de barro, todos eles provavelmente ligados a feitiços. Pensou em como Richard nunca ficava doente, em como apenas contratava guarda-costas para Nicholas e Maram, nunca para si próprio. E pensou no retrato do cirurgião atrás da secretária de Richard, o seu antepassado, fundador da Biblioteca. Era parecido com Richard

em quase todos os aspetos, exceto naqueles olhos frios que brilhavam por trás de uns óculos. Pensou em como nunca tinha visto uma fotografia de Richard em jovem, em como ele sempre tinha sido exatamente como era no presente: cinquentão, bem parecido, sem as brancas nas têmporas se alastrarem.

Voltou a pensar no retrato. Na primeira Escriba da Biblioteca, a irmã do cirurgião, e naquele único fémur na moldura de marfim. *Ossos do meu osso.*

Ele partira do princípio de que Richard queria encontrar Esther para poder forçar Nicholas a usar o rascunho na pasta, para forçar Nicholas a drenar o sangue de Esther e lhe cortar o corpo e escrever um feitiço que permitiria a Richard viver para sempre.

Que mais teria ele interpretado mal?

Os outros três tinham começado a falar em voz baixa enquanto Nicholas lia, mas ele não esperou por uma pausa. Falou ao mesmo tempo que eles.

— É a vida do Richard.

Três rostos viraram-se para ele.

— A vida do Richard — repetiu, segurando o livro com cuidado. — Tenho a certeza disso. Ele não parece envelhecer, nunca fica doente... — Tremia quando falava, gelado, embora estivesse muito perto da barriga quente da salamandra. — Penso que ele já existe há muito tempo. Penso que talvez fosse ele a pessoa que fundou a Biblioteca.

Joanna levou as mãos à boca e lançou um olhar à irmã, cuja pálpebra tremia quase impercetivelmente, embora ela estivesse imóvel. Nicholas susteve a respiração. Não sabia se conseguiria suportar que duvidassem dele, não sabia se teria energia para argumentar algo que sabia instintivamente, tão certo como se tinha sentido quando se apercebeu de que Esther era uma Escriba. Preparou-se para lançar uma defesa lógica.

— Sim. Isso dá a ideia de estar ao nível das coisas lixadas com que temos estado a lidar — disse Collins.

Nicholas olhou para ele com gratidão, mas Esther disse:

— Mesmo que isso seja verdade, é apenas mais uma complicação, mais uma pergunta.

— Não — disse Nicholas. — Não, não é uma pergunta. É uma resposta.

Por mais que desse voltas à questão na sua mente, só havia uma

razão para Maram o ter enviado a ele e a Esther — a sua filha, uma Escriba — para aquela casa no meio do nada. Só havia uma razão para ela o ter enviado para o escritório de Richard e para o ter forçado a confrontar a verdade sobre a crueldade do tio, e de seguida ter contornado em círculos complicados as imposições do seu acordo de confidencialidade para dirigir a atenção deles para aquele livro, o livro de Richard, a vida de Richard.

O livro tinha sido escrito por dois Escribas. Eram necessários dois Escribas para o destruir, mas havia uma salvaguarda escrita no feitiço, uma proteção que era também uma lacuna.

Só o meu próprio sangue pode acabar comigo.

Um dos Escribas tinha de ser Nicholas.

Esther estava a inclinar-se para ele, a tirar-lhe o livro das mãos, e ele permitiu-lho. Não tinha forças para continuar a agarrá-lo.

A recordação voltou a Esther assim que os seus dedos tocaram na capa escura e oleada do livro de Richard. Lembrou-se de onde o tinha visto antes.

O pai acorocado diante dela a dizer-lhe:

— Consegues rasgar isto? Estamos só a experimentar uma coisa.

A estranheza de sentir nas mãos papel que não se rasgava, de como parecia impossivelmente fino, a frustração do fracasso e o olhar desiludido de Abe. Ela tinha-lhe chegado um fósforo, tinha-o atirado para o fogão a lenha, submergira-o em água com sabão no lava-louça. Fizesse o que fizesse, o livro permanecia intacto.

— E se eu estiver errado? — dizia Nicholas. — E se a Esther e eu destruirmos o livro e se, afinal, ele não era do Richard, era de alguma alma inocente que vai cair morta a meio do jantar de domingo com a família, e se...

— Alma inocente? — disse Collins. — Ninguém que tenha deitado a mão a esse livro em particular pode ser inocente.

— Quem somos nós para fazer esse julgamento?

A agitação de Nicholas era compreensível, pensou Esther. Provavelmente, ela também estaria agitada se pensasse que poderia ter de matar alguém que conhecia, mesmo que ele lhe tivesse feito o que o tio de Nicholas lhe tinha feito. Não que Esther tivesse algum tio, que soubesse. Perguntou-se, embora se esforçasse muito para não o fazer, se Maram teria irmãos, e se Isabel teria irmãos, e se esses irmãos imaginários seriam de facto as mesmas pessoas.

Durante toda a infância, devorara histórias de crianças com mães mortas e desaparecidas, histórias muitas vezes mais fáceis de encontrar do que as de crianças cujas mães estavam vivas e bem de saúde. A

ausência de uma mãe era uma promessa de aventura; as mães tornavam as coisas demasiado seguras, demasiado reconfortantes. As crianças com mãe não precisavam de procurar fora de casa a afirmação da sua supremacia na história de alguém. Não precisavam de escrever o seu próprio protagonismo.

Esther recordava-se de Cecily se queixar disso quando viram *A Pequena Sereia*, *Cinderela* e *Branca de Neve*, ofendida com a falta de mães biológicas afetuosas e a prevalência de madrastas monstruosas. Ela apertava Esther com força ao peito, manchava-lhe a face com beijos vermelhos e dizia: «Esta madrasta má gosta muito de ti.» Porém, apesar do amor de Cecily, do qual Esther nunca duvidou, ela já tinha identificado dentro de si a mesma qualidade de falta de mãe que levou Ariel para a praia, Cinderela para o baile, Branca de Neve para a floresta. A sua falta de mãe era intrínseca ao seu sentido do eu, e o seu sentido do eu era tudo o que tivera naqueles muitos anos que passara sozinha.

O que significaria se a mãe dela estivesse viva? Não só viva, mas atenta a Esther e a olhar por ela, passando bilhetes através de espelhos mágicos e protegendo-a à distância, a sua própria fada-madrinha. O que significaria se a mãe não tivesse morrido, mas a tivesse deixado?

Esther sentou-se numa poltrona com o livro de Richard nas mãos e erigiu cuidadosamente um conjunto de divisórias na sua mente — uma pequena sala onde aqueles pensamentos podiam andar à volta tão depressa quanto quisessem, batendo contra as paredes, atirando-se para o chão, fazendo birras para pedir a atenção que só obteriam se Esther abrisse a porta. Não havia tempo para abrir a porta. A porta podia esperar. Ela rodou a chave com firmeza na fechadura.

— Para de tentares convencer-te a não fazer isto — dizia Collins a Nicholas.

Nicholas recostou-se contra o piano.

— Talvez eu queira convencer-me a não o fazer — disse. — Talvez eu não esteja preparado para protagonizar uma tragédia shakespeariana e assassinar o meu tio.

— Se estamos a falar de Hamlet, ele não assassinou o tio... essa é a questão fulcral — disse Collins. — Ele não conseguia decidir-se, e morreram todos por causa disso.

— Ele mata-o no terceiro ato!

— Bem, que raio de ato é este, então?

Esther levantou-se. Ainda tinha o livro nas mãos, e ajustou-as subtilmente, dispondo os dedos de uma certa forma antes de o estender a Nicholas.

— Toma — disse ela —, não quero tocar mais nisto.

Ainda com o olhar fixo em Collins, Nicholas estendeu a mão para pegar no livro. Esther esperou até ver os dedos dele apertarem-se à volta da capa, a agarrar bem o livro, e depois *puxou*.

Instintivamente, Nicholas puxou para trás, um braço de ferro que parou quando ele compreendeu a intenção dela e deixou cair o livro, furioso.

— Esther! — disse Joanna. Parecia impressionada.

— Tu — gaguejou Nicholas — tu... tu... tu estavas a tentar enganar-me para que eu matasse alguém!

— Sim — disse Esther, olhando para o livro, ainda imperturbado e intacto nas mãos dela. — E devia ter funcionado. Puxámos com força suficiente para, pelo menos, rasgar uma página ou duas, mas olha, o papel nem sequer está enrugado.

A indignação de Nicholas ainda era visível no seu rosto, mas estava a diminuir a favor da curiosidade.

— Que estranho — disse, pegando nele para ver com os seus próprios olhos. — Tens razão.

— Vamos tentar outra vez?

Ele lançou-lhe um olhar cortante, mas, de repente, pareceu perder as forças. Apoiou a mão livre contra a parede, para se equilibrar.

— Sim. Tentemos de novo.

Nicholas segurou o livro aberto enquanto Esther tentava arrancar uma página impossível de rasgar, e depois trocaram, Esther agarrou a capa enquanto Nicholas puxava o frágil papel velho com toda a sua força. De seguida, cada um segurou numa parte para o rasgar como se fosse um osso de frango. Tentaram ver se arderia na lareira. Puseram-no debaixo da água quente no lava-louça da cozinha.

Nada, nada, nada. Era tão infrutífero como Esther se lembrava de ser quando tinha tentado destruí-lo a pedido de Abe.

Quando tiraram o livro do lava-louça, com as mãos a pingar mas o livro seco, Nicholas parecia exausto e doente, e Esther não se sentia muito melhor do que ele aparentava.

— Não vale a pena — disse Nicholas, inclinado na mesa da cozinha sobre uma chávena de chá de urtiga que não estava a beber. — Eu devia ter percebido. Só conseguiremos destruir o livro quando destruímos o objeto a que o Richard ligou a vida dele, que é quase de certeza o osso na moldura do retrato. A Maram saberia disso... ela é demasiado esperta para não ter adivinhado, o que significa que toda a teoria não vale nada. Ela não nos mandaria atravessar um oceano para fazer algo quando sabe que falharíamos.

— Temos trinta e cinco minutos para ativar os encantos — disse Joanna, como se todos os presentes não estivessem também a olhar para os relógios.

— Desisto — disse Nicholas, e pousou a cabeça na mesa.

Mas Esther não se podia dar ao luxo de se render. Sabia que a irmã não sairia de casa a não ser que Esther a pusesse inconsciente e a arrastasse, o que não estava fora de questão, mas também não iria certamente ajudar muito a reparar uma relação que só agora começara a ser consertada.

— Collins, tens a certeza de que ela disse que os encantos tinham mesmo de ser desativados? Porque se ela só queria chamar a nossa atenção para o livro, já o fez, e nós podemos ativar os encantos.

— Não — disse Collins —, ela foi muito clara. Os encantos têm de estar desativados.

Joanna tinha tombado numa cadeira ao lado de Esther, e esta estendeu a mão para a tocar no braço.

— Jo, tu conheces estes encantos melhor do que qualquer um de nós — disse. — Além de o Richard localizar aquele livro, o que mais vai acontecer quando eles ficarem inativos?

— Toda a gente que sempre soube da casa vai lembrar-se de repente de onde ela está — disse Joanna. — Vão ser capazes de a encontrar de novo. Tanto quanto sei, a mãe é a única pessoa nessa categoria, mas já se confirmou que eu não sei grande coisa.

— OK — disse Esther, alinhando aquela informação na mente. — Que mais?

Nicholas e Collins estavam a dar toda a sua atenção a Joanna, e ela encolheu-se um pouco sob aquela pressão. Mas disse:

— Qualquer pessoa conseguiria ver o caminho da casa e a própria casa. — Fez uma expressão irónica. — Provavelmente, a companhia de

eletricidade notará que a energia de uma casa inteira está a ser desviada da rede. Os telefones e a Internet vão começar a funcionar, e qualquer tipo de feitiço de comunicação, como o da adivinhação pela água ou o do espelho, vai funcionar tanto do lado de fora como do lado de dentro.

— Então, o espelho lá em cima... — disse Esther lentamente. — Se os encantamentos ficarem inativos, quem estiver do outro lado poderá enviar coisas, bem como recebê-las. É isso que estás a dizer?

— Sim — disse Joanna, e levantou a cabeça para olhar Esther nos olhos. — Oh.

— Oh, o quê? — perguntou Collins.

Nicholas disse:

— Pensas que a Maram está do outro lado do espelho.

— Penso que é muito possível — disse Esther.

— Mas, se assim for, ela só pode receber. Não pode passar nada para este lado — disse Nicholas. — Até que os encantamentos sejam desativados.

— *Oh* — disse Collins.

Esther ajudou Joanna a arrastar algumas das tralhas para o corredor para poderem apinhar-se todos no seu antigo quarto, e depois sentou-se na beira da cama com Nicholas e *Sir Kiwi*, enquanto Collins se instalava numa cadeira de madeira de costas frágeis. Joanna sentou-se de pernas cruzadas no chão, em frente à porta do armário, que estava entreaberta o suficiente para que pudesse ficar de olho no espelho que se encontrava dentro dele. Os esconjuros ficariam desativados daí a dois minutos. Ainda não tinham discutido quanto tempo iriam esperar além disso.

— Não podemos contar com uma ação imediata — disse Collins. — Por um lado, é meia-noite em Inglaterra, há uma boa hipótese de a Maram estar a dormir. Portanto, não nos vamos começar a passar se chegarem as sete e não acontecer nada imediatamente, está bem?

— Um minuto — disse Nicholas.

Joanna baixou a cabeça e pô-la entre as mãos, e Esther viu que ela estava a tremer.

— Estes esconjuros não são desativados há trinta anos — murmurou ela. — Durante trinta anos estivemos completamente protegidos, e agora? O que é que estou a fazer?

— Estás a ser corajosa — disse Collins.

— Dez segundos — disse Nicholas.

Joanna gemeu e encolheu-se como se lhe doesse o estômago.

— Agora — disse Nicholas.

Um instante depois, tanto Collins como Joanna estavam a estremecer, baixando a cabeça como se estivessem a resistir a uma explosão de ruído, e Collins pôs-se a mover o maxilar como se estivesse a desentupir os ouvidos.

— Ai — exclamou.

Joanna estava pálida, e, quando falou, a sua voz tremeu.

— Estão desativados.

Não era a única que tinha sido criada sob a proteção daqueles esconjuros. Também Esther tinha estado ao lado de Abe a vê-lo ativá-los, noite após noite. Aos oito anos, ouvira-o explicar que, das suas duas filhas, só Joanna alguma vez poderia ler o feitiço, só Joanna poderia aprender a manter segura a casa; e, aos dezoito anos, ouvira-o dizer-lhe que a única forma de os esconjuros continuarem a proteger a sua família era se ela, Esther, não estivesse sob a sua proteção. Os esconjuros tinham acabado com o casamento dos pais. Os esconjuros tinham amarrado a irmã àquela casa. Os esconjuros tinham forçado Esther a andar a monte durante dez longos anos.

Sabia o que aquilo custava a Joanna. A agonia estava bem patente no rosto da irmã, que tinha a boca contorcida, os olhos fechados, e ela sentia a dor de Joanna como uma dor num dos seus próprios membros.

Mas Esther sentia-se contente por os esconjuros estarem desativados.

Mesmo no seu breve reencontro, vira que Joanna não podia continuar naquela vida solitária e imutável, como Esther não podia ter-se mantido na sua própria vida tectónica solitária.

— Não está a acontecer nada — disse Joanna, ajoelhando-se diante do espelho como se estivesse a preparar-se para rezar.

— Ainda não passou quase tempo nenhum — disse Nicholas. — O Collins tem razão, vamos ter de esperar.

— Mas durante quanto tempo?

— Mesmo que isto seja uma armadilha e que o Richard esteja neste momento a requisitar um jato para vir até aqui e nos matar a todos, vai demorar, pelo menos, cinco horas — disse Nicholas. — Não há nenhum feitiço na Biblioteca que possa magicamente transportar uma pessoa através do oceano Atlântico.

Esther levantou-se, batendo com as mãos nas coxas, e Joanna deu um salto.

— Vou fazer chá — disse Esther.

— Eu devia levar a cadela à rua — disse Nicholas, mas permaneceu sentado, com os braços sobre os joelhos e o tronco descaído para a frente. Esther estava ciente de que todos eles se encontravam em vários estados de desalinho, mas, ao olhar para Nicholas, impressionou-a mais uma vez como uma camisa de quinhentos dólares podia compensar a

perda de sangue, o stresse e a exaustão. Desde que ela não se detivesse a olhar-lhe para o rosto, ele parecia elegantemente desalinhado em vez do trapo enrodilhado com que Esther sabia que ela própria se parecia. Se tudo aquilo acabasse — quando tudo aquilo acabasse —, ela ia permitir-se «investir» em algumas peças de vestuário. Talvez numa camisola de caxemira realmente boa.

Entregou-se àqueles pensamentos superficiais como se fossem chocolate negro, mordiscando-os à volta e deixando os pedacinhos derreter na língua, inconsequentes. Pensou em camisolas de caxemira, em sapatos de pele de qualidade, em roupa interior de seda tão fina que se podia sentir a respiração de alguém através dela.

Na cozinha, ligou a chaleira, e, enquanto esperava que a água fervesse, foi à sala de estar. Tinha guardado o saco de viagem num canto atrás do sofá e puxou-o para fora, sentando-se de seguida no sofá ao lado dele. Quando abriu o fecho, sentiu o cheiro do seu quarto na base de investigação, todo ele ar viciado, detergente com aroma de limão e uma nota do champô de lavanda de Pearl, e sentiu um aperto na garganta. Continuou a remexer no saco.

Guardara o bilhete que Maram tinha enviado através do espelho e embrulhara-o numa meia de lã grossa, juntamente com o frasco de plástico com sangue. Com cuidado, desembulhou o bilhete e o frasco e pousou-os em cima da mesa de apoio aos sofás. De seguida, tirou *La Ruta Nos Aportó* e abriu o livro na página de rosto, onde a mãe escrevera: «Lembra-te: o caminho providencia o passo natural seguinte.»

Olhou para o bilhete do espelho e para o rótulo do frasco: «Este é o caminho. Ele providencia o passo natural seguinte.» Olhou novamente para as palavras quase idênticas no interior do romance. Depois, de novo para o bilhete. Comparou os dois, registando o aumento do seu ritmo cardíaco.

A letra era muito, muito semelhante.

Tão parecida que até poderia ser da mesma mão.

Como não se tinha apercebido daquilo antes? Respirou trémula. Uma tábua do chão rangeu acima dela, e sentiu uma onda de gratidão por os outros estarem todos no andar de cima e ela poder ter alguma privacidade e, por uma fração de segundo, acreditar. Traçou as palavras da mãe com os dedos. Havia uma probabilidade de que, quando voltasse a subir a escada, estivesse outro bilhete no chão do seu antigo quarto

escrito nessa mesma letra. Uma probabilidade de que, do outro lado do espelho, uma mulher parecida com ela estivesse à espera.

A chaleira começou a apitar. Esther meteu o bilhete e o frasco de sangue no bolso e foi fazer chá.

Quando chegou ao andar de cima, equilibrando canecas numa mão e um bule de chá na outra, a tensão no quarto era tanta que quase deu meia-volta. Nicholas estava sentado na cama com os pés assentes no chão e o olhar fixo no espelho, e Collins andava de um lado para o outro. Joanna ainda estava ajoelhada em frente ao armário.

— Jo, ajuda-me com estas chávenas — disse Esther, e durante algum tempo estiveram ocupadas a servir o chá, a passar as chávenas, a beber, a fazer uma careta, a soprar na superfície fumegante da água, a beber, a fazer mais uma careta.

— Passaram trinta e três minutos — disse Nicholas. — Mas quem está a contar? Eu não. Estou a tomar chá com amigos, ao que parece.

— Não precisamos de ficar sentados neste quarto toda a noite — disse Esther. — Vamos lá para baixo pôr um disco ou qualquer coisa.

— Se calhar, só um de nós devia ficar em casa e os outros deviam fazer as malas e ir embora — disse Joanna.

Aquela sugestão não agradou nada a Esther, e começou a dizê-lo, mas uma súbita mudança no rosto de Joanna deteve-a.

Os olhos da irmã estavam fixos no espelho, os seus lábios abriram-se num pequeno *oh*, e Esther levantou-se antes de se aperceber do que estava a fazer, com o chá quente a escorrer pelos lados da caneca e pelos dedos, mas o calor parecia distante, sem importância. Ouviu Nicholas conter a respiração quando Joanna estendeu a mão e abriu mais a porta do armário, para que todos pudessem ver claramente o que Esther já tinha visto: um pedaço de papel a flutuar no espelho.

De seguida, o espelho estremeceu e voltou ao normal, e o papel esvoaçou antes de pousar no chão. Joanna estendeu a mão e apanhou-o, depois levantou-se e foi entregá-lo a Nicholas. Esther viu que os seus dedos tremiam tanto que quase o deixou cair.

— Vê tu — disse ela a Nicholas. — Eu não consigo.

Esther obrigou-se a ser paciente enquanto Nicholas, depois de pigarrear, começou a ler em voz alta.

— «Estamos a sair de casa» — leu. — «A Biblioteca estará em breve vazia. Lembrem-se: o caminho providencia o passo natural seguinte.»

Os braços de Esther ficaram arrepiados.

— É só isto? — disse Nicholas, virando o papel. — É disto que temos estado à espera?

— Eles estão a caminho — disse Joanna, levantando-se. — O Richard sabe onde estamos. Está a avisar-nos para fugirmos?

— Mas e a última parte? — disse Nicholas. — O *caminho providencia o passo natural seguinte*. Que caminho? Que passo?

— A Biblioteca vai ficar vazia em breve — leu Collins por cima da voz de Nicholas. — E então? O que é que ela quer que façamos, que saltemos para um avião, alugemos um carro, cheguemos à Biblioteca, entremos no escritório do Richard e arrasemos tudo antes que alguém venha atrás de nós?

— Hum — disse Nicholas. — Talvez?

Para Esther, a conversa deles era ruído, um zumbido sem sentido. Tocou na clavícula, onde a tatuagem estava gravada por baixo da camisola — um palíndromo. Uma frase que poderia ser passada num espelho e sair inalterada. Tirou do bolso o frasco de plástico com sangue e a nota do espelho de Maram e segurou-os nas mãos, pensando no romance que andava a traduzir nos seus tempos livres há anos. No mundo de Gil, as mulheres encontravam-se nos espelhos: ficavam hipnotizadas e olhavam fixamente para os seus próprios olhos até se reconhecerem, e, assim que o faziam, o espelho deixava de ser uma armadilha e passava a ser uma porta. Uma rota de fuga. Um caminho.

Se um espelho era um caminho, então o passo natural seguinte era *através* dele.

Esther pensou nas pobres marmotas condenadas de Abe. Pensou no dedo mutilado de Trev, negro e desnaturado. Pensou no horror que sentira quando a sua própria mão, coberta com o sangue de Trev, pareceu roçar a superfície do espelho, como a retirara à espera da dor mas encontrara a pele sem marcas.

Esther e Nicholas não eram afetados por feitiços comuns, da mesma forma que as sombras deixavam de existir num quarto escuro como breu, porque a escuridão não podia ser adicionada à escuridão. O feitiço de busca do Escriba de Richard precisava do olho de Nicholas para ver Esther, porque só a magia podia ver magia. Nicholas e Esther *eram* magia. A magia tratava-os como uma parte de si própria.

Se Maram estava do outro lado daquele espelho, se tinha ativado o

feitoço, então o sangue dela era necessário para fazer passar as coisas. O dela ou o de Cecily, mas o sangue de Cecily não estava ali.

Esther olhou para o frasco que tinha tirado do seu saco de viagem, cheio de vermelho. O de Maram poderia estar ali.

Aproximou-se do espelho e bateu no vidro: era sólido e inflexível. Com cuidado, desenroscou a tampa do frasco e verteu uma pequena gota do líquido, deixando-o cair na palma da mão e manchar-lhe a pele de vermelho. Encostou novamente a mão ao vidro, esperando resistência, dor, alfinetadas ou qualquer coisa, qualquer tipo de sensação, mas não sentiu nada. Os seus dedos atravessaram o espelho como se ele fosse ar. Retirou a mão a toda a pressa, com a pulsação a subir em flecha.

— Esther — disse Joanna. — Que estás a fazer?

Esther ignorou-a. Agarrou na moldura do espelho com as duas mãos e respirou fundo, como se estivesse a preparar-se para saltar para águas profundas. Depois, antes que alguém a pudesse impedir, antes que pudesse mudar de ideias, mergulhou a cara na superfície prateada do espelho. Atrás dela, ouviu Joanna gritar.

Tinha fechado os olhos com força, mas, quando não sentiu dor, abriu-os. Diante dela estava um quarto faustoso, vazio, com uma cama de dossel, pinturas escuras a óleo nas paredes e um tapete azul lindo; sentiu que umas mãos a agarravam e a puxavam para trás e daí a um segundo o quarto faustoso desapareceu e ela estava novamente a olhar para o espelho no armário, com a sua superfície a ondular ligeiramente.

Joanna, que a tinha agarrado pela cintura para a puxar para trás, virou-a e perscrutou o seu rosto com olhos aterrorizados. Contudo, quando não viu nenhum dano, a sua expressão mudou de terror para incredulidade.

— Nós podemos atravessar o espelho — disse Esther. — Eu e o Nicholas. Podemos ir à Biblioteca enquanto ela está vazia, encontrar o objeto a que Richard se amarrou e destruí-lo.

Nicholas tinha sido o único Escriba durante tanto tempo que não lhe passara pela cabeça que pudesse haver alguma coisa que não soubesse sobre os seus próprios poderes. Lera todos os apontamentos do pai e todos os livros da Biblioteca, pelo menos, duas vezes, já para não falar dos milhares de páginas que Maram tinha encontrado e compilado dos cadernos de outros Escribas, alguns dos quais tinham morrido há um século, outros há um milénio. Maram viajara por todo o mundo à procura desses conhecimentos, adquirindo-os por enormes quantias a museus e a arquivos privados, trocando-os por outros ou roubando-os. Provavelmente, até matando por eles. Tudo para poder trazê-los para casa, para Nicholas.

Ou assim pensara ele.

Que erro de raciocínio, acreditar que era o especialista porque era ele que tinha o poder. Que erro de raciocínio acreditar sequer que tinha poder. Tudo o que sabia sobre escrever livros tinha sido filtrado através de Maram. Durante todo aquele tempo, era ela que tinha sido a perita.

Era espantoso que, mesmo depois dos acontecimentos da última semana, Nicholas ainda tivesse a capacidade de se surpreender.

Atravessar o espelho não era como qualquer experiência física que alguma vez tivesse tido. Era como nadar, se a água fosse feita de melão e também do espaço sideral, a arrastá-lo doce e abafada e infinita, e escura de uma maneira que não formava um par binário com a luz, mas era antes um estado inteiramente diferente, completo em si mesmo. O corpo da escuridão era o som, que era sensação: inúmeras asas a roçarem umas nas outras, inúmeras ervas douradas a moverem-se num vento sem fim, todas as autoestradas distantes alguma vez ouvidas. A mente e o corpo de Nicholas ainda eram totalmente seus, o que tornava

as coisas ainda mais peculiares, porque o seu cérebro, os membros, os nervos, tudo estava a trabalhar para dar um sentido humano racional a algo que não tinha sentido.

Era terrível e incrível, e, se ele tivesse tido tempo, teria começado a entrar em pânico — mas dera um passo e o passo acabara. Quando o seu pé pousou do outro lado da moldura, a escuridão estrondosa desapareceu e deu consigo novamente no mundo. Primeiro, a cabeça, depois, o outro pé saiu do espelho, e, por fim, estava no quarto de Maram, tão naturalmente como se tivesse atravessado uma porta.

Pôs a mão no casaco para verificar o bolso interior onde o livro de Richard estava enfiado e daí a um segundo, fascinado, viu Esther atravessar o vidro. Era como ver uma pessoa emergir perfeitamente seca de uma piscina vertical, e aquela visão pôs-lhe a cabeça a andar à roda.

«Bizarra» foi a avaliação que Esther fez da experiência. Apertou o rabo de cavalo encaracolado e olhou em volta. Nicholas seguiu-lhe o olhar: a cama de mogno com dossel, o enorme armário Luís XV, o tapete de seda. Lembrava-se de estar deitado nesse tapete numa das raras ocasiões em que Maram lhe tinha permitido a entrada, quando era criança, mantendo-se calado para que ela não se arrependesse de o ter convidado a entrar.

A porta do quarto dela estava trancada pelo lado de fora e ele mexeu nas três fechaduras interiores até encontrar a configuração correta dos ferrolhos. Esther pairava atrás dele, com vontade de se ocupar ela do assunto bastante tangível. Por fim, a porta abriu-se com um estalido. Ele empurrou-a muito devagar para o caso de haver algum elemento do pessoal por perto, mas a antecâmara de Maram estava tão vazia como o seu quarto, e Esther seguiu-o, atravessando-a até ao corredor.

Depois da revelação de Esther, tinham esperado cerca de uma hora para se certificarem de que as garantias de Maram seriam verdadeiras, de que ela e Richard teriam de facto saído de casa e de que a Biblioteca estaria vazia. Eram nove horas no Vermont, duas da manhã ali em Inglaterra, e os corredores estavam pouco iluminados, as enormes janelas estavam pretas e quase tão refletoras como o espelho que tinham acabado de atravessar. O chão de mármore brilhava sob a luz dos candeeiros de parede.

— Vivem mesmo pessoas aqui? — segredou Esther. — Vocês vivem mesmo aqui?

Nicholas olhou em redor à procura da causa do espanto dela. Era verdade que, comparada com a casa modesta de infância de Esther, a Biblioteca era um palácio, mas a compreensão recente tinha deformado tanto as suas recordações que também o seu olhar tinha mudado. Passara a maior parte da sua vida naquela casa e, até há pouco tempo, sentira que a conhecia da mesma forma alerta e instintiva como conhecia o seu próprio corpo; conhecia as suas pedras mais frias e os seus sofás mais fofos, conhecia o melhor sítio para apanhar sol a meio da tarde, sabia quais os quartos que o pessoal limpava e a que horas e quais os quartos que raramente eram limpos, conhecia cada corredor, cada quadro. Virar uma esquina era como dobrar um cotovelo. Abrir uma porta era como piscar um olho.

Ou tinha sido.

Naquele momento, Nicholas sentia que tinha atravessado o espelho e entrado num mundo paralelo. Fisicamente, tudo estava como se lembrava, mas a sua percepção tinha mudado tão irrevogavelmente que o próprio ambiente físico parecia alterado. Os tetos altos davam uma sensação de crueldade mais do que de grandiosidade, construídos a uma escala que não se destinava ao conforto humano, e os tapetes no chão, espessos e de cores vivas, pareciam estar a esconder manchas.

— É como um museu — disse Esther.

— Sim, e, tal como num museu, não se deve tocar em nada — disse Nicholas, e Esther pousou o vaso com mil anos que tinha tirado do seu suporte. Depois, caindo em si, disse: — Na verdade, toca no que quiseses.

— Porque... eles que se lixem? — perguntou Esther, pegando novamente no vaso e rodando-o nas mãos.

— Que se lixem — confirmou Nicholas. — Eu diria que devíamos partir o vaso cerimonialmente, mas ele não fez nada de mal. É injusto castigá-lo pelos pecados da Biblioteca.

— Além disso, é muito bonito.

— Pois é. Anda daí.

Era inexplicavelmente estranho andar por aqueles corredores sentindo-se como um fugitivo, e teve de se forçar a deixar de encolher os ombros como se estivesse ali à socapa. Era demasiado tarde para que estivesse alguém a pé, mas, se alguém o visse, queria parecer tão natural como sempre, senhor do seu domínio, sem ser questionado ou

incomodado. Não fazia ideia do que Maram e Richard tinham dito ao pessoal sobre o seu desaparecimento; provavelmente, não lhes fora dito nada.

Os dois atravessaram a galeria de retratos na escada e Esther abrandou o passo, examinando todos os rostos austeros e sombrios que a fitavam. Apontou para um.

— Este parece-se contigo.

— Bem-visto — disse ele. — Era o meu pai.

— E esta mulher?

— Era a minha mãe. — Ele olhou em volta, nervoso.

— Achas que o teu tio os matou?

Nicholas engoliu em seco.

— Provavelmente. Agora anda daí.

Dirigiam-se para a Biblioteca, para a passagem secreta que conduzia ao escritório de Richard, embora não fosse claro como, exatamente, iriam atravessar a estante, visto que nenhum deles conseguia ler o feitiço.

Quando Nicholas explicara aquele enigma antes, na casa de Joanna, Esther tinha sugerido arrancar a estante da parede.

— Está coberta de livros! — dissera Nicholas, horrorizado com a sugestão.

— Podemos tirar os livros.

— E depois o quê? — perguntou Nicholas, ficando mais nervoso. — Empilhá-los no chão? São volumes de valor inestimável, insubstituíveis, eles...

— O chão não é feito de lava — disse Esther. — Eles vão ficar bem.

— Na pior das hipóteses — dissera Collins —, podem ir lá abaixo e acordar a Sofie, ela lê-vos o feitiço. Ela é fixe, confio nela.

— Quem é a Sofie?

— Jesus, a sério? A Sofie. Ela trabalha na cozinha. Deve ter feito literalmente todos os pedaços de pão que alguma vez meteste na boca.

— Oh, claro, sim, a Sofie — disse Nicholas.

— Continuas a não fazer ideia de quem estou a falar.

Era verdade, porque Nicholas sempre fora dissuadido de confraternizar com o pessoal, mas parecia-lhe que não daria boa impressão se o dissesse.

Afinal, não precisaram de Sofie.

Esther e Nicholas chegaram ao fundo do corredor, onde se erguiam as enormes portas eletrónicas da Biblioteca, e Esther observou com interesse enquanto Nicholas centrava o olho no leitor. Ambos estremeceram quando as engrenagens giraram e as portas se abriram com um rangido, mas não apareceu ninguém no corredor para investigar, e entraram rapidamente e fecharam as portas atrás de si.

Nicholas começou a avançar imediatamente, mas reparou que Esther não o estava a seguir. Quando olhou para trás, viu que ela estava a fitar o teto altíssimo em filigrana, o labirinto de prateleiras, as enormes janelas tapadas por cortinas luxuosas.

— Estes não podem ser todos...

— Livros de feitiços? Sim.

Esther abanou a cabeça.

— Quem me dera que a Joanna pudesse ver isto. Ia perder a cabeça.

— Talvez um dia ela a visite — disse Nicholas num tom ligeiro, embora tivesse dificuldade em imaginar um futuro em que lhe fosse permitido fazer algo tão trivial como convidar pessoas para a sua casa. Não sabia o que significaria para a sua vida ou para a Biblioteca se aquele plano resultasse e Richard ficasse... fora de cena, para formular delicadamente a hipótese, que era a única forma como Nicholas se sentia capaz de a formular. Sempre partira do princípio de que herdaria a casa e os livros que se encontravam nela, mas naquele momento percebia que era igualmente provável, se não mais, que, se Richard morresse, tudo ficasse para Maram.

Ou talvez não houvesse testamento. Afinal de contas, parecia que Richard não estava a contar morrer.

Nicholas estava tão distraído com os seus próprios pensamentos circulares que se enganou no corredor e teve de voltar para trás. Quando, por fim, conduziu Esther para a secção por baixo do teto com vigas de carvalho que outrora fora a capela e começou a subir ao estrado, teve de se esforçar para compreender o que estava a ver.

O contorno da estante e as lombadas dos livros nela eram já nebulosos e insubstanciais, e, por trás da vaga névoa, via a parede de pedra e a madeira da porta secreta.

Nicholas estendeu um braço e Esther bateu contra ele.

— Que foi? — perguntou ela, e então reparou na prateleira. — Oh! Problema resolvido?

— Chiu — sibilou Nicholas. Foi o único som que conseguiu emitir. A voz parecia estar-lhe paralisada na garganta, e ele sentiu os pulmões subitamente fracos, a chiar por um ar que não vinha, com o cartaz do feitiço a pairar-lhe na mente.

Duração: máximo de seis minutos por leitura.

O que significava que alguém tinha lido aquele feitiço nos últimos seis minutos. Alguém tinha estado ali. Alguém estava *ali*.

Devagar, muito devagar, começou a virar-se, com os olhos a percorrerem as prateleiras à procura de um indício do cabelo grisalho de Richard ou de uma cintilação da blusa de seda de Maram, com os ouvidos atentos ao som de respiração, de passos na carpete, do ranger de uma porta — de qualquer coisa. Esther, percebendo a sua tensão, mantinha-se perfeitamente imóvel ao seu lado. As prateleiras altas brilhavam sob as luzes dos candeeiros de latão, o sistema de humificação zumbia ao longe, os livros estavam em filas imóveis e as cadeiras vermelhas de cada lado da vitrina de Sexet não se tinham deslocado. Mas a vitrina em si...

Nicholas inspirou fundo.

A frente articulada da vitrina estava muito ligeiramente aberta, e, quando Nicholas se aproximou, viu que a placa de calcário estava descentrada no seu suporte de metal e que havia uma mancha escura num canto que não se lembrava de ter visto antes. Mas a mudança mais chocante — e anacrónica — era o *post-it* amarelo colado sobre o rosto esculpido de Sexet.

Dizia: «Até às 3h54.»

De repente, Nicholas compreendeu. Soltou um suspiro de puro alívio e virou-se para onde Esther ainda se encontrava imóvel, com um pé no degrau do estrado.

— Está tudo bem — disse-lhe ele, descolando o *post-it*. — A Maram leu o feitiço para nós antes de partir.

Ela tinha lido dois feitiços, de facto. Um era o feitiço para desvanecer a estante. O outro era o feitiço com quatro mil anos que o acompanhava, de valor inestimável, raro e valioso, que ela lera — para manter o caminho aberto para eles.

Quando Nicholas voltou a falar, fê-lo com um nó na garganta.

— Vamos lá — disse, estendendo a mão para a maçaneta da porta.

— Está tudo bem? — perguntou Esther.

— Está tudo bem. — Nicholas entrou na escuridão da passagem. Esther logo atrás. Ele deu um passo para cima com os olhos semicerrados e uma luzinha brilhante acendeu-se por cima do seu ombro. Quando olhou para trás, viu que Esther empunhava uma pequena lanterna.

— Mas onde é que arranjaste isso?

— O Collins disse que íamos precisar.

Por alguma razão, aquilo atenuou os restos de nervosismo de Nicholas, que subiu a escada sentindo-se nitidamente mais calmo. Esther disse:

— Passagens secretas, casas de campo inglesas, velhos malévolos. Quando eu era miúda, era assim que pensava que a magia devia ser. Não escondida numa cave, a ser usada apenas para continuar a manter-se escondida.

— E? Isto é tudo aquilo com que sonhaste?

Esther emitiu um som que, em circunstâncias diferentes, poderia ter sido uma gargalhada.

— Hum, é mais assustador na prática.

— Não sonhaste com alguém que te queria esfolar viva e transformar-te num livro?

— Estranhamente, não.

Chegaram ao corredor estreito de madeira no cimo da escada e Esther fez incidir a luz fraca da lanterna por cima do ombro de Nicholas. Iluminou alguns metros em frente deles e depois foi engolida pela escuridão.

— Quanto tempo demora?

— Uns minutos, penso eu. — Nicholas passou a mão ao longo da parede enquanto avançavam. — Só fiz isto uma vez.

— Quantas outras passagens secretas existem neste lugar?

— Sinceramente, não sei. Há algumas que conheço, da cozinha do pessoal, uma conduz ao salão de banquetes. Mas não são propriamente secretas, são discretas. — O seu dedo médio prendeu-se num entalhe da madeira e ele afastou a mão da parede, estremecendo. — Mas passagens como esta, verdadeiramente escondidas? Podem ser centenas. Ou pode não haver nenhuma. Ninguém me disse nada.

— Mas tu davas-te bem com ele, com o Richard? — perguntou Esther, e, como Nicholas não respondeu de imediato, acrescentou: — Eu

ainda estou a tentar perceber a natureza da vossa relação.

— Eu também — disse Nicholas.

Não podia permitir-se concentrar-se em nada que não fosse a ação, porque, se começasse a considerar as suas implicações, talvez não fosse capaz de fazer o que, ostensivamente, tinha ido ali fazer. As implicações levariam a perguntas como: seria homicídio, o ato que Nicholas se comprometera a cometer? Desejou, por um breve momento, mas inteiramente, poder voltar a ver Richard, dar-lhe uma oportunidade de se explicar antes que Nicholas fizesse uma escolha da qual não poderia voltar atrás.

— Podes acelerar um pouco o passo? — disse Esther, espetando-lhe um dedo nas costas. — Andar assim tão devagar põe-me nervosa.

Ele tinha feito o que acabara de decidir não fazer e começara a pensar.

— Desculpa — disse.

— Estás literalmente a arrastar os pés — disse ela. — É figurativo, também?

Aquilo fê-lo sorrir, apesar do nervosismo.

— Suponho que sim.

— Mas queres continuar? Queres fazer isto?

— Sim — respondeu ele, e ficou contente por a sua voz soar muito mais firme do que a sua determinação vacilante. Talvez conseguisse convencer-se a si mesmo, assim como convencer Esther.

A sua visão parecia estar a adaptar-se à escuridão, as paredes de madeira da passagem a tornarem-se mais nítidas, mas então apercebeu-se de que não era a sua visão, mas de facto luz. Estavam no fim do corredor, com a parede subitamente visível diante deles, o alçapão aos pés deles delineado com luz. Quando Nicholas baixou a mão para o abrir, a escadaria em baixo ficou iluminada.

Maram de novo, a preparar-lhes o caminho?

Ele e Esther ficaram no cimo da escada, ambos absolutamente imóveis e silenciosos, à escuta, à espera. O silêncio crescia à volta deles, as paredes estreitas retinham-no como a pressão numa garrafa, nenhum som a não ser o do coração de Nicholas nos seus ouvidos e a respiração de Esther atrás dele. Quando começaram a descer, os movimentos dos dois eram cuidadosos e silenciosos e os seus pés mal se ouviam nos degraus.

Sob a mão de Nicholas, a porta abriu-se facilmente para dentro sem um som, e eles saíram da escadaria para aquela sala cintilante com espelhos. Dessa vez, o espelho refletia apenas Esther e Nicholas, muitas iterações dos dois, em todas com um aspeto sombrio e cansado — embora a vaidade de Nicholas se tenha reavivado ao ver como parecia alto comparado com a mulher muito pequena ao seu lado. O pensamento vaidoso fez com que se sentisse quase como ele mesmo por um momento. Fosse qual fosse o aspeto da vitória, ele esperava que ela permitisse bolsas de superficialidade confortável. A introspeção forçada da última semana tinha-o transtornado.

Esther fez uma pausa em frente a um dos espelhos e acorcorou-se, com os dedos a pairar acima do chão, e Nicholas viu que ainda havia uma mancha ténue de sangue na carpete.

— Foi por aqui que o Trev passou? — perguntou ela, num tom de voz pouco acima de um sussurro.

— Foi.

— Afinal, ele não me ia matar, pois não? — perguntou Esther. — Ia enfiar-me pelo espelho e deixar o Richard matar-me enquanto tu escrevias um livro com o meu sangue.

— Muito provavelmente.

Ela levantou-se e virou-se para ele, com os olhos a brilhar à luz fraca, parecendo de repente a pessoa que ele tinha visto derrubar um homem armado com o dobro do seu tamanho.

— Terias feito isso? — perguntou. — Terias tomado o meu sangue e feito o que Richard te mandasse, sem quaisquer perguntas?

— Prefiro pensar que teria feito, pelo menos, *uma* pergunta — respondeu Nicholas, procurando em si alguma indignação.

— Mas terias acabado por o fazer.

— Não sei — disse ele, sentindo-se de repente tão cansado que quase se sentou. Em vez disso, encostou-se a um pedaço de parede sem espelho. — O Richard e a Maram sempre tiveram explicações, boas, sólidas e racionais. Mesmo que as coisas parecessem... erradas... eu não via uma alternativa que fosse correta.

Esther cruzou os braços e olhou para o espelho através do qual o corpo amassado e partido de Tretheway tinha entrado. Nicholas esperou, sentindo-se abatido e cheio de dúvidas. Talvez devesse pedir desculpa pela versão de si próprio que teria aceitado a perda da vida de

Esther e enchido uma caneta com o sangue dela. Mas como se pedia desculpa por uma monstruosidade teórica? Ele nem sequer era bom a pedir desculpa pelas coisas que *tinha* feito.

— Bem — disse Esther. — Obrigada.

Aquilo intrigou-o.

— Pelo quê?

— Não tiveste muitas escolhas — disse ela. — E, agora que tens, estás a escolher ajudar-me. O que agradeço.

— Oh. — Nicholas sentiu um calor abrasar-lhe o rosto. — Estou tanto a ajudar-te a ti como a mim.

— Podias entregar-me ao teu tio e retomar a tua vida de calçado fino e santa ignorância.

Nicholas baixou o olhar.

— Sinceramente, estou encantado por teres reparado na qualidade do meu calçado. Estas botas são feitas por medida.

— Obrigada — disse Esther novamente.

Não tens de quê não parecia ser uma resposta que ele pudesse dar. Dirigiu-se para a porta do escritório de Richard com um ímpeto de nervos que era um fraco substituto para a energia, mas que teria de servir. Não hesitou em frente à porta, ou, pelo menos, não fisicamente, mas preparou-se para ver o seu olho ainda a flutuar no frasco. O seu corpo parecia estar a mover-se mais depressa do que a sua mente, ainda bem, provavelmente, e ele deixou-se levar, com a mão na maçaneta da porta, os pulmões a encherem-se de ar, os pés a moverem-se enquanto o cérebro se esforçava por os alcançar. A vida de Richard, e o fim dela, a uma volta da maçaneta.

Nicholas rodou a maçaneta.

O escritório estava escuro, todas as luzes apagadas. Deu alguns passos, com a mão a tatear a parede à procura do interruptor da luz, e depois parou. Esther tropeçou nele, com os dedos a fecharem-se à volta do seu braço.

— *Que* foi? — perguntou ela.

Nicholas não saberia dizer. Uma sensação: um formigueiro na pele como uma mudança de temperatura, uma alteração barométrica no ar. Quando os seus dedos encontraram o interruptor e a luz do teto se acendeu, estremeceu, recuando do que poderia encontrar.

Richard e Maram, com os olhos semicerrados à luz repentina.

Ao seu lado, Nicholas ouviu a respiração súbita de Esther, mas os pulmões dele tinham deixado inteiramente de funcionar. Não conseguia respirar, não conseguia pestanejar, apenas conseguia ficar paralisado a fitá-los. Maram estava sentada numa cadeira de costas altas junto à secretária de Richard, e este estava de pé ao lado dela, com uma mão pousada possessivamente no seu ombro. Naquela cadeira alta, com Richard alto ao lado dela, rodeada pelas prateleiras altas como torres repletas de relíquias e de curiosidades, Maram parecia muito pequena. Nicholas olhou-lhe para os pulsos, para os tornozelos — estaria amarrada? —, mas não parecia estar presa de forma visível.

— Estás a ver? — disse Maram. Dirigia-se a Richard e parecia estar a sorrir, ou, pelo menos, a sua boca estava curvada para cima. Nem sequer olhou para Esther. — Eu disse-te que eles viriam.

— Sim — disse Richard, acenando com a cabeça, com a expressão calma e satisfeita que Nicholas sempre desejara ver dirigida a si. — Suponho que vou ter de te perdoar pelos teus esquemas, afinal de contas.

Os dedos de Esther estavam apertados à volta do braço de Nicholas. A visão dele estava a focar-se e a desfocar-se, os muitos pormenores do escritório esbatiam-se e de seguida ficavam definidos com uma clareza brutal, um tumulto de imagens aleatórias: as mãos de Maram unidas calmamente no seu regaço, o vermelho de uma caixa de veludo, o olhar negro e interminável do macaco empalhado, do seu poleiro numa prateleira superior, a curva baça de uma ânfora de barro, o brilho do frasco de vidro onde o seu olho ainda se encontrava suspenso.

O brilho de metal na mão de Richard enquanto ele se afastava de Maram e se aproximava de Nicholas e Esther, as suas longas pernas galgando o espaço entre eles tão rapidamente que Nicholas não se apercebeu do que estava a acontecer até que aconteceu.

Richard tinha uma arma na mão.

Ao lado de Nicholas, Esther ficou num silêncio e numa imobilidade totais. A sua respiração acelerada parou. Largou o braço de Nicholas. O cano estava apontado diretamente para a cabeça dela.

Collins estava a beber. Joanna poderia até acrescentar «bastante». Tinha bebido três cervejas nos últimos trinta minutos e deixara-a sozinha no alpendre para entrar na casa e ir buscar outra. Contudo, quando voltou para fora, vinha de mãos vazias.

— Não estava a ajudar — disse ele em jeito de explicação, sentando-se de novo no degrau ao lado dela e passando as mãos vigorosamente pelo cabelo. — Ainda me sinto stressado como tudo.

Ele arrastara Joanna para longe da sua vigília de pânico ao espelho, sugerindo que o seu amigo gato poderia estar com fome, e depois insistira em abrir uma das pequenas latas de comida para cão de alta qualidade de *Sir Kiwi* que Nicholas tinha trazido, resmungando sobre o conteúdo de mercúrio e o alto teor de sódio do atum que Joanna tinha estado a usar. Como era evidente que ele precisava de uma tarefa, ela deixara-o procurar um abre-latas e deitar a comida na taça, mas, até àquele momento, o gato não tinha mostrado a sua cara peluda. Provavelmente porque lhe tinha sido oferecida comida de cão.

— Mas o frio está a acalmar-me — disse Joanna. — Fizeste bem em vir cá para fora.

A agitação tinha-a sobreaquecido ao ponto de o suor na testa só naquele momento estar a começar a secar com a brisa fria.

— Eles vão ficar bem — disse Collins. — A Maram sabe o que está a fazer. Ela não teria encenado toda esta merda complicada se não achasse que iria funcionar.

Repetira variantes dessas frases desde que Esther e Nicholas tinham desaparecido através do espelho, e Joanna ainda não tinha arranjado uma resposta para elas. Em parte porque não tinha a certeza de acreditar em Collins, e em parte porque não sabia bem como falar com

ele, agora que os outros dois tinham desaparecido. Nunca tinha passado tanto tempo sozinha com uma pessoa adulta da sua idade, muito menos com um homem adulto, muito menos com um homem adulto que ela achava atraente. Respirou fundo, apertando mais o casaco à volta do corpo e olhando de lado para Collins. À luz dourada do alpendre, as pestanas dele lançavam-lhe sombras longas e fuliginosas nas faces, e ele mastigava o lábio inferior de uma forma que dava vontade a Joanna de bater com o pé. A visão era, pelo menos, uma boa distração do medo que sentia.

— Como é que acabaste envolvido nisto tudo, afinal? — perguntou ela. — Estou a falar de livros em geral, não apenas da Biblioteca.

Collins inclinou-se para tirar uma pedrinha da terra aos seus pés. À luz do alpendre, parecia muito pálida, como um fragmento de osso.

— A minha avó tinha um livro — disse ele. Atirou a pedrinha para o quintal e pegou noutra. — Ela passou-o à minha mãe, juntamente com a capacidade de os ouvir. O nosso era dos Estados Unidos, de cerca de 1900. Permitia-nos ver através dos olhos da ave mais próxima. A tinta já estava bastante desbotada, mas a minha mãe deixou que eu e a minha irmã o lêssemos quando fizemos dezasseis anos. Ela levou-nos de carro para fora da cidade, para que tivéssemos a oportunidade de encontrar uma ave que não fosse um pombo.

— Como é que foi?

Collins sorriu para as árvores escuras.

— O meu aniversário é em maio e eu voei no corpo de uma garça sobre o rio Assabet. Havia lilases a florescer por todo o lado. Ainda sonho com isso.

— A tua irmã também consegue ouvir magia?

— Sim, embora para ela seja mais um... tipo, um passatempo. Eu é que me entusiasmei muito com aquilo. Pesquisei na Internet e encontrei um monte de fóruns que acabaram por nos ligar à equipa de Boston.

Para Joanna, a Internet era uma obrigação de dez minutos, uma vez por semana, na biblioteca local. Embora soubesse que as pessoas a utilizavam para se aproximarem, para estabelecerem contactos, nunca lhe tinha ocorrido que ela própria poderia tê-la utilizado dessa forma ou ser uma dessas pessoas.

— Podias ter-me contado alguma destas coisas se ainda estivesses sob o acordo de confidencialidade? — disse ela.

Collins viu outra pedrinha atravessar o pátio e abanou a cabeça.

— Deve dar uma sensação boa poder dizê-lo agora.

— Dá. — Sacudiu o pó das mãos e deixou-as penduradas entre os joelhos. — Sabes, quando finalmente conheci outras pessoas que sabiam destas coisas, pareceu que o mundo inteiro me tinha aberto a tampa.

— Foi uma coisa boa ou má?

— Para mim, foi ótimo — disse Collins com fervor. — Como se a luz e o ar pudessem finalmente entrar. Pelo menos, até a Biblioteca me ter apanhado, e, mesmo assim, não foi de todo mau. Aprendi imenso.

— Tu e o Nicholas parecem dar-se bem — arriscou Joanna.

— Claro, além de ele ser muito mimado e de ser basicamente um inútil — disse Collins. — Como a estúpida da cadelinha dele. — No entanto, sorriu ao dizer aquilo, como se não pudesse evitar sorrir.

— Tu e ele são... — teve ela de perguntar.

— Não — disse Collins, e olhou-a de relance. — Eu, hum... prefiro... cabelo comprido.

Joanna sentia-se grata por a luz ser fraca e por o seu cabelo comprido estar puxado para cima de um ombro, ocultando-lhe parcialmente o rosto, porque conseguia sentir as faces ficarem quentes.

Tentou manter um tom ligeiro.

— Então, porque não deixas crescer o teu?

— No liceu tinha-o até aos ombros — disse ele. — Pintado de preto. Eu era aspirante a gótico. Também pintava as unhas de preto. — Estendeu a mão para a deixar imaginar, mas ela deu por si a imaginar outra coisa completamente diferente.

— Como é que passaste de aspirante a gótico a durão contratado?

Collins mexeu os ombros, a meio caminho de um encolher de ombros, mas não totalmente.

— Eu já tinha este tamanho por volta dos catorze anos — disse. — Os miúdos da escola tomavam isso como um desafio, acho eu. Os rapazes estavam sempre a meter-se comigo. A minha mãe fartou-se de me ver chegar a casa com um olho negro, por isso, pôs-me no karaté, depois comecei a praticar boxe no liceu, e, quando fiz dezoito anos, comecei a ser segurança em clubes noturnos. Foi assim que paguei os estudos.

Ela sentiu uma pontada de inveja.

— Andaste na universidade? Que é que estudaste?

— Hotelaria — disse ele, já a rir-se de si próprio antes de ter terminado a palavra. — A minha tia foi dona de um motel foleiro durante uns tempos, e convenceu-me a tirar esse curso. Mas eu fiquei a um exame de me formar também em História da Arte. Aposto que isso é mais do teu agrado, certo?

— A hotelaria parece-me bem — disse ela num tom de dúvida, embora não fizesse ideia de como uma pessoa podia estudar tal coisa. Será que ele tivera de responder a perguntas sobre como ajudar os clientes a despir o casaco?

— *Que* é que tu terias estudado? — perguntou ele.

— Inglês — respondeu ela imediatamente.

— Que tipo de coisas gostas de ler? Além de feitiços, quero dizer.

— Qualquer coisa, na verdade — respondeu ela. Depois, porque a tampa da sua vida já se tinha entreaberto e, já agora, podia abri-la ainda mais, virou o rosto para a luz, olhou-o nos olhos e disse: — Especialmente ficção romântica.

Collins não desviou o olhar.

— Ah, sim?

— Sim.

— Diz-me porquê.

Ela queria dizer algo sedutor, algo sobre cenas de sexo, talvez. Em vez disso, exprimiu uma verdade mais profunda.

— A ficção romântica é sobre ligação. Sobre pessoas que se ligam umas às outras contra todas as probabilidades, apesar das suas diferenças, dos seus defeitos, dos seus segredos. Num desses romances, nunca temos de nos preocupar, sabemos que tudo vai acabar bem.

— Ao contrário da vida real — disse Collins. — Na vida real, temos de nos preocupar.

— Exatamente. Por isso é que costumava preferir esses romances.

— Costumavas?

— Agora, já não tenho a certeza.

Ele inclinou a cabeça.

— Passei os últimos seis meses sob um feitiço de silenciamento que, basicamente, eliminou qualquer hipótese de me relacionar com outra pessoa — disse ele. — Acredita em mim. A coisa real vale toda a preocupação do mundo.

Alguma coisa na postura dele tinha mudado, uma reorientação subtil

que fez com que todos os nervos do corpo de Joanna crepitassem com uma atenção súbita e explosiva. O olhar dele estava fixo na boca dela.

— Estás preocupado neste momento? — perguntou ela.

Ele inclinou-se para mais perto.

— Estou.

O ar desapareceu dos pulmões de Joanna. Os olhos de Collins eram pupilas negras, aquelas sombras pontiagudas tremiam na sua face, e ele estava a reduzir a distância entre os dois, centímetro a centímetro, com movimentos de uma lentidão torturante, como se estivesse à espera de que ela o mandasse parar. Uma parte distantemente histérica dela queria rir-se daquilo. Mandá-lo *parar*?

Quando finalmente ele a beijou, foi de forma suave, hesitante. Durante um segundo. Depois, ela passou os braços à volta do pescoço dele e entreabriu os lábios sob os dele e ele puxou-a para mais perto, com as mãos na cintura dela, no fundo das costas, enredadas no cabelo dela, e não foi nada suave. Aquele era um beijo que não tinha qualquer relação com os beijos cheios de dentes que ela recordava dos tempos da escola, era uma ação completamente diferente; uma ação de corpo inteiro que fazia parar o tempo, que fazia com que o calor se espalhasse pela pele de Joanna mesmo enquanto ela tremia sob o toque de Collins. Ele beijava-a como se estivesse a procurar algo, como se ela fosse uma página que ele mal podia esperar para virar, e a emoção daquilo era tão boa que, por um momento, ela pensou que o ruído alto de um motor era o som do seu próprio corpo, a sua máquina há muito adormecida a ganhar vida com um rugido e um estrondo. Depois, mais depressa do que tinha começado — demasiado depressa —, o beijo parou.

— Collins — protestou ela, agarrando as abas abertas do casaco dele, mas a cabeça dele tinha-se virado para o caminho da casa e Joanna apercebeu-se de que, afinal, o motor que tinha ouvido não era o seu corpo.

— Vem aí alguém — disse Collins.

Joanna não pensara que o seu ritmo cardíaco pudesse aumentar em flecha ainda mais, mas podia. Sentia-se atordoada, com todo o sangue do cérebro redirecionado para outra parte do corpo, e tocou na boca palpitante, incrédula.

— É o Richard?

— Não pode ser o Richard em pessoa, não teria tempo para chegar

— disse Collins. Pôs uma mão no joelho dela e apertou-o, depois levantou-se e ficou de costas para ela. Irradiava tensão. — Mas pode ter mandado alguém à frente, de certeza que tem gente em Nova Iorque, provavelmente em Boston também. Onde está a espingarda que tinhas quando chegámos?

Joanna levantou-se para a ir buscar e parou. O carro estava a aproximar-se e, à medida que se aproximava, o som do seu motor tornou-se familiar. Quando espreitou por cima do ombro de Collins para olhar de novo, viu o azul-claro de um chassis a brilhar à luz do alpendre, e uma faísca de esperança acendeu-se no seu peito. Conhecia aquele carro.

— Espera — disse. — Penso que é a minha mãe.

Era.

No fim do caminho da casa, o motor ainda mal se tinha desligado quando Cecily saltou do banco da frente, com os olhos desatinados e os lábios por uma vez desprovidos do seu vermelho característico. Collins ainda estava a bloquear Joanna, e Cecily correu para ele, erguendo os punhos e batendo-lhe no peito enquanto ele tropeçava para trás e erguia as duas mãos para tentar aparar os golpes dela sem a magoar.

— Onde está a minha filha? — gritou ela. — *Que* é que fizeste à minha filha?

— Estou aqui! — disse Joanna, lançando o corpo entre eles e apanhando um soco na clavícula. — Mãe, estou aqui mesmo!

Cecily agarrou-lhe os braços, olhando dela para Collins com uma confusão manchada de lágrimas.

— Joanna?

— Sim, eu estou bem!

— Quem é este *homem*?

Como de momento a resposta complicada estava fora do seu alcance, ela disse:

— Chama-se Collins. Collins, esta é a minha mãe, Cecily.

— É um prazer — disse ele num tom de dúvida.

— Os esconjuros estão desativados — disse Cecily, ainda agarrando Joanna com força, a perscrutar-lhe o rosto. — Eu estava na cama, quase a dormir, a pensar em ti, e de repente soube onde era a tua casa. Sabia como chegar cá! Pensei... oh, não sei o que pensei! O pior, o pior mesmo. Mas sabias que estão desativados? Foste tu que o fizeste?

— Fui — disse Joanna, porque, embora não o tivesse escolhido, tinha deixado que acontecesse.

— Então, o Richard está a chegar — disse Cecily. — Ele virá buscar o seu livro.

Joanna fitou a mãe.

— Como é que sabias do Richard?

Cecily devolveu-lhe o olhar fixo.

— Como é que *tu* sabes?

— A Joanna disse que a senhora estava sob um feitiço de silenciamento da Biblioteca — disse Collins. — Nem sequer devia ser capaz de dizer o nome dele.

A boca de Cecily abriu-se e ela recuou um passo, mas um segundo depois já se tinha recomposto.

— O meu feitiço de silenciamento foi quebrado — disse, olhando para Joanna. — Foi o que eu pedi naquele bilhete, o que eu meti no espelho. Consenti no feitiço há vinte e três anos para proteger a tua irmã, mas não aguentava mais. Sabia que, se não fosse capaz de te dizer a verdade, te perderia.

De todas as vezes que Joanna olhara para a mãe nos últimos tempos, tinha sido através de um véu de suspeita tão espesso que os verdadeiros contornos de Cecily se tornavam esbatidos. Joanna não conhecia os movimentos necessários para levantar completamente aquele véu: tinha-o usado durante demasiado tempo para simplesmente levantar as mãos e o afastar.

— Há outro feitiço silenciador na tua cave — disse Cecily. — Um que eu li uma vez a outra pessoa; um que só eu posso quebrar. Quero quebrá-lo agora. Já houve silêncio suficiente para durar uma vida inteira. — Estendeu a mão e agarrou as mãos de Joanna num aperto firme. — Deixas-me entrar, Joanna? Por favor?

Já não havia mais conjuros. Cecily podia empurrar Joanna para o lado e entrar tão facilmente como entrava em qualquer casa. Mas estava a pedir. Estava a dar a escolha a Joanna.

— Entra, então — disse Joanna. — Entra e conta-me a verdade.

— Dá-me o livro — disse Richard a Nicholas. — Eu sei que o trouxeste. Consigo ouvi-lo.

— Maram — disse Nicholas —, o que é isto?

Toda a consciência sensorial de Esther estava dividida em duas. Metade dela estava concentrada na pistola de aspeto extremamente capaz apontada diretamente à sua cabeça e a outra metade estava colada à mulher de cabelo escuro ao lado de Richard. Aquela era Maram, empoleirada na beira de uma enorme secretária de madeira e segurando também ela uma arma, frouxamente, mesmo casualmente, no regaço. O seu olhar estava fixo em Nicholas, nem sequer um movimento de olhos na direção de Esther, e aquelas sobranceiras grossas — não muito diferentes das de Esther, Nicholas tinha razão — franziram-se em jeito de desculpa.

— Lamento, Nicholas — disse Maram. — Não me agradou enganarte, nem ao Richard. Mas depois de esta — acenou com a mão para Esther, ainda sem olhar para ela — ter empurrado o Tretheway através do espelho em vez de acontecer o contrário, como se pretendia, bem... são tempos desesperados.

— Quê? — disse Nicholas. — Mas tu... tu... tu...

Maram interrompeu a frase gaguejada de Nicholas.

— A tua amiga não te contou o que fez ao pobre Tretheway?

— É uma forma horrível de se ir — disse Richard.

— Mas enviaste alguém para salvar a Esther — disse Nicholas —, no aeroporto de Auckland, fizeste-o nas costas do Richard.

— Ambos sabemos que o teu tio pode ser um pouco teimoso — disse Maram. — Ele nunca teria concordado com qualquer plano que envolvesse deixar-te sair de casa, correr pelo mundo sozinho. Pois não,

querido?

— Provavelmente não — disse Richard, com contrição e carinho.

Esther mal ouvia as palavras deles. Estava a olhar fixamente para Maram, procurando nas suas feições as semelhanças que Nicholas tinha visto. As sobrancelhas eram parecidas, sim, e o formato do rosto, mas não era o suficiente para se basear uma teoria, e certamente não o suficiente para terem arriscado as suas vidas numa suposição. Só na súbita clareza do presente, alimentada pela adrenalina, é que ela se apercebeu de como o seu pensamento tinha estado nublado apenas alguns minutos antes. O seu ceticismo não tinha sido fingido, mas não resultara da descrença — antes, como tantas vezes, da esperança. Quisera acreditar no que Nicholas lhe tinha dito: que a sua mãe estava viva, que sempre tinha estado viva, e que estava a trabalhar para a proteger.

Porém, mesmo que essa pessoa a tivesse dado à luz, o que talvez fosse verdade, Maram não era a sua mãe. E a única pessoa que protegia Esther era, como sempre, Esther.

— O livro, Nicholas — disse Richard, acenando do outro lado da arma. — Ou esta bala vai diretamente para a cabeça da tua nova amiga.

Tinha um rosto tão agradável que as suas palavras pareciam ainda mais horríveis em comparação. Atrás dele, por cima da secretária, estava o retrato que Nicholas tinha descrito: um Richard de rosto severo, com um avental manchado de sangue, uma serra de ossos na mão e uma moldura de ossos à volta.

— Tu não a matarias — disse Nicholas. — Precisas dela viva.

— Sim — concordou Richard. — Mas o estado da mente dela é indiferente, desde que o seu corpo continue a respirar. Eu já fui cirurgião, sabes. — Com a mão livre, bateu na cabeça. — Atrevo-me a dizer que poderia infligir-lhe o máximo de danos sem perda de vida. Se é que se pode chamar vida ao que lhe restaria. É isso que queres para ela?

Nicholas virou a cabeça da esquerda para a direita — não a abaná-la, mas a olhar em redor, à procura de uma resposta. Os seus olhos encontraram os de Esther e esta sentiu-se tão desolada como ele parecia estar. Ela tinha tido a oportunidade de fugir, novamente, como tinha fugido tantas vezes antes, mas, em vez disso, tinha vindo com ele para ali, para aquela armadilha. Percebia que ele queria que ela falasse, que dissesse alguma coisa, mas não conseguia imaginar o que poderia dizer.

Se abrisse a boca, seria para gritar.

— Há pessoas do lado de fora desta porta — disse Richard, vendo Nicholas lançar um olhar desesperado à volta da sala. — E na própria Biblioteca, à espera na passagem que seguiram para chegar aqui. Eles têm as suas ordens. Por favor, não tornemos isto difícil. Dá-me o livro.

— Primeiro — disse Nicholas —, porque não me dás umas respostas?

Richard olhou para ele com um sorriso de pena.

— Não estás propriamente em posição de negociar.

— Oh, deixa-o fazer as suas perguntas — disse Maram. Aos ouvidos de Esther, a sua pronúncia era britânica, mas tão bem articulada e perfeita que soava quase ensaiada. — Não queremos perder-te, Nicholas. Sei que falo tanto por mim como pelo Richard quando digo que o nosso afeto por ti é inteiramente real.

— É verdade. — Richard acenou com a cabeça. — E sempre foi. Isto não altera o que sentimos por ti.

— Que é que *tu* sentes por *mim*? — perguntou Nicholas.

— É natural que precisas de algum tempo para te adaptares — disse Maram —, para entenderes melhor as coisas, mas...

— Encenaram o meu rapto e arrancaram-me o olho da cabeça — ripostou Nicholas. — É isso que queres dizer com *coisas*?

Richard estremeceu.

— Achas que gostei de o fazer? Meu Deus, foi um dos piores dias da minha vida.

Nicholas soltou uma gargalhada rouca, de espanto.

— Eu sou sequer uma pessoa para ti? O meu pai era-o? Ou somos instrumentos, como os teus bisturis e os sacos de sangue?

— Claro que és uma pessoa — respondeu Richard. — Tudo o que eu fiz, fi-lo pela nossa família, pelo nosso legado. Pela Biblioteca.

— A nossa família — disse Nicholas. — Que idade tens? Tu não és meu tio. Somos sequer parentes?

Os olhos bondosos de Richard ficaram tristes.

— Sim — disse ele. — Admito que me magoa ouvir-te questionar isso. A minha irmã era uma Escriba. Tu e o teu pai são ambos descendentes da linhagem dela.

Esther não tencionava falar, mas a sua mente estava a girar através das gerações, a contabilizar os números e a compará-los com o que Nicholas lhe tinha dito.

— O feitiço da linhagem de sangue — disse ela. — Foi você?

Richard ficou tenso ao ouvir a voz dela, mas depois forçou-se visivelmente a relaxar. Apontou a arma para a cabeça dela.

— O Nicholas contou-te isso, não foi? Tens toda a razão. O feitiço foi projetado por mim, a minha irmã escreveu o livro.

— Com o sangue de quem? — perguntou Nicholas. — Com o corpo de quem?

Richard acenou com a mão livre de forma desdenhosa.

— Havia muitos mais Escribas nessa altura.

Esther continuava a observar Maram. Não se conseguia conter. Apesar de tudo, apesar da arma apontada à sua cabeça e da que pendia dos dedos de Maram, apesar de Maram parecer mal se aperceber de que ela estava ali, uma qualquer parte traiçoeira do seu cérebro continuava a catalogar: a forma dos dedos, a curva das narinas, a testa larga, o tom rosado da pele, que era alguns tons mais escura do que a de Esther, mas que, se misturada com a de Abe...

Esther soltou um forte suspiro, com a frustração a misturar-se com o medo e a transformar-se em raiva. Ela tinha uma arma apontada à cabeça, e, entretanto, a tonta criança sonhadora na sua cabeça tentava juntar duas fibras desencontradas, à espera de uma faísca que talvez nunca viesse, em vez de procurar os fios certos, as verdadeiras ligações.

Mas a criança voltou a falar.

— Que é que tu ganhas com isto? — Esther fez a pergunta a Maram porque queria saber e porque queria que Maram olhasse para ela, uma vez que fosse.

Maram virou-se para Richard, como se a pedir autorização para responder.

Richard acenou com a cabeça.

— Não há mal nenhum em contar-lhes.

Mas foi Nicholas quem respondeu, numa voz quase irreconhecível, desfigurada pela raiva.

— Ele vai escrever um novo feitiço para ti. Não é verdade? Vai fazer com que vivas para sempre — disse.

— Durante muito, muito tempo, pelo menos — disse Maram. Fez um sorriso rasgado, satisfeito. — Sim.

— Ela é a única pessoa que conheço que gosta tanto da Biblioteca como eu — disse Richard. — É uma responsabilidade enorme, tomar

conta de tudo isto. Eu não conseguia admitir como era difícil fazê-lo sozinho até a Maram aparecer e me aperceber de que não tinha de o fazer. Não podes imaginar como tem sido solitário, todos estes anos. Ver a minha família e os meus entes queridos morrerem, um a um, deixando-me a carregar tudo isto aos ombros.

— Responsabilidade — cuspiu Nicholas. — Inventada. Ninguém pediu à nossa família para fazer isto.

Eles estavam a falar, mas Esther não os escutava. Continuava a olhar para Maram e esta continuava a olhar fixamente para Richard. Demasiado fixamente? Estaria a evitar completamente o olhar de Esther? Era um sinal em si mesmo, não era?

E porque Esther estava a observar, foi a única que viu o rosto de Maram mudar.

A sua expressão estivera atenta, composta, mas, de repente, os seus olhos arregalaram-se, levou as mãos ao pescoço, a sua boca abriu-se enquanto as suas faces escureciam com o sangue e um silvo chocalhante vazava dos seus lábios entreabertos, como um pneu cortado. Ela encolheu-se, ofegando por ar, mas, quando Richard parou a meio da frase e olhou para ela com preocupação, ela aspirou um enorme fôlego, que lhe fez estalar as costelas, e sentou-se tão direita que parecia ter sido eletrocutada.

— Estás bem? — disse Richard, com a sua compostura a ceder o lugar a uma ansiedade tão clara que Esther quase sentiu pena dele.

— Ah — suspirou Maram em voz rouca. Uma das suas mãos ainda envolvia lassamente a base do pescoço, mas levantou a outra num gesto de apaziguamento. — Eu... engoli... e foi pelo lado errado. Agora estou bem. — Respirou a medo. — Olhos no alvo, querido.

Richard voltou o seu olhar para Esther e Nicholas e fez um esforço visível para se descontraír.

— Podem compreender porque estou um pouco nervoso — disse ele, quase como se estivesse a desculpar-se. — Seria uma ironia brutal se ela morresse agora.

— Quem me dera que morresses — disse Nicholas a Maram, mas sem convicção.

A raiva tinha-se esvaído da sua voz e ele parecia mais exausto do que qualquer outra coisa. Esther, por outro lado, sentia-se esbraseada de energia. Ainda estava a ver a cara de Maram quando esta se engasgara

com nada, a forma como os seus olhos se tinham aberto de repente, ainda ouvia aquela respiração silvada e de seguida a golfada de ar para os pulmões. Tinha visto um rosto semelhante naquela manhã, ouvira um silvo e um arquejo semelhantes. Collins, exatamente quando o feitiço silenciador tinha sido retirado.

— Que coisa para se dizer, Nicholas. — O tom de Richard era reprovador, o eco praticado de mil repreensões. — Conheces esta rapariga há quê, uns dias? Entretanto, a Maram tem estado aqui, a cuidar de ti, toda a tua vida. Tu não queres mesmo que ela morra.

— Eu não quero que ninguém morra — disse Nicholas. — Quero que parem com esta loucura e deixem a Esther ir embora e deixem a Maram viver uma vida normal e morrer como uma senhora idosa, como um ser humano.

— Talvez pudéssemos fazer um acordo — disse Richard. — A Esther vive mais uns anos, o suficiente para te dar dois filhos e ver se nasce algum com o teu talento, e depois...

— Para — disse Nicholas, levantando as mãos como se para tapar os ouvidos. — Jesus Cristo, para.

Richard riu-se, não sem afeto.

— Bem me pareceu que não seria do teu agrado.

Maram levantou-se da cadeira e foi pôr-se ao lado de Richard. Tal como Nicholas, ela tinha um aspeto luxuoso, com uma blusa de seda perfeitamente ajustada ao corpo e a pele habilmente maquilhada, o cabelo preso num puxo e brilhante.

— Talvez vos ajude a compreender-me — disse Maram — se pensarem na Biblioteca como um dos meus filhos. Tudo o que fiz para vos trazer aqui hoje foi para proteger o meu filho.

Ao lado de Esther, Nicholas contraiu-se ligeiramente, com as orelhas da sua atenção a espetarem-se. Ela própria estava subitamente a ter dificuldade em respirar.

— O Nicholas, mais do que ninguém, sabe que não sou o que se pode chamar maternal — disse Maram, e Richard concordou com um risinho. — Mas, goste-se ou não, continuo a ser mãe. E como mãe, se pensas que alguém pode apontar uma arma à tua prole... — Maram encolheu os ombros. — Tomas as medidas necessárias para a proteger. Fazes o teu melhor para garantir que qualquer ameaça é um zumbido inofensivo e que qualquer possível ferida não é pior do que uma picada.

Richard olhou para ela, a franzir a testa.

— Imagino — continuou Maram — que ser mãe é como estar num caminho. E o caminho leva-nos ao próximo passo natural.

Esther deu um passo em frente. Richard desviou o olhar de Maram e disse:

— Não te mexas.

Esther deu mais um passo. Sentiu Nicholas estender a mão e agarrar-lhe o pulso com os seus dedos frios, e sacudiu-o.

— Já chega — disse Richard. — Nicholas, dá-me o livro.

— Nicholas, não lho dês — disse Esther, e deu mais um passo. A arma estava agora a cerca de um metro e vinte da sua cabeça, com Richard outro meio metro atrás dela.

— O Nicholas fez muito para te proteger — disse-lhe Richard. — Queres mesmo que ele me veja fazer isto? Os pesadelos dele já são suficientemente maus.

Esther olhou para Maram e, pela primeira vez, viu Maram a olhar para ela. Os seus olhos encontraram-se, um choque como o de um fio elétrico, e Maram fez-lhe um pequeníssimo aceno de cabeça — mas não suficientemente pequeno. Richard surpreendeu o movimento pelo canto do olho e disse:

— O que é...

Mas Esther não lhe deu tempo para terminar. Lançou-se sobre ele, percorrendo aquele metro e vinte entre eles num só salto, e o grito de horror de Nicholas foi abafado pela explosão da arma.

Além do vampiro que tinha drenado o sangue do pai, havia apenas um outro livro na coleção de Joanna que estava em curso desde que ela o conhecia. Estava bem encadernado num couro natural, e ela perguntara-se muitas vezes sobre o feitiço que estava a decorrer entre as suas páginas, sem saber quem o lera primeiro e o que lhe acontecera.

Agora sabia.

Na cave, ela e Collins viram Cecily picar o dedo, pressionar o sangue na última página do livro de couro e quebrar o feitiço silenciador que ela tinha lido mais de duas décadas antes. Joanna ouvira a ligeira mudança de som quando o feitiço terminou, e, mesmo depois de terem fechado a porta da biblioteca e subido a escada, parecia-lhe que ainda conseguia sentir o zumbido alterado dos livros por baixo dela.

Sir Kiwi estava sentada no corredor à espera e levantou-se de um salto quando eles saíram pela porta da cave, com a cauda luxuriante a abanar. Cecily inclinou-se para lhe fazer festas, com a mão a tremer ligeiramente. Agora que o choque de ver Cecily estava a desvanecer-se, Joanna apercebeu-se de que a mãe estava vestida apenas com chinelos, *leggings* pretas e a *T-shirt* do álbum *Revolver* dos Beatles, com a qual provavelmente tinha ido dormir, e que os seus braços nus estavam arrepiados do frio. Joanna apressou-se a atravessar o *hall* até ao armário e voltou com um casaco de lã grossa que pertencera a Abe.

— Toma — disse ela à mãe. — Podes vestir isto.

Cecily segurava o casaco nas mãos, a tremer, mas não se mexeu para o vestir. Passou um dedo sobre o padrão preto entrelaçado no fundo branco.

— Este casaco é mais velho do que tu — disse ela. — Comprei-o para o teu pai quando vivíamos na Cidade do México.

Joanna já se tinha virado para seguir Collins e *Sir Kiwi* até à cozinha, mas quando ouviu aquelas palavras parou.

— Como é que isso é possível? Tu e o pai conheceram-se depois de ele ter vindo para cá.

— Não — disse Cecily. — Essa foi a história que decidimos contar-vos, meninas. Mas, na verdade, conhecemo-nos na Cidade do México. Quando o vosso pai ainda estava com a Isabel.

A voz dela, que estava calma e firme, não correspondia às suas palavras impossíveis. Um arrepio percorreu a pele de Joanna.

— O quê? Que é que estás a dizer?

Cecily enfiou os braços no casaco e apertou-o ao corpo.

— Vamos sentar-nos.

As luzes da cozinha estavam acesas e tudo parecia demasiado brilhante, do fulgor das panelas de cobre penduradas ao reflexo metálico do frigorífico, passando pelas linhas nuas do rosto resoluto de Cecily. Joanna desligou a luz do teto, reduzindo a luminosidade da sala de ofuscante para suave. Agora estavam iluminados apenas pelo candeeiro suspenso por cima do fogão, com a luz suave de uma lâmpada esbatida pela gordura. Cecily sentou-se à mesa da cozinha e Joanna sentou-se à sua frente.

Collins levantou a chaleira e, dando bom uso ao seu curso, disse:

— Chá?

Tanto Cecily como Joanna abanaram a cabeça, mas Collins encheu a chaleira na mesma e, de seguida, encostou-se à bancada com *Sir Kiwi* aos pés, lançando um olhar intenso a Joanna. Mesmo com o pouco tempo de convívio que tinham, ela já sabia reconhecer o seu rosto preocupado, e tentou sorrir-lhe, mas sentia que era um fracasso. O seu olhar intensificou-se.

Cecily estava a olhar para ele, com uma expressão perplexa.

— Quem é que disseste exatamente... — começou a dizer.

Joanna interrompeu-a.

— Disseste que tinhas vindo aqui para me contar a verdade. — Imitou a postura de Collins e endireitou os ombros, cerrou os maxilares. — Então conta.

Por um segundo, pareceu que a mãe poderia protestar, mas acenou com a cabeça. Alisou as mãos sobre a mesa como se estivesse a desenrolar um mapa e de seguida fechou os olhos. Inspirou longa e

profundamente antes de os abrir de novo.

— Tudo isto começa — disse — com a Isabel.

ISABEL SEMPRE TINHA SIDO AMBICIOSA. NASCERA NA CIDADE DO MÉXICO, filha de uma mãe zapoteca e de um pai meio-espanhol, e fora criada na livraria da família. A livraria era uma relíquia da fortuna colonial, grande parte da qual a família do lado paterno conseguira esbanjar, e tinha sido fundada pelos avós paternos como um projeto de paixão no princípio dos anos trinta — com a intenção, nessa altura, não de obter rendimentos, mas de aumentar o seu capital social entre os escritores e artistas cuja presença eles cortejavam à mesa de jantar. Foi da avó paterna de Isabel, a senhora da alta sociedade mexicana e escritora ocasional Alejandra Gil, que os pais não só herdaram a livraria mas também o que era então uma das maiores coleções de livros de magia da América do Norte; e foi dessa mesma avó que Isabel herdou a capacidade de ouvir magia.

Também deve ter herdado a ambição de um dos avós, porque os pais não tinham o ímpeto feroz da filha. Na altura em que Isabel nasceu, a riqueza geracional da sua família assentava diretamente em dois campos: contactos sociais e livros. Os pais dela, que tinham continuado a manter hábitos dispendiosos muito depois de ainda terem posses para eles, estavam dispostos a capitalizar os primeiros e a vender os segundos, para desgosto de Isabel. Desde pequena que estava convencida de que os livros da família continham respostas às questões que ocupavam a mente humana desde que esta podia pensar, respostas essas que ela acreditava poderem ser encontradas no mecanismo que permitia que esses livros fossem escritos.

O poder era canalizado de fora, ou vinha de dentro? Era Deus, deuses, espíritos ou demónios? Os milagres descritos em tantos textos religiosos eram de facto o produto de livros poderosos ou eram os livros que tinham sido escritos em emulação de milagres?

Qualquer que fosse o poder, de onde quer que viesse, dizia-lhe algo. Em pequena, imaginara-se como Joana d’Arc, escolhida por uma voz sagrada para liderar e proteger, e, quando chegou à idade adulta, tornou-se mais prática, mas não menos dedicada. Como poderia estudar

os textos e protegê-los se os pais continuavam a vendê-los?

Foi Isabel quem se dedicou a manter a coleção das traseiras da livraria dos pais, foi Isabel quem percorreu primeiro a cidade e depois o país fazendo contactos, fazendo perguntas, seguindo pistas de novas mercadorias. Aprendeu a avaliar e a fixar preços. Leu todos os livros da coleção tantas vezes que os sabia de cor, e compreendeu os padrões de repetição e as complexidades de fraseado que as suas páginas pareciam exigir. Através do estudo, começou a conhecer o mundo suficientemente bem para perceber que queria que ele a conhecesse.

Tentou, sem sucesso, convencer os pais a mudar para um modelo de empréstimo — como uma espécie de biblioteca, dizia ela, para que pudessem ter ganhos mais pequenos, mas contínuos, em vez de um grande lucro único. Dessa forma, poderiam ficar com todos os livros em vez de os deixarem cair por entre os dedos, com o número de livros da coleção, outrora impressionante, a diminuir lentamente à medida que iam sendo vendidos um a um. Mas os pais recusaram. Demasiado incómodo, quando era tão fácil simplesmente vender um livro sempre que gastavam o dinheiro obtido com o anterior.

Na altura em que Isabel estava a atingir a maioridade, no final dos anos setenta, as cinco maiores comunidades de livros do mundo estavam centradas na Cidade do México, em Istambul, em Tóquio, em Manhattan e, mais notavelmente para Isabel, em Londres.

Londres era notável por causa dos rumores.

Isabel tinha-os ouvido aos vendedores e colecionadores de livros que procurava desde que tinha idade suficiente para saber como: rumores sobre uma certa organização e um homem de fato, sorridente, que pagava generosamente por coleções inteiras. Rumores de que, se o recusassem, ele arranjaría maneira de levar as coleções na mesma e de voltar a emprestar-lhes os livros a preços exorbitantes. Aqueles rumores eram repetidos em tons sinistros de aviso, mas, em vez de se sentir avisada, Isabel ficou intrigada. A organização parecia ser exatamente aquilo que ela própria tinha procurado construir a partir da livraria dos pais.

E depois ouviu os outros rumores, e a sua intriga solidificou-se em intenção.

Eram os rumores de que alguém em Londres não só colecionava, mas também produzia. Por preços quase impagáveis, parecia que uma pessoa

podia encomendar um livro específico, um feitiço específico, o que significava que havia alguém que estava a escrever ativamente a magia que Isabel tinha passado toda a sua vida a tentar compreender.

Para ela, era evidente que todos aqueles rumores descreviam a mesma organização e talvez a mesma pessoa: o homem sorridente de fato. Fosse ele quem fosse, Isabel queria conhecê-lo. Por isso, decidiu-se por Inglaterra, conseguiu o que queria e chegou a Oxford para fazer um doutoramento em Teologia com uma mala cheia das obras mais valiosas dos pais. Rapidamente se integrou nos círculos relevantes e fez saber que tinha uma coleção, pequena mas digna de respeito, que estava disposta a vender na totalidade, incluindo a joia da coroa: um volume de quinze páginas de encantamentos recarregáveis, pequenos, antigos e poderosos.

Richard demorou dois anos a entrar em contacto com ela.

Nessa altura, era conhecida profissionalmente como Maram Ebla, e foi a Maram Ebla que Richard dirigiu a sua carta de apresentação. Ela escolhera o nome próprio Maram devido a uma predisposição da família para palíndromos e o apelido em homenagem à antiga biblioteca de Ebla, que era frequentemente considerada a biblioteca mais antiga do mundo. Para si própria, no entanto, continuava a ser Isabel.

Isabel ouvira dizer que o homem de fato era bem-parecido, mas também ouvira dizer que ele estava na casa dos cinquenta, o que, para uma mulher de vinte e poucos anos, parecia abstratamente velho. Portanto, quando Richard apareceu à porta do seu apartamento, inclinando-se um pouco no corredor de teto baixo e sorrindo-lhe com olhos ternos e astutos, ela ficou surpreendida ao descobrir que não só ele era atraente, como também ela se sentia atraída por ele.

Em termos inequívocos, ela disse-lhe que não procurava pagamento pela sua coleção, mas um emprego. Mais do que um emprego, na verdade. Um meio de subsistência. Uma vida na Biblioteca, entre os livros que tanto amava, o mais perto possível da fonte da magia. No final da sua primeira visita, Richard fizera-lhe uma proposta. Dar-lhe-ia um período de experiência de sete anos, no qual ela terminaria o seu curso e regressaria à Cidade do México para trabalhar como representante da Biblioteca na América do Norte, viajando pelo continente e usando os seus contactos para localizar coleções privadas e persuadir os proprietários a vender. Ela enviaria os livros que adquirisse para a Biblioteca através de um conjunto de feitiços que lhe permitiria

passar coisas através de um espelho. Era também assim que ela e Richard se mantinham em comunicação, enviando mensagens um ao outro através do espaço.

Se Richard ficasse devidamente impressionado ao fim de sete anos, Isabel entregar-lhe-ia a coleção dos pais e ele convidá-la-ia a integrar-se na Biblioteca, mostrar-lhe-ia os segredos no cerne das encomendas e oferecer-lhe-ia um emprego a tempo inteiro.

Como primeira demonstração de lealdade, ela deu-lhe o códice dos esconjuros, embora não mencionasse que tinha um gêmeo, que permanecia trancado em segurança no seu apartamento. Os segredos eram divisa e Isabel tencionava continuar a ser rica.

Richard folheou os esconjuros com um olhar crítico. Era verdade que eram muito mais fortes do que os que a Biblioteca usava nessa altura, disse-lhe ele, mas a sua força bloquearia os feitiços de espelho que ele usava para comunicar com os seus empregados globais, como a própria Isabel. De qualquer modo, meteu o livro ao bolso. Disse a Maram que pensava que poderia emendar o feitiço para permitir que a magia do espelho passasse — um comentário casual que a deixou sem fôlego com o que implicava. Alterar feitiços era o mesmo que escrevê-los.

Aquele era o conhecimento de que ela andara à procura toda a vida.

Sete anos não podiam passar suficientemente depressa.

Isabel completou o curso em Oxford e regressou a casa, na aparência para ajudar na livraria dos pais, mas na realidade para expandir a sua lista de contactos e para se certificar de que os pais apenas vendiam livros a colecionadores que Isabel conhecia, para que mais tarde ela pudesse comprar — ou levar — os livros de volta com o apoio da Biblioteca. Viajava para Nova Iorque, Chicago e Los Angeles e lia o feitiço do espelho em quartos de hotel, empurrando os livros para um lugar onde nunca tinha estado mas que tinha sempre na sua mente, uma vela para iluminar o caminho.

Tudo correu quase exatamente como planeado, até conhecer Abe.

Ele tinha vindo à Cidade do México a convite dela, um colega colecionador com quem ela esperava fazer um negócio, como tantos outros que fizera nos últimos três anos em que estivera a trabalhar para a Biblioteca. O acordo era o seguinte: o conhecimento de Abe tornar-se-ia o conhecimento dela, os livros dele tornar-se-iam livros da Biblioteca e o dinheiro da Biblioteca encher-lhe-ia os bolsos.

No entanto, em vez disso, Isabel encontrou em Abe o que também tinha encontrado em Richard: alguém tão apaixonado pelos livros como ela própria, alguém que acreditava que a capacidade que ela possuía de ouvir magia era uma vocação superior, uma vocação que Abe partilhava. Também ele se dedicava a preservar os livros; também ele queria estudá-los e protegê-los.

Isabel já estava meio apaixonada por Richard, mas, desde o seu primeiro encontro no seu apartamento em Londres, não o tinha visto nem falado com ele. Comunicavam apenas por meio das mensagens que trocavam através de espelhos enfeitados, e, perante a presença sólida e empenhada de Abe e o seu claro interesse por ela, a atração de Richard ficou nas sombras, mais difícil de recordar. Ela e Abe começaram a dormir juntos e, quando ela ficou inesperadamente grávida, ele pediu-a em casamento.

Isabel recusou. Não falara a Abe da sua promessa a Richard e à Biblioteca, mas fê-lo nesse momento. Faltavam pouco mais de três anos para terminar o seu período à experiência e, se Richard lhe oferecesse um emprego no final desse período, ela tencionava aceitá-lo — independentemente de Abe e do bebé que ele queria muito.

Isabel não queria um filho, mas tanto ela como Abe provinham de famílias mágicas; tanto ela como Abe estavam empenhados, cada um à sua maneira, em dar continuidade à sua linhagem mágica. Qualquer criança que tivessem juntos nasceria, quase de certeza, com o dom com que eles próprios tinham nascido, a capacidade de ouvir magia e de continuar o trabalho da família. Foi aquele argumento que convenceu Isabel a levar a gravidez a termo.

Isabel nunca contou a Richard que estava grávida e não lhe contou quando Esther nasceu, receosa de dizer algo que pudesse pôr em risco as suas hipóteses de receber a proposta de emprego que continuava a ser o seu objetivo máximo. Pensou que só revelaria a sua filha se e quando fosse oficialmente trabalhar para a Biblioteca, e tinha grandiosas visões de levar Esther consigo, treinando-a desde a infância tal como Isabel se tinha treinado a si própria.

Quanto a Abe, ele acreditava — porque queria acreditar — que ter um filho alteraria as prioridades de Isabel, que, assim que ela visse o rosto da filha, todos os seus sonhos da Biblioteca se desvaneceriam como névoa na maré alta do amor maternal.

Isso não aconteceu.

Isabel sentia-se impaciente com quase todos os aspetos de ser mãe de uma criança e impaciente, também, com a cautela de Abe em relação ao seu envolvimento continuado com a Biblioteca. O que pareciam ideais afins já estavam a revelar-se divergentes de algumas formas irreconciliáveis. Era verdade que Abe partilhava o seu interesse pela preservação dos livros, mas, ao contrário de Isabel, não tinha qualquer interesse em lucrar com eles e desconfiava profundamente do modelo de negócio monopolista da Biblioteca. Ele queria continuar a expandir e a proteger a coleção da família dela em segredo e a manter a fachada de livraria de livros comuns como o seu verdadeiro fluxo de receitas.

Quando Esther tinha um ano, Abe e Isabel terminaram a sua relação romântica, e Abe, que já era o principal cuidador de Esther, levou-a com ele quando saiu do apartamento que partilhavam. Isabel andava em viagens de aquisição de livros durante a maior parte da semana e via a filha aos fins de semana, e foi ela quem sugeriu contratar uma ama: uma amiga sua envolvida tangencialmente na cena dos livros, uma jovem belga que adorava Esther.

Era Cecily.

Os três já tinham reparado — com grande consternação e desapontamento da parte de Isabel e alguma inquietação de Abe e de Cecily — que os feitiços pareciam não ter qualquer efeito sobre Esther. Cecily possuía um livro que estabelecia um perímetro intransponível e usou-o uma noite na sala de estar, com a intenção de manter Esther em segurança dentro de um quadrado de carpete enquanto ela cozinhava o jantar, mas, nem dez minutos depois de o ter ativado, Esther entrou a gatinhar pela porta da cozinha. Abe e Isabel testaram a bebé com outros livros e descobriram que ela conseguia partir vasos que tinham sido enfeitiçados para se tornarem inquebráveis e ver pessoas que deviam estar sob um feitiço de invisibilidade. Nenhum deles tinha a certeza de como interpretar aquilo.

Passou mais um ano, durante o qual a mãe de Abe — viúva há mais de uma década — morreu e lhe deixou a casa da família no Vermont. Abe e Cecily estavam juntos, Esther tinha quase três anos e Cecily estava grávida de seis meses quando o período experimental de sete anos de Isabel terminou e Richard a convidou formalmente para ir para Inglaterra.

Finalmente, tinha chegado o momento. Estava a ser oferecida a Isabel a coisa que ela continuava a desejar mais em todo o mundo: um convite para a Biblioteca e todos os seus segredos. Apesar dos protestos incrédulos de Abe, ela partiu imediatamente, como sempre lhe tinha dito que faria. Sem nada que os prendesse na Cidade do México, Abe e Cecily mudaram-se para o Vermont, para a casa grande e velha no sopé de uma montanha, e Joanna nasceu alguns meses depois.

Passariam mais dois anos sem que voltassem a ver Isabel ou a ter notícias dela.

Então, numa noite tardia, quando Esther e Joanna estavam a dormir profundamente, ela apareceu à porta de casa. Tinha vindo de avião a Nova Iorque numa viagem de trabalho, e, sem que Richard soubesse, alugou um carro e fez a viagem de oito horas desde a cidade. Não estava ali para os visitar. Estava ali para contar a Abe e Cecily o que tinha aprendido nos últimos dois anos na Biblioteca. Tinha aprendido, finalmente, como eles escreviam novos livros.

Tinha aprendido sobre os Escribas.

Não só isso, como tinha conhecido um — um jovem chamado John, a quem faltava um olho e que tinha sido pai de uma criança recentemente. Uma criança que nenhuma magia podia tocar.

Uma criança como Esther.

No princípio, Isabel tinha ficado extasiada ao saber que, longe de não ter magia, a sua filha tinha o mesmo poder que ela tinha estruturado toda a sua vida para descobrir. Não pôde deixar de notar, no entanto, que John não parecia feliz por ter gerado uma criança com esse poder. De facto, tanto ele como a sua mulher pareciam abatidos. Mais do que abatidos, na verdade. Pareciam aterrorizados.

Isabel correu um risco calculado e confessou ao novo pai que também ela era mãe de uma Escriba. Esperava que a exposição da sua própria vulnerabilidade encorajasse John a confiar nela, a contar-lhe a verdade sobre os seus receios, e a aposta deu frutos. Ele disse-lhe que os Escribas não eram apenas o bem mais valioso de Richard — eram também a sua maior ameaça. Há centenas de anos, ele tinha ligado a sua vida a um livro e ao osso de uma Escriba, a sua irmã, e viveria enquanto o livro e o osso permanecessem inteiros. Apenas dois Escribas podiam acabar com o feitiço, um dos quais tinha de ser da linhagem de Richard, como John e o filho.

Por causa disso, Richard decidiu que era do seu interesse que nunca dois Escribas vivessem livres ao mesmo tempo. Para esse fim, encomendou um feitiço para procurar, caçar e matar ou capturar essa outra pessoa, garantindo assim que o único Escriba estaria sob o seu controlo. Esse feitiço requeria o olho de um Escriba maduro e vivo. Quando foi escrito, em meados de 1800, a «maturidade» era especificada como sendo atingida aos treze anos de idade, e John tinha perdido o seu olho para esse feitiço aos treze anos, tal como o Escriba antes dele. Assim, o destino do seu filho — e da filha de Isabel — era, na melhor das hipóteses, perder um olho e viver o resto da vida num cativeiro luxuoso, e, na pior, morrer. Provavelmente em breve. Três Escribas vivos eram dois a mais.

A consolação de Isabel era que o feitiço de procura apenas podia ser iniciado uma vez a cada doze meses, no aniversário da sua primeira ativação, durante vinte e quatro horas, e que Richard se tinha tornado desleixado nos últimos anos, deixando passar a data de novembro sem o ler. Procurara ao longo de toda a vida de John sem nunca encontrar outro Escriba e começava a acreditar que John era o último da sua espécie. A chegada do filho de John alterara essa situação. Nesse ano, Richard planeava pôr o feitiço em ação mais uma vez. Nesse ano — se John ainda estivesse vivo, se o feitiço ainda estivesse ativo —, ele encontraria Esther.

Richard tinha concordado em levar John e a mulher deste numa rara viagem à Escócia para ver a família dela, e John disse a Isabel que eles estavam a planear usar a oportunidade para tentar uma fuga. O feitiço de busca não seria capaz de os localizar se continuassem em movimento, disse-lhe ele, por isso, todos os anos, a dois de novembro, ele e a família continuariam em movimento durante vinte e quatro horas. Isabel, que nunca perdia uma oportunidade, fez o seu próprio plano. Arranjou maneira de ir a Nova Iorque no dia a seguir à partida de Richard e do Escriba para a Escócia e de regressar a casa um dia antes do regresso deles, tendo o cuidado de fazer crer a Richard que a viagem e a sua marcação conveniente tinham sido ideia dele.

Teve também o cuidado — o cuidado implacável — de garantir que Richard receberia a informação sobre o plano de fuga de John. Para proteger Esther, ela precisava de que o feitiço de busca fosse desativado. Precisava de John morto.

Uma vez no Vermont, explicou tudo aquilo a Abe e a Cecily, que ficaram horrorizados, e de seguida expôs o seu plano. Ela tinha uma salvaguarda contra o dia em que a criança Escriba faria treze anos, quando Richard iria inevitavelmente reativar o feitiço e segui-lo até Esther. O plano era o seguinte: no Vermont, ela deu a Abe e Cecily dois livros. Um deles era o códice de encantamentos que era gémeo dos que eram agora usados pela Biblioteca, mas esses encantamentos não tinham sido emendados, pelo que bloqueariam quaisquer feitiços de comunicação exteriores. O outro livro era uma metade de um feitiço de espelho bidirecional.

Abe e Cecily enfeitiçariam um dos seus espelhos no Vermont para se ligar ao espelho de Isabel na Biblioteca. Entretanto, Isabel regressaria a Inglaterra e roubaria imediatamente o livro da vida de Richard do seu escritório, enviando-o depois a Abe e Cecily através do espelho. O Escriba e a sua mulher estavam a tentar fugir ao mesmo tempo, e Isabel sabia que, quando Richard regressasse da Escócia e descobrisse que o livro tinha desaparecido, era provável que lhes atribuisse a culpa desse desaparecimento. No momento em que o livro da vida passasse de Inglaterra para o Vermont, Abe e Cecily leriam o encantamento e esconder-se-iam de vista, a si próprios e ao livro, para sempre. Assim, quando Richard tentasse encontrar Esther um dia, eles teriam uma moeda de troca contra ele. Teriam uma garantia.

Havia um último passo no plano.

Para contornar o feitiço da verdade que Richard iria certamente usar em todos os seus empregados quando descobrisse que o seu livro tinha desaparecido, Cecily lia a Isabel um feitiço de silenciamento, para que, mesmo sob compulsão mágica, ela não falasse do que tinha feito. Isabel, por sua vez, lia o mesmo feitiço a Cecily e a Abe.

Depois, ligados pelo silêncio, separar-se-iam e Isabel Gil desapareceria para sempre.

A VOZ DE CECILY ESTAVA ROUCA QUANDO ACABOU DE FALAR, APESAR DO CHÁ que Collins conseguira fazê-la aceitar e de *Sir Kiwi* ter ido parar ao seu colo. Joanna estava a olhar para um arranhão profundo na mesa da cozinha. Esther fizera-o com um garfo quando tinha cinco anos, com

a intenção de gravar as suas iniciais.

— Mas porque nos disseste que a Isabel estava morta? — perguntou Joanna. — Porque deixaste a Esther acreditar nisso?

— Legalmente, era verdade — disse Cecily. — Isabel deixou toda a vida para trás quando entrou para a Biblioteca, incluindo o nome. Falsificou os registos de óbito. Não queríamos que a Esther alguma vez se pusesse à procura.

— E tu querias que tivéssemos medo — disse Joanna.

A mão de Cecily imobilizou-se no pelo macio de *Sir Kiwi*.

— Sim, mas por uma boa razão. O Richard é um homem incrivelmente perigoso, agora já sabes isso.

— Não sei se alguma vez há uma boa razão para aterrorizar crianças — disse Joanna.

A sua mente já estava a fazer horas extraordinárias para processar a torrente de informação, e, como não queria pedir-lhe que processasse sentimentos também, empurrou-os para baixo, a raiva, a mágoa, a tristeza. Eles acabariam por vir à superfície e ela teria de os enfrentar.

Collins falou, sentado de pernas cruzadas no chão de azulejos.

— Se era suposto que o livro do Richard fosse uma garantia — disse —, porque é que a Cecily não o usou quando a Maram lhe disse que o feitiço de procura do Escriba estava ativo? A Esther tinha o quê, dezoito anos? Porque é que a mandaram embora se já tinham o livro?

— Eu queria usá-lo — disse Cecily. — Foi por isso que quis queimar os esconjuros, para que o Richard soubesse que o tínhamos, para que ele viesse, para que pudéssemos fazer um acordo e a Esther pudesse ficar conosco. Mas o Abe achou que não ia resultar. Quando a Isabel nos contactou para nos dizer que o feitiço de procura tinha sido reativado, também nos disse que, afinal, o livro não interessava, que era essencialmente indestrutível e que nós nunca conseguiríamos acabar com a vida do Richard com ele. Ela disse que o importante era garantir que a Esther continuasse a mudar-se uma vez por ano. Era assim que a manteríamos segura.

» Mas a Isabel e eu tínhamos sido amigas, não se esqueçam, e eu sabia que ela estava apaixonada pelo Richard, naquela época e ainda agora. Parecia claro que ela estava a mentir sobre o livro para o proteger. Eu pensei que o teu pai estava a ser cobarde. — Virou-se para Joanna. — E, independentemente do Richard, independentemente de

tudo, eu queria que os esconjuros fossem desativados porque queria tirar-te da armadilha que tínhamos construído para ti.

Joanna pôs a cabeça entre as mãos. Não conseguia olhar para a cara da mãe, angustiada e culpada e subitamente velha à luz gordurosa do fogão, como se a conversa a tivesse envelhecido dez anos.

— Desculpa, querida — disse Cecily, com a voz empastada. — Esta não era a vida que eu queria para ti, nem para a Esther.

Um som súbito e forte de arranhar ecoou pelo corredor até à cozinha, e todos deram um salto.

— Que é aquilo? — perguntou Cecily, e *Sir Kiwi* espetou as orelhas e Collins começou a pôr-se de pé.

— O gato — disse a Joanna. — Ele está com fome. — Levantou-se da mesa, contente por ter uma razão para se afastar por um minuto. — Deem-me um segundo.

Atravessou o corredor, permitindo-se respirar, a lutar para manter os pensamentos em ordem, e abriu a porta em piloto automático. Estava tão distraída que mal conseguiu processar o que tinha entrado, juntamente com uma rajada de ar frio.

O gato.

Ele tinha entrado em casa, passando pelas pernas dela, sem sequer olhar para cima, como se já o tivesse feito uma centena de vezes, e ela ficou a olhar para ele, estupefacta, enquanto ele se dirigia para a cozinha. Apesar de tudo o que estava a acontecer, apesar do que a mãe tinha acabado de lhe dizer, Joanna deu por si a sorrir. Aquilo devia ser um sinal, não devia? Um sinal de que tudo iria correr bem?

Ouviu Collins dizer:

— Oh, olá, gatinho! — E depois: — Que é que fizeste com a Joanna?

— Jo? — chamou a mãe.

Joanna fechou novamente a porta, encostou-lhe a testa durante o tempo de uma respiração, e de seguida virou-se e seguiu o gato. Encontrou-o acorado no linóleo ao lado de Collins, embora não exatamente ao alcance do braço dele, com as orelhas coladas ao crânio, a olhar para *Sir Kiwi*, que ganhava excitada e tentava libertar-se dos braços de Cecily.

— Então, a Isabel — disse Joanna à mãe. — A Maram. Ela tem estado a proteger a Esther. Foi para isso que tudo isto aconteceu.

Cecily agarrou melhor *Sir Kiwi*, olhando fixamente para o gato.

— O teu pai estava loucamente apaixonado pela Isabel — disse ela. — Mesmo depois de nos termos juntado, acho que ele acreditava que ela poderia ganhar juízo e voltar para ele, para a Esther. E quando isso não aconteceu... Acho que ele nunca mais confiou nela, não a qualquer nível real. Ele acreditava que ela queria manter segredo da Esther ao Richard não apenas para a proteger, mas também porque isso lhe dava poder sobre ele. Pensava que a Esther era mais uma carta no baralho da Isabel, para ser jogada quando chegasse a altura certa.

— Mas a Cecily confia nela — disse Collins. A Joanna, soou como uma pergunta. — Pensa que ela está do nosso lado.

Cecily abanou a cabeça.

— A lealdade de Isabel sempre foi para com a Biblioteca.

— Mas agora já não, certo? — Joanna conseguiu ouvir a debilidade da própria voz e tentou de novo, mais alto, mais forte. — Ela queria terminar o que começou quando te deu aquele livro. Quer manter a Esther a salvo.

Cecily olhou para cima. O seu rosto estava exangue, os olhos semicerrados e húmidos.

— Não sei o que ela quer — disse.

Era verdade, o que Richard tinha dito. Os pesadelos de Nicholas já eram suficientemente maus. Não precisava de acrescentar a sensação de Esther a soltar o braço da sua mão ou a maneira como o rosto de Richard endureceu quando o seu dedo se curvou à volta do gatilho. Não precisava de recordar aquele estalido inconfundível, a colisão do percutor com a pólvora, o cheiro acre de uma explosão, não precisava de reviver a forma como se sentira quando viu Esther atirar-se para a frente, os seus próprios joelhos mal o aguentando de pé, o seu coração como um punho cerrado enquanto via o corpo dela cair.

E, como tantos pesadelos, aquele não fazia sentido lógico. Em vez de cair no chão, o corpo de Esther continuou a mover-se no ar — para a frente, não para baixo. Como se não estivesse a cair, mas a saltar. Os ouvidos de Nicholas estavam a zumbir na sequência do tiro, um zumbido que se tornava cada vez mais alto, e talvez aquilo não fosse afinal um pesadelo mas sim um sonho, porque havia abelhas no ar, abelhas gordas e zumbidoras do tamanho de balas. Uma delas passou a zunir pelo olho de Nicholas, com as patas negras carregadas de pólen, e, atrás dela, o corpo de Esther colidia com o de Richard.

Maram tinha enfeitiçado a arma de Richard tal como tinha enfeitiçado a de Collins. As balas eram inúteis.

Richard soltou um rugido inarticulado quando a propulsão do golpe baixo de Esther o fez cambalear para trás, contra a secretária, com os papéis a voar e os braços a varrer a secretária em procura vã de onde se agarrar. Não valia a pena, estava a cair. Bateu no chão com um baque dissonante enquanto Maram saltava para longe dele e para trás da secretária.

— Nicholas — gritou ela —, Nicholas, o retrato, a moldura!

Nicholas estava exausto. O seu cérebro estava enevoado pela falta de sono, os seus glóbulos vermelhos estavam longe de estar repostos, e, embora Esther não tivesse sido atingida pelo tiro, o corpo dele continuava a reagir como se ela o tivesse sido, em choque e a tremer. Porém, nem mesmo a confusão dos últimos minutos tinha conseguido apagar anos de cumprimento das ordens de Maram, e ele agiu por instinto, movendo-se sem ter decidido propriamente fazê-lo.

Saltou na direção do retrato quando Richard enxotou Esther e tentou levantar-se, mas ela envolveu os braços à volta das pernas dele, arrastando-se atrás dele quando ele se precipitava para a frente. Ele tentou afastá-la com um pontapé. Ela manteve-se agarrada, e ele caiu de joelhos, enquanto Nicholas o contornava, quase ao alcance das suas mãos, e se pôs atrás da secretária. Maram estava de pé por baixo daquela pintura manchada de sangue, com uma mão a pairar sobre a tela; o seu rosto, uma máscara de urgência.

— Está coberto de feitiços protetores — disse ela —, não lhe posso tocar.

Nicholas agarrou na moldura e puxou, mas a pintura estava ancorada à parede e mal cedeu sob os seus dedos enclavinhados. Atrás de si, ouviu Esther gemer de dor, e, quando se virou, viu que Richard se tinha libertado das tentativas de Esther de o manter no chão e estava a levantar-se cambaleante. Esther estava de gatas, talvez atordoada pelo golpe que lhe abrira o corte vermelho acima do olho de onde escorria sangue, e Nicholas teve um choque absurdo de incredulidade por Richard desperdiçar o sangue de uma Escriba daquela maneira. Nesse momento, ouviu um estalido e sentiu o toque do aço frio contra a sua mão.

Maram entregava-lhe a sua arma.

— Dispara — disse ela. — Dispara no osso.

Nicholas, que estivera sob guarda armada toda a vida, tinha estado perto de muitas armas, mas nunca pegara numa, muito menos disparara. Mas não tinha tempo para duvidar de si próprio. Richard estava agora atrás da secretária e a atirar-se a Maram, que era muito mais pequena do que ele, e, ao contrário de Esther, não tinha nem anos de treino nem força significativa. Richard apertou-a contra o peito, quase como se estivessem a abraçar-se, com os braços dela presos ao lado do corpo.

— Porque estás a fazer isto? — disse ele. A sua voz era angustiada,

mas os seus olhos nunca se tinham parecido tanto com os olhos do homem do retrato: frios, brilhantes, insondáveis. Não tinha visto a arma que Nicholas estava a segurar contra o osso do fémur amarelecido na base da moldura, com os dedos à volta do punho.

— Sinto muito — disse Maram, ofegante. — Tenho de fazer o que é melhor para...

— Para quem? — Richard arremessou-a contra a parede, e a cabeça dela bateu com um baque oco. — Para o Nicholas? Para esta rapariga? Não para ti... podias ter vivido para sempre comigo, mas escolheste *isto*, e porquê? Por quem?

Maram levantou as mãos, mas já não estava a debater-se. Estava a tocar na cara de Richard, com os dedos na sua boca furiosa.

— Pelos livros — disse ela. — Pelo futuro da magia.

Richard levantou a mão para lhe bater outra vez, e Nicholas encostou a arma ao centro do fémur, onde era mais fino. Puxou o gatilho.

O disparo foi tão alto que abafou as outras sensações, esbatendo a dor do coice da arma na mão de Nicholas e transformando Maram, Richard e Esther em figuras de uma pantomima, só rostos e gestos silenciosos: a mão de Richard completando o seu arco contra o lado da cabeça de Maram, Maram cambaleando para um lado sob o golpe, Esther pondo-se de pé. Nicholas pestanejou com força, a tentar desanuviar os olhos e a cabeça, e olhou para o que tinha feito.

Sob o cano da arma, o osso amarelado estava partido em dois.

Os seus ouvidos tinham por causa do som do tiro, mas, mesmo assim, ele conseguia ouvir o som que Richard estava a fazer: um uivo agudo como o de um animal em sofrimento. Nicholas virou-se do retrato e deu com o tio a afastar-se cambaleante de Maram, com uma mão na secretária para se manter de pé, os dentes ensanguentados arreganhados numa careta. Maram estava dobrada, a recuperar do golpe recente, e, de repente, Esther apareceu ao lado de Nicholas, com as mãos a meter-se no casaco dele, dando-lhe palmadinhas. O seu lábio inferior estava rachado e o seu rosto estava frenético, o cabelo emaranhado, toda a sua postura habitual desfeita como a moldura de osso.

— Nicholas — disse ela ofegante —, depressa, Nicholas, o livro —, e ele percebeu o que ela queria. Não podia permitir-se olhar para o tio, que tinha as duas mãos na secretária e mal se mantinha de pé, de cabeça baixa. Nicholas tirou o livro do bolso do casaco e agarrou-o pela

metade, com as mãos de Esther a fecharem-se à volta do outro lado.

Abe e Joanna cuidavam bem da sua coleção. Nicholas reparara nisso na cave — a temperatura e a humidade próprias de um arquivo, as estantes de vidro para evitar o pó, as capas de couro maleáveis. Nicholas sabia, por experiência própria, tanto com livros como com as muitas botas de couro fino que se certificava de que eram oleadas de poucos em poucos meses, que o couro bem cuidado durava muito tempo e era extremamente difícil de rasgar com as mãos. Mesmo o couro feito da pele delicada de um ser humano podia ser curtido até se tornar resiliente, e, com o regime de cuidados adequado, manter-se maleável, duro e impossível de rasgar.

No entanto, aquele livro cedeu sob as mãos de Nicholas e de Esther como se estivesse à espera de que o seu contraponto de osso se estilhasse para que também ele se pudesse desfazer. As páginas caíam da lombada como uma borboleta com as asas esfoladas, e a capa de couro rasgou-se tão facilmente que Nicholas e Esther caíram para trás quando o livro se desmanchou entre eles, com o papel a flutuar para baixo. Quando a primeira página caiu no chão, Richard também caiu.

Richard tombou de joelhos e curvou-se para a frente, com o seu cabelo com fios grisalhos a ficar da cor de cinza, depois branco como um osso, a rarear num couro cabeludo que era cor-de-rosa, de seguida manchado, depois sépia e esticado sobre o crânio. Por algum instinto de afeto que lhe restava, Nicholas afastou-se de Esther e ajoelhou-se ao lado do tio, não o suficiente para o tocar, e Richard virou o rosto para ele.

Aquele era o pesadelo.

Aquelas feições familiares, aqueles olhos gentis, aquela boca sorridente, tudo se torcia em agonia, e, por baixo da agonia, numa incredulidade tão pura que era quase inocente. O rosto de Richard começou a desmoronar-se como uma abóbora estragada, a sua pele a envelhecer perante os olhos de Nicholas, enrugando-se em dobras e depois apertando-se à volta das maçãs do rosto e do maxilar, enquanto os seus olhos se tornavam vítreos e amarelados. Afundaram-se nas cavidades escuras das órbitas e os seus lábios arreganharam-se a mostrar os dentes, ainda tingidos de vermelho com sangue, e as gengivas incharam e recuaram até a boca ser apenas um longo dente amarelo e uma língua roxa ofegante. Ele emitia um som hediondo, como se

estivesse a respirar com pulmões feitos de vidro, e agarrou Nicholas com os dedos que eram garras e estavam nodosos e com as unhas partidas, os pulsos como galhos à medida que a sua carne perdia toda a hidratação e se colava ao osso.

Depois desabou, com os olhos e a boca ainda abertos e escancarados, uma múmia num belo fato.

— Estás bem? — Nicholas ouviu Esther perguntar a Maram.

A mão torcida de Richard estava a centímetros do joelho de Nicholas. Nicholas fitou-a. Era irreconhecível como tendo pertencido a um ser humano que estava vivo apenas segundos antes. Teria sido a raiva que fizera Richard estender a mão nos seus últimos momentos? Uma vontade de atacar? Ou teria sido outra coisa? Uma última e infrutífera tentativa de ligação?

— Tu percebeste — disse Maram a Esther. — Sobre as balas. Esperava que um de vós o fizesse. Percebeste tudo.

— Sim — disse Esther.

Fez-se um silêncio. A mão de Richard começou a mover-se ondulante na visão de Nicholas.

— E também compreendeste — disse Maram — sobre... sobre a relação que tu e eu partilhamos?

Se Nicholas se encontrasse num estado que lhe permitisse rir-se, talvez o tivesse feito. Nunca tinha ouvido Maram parecer tão desajeitada, tão insegura. Mas ele mal conseguia manter a cabeça erguida no pescoço, muito menos encontrar energia para sorrir. A parte dele que tinha crescido à procura de conforto no rosto bondoso de Richard sentia vontade de agarrar os dedos desumanos e deformados da mão do tio e encontrar um feitiço que trouxesse Richard de volta à vida para que ele se pudesse explicar, para que ele pudesse dizer a Nicholas que tinha sido tudo um mal-entendido e Nicholas pudesse implorar o seu perdão e Richard pudesse dar-lho.

— Gostava de te ouvir dizê-lo claramente — disse Esther.

Maram aclarou a voz, recuperando um pouco do seu ar formal.

— Bem, eu sou, isto é, não sinto que possa usar a palavra «mãe», dadas as nossas circunstâncias, mas é verdade que sou a pessoa que te deu à luz.

— Obrigada por isso — disse Esther.

Um negrume estava a invadir a visão de Nicholas, um túnel

vertiginoso em que ele se permitiu cair. Pousou a cabeça nos joelhos e sentiu a ponta dos dedos mortos de Richard tocar-lhe no cabelo, quase como uma carícia, e, por um momento, permitiu-se fazer de conta. Mas depois os dedos vivos de Esther tocaram-lhe no ombro, tão quentes e sólidos que afastaram todo o fingimento, e Nicholas compreendeu, com uma mistura de dor e de triunfo, que aquilo era real.

As nuvens pareciam diferentes vistas de cima. Tinham picos e vales como uma paisagem, os seus buracos roxos com água não derramada, os cumes em chamas brancas e cor-de-rosa nos últimos clarões do sol da tarde. As colinas e as mesetas tornavam-se esbatidas nas extremidades, dissipando-se no céu azul como fumo e quebrando a ilusão de solidez que quase fazia parecer que o avião podia pousar as rodas e aterrar.

Esther tocou na mão de Joanna, que se encontrava no braço da cadeira entre elas.

— Jo — disse ela, de uma forma que fez Joanna suspeitar de que não era a primeira vez que o dizia.

— Hum? — disse Joanna, com a testa ainda encostada à janela.

— Eu perguntei se querias uma bebida.

Finalmente, Joanna virou-se. Uns pontos de luz dançavam na sua visão, e o interior do avião parecia amarelado, atravancado e apagado em comparação com o que havia lá fora. Tanto Esther como uma assistente de bordo estavam a olhar para ela. Esther tinha um copo de algo pálido e gaseificado no tabuleiro aberto.

— Café — disse Joanna a Esther, e, quando a irmã fez um gesto para a assistente de bordo que estava à espera, redirecionou o seu pedido. — Café. Por favor. Com leite.

A assistente de bordo entregou-lhe uma caneca e empurrou o carrinho para outro corredor. Joanna bebeu um gole.

— Ui — disse ela. — Isto é horrível.

— Ai sim? — disse Esther, e espetou o dedo numa das covinhas de Joanna. — Porque é que pareces tão feliz, então?

Joanna afastou-lhe a mão, embora não conseguisse parar de sorrir.

— Acontece que, afinal, gosto de andar de avião.

— Acontece que eu também gosto, quando é em primeira classe. — Esther esticou as pernas com apreciação. — Não digas ao Nicholas que eu disse isso.

Esther não quisera usar o dinheiro da Biblioteca para nada, muito menos para passagens de avião de luxo. Era literalmente dinheiro de sangue, argumentara ela, mas Nicholas acabara por a convencer, obrigando-a a contar os zeros nos vários extratos bancários que Maram lhe entregara. As contas só tinham sido transferidas dias depois de terem destruído o livro de Richard — altura em que Maram já se tinha ido há muito tempo.

Ela desaparecera nos cerca de trinta minutos em que Nicholas, que tinha voltado para o Vermont com Esther depois de ter acabado com a vida de Richard, tinha percebido que não devia tê-la deixado sozinha na Biblioteca. O seu primeiro receio fora que ela acabasse com o feitiço do espelho e cortasse a ligação entre as duas casas, prendendo-o no Vermont, mas ela deixara o feitiço intacto. Nicholas tinha voltado a atravessar o espelho sem problemas e encontrou um envelope de papel pardo em cima da cama vazia de Maram.

Havia também um bilhete. Era tão enigmático como Joanna se habituara a esperar da mãe da irmã.

Caros Nicholas e Esther, eu sempre quis o melhor para a Biblioteca. Também sempre quis, à minha maneira, o que era melhor para vós. Tornou-se evidente que eu própria não sou nem uma coisa nem outra. Então, para que sou o melhor? É meu objetivo descobri-lo. Ainda há muito para aprender, sobre tudo.

O envelope continha documentos de que Nicholas iria precisar como novo chefe da Biblioteca: a escritura da casa, informações sobre as contas da Biblioteca, que estavam agora em nome de Nicholas, instruções sobre como encontrar a papelada e informações sobre o seguro de saúde de todos os funcionários da Biblioteca. Quando Nicholas vasculhou a coleção, descobriu que Maram tinha levado vários livros, incluindo um feitiço de invisibilidade, um que lhe permitiria atravessar paredes, e o feitiço das balas que se transformavam em abelhas. Se a data de validade não tivesse expirado com a vida de Richard, poderiam tê-la localizado, mas, na situação presente, ela era

impossível de localizar. Já tinha dado provas da facilidade com que conseguia obter passaportes falsos.

— Mais uma vez, obrigada por teres vindo comigo — disse Joanna à irmã, despejando uma saqueta de açúcar no seu café horrível. — Considerando... tu sabes. — Considerando que a irmã não precisava de um avião para chegar a Inglaterra.

— Claro — disse Esther. — Eu não te deixaria andar de avião sozinha na tua primeira vez.

Desde que os dois Escribas tinham regressado ao Vermont através do espelho, vários meses antes, ambos tinham andado constantemente entre os dois continentes, e a divisão na casa de Joanna que fora em tempos o quarto de Esther e depois o quarto da tralha, estava agora a parecer-se muito com uma extensão da Biblioteca.

— Uma sucursal satélite — dissera Nicholas recentemente, olhando em volta para os livros cuidadosamente pousados em prateleiras e para a secretária que Collins tinha ajudado Joanna a carregar pela escada acima, com o desumidificador novo a zumbir num canto.

Durante as últimas semanas, Nicholas estivera a trabalhar quase incansavelmente num texto para o feitiço que Joanna estava agora a atravessar o mundo para ler; um feitiço que a própria Joanna tinha ajudado a escrever.

Quando Nicholas começou a pedir-lhe conselhos, aparecendo através do espelho para lhe gritar que viesse ver uma determinada frase, ou perguntando-lhe o que achava de usar dente-de-leão em vez de consolda, ela suspeitou de que ele estava a ser condescendente com ela, deixando-a sentir-se envolvida, apesar de ela estar presa de um lado do espelho, enquanto ele e a irmã podiam atravessar o Atlântico com um único passo.

Porém, quando deu uso ao seu novo telemóvel e partilhou as dúvidas que tinha com Collins, que, como também estava condicionado pelas leis da física, era mais provável que a compreendesse, ele riu-se dela.

— O Nicholas não é assim tão bem socializado — disse ele. — Se estás a pedir a tua ajuda, é porque quer a tua ajuda, não porque quer fazer-te sentir bem.

Quanto mais ela dava a sua opinião, mais Nicholas a pedia, até que acabou por transferir o seu escritório de escrita quase inteiramente para o Vermont. Joanna estava especialmente satisfeita porque isso significava

que também Esther estava por perto mais frequentemente, remexendo-se numa cadeira ou andando de um lado para o outro enquanto Nicholas narrava as decisões que ele e Joanna estavam a tomar sobre o texto. Nicholas andava a ensinar Esther a escrever magia, embora fosse o primeiro a admitir que um feitiço tão difícil como o que estavam a tentar fazer não era uma cartilha ideal.

— Assim que este livro estiver terminado, começaremos a dar-te lições como deve ser — disse Nicholas, e a sua voz tornou-se amarga. — Lições concebidas por um especialista.

Estava a levar o desaparecimento de Maram muito a peito. Muito mais do que Esther parecia estar, embora com ela fosse sempre difícil dizer.

— É óbvio que há muita coisa que quero saber — disse Esther. — Mas não tenho a certeza se quero aproximar-me de alguém que, basicamente, passou a maior parte da vida adulta como uma capanga assustadora.

— Para ti é Doutora Capanga Assustadora — respondeu Nicholas, um tanto ou quanto desanimado.

Joanna supôs que fazia sentido que Nicholas estivesse a ressentir-se mais; independentemente dos laços de sangue, era evidente que Nicholas tinha visto Maram como família — a única família que lhe restava depois de Richard — e que a perdera na mesma noite em que perdera o tio. Tentara em vão esconder a sua mágoa e não se preocupara em esconder a sua raiva, mas a atitude conformada de Esther quanto a esse assunto resultava em parte do último objeto do envelope: um pequeno espelho de mão prateado marcado com sangue.

— É evidente que ela planeia manter-se em contacto — disse Esther. — Só temos de ser pacientes.

— A paciência não é uma das virtudes que cultivei — disse Nicholas, ajeitando o cabelo no espelho de mão.

— Tens estado demasiado ocupado com a modéstia — observou Collins.

Só dias mais tarde Esther contou a Joanna que tinha passado algum tempo a sós com Maram (com Isabel? Ninguém sabia bem como pensar nela) antes de regressar através do espelho. Toda a vida tivera perguntas, mas esqueceu-se da maior parte delas no momento em que Maram olhou para ela, com aquelas sobrancelhas erguidas em

expectativa.

— Vá lá — disse Maram. — Pergunta.

— O romance — disse Esther. Fora a primeira coisa que lhe viera à cabeça. — De Alejandra Gil. Porque é que é tão importante para ti?

Maram parecera surpreendida, como se não fosse essa a pergunta de que estava à espera.

— A minha avó escreveu-o — disse. De seguida, acrescentou: — A tua bisavó. Ela era escritora... e suponho que tu, como Escriba, também és uma escritora, à tua maneira. A escrita está-te no sangue, juntamente com a magia. Mas, na verdade, foi o título que me chamou a atenção em nova. Sempre achei que, a um certo nível palindrômico, sugeria que são os passos que fazem um caminho, e não o inverso. Estamos a criar, mesmo quando pensamos que estamos a seguir.

Esther puxou a gola da camisola para baixo, expondo as primeiras palavras que estavam gravadas na sua pele, e viu o momento em que Maram percebeu o que diziam. Pela primeira vez, uma emoção real atravessou-lhe o rosto e tremeu-lhe a boca antes de voltar a ficar com uma expressão neutra.

— Gosto disso — disse.

— Como se chamava a livraria dos teus pais? — perguntou Esther.

Maram tocou com a mão no colarinho da sua blusa de seda. Havia uma qualidade distante na sua expressão, um barco a afastar-se da costa.

— Los Libros de Luz Azul.

Esther traduziu para a sua língua, *Blue Light Books*, e depois sorriu.

— Luz Azul.

Maram, que tinha dado a si própria um nome que se podia ler ao espelho, sorriu.

— A nossa família adorava palíndromos. São uma magia antiga, sabias?

— *Que* aconteceu à livraria? — Esther engoliu o seu orgulho e admitiu: — Eu procurei-a.

— Ainda lá está — respondeu Maram —, embora numa forma bastante diferente. Um dia, conto-te essa história.

Esther decidiu tomar aquilo como uma promessa.

— Uma última pergunta — disse. — Por agora.

— Diz lá.

— Pensaste que te ia perguntar o quê?

— Oh — disse Maram. O seu olhar demorou-se no rosto de Esther, talvez fazendo o mesmo que Esther tinha feito quando vira Maram pela primeira vez no escritório de Richard: à procura de sinais de si própria.

— Pensei que ias perguntar se me arrependo de ter feito o que fiz.

Esther não sabia a que ato Maram se referia. Arrepende-se-ia de ter deixado a filha há tantos anos ou de ter traído a Biblioteca pela qual a tinha deixado? Mas mordeu o isco e disse:

— Arrependes-te?

Nesse momento, Maram estendeu o braço e roçou as costas da sua mão nas costas da mão de Esther. Foi um contacto estranho, íntimo mesmo na sua estranheza, e Esther estremeceu.

— Ainda não sei — disse Maram, e Nicholas voltou a entrar na sala.

FOI COLLINS QUEM FOI BUSCAR JOANNA E ESTHER A HEATHROW, ESTACIONANDO junto ao passeio com o motor ligado de um enorme *Lexus* preto com vidros fumados. Tinha a janela aberta, apesar do frio, e a visão do seu rosto de perfil fez o estômago de Joanna dar uma volta com o nervosismo.

Não tinham tido oportunidade de falar desde o beijo no alpendre da frente, há mais de dois meses. Ou melhor, não tinham falado sobre o beijo em si. Tinham falado de muitas outras coisas, algumas delas logísticas e outras pessoais, trocando histórias através de telefonemas e mensagens de texto, e uma vez, desastrosamente, de uma videochamada em que Joanna não conseguira ligar o som. Collins tinha partido alguns dias depois de Esther e Nicholas terem regressado através do espelho; primeiro, para devolver o carro às suas amigas de Boston e lhes dar explicações, a elas e à irmã, depois, num voo de regresso à Biblioteca, a fim de assumir o controlo da ativação dos esconjuros da Biblioteca e abrir um dos lados de um feitiço de espelho diferente que usava o seu sangue e o de Joanna, para não terem de depender do sangue de Maram e de Cecily. Também porque Nicholas não fazia a mínima ideia de como gerir uma casa, a qual começava já amotinar-se sob a sua chefia inepta. Ao contrário de Collins, o resto do pessoal da Biblioteca tinha sido contratado por meios mais ou menos legítimos e reagiu com

compreensível consternação quando Nicholas os decretou magnanimamente «livres de partir».

— Eles não são servos feudais, seu idiota — disse Collins. — São os teus funcionários pagos, e pensam que os despediste. Além disso, o que estavas a pensar fazer, cozinhar o teu próprio jantar? Espanejar os lustres? Ah!

De forma algo desajeitada, Collins convidara Joanna para ir com ele, mas ela tinha recusado. Ainda não estava preparada para deixar a casa e a memória do pai, que ainda se agarrava a ela como uma mão no seu ombro, por vezes reconfortante, por vezes como uma garra. Nicholas decidira manter os esconjuros da Biblioteca por enquanto, mas Joanna não voltara a ativar os seus desde a noite em que Collins os tinha roubado. Ele tinha-os escondido na floresta, embrulhados num saco de plástico e enfiados num buraco húmido e apodrecido do tronco de uma árvore, e, apesar de lhos ter devolvido, ela nunca mais os usara. Sentia-se exposta sem a sua proteção, como uma porta deixada aberta, mas não parava de pensar no que Collins dissera sobre abrir a tampa do seu mundo, sobre deixar entrar a luz. Até àquele momento, a única coisa má que tinha acontecido era ter tido de ligar oficialmente a sua casa à rede elétrica, embora tivesse deixado essa tarefa a Esther, já que, afinal, essa era a sua área.

Cecily, claro, ficara radiante. Desfez-se em lágrimas assim que Esther entrou pelo espelho e não parou de chorar durante dias. No princípio, Esther tinha mantido a sua habitual compostura; vira Cecily sentada no seu antigo quarto e dissera:

— Olá, mãe — numa voz perfeitamente neutra, como se estivesse a cumprimentar a mãe depois de uma ausência de minutos, não de anos. Mas quando Cecily lhe tocou, foi como se algo dentro dela se tivesse partido. O seu rosto perdeu todo o controlo reprimido, estilhaçando-se em torno das fissuras de uma década, e ela começou a soluçar no ombro da mãe.

— Oh, minha bebé pequenina — disse Cecily, acariciando-lhe o cabelo encaracolado. — Está tudo bem. Está tudo bem. Estás em casa.

— Tu mentiste-me — soluçou Esther. — Todos vocês me mentiram.

— Sim — disse Cecily, no mesmo tom suave. — Mentimos-te. Peço imensa desculpa.

— Não voltes nunca a mentir-me.

— Não volto. Prometo que não.

Apesar do fluxo quase constante de lágrimas, Cecily estava tão visivelmente louca de felicidade por ter as duas filhas no mesmo lugar que também abraçava e beijava Nicholas e Collins sempre que os via. Não só estava encantada com a presença de Esther, mas também por poder agora percorrer o caminho da casa sempre que quisesse, com *Gretchen* a pendurar a sua cabeça peluda pela janela, o carro cheio de *Tupperwares* com lasanha, salada, caril e todas as outras refeições que ela ansiara por trazer às filhas nos últimos dez anos. Depois da sexta vez em que Esther foi para a cama atrás de uma porta fechada e quando acordou deu com Cecily a acariciar-lhe carinhosamente o cabelo, sugeriu que todos tivessem uma conversa sobre limites — «psicológicos, não mágicos» —, mas ainda não tinha acontecido.

Cecily ficaria na casa durante as duas semanas em que Joanna estaria fora, para alimentar o gato. Quando ele finalmente se dignou entrar, foi como se tivesse vivido ali toda a sua vida, e não havia um canto onde não tivesse largado pelo. Durante algum tempo, Joanna usara-o como desculpa para não poder visitar a Biblioteca, mas até ela sabia que era apenas isso: uma desculpa.

A verdade é que se sentia assustada.

Nunca tinha ido a lado nenhum e nunca tinha feito nada além de cuidar dos livros, nunca tinha conhecido ninguém além da sua família. Nem nunca tinha tentado deixar-se conhecer pelos outros. Não sabia se seria capaz.

No entanto, ali estava ela. Em Inglaterra. A tentar.

Esther avistou o *Lexus* logo a seguir a Joanna, mas não a afligiam os nervos como a Joanna, e gritou imediatamente:

— Collins! — acenando com o braço como um polícia sinaleiro. Joanna trazia vestido o que sempre usava, calças de ganga pretas e o seu casaco de lã vermelho (embora tivesse deixado a mãe aparar-lhe o cabelo), mas preocupava-a um pouco que pudesse ter um aspeto diferente do que tinha naquela noite no alpendre, que pudesse parecer diferente a Collins.

Ele não lhe parecia o mesmo. Parecia melhor.

Ao som da voz de Esther, ele levantou a cabeça e abriu a porta do carro e, um segundo depois, Joanna deu por si envolvida num abraço tão apertado que teve de lhe bater nas costas para que ele a soltasse.

— Collins, deixa-a respirar — disse Esther.

— Desculpa, desculpa — disse Collins, e depois afastou Joanna de si, para poder segurá-la à distância de um braço e olhar para ela, sorrindo loucamente, antes de a voltar a puxar para si. Ela também estava a sorrir, um sorriso que escondia nas dobras macias do casaco preto acolchoado dele. Ele perfumara-se com uma água-de-colónia demasiado doce que fazia comichão no fundo da garganta a Joanna, mas ela não se importava nada. Quando ele a soltou, o nervosismo já se dissipara e dera lugar ao empolgação.

Ele abraçou também Esther, que mal lhe chegava aos ombros e que foi tão engolida pelo abraço que só se lhe viam as pernas, e, de seguida, levou-as até ao carro e abriu-lhes as portas para entrarem.

— Sem bagagem, certo? — perguntou, e elas abanaram a cabeça. Joanna tinha enviado a mala pelo espelho no Vermont em vez de a despachar, portanto, não tinha bagagem além de uma pequena mochila de cabedal que tinha comprado há anos numa venda de bens.

Ela sabia que em Inglaterra as pessoas conduziam do outro lado da estrada, mas mesmo assim parecia errado subir para o que ela considerava ser o lugar do condutor, com Collins ao volante à sua direita. Apoiou as mãos nervosamente no tabliê quando ele arrancou para a fila de trânsito de Heathrow.

— Belo carro — disse Esther lá de trás. Estava sentada na beira do banco do meio, praticamente entre Collins e Joanna.

— Apertem os cintos — disse Collins. — Temos cerca de uma hora e meia de viagem. — Ainda estava a sorrir, e bateu no manípulo da mudança de direção com muito mais força do que o necessário. — Bem-vindas a *Ye Olde Merry England*. Como foi a primeira viagem de avião da bebé?

— Adorei — disse Joanna. — Estavam sempre a dar-nos petiscos. Toma, trouxe-te uma lembrança. — Procurou na mochila e encontrou um *brownie* embrulhado em plástico, que deixou cair na palma da mão de Collins.

— A primeira classe é uma loucura — disse Esther enquanto Collins rasgava o pacote com os dentes e cuspiu um pedaço de plástico da língua. — Os assentos são...

Interrompeu-se abruptamente, e Joanna virou-se no seu lugar e deu com a irmã a olhar fixamente para o telemóvel, com o rosto

completamente imóvel, os ombros ligeiramente curvados como se para se proteger de um golpe. Um som de alarme percorreu o corpo de Joanna.

— Que foi? — perguntou Collins, desviando os olhos da autoestrada para o espelho retrovisor e voltando a virá-lo para a estrada.

— A Pearl telefonou — disse Esther.

Joanna respirou aliviada.

— Isso não é bom?

— Ainda não sei.

— Deixou alguma mensagem?

— Não. — Esther pôs a mão no pescoço e fechou os olhos. — Ela deve ter lido o livro.

Esther tinha-se debatido durante dias sobre que livro enviar para a base de pesquisa, que livro enviar para dar a Pearl uma prova de magia. Tinha de ser romântico, mas não lamechas; espantoso, mas não inquietante; belo, mas não assustadoramente belo. Por fim, decidira-se por um livro da Biblioteca que Nicholas tinha oferecido, que fazia brotar cachos de bagas douradas que tocavam como sinos em qualquer planta nas imediações, e enviou o livro pelo correio com instruções específicas para que Pearl fosse à estufa, espetasse o dedo e lesse sem parar até acreditar.

Joanna sabia que não era apenas na magia que Esther estava a pedir a Pearl que acreditasse.

De repente, o telemóvel na mão de Esther emitiu um som longo e baixo, e todos no carro deram um salto.

— Oh, meu Deus — disse Esther, com a voz trémula e a cara pálida. — É a Pearl. É uma videochamada. O que é que eu faço?

Collins ligou o rádio do carro e atirou um cabo da consola para o banco de trás.

— Põe-na em alta-voz!

— Vai-te lixar — disse Esther, atirando o cabo para a frente, e depois empertigou-se, endireitou os ombros e soltou o cabelo do rabo de cavalo. — Como é que estou?

— Mágica — disse Joanna.

Esther passou o polegar pelo ecrã do telemóvel e disse:

— Estou?

Não havia qualquer som no carro, a não ser o dos pneus na

autoestrada, e o coração de Joanna começou a cair-lhe aos pés... até que, audível, mesmo pelo altifalante do telefone, veio o som redondo de sinos a dar frutos.

Esther levou a mão à boca, com os olhos a encherem-se de lágrimas, e uma voz de mulher disse:

— Isto é uma loucura absoluta. Os tomates estão a *tocar*, Esther.

Collins perguntou em voz alta:

— Ela é *australiana*?

Esther estava a limpar os olhos e a olhar sorridente para o telemóvel.

— Eles vão acabar por parar — disse. — Oh, meu Deus, Pearl. Estou tão feliz por ver a tua cara.

— Isso não compensa teres-me abandonado na Antártida com perda de memória e um braço partido — disse Pearl —, mas é um excelente passo em frente.

— Qual é o próximo passo? — disse Esther.

— Vinte e quatro horas de explicação presencial e um feitiço para eu me tornar uma pianista de nível de concerto.

Esther levantou uma sobancelha a Joanna, que abanou a cabeça.

— Ainda não temos nada desse género — disse Esther —, mas vou trabalhar nisso.

— Espera, onde estás? Estás com alguém?

— Estou em Inglaterra, num carro com a minha irmã.

Collins fez um ruído ofendido com a boca cheia de *brownie*.

— Mostra-me! — pediu Pearl.

Esther virou o telemóvel e Joanna viu-se frente a frente com uma rapariga loura, bonita e com manchas de lágrimas no rosto, vestida com um macacão da Carhartt. Ela acenou timidamente.

— Pareces-te com a Esther — disse Pearl.

— Obrigada!

Esther voltou a virar o telefone e disse:

— Vou tirar-te de vídeo, está bem? — e o tilintar dos sinos desapareceu. Esther levou o telefone ao ouvido, encolheu-se num canto do banco de trás, como se isso lhe desse mais privacidade, e disse em voz baixa: — Tive tantas saudades tuas.

Collins, exibindo um tato raro, ligou o rádio, e o som quente de um violoncelo encheu o carro enquanto Esther falava com Pearl num sussurro.

— Está bem assim? — disse ele. — Posso procurar uma estação *pop* se quiseres. Não é disso que gostas?

— Acho que a minha sensibilidade *pop* está um pouco ultrapassada — disse Joanna. — Isto é agradável.

— Vamos a Londres no final desta semana — disse Collins, acenando com a mão na direção que Joanna supunha ser a da cidade. — O Nicholas tem todo um roteiro turístico planeado, a Torre de Londres, o Museu Soane, a Abadia de Westminster, basicamente um monte de tretas assombradas esquisitas de que ele acha que tu vais gostar. E talvez pudéssemos, não sei, jantar. Quero dizer, ir jantar. Ir jantar *fora*. Tu e eu. Se quiseres.

— Sim, por favor — disse Joanna. Acometeu-a uma vontade borbulhante de rir, e fê-lo, e as mãos de Collins relaxaram-se no volante.

— O Nicholas deu-me um cartão de crédito — disse Collins. — Disse-me para te levar a um lugar muito curtido.

— Eu não preciso de lugares curtidos.

— Ninguém precisa de lugares curtidos, mas talvez tu queiras. Além disso, deste lado do Atlântico, curtir significa ter interesse por alguém. — Ele lançou-lhe um olhar de lado. — Provavelmente, sabes isso de todos os teus romances cor-de-rosa, dah.

— Sim — disse ela. — Mas os livros só nos podem ensinar até um certo ponto.

ATRAVESSARAM A TODA A VELOCIDADE CAMPOS LEVEMENTE EMBRANQUECIDOS pela neve, alguns dele pontuados por vacas de um tom castanho-avermelhado-vivo, uma paisagem não muito diferente da do Vermont em certos aspetos, descontando a escassez de árvores e a ausência de montanhas. Daí a algum tempo, Collins parou o carro na estrada vazia e Joanna olhou em volta, confusa. Havia campos ondulados de inverno até onde a vista alcançava, nem mesmo uma casa de quinta para quebrar a monotonia da terra e do céu. A estreita estrada rural estendia-se diante deles e desaparecia numa colina distante.

— Estás pronta? — disse Collins, olhando para ela. — Vamos adicionar o teu sangue aos esconjuros assim que chegarmos a casa, para que não tenhas de passar por isto outra vez.

Com um sobressalto, Joanna apercebeu-se do que ele queria dizer.

— Estamos aqui?

— Nos limites dos encantos, sim — disse ele. — O caminho da casa é mesmo ali.

Ela espreitou pela janela, seguindo o gesto da mão dele, mas apenas viu relva, neve, mato. Quanto mais tentava focar a visão, tanto mais turva ela se tornava, como se estivesse a ser-lhe passada vaselina lentamente nos olhos, e a cabeça começou-lhe a latejar. Ela nunca tinha estado daquele lado de um encanto.

— Consegues vê-lo? — perguntou ela a Esther, virando-se no assento, embora soubesse a resposta. Esther acenou com a cabeça.

— Eu vou depressa — disse Collins, e virou à esquerda diretamente para a sebe.

Joanna preparou-se, mas não foi um impacto que sentiu: foi uma reviravolta no estômago, uma náusea que lhe baralhava o cérebro, como se a sua cabeça tivesse trocado de lugar com os pés e os seus órgãos estivessem a ser impossivelmente reorganizados debaixo da pele, o coração a deslizar para os rins, os pulmões a separarem-se e a girarem pelos braços abaixo. Tudo estava riscado de escuro e molhado como se os olhos tivessem sido rodados nas órbitas, e ela ouviu-se gemer, um som animal de uma garganta que mal parecia a sua, uma garganta que ardia com bÍlis quando tinha arrancos de vÓmito, tentando em vÃO localizar-se dentro do seu prÓprio corpo enquanto o mundo girava e serpenteava à sua volta.

Depois, tão abruptamente como tinha começado, o caos parou, e Joanna voltou a ter consciência de si prÓpria. Estava dobrada pela cintura, com o cinto de segurança a segurá-la, e tinha baba no queixo, o cabelo nos olhos, a mão de Esther a agarrar-lhe o ombro.

— Ui — conseguiu dizer. Passou as costas da mão pela boca, e Esther, que estava encostada ao banco da frente, afastou-lhe o cabelo da cara. Joanna esperava que Collins não estivesse a olhar.

— Já acabou — disse Esther, pousando a mão fria na testa de Joanna. — Chegámos. Estás bem?

Joanna engoliu em seco, a verificar se ainda sentia náusea, mas tinha passado.

— Foi uma experiência que gostaria de nunca mais repetir — disse, desapertando o cinto de segurança e olhando pelo para-brisas. Estavam

no que parecia ser uma garagem, num lugar sem janelas, escuro e de cimento. Outro carro preto grande estava estacionado ao longo de uma parede, idêntico àquele em que se encontravam nesse momento. Collins já saltara para fora e dera a volta para lhe abrir a porta, estendendo-lhe uma mão, que ela aceitou porque ainda se sentia um pouco trémula.

O corredor da garagem era tão escuro e bafiento que Joanna parou, desorientada, quando Collins abriu a porta para um chão de mármore branco e as conduziu a uma sala enorme e reluzente. Umas janelas gigantescas enquadravam o campo que tinham acabado de atravessar — colinas ondulantes, sebes como pontos numa colcha, um céu minúsculo. Ao longe, Joanna podia ver um lago escuro e imóvel e uma estufa velha, com o vidro partido, o interior um emaranhado de videiras mortas pelo inverno.

Um clique-clique de pequenas unhas no mármore fê-la olhar para cima no momento em que *Sir Kiwi* entrava na sala, seguida a alguns passos por Nicholas, que calçava sapatos muito azuis e vestia calças muito engomadas. Joanna tinha-o visto ainda no dia anterior, mas ali, na sua grande casa, sentiu-se subitamente tímida, deslocada. Cruzou os braços quando ele se aproximou, e o sorriso que ele tinha no rosto desvaneceu-se numa súbita timidez, como se a atitude de reserva dela fosse contagiosa.

— Olá — disse ele formalmente. — Chegaram.

— Chegámos — disse ela. — Obrigada por me receberes.

Hesitante, ele estendeu a mão como se fosse dar-lhe uma palmadinha no ombro, mas pareceu mudar de ideias a meio e puxou-a para um abraço, apertando-a com força nos braços. Passado um momento, ela retribuiu o abraço, sentindo-se desajeitada e muito contente. Além de Collins, nunca tinha sido abraçada por ninguém fora da sua família, e certamente nunca por alguém com um cheiro assim tão caro, como uma perfumaria.

— A tua camisola é macia — disse ela.

— Eu sei — disse ele. — Não acredito que estejas aqui. O teu primeiro voo! Como é que foi? Anda, pus as tuas coisas no teu quarto, levo-te lá. A Esther insistiu que vocês as duas partilhassem o quarto, porque ela tem medo do escuro...

— Não tenho medo do escuro, tenho medo da vossa casa assombrada gigante, obrigada...

— ...mas, se quiseses o teu próprio espaço, temos bastante, basta dizeres. Tens fome? Sede? O jantar é daqui a uma hora, mas pensei que talvez pudéssemos tomar uns *cocktails* na Sala de Estar de Inverno primeiro?

— Nicholas — disse Collins.

— O quê? Antes na sala dos pequenos-almoços?

— Não, não. Deixa-te de mais salas. Deixa-as sentar-se por um segundo antes de te pões a falar pelos cotovelos.

— Eu nunca tive convidados — disse Nicholas. — Desculpem se estou um pouco entusiasmado de mais. Este é o salão de baile, obviamente, e ali é a Sala de Estar de Inverno. A cozinha do fabrico de tinta à vossa direita, a do pessoal mais ao fundo do corredor. Vocês as duas vão ficar lá em cima, na Ala Leste.

O pescoço de Joanna já começava a doer-lhe de tanto se virar para olhar; até os tetos eram requintados, altos, esculpidos e revestidos a ouro. Os seus passos mal se ouviram no chão de pedra polida, que engolia o som, mas, à medida que subiam a escadaria curva, começavam a ecoar de modo ténue. E havia também outro som que se fazia ouvir: um zumbido vasto e agitado.

Sem querer, Joanna tinha abrandado o passo atrás dos outros três, olhando para trás para o caminho por onde tinham vindo. Os livros da Biblioteca estavam por baixo dela, sentia-os tão claramente como sentia as suas mãos penduradas ao lado do corpo. Era como estar em cima de uma enorme colmeia, vibrações melosas escorrendo lentamente pelo seu corpo, todos os seus sentidos acariciados por um vento quente, e ela fechou os olhos, avassalada.

— Uma pessoa habitua-se — disse Collins, perto de Joanna. Ela voltou a abrir os olhos e viu-o à espera com ela. — Há quartos no último andar, se for demasiado para ti.

— Não — apressou-se a dizer Joanna, porque não era uma sensação má, era muito reconfortante, como dedos no seu cabelo. — Mas quero vê-los.

— Agora?

Ela acenou com a cabeça. Nicholas, que estivera a ouvi-la do fundo do corredor, voltou para trás, em passos rápidos e de expectativa.

— Para baixo — disse ele, embora Joanna não precisasse de que ele lhe dissesse isso nem que a conduzisse de volta através do salão com

chão de mármore e por um longo corredor alcatifado num tom de azul de ovo de melro e ladeado por enormes pinturas a óleo, até uma enorme porta de metal. Ela poderia ter encontrado aquela porta com os olhos fechados e as mãos atadas atrás das costas, seguindo apenas aquele oceano de sons que não eram bem sons, e, quando Nicholas a abriu com um zumbido de engrenagens e fez um gesto amplo com o braço para que Joanna entrasse primeiro, ela fê-lo com entusiasmo.

Entrou num sonho. As luzes acenderam-se quando avançou para dentro e o lustre de cristal acima dela ganhou vida, iluminando o teto ornamentado e as paredes curvas, as pesadas cortinas de brocado, o tapete com padrões complicados, a madeira escura coruscante, os cadeirões com almofadas de veludo, bronze brilhante. E os livros. Livros em todas as paredes, prateleira após prateleira imponente com portas de vidro, dispostas em filas tortuosas e labirínticas, livros a fitarem-na de todas as direções, atrás de portas de vidro, pousados em suportes, com as capas viradas para fora e um cartão explicativo em cada base.

Joanna pensou na sua cave em casa e no orgulho com que sempre cuidara da sua pobre coleção: limpando o pó das suas páginas, memorizando as suas palavras, acreditando sempre que ela e Abe eram únicos no seu propósito e eleitos no seu isolamento. Abe sempre soubera que aquele lugar existia, e, mesmo assim, encorajara essas crenças. Teria sido para a manter em segurança, para a manter ali, ou ambas as coisas? Nunca poderia perguntar-lhe.

Ao seu lado, Esther disse baixinho:

— Estás a pensar no pai?

Joanna virou-se para ela, com um nó na garganta. Acenou com a cabeça.

— Como adivinhaste?

— Porque eu também penso nele sempre que estou aqui.

Havia muitas conversas que Joanna nunca chegaria a ter com Abe, mas também muitas que queria ter com a irmã, e, mesmo depois de vários meses com Esther de volta à sua vida, ainda parecia um milagre pensar que poderia fazê-lo. Havia tanto ainda por dizer entre elas, tanto que não sabiam uma da outra, e tanto tempo para aprender. Encostou-se ao ombro da irmã e deixou que o seu calor robusto a fizesse sentir-se segura.

— O que vão fazer com tudo isto? — perguntou.

— Isso é um assunto de debate recente — disse Nicholas, e Esther resfolegou. — Como a maior base concentrada de conhecimento mágico do mundo — continuou, lançando a Esther um olhar cortante —, penso que temos alguma responsabilidade de garantir que é devidamente arquivada e mantida. Eu tenho muito dinheiro, tenho uma equipa completa e a casa é suficientemente grande para receber um milhão de convidados...

— Vinte e cinco convidados — disse Collins. — Trinta no máximo.

— Então, estava a pensar, não sei, talvez... uma escola?

— Porque a história dos internatos é muito nobre — diz Esther. — Não é de todo baseada no colonialismo e na assimilação.

— A Esther quer que embalemos todos os livros e os enviemos para o seu país de origem — disse Nicholas. — Pessoalmente, acho que seria difícil fazer chegar alguma coisa à Prússia, ao Ceilão ou a Bengala, por exemplo, e, de qualquer modo, mesmo os lugares que ainda existem no mapa precisam de uma morada de correio, de alguém que esteja do outro lado para receber as encomendas.

— É por isso que precisamos de estabelecer ligações com mais comunidades mágicas globais — disse Esther. — O Collins está comigo nisto, não estás, Collins?

— Eu nunca disse que era contra mais ligações — protestou Nicholas enquanto Collins e Esther chocavam as mãos.

Collins tinha razão, pensou Joanna. Ela estava a habituar-se ao rugido da Biblioteca, deixando que o zumbido se instalasse no corpo e lhe corresse nas veias como sangue. Já dava a sensação de ser uma parte dela.

ACABARAM POR TOMAR *COCKTAILS* NA SALA DE ESTAR DE INVERNO e, de seguida, jantaram numa vasta sala de jantar que Nicholas disse que não era usada há anos. Os quatro juntaram-se numa das extremidades da enorme mesa e Joanna tentou não pedir desculpa ao pessoal de farda preta que entrava e saía, servindo vinho, tirando pratos, queixando-se em voz baixa a Collins acerca de uma luz-piloto avariada e da inconveniência da próxima viagem programada à cidade para fazer compras.

— Tem sido bastante informal por aqui ultimamente — disse Nicholas em jeito de desculpa, como se Joanna soubesse alguma coisa sobre formalidade ou se importasse. — O Collins ainda não se habituou à coisa toda de ser patrão.

— Mas tu — disse Collins —, tu és um verdadeiro alfa.

Nicholas tinha *Sir Kiwi* ao colo e estava a dar-lhe um pedaço de bife.

A comida estava muito boa, mas Joanna não conseguiu comer muito. Não parava de pensar no que aconteceria depois do jantar, quando leria o feitiço que ela própria ajudara a escrever, alimentado pelo sangue da irmã.

Essa era, afinal, a razão pela qual ela estava finalmente ali.

O feitiço levava muitas semanas a ser composto por Nicholas, em parte porque era complicado e em parte porque tinha de deixar que se formassem novamente alguns glóbulos vermelhos para os poder perder todos de novo ao serviço da escrita. O resto do sangue seria de Esther, e era por essa razão que o feitiço tinha sido tão desafiante: Nicholas nunca escrevera um feitiço para dois Escribas. Jurou não escrever mais nenhum livro durante, pelo menos, um ano, e, por razões de saúde, provavelmente nem sequer deveria ter escrito aquele, mas recusava-se terminantemente a esperar.

Joanna percebia porquê. Aquele feitiço era a forma de Nicholas fazer uma pequena penitência pelos danos que a Biblioteca tinha causado ao longo dos últimos séculos, muitos deles tão emaranhados que era impossível encontrar a ponta do fio para começar a desfazer o feio nó. Mas um erro, pelo menos, tinha um caminho claro para ser corrigido.

Tinham-se passado dois séculos desde que Richard lançara o feitiço que limitava todo o talento mágico às linhagens de sangue. Poderiam passar-se mais anos até saberem se aquele novo feitiço funcionava. Poderia ter de nascer toda uma nova geração de pessoas antes de eles terem a certeza de que tinham conseguido quebrar o feitiço da herança de Richard.

Ou talvez eles próprios perdessem a sua magia, Collins e Joanna subitamente reduzidos aos cinco sentidos, o sangue de Esther e de Nicholas subitamente desprovido de poder. Talvez todo o seu poder fosse desviado para outros corpos, para outras vidas, tão aleatório como tinha sido durante os milhares de anos antes de Richard o ter concentrado em famílias. Esse era um risco que todos tinham

concordado em correr, e Joanna saboreou o zumbido da Biblioteca, guardando a sensação na memória para o caso de nunca mais voltar a ouvi-lo.

Finalmente, chegou a altura.

Reuniram-se na sala que outrora tinha sido o escritório de Richard e que era agora uma confusão de vidros partidos, telas cortadas e páginas rasgadas, com o chão coberto de destroços de livros e artefactos. Collins tinha contado a Joanna que vira Nicholas partir o frasco que continha o seu olho, mas não mencionara onde o olho tinha ido parar, e Joanna posicionou-se por baixo das prateleiras vazias e estremeceu.

Por um momento, sentiu vontade de deixar o livro recém-escrito e de se afastar daquele lugar onde tinham sido feitas tantas coisas terríveis. Entraria num daqueles grandes carros pretos, conduziria de alguma forma para fora do alcance dos esconjuros e de volta ao aeroporto, e regressaria a casa, às suas velhas montanhas familiares, ao céu, às árvores, ao gato, às paredes imutáveis que conhecia tão bem como conhecia o seu próprio rosto.

— Estás pronta? — perguntou Esther.

Joanna olhou para ela. Dez anos tinham deixado a sua marca, e Esther já não era a rapariga que conhecera na infância. Já havia rugas ténues nos cantos dos olhos, a pôr-lhe a boca entre parêntesis, a instalar-se por cima das suas sobrancelhas expressivas, e Joanna achou-as tão insuportavelmente belas que teve de se afastar. Não soubera se alguma vez iria conseguir ver aquilo: a sua irmã, crescida. As mudanças no rosto de Esther pareciam uma dádiva.

Nicholas estava sentado de pernas cruzadas em cima da secretária vazia, com o queixo na mão, e Collins a um lado segurando um pequeno prato de ervas em pó, pronto para a sua deixa para dar um passo em frente. Como Esther, eles estavam a observar Joanna, à espera de que ela desse o passo seguinte.

Joanna pôs a sua mão na de Esther. O toque de Esther era confiante quando ela pressionou a ponta de uma faca de prata no dedo de Joanna e o sangue floruiu brilhante na sua pele, tenso à superfície com a vontade de correr. O som da magia enchia o ar: o açúcar interminável de um céu azul quente, o bater de mil asas rendilhadas, um vento que movia qualquer coisa na terra que pudesse ser movida, o que era tudo.

Joanna abriu o livro.

AGRADECIMENTOS

Bem-vindo às páginas de agradecimentos de uma escritora que adora páginas de agradecimentos. Para os leitores com classe, que preferem uma declaração de gratidão breve e forte, aqui vai: OBRIGADA A TODOS!!! Para aqueles que são como eu, isto é, curiosos, continuem a ler para obter resposta às perguntas mais prementes de hoje, como o nome da minha agente, quem são os meus amigos, que instituições me deram dinheiro e se vou ou não agradecer a um animal iletrado (*spoiler*: vou).

Para começar, o nome da minha agente é Claudia Ballard, e ela é magnífica. Claudia, estou-te muito grata por me teres acompanhado durante anos de rascunhos, de desilusões e de uma renúncia completa ao realismo literário pelo qual me contrataste originalmente. Obrigada pelo olhar editorial apurado e pelo entusiasmo inabalável. Também da WME, obrigada a Matilda Forbes Watson, pelas emocionantes negociações dos dois lados do Atlântico; a Sanjana Seelam, pela delicadeza da Costa Oeste; a Camille Morgan, pelo incansável *brainstorming* de títulos; e a Caitlin Mahony, por trazer este livro à atenção do mundo em geral e por uma leitura inicial entusiástica que me deu um enorme alento.

Na William Morrow, agradeço à minha fenomenal editora Jessica Williams, pela visão clara e criativa do que o livro era e do que poderia ser. Obrigada também a Julia Elliott, pela magia do enredo. Agradeço aos meus excelentes editores do Reino Unido, Selina Walker na Century e Sam Bradbury na Del Rey — a casa senhorial de Nicholas estaria em ruínas sem vocês.

Agradeço a Melissa Vera, da Salt & Sage Books, pela leitura amável e atenta; e a Ronkwahrhakónha Dube, obrigada pela magia generosa da sua perspicácia e das suas perguntas.

Agradeço a Jacoby Smalls, pela informação sobre a Antártida.

Agradeço à minha mãe, Gail Mooney, por me ter criado numa casa cheia de livros e por me ter dado o amor pela língua, pelas viagens, pelos bons negócios e pelos bons momentos. Ao meu pai, Frederic Törzs, obrigada pela generosidade do teu amor e pelo teu sentido de humor absurdo. Obrigada à minha irmã divertida, engraçada e sábia, Jesse Törzs. As primeiras histórias foram para ti; esta história é para ti; e todas as histórias até ao fim, para ti.

Obrigada à minha madrastra, Niki; ao meu padrasto, Steve; e às minhas meias-irmãs, Ella, Sophie e Tessa. Estou grata por serem da família.

Um sincero agradecimento a Douglas Capra, cujo presente de despedida pagou os meus empréstimos de estudante e me deu tempo para escrever. Dougie, tinhas um excelente gosto para livros, e só posso esperar que tivesses gostado deste. Sentiremos sempre a tua falta.

Obrigada às minhas primeiras leitoras: a Lesley Nneka Arimah, por ter proporcionado o impulso e o incentivo para começar este romance, e a Abbey Mei Otis, pelos encontros para escrevermos, na minha gélida caravana semiacabada.

Obrigado à turma de 2017 da Clarion West, Equipa Eclipse: Shweta Adhyam, Elly Bangs, David Bruns, Mark Galarrita, Aliza (A.T.) Greenblatt, Iori Kusano, Patrick Lofgren, Robert Minto, Stephanie Malia Morris, Andrea Pawley, Joanne Lim-Pousard, Vina Jie-Min Prasad e Gordon B. White. Sinto-me incrivelmente grata e intensamente orgulhosa de vós. Um agradecimento especial a Andrea Chapela, que escreveu o original em espanhol do parágrafo que Esther traduz no capítulo 4, e que me deu uma aula por Zoom sobre estrutura e ponto de vista que abalou o mundo deste romance. E a Alexandra Manglis, Adam Shannon e Izzy Wasserstein, obrigada por cada fio da nossa teia de conversa. O vosso brilhantismo, o vosso humor, a vossa tenacidade e o vosso afeto têm melhorado imensamente a minha vida e a minha escrita.

A Sally Franson, obrigada pelos mergulhos profundos e pelas alegrias não diluídas. Agradeço a Nicole Sara Simpkins, guardiã dos nossos mitos e das nossas memórias. Obrigada a Eric Andersen, por fazer da casa um lar, e obrigada também a Nate White, Gabriela Farias, ao doutor Aaron Mallory e a Ashton Kulesa, por me evitarem a solidão, mesmo nas profundezas da quarentena da COVID-19 e no isolamento

de escrever um romance.

Agradeço à minha terapeuta, Heather Smith. Sei que o seu trabalho é ouvir-me, mas é muito boa nele.

Obrigada a Joanna Newsom, pela digressão no outono de 2019.

Obrigada a Lauren Joslin, por ter dado forma à minha imaginação inicial.

Agradeço ao Minnesota State Arts Board, ao Minnesota Regional Arts Council, ao Loft, à Jerome Foundation, à McKnight Foundation, à Norwescon e ao National Endowment for the Arts, pelo apoio financeiro ao longo dos anos. Agradeço igualmente à residência de Norton Island, por ter dado um impulso a este livro parado depois do duro verão de 2020, e à Lighthouse Works Fellowship, onde roubei o apelido de Daphne (obrigada, Daphne) e escrevi «*the end*» ao som das marés.

Obrigada aos meus professores de escrita da Universidade de Montana, em especial a Debra Magpie Earling, pelo incentivo a tudo o que é bruxaria. Obrigada aos meus professores da Clarion West. Obrigada a Peter Bognanni, pelo apoio, primeiro como sua aluna e agora como colega. Também em Macalester, agradeço a Mark Mazullo, pela boa comida e ainda melhor conversa, e também a Matt Burgess, que resolveu o enredo perguntando-me: «Quem está a guardar segredos de quem?»

Obrigada ao *Igor*, o gato do meu coração e da minha alma, por ter definido a estética.

Por último, obrigada a todos os que possam ler, trabalhar ou ajudar este livro depois de eu entregar os meus agradecimentos. A minha imensa apreciação a cada um de vós.